UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

FFCLRP - DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA E EDUCAÇÃO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

A parentalidade em famílias homossexuais com filhos: um estudo fenomenológico da
vivência de gays e lésbicas.

Claudiene Santos

Tese apresentada à Faculdade de Filosofia,
Ciências e Letras de Ribeirão Preto da USP,
como parte das exigências para a obtenção do
título de Doutor em Ciências, Área: Psicologia.

RIBEIRÃO PRETO - SP

2004

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

FFCLRP - DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA E EDUCAÇÃO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

A parentalidade em famílias homossexuais com filhos: um estudo fenomenológico da
vivência de gays e lésbicas.

Claudiene Santos

Orientadora: Dr^a Maria Alves de Toledo Bruns

Tese apresentada à Faculdade de Filosofia,
Ciências e Letras de Ribeirão Preto da USP,
como parte das exigências para a obtenção do
título de Doutor em Ciências, Área: Psicologia.

RIBEIRÃO PRETO - SP

2004

FICHA CATALOGRÁFICA

Santos, Claudiene

A parentalidade em famílias homossexuais com filhos: um estudo fenomenológico da vivência de gays e lésbicas. Ribeirão Preto, 2004.

446 p. : il.; 30 cm

Tese, apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto / USP – Dep. de Psicologia e Educação.

Orientador: Bruns, Manbria Alves de Toledo

1. Parentalidade Homossexual.
2. Gays e lésbicas com filhos
3. Famílias homossexuais.
4. Fenomenologia.
5. Buber

FOLHA DE APROVAÇÃO

Claudiene Santos

A parentalidade em famílias homossexuais com filhos: um estudo fenomenológico da vivência de gays e lésbicas.

Tese apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da USP, como parte das exigências para a obtenção do título de Doutor em Ciências, Área: Psicologia.

Aprovado em ____/____/____

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura _____

Agradecimentos

Sempre acho essa parte a mais difícil, porém, a mais gostosa de escrever. Tantas pessoas foram (e são) importantes para a concretização dessa jornada. Tenho medo de esquecer alguém... mas, se esquecer perdoem-me, pois ao fim dessa trajetória já não sobram muitos neurônios.

Lembro-me na defesa da minha dissertação, quando a querida professora Lisete Ribas Casagrande me disse: “Nossa! Quantos amigos!” Sou grata por dizer que a lista agora é ainda maior...

Em primeiro lugar sem o apoio de minha adorada família não estaria aqui: Mamãe, Tia Sônia, Papai, irmãs queridas, Flávia e Nayara, vovó Lica, primos e primas, tios e tias... Ao vovô Aarão e à tia Rosa, pois, onde quer que estejam sei que estão torcendo por mim. OBRIGADÍSSIMA! Vocês são a luz do meu caminho e o motivo pelo qual minha vida tem sentido... a cada um de vocês, o meu amor!

À Maria Alves pela orientação sempre segura, coerente, ética. Agradeço por partilhar a viagem por essas trilhas com você e às ricas discussões e aprendizados que me proporciona. Meu carinho e admiração pela professora, orientadora, pessoa e MESTRA que você é!

Vários amigo(a)s estiveram comigo nos momentos difíceis... uns mais perto, uns longe fisicamente, mas, todo (a)s próximo(a)s do coração e quero que tenham minha eterna gratidão e carinho. Vocês são 10, com distinção e louvor!!! Quero agradecer em especial: Suzana Canez, Luíza Mônica, Fabíola Braga, Marli, Marília Marques, Girlene, Graça Alvim (Gracinha), Daniela Teodoro, Lena Reis, Teresa Castanheira, Eduardo Pandossio, Edilberto Sastre, Alessandra Arrais, Alessandra Albuquerque, Ivânia Ghesti, Claudia Fukuda, Gleicimar (minha irmã gêmea), Lílían, Luciano, Edna, Cida Penso, Cinthya Nery, Nora Ney, Daniela Simão, Sheilla, Maria Abadia (Babá), Marcus Vinícius, Marco Antonio, Patrícia Oliveira, Paola, Roberto Menezes, Cláudio Ferreira, Giovanni, Augusto Andrade, Sula, Mauro, Magnólia.

Ao Wellington Maciel pela paciência e carinho com que tantas vezes me socorreu. Minha dívida com você é gigante. Obrigada!

A todos os amores que encontrei nessa jornada: Miguel (meu querido português), Marcelo, Ronan... obrigada por me amarem cada um à sua maneira e ao seu tempo... vocês são muito importantes para mim!

A todos os colegas de trabalho, aos meus alun@s e ex-alun@s pelo incentivo, paciência e aprendizado que me proporcionaram. Em especial agradeço: Marcus Daniel, Maria de Fátima, Flavia Timm, Antonio Carlos pelo carinho. Fátima, não posso deixar de falar dos bolos deliciosos que você faz.

A toda a equipe do áudio -visual e apoio da Católica pela paciência, cuidado e amizade: Sulinha, Rosaninha, Gisele, Luis, Elaine, Narjara, Elissandro, Antônio, Fábio e Reginaldo.

Aos membros do Grupo de Pesquisa Sexualidade Vida pelas intensas e ricas trocas de saber, afeto e companheirismo.

Ao pessoal da USP nas pessoas de Regina Troca, Denise Santos, Isilda e Denise Cremonezi. Obrigada pela compreensão e amizade.

Aos doutores: Ana Paula Uziel (UERJ), Jacqui Gabb (University of York, Heslington, York) e Norman Anderssen (University of Bergen, Norway) por gentilmente enviarem seus trabalhos para mim.

A todo(a)s o(a)s colaboradore(a)s dessa pesquisa por compartilharem suas vidas e desvelarem suas experiências conosco, nos aproximando do mundo do TU.

Aos que, por falta de espaço, não pude colocar os nomes...

Por fim, agradeço à Deus e aos anjos de luz, sem os quais eu certamente não teria chegado até aqui.

"No dia em que a morte bater à tua porta
Que lhe oferecerás?
Porei diante de minha hóspede o vaso cheio de minha vida.
Nunca a deixarei ir de mãos vazias..."

Rabindranath Tagore

SANTOS, C. A parentalidade em famílias homossexuais com filhos: um estudo fenomenológico da vivência de gays e lésbicas. 2004. 445 p. Tese (doutorado). FFCLPRP - Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2004.

RESUMO

Atualmente, presenciamos múltiplos tipos de família, como: famílias nucleares, monoparentais, reconstituídas, com filhos biológicos e/ou adotivos, dentre as quais encontramos famílias homossexuais. Há uma escassez de trabalhos sobre essas famílias e percebe-se a forte presença de preconceito e discriminação nos mais diversos segmentos e contextos sociais, em especial, no que diz respeito às questões homossexuais e de gênero e de como isso influenciaria na educação das crianças. Esse estudo visa compreender como homossexuais entre 20 e 55 anos, vivenciam a paternidade, a maternidade e/ou parentalidade e que significados lhe atribuem. A fenomenologia ancorada à filosofia do diálogo de Buber foi o referencial teórico-metodológico adotado nesta pesquisa para alcançarmos o objetivo proposto. Foram entrevistados seis homens e nove mulheres homossexuais com filho(a)s biológicos e/ou adotivos que formaram famílias monoparentais, adotivas, reconstituídas ou nucleares. Os resultados apontam um maior preparo psíquico e socioeconômico para a chegada de uma criança, em especial quando o desejo de ter filhos ocorre após a tomada de consciência da homossexualidade e/ou formação do vínculo conjugal homossexual. As funções parentais são exercidas pelos(a)s colaboradore(a)s os com nuances da relação intersubjetiva EU-TU. Foram relatadas situações de preconceito quanto ao exercício da parentalidade e/ou à expressão da homossexualidade, nas famílias de origem, no trabalho e entre os amigos, os quais puderam ser diminuídos por intermédio da convivência e conhecimento das situações vivenciadas. Alguns do(as)s colaboreadore(a)s deixaram entrever uma homofobia internalizada, principalmente em relação à sua própria homossexualidade, que os aproxima das palavras princípio EU-ISSO. O modelo heterocêntrico de família é recorrente nos discursos assim como a falta de referenciais de famílias homossexuais.

Palavras chave: Parentalidade homossexual, Gays e lésbicas com filhos, Fenomenologia, Buber.

SANTOS, C. The parenthood in homosexual families with children: a phenomenological research of gays and lesbians experiences. 2004. 445 p. Tese (doutorado). FFCLPRP - Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2004

Abstract

At present, we are witnessing multiple family forms such as nuclear families, single parent families, and reconstructed families with biological and/or adopted children. Among these we find homosexual families. There is a shortage of works about those families. We strongly perceive the presence of prejudice and discrimination concerning homosexual questions with respect to more diverse segments and social contexts, especially about the homosexuality issue and how it would influence in the children's education. Our goal is to understand how homosexuals between 20 and 55 years experience fatherhood, motherhood, and/or kinship and what meanings they attribute to these. The phenomenology anchored in the philosophy of of Buber's dialogue was the theoretical-methodology referential referred to and adopted in this research to reach the proposed goal. Six men and nine homosexual women, with biological and/or adopted children, who formed single parent, adopted, rebuilt or nuclear families were interviewed. The results aim towards a greater socio-economic and psychological preparation for the arrival of an infant, especially when the wish to have a child occurs after consciousness of the homosexuality and/or the formation of the conjugal homosexual link. The parental function is exercised by both, with nuances from the intersubjective relationship of ME-YOU. Situations of prejudice, especially as regards the sexual papers examined for this research are also related, as well as the expression of homosexuality, in the families of origin, at work among friends, in which could be decreased through the experience and knowing of the situations experienced. Some of the collaborators showed during the study an internalized homophobia, mainly in relation to his/her own homosexuality, which approach them to the principle ME-IT. The heterocentric model of family appears in the speech as well as the lack of homosexual families references.

Key words: Homosexual Parenthood, Gays and lesbian parents, Phenomenology, Buber

SUMÁRIO

	Página
Apresentação	
Da orientação sexual nas escolas às novas formas de constituição familiar: famílias homossexuais com filhos	13
 Capítulo I - O cenário atual: contemporaneidade	
A Sexualidade e a Formação da Identidade sexual, Famílias, Conjugalidade, Parentalidade, Novas formas de família e variações em torno do Ciclo Vital da Família.	25
1.1. O Cenário atual: contemporaneidade	25
1.2. Sexualidade e formação da identidade sexual: contribuições dos estudos de gênero, antropológicos e psicológicos	32
1.3. Identidade sexual, Identidade de Gênero e Orientação afetivo-sexual	35
1.4. A família na história	63
1.5. O ciclo vital da família	73
1.6. Da conjugalidade à parentalidade: papéis de pai e mãe	80
1.7. Novas formas de família: variações em torno do ciclo vital	82

1.8. O casal homossexual: gays e lésbicas que vivem em conjugalidade	91
1.9. Um panorama dos estudos sobre a parentalidade homossexual	106
Capítulo II - A pesquisa qualitativa na modalidade fenomenológica	117
2.1. O Método fenomenológico.	118
2.2. A caminhada: acesso aos colaboradores	128
2.3. Os Percalços do Percurso	129
2.4. A Voz de Gays e Lésbicas acerca da parentalidade: A entrevista fenomenológica	
2.5. Perfil do(a)s colaboradore(a)s	133
Capítulo III- A filosofia do diálogo de Martin Buber	150
Cap. IV- Mosaico das Famílias Homossexuais com Filho(a)(s):	155
4.1. A fala das mulheres homossexuais	158
4.2. A fala dos homens homossexuais	302
Capítulo V- O Desvelar das Novas Famílias: variações em torno do Ciclo Vital da família	404
5.1. O Ciclo Vital da Família	408

5.2. No horizonte da Conjugalidade: constituição (ou não) do vínculo conjugal e Orientação afetivo-sexual	410
5.3. No horizonte da Espera do filho(a): desejo, concretização e chegada da criança	418
5.4. A parentalidade no horizonte da homossexualidade- Função parental: ser pai e mãe e homossexual	425
5.5. Papéis de gênero e a noção de responsabilidade no exercício da parentalidade e na divisão de tarefas cotidianas	430
5.6. Modificações na estrutura familiar: Vivências afetivo-sexuais e sociais após a chegada do(a)s filho(a)s	432
Cap. VI- Horizontes	435
Cap. VII- Referências Bibliográficas	438
Anexos	
1. Parecer do Comitê de Ética da USP	
2. Termo de consentimento	
3. Questionário de classificação socioeconômica	

Apresentação

Da orientação sexual nas escolas às novas formas de constituição familiar: famílias de homossexuais com filhos

Meu caminho pela trilha da pesquisa na área da sexualidade humana iniciou-se na Graduação em Ciências Biológicas na Universidade Federal de Uberlândia, no ano de 1992. Com o advento da AIDS, o acesso à informações facilitado por intermédio de diversas publicações e pela mídia, chamou-me a atenção a variedade de inquietações apresentadas por adolescentes do ensino fundamental acerca da sexualidade.

Com o intuito de conhecer a existência ou não de projetos de Orientação Sexual que estivessem sendo desenvolvidos na rede pública do município de Uberlândia-MG no período de 1993-1994, realizei minha monografia de conclusão do bacharelado em Ciências Biológicas cujo título era: “Orientação Sexual na escola, realidade e perspectivas”, defendida em Julho de 1994. Os resultados de minha investigação revelaram que não existiam projetos de Orientação Sexual pelas seguintes razões: falta de interesse dos dirigentes escolares e dos próprios educadores; dificuldade para lidar com os temas referentes à sexualidade; influência da repressão sexual advinda da educação familiar e, como consequência, ausência de diálogo na escola e na família.

Em 1995, dando continuidade aos meus estudos em Sexualidade Humana, participei do Curso de Especialização em Educação Sexual promovido pela SBRASH - Sociedade Brasileira de Estudos em Sexualidade Humana e Faculdade de Medicina do

ABC em São Paulo, curso que concluí em 1996. Nesse mesmo ano, publiquei um artigo em co-autoria com a prof^a Nora Ney Santos Barcelos e André Georges Zaiad, na Revista Brasileira de Sexualidade Humana intitulado “Educação Sexual: relato de uma experiência” (p.150-160) o qual refere-se à execução de um projeto realizado por nós em escolas estaduais com alunos de 7^a série, em Uberlândia-MG e aponta o quanto tais projetos repercutem na formação dos alunos.

No ano de 1996, contactei a Dr^a Maria Alves de Toledo Bruns, pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da USP de Ribeirão Preto e, iniciei minha participação no Grupo de Pesquisa Sexualidade Vida, coordenado por essa docente, do qual faço parte até hoje. Dessa participação resultaram a elaboração de um artigo em co-autoria com a Dr^a Maria Alves e, publicado no jornal de Campinas e republicado no Jornal da Universidade Federal de Uberlândia intitulado “Maternidade e Paternidade Adolescentes” no qual discutimos as razões que levam os jovens a uma iniciação precoce da prática sexual, dentre as quais destacam-se: ausência de diálogo entre pais e filhos, a exposição à erotização presente na mídia e a crença de que com eles não vai acontecer.

Nesse mesmo ano, ingressei no mestrado em Psicologia da FFCLRP-USP, o qual foi concluído em 1999, resultando na elaboração da dissertação intitulada “A Orientação Sexual pede espaço: compreensão fenomenológica da vivência de educadoras”. Essa Pesquisa voltou-se para conhecer, por meio dos discursos de dez educadoras da rede municipal de Uberlândia-MG, como as educadoras em questão vivenciaram sua práxis pedagógica em um projeto de Orientação Sexual ocorrido entre junho de 1994 e dezembro de 1996. Os resultados apontaram para a necessidade de

preparo dos profissionais da educação de modo a possibilitar a formação dos indivíduos, de modificação de posturas e atitudes; compromisso da equipe escolar; a importância de reuniões em grupo para planejamento e avaliação contínuos, exposição das dificuldades e busca de soluções conjuntas; realização de debates, leituras e vivências (que possibilitaram a aquisição de conhecimentos e novas reflexões). Foram evidenciados resultados positivos ao longo da execução do projeto que se refletiram na postura de alunos e professores; com elevado destaque, em todos os momentos, do empenho das participantes em realizar o projeto, culminando com a frustração ao término do mesmo e o desejo de continuidade de uma ação desta envergadura.

Tal trajetória reforça a convicção de que, iniciativas como esta, precisam receber maior empenho e atenção dos dirigentes e governantes a fim de garantir a continuidade e o amadurecimento das intervenções e reflexões proporcionadas, evitando a interrupção abrupta tal qual um “abortamento”. A perspectiva filosófica de Martin Buber, utilizada nesta pesquisa, propiciou-me perceber, em alguns momentos, nuances de diálogo entre as educadoras e os educandos e também entre as componentes da equipe. No entanto, a fala dessas educadoras revelou que sua *práxis*, encontrava-se arraigada a valores estabelecidos pela religião e pela construção sócio- histórico- cultural que fez parte da composição da educação sexual que receberam, ainda que tenham passado por um longo período de preparo e estudos. Entretanto, pode-se dizer que o encontro e a intersubjetividade puderam ser vislumbrados em vários momentos e, sem dúvida, a prática do diálogo autêntico, repleto da presença do outro, (foi e) é um dos caminhos para se alcançar uma educação na vertente humanista que tenha como meta o alcance da intersubjetividade relacional próprio do encontro de que nos fala Buber.

Em Novembro de 2000, essa dissertação foi transformada no livro “A Educação Sexual pede espaço: novos horizontes para a *práxis* pedagógica”, publicado pela editora Ômega. Ainda nesse ano, em co-autoria com a Dr^a Maria Alves, foi publicado também o livro “Adolescentes: maternidade e paternidade inoportunas”, pela mesma editora e que faz parte da série “*Conversando sobre sexualidade*”.

Ao longo do caminho percorrido no decorrer da pesquisa e de minha trajetória profissional, ministrei mini-cursos, palestras em Sexualidade Humana em diversas localidades para profissionais da Saúde e Educação e também atuei como docente na graduação em Ciências Biológicas (1998-1999), na pós-graduação *lato sensu* em Orientação Sexual (1998, 2000) na Universidade Federal de Uberlândia– MG (UFU). Atualmente, leciono na Universidade Católica de Brasília - DF (UCB) para os cursos de Psicologia, Pedagogia, Odontologia e Educação Física.

Nessas duas Instituições de Ensino Superior consta no currículo dos cursos de Ciências Biológicas (UFU) e Pedagogia (UCB) a disciplina optativa *Educação Saúde e Sexualidade* e na Psicologia (UCB) a disciplina optativa *Tópicos Especiais em Sexualidade Humana*. A primeira disciplina foi ministrada na UFU no período em que lá estive e, atualmente é ministrada por mim juntamente com a segunda na Universidade Católica de Brasília.

Chamou-me a atenção que, dentre os temas trabalhados nestas disciplinas de graduação e também na especialização em Orientação Sexual assim como em mini-cursos, palestras e oficinas e, ainda, pelas educadoras que compuseram o grupo estudado no mestrado, a homossexualidade foi o que mais provocou acaloradas discussões e o preconceito, o estigma e as marcas da repressão sexual oriundas da

educação sexual se manifestaram, desvelando a dificuldade que os profissionais da Saúde e Educação e as pessoas, de modo geral, têm para lidar com o tema.

Tais discussões propiciaram a realização de orientação de diversas monografias e, dentre as quais, a de uma aluna do bacharelado em Ciências Biológicas da Universidade Federal de Uberlândia, da qual fui orientadora (A Homossexualidade em Questão: Vivências afetivo-sexuais de homossexuais masculinos de 23-33 anos, defendida em Janeiro de 2000) versava sobre a descoberta da homossexualidade por parte dos entrevistados, a convivência com os amigos, os colegas de trabalho, familiares e também as vivências afetivo-sexuais. Os resultados destacaram que o preconceito social se desvela no posicionamento da família (que muitas vezes prefere ignorar o conhecimento da homossexualidade do filho), na proibição de expressão de seus sentimentos em público restringindo-os aos guetos, no silêncio de colegas de trabalho e familiares levando à solidão e a inautenticidade das relações, o que faz com que tais pessoas sintam que, se a pressão pelo fato de ser homossexual fosse diminuído, certamente suas relações interpessoais seriam mais felizes.

No decorrer dessa trilha acadêmica e profissional, pude me defrontar com algumas mulheres e homens homossexuais que possuíam filhos ou filhas. Em alguns casos, os filhos eram resultantes de relacionamentos heterossexuais ou bissexuais vividos anteriormente. Em outros, o desejo de ser pai ou mãe, ocorreu após o encontro do (a) parceiro(a) do mesmo sexo. E ainda em outros, o filho veio por meio de adoção legalizada em nome de apenas uma pessoa, uma vez que, no Brasil, ainda não se permite a adoção por casais homossexuais.

A partir das inquietações provocadas pelo contato com essa realidade e aos ricos debates com a professora Maria Alves, comecei a delinear uma proposta para o doutorado. Ao consultar a literatura brasileira, constatei que pouco ou nada se diz acerca da vivência da maternidade, paternidade e parentalidade homossexuais, revelando que essa vivência permanece velada, como se o fato de torná-la invisível, fizesse com que deixasse de existir.

Desse modo, no ano de 2000, iniciei a elaboração do projeto de doutorado intitulado “Maternidade e Paternidade homossexuais: a vivência de gays e lésbicas com filhos”, que foi submetido e aprovado no Programa de Pós Graduação em Psicologia da FFCLRP-USP, no qual ingressei em fevereiro de 2001, também sob a orientação da Dr^a Maria Alves de Toledo Bruns. Tal projeto se insere na linha de pesquisa Subjetivação: Processos Culturais, Linguagem e História e na subárea: Sexualidade e a reflexividade da moral sexual na constituição histórico-cultural do sujeito na pós-modernidade.

A partir da revisão bibliográfica escassa no que se refere ao tema, o projeto foi sendo modificado e optei pelo uso do termo parentalidade, por ser mais abrangente e que pode ser definido como:

Modelo de funcionamento que pressupõe o desempenho das funções executivas, como protecção, educação, integração na cultura familiar, etc., relativamente às gerações mais novas. Estas funções não são necessariamente desempenhadas pelos pais biológicos, podendo, efectivamente, estar a cargo de outros familiares ou pessoas que não sejam da família. (ALARCÃO, 2002: p.353)

Interessei-me em conhecer em profundidade essas famílias constituídas por gays e lésbicas e seus filhos a fim de tornar visível essa realidade e, dessa forma, contribuir para a melhoria da atuação de profissionais e estudantes das áreas de Educação e Saúde.

Ao analisar o momento atual, deparamo-nos com múltiplas formas de expressão das relações interpessoais e familiares e, diversas questões surgem acerca da vivência da maternidade e paternidade (ou parentalidade) homossexuais, fato esse que provocou-me inúmeras inquietações que apresento no início do capítulo I.

Considerando essa breve apresentação e por ser este um trabalho confeccionado a “quatro mãos” passo agora a utilizar a primeira pessoa do plural, uma vez que, sem a valiosa e segura orientação da Dr^a Maria Alves tal trabalho não teria sido concebido.

Em outras palavras, convidamos o leitor a prosseguir conosco nesse caminhar rumo à compreensão do(s) significado(s) atribuídos à parentalidade por homens e mulheres homossexuais.

Para responder compreensivamente às questões levantadas anteriormente, em primeiro lugar, faz-se necessário caracterizarmos o momento atual e situar o fenômeno que ora indagamos.

Desse modo, a sequência proposta por nós é descrita a seguir:

Capítulo I- Homossexualidade: Constituição da Identidade sexual, conjugalidade e famílias na atualidade

Aqui serão apresentadas as principais características que situam as relações identitárias e sociais na contemporaneidade; em seguida abordaremos a constituição da identidade sexual homossexual (incluindo a identidade de gênero, a orientação afetivo-sexual e a expressão dos papéis sexuais e de gênero) para, então, levarmos em conta as constituições e as (novas) estruturas familiares que se estabelecem no presente.

A subdivisão desse capítulo estrutura-se assim:

- 1.1. O Cenário atual: contemporaneidade
- 1.2. Sexualidade e formação da identidade sexual: contribuições dos estudos de gênero, antropológicos e psicológicos
- 1.3. Identidade sexual, Identidade de Gênero e Orientação afetivo-sexual
- 1.4. A família na história
- 1.5. O ciclo vital da família
- 1.6. Da conjugalidade à parentalidade: papéis de pai e mãe
- 1.7. Novas formas de família: variações em torno do ciclo vital
- 1.8. O casal homossexual: gays e lésbicas que vivem em conjugalidade
- 1.9. A parentalidade homossexual: um panorama dos estudos sobre a parentalidade homossexual

Capítulo II- A pesquisa qualitativa na modalidade fenomenológica

Neste capítulo, situaremos o leitor da abordagem metodológica escolhida para a realização dessa pesquisa: a fenomenologia, suas origens e caracterização da pesquisa qualitativa nessa abordagem.

- 2.1. O método fenomenológico
- 2.2. A caminhada: Acesso aos colaboradores

2.3. Os percalços do percurso

2.4. A voz de gays e lésbicas acerca da parentalidade: A entrevista fenomenológica

2.5. Perfil do (a)s colaborador(e)s

Capítulo III- A filosofia do diálogo de Martin Buber

Neste capítulo encontra-se a descrição dos fundamentos da filosofia do diálogo buberiana, eleita por nós para proceder a análise dos depoimentos de nosso(a)s colaboradore(a)s.

Capítulo IV- Mosaico das Famílias Homossexuais com filho(a)(s): o Desvelar das novas famílias na fala de lésbicas e gays

4.1. A fala das mulheres homossexuais

4.2. A fala dos homens homossexuais

Neste capítulo estão analisadas as entrevistas das mulheres e homens homossexuais que possuem filhos, observando a sequência das **categorias** expressas a seguir:

- A constituição e a expressão da identidade sexual e da orientação afetivo-sexual:

- Dentro dessa categoria, encontraremos a percepção de nosso(a)s colaboradore(a)s sobre o modo como se constituíram as identidades sexuais, incluindo a orientação afetivo-sexual e a maneira como exibem seus papéis sexuais;
 - O processo de “*coming-out*” ou o “sair- do- armário”, isto é, a assunção da identidade homossexual.
 - A expressão dos papéis sexuais e o preconceito.
- Formação do vínculo conjugal:
 - Aqui serão apresentadas as maneiras como o(a)s colaboradore(a)s estabelece(ra)m seus relacionamentos afetivo-sexuais ao longo de suas existências. Explicitaremos se houve ou não vínculos conjugais homo e/ou heterossexuais e o modo como ocorreram;
- Projeto de ter filhos e a concretização da maternidade, paternidade e a vivência da relação parental:
 - Nesta categoria, abordaremos: como e quando ocorreu o desejo de ter filhos; como se deu a efetivação da **maternidade, paternidade e/ou parentalidade**; nos casos em que houve a figura paterna, como se deu (se dá) a relação parental;
 - Obstáculos encontrados durante e após a concretização da concepção.
- A parentalidade homossexual e os significados atribuídos por eles(a)s à esta vivência.

- Serão destacados aqui, os encantos e desencantos da vivência parental; a divisão de papéis parentais;
- O processo de “*coming-out*” ou o “sair- do- armário” para os filho(a)s.
- Suas vivências afetivo-sexuais e sociais:
 - Modificações que ocorreram após a chegada da criança.
 - Redes sociais e/ou de apoio, convivência e presença ou ausência de preconceito e intolerância nos grupos sociais, em especial, nas famílias de origem e no trabalho.

Capítulo V- O Desvelar das Novas Famílias: variações em torno do Ciclo Vital da família

5.1. O Ciclo Vital da Família

5.2. No horizonte da Conjugalidade: constituição (ou não) do vínculo conjugal e Orientação afetivo-sexual.

5.3. No horizonte da Parentalidade: desejo, concretização e chegada da criança.

- Projeto de ter filhos, a concretização da maternidade, paternidade e a vivência da relação parental, que contém a 2ª Etapa –Família com filhos pequenos.

5.4. A parentalidade no horizonte da homossexualidade - Função parental: ser pai ou mãe e homossexual.

- A parentalidade e os significados atribuídos por eles(a)s à esta vivência na qual estão contidas a 3ª Etapa - Família com filhos na escola e, também, a 4ª etapa - Família com filhos adolescentes

5.5. Papéis de gênero e a noção de responsabilidade no exercício da parentalidade e na divisão de tarefas cotidianas.

5.6. Modificações na estrutura familiar: Vivências afetivo - sexuais e sociais após a chegada do(a)s filho (a)s

- Em que por fim, serão discutidas as mudanças que ocorrem no subsistema conjugal após a emergência do subsistema parental

Capítulo VI- Horizontes

Capítulo VII- Referências Bibliográficas

Todos os livros, artigos e sites utilizados nessa pesquisa estão listados nesse item.

Anexos

Neste item estão os anexos listados a seguir:

1. Parecer do Comitê de Ética da USP
2. Termo de consentimento
3. Questionário de classificação socioeconômica

Capítulo I - O cenário atual: contemporaneidade

A Sexualidade e a Formação da Identidade sexual, Famílias, Conjugalidade, Parentalidade, Novas formas de família e variações em torno do Ciclo Vital da Família.

Esse trabalho se volta às nossas indagações sobre o fenômeno da parentalidade homossexual: em que momento ocorre(u) o desejo de ser pai ou mãe? Que significados gays e lésbicas atribuem à maternidade e/ou paternidade? Com quais dificuldades e/ou facilidades se defrontam no dia-a-dia? Em que medida o preconceito aparece? Como o(a) parceiro (a) lida com o(a)s filho(a)s do(a) outro(a)? Como se vê diante da vivência da paternidade/maternidade/ parentalidade? Como se dão os relacionamentos com o(s) filho(s)? Como se realiza a construção sócio-histórico-cultural dos papéis sexuais e da identidade de gênero? Como ocorrem os relacionamentos afetivo-sexuais entre o(a)s parceiro(a)s? Como ocorre o exercício da função paterna e materna nessas famílias?

Assim, esta pesquisa tem como objetivo compreender como gays e lésbicas constituem famílias e vivenciam a parentalidade, suas relações afetivo-sexuais, os papéis de gênero. Para compreender como é possível a emergência e a visibilidade desse fenômeno, situaremos, inicialmente o momento histórico atual para, em seguida, evidenciar: a Constituição da Identidade sexual, Expressão da diversidade sexual, Conjugalidade, Famílias e Parentalidade homossexual.

Ao construir esse panorama, esperamos que o leitor possa, vislumbrar o fenômeno por nós interrogado, por várias perspectivas: de gênero, histórica e psicológica.

1.1. O cenário atual: contemporaneidade

O momento atual evidencia modificações pelas quais a sociedade passa, em todos os campos e se caracteriza por profundas transformações culturais, econômicas, políticas, sociais e tecnológicas que afetam-na nos mais diversos aspectos como as artes, a tecnologia, as relações interpessoais, a sexualidade humana e também a constituição familiar. Esse período é, para uns, chamado de pós-modernidade, para outros de contemporaneidade e para outros de modernidade reflexiva ou tardia (FRIDMAN, 1999).

A modernidade, época tomada como parâmetro para o debate que se assinala, refere-se em especial aos avanços industriais e tecnológicos que abalaram as estruturas européias, trazendo o progresso e modificando os modos de produção e as relações até então existentes. Hobsbawm (1977, apud FRIDMAN, 1999: p.354- 355) destaca as formas novas de vida em que foram lançados grandes contingentes de pessoas que em *“nada se assemelhava à repetição, à preservação de costumes, às relações pessoalizadas, à preponderância dos laços morais, (...) até então*

existentes”. E prossegue, dizendo que tais alterações varreram rotinas e referências estabelecidas e tudo isso era chamado “*progresso*”. Fridman (1999: p. 355), aponta que:

A palavra modernidade foi adotada como designação abrangente e menos apologética que o progresso para as mudanças econômicas, sociais, políticas, culturais e subjetivas que criaram esse cenário de façanhas imensas e inseguranças assustadoras.

A pós-modernidade é um “*conjunto de traços humanos, culturais e mesmo naturais que se distinguiriam a contemporaneidade pós-industrial*” e o pós-modernismo refere-se à “*orientação do gosto, própria do último quartel do séc. XX, caracterizada por certa liberdade formal, ecletismo e fantasia, rompendo com o rigor severo do estilo dito moderno*” (KOOGAN-HOUAISS, 1998: p. 1289).

Fridman (1999) afirma que para investigar as teorias da pós-modernidade faz-se necessário engendrar esforços de interpretação condizentes com as enormes repercussões sociais decorrentes das mudanças ocorridas após os anos 60. E continua:

Assim como o chão se abriu aos pés dos europeus entre 1848 e 1875, algo de magnitude semelhante atinge os homens contemporâneos. Dessa vez, pode-se desmanchar o que era sólido para a modernidade: classe, indústria, cidades, coletividade, nação - Estado e demais configurações institucionais” (Id. 1999: p.355).

Tais traços culturais refletem mudanças da sociedade, em especial, da metade do século XX em diante que ocorreram rapidamente em todos os campos. Vaitsman (1994) aponta as transformações ocorridas em categorias distintas como: raciais, étnicas, sexuais que lutavam contra formas específicas e localizadas de opressão. Segundo a autora, tais “*movimentos e tendências se conformaram como uma crítica*

social, cultural e política a algumas das configurações de poder do mundo moderno, e por isso vêm sendo chamados de pós-modernos” (VAITSMAN, 1994: p. 36).

Almeida Neto (1999: p. 30) corrobora essa visão, afirmando que após a segunda metade do séc. XX houve uma:

Emergência paulatina e contundente de novos sujeitos sociopolíticos (negros, mulheres, homossexuais, minorias étnicas, deficientes físicos, idosos, ambientalistas, dentre muitos outros), portadores de demandas emancipatórias e projetos identitários particularistas, que têm feito com que as reflexões acerca da (im) possibilidade de convivência igualitária em contextos societários democráticos ganhem um estatuto reflexivo privilegiado, sendo uma das questões centrais das chamadas pós-neo-modernidades.

Este autor ressalta um aparente paradoxo presente em nossa sociedade referente ao desenvolvimento econômico e à ampliação das possibilidades de acesso à informação e à escolarização os quais não têm sido acompanhados, via de regra, de uma ampliação da capacidade humana de convivência com a diversidade sem transformá-la em desigualdade ostensiva. E complementa “*só parece ser possível unir um grande número de pessoas em um projeto comum quando um ou mais agrupamentos humanos são definidos como objeto da ira social, sob a justificativa de que estes são ‘naturalmente’ inferiores*” (Id.: p. 29).

Vale destacar que, embora velozes, as transformações que acometem a sociedade na contemporaneidade nos levam a pensar sobre a diversidade de comportamentos, opiniões, modos de vida, dentre outros. E ressaltamos, as tradições, os valores que nos foram e/ou são inculcados nos moldes da modernidade, desvelam uma sociedade que, em grande parte das vezes é intolerante aos novos modelos emergentes.

Vaitsman (1994) propõe um olhar sobre essa pós-modernidade com vistas a perceber como essas transformações podem influir nas relações de gênero, casamento e família. A autora apresenta vários discursos que remetem à idéia que a pós-modernidade tem do social, das relações interpessoais e, em especial, da família, do casamento, das identidades, e da sexualidade e de como os discursos sobre a universalização da história da humanidade vão desconstruindo pressupostos e propostas de universalização que acentuam e demarcam o papel da cultura, da arte e do saber na pós-modernidade. É mister buscarmos as similitudes sem desconsiderar as particularidades e especificidades de cada cultura.

Em outras palavras, há que se considerar que não há em nenhum momento histórico uma homogeneidade de classes sociais (e dentro de cada classe social), nem de concepções do que é ser homem ou ser mulher, de sexualidade ou de qualquer outro conceito historicamente construído e socialmente estabelecido, conceito este corroborado por Chauí (1984).

Releva ainda destacar que a história da humanidade foi escrita em grande parte por homens com um olhar, por vezes, enviesado, que desconsiderava o papel da mulher, relegando-a a um plano inferior constituído por oposição e hierarquia, uma visão dicotômica que foi lentamente instituída e neutralizada (NAVARRO-SWAIN, 2000) e que ainda encontra eco na atualidade, nos discursos, nas ações, nas pesquisas, no cotidiano.

Calligaris (1996) cita que a mentalidade pós-moderna não é baseada numa razão objetiva. Desta forma, o sujeito da pós-modernidade age pela subjetividade, acentuando mais a individualidade tornando nossa sociedade mais desagregada, com

segregações e realçando o separatismo, que passa a ser a política eleita. O bem pessoal é mais importante em detrimento da coletividade. Falar em união ou coletividade soa ultrapassado.

Dessa perspectiva podemos dizer que a pós-modernidade no que se refere aos comportamentos humanos abarca e enfatiza a *performance*, o desempenho, a individualidade e se caracteriza pela efemeridade, rapidez, complexidade, contradição, ambigüidade, tensão, cultura do ter em detrimento do ser, o que provoca um enfraquecimento e distanciamento das relações interpessoais.

Vaitsman (1994: p. 44) corrobora essa visão ao dizer que:

O pós-moderno estaria caracterizado, desta forma, por uma nova falta de profundidade, um novo tipo de superficialidade na cultura da imagem, do simulacro, do signifiante, o que tem sua contrapartida em expressões da teoria pós – moderna - que não constituiriam uma teoria, mas antes um discurso fragmentário.

Fridman (1999) acrescenta duas concepções que se destacam e podem ser tomadas como referência: a sociedade da imagem e a sociedade do conhecimento. Em seus dizeres:

Na primeira considera-se que vivemos em uma cultura dominada por imagens, onde a mídia tem um papel fundamental na produção de narrativas que criam o universo da ilusão. O ‘espetáculo’ midiático atinge as diversas esferas sociais, produzindo uma ‘realidade à parte’ ou o hiper- real, segundo (...) Baudrillard (1997), coleção de cópias cujos originais foram perdidos, ou dito de outra forma, onde o referente vivido pelos homens desapareceu. (FRIDMAN, 1999: p.356)

Nessa definição de sociedade de imagens, o espetáculo é a tônica, tudo vira espetáculo: conflitos, guerras, escândalos sexuais. Nesse processo,

A cultura pós-moderna, segundo Jameson, interfere profundamente na cognição e na constituição da subjetividade: produz-se assim ‘tipos de pessoas’ que incorporam em seu cotidiano a substituição da realidade pelo espetáculo. (...) Teleassistir passivamente é preciso, viver não é preciso. (FRIDMAN, 1999: p. 361)

O autor completa o raciocínio enunciando que “*mentes invadidas por imagens e que prescindem da experiência*” levam a “*uma configuração institucional de conseqüências bastante perversas (...), mas o diagnóstico da ‘estrutura de sentimentos’ daí proveniente é o pior possível: fragmentação do sujeito*” (Id. 1999: p. 364). Nessa vertente, há a fragmentação das linguagens do sujeito e ausência de historicidade que seguem a revolução tecnológica, a informatização e a nova divisão internacional de trabalho e, que são chamados genericamente de pós-modernidade.

A sociedade do conhecimento é definida:

Como um mundo em que os indivíduos solicitam, filtram e interpretam a informação; qualquer pessoa com tempo, recursos e talento pode ter acesso e assimilar estoques de informação e tornar-se especialista. (FRIDMAN, 1999: p.366).

Em outras palavras, o autor diz que, em nossa cultura e sociedade, tudo está sujeito à indagação racional.

Calligaris (1996) identifica o multiculturalismo e o separatismo social também característicos da pós-modernidade e decorrentes da expansão do sistema capitalista. O sujeito tem como atitude esquecer o passado e a tradição e buscar a autonomia como traço cultural dominante.

Ao chegarmos a esse momento histórico, nos deparamos com um largo espectro de possibilidades de expressão artística, cultural, relacional, tecnológica. Todavia, essa gama de perspectivas é permeada pelas construções sócio-histórico-

político-culturais e religiosas de repressão sexual humana que deixam impressas suas marcas na visão que se tem dos relacionamentos afetivos homo, bi ou heterossexuais, na formação das famílias e, sobretudo, na normatização dos comportamentos. E, embora haja uma flexibilização e de certa forma um entrelaçamento e diluição dos papéis masculinos e femininos, a revolução de costumes, atitudes e comportamentos ocorridos na segunda metade do século XX em que feministas questionam a “naturalidade” da presença do homem no espaço público e da mulher no espaço privado, acabam por oportunizar novos modelos, espaços e formas de interações, ainda que internalizar mudanças percepto- comportamentais seja um processo que ocorra a passos lentos.

É possível perceber que, especialmente para os homens, as mudanças causam um impacto maior, visto que estão experienciando situações nunca antes vividas. Ao mesmo tempo em que há uma diminuição de poder masculino, os homens podem demonstrar seu afeto e carinho, caminhando em um território que era preferencialmente da mãe/mulher. No entanto, têm que se adaptar a não serem mais os provedores únicos e principais e a dividir tarefas domésticas, adaptações essas nem sempre aceitas pacificamente. A divisão de trabalho é fato essencial para a constituição da família e da sociedade. E, sem dúvida, as mudanças que estão ocorrendo estão levando a uma reestruturação da família, a uma flexibilização de papéis e novas interações entre gêneros.

Toda essa discussão leva-nos a reexaminar a emergência de rupturas, do estabelecimento de um novo paradigma, no qual a multiplicidade de expressões em

todos os campos é possível. Em outras palavras, o padrão vigente é justamente a inexistência de um padrão.

1.2. Sexualidade e Formação da Identidade Sexual:

Contribuições dos estudos de gênero, históricos e psicológicos.

Todas as modificações que perpassa(ra)m a sociedade de nossos tempos provoca(ra)m profundas alterações no que se refere ao aparecimento do discurso sobre a sexualidade, às relações conjugais, familiares e à própria expressão da diversidade sexual humana, razão porque cabe retomar o que diz a história com o intuito de delinear o panorama que se mostra.

Começemos pela criação histórica do conceito de sexualidade humana, recente (data do séc. XIX), e que possibilitou a ampliação do conceito de sexo¹ ao incluir a reflexão e o discurso acerca do sexo e também dos interditos, permissões e proibições que o cercam (FUERTES- MARTIN; LÓPEZ- SÁNCHEZ, 1997; GUIMARÃES, 1995, FOUCAULT 1985a, 1985b).

Foucault (1985) relata que em fins do século XVII iniciou-se um movimento em que o sexo deixou de ser oculto e, a partir daí, o discurso sobre ele passou a tomar conta dos mais diversos cenários: a medicina se ocupa da normatização de condutas e

¹ Aqui entendido como o que caracteriza o macho e a fêmea da espécie no que se refere à anatomia, genética e ao sistema hormonal ou o que nos define como homem ou mulher.

comportamentos tidos como normais ou não; a ciência passa a se ocupar em suas pesquisas da compreensão dos fenômenos da conduta sexual humana, relacionando a loucura, a masturbação aos discursos correntes da medicina e da Igreja. Tudo isso configura o que Foucault vai chamar de “hipótese repressiva”.

Chauí (1984: p.15) afirma que a sexualidade humana:

Não se confunde com um instinto, nem com objeto (parceiro) nem com um objetivo (união de órgãos genitais no coito). Ela é polimorfa, polivalente, ultrapassa a necessidade fisiológica e tem a ver com a simbolização do desejo, não se reduz aos órgãos genitais (...), porque qualquer região do corpo é susceptível de prazer sexual, desde que tenha sido investida de erotismo na vida de alguém e, porque a satisfação sexual pode ser alcançada sem a união genital.

Note-se assim que, os componentes da sexualidade humana não se restringem apenas aos aspectos anatômicos do ser humano, nem tampouco à identidade sexual, mas, como ressaltam Picazio, Brugnera e Araújo (1998) e Costa (1994) abrange aspectos biológicos (sexo cromossômico ou genético; sexo gonadal, referente aos testículos e ovários; genitais internos e externos e caracteres sexuais secundários os quais em conjunto caracterizam o macho e a fêmea da espécie), a identidade sexual (composta pela identidade genital, identidade de gênero (relativa ao sexo sociológico e que será discutida mais adiante) e a orientação afetivo-sexual² (ou orientação do desejo sexual), situados no nível psicológico e também aos aspectos sociais e culturais que incluem os papéis de gênero e os papéis afetivo - sexuais.

² Neste trabalho, não utilizaremos o termo orientação sexual, frequentemente encontrado na literatura médica para se referir à orientação do desejo sexual para que não seja confundido com a Orientação Sexual proposta nos Parâmetros Curriculares Nacionais (1997) e que refere-se à intervenção sistemática e sistematizada realizada, em especial, na escola, visando a promoção da saúde e a discussão de temas pertinentes à sexualidade humana, numa visão pluralista e abrangente. Para indicar a orientação homo, hetero ou bissexual utilizaremos-nos do termo orientação afetivo-sexual.

Weeks (1993, apud LOURO, 1997: p. 25) afirma que:

A sexualidade tem tanto a ver com as palavras, as imagens, o ritual e a fantasia como com o corpo. (...) ele fala da impossibilidade de ‘compreender a sexualidade observando apenas seus componentes ‘naturais’ (...), esses ganham sentido através de processos inconscientes e formas culturais.

Desse modo, a história, a cultura, a igreja, a simbolização, os interditos e a repressão sexual modificam as normas relativas à sexualidade humana tornando-as muito flexíveis em alguns momentos, extremamente rígidas em outras.

As formas como a sexualidade humana se expressa são múltiplas, multifacetadas e inerentes ao ser humano. As condutas apresentadas pelos indivíduos (e, em especial, a masturbação, o orgasmo feminino, a homossexualidade) torna(ram)-se objeto de estudo das mais distintas áreas do conhecimento sendo ora aceitos, ora severamente reprimidos. Para as práticas e comportamentos sexuais desviantes, não aceitos, as punições aos praticantes eram (e ainda são) severas como a exclusão, a discriminação, o ostracismo e por vezes, a violência.

Fuertes- Martin; López- Sánchez (1997) apresentam, em seu livro *Aproximaciones al estudio de la sexualidad*, os principais trabalhos no campo da sexualidade desde os pré - científicos (iniciando por Tissot e sua obra sobre a masturbação, em 1758 em que a visão moralista preconizada pela Igreja era, dessa forma legitimada pela ciência) até os dias mais atuais. Os autores destacam os trabalhos mais relevantes a partir de meados do século XIX até o fim do século XX, em todos os campos: Antropologia, Sociologia, Anatomia e Fisiologia e Psicologia. Assim, ao dirigirmos nosso olhar para a constituição histórico-sócio-temporal e cultural da sexualidade humana evidenciamos que a Igreja, o Trabalho, a Ciência, a

Medicina, o Direito, a Psiquiatria e a Psicologia têm um papel preponderante como agentes repressivos no processo de formação de nossa sociedade ocidental como nos mostra Chauí (1984) em seus escritos.

Grandes avanços tecnológicos como o surgimento da pílula anticoncepcional, dos estudos sobre a resposta sexual humana, a fertilização *in vitro*, novas técnicas de tratamento para as disfunções sexuais que acometem homens e mulheres, em tese, permitiriam uma vivência plena da sexualidade (FUERTES- MARTIN; LÓPEZ-SÁNCHEZ ,1997; CHAUÍ, 1984). No entanto, ainda é notável o quanto nossa sociedade perpetua uma visão reducionista da sexualidade ao restringi-la à reprodução e à genitalização, reflexos da individualidade e fragmentação típicas da pós-modernidade e aos valores fortemente arraigados da modernidade (em especial, os vinculados às religiões, à ciência, à medicina, ao direito e à psicologia).

Navarro-Swain (2000: p. 54) assinala que:

No Ocidente, o cristianismo criou e implantou em torno da sexualidade, aos poucos, um halo de mistério e de pecado, faz da reprodução, esta função física, o eixo em torno da qual passou a girar a vida social, material, espiritual, estruturada na família heterossexual e a instituição do casamento monogâmico. (...) De forma gradual, a sexualidade vai sendo censurada, limitada, definida, esboçada em perfis cada vez mais estritos, sempre se acentuando que só era aceita e válida em vista da procriação.

Tal visão é subjacente à fala de pessoas em áreas distintas e ecoa nas concepções que se tem de família, na construção da identidade sexual e no preconceito que transparece frente às variações em torno dessas estruturas.

1.3. Identidade Sexual, Identidade de Gênero e Orientação Afetivo –

Sexual

Há pouco caracterizamos a sexualidade de maneira mais abrangente e não reducionista. A definição do sexo biológico, para a grande maioria das pessoas ocorre sem grandes problemas (exceções podem ser ocasionadas por diversos fatores, como alterações cromossômicas nas síndromes de Klinefelter e Turner, disfunções hormonais ou problemas na embriogênese, dentre outras, como mostram MONEY; TUCKER,1981).

É evidente que há uma correlação entre o sexo biológico e o gênero. Louro (1997) conceitua gênero como o sexo sociológico, pois é constituído sócio-histórica e culturalmente e sujeito a variações de acordo com o contexto, o tempo e o espaço em que estão sendo analisados.

Guimarães (1995) diz que a palavra gênero é utilizada também para caracterizar o ‘masculino’ e o ‘feminino’, no que se refere à diferenciação quanto ao vestuário, a fala, os gestos, comportamentos, atitudes e valores. Scott (1995: p. 75) corrobora esse conceito e registra que:

O termo ‘gênero’ torna-se uma forma de indicar construções culturais – a criação inteiramente social de idéias sobre os papéis adequados aos homens e mulheres. Trata-se de uma forma de ser referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas de homens e mulheres.

Diante disso releva indagar: como se constituem a identidade de gênero e a orientação afetivo-sexual (orientação do desejo)?

Podemos atribuir aos estudos feministas o avanço dos estudos de gênero conforme apontam Oliveira (1998), Louro (1997), dentre outros. Louro (1997) destaca que o movimento feminista começou, no ocidente, no séc. XIX pelo movimento sufragista (conhecido como “primeira onda” do movimento feminista), que lutava pela inserção do voto feminino e, posteriormente, agregou outras reivindicações como: direito de acesso aos estudos e a determinadas profissões. Todavia estas reivindicações ficaram restritas aos interesses de mulheres brancas, de classe média e ao seu alcance, circunscrito a alguns países, seguiu-se uma acomodação do movimento.

No entanto, a partir do final da década de 60, o movimento feminista tomou outras proporções, com preocupações políticas e sociais e também com a proposição de construções teóricas, em que as questões de gênero passaram a ser problematizadas (LOURO, 1997). Tais estudos partiram, em princípio, da situação da mulher e da “naturalização” de papéis a ela atribuídos. No entanto, a evolução desses estudos não poderia ser pensada sem consideramos uma perspectiva relacional e, conseqüentemente, a inclusão do homem neste processo.

A composição da identidade do gênero não é de forma alguma “natural”: o indivíduo só vai se reconhecendo nos papéis masculinos ou femininos valendo-se de suas relações interpessoais, o que é um processo eminentemente histórico-sócio-cultural. Isso quer dizer que:

a soma dessas dimensões está incluída na experiência pessoal de perceber-se homem ou mulher e da excitação e resposta sexual que pode ser homo, bi ou heteroerótica”. (GUIMARÃES, 1995: p. 25)

Este processo se inicia antes mesmo do bebê nascer, à medida que, ainda no útero materno, seus pais já apresentam expectativas para o futuro da criança. Tais construções perpassam por questões biológicas, culturais, sociais e políticas. Não se pode deixar de assinalar a influência da psicanálise e dos estudos antropológicos para a compreensão dos gêneros masculino e feminino.

Louro (1997) destaca a relevância de não se atribuir tais diferenças apenas a uma questão biológica ou apenas ao sexo e diz *“para que se compreenda o lugar e as relações de homens e mulheres numa sociedade importa observar não exatamente seus sexos, mas sim tudo o que socialmente se construiu sobre os sexos”* (Id. p.21).

Costa (1994) afirma que o termo papel sexual ou de gênero, de modo geral, revela ou torna pública a designação pessoal de masculino ou feminino e que a identidade sexual ou de gênero contém a identidade genital, de gênero e a afetivo-sexual, que pode ser homossexual, heterossexual ou bissexual. Para Louro (1997: p. 24) *“papéis seriam, basicamente, padrões ou regras arbitrárias que uma sociedade estabelece para seus membros e que definem seus comportamentos, suas roupas, seus modos de relacionar e de se portar...”*

Souza; Baldwin (2000) apontam em seu trabalho como se construíram os papéis sexuais femininos desde a época da colonização no Brasil até a atualidade e ressaltam, nesse caminho, diversas imagens da mulher, as quais foram se perpetuando e se reafirmando. Dessa maneira, no período Colonial a mulher negra, africana e escrava era vista como objeto sexual; a mulher branca, assexuada e estereotipada: fraca, submissa, passiva, sem poder na vida pública. Eram educadas

para o casamento, para administrar o lar, gerar e criar os filhos e ainda tolerar os relacionamentos extra-maritais de seus esposos com as escravas.

Os autores mostram uma busca pela ampliação do papel feminino no período imperial, o que pode ser possibilitado pelo enfraquecimento da rigidez patriarcal que propiciou um maior trânsito das mulheres. Houve a inclusão das mulheres em atividades telegráficas, na enfermagem, nos correios, secretariado e produção (BURNS, 1993; HAHNER, 1990 apud SOUZA; BALDWIN, 2000). Ressalte-se a duplicação do número de professoras na escola primária, estendendo a “natural” função de cuidadora atribuída às mulheres. Tal inserção levou à redução do salário dos educadores do gênero masculino (HAHNER, 1990 apud SOUZA; BALDWIN, 2000). Evidencia-se aqui, o que temos visto até os dias de hoje: uma inferiorização da mulher e uma desqualificação de seu trabalho e de seu papel e, ao mesmo tempo, uma igual desvalorização do trabalho masculino inserido no mundo tradicional e “naturalmente” feminino: o de cuidar, zelar, educar.

São destacadas, ainda, que as ocupações das mulheres na República Velha não eram proeminentes, pois não podiam trabalhar no comércio sem a permissão dos maridos e suas carreiras não deveriam “*estender-se além dos problemas do coração e seu mundo... (deveria ser) limitado ao de filha, esposa e mulher*” (HAHNER, 1990 apud SOUZA; BALDWIN, 2000: p. 486).

As transformações nos campos da política, da melhoria de condições de trabalho, da aquisição de direitos como o de voto, licença-maternidade foram arduamente conseguidos no decorrer do séc. XX. Souza; Baldwin (2000) citam

periódicos dirigidos à classe média e alta que mencionavam os direitos das mulheres, mas enfatizavam ainda sua “vocação natural” para serem esposas e mães.

Diversas modificações em relação à atuação feminina, no Brasil, tiveram seu ápice a partir da década de 70. A participação da mulher no mercado de trabalho foi ampliada em todos os setores, a visibilidade dos movimentos feministas e do papel feminino na estrutura das relações sociais do Brasil aumentou.

A maciça entrada da mulher no mercado de trabalho, ocupando um espaço anteriormente reservado ao homem, sem abdicar do espaço privado, o controle de natalidade, possível após a revolução sexual, o avanço tecnológico também têm contribuído para reestruturações familiares e, por conseguinte, altera a expressão dos papéis de gênero.

Embora, tais transformações estejam ampliando os limites de atuação de homens e mulheres, levando a uma maior flexibilização dos papéis de gênero, ainda se notam concepções do ser-homem ou ser-mulher firmemente arraigadas e impregnadas por essa construção histórico-social, o que significa, frequentemente, conflitos, angústias e inseguranças frente a essas possibilidades.

Cabe ressaltar que a perspectiva do(a)s estudioso(a)s de gênero tem como intuito entendê-lo como constituinte da *identidade* do sujeito. Louro (1997) destaca que o conceito de identidade é complexo e pode ser formulado sob diferentes óticas. E acrescenta: “*compreendemos os sujeitos como tendo identidades plurais, múltiplas; identidades que se transformam, que não são fixas ou permanentes, que podem até mesmo, ser contraditórias*”. (Id .p.24).

A autora prossegue:

Ao afirmar que o gênero institui a identidade do sujeito (assim como a etnia, a classe, ou a nacionalidade, por exemplo) pretende-se referir, portanto, a algo que transcende o mero desempenho de papéis, a idéia é perceber o gênero *fazendo parte* do sujeito, constituindo-o. O sujeito *é* brasileiro, negro, homem, etc. nessa perspectiva admite-se que as diferentes instituições e práticas sociais são constituídas pelos gêneros e são, também, constituintes dos gêneros. Estas práticas e instituições “fabricam” os sujeitos. (LOURO, 1997: p. 25)

Em outras palavras, compreender as relações de gênero significa apreender também “que a justiça, a igreja, as práticas educativas ou de governo, a política, etc. são atravessadas pelos gêneros (...) produzem-se ou engendram-se, a partir das relações de gênero” (Id. p. 25) embora possam também ser permeadas pelas relações de classe, de etnia, dentre outras.

Ainda acrescentamos aqui, não ser possível discutir gênero, sem tocarmos na questão da sexualidade, no que concordamos com Louro (1997) e Chauí (1984) dentre outros.

Fuertes- Martin; López- Sánchez (1997) apontam as três teorias clássicas que buscam explicar o desenvolvimento da identidade e dos papéis de gênero: 1) Teoria Psicanalítica; 2) Teoria de Aprendizagem Social e 3) Teoria Cognitiva. Vamos explicitá-las brevemente a seguir.

1) A Teoria Psicanalítica

A teoria formulada por Freud em 1905, afirma que a resolução do complexo de Édipo e identificação com o progenitor do mesmo sexo é o que conduz ao estabelecimento da identidade sexual. Na fase por ele chamada de fase fálica, a criança

teria um desejo sexual específico dirigido ao progenitor do sexo oposto, que acaba renunciando pelo medo da castração e o temor de perder o objeto amado. Assim se põe fim à rivalidade que o menino ou menina mantinha frente ao genitor do mesmo sexo e ocorre a identificação como desejo de ocupar seu lugar. O fato de que esse modelo pressuponha a universalidade do Complexo de Édipo e a existência de um desejo específico da criança, unido ao momento cronológico em que ocorrem tais processos (entre os 3-6 anos), quando a identidade sexual parece já haver sido claramente definida, tornam esse modelo pouco convincente para Sánchez (1988, apud FUERTES-MARTIN; LÓPEZ- SÁNCHEZ , 1997).

Oliveira (2002) tece considerações muito interessantes sobre a concepção Freudiana de homossexualidade, analisando em profundidade a obra *Os três ensaios sobre a sexualidade humana* escrito por Freud em 1905 e ao qual ele acrescenta diversas considerações até 1920 e analisando as impressivas contribuições e algumas lacunas deixadas por ele. Oliveira (2002) situa a questão da homossexualidade, a que Freud chamava de inversão, desde o mundo antigo até a contemporaneidade, destacando as transformações acerca de suas conotações.

Em seu trabalho, o autor sintetiza as transformações da Grécia a Roma, e na Europa Medieval acerca da constituição da masculinidade e da paternidade:

Na Antigüidade Clássica, a função paterna parecia estar incumbida de promover esta diferenciação do menino em relação à mãe, lançando mão para isto, *de ritos de passagem* e de uma *pedagogia de transmissão* de masculinidade e de cidadania, representadas pelo *erastes* grego e do Mestre/Senhor romano. Na Idade Media, a masculinidade começa a ser compreendida como dada, mas, apesar disto, a figura modelar estava próxima. O que percebemos é que, agora, o menino, muitas vezes de maneira solitária, terá de reforçar essa identificação com a masculinidade em um

objeto mais idealizado do que nos períodos anteriores (Ramires, 1997: p.25-37 apud Oliveira (2002: p. 38-39) (grifos do autor)

O autor acrescenta, que a compreensão da “*masculinidade como dada não anula a anterior como tornar-se, contudo a recobre do inconsciente*” (Id.: p. 38)

Na contemporaneidade, ele aponta que há uma flexibilização dos papéis de gênero, permitindo uma maior aproximação de pais e mães com os filhos e filhas, o que se assemelha à função paterna entre os Antigos, em que as figuras masculinas tinham o papel de auxiliar o jovem na passagem para a masculinidade conquistada. Oliveira (2002) chama a atenção para os questionamentos de Badinter (1995) sobre o amor materno que, parecem deixar o homossexual mais à vontade com a identificação psíquica com a mãe agora, mais humanizada, menos sacralizada.

Oliveira (2002) busca em seu trabalho, ampliar a compreensão da homossexualidade a partir da perspectiva psicanalítica, assinalando as identificações com a mãe e com o pai, na constituição das subjetividades homossexuais.

Chodorow (1979) diz-nos que, para as meninas, a identificação com o modelo feminino dá-se de maneira precoce e contínua e, para os meninos, ao contrário, esse processo se dá como uma descontinuidade. Para essa autora, o fato ocorre porque, para o menino, a masculinidade torna-se e permanece uma questão problemática, pois envolve a negação do vínculo ou do relacionamento, em especial daquele que os meninos consideram dependência ou necessidade de outro, levando-o a discriminar o outro, e à repressão e à desvalorização da feminilidade, tanto no nível psicológico quanto cultural. Além disso, numa interpretação psicanalítica, a identificação com o pai normalmente não se desenvolve num contexto de um relacionamento afetivo satisfatório, mas consiste na tentativa de interiorizar e aprender componentes de um

papel não compreensível de imediato. Para ela, as meninas têm esse aprendizado mais tranquilo porque as atividades do papel feminino e a feminilidade são imediatamente compreensíveis na sua vida diária e seu papel final de identificação é com a mãe.

Louro (1997), Fernandez (1994) e Chodorow (1990) destacam que há uma presença maciça de mulheres na educação infantil, pois, a “naturalização” dessa função de cuidado e educação como uma continuidade do lar foi legitimada por e a elas.

Se considerarmos que, em suas primeiras fases da vida, tanto meninos quanto meninas apresentam um contato maior com mulheres, sejam elas babás, professoras ou mães, como foi legado historicamente, percebemos que valores atribuídos às meninas como afetividade, carinho, sensibilidade e fragilidade foram (e são), em grande parte das vezes, incorporados por ambos como desvirtuamento da virilidade. Por outro lado, os meninos sofrem com a repressão imposta às lágrimas, pois “homem não chora”, tem que ser forte.

2) Teoria de Aprendizagem Social

Considera as interações do indivíduo e o ambiente para explicar o desenvolvimento sexual. Nesta perspectiva, as condutas sexualmente tipificadas são aquelas que proporcionam uma diferente gratificação aos sujeitos segundo o sexo, isto é, aquelas que levam a diferentes consequências em razão de ser um menino ou menina, homem ou mulher, quem as põe em prática. (Mischel, 1966, apud

FUERTES- MARTIN; LÓPEZ- SÁNCHEZ, 1997).

Na realidade, os mesmos princípios da aprendizagem que governam a aquisição e execução de qualquer tipo de conduta, explicariam o processo da tipificação sexual. Segundo Mischel (1966, apud FUERTES- MARTIN; LÓPEZ- SÁNCHEZ, 1997) a criança aprenderia a distinguir diferentes padrões de condutas sexuais de acordo com o gênero e, posteriormente, generalizaria estas aprendizagens a situações novas e, finalmente, poria em prática tais padrões de conduta.

Outras considerações surgidas a partir da perspectiva de aprendizagem social (BANDURA, 1977 apud FUERTES- MARTIN; LÓPEZ- SÁNCHEZ, 1997) têm começado a dar mais importância às características próprias do sujeito, tais como suas capacidades cognitivas e motoras, assim como suas motivações pessoais, quando se considera o processo de aprendizagem por observação. Desse modo, mostra-se o sujeito da aprendizagem em uma posição muito mais ativa frente ao exterior e não um sujeito meramente passivo que se limita a receber tais influências.

Por essa perspectiva, podemos considerar que a criança observa o ambiente à sua volta e internaliza padrões de comportamento atribuindo-lhe significados positivos ou negativos, dependendo da forma como os interpreta e/ou os (re)significa.

Louro (1997) faz uma crítica a essa concepção, pois, ao se considerar que é por intermédio do aprendizado de papéis que cada um deve se reconhecer como masculino ou feminino e o que adequado ao seu papel, corre-se o risco de cair numa

visão reducionista ou simplista. Para ela, tal visão remeteria as análises aos sujeitos e as suas relações interpessoais. Assim,

ficariam sem exame não apenas as múltiplas formas que podem assumir as masculinidades e as feminilidades, como também as complexas redes de poder que (através das instituições, dos discursos, dos códigos, das práticas e dos símbolos...) constituem a hierarquia dos gêneros. (LOURO, 1997: p.24)

3) Teoria Cognitiva

Kohlberg (1966 apud FUERTES- MARTIN; LÓPEZ- SÁNCHEZ, 1997) considera que as estruturas cognitivas vão ser as responsáveis pela evolução sexual. Para ele, é decisivo e importante o significado que o sujeito atribui em relação a ser menino ou menina (“sou menino” ou “sou menina”) ainda que tal atribuição de significado esteja apoiada em uma variedade de fatores externos. É a partir desse primeiro julgamento como menino ou menina que organizam suas atitudes sexuais, oferecendo maior valor àquilo que corresponde com sua própria identidade.

Fuertes- Martin; López- Sánchez (1997) tecem considerações importantes sobre o juízo a respeito da identidade sexual que aparece entre o segundo e o terceiro ano de vida (cf. diversos autores citados por eles, THOMSON, 1975, SLABY e FREY, 1975; LÓPEZ-SANCHEZ, 1996). No entanto, a verdadeira constância da identidade sexual não chegará até o período das operações concretas, como ocorre com o restante dos conceitos.

Fuertes- Martin; López- Sánchez (1997) afirmam que outros autores, ao estudarem o sexo e o gênero, adotam uma perspectiva multifatorial e consideram os

pensamentos, sentimentos, condutas, etc., em relação ao sexo e ao gênero como fatores que podem ser mais ou menos independentes. Spence (1984, 1985, 1993 apud FUERTES- MARTIN; LÓPEZ- SÁNCHEZ, 1997) define a identidade de gênero como o sentido psicológico básico de pertencimento a seu próprio gênero e afirma que, na maior parte das pessoas, se desenvolve na primeira infância e se mantém ao longo do ciclo vital como um aspecto central da identidade.

Nos anos 80, sob a influência dos modelos de processamento da informação, outros autores começam a utilizar o conceito de “esquema” para explicar a aquisição da identidade de gênero e dos papéis de gênero. Dessa perspectiva, o esquema de gênero não é senão uma forma de representação mental acerca do conjunto de objetos, atributos, condutas, etc., que se associam com um gênero ou outro em uma cultura determinada. Martin e Halverson (1981 apud FUERTES- MARTIN; LÓPEZ- SÁNCHEZ, 1997) afirmam que as crianças começam a considerar e a julgar aquilo que é mais apropriado para elas, seus gêneros, de forma que desenvolvam um esquema de gênero masculino ou feminino. Em um segundo nível, meninos e meninas elaboram o esquema de seu próprio gênero de maneira mais completa e consistente, começando a se interessar ou recusar as mensagens e informações que recebem e a viver conforme o estilo de vida de acordo com o “esquema” que é dele(a)s esperado (MARTIN e HALVERSON, 1981 apud FUERTES- MARTIN; LÓPEZ- SÁNCHEZ, 1997).

Fuertes- Martin; López- Sánchez (1997) citam os estudos de Bem (1981,1985), para quem as pessoas podem se considerar mais ou menos tipificadas sexualmente, em função do grau em que cada pessoa organiza sua experiência ou

esquemas de acordo com as categorias de gênero. Assim, podemos encontrar pessoas que têm um esquema de gênero rígido e outras que conseguem transcender tais esquemas e, dessa forma atuam com mais liberdade.

Nesse caminho, Navarro – Swain (2000), chama a atenção para um outro aspecto: a classificação ou enquadramento dos comportamentos tendo como parâmetro o modelo masculino, de um homem branco, heterossexual e, à conseqüente desqualificação de tudo que por oposição ou diferença não corresponda a esse parâmetro, o que acaba por interferir na expressão e na constituição dos indivíduos que não estão de acordo com a rigidez (amplamente interiorizada) desse modelo. Ressalte-se que esse modelo é rígido e hegemônico, pois, não temos estudos expressivos que apresentem a diversidade possível (e existente) em nosso país.

Huston (1983 apud FUERTES- MARTIN; LÓPEZ- SÁNCHEZ, 1997) aponta a necessidade de se considerarem diferentes áreas de conteúdo da tipificação sexual e diferentes construtos que descrevam as relações pessoas com estas diferentes áreas. Desse modo, os fatores multidimensionais a serem considerados nas categorias de conteúdos são:

- Gênero biológico (sexo)
- Atividades e interesses (jogos, ocupações, tarefas de casa, etc);
- Atributos pessoais e sociais (personalidade e padrões de conduta social - agressividade, dependência, obediência);
- Relações sociais baseadas no gênero (amigos, parceiros, modelos, figuras de apego);

- Conteúdos estilísticos e simbólicos (gestos, condutas não verbais, linguagem, fantasias, estilos de jogos, etc.)

Construtos que devem ser levados em consideração:

- Conceitos ou crenças (estereótipos e expectativas sociais acerca de homens e mulheres e compreensão e crenças sobre as necessidades de tais estereótipos);

- Identidade ou auto - percepção;

- Preferências, atitudes e valores (para si e para os outros);

- Comportamento: manifestações de conduta que podem ser avaliadas pelos outros (HUSTON, 1983 apud FUERTES- MARTIN; LÓPEZ- SÁNCHEZ, 1997).

Numa linha similar, Ashmore et al (1990 apud FUERTES- MARTIN; LÓPEZ- SÁNCHEZ, 1997) consideram que o gênero deve ser estudado em múltiplos níveis, um dos quais é o psicossocial. Desenvolveram então, um modelo em que haveria que se distinguir três construtos inter-relacionados, porém distintos:

1. Identidade de gênero, que supõe a incorporação e integração por parte da pessoa em seu auto-conceito de diferentes aspectos relacionados à construção social do gênero e a seu sexo biológico);

2. Pensamentos e crenças acerca dos sexos – crenças acerca dos atributos de homens e mulheres;

3. Atitudes em relação ao gênero: orientações avaliativas face aos sexos e aos diferentes aspectos relacionados com o gênero.

O modelo de Ashmore et al (1990 apud FUERTES- MARTIN; LÓPEZ-SÁNCHEZ, 1997) prediz que os diferentes componentes do gênero em nível individual, podem ser modelados ou causados por variáveis muito diversas e que, cada pessoa pode ser mais ou menos receptiva bem como os interpreta e os constrói de forma pessoal. Mais concretamente, falam de três classes de variáveis globais: Contato com a cultura; as relações com determinados homens e mulheres e as próprias atividades desenvolvidas pela pessoa. Assim, concluem que, ainda que alguns conteúdos da identidade de gênero tendam a ser altamente estáveis, outros vão estar sujeitos a modificações importantes.

O modelo proposto por eles postula que cada conteúdo com relação ao gênero seria capaz de prever: diferentes ações sociais, positivas ou negativas; os pensamentos acerca dos sexos afetariam mais diretamente o processamento da informação acerca dos homens e mulheres; e os diferentes aspectos da identidade de gênero, deveriam afetar diferentes ações do alcance de perceber-se a um mesmo.

Para finalizar, Fuertes- Martin; López –Sánchez (1997) apontam os trabalhos de Fernandez (1988, 1996) cujo modelo parte da indissolubilidade do biológico e do psicossocial ao longo de todo o processo de sexualização, conjugando o nível estrutural através dos estudos de todos os elementos que intervêm no processo (genéticos, anatomofisiológicos, neurológicos e endocrinológicos, psicossociais) com o nível funcional nos quais se firmam as relações de um elemento com os demais, numa perspectiva evolucionista ao longo da vida, desde o nascimento.

Assistimos a uma flexibilização na expressão dos papéis de gênero, uma vez que as atuações podem ser diferenciadas, pois, mulheres e homens podem transitar

por atitudes e comportamentos ditos masculinos e/ou femininos independente de sua orientação afetivo-sexual ou seu sexo biológico.

Essa formulação de masculinidade e feminilidade acaba por se mostrar perversa com ambos, pois desqualifica a mulher e é mais uma fonte de pressão sobre os homens, dificultando a eles a expressão de seus sentimentos. Tal constatação leva-nos a pensar como tem ocorrido a educação básica no que se refere aos papéis sociais de gênero, pois, a realidade tem revelado um “mal-estar” nos distintos universos em que a criança se situa, quando um menino ou uma menina manifesta atitudes socialmente atribuídas ao gênero oposto ao seu, imprimindo-lhe marcas psíquicas que podem afetar seu pleno desenvolvimento.

Releva dizer que na atualidade, há uma gama de expressões de papéis sociais de gênero que propiciam reflexões e novos modelos do ser -masculino e ser – feminino, razão por que Louro (1997) aponta para a necessidade de considerarmos masculinidades e feminilidades.

A historiadora Joan Scott (1995) argumenta ser necessário desconstruir o pensamento dicotômico, polarizado e de oposição binária sobre os gêneros masculino e feminino. Louro (1997: p. 31-32) complementa, dizendo que é preciso avançar nessa conceituação a fim de:

Desconstruir a polaridade rígida dos gêneros, então, significaria problematizar tanto a oposição entre eles quanto a unidade interna de cada um. Implicaria observar que o pólo masculino contém o feminino (de modo desviado, postergado, reprimido) e vice-versa, implicaria também perceber que cada um desses pólos é internamente fragmentado e dividido (afinal não existe *a mulher*, mas várias e diferentes mulheres que não são idênticas entre si, que podem ou não ser solidárias, cúmplices ou opositoras).

Concordamos com as autoras, pois são notáveis a amplitude e variedade de comportamentos. Em consequência, a estereotipia e rigidez de aceitação a quaisquer condutas que não se adequem ao modelo interiorizado pelos indivíduos são largamente expressas com discriminação, opressão, exclusão.

Lauretis (1986, apud LOURO, 1997: p. 32-33) afirma que:

Há pouco avanço, (...) em se dizer que a diferença sexual é cultural; o problema que permanece é o de conceber as diferenças (sejam elas consideradas culturais, sociais, subjetivas) “em relação ao homem - sendo ele a medida, o padrão, a referência de todo discurso legitimado”.

Tal lógica binária carrega a idéia de oposição entre os pólos masculino e feminino, entre dominador e dominado e traz impregnada também a idéia de que essa seria a única e permanente forma de relação entre os elementos (LOURO, 1997). A autora ressalta novamente a importância de desconstrução dessa idéia de via única e a observação que o poder se exerce em várias direções.

Os sujeitos que constituem a dicotomia não são, de fato, apenas homens e mulheres, mas, homens e mulheres de várias classes, raças, religiões idades, etc. e suas solidariedades e antagonismos podem provocar os arranjos mais diversos, perturbando a noção de “homem dominante versus mulher dominada”. (LOURO, 1997: p. 33-34)

Para finalizar, a autora destaca que uma das consequências mais importantes da desconstrução dessa visão binária é a possibilidade de consideração e inclusão de múltiplas formas de masculinidades e feminilidades. Segundo ela, romper essa dicotomia supõe negar a idéia de masculinidade e feminilidade no singular que ignora e/ou desconsidera todos os sujeitos sociais que não se “enquadram” nessas formas.

Para Louro (1997: p. 34)

Romper a dicotomia poderá abalar o enraizado caráter heterossexual que estaria presente, na visão de muitos/as presente no conceito de 'gênero'. (...) mulheres e homens, que vivem feminilidades e masculinidades de formas diversas das hegemônicas e, que muitas vezes não são representados/as ou reconhecidos/as como “verdadeiros/verdadeiras” mulheres e homens, fazem críticas a esta estrita e estreita concepção binária.

Dessa maneira, concordamos com a autora, que essa crítica procede e que se faz necessário uma desconstrução dessa polarização a fim de que se incluam outras problemáticas, interesses, experiências de outras mulheres não brancas, lésbicas e a também se incluam as diferentes formas de masculinidade.

Hennigen; Guareschi (2002: p. 46) complementam:

O Feminismo, ao questionar as posições femininas e masculinas e as relações de gênero, contribuiu para desestabilizar a representação 'tradicional' da masculinidade e da paternidade, possibilitando a circulação de novas significações e incentivando a busca de novas compreensões sobre a constituição subjetiva.

Diante do exposto, indagamos: que papel tem a família nesse processo? Que fatores estariam diretamente relacionados à essa constituição? Como se dá a organização interna das famílias e, em que medida a visão de mundo que vai sendo construída, as experiências singulares de cada núcleo familiar e a sociedade, de maneira geral, influenciam na constituição da identidade sexual do indivíduo e na construção de sua percepção do mundo?

Conforme o que foi explicitado anteriormente, sexo e gênero designam atribuições diferenciadas uma vez que o primeiro refere-se ao biológico e o segundo ao cultural, ao social, ao simbólico. Ao se movimentar nessa direção, quaisquer atos, comportamentos ou desejos que não tenham esse fim, são banidos, rotulados e os

sujeitos que os expressem são proscritos e marginalizados, tornados invisíveis em sua existência, como se o fato de não se falar deles os fizessem deixar de existir.

É possível perceber nos discursos dos mais diversificados profissionais o viés repressivo interiorizado que se reflete em suas ações de maneira, muitas vezes, intolerante, hostil e normatizadora. Nesse sentido, a homossexualidade tem sido alvo de interesse de inúmeras áreas, como já apontamos seja da igreja ou ramos da ciência moderna como a medicina, a psiquiatria, a genética, pela psicologia e ainda pelos juristas e criminalistas o que, ao longo da história, tem lhe conferido caráter de pecado, doença, desvio ou crime.

Considere-se como Navarro-Swain (2000) que o eixo que sustenta a sociedade ocidental é justamente o eixo casamento monogâmico -família heterossexual - filhos, para se ter uma noção da opressão que atinge quem sai desse padrão.

Falamos extensamente sobre gênero e sua constituição histórico- social. A expressão dos papéis de gênero nem sempre corresponde ao que é socialmente esperado. Em outras palavras, “naturalizam-se” comportamentos atribuídos às mulheres e aos homens. Releva dizer que sexo e gênero estão intrinsecamente relacionados e são constituintes da identidade sexual. Todavia, a expressão dos papéis de gênero podem ser amplamente diversificada e nem sempre condiz com a orientação do desejo expressa pelos sujeitos o que leva à estigmatização, ao sexismo e à homofobia. Antes de prosseguir, passemos à definição destes termos.

Goffman, (1988: p.11) afirma que os gregos criaram o termo “*para se referirem a sinais corporais com os quais se procurava evidenciar alguma coisa de*

extraordinário ou mau sobre o status moral de quem o apresentava”. Se olharmos para história da homossexualidade, por exemplo, veremos que atributos que hora são valorizados, em outro momento é fortemente desvalorizado, pois a cultura permeia as noções sobre o que é socialmente aceito ou excluído (OLIVEIRA, 2002; CHAUI, 1984).

Moita (2003) traz os significados atribuídos à palavra Homofobia, termo criado por Smith (1971) e popularizado por Weinberg (1972), que significava em sua concepção original: pavor de ficar em espaços fechados com homossexuais. Posteriormente, em 1976, “*Lehne redefine-o, passando **homofobia** a significar um medo irracional ou intolerância relativamente à homossexualidade*” (LOGAN, 1996 apud MOITA, 2003: p. 97). A partir dessa noção de homofobia, desenvolveu-se o conceito de “*homofobia internalizada, entendida como a hostilidade de lésbicas, gays e bissexuais à sua própria homossexualidade*” (HEREK, 1996 apud MOITA, 2003: p. 102).

Moita (2003) afirma que se considera que todas as pessoas que fazem parte de grupos estigmatizados têm algum grau de homofobia internalizada, por não conseguirem escapar aos efeitos intrapsíquicos do estigma como culpa, ambivalência e auto-aversão. Tal sentimento de rejeição é descrito por ela, como freqüente, em pessoas negras, mulheres e outras minorias.

Moita (2003: p. 97) traz ainda o conceito de heterossexismo, “*proposto por Stephen Morin em 1977 e significando as crenças e atitudes que não atribuem o mesmo valor a estilos de vida entre pessoas do mesmo sexo e do sexo oposto*”. Ela prossegue dizendo que “*de uma forma geral, o termo é utilizado para referenciar o*

sistema ideológico que nega, denigre e estigmatiza qualquer forma de comportamento, identidade, relacionamento ou comunidade não heterossexual”.(Id. p. 97)

Voltemo-nos a alguns conceitos elementares para a compreensão de como se dão a constituição e expressão da identidade sexual, agora no que se refere à orientação afetivo-sexual, também chamada de orientação do desejo.

A orientação afetivo - sexual traduz a sensação interna de ter a capacidade para se relacionar amorosa ou sexualmente com alguém e refere-se ao mundo psicológico. Essa capacidade de relacionar-se pode ser de natureza homossexual, heterossexual ou bissexual e direcionará o papel afetivo-sexual que a pessoa desempenhará ou não no campo social, como conceitua Costa (1994).

Não se pode deixar de dizer que a homossexualidade, a heterossexualidade e a bissexualidade são orientações afetivo-sexuais distintas e que apresentam um amplo espectro de possibilidades de expressão. Em outras palavras, um heterossexual não é igual ao outro, assim como também não o são os homossexuais e bissexuais (corroborando o conceito de LOURO, 1997 sobre a expressão das masculinidades e feminilidades). Dessa forma, pode-se inferir que serão também variadas as formas de se relacionarem e de expressarem suas vivências, suas histórias de vida e também o modo de se constituírem como tal.

No que se refere à discriminação quanto aos papéis de gênero e à orientação afetivo-sexual tanto a mulher (heterossexual ou lésbica) quanto os homens (especialmente os homossexuais) sofrem com a estigmatização, que revela uma

rigidez de conceitos e percepções e uma desconsideração das contínuas transformações pelas quais tais constructos perpassam.

Tais processos de discriminação, exclusão e preconceito são muito evidentes em nosso país na fala de profissionais da saúde, educadores e políticos, motivando acaloradas discussões (freqüentemente tomadas a partir de posições acriticas, repletas de conceitos inconsistentes e nas concepções vigentes no senso-comum).

Importa retomar a definição de homossexualidade, em razão de ser esse o grupo que ora investigamos, bem como situar aos leitores as origens de suas (pré) concepções pelos diversos segmentos sociais.

O conceito de homossexualidade designa as pessoas que se relacionam afetiva e sexualmente com pessoas do mesmo sexo biológico (COSTA, 1994). Os termos homossexual e homossexualismo foram cunhados em 1869, pelo advogado e jornalista Karol Maria Kertbeny que utilizava o pseudônimo de Dr. Benkert e lutava para abolir o parágrafo 175 do Código Penal alemão que considerava as práticas sexuais entre homens como crime sujeito à prisão com trabalhos forçados como relata Mott (s.a, apud ALMEIDA NETO, 1999).

A palavra homossexualidade é uma junção do radical grego *homo* que significa *igual* e uma raiz latina *sexual*. No entanto, algumas pessoas atribuem, inadvertidamente, o radical “homo” de origem latina e que significa homem, definindo então a homossexualidade erroneamente como “sexo entre homens” como registra Almeida Neto (1999), deixando excluídas as mulheres.

O termo comumente mais utilizado para a homossexualidade feminina é lesbianismo. Tal nome deve-se à poetisa Safo, que viveu na ilha grega de Lesbos, em

fins do séc. VII a.c. e escrevia poemas que expressavam o amor entre mulheres (ALMEIDA NETO, 1999). O surgimento da palavra:

lésbica como sinônimo de homossexual feminina só aparece na literatura francesa por volta de 1842, e na inglesa em 1870; no Brasil ao menos desde 1894 o criminalista Viveiros de Castro introduziu o termo lésbica como sinônimo de invertida sexual' (...)", como relata Mott (1987: p. 43).

O dicionário Koogan-Houaiss (1998: p. 964) traz os seguintes significados:

- Lésbica (adj. e s.f.) diz-se de, ou mulher homossexual. O mesmo que lésbia".
- Lésbico (adj.) de Lesbos/ Diz-se do amor sexual de uma mulher a outra.
- Lesbianismo (S.m.) Homossexualismo entre mulheres. Safismo, Tribadismo.

Na enciclopédia Encarta (1999) em CD_ROOM (apud NAVARRO-SWAIN, 2000: p. 34) lésbica é definida como "*mulher homossexual, mulher-homem, mulher-macho. Chulo, Sapatão. Quanto ao adjetivo: Lésbico: Diz-se do amor sexual de uma mulher a outra.*"

Navarro-Swain (2000: p.34) aponta uma dificuldade em definir o termo e levanta alguns questionamentos:

Amor ou sexo, qual desses itens define o lesbianismo? Um dicionário retém a emoção, o outro não. Então, o que é ser lésbica? Um sentimento, uma emoção? Ou a prática de uma certa sexualidade? **Como criar uma identidade individual ou de grupo em torno de uma preferência sexual eventual ou sistemática? (grifos nossos)**

Um aspecto que gostaríamos de salientar é o caráter da preferência sexual que segundo a autora pode ser eventual ou sistemático. Essa necessidade de categorizar, rotular é típica do ser humano. Mas no que se refere aos sentimentos e sensações

quem deveria realizar tal classificação? Assim, alguém cuja vivência amorosa tenha sido predominantemente heterossexual e alguma vez tenha tido envolvimento sexual e/ou afetivo com alguém do mesmo sexo, como deveria ser chamado? E o que dizer de alguém que se diz bissexual, mas mantém relacionamento estável e duradouro com alguém do mesmo sexo ou do sexo oposto?

A autora prossegue afirmando que, na atualidade, quando se diz feminino e masculino faz-se alusão às práticas heterossexuais e reprodutivas. Mais uma vez, ela indaga:

como afirmar que a reprodução **sempre** ordenou o mundo, **sempre** conjugou as relações humanas e sexuais? Porque o prazer e o desejo estariam atrelados à perpetuação da espécie? Quem cortou as asas do amor e restringiu a expressão da emoção? (NAVARRO-SWAIN, 2000: p.35)

Pode-se perceber que na definição contida nos dicionários do termo sexual parece haver uma redução à genitalidade, ao coito e, é presente no senso comum a idéia de que homossexuais só pensa(ria)m em sexo, que te(ria)m o ato sexual como prioridade em suas vidas, sem no entanto (ao menos em tese) se preocupar com a reprodução (dada à impossibilidade biológica).

Ela chama a atenção para a questão do poder patriarcal e à definição do humano pelos preceitos morais e religiosos. E conclui:

de fato, a melhor maneira de assegurar uma dominação é se fazer amar e desejar pelos dominados: nesse caso, a heterossexualidade compulsória e a naturalização dos papéis fazem de uma relação assimétrica e hierárquica o espelho natural, do certo e do bom”. (NAVARRO-SWAIN, 2000: p.35)

Do ponto de vista do discurso religioso, a homossexualidade é vista, em uma grande parcela das vezes, como uma escolha, uma opção e, portanto, sujeita à

reversibilidade e que contraria os preceitos divinos, como é possível perceber nos dizeres apontados por Castilho (1989: p. 68 apud ALMEIDA NETO, 1999: p. 68)

Aos cristãos homossexuais praticantes cabe o arrependimento, que significa não somente reconhecer seu pecado, mas também deixá-lo. (Deixar a prática homossexual não depende da vocação ou de dom especial, é apenas uma questão de vontade)

É comum, ainda nos dias de hoje ouvirmos de profissionais da saúde e da educação, de alunos e, da população em geral, perguntas sobre as “causas” da homossexualidade. Indagam: “É doença? É genético? É sem-vergonhice?”. Por vezes, tais questões vêm em tom de chacota, de gozação o que denota as dúvidas e/ou desconhecimento presente em todas os níveis da população e como decorrência da apropriação inadequada dos novos conhecimentos (ainda inconclusivos) das diversas ciências.

Gostaríamos de ressaltar que não temos intenção de buscar tais possíveis causas, ao contrário, queremos compreender como a parentalidade é vivenciada e percebida por pais e mães homossexuais e seus/ suas parceiras.

Oliveira (2002), Green (2000), Almeida Neto (1999), Abdo (1997) Fry e MacRae (1985) são alguns dos autores que fazem referência às buscas por uma origem, supostamente única, para a homossexualidade. Relewa dizer que todos os estudos realizados até o momento são inconclusivos e contraditórios quanto à esta questão.

Especialmente em fins do século XIX, a homossexualidade passou a ser vista sob a ótica médico - patologizante segundo a qual é uma doença passível de cura. Para a psicologia, a homossexualidade foi, durante muito tempo considerada uma

perversão ou desvio de personalidade, conforme ressaltam Abdo (1997), Fry e MacRae (1985). Tal visão ainda encontra eco nas atitudes de vários profissionais da atualidade (médicos, psicólogos, educadores) e também religiosos de vários credos. Não é raro observar o encaminhamento de alunos aos psicólogos pelos educadores, quando apresentam algum tipo de conduta ou comportamento socialmente inadequados ao gênero a que pertencem. Quando indagados acerca do que esperam do psicólogo, tais educadores respondem que desejam que a pessoa deixe de emitir aquele comportamento e passe a se comportar como se espera que ele se comporte. Ou, em outras palavras, mude seu jeito de ser, ou adequem-no ao que é socialmente esperado para ele(a). Contudo, releva notar que os educadores parecem não considerar, em momento algum, a possibilidade de que os educandos possam ter uma orientação afetivo-sexual homossexual e, que, nesse caso, não mudarão sua essência nem serão “curados”, mas tão somente buscam aceitação e compreensão de sua condição. Ou ainda que o processo de constituição da identidade sexual não ocorre do mesmo modo para todos os indivíduos, isto é, alguns já terão certeza desde idades tenras de sua orientação afetivo-sexual, outros terão consciência de seus desejos e afetos só na adolescência ou mesmo em fases mais tardias. E ainda, frente a toda a diversidade de possibilidades de atuação de homens e mulheres em todos os campos, porque as crianças têm que ser dirigidas a modelos sociais de gênero, obsoletos em grande parte das vezes?

A escola, a família, a mídia, os profissionais da saúde, deveriam estar abertos a (re) conhecer a pluralidade e a diversidade sexuais existentes na contemporaneidade, atuando no sentido de promover o bem-estar e a saúde sexual, psíquica, social do ser humano na sua singularidade.

Convém ressaltar que a homossexualidade não é mais considerada doença desde a década de 80, quando foi retirada do CID – Código Internacional de Doenças (ABDO, 1997).

Em relação aos psicólogos, o Conselho Federal de Psicologia aprovou em 22.03.99 a resolução CFP n.º 01/99³ que estabelece normas na atuação para os psicólogos em relação à questão da orientação (afetivo) sexual, a qual preconiza que:

Art. 1.º - os psicólogos atuarão segundo os princípios éticos da profissão notadamente aqueles que disciplinam a não discriminação e a promoção e bem-estar das pessoas e da humanidade.

Art. 2.º - os psicólogos deverão contribuir, com seu conhecimento, para uma reflexão sobre o preconceito e o desaparecimento das discriminações e estigmatizações contra aqueles que apresentam comportamentos ou práticas homoeróticas.

Art. 3.º - os psicólogos não exercerão qualquer ação que favoreça a patologização de comportamentos ou práticas homoeróticas, nem adotarão ação coercitiva tendente a orientar homossexuais para tratamentos não solicitados.

Parágrafo único – os psicólogos não colaborarão com eventos e serviços que proponham tratamento e cura das *homossexualidades* (**grifo nosso**).

Art. 4.º - os psicólogos não se pronunciarão, nem participarão de pronunciamentos públicos, nos meios de comunicação de massa, de modo a reforçar preconceitos sociais existentes em relação aos homossexuais como portadores de qualquer desordem psíquica” (www.pol.org.br).

Destacamos a concepção pluralista da homossexualidade apresentada pelo CFP que caminha em direção às multiplicidades de expressão da orientação afetivo-

³ Tal resolução encontra-se no site http://www.pol.org.br/legislacao/leg_resolucoes1999.cfm

sexual e, conseqüentemente, vislumbramos a abertura para as novas famílias constituídas por ele(a)s.

Releva dizer, mais uma vez, que não intencionamos buscar as “causas” da(s) homossexualidade(s), mas tão somente compreender como se dão suas vivências da afetividade, conjugalidade, parentalidade.

Voltemos nosso olhar para a família ao longo da história para, em seguida, chegarmos às famílias na pós-modernidade, nas quais encontraremos as famílias constituídas por homossexuais com filhos.

1.4. A Família na História

Chauí (1984) tece algumas considerações sobre o conceito de família partindo da família romana cristianizada (das quais somos provenientes) e que podia ser definida como um conjunto de todas as pessoas (esposa, filhos, viúvas, escravos, clientes, ancestrais mortos), objetos e bens que estavam sob a autoridade do *pater familias* (que não era, necessariamente, o genitor ou pai). A família podia ser definida também como o conjunto de todos os descendentes de um ancestral comum, de todas as propriedades e todos os servidores do *pater familias*, significando estrutura de poder, pois o *pater familias*, além de participar de instituições públicas, possuía o poder de vida e morte sobre os membros do grupo familiar, regulava os

casamentos e alianças, e a autoridade e o prestígio estavam vinculados à sua antigüidade, aos seus feitos militares e às suas posses e, por último, a família significava a genealogia, os parentes próximos e os protegidos.

Os múltiplos tipos de família existentes, provenientes dos vários povos conquistados pelos romanos foram lentamente homogeneizados pela Igreja e, em consequência, a repressão, especialmente, às questões sexuais e morais, foram agregadas ao modo de ser das famílias.

Note-se que tais influências se fazem presentes ainda nos dias de hoje e a família se constitui num dos meios mais eficazes para a reprodução de valores, preconceitos, pressões e interditos advindos de uma herança repressiva, os quais são incorporados a todos os discursos sociais: médico, jurídico, religioso, educacional e psiquiátrico/psicológico como assinalam (SANTOS; BRUNS, 2000, BERNARDI, 1985, CHAUÍ, 1984, ARIÈS, 1981).

A família, tal como a concebemos, só foi consolidada no século XIX, como relata Ariès (1981), historiador francês. Até o século XVI, a família existia como linhagem, como instituição política e não como espaço doméstico. As casas não possuíam divisões e o dormitório era comum. Pais, filhos, criados dormiam juntos, nus ou seminus. Os jovens conviviam com a nudez, viam-se uns aos outros se vestirem, despirem-se, fazer sexo, o que certamente reforçava a preocupação da Igreja com a fornicção, incesto, masturbação, sodomia dentre outros (assim chamados) desvios de conduta. Neste contexto, a família era um grande espaço de sociabilidade no qual as relações entre pais, filhos, servos, amigos, vassalos,

confessores, eram hierarquizadas, fixas, bem delimitadas e comandadas pelo chefe de família.

A infância não existia e a criança era um adulto em miniatura. Nas escolas, não havia divisão de classes por idade, condição que a Igreja tratou de modificar em razão da perniciosa influência sexual dos mais velhos sobre os mais novos.

Chauí (1984), ao desvelar a história da família, mostra-nos que, com a consolidação da burguesia, nos séculos XVI e XVII, a linhagem passa a ser substituída pela família conjugal, as dependências das casas começam a ser repartidas, separando-se os lugares comuns e os privativos, os locais dos donos e dos servos, os quartos dos pais e dos filhos. Essa separação definitiva só se completará nos século XIX.

A idéia da infância, como fase da vida, inicia-se no século XVIII e o filósofo Rousseau em sua obra *Erasmó*, delimita as idades e o que é próprio de cada uma, bem como o que é próprio de cada sexo. Para os meninos, a preparação para assumir as responsabilidades sociais, o casamento e a paternidade são as mais importantes. Às meninas, cabem as instruções para o casamento, a maternidade, para que sejam firmes e modestas, submissas e, ao mesmo tempo, que orientem o marido em tudo o que se refere à sensibilidade (CHAUÍ, 1984).

Observe-se que esses modelos estão fortemente presentes, ainda hoje, embora já se note questionamentos e uma quebra dessa hegemonia.

Desse modo, elaborou-se a imagem da família romântica e idílica do século XVI ao XIX, na qual se deu uma supervalorização da prole numerosa, considerada bênção divina, acarretando para a classe dominante a necessidade de divisão do

patrimônio. Para isso, a solução encontrada foi, então, deixar a herança ao primogênito, restando aos demais procurar uma rica primogênita ou entrar para a vida religiosa. Essa ambigüidade estimulou o controle da natalidade por meios de métodos anticoncepcionais, condenados por uma parcela da Igreja ainda nos dias de hoje (CHAUÍ, 1984).

Entende-se por família conjugal, a família hierarquicamente composta pelo grupo de parentesco, unido por livre escolha e no amor (casamento moderno), constituído pelo casal e que pode abrigar outros agregados. Essa noção de família desenvolveu-se juntamente com os processos de modernização e industrialização e caracteriza-se pela divisão sexual de trabalho, nas esferas públicas ou privadas, segundo o gênero.

Uziel (2002: p. 8) afirma que

Ao tentar definir família, freqüentemente, segundo Bourdieu (1993: p. 32), apela-se para algo que se assemelha a uma descrição, mas que, na verdade, constrói a realidade social. Nesta definição, família é um conjunto de indivíduos aparentemente ligados entre si, seja pela aliança (o casamento), seja pela filiação, mais excepcionalmente pela adoção (parentesco) e vivendo sob o mesmo teto (coabitação).

Nessa divisão, a mulher foi excluída da esfera pública por meio da dicotomia entre o público e o privado, sendo seu lugar o de esposa ou filha. Para corroborar tal processo, no século XIX, nasce o discurso médico, cujo fundamento ‘científico’ definia as naturezas feminina e masculina como diferentes e desiguais, legitimando, mais uma vez, a segregação das mulheres do mundo público. (NAVARRO-SWAIN, 2000; SOUZA; BALDWIN, 2000; VAITSMAN, 1994, CHAUÍ, 1984).

Difundiram-se os discursos científico, jurídico, popular, de que a mulher era fisicamente frágil, delicada, submissa e afetiva enquanto o homem era fisicamente forte, dominante, vigoroso e intelectual, como destacam Navarro-Swain, (2000); Souza; Baldwin, (2000), Vaitsman (1994). Dessa maneira, a mulher se realizaria, por sua natureza, como mãe e esposa devotada e a realização masculina se daria por meio da paternidade e pela responsabilidade de prover material e moralmente a família.

Perrot (1993 apud UZIEL, 2002: p. 10) assinala as modificações na família ao longo dos anos em que “*o casamento arranjado foi substituído pelo amor romântico e a família instituía-se como um ninho: refúgio caloroso, proteção contra agressão externa*”.

A família, segundo a concepção que se formava, enfatizava a privacidade, centrava-se nos filhos, na concepção do amor moderno e materno, na mulher rainha do lar e no pai provedor financeiro. Esse conceito de família burguesa instalou-se na Europa a partir do século XVIII e nos Estados Unidos e no Brasil, a partir do século XIX (VAITSMAN, 1994). E é nesse contexto que começa a delinear-se a desvalorização feminina e, conseqüentemente, a desigualdade entre os gêneros.

Bourdieu (1993: p.34 apud UZIEL, 2002: p. 8-9) assinala que “*A família é constituída como entidade unida, integrada, unitária, estável, constante, indiferente à flutuação dos sentimentos individuais*”.

Uziel (2002) destaca que:

Há um trabalho simbólico capaz de transformar o que poderia ser obrigação de amar em disposição para tal, dotando cada membro do grupo de generosidade, solidariedade, capacidade de doação, de ajuda. O sentimento

familiar precisa ser constantemente re-investido para que esta ficção possa se perpetuar é necessária uma adesão à existência deste grupo.

A autora recorre novamente a Bourdieu (1993 apud UZIEL, 2002) para quem para que esta realidade que denominamos família seja possível, faz-se necessário reunir condições sociais que não são uniformemente distribuídas e nem tampouco universais, ainda que a naturalização as faça parecer óbvias.

Uziel (2002: p.10) acrescenta que as alterações ocorridas na família foram além da inclusão da *“educação doméstica e a escola para as crianças, a emancipação da mulher e o isolamento estrutural da família nuclear em relação ao sistema de parentesco mais amplo ao menos nas camadas médias”*.

A família, conforme vimos tratando até aqui é o espaço no qual as relações afetivo-sexuais entre os casais, em grande parte das vezes, resulta em filhos, razão pela qual dizemos que ela é, também, agente de reprodução biológica.

Esta família cristã, idealizada sob os pilares do casamento indissolúvel e a procriação, estabeleceu a visão sacralizada da família e também a idéia de que a mulher se completa na maternidade e o homem na paternidade, instalando, desse modo, o preconceito contra pessoas estéreis, portadores de necessidades especiais e homossexuais devido à impossibilidade biológica de reproduzir-se.

Fato que demarca mais uma vez a “naturalização” dos papéis sexuais, tendo como referência o modelo masculino heterossexual em que prevalece a dicotomia dos papéis públicos e privados, no qual o primeiro é mais valorizado socialmente que o segundo, revelando uma estrutura sociológica, histórica e hierárquica e que se

tornou padrão dominante entre a classe média até meados dos anos 60, como ressaltam Navarro-Swain, (2000); Vaitsman (1994).

Ariès (1981) aponta que, após a Segunda Guerra mundial, houve uma maior valorização do espaço público em detrimento do privado realçando ainda mais a dicotomia do papel feminino e masculino entendidos respectivamente como privados e públicos, menos importantes e mais importantes. No século XX ainda segundo esse autor as estruturas familiares passa(ra)m por profundas transformações que se estendem até os dias atuais.

A partir da década de 60, com uma maior inserção da mulher no mercado de trabalho, em atividades científicas, educacionais, políticas e culturais, assim como a expansão das classes médias urbanas, as bases da família conjugal moderna começaram a ruir. Todas essas alterações, aliadas a uma mudança nas aspirações femininas que se ampliaram em face das múltiplas possibilidades de atuação, criaram as condições para que as relações de gênero se redefinissem (VAITSMAN, 1994).

Essa autora afirma que “*a família moderna vem desaparecendo, substituída por relações com novos conteúdos e institucionalizando-se sob novas formas*” (Id.: p.18).

O que caracteriza a família e o casamento pós-modernos é justamente a inexistência de um modelo dominante.

Vaitsman (1994) destaca um aspecto interessante sobre a concepção de igualdade, a qual se faz com base em uma essência universal dos indivíduos donos de seu próprio corpo e de seu trabalho. Tal concepção não envolve(u) as mulheres no decorrer da história, uma vez que não detinham o controle nem de seu corpo (o que

ocorreu apenas recentemente com o surgimento dos métodos contraceptivos) nem de seu trabalho, em razão de este realizar-se no interior do lar e, portanto, desvalorizado e considerado improdutivo. Evidentemente, essa desvalorização do trabalho feminino ocorre em outras instâncias e são motivos de frustração e insatisfação para muitas mulheres trabalhadoras.

Assim, pode-se afirmar que a família conjugal moderna passa hoje por um período de transição, em razão dos avanços tecnológicos, com uma velocidade nunca antes vista e que certamente promove transformações na estrutura familiar e, conseqüentemente, na educação dos filhos. Diversas mudanças se fazem sentir como: uma maior liberdade sexual para ambos os sexos; a possibilidade de os filhos ensinarem os pais (o uso do computador e a Internet, por exemplo); a maior igualdade entre os cônjuges, o que permite colocar em discussão os papéis sexuais e a inserção da mulher no mercado de trabalho; o crescimento das cidades, (diminuindo o convívio dos integrantes da família).

De Singly (1999 apud Uziel, 2002: p. 13) afirma que:

a família contemporânea modificou suas funções sociais: substituiu em parte a função de transmissão moral por uma função de construção identitária. O conteúdo moral cedeu lugar a uma atenção à personalidade de cada um, passou-se do registro moral ao registro psicológico. A regulação normativa toma uma nova forma, mais relacional.

Tal construção identitária perpassa pela construção relacional de gênero e pelas novas configurações familiares existentes, o que corrobora os dizeres de Uziel (2002: p.13) ao considerar que “*Na família contemporânea, papéis definidos são criticados, há a necessidade de reconhecimento da raridade de cada um*”. Para ela:

A novidade que a família do final do século XIX e início do XX engendra é a priorização do sentimento, a exigência afetiva e sexual, a realização pessoal através da relação conjugal. Na metade do século XX, o novo modelo baseado no ideal conjugal, no isolamento da família, a complementaridade entre os papéis feminino e masculino parecia ter chegado a um equilíbrio. Nesse contexto, a criança ocupa uma posição central e passa a ser objeto de investimento afetivo não apenas dos familiares, mas recebe cuidados de especialistas. São dessa época algumas das leis sobre os direitos das crianças. (UZIEL, 2002: p.13-14)

A família constitui-se num espaço privado, doméstico, no qual os valores, os papéis de gênero, a constituição de gênero e também os pré-conceitos, as interdições e os tabus são instaurados, construídos, reafirmados ou refutados. Diante de tudo isso, nem sempre a qualidade das relações intrafamiliares permite que seus integrantes tenham um diálogo franco e aberto, e a repressão sexual se instala em grande parte das vezes, o que pode (e freqüentemente, é isso mesmo que ocorre) estabelecer estigmas, dificuldades relacionais e vivenciais, quando quaisquer transgressões às normas previamente estabelecidas ocorre. Assim, gestações inoportunas, casamento e uniões inter-raciais, inter-geracionais, entre estratos sócio-econômicos distintos ou relações homossexuais podem ser geradores de estresse a todos os membros envolvidos.

Nos dizeres de Chauí (1984: p. 137) “*a união sacrossanta que se estabelece entre família, nação, estado tradição e moral torna sua capacidade sexualmente repressiva quase indestrutível*”.

Segundo Uziel (2002: p.14)

As configurações familiares contemporâneas são marcadas por uma entrada na vida conjugal tardia, aumento de divórcios – logo, uma duração mais curta dos casamentos – famílias recompostas, crianças nascidas fora do casamento, enfim, constituem-se por um conjunto de minorias (de Singly, 1996). Essa

apreciação pode ter significados que vão desde uma postura melancólica, ressentida, que lastima o formato anterior perdido, até o deslumbramento com a diversidade que hoje a família apresenta. O convívio cotidiano parece contar mais do que as definições abstratas das relações ou perpetuação de determinado grupo, impressão que contribui para a inclusão de diferentes arranjos na definição de família.

Ressalte-se também que as múltiplas possibilidades de ocorrências familiares, em geral, não são mostradas e, quando o são, quase sempre perpetuam estereótipos, modelos únicos apresentados como infalíveis em que há uma idealização dos relacionamentos intra e extrafamiliares.

Novos modelos familiares estão surgindo em que casais heterossexuais optam por não ter filhos ao passo que casais homossexuais, pessoas sozinhas e/ ou solteiras, pessoas em idades mais avançadas optam por tê-los, o número de filhos diminui, o número de divórcios aumenta assim como os novos casamentos ocorrem, dentre outros.

Todavia, parece haver uma “tolerância silenciosa” frente à possibilidade de mulheres- lésbicas terem filhos. Possivelmente a visão que se tem das lésbicas é que, embora sejam homossexuais, são mulheres e, por “vocação” ou por sua “natureza”, mães, o que faz com o olhar punitivo/ repressivo sobre elas, caso tenham filhos, seja mais brando.

Aos homens homossexuais, o preconceito é duplo: pelo fato de serem “menos homens”, menos viris afastando-se do modelo masculino heterossexual e, por uma idéia de submissão masculina, que os coloca em pé de igualdade (e, portanto, numa posição inferior, desqualificada) com as mulheres.

Assim, diante do percurso explicitado até aqui, traçaremos a partir de agora, um panorama sobre os múltiplos tipos familiares existentes na atualidade bem como os caminhos que levam à sua formação.

1.5. O Ciclo Vital da Família

A(s) família(s) conforme já dissemos, estrutura(m)-se de maneira complexa, heterogênea e uma não é igual à outra. A perspectiva ou abordagem sistêmica permite - nos ter uma idéia das interações possíveis entre seus membros e desses com a sociedade.

Buscamos nessa abordagem, elementos que nos propiciem a compreensão dessa organização que sofre alterações contínuas e que podem gerar estresse, levando a uma (re)adaptação de seus membros. Relvas (2000) em seu livro *O Ciclo Vital da Família* aponta alguns aspectos interessantes para o entendimento dos diversos subsistemas que compõem a estrutura familiar.

Tais subsistemas, nos dizeres desta autora, resultam de interações particulares dos indivíduos, dos papéis desempenhados e os estatutos ocupados, relacionam-se com finalidades e objetivos comuns e com as normas transacionais construídas progressivamente. Podem ser sucintamente divididos em:

- Individual - refere-se ao indivíduo e seu envolvimento no sistema familiar e além dele, em funções que desempenha em outros sistemas e papéis que interagem com seu desempenho pessoal e interfere, por conseguinte na posição familiar;
- Parental - os indivíduos apresentam funções executivas, tendo por responsabilidade cuidar, proteger e educar as gerações mais novas. Em geral, é constituído pelos pais;
- Conjugal - engloba o casal, marido e mulher (ou, conforme poderíamos considerar aqui a parceria homossexual);
- Fraternal - constituído pelos irmãos e irmãs e suas relações de fratria, ou ao estabelecimento de relações entre iguais.

A autora ressalta a complexidade e as alterações decorrentes das interações, expectativas e modificações em cada um desses subsistemas e acrescenta mais um conceito de família, dessa vez, o de Gameiro (1992 apud RELVAS, 2000: p.11) que diz:

a família é uma rede complexa de relações e emoções que não são passíveis de ser pensadas com os instrumentos criados para o estudo de indivíduos isolados (...) A simples descrição de uma família não serve para transmitir a riqueza e complexidade relacional desta estrutura.

Nessa perspectiva, a família é vista como um todo e é una e única, embora mantenha parte de outros sistemas nos quais se integra (comunidade, sociedade, trabalho, etc.) e também contenha outras totalidades menores (o indivíduo é a menor) que constituem parte do grupo total: os subsistemas. Desse modo, pode-se afirmar que a teia familiar é complexa e, a formação do casal, o planejamento e a chegada de

um filho, a compatibilização de interesses mútuos e expectativas podem alterar essas interações.

O resultado vai depender de como cada mudança é percebida, dialogada, trabalhada. Como a autora, também concordamos que a família e seu desenvolvimento reportam-se a mudanças como grupo, bem como a transformações em nível individual de seus membros em três planos: funcional, interacional e estrutural. (Id.)

Relvas (2000: p. 16) define o ciclo de vital da família como “*uma seqüência previsível de transformações na organização familiar, em função do cumprimento de tarefas bem definidas*”.

Ela ressalta que tais transformações estão além das tarefas desenvolvimentais da família e de características individuais de cada componente e relacionam-se também com pressões sociais para que ocorra o desempenho adequado para a manutenção funcional do sistema- família. Um exemplo disso é a concretização dos papéis parentais que buscam atender às necessidades dos filhos, mas também tentam responder positivamente às pressões sociais e expectativas atribuídas aos pais, como educadores.

Destacamos alguns aspectos que consideramos relevantes tais como as funções da família “*o desenvolvimento e proteção dos membros (função interna) e sua socialização, adequação e transmissão de determinada cultura (função externa)*” (RELVAS 2000: p. 17).

Assim, a família tem duas tarefas básicas para resolver: *“a criação de um sentimento de pertença ao grupo e a individualização/ autonomização dos seus elementos”* (Id. p.17).

Relvas (2000) sinaliza os caminhos, estádios ou marcos que caracterizam as etapas pelas quais passam a família e que comporta duas interfaces: indivíduo/ grupo familiar e família/ meio sócio-cultural. Os estudos de Erick Erickson acerca do ciclo vital do indivíduo e suas características, próprias de cada fase, contribuíram para o entendimento do ciclo de vida familiar. A autora assinala os estudos de HILL; RODGERS (1984, apud RELVAS, 2000) que mostram três critérios sinalizadores do ciclo de vida da família, a saber: *“alterações do número de elementos que a compõem, alterações etárias, alterações do estatuto ocupacional dos elementos encarregados do sustento/ suporte familiar”* (RELVAS, 2000: p. 19).

A autora apresenta as proposições para o ciclo vital da família, de autores como MacGoldbrick; Carter (1982), Hill; Rodgers (1984) e Minuchin; Fishman (apud RELVAS, 2000) dos quais ela segue o modelo de fases semelhante ao desses últimos e que reproduzimos a seguir:

1ª etapa - Formação do casal

2ª etapa - Família com filhos pequenos

3ª etapa - Família com filhos na escola

4ª etapa - Família com filhos adolescentes

5ª etapa - Família com filhos adultos (empty-nest) (RELVAS, 2000: p. 21).

Destacamos dois pontos abordados pela autora. O primeiro, já apresentado por nós anteriormente, refere-se à tipificação recente da família nuclear tal qual a conhecemos (com a idéia de infância advinda do século XVIII, a adolescência no séc. seguinte e o jovem adulto independente no séc. XX, autonomia da mulher, caracterização do idoso/ velhice) evidencia que estes modelos são relativos no tempo e no contexto no qual se inserem e revelam a mobilidade de valores, funções e a própria estrutura familiar.

O segundo aspecto diz respeito à inexistência de uma linearidade das etapas da vida familiar. Etapas sobrepõem-se, conflitos podem ser mais ou menos persistentes (parentalidade, p.ex., é tarefa presente ao longo de todo o tempo de vida da família) e as famílias (como grupo ou na pessoa de cada um de seus componentes) podem resolver seus conflitos ou não, promovendo alterações e reestruturações na dinâmica familiar, o que só reforça o caráter único de cada família.

Achamos importante situar o leitor dessas etapas, uma vez que na constituição das polimorfias familiares (incluindo as famílias homossexuais) esses estádios podem nos auxiliar em sua compreensão. Falaremos brevemente de cada uma dessas etapas do desenvolvimento familiar, para, em seguida passarmos às variações em torno do ciclo vital da família (a saber: famílias reconstituídas, monoparentais, adotivas, de homossexuais e comunitárias).

Passemos então, a expor como se dá a formação do casal, que irá compor e caracterizar a família nuclear que predomina em número e é ainda, em geral, o modelo para a constituição da família atual.

No Brasil, assim como em outros países, nota-se a diminuição do número de famílias nucleares, concomitante ao aumento de novas uniões provindas de separações e divórcios, de casamentos ou uniões de fato tardios, casamentos entre pessoas de gerações distintas, uniões homossexuais. Estas últimas, embora ainda não sejam reconhecidas legalmente no Brasil, começam a ter visibilidade no cenário mundial (a ponto de serem legalmente reconhecidas em países europeus como Suécia e Holanda, em alguns estados americanos e também no Canadá como aponta ROUDINESCO, 2003).

As famílias nucleares podem ser definidas como “*um conjunto de elementos que, vivendo sob o mesmo tecto, estão unidos por laços biológicos e afectivos e que realizam actividades em comum*” (ALARCÃO, 2002: p. 48) e podemos dizer que se inicia na escolha do parceiro(a) com o(a) qual se deseja estabelecer um projeto de vida em comum o que caracteriza a primeira etapa do ciclo vital.

Tal processo de formação do casal perpassa por inúmeros aspectos conscientes e inconscientes de escolha, os quais se ligam a vivências familiares e que implicam uma série de reelaborações individuais e relacionais, reorganização da convivência, perda da individualidade e ganho do sentimento de pertença e complementaridade, sem abrir mão de si mesmo.

Relvas (2000: p. 51) reforça que o casal “*surge quando dois indivíduos se comprometem numa relação que se prolongue no tempo*”.

A autora faz uma observação genial sobre a própria definição de casal, que segundo ela não é muito clara, em razão da variabilidade que pode apresentar. Não obstante ser facilmente reconhecível, tal estrutura é de difícil descrição, e acrescenta:

pretende-se associá-la ao casamento, mas ela estende-se a todas as uniões sem papéis... pretende-se ligá-la ao sexo (ao gênero), mas, ela integra as ligações homossexuais... pretende-se defini-la pela duração ilimitada da relação, mas, vejam-se os ‘contratos’ de suspensão limitada da vivência a dois como hipótese encontrada pelo par para ‘salvar’ o casamento... pretende-se restringi-la a dois (ao número), mas, vejam-se os casais que com o objectivo anterior se envolvem em relações ‘experimentais’ com outros parceiros... (RELVAS, 2000: p. 51)

No processo de formação do casal que compõe a família nuclear, teremos as impressões (objetivas e subjetivas) oriundas da(s) família (s) de origem ou família extensa de que ambos fazem parte. Romanelli (1995) acrescenta que esse tipo de família tradicionalmente tem como atributos básicos: a dominância masculina exercida em uma estrutura hierarquizada de poder e autoridade, a divisão sexual do trabalho, a presença de vínculos afetivos entre marido e mulher, entre pais e filhos, o controle da sexualidade e a dupla moral sexual.

Alarcão (2002) destaca que, no processo de formação da família nuclear há a necessidade de separação e autonomia em relação à família de origem, mas, com o aumento da expectativa de vida, acaba por ocorrer o estabelecimento de interdependência entre as diversas gerações.

Uma das questões emergentes no contexto da pós-modernidade, marcada pelo individualismo e autonomia é a dificuldade de equacionar as diversas necessidades relativas que temos dos outros (ALARCÃO, 2002). Destarte, compatibilizar anseios da família nuclear com o da(s) família(s) de origem de cada um, com vistas a oferecer um suporte e tecer apoio à rede familiar, pode também ser fonte de estresse face às exigências cotidianas.

Outro aspecto reflete a importância do subsistema conjugal, esteio da relação que se estabelece entre os cônjuges. Esse subsistema, ou início de vida conjugal é um prolongamento mais ou menos longo do período de amor e atração sexual característicos da fase de namoro. A formação do vínculo conjugal deve permitir aos cônjuges a criação de uma identidade própria e uma base segura, o que remete a uma articulação entre individualidade e totalidade, e também a uma diferenciação do indivíduo de sua família de origem e de outros sistemas.

Como apontam Navarro-Swain (2000); Chauí (1984), Ariès (1981) o modelo de família nuclear, constituído por um homem e uma mulher, heterossexuais, baseia-se na concepção cristianizada ocidental do casamento monogâmico, indissolúvel, com a escolha pública e a anuência dos sujeitos na definição de seus futuros cônjuges e a máxima realização: o nascimento dos filhos, concretizando e legitimando o eixo família-heterossexual-fecunda.

1.6. Da Conjugalidade à Parentalidade: papéis de pai e mãe.

O desejo, o planejamento e a chegada de um filho(a) marcam uma importante transição no ciclo vital familiar, caracterizando a 2ª etapa (RELVAS, 2002). Muitos casais relutam em mudar de estágio, face aos medos que acompanham essa fase: medo de perder espaço na relação conjugal, limitação de lazes, aumento da

responsabilidade, alterações na relação afetivo-sexual com o (a) parceiro(a). Tudo isso pode ocorrer ou não, provocando maior ou menor impacto em função do modo como o casal lida com essas transformações.

Alarcão (2002) destaca que a chegada de uma criança ou bebê faz emergir um novo subsistema: o parental, que acarreta novas funções, tarefas e uma série de reorganizações relacionais intra e extra-familiares, assim como inter-sistêmica. Tais alterações levam a (re) definições de papéis e a um ajuste dos subsistemas conjugal e parental.

A autora sublinha que a conjugalidade não pode (e não é) anulada, nem ocultada pela parentalidade e, ambas necessitam ser articuladas. Cada uma tem seu ciclo de vida e a função parental é muito exigente. Um outro ponto destacado é que a conjugalidade é muito vulnerável e pode ser mantida ou prolongada além do tempo ativo de parentalidade ou não, de acordo com a vontade dos cônjuges. A parentalidade, ao contrário é por toda a vida.

Pode-se afirmar que, embora a convivência parental-conjugal seja rica, não é fácil, pois a conjugalidade é, freqüentemente, atravessada real ou imaginariamente por outras relações familiares que podem tolher a intimidade criada por essa relação (ALARCÃO, 2002).

Na terceira etapa do ciclo vital da família os filhos passam a ir à escola, creche ou jardim de infância. Também essa “novidade” para todos os membros envolvidos, altera a estrutura familiar. Alarcão (2002), afirma que muitos pais têm antecipado a entrada das crianças no universo escolar, em razão das crescentes exigências cotidianas para ambos os cônjuges.

No Brasil, assim como em outros países, em razão de um significativo aumento de famílias chefiadas por mulheres, da saída da mulher para o mercado de trabalho, a baixa remuneração que leva o casal a trabalhar fora de casa, o desejo e concretização de carreiras femininas, dentre outros fatores, direciona as crianças precocemente para que sejam inseridas em creches ou escolas, muito antes da idade escolar.

A quarta etapa (marcada pela entrada dos filhos na adolescência) assim como a quinta etapa (caracterizada pelos filhos adultos), como as anteriores, também traz importantes e igualmente necessárias (re)formulações da família, tanto no que se refere ao casal, quanto à parentalidade e à reorganização dos diversos subsistemas.

1.7. Novas Formas de Família: variações em torno do ciclo vital

Configurações familiares distintas da família nuclear (que ainda é tomada como referência), aparecem na atualidade.

Alarcão (2002) enumera diversos tipos de famílias existentes em Portugal (e que também ocorrem no Brasil e no mundo), a saber: famílias monoparentais, reconstituídas, adotivas, famílias de homossexuais e comunitárias. Tais formas familiares são, hoje, uma realidade que não pode mais ser menosprezada.

Essas novas formas de famílias podem ser entendidas como:

um conjunto diversificado de configurações familiares distintas da família nuclear tradicional e da família de três gerações. Embora muitas dessas experiências familiares, senão mesmo todas, tenham surgido já no passado e, por vezes, num passado por vezes até longínquo, a sua existência como configuração familiar social e legalmente aceite é relativamente recente (ALARCÃO, 2002: p. 204).

A autora ressalta que o tempo relativamente recente de estudos acerca dessas “novas formas de família” e o fato de que elas seguem, em muitos aspectos, os passos da família nuclear, não permitem ainda comparações com este tipo familiar ou mesmo entre elas. Estas famílias apresentam particularidades que vão além das singularidades que cada uma delas possa ter.

Possivelmente em alguns anos outros desenhos familiares venham a surgir, uma vez que a própria O.M.S. amplia a visão o conceito de família ao dizer que ele:

não pode ser limitado a laços de sangue, casamento, parceria sexual ou adoção. Qualquer grupo cujas ligações sejam baseadas na confiança, suporte mútuo e um desejo comum deve ser encarado como família. (ALARCÃO, 2002: p. 204)

Desse modo, justifica-se falar sobre elas embora, neste estudo, não tenhamos a intenção de comparar as múltiplas possibilidades de constituição familiar. Passemos então a descrever, sucintamente, essas famílias.

Famílias reconstituídas ou famílias - mosaico originam-se de novas uniões e, atualmente são cada vez mais frequentes, em decorrência de divórcios ou viuvez. Tais configurações podem colocar em contato filhos de uniões anteriores de um ou ambos os cônjuges com filhos da união atual.

Como se pode pressupor essa situação provoca reestruturações na organização familiar uma vez que não se podem negar as diferentes etapas do ciclo

vital em que cada componente se encontra e o passado que todos têm o que gera a necessidade de criar novas regras e tecer outros padrões transacionais (ALARCÃO, 2002).

Alarcão (2002) assinala que, em geral, a família se inicia pela formação do casal e nesse caso, há também a presença dos filhos e, em alguns casos, de um subsistema fraternal especial. Segundo ela, o novo casal (subsistema conjugal) em constante interação com os filhos (subsistema parental) defronta-se com quatro tipos de dificuldades adicionais:

1. Idealização da nova relação, que pode gerar dificuldades de comunicação verdadeira e a superestimar sensações frente a conflitos, interpretando divergências como ameaça ao casal e à família. O casal necessita *“aprender a negociar suas diferenças sob o olhar atento dele próprio, dos filhos (seus e do parceiro), das famílias de origem (frequentemente incluindo a do ex- cônjuge) e, muitas vezes, do olhar indirecto do(s) ex- parceiro(s).”* Alarcão (2002: p. 208-209). Há uma cobrança em ser melhor que o anterior, que também pode ser um obstáculo à solidificação da nova relação. Em caso de viuvez, a presença e a idealização do passado podem tornar muito difícil a vida do novo cônjuge. Daí a necessidade de diálogo entre o casal acerca de suas facilidades e dificuldades na relação.
2. É frequente que os filhos de ambos os parceiros estejam em idade escolar ou mesmo na adolescência. A demanda que filhos nessa idade ocasionam para o casal faz com que eles tenham que se abrir ao exterior,

ao mesmo tempo em que necessitam centrar-se em si mesmos. A pressão para que tudo corra bem na relação parental, faz com que, por vezes, o casal deixe de preservar o espaço conjugal. Se não forem gerenciadas a contento as relações entre a mãe e seus filhos e do pai e seus filhos, o casal pode perder espaço e corre o risco de nem mesmo constituir-se.

3. Um outro ponto destacado é a necessidade de construir novos padrões de relação e regras para o funcionamento familiar. As memórias que cada elemento das vivências anteriores não foram de todo más, e o presente não é de todo bom. Muitas vezes, há uma tendência de supervalorizar o negativo da relação atual e envenená-la com comparações que emperram o estabelecimento da comunicação.

4. Dificuldades que o novo par têm acerca da parentalidade referem-se à integração dos modelos de parentalidade da infância e os modelos que cada um co-construiu com seu ex-parceiro aliadas à lealdade dos filhos ao progenitor ausente e à forma crítica como as mudanças são vividas. Tudo isso leva à necessidade que o padrasto e a madrasta têm de compreender que o tempo é seu melhor aliado e que o amor não ocorre instantaneamente. A autora cita Gameiro (1999: 62-63 apud ALARCÃO, 2002: p. 211):

um dos mitos mais freqüentes é o do amor instantâneo. (...) Esse amor, se algum dia existir, é fruto de uma longa relação, construída lentamente. O padrasto/ madrasta que começa a viver com os seus enteados deve resistir à tentação de ter, inicialmente, um papel activo face a eles (...) Nesta fase inicial, o papel parental deve ser desenvolvido através da figura parental biológico(a) e o padrasto/ madrasta deve estar preparado (a) para ser um precioso (a) auxiliar, sem interferir directamente na relação educativa. Com o

tempo, e em função da idade dos enteados e da posição dos pais biológicos, o seu papel pode vir a se tornar mais activo.

As famílias monoparentais referem-se àquelas em que a geração dos pais é representada por apenas um único elemento. Tais famílias, em geral, se constituem após o abandono do lar por um dos progenitores ou divórcios e o que fica não volta estabelecer uma união estável ou porque a pessoa solteira ou separada fica com o(s) filho(s) ou adota uma criança (ALARCÃO, 2002).

Nesse tipo de família são relatadas dificuldades em três níveis:

1. No plano conjugal, a ausência do cônjuge faz perder ou nem chega a se constituir o vínculo conjugal. Esta situação não permite que se estabeleça o sentimento de pertença, não possibilita a distensão e o suporte emocional para a resolução de certos problemas.
2. Em termos de parentalidade, as dificuldades ocorrem em razão de não terem com quem partilhar tarefas e responsabilidades.
3. Dificuldades identificatórias em decorrência da ausência da figura de um dos progenitores (frequentemente o pai), o filho do mesmo sexo teria mais dificuldade em edificar sua identidade devido à falta de um modelo. E para alguns autores esse impacto seria maior em crianças com menos de cinco anos (BIRREN et al apud ALARCÃO, 2002).

Em relação a essa questão da identificação e no que se refere a famílias monoparentais com filhos biológicos ou adotivos, nucleares igualmente com filhos biológicos ou adotivos, cujos membros conjugais sejam homossexuais esse parece

ser um dos pontos mais controversos, e que, por vezes, serve de base aos discursos contrários às famílias homossexuais.

Pensamos a esse respeito que são múltiplas as variáveis em torno da constituição da identidade e da identificação que as crianças têm em seu processo formativo. Com a entrada dos meios de comunicação (em especial a televisão), a inserção das crianças em idade cada vez mais tenras em creches ou escolas, antecipando seu processo de socialização, não é de se estranhar que ela tenha muitos e distintos modelos de masculinidade e feminilidade. E hoje, conforme já dissemos anteriormente, as famílias monoparentais, reconstituídas e adotivas com os pares homo, hetero ou bissexuais já são numericamente significativas.

Passemos então, às famílias adotivas, constituídas por pessoas que acolhem crianças e adolescentes, sem vínculos biológicos por intermédio de laços afetivos e legais. Weber (2003 a e b) destaca diversos conceitos de adoção ao longo da história e que tem acentuado a distinção entre filhos biológicos e adotivos, chegando ao senso comum uma visão distorcida, segundo a qual os segundos teriam uma categoria inferior aos primeiros, por inexistirem “os laços de sangue”.

Elegemos duas das definições jurídicas (dada a escassez de definições da psicologia) apresentadas por ela a fim de situar o leitor e sugerimos uma consulta às obras da autora. Marmitt (1993 apud WEBER, 2003b: p. 22-23) define a adoção como:

Um ato jurídico bilateral, solene e complexo. Através dela cria-se relações análogas ou idênticas aquelas decorrentes da filiação legítima, um *status* semelhante ou igual entre filho biológico e adotivo. Os laços de filiação e paternidade são estabelecidos pela vontade dos particulares, das pessoas entre as quais esta relação inexistia naturalmente. Não se trata de um mero contrato,

mas de um ato jurídico, de um ato - condição, que transforma a situação do adotado, tornando-o filho de quem não é seu pai, com toda a garantia de direitos e deveres que tal ato gera, e cujos efeitos decorrem da lei, não das partes, que não poderão alterá-los. Pelo relevante conteúdo humano e social que encerra, a adoção, muitas vezes, é um verdadeiro ato de amor. Além de seu caráter acentuadamente humanitário, a adoção também faz florescer os sentimentos sublimes da generosidade, da afeição e da benemerência, eis que veste alguém com o estado de filho com todas as vantagens decorrentes.

Para Robert (1989, apud WEBER, 2003b: p.23) “*a adoção é a criação jurídica de um laço de filiação entre duas pessoas*” e prossegue destacando a importância de cada uma das palavras dessa definição: “*é a **criação**, através da **esfera jurídica**, e **filiação***” (grifos da autora). Ainda segundo ela:

A adoção é uma **realidade biológica** e, ao mesmo tempo uma **realidade social**, que está marcada pelo sobrenome. O sobrenome é a indicação e o reconhecimento social de que pertencemos a uma família. O nome é dado, mas o sobrenome é transmitido. Da mesma forma, a adoção está inserida numa **realidade psicológica e afetiva**: a filiação significa pertencer a uma história, a um passado, ligar-se por raízes a uma criança. Para os pais a adoção significa *ter um filho*. Robert (1989, apud WEBER, 2003b: p.23). (grifos da autora)

Cassin (2000: p.10) diz que: “*adotar reporta ao estabelecimento de uma relação íntima e duradoura, de mútua aceitação, caracterizando-se, dentre as variadas possibilidades de manifestação, como uma relação de filiação*”.

Cassin (2000: p.10) cita Maldonado afirmando que a adoção pode ser vista

como caridade ou altruísmo, ato que enobrece os adotantes pela competência para receber e educar uma criança com história de abandono, mas reedita a possível infertilidade desses adotantes, num meio onde se espera a produção de filhos, especialmente entre casais, estabelecendo-se vínculos ambivalentes, e confirma a incompetência dos genitores para a vida em sociedade, reforçando padrões de exclusão a que se vêem presos.

Um ponto assinalado por Weber (2003 a e b) é que a adoção vem como uma possível solução para superar a impossibilidade biológica de se ter filhos em razão da infertilidade ou dificuldade para a ocorrência da gestação. Ela aponta, que até pouco tempo atrás, essa era a principal razão para que o processo ocorresse. A esse tipo de adoção, dá-se o nome de “adoção clássica” e, segundo a autora, visa atender a uma finalidade mais subjetiva para os que são pais: “*fazer sua inscrição na história, criar suas e supor uma fuga da finitude*” (Id., 2003: p.21) predominando, em números no Brasil.

E complementa que, no que se refere “*aos aspectos jurídicos e sociais, existe o desejo da descendência*” (WEBER, 2003: p.21) e, acrescentamos, por vezes, a cobrança social para que tal descendência ocorra de fato para que haja perpetuação do nome e continuidade da família, dentre outras expectativas dos adotantes e seu núcleo social. Para os pais que adotam por impossibilidade de procriar, a adoção pode ser vista como uma forma de garantir o filho que a natureza lhe negou. Contudo, embora tal desejo seja legítimo, não pode ser entendido como direito (Id.).

Cassin (2000) assinala que a adoção é uma resposta à necessidade que os adotantes têm de se tornarem pais, cumprir as expectativas sociais de constituir família, a partir de um determinado modelo e, ao mesmo tempo, responde à injustiça criada pela sociedade, por meio de relações de opressão, que, ao não dar condições para as famílias mais desfavorecidas criarem seus filhos, as excluem mais uma vez. Outros aspectos destacados por ele são: a visão idealizada e romantizada da adoção, a imprecisão de seu conceito, desafios à sociedade, profundamente influenciada por

tabus e interdições, historicamente, herdados de gerações anteriores para as quais a filiação baseava-se em ligações consangüíneas apenas.

A partir da instauração do Estatuto da Criança e do Adolescente, em 1990, a criança passou a ter o direito de ser protegida e a adoção deve lhe trazer reais benefícios. Assim, Weber (2003b: p. 22) prossegue caracterizando a “*adoção moderna*’, cujo objetivo é garantir o direito a toda criança de crescer e ser educada em uma família”.

Figueirêdo (2003) aponta também, algo que é corriqueiro na cultura brasileira que é a figura do “filho de criação”. Ferreira; Carvalho (2000 apud FIGUEIRÊDO, 2003: p. 29) dizem:

O filho de criação é uma instituição mais antiga que o próprio Brasil, trazida ao País pelos primeiros colonizadores. Trata-se de uma herança da família patriarcal portuguesa, cuja influência ia além dos laços sangüíneos, abarcando toda uma cadeia de agregados e dependentes. Este modelo familiar garantia que as crianças órfãs ou abandonadas sempre tivessem um teto, embora em posição de inferioridade frente aos filhos legítimos. Ao longo dos séculos, o filho de criação, tem sido um misto de agregado e serviçal.

Segundo as autoras, quando havia o desejo de se regularizar a situação e criar laços de paternidade o mais freqüente era realizar outro tipo de adoção, bastante freqüente em nosso país: a chamada “adoção à brasileira” que acontecia fora da esfera jurídica “*que ocorre quando uma pessoa registra como seu filho legítimo uma criança nascida de outra mulher*” (WEBER, 2003b: p.23).

Após falarmos brevemente sobre os múltiplos tipos familiares, passemos, então, para a constituição do casal homossexual e, em seguida, especificamente à questão da parentalidade homossexual, objeto de estudo deste trabalho.

1.8. O Casal Homossexual: gays e lésbicas que vivem em conjugalidade

No que diz respeito à homossexualidade e às relações estáveis entre gays e lésbicas no Brasil bem como às interdições do mundo ocidental Almeida Neto (1999: p. 30) assinala que são vistas *“a partir das reflexões sobre as dimensões social e cultural dos fenômenos de exclusão, as quais não se expressam apenas pela condição de pobreza ou pela impossibilidade de acesso a bens econômicos”*.

Almeida Neto (1999: p. 31) considera a igualdade na esfera pública como um dos fundamentos básicos da modernidade e completa dizendo que:

o reconhecimento social e jurídico das relações amorosas estáveis entre homossexuais, com ou sem filhos, como uma nova modalidade de núcleo familiar, tem como pressuposto o reconhecimento, também social e jurídico, do direito à livre orientação (afetivo) sexual e, por conseguinte, da exclusão da homossexualidade do rol dos comportamentos e das condutas definidos como antinaturais e anti-sociais. Neste sentido, nosso entendimento é que a negação de uma identidade de casal e familiar às vivências amorosas estáveis de gays e de lésbicas é a pedra angular das lógicas de exclusão social, cultural e política que atingem a homossexualidade.

Assistimos hoje a uma crescente visibilidade homossexual, uma vez que inúmeros homens e mulheres com essa orientação afetivo-sexual têm aparecido na mídia, organizado grupos de apoio, grupos de militância, que lutam por seus direitos e que ocupam lugar de destaque na sociedade brasileira (ANDRADE, 2002). Savin-Williams (1989, 1996, apud SANDERS, 2002) destaca que, nos Estados Unidos, a

aceitação cultural das pessoas homossexuais tem aberto espaço para que sejam criadas leis que assegurem direitos e oportunidades iguais que têm homens e mulheres. No Brasil, houve uma forte mobilização de grupos homossexuais na tentativa de assegurar direitos equânimes para homo e heterossexuais na Constituição de 1988 e a proibição da discriminação pela orientação afetivo-sexual (ALMEIDA NETO, 1999).

A redação final da Constituição Federal⁴ não conseguiu incluir a proibição de discriminação em virtude da orientação afetivo-sexual. Tal inclusão não ocorreu em razão do temor despertado em vários parlamentares de que a não discriminação pudesse legitimar, num futuro não muito distante a reivindicação de amparo legal de uniões homossexuais e expresso na fala do então Deputado Constituinte Salatiel Carvalho (PFL/CE), conforme aponta Almeida Neto (1999: p.129):

Está implícita, então, na declaração de V. Exa. [Deputado Alceni Guerra, Relator da Subcomissão] que homossexualismo não é uma anormalidade, o que para mim é uma anormalidade. (...) eu vejo até que isso é uma porta aberta para que no futuro os grupos homossexuais possam reivindicar, exatamente, os mesmos direitos do homem e da mulher, os mesmos direitos, inclusive, da própria família e aí, talvez, seja até uma porta aberta para que tenhamos no futuro, por que não, a legalização de uniões homossexuais, já que nossa Constituição vai dar cobertura, exatamente, a que ninguém será prejudicado por orientação sexual”. (Diário da Assembléia Nacional Constituinte, 24.07.87).

Podemos observar na fala desse Deputado o viés moralista arraigado, a noção de doença e o preconceito explicitamente declarado, frutos da repressão sexual assinalada por Chauí (1984).

⁴ http://www.interlegis.gov.br/processo_legislativo em 12/10/03

Conforme assevera Almeida Neto (1999) a não inclusão dessa reivindicação na Constituição, embora tenha sido frustrante aos militantes homossexuais, trouxe o debate sobre preconceito e discriminação à cena brasileira. Os grupos se organizaram, então, a fim de garantir a não discriminação por orientação afetivo - sexual nas Leis Orgânicas dos municípios. Atualmente, 74 municípios expressam explicitamente tal proibição assim como as Constituições dos Estados do Mato Grosso e Sergipe, bem como a Lei Orgânica do Município de Porto Alegre (DIAS, 1999). Dias (2001) acrescenta que, no Brasil, *“Tramita no País a Proposta de Emenda à Constituição – PEC nº 139/95 – de autoria da Deputada Marta Suplicy, que altera os arts. 3º e 7º da CF, para proibir a discriminação por motivo de orientação sexual”*.

A redação final da Constituição Brasileira, em seu Art. 5º do Cap. I afirma que:

Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes: (grifos nossos);

I – ***homens e mulheres são iguais em direitos e obrigações***, nos termos desta Constituição; (grifos nossos);

II – ninguém será obrigado a fazer ou deixar de fazer alguma coisa senão em virtude de lei;

III – ninguém será submetido à tortura nem a tratamento desumano ou degradante;

IV – é livre a manifestação do pensamento, sendo vedado o anonimato;

V – é assegurado o direito de resposta, proporcional ao agravo, além da indenização por dano material, moral ou à imagem;

X – são invioláveis a intimidade, a vida privada, a honra e a imagem das pessoas, assegurado o direito a indenização pelo dano material ou moral decorrente de sua violação;

O inciso IV do art. 2º da Constituição⁵ explicita que um dos objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil é: “*promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação*”.

Como é possível perceber, nossa Carta Magna assegura que não haja quaisquer tipos de discriminação. No entanto, embora haja a garantia de igualdade de direitos e deveres para homens e mulheres, isso não significa que essa igualdade seja efetivamente instituída.

No que se refere à conjugalidade homossexual, podemos observar a exclusão em nossos códigos. No Código Civil⁶, a união estável é assim definida:

Art. 1.723. É reconhecida como entidade familiar *a união estável entre o homem e a mulher, configurada na convivência pública, contínua e duradoura e estabelecida com o objetivo de constituição de família. (grifo nosso)*

§ 1º A união estável não se constituirá se ocorrerem os impedimentos do art. 1.521⁷; não se aplicando a incidência do inciso VI no caso de a pessoa casada se achar separada de fato ou judicialmente.

§ 2º As causas suspensivas do art. 1.523⁸ não impedirão a caracterização da união estável.

⁵ http://www.interlegis.gov.br/processo_legislativo em 12/10/03

⁶ http://www.interlegis.gov.br/processo_legislativo em 12/10/03

⁷ O art. 1.521 do Código Civil (Lei nº 10.406, de 10 de Janeiro de 2002), Cap. III estabelece que não podem casar: I - os ascendentes com os descendentes, seja o parentesco natural ou civil; II - os afins em linha reta; III - o adotante com quem foi cônjuge do adotado e o adotado com quem o foi do adotante; IV - os irmãos, unilaterais ou bilaterais, e demais colaterais, até o terceiro grau inclusive; V - o adotado com o filho do adotante; VI - as pessoas casadas; VII - o cônjuge sobrevivente com o condenado por homicídio ou tentativa de homicídio contra o seu consorte.

⁸ No **Cap. IV, Das causas suspensivas**, o Art. 1.523 estabelece que não devem casar: I - o viúvo ou a viúva que tiver filho do cônjuge falecido, enquanto não fizer inventário dos bens do casal e der partilha aos herdeiros; II - a viúva, ou a mulher cujo casamento se desfez por ser nulo ou ter sido anulado, até dez meses depois do começo da viuvez, ou da dissolução da sociedade conjugal; III - o divorciado, enquanto não houver sido homologada ou decidida a partilha dos bens do casal; IV - o tutor ou o curador e os seus descendentes, ascendentes, irmãos, cunhados ou sobrinhos, com a pessoa tutelada ou curatelada, enquanto não cessar a tutela ou curatela, e não estiverem saldadas as respectivas contas.

Parágrafo único. É permitido aos nubentes solicitar ao juiz que não lhes sejam aplicadas as causas suspensivas previstas nos incisos I, III e IV deste artigo, provando-se a inexistência de prejuízo,

Art. 1.724. *As relações pessoais entre os companheiros obedecerão aos deveres de lealdade, respeito e assistência, e de guarda, sustento e educação dos filhos.* (grifo nosso)

Art. 1.725. Na união estável, salvo contrato escrito entre os companheiros, aplica-se às relações patrimoniais, no que couber, o regime da comunhão parcial de bens.

Art. 1.726. A união estável poderá converter-se em casamento, mediante pedido dos companheiros ao juiz e assento no Registro Civil.

Art. 1.727. As relações não eventuais entre o homem e a mulher, impedidos de casar, constituem concubinato.

Importa ressaltar, conforme vimos tecendo, que a história da família, da sexualidade, das modificações sociais e também na legislação, são construtos nos quais estão impregnados valores, conotações morais e/ ou religiosas e estigmas, os quais, em grande parte das vezes, necessitam ser revisados e reformulados. Tais reflexões poderiam ser possibilitadas pela divulgação do conhecimento produzido academicamente e pela compreensão dessa realidade presente.

No que diz respeito à constituição da conjugalidade homossexual, notamos o quanto o modelo heterossexual é ainda hegemônico em nossa sociedade impedindo (ou dificultando) que pessoas do mesmo sexo possam se unir para formar uma família, inclusive com filhos (tal qual destacamos, anteriormente, nos art. 1723 e 1724 do Código Civil).

A desembargadora Maria Berenice Dias, em artigo publicado na Revista Brasileira de Direito de Família (1999) chama atenção para a necessidade de abrir espaços para novas discussões e traçar tutela jurídica a essas novas formas de famílias existentes. Ela ressalta que tal intento, não irá transformar a família nem

respectivamente, para o herdeiro, para o ex-cônjuge e para a pessoa tutelada ou curatelada; no caso do inciso II, a nubente deverá provar nascimento de filho, ou inexistência de gravidez, na fluência do prazo.

estimular sua prática (argumentos freqüentemente utilizados pelos legisladores baseados em preceitos religiosos e/ ou moralistas, historicamente construídos), mas, apenas regulamentará uma prática que já é vigente, assegurando aos envolvidos os mesmos direitos e deveres garantidos às famílias tradicionalmente compostas.

A autora afirma que se a Constituição diz que, se todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, obviamente encontram-se aí incluídas a orientação afetivo-sexual que o indivíduo tenha, uma vez que essa é uma das dimensões que o constituem. Assim, ela defende que, ao se proteger o cidadão contra a discriminação sexual, há que se incluir o direito à orientação afetivo- sexual, pois o fato de alguém se relacionar com uma pessoa de mesmo sexo não pode acarretar tratamento desigualitário, ou estar-se-ia discriminando alguém pelo sexo que possui: se igual ou diferente do da pessoa com quem se relaciona.

Dias (2001) prossegue informando que no Canadá, Estados Unidos e Havaí, a discriminação por orientação afetivo-sexual já se configura crime de discriminação sexual.

Ainda nos dizeres dessa autora:

Qualquer discriminação baseada na orientação sexual do indivíduo configura claro desrespeito à dignidade humana, a infringir o princípio maior imposto pela Constituição Federal, não se podendo sub-dimensionar a eficácia jurídica da eleição da dignidade humana como um dos fundamentos do estado democrático de direito. **Infundados preconceitos** não podem legitimar restrições de direitos servindo de fortalecimento a estigmas sociais e causando sofrimento a muitos seres humanos. (DIAS, 2001) **(grifo nosso)**

Concordamos com a desembargadora que os preconceitos infundados e sob a influência da repressão sexual em que estamos imersos, a desinformação, o

desconhecimento acabam por instituir e fortalecer a estigmatização, o sofrimento e a exclusão de pessoas com vivências fora do padrão em vigor. Dias (2001) afirma que a legislação que contempla o reconhecimento da homossexualidade tem quatro modelos:

1) O chamado modelo **expandido**, que adota políticas de não-discriminação, descriminaliza condutas, institui ações afirmativas e apóia organizações de homossexuais. A Holanda, que já admitia o registro da união homossexual, foi o primeiro país do mundo a autorizar, no ano de 1998, o casamento civil entre pessoas do mesmo sexo.

A Dinamarca, Suécia e Noruega, Groelândia e Islândia possuem leis que concedem à parceria os mesmos direitos das pessoas casadas, só havendo impedimento à adoção.

A Constituição da África do Sul, de 1996, foi a primeira que expressamente proibiu a discriminação em razão da tendência sexual.

2) O modelo **intermediário** abrange a descriminalização e proíbe medidas discriminatórias, sem apontar iniciativas positivas, como ocorre na França, Austrália e em alguns Estados americanos, como New York e New Jersey.

Nenhum dos 50 Estados americanos reconhece a união matrimonial homossexual. Em 10/9/1996 foi aprovada lei em defesa do casamento, que nega o reconhecimento federal a casamento de pessoas do mesmo sexo e permite que os Estados não aceitem esse tipo de união legalizada em outros lugares.

3) Num grau inferior estão os ordenamentos que simplesmente impedem a criminalização, não articulando, no entanto, qualquer medida eficaz de proteção aos direitos fundamentais dos homossexuais.

4) Já nos países islâmicos, a homossexualidade é reconhecida como crime, podendo ser punida com a pena de morte.

Almeida Neto (1999) destaca a luta dos grupos homossexuais pelo reconhecimento dos direitos às parcerias homossexuais, em especial no que se refere aos direitos à herança e à previdência, principalmente naqueles casos em que a

parceria morria em decorrência da AIDS. Tal situação deixa(va) a outra pessoa completamente desamparada.

Quando se aborda a questão de casais do mesmo sexo que convivem por longo tempo e que optam por constituir uma relação conjugal, em geral, há uma dificuldade de aceitar esse relacionamento. Influências dos discursos: religioso, médico- psiquiátrico, psicológico, científico, além das subjetividades expressas pelos legisladores funcionam como fortes obstáculos para que a igualdade de direitos seja legitimada (DIAS, 2001; ALMEIDA NETO, 1999).

Os argumentos que dificultam a aprovação das leis que regulamentem uma união que já existe de fato, freqüentemente, se apóiam em discursos embasados na moral religiosa, no modelo heterocêntrico de casal e de família além dos mitos, decorrentes de desinformação. Dessa forma, o que se busca é o amparo legal para uma situação que já existe de fato:

Assim como o relacionamento homossexual, a convivência e coabitação heterossexual sem casamento, inclusive com existência de filhos, já era uma situação existente, não caberia um julgamento de valor. Tampouco alimentar a ilusão que é a legislação que gera comportamentos e desejos. A situação antecede a lei, que tem como incumbência discipliná-la, inclusive porque quando o poder legislativo é omissivo, o poder judiciário decide e a sociedade fica mais sujeita a arbitrariedades. Assim como o relacionamento homossexual, a convivência e coabitação heterossexual sem casamento, inclusive com existência de filhos, já era uma situação existente, não caberia um julgamento de valor. Tampouco alimentar a ilusão que é a legislação que gera comportamentos e desejos. A situação antecede a lei, que tem como incumbência discipliná-la, inclusive porque quando o poder legislativo é omissivo, o poder judiciário decide e a sociedade fica mais sujeita a arbitrariedades. (UZIEL, 2002: p.66)

Como dissemos, existem vários mitos, por exemplo: de que homossexuais pensam apenas em sexo (ato sexual), que são promíscuos e, incapazes de serem fiéis. Sanders (1993 apud PAPP, 2002) diz que existem diversos fatores (extrínsecos ou intrínsecos) que afetam a vivência de um relacionamento afetivo-sexual entre homossexuais. Ele afirma em primeiro lugar, a idéia do que “*chamamos de ‘homossexualidade’ refere-se menos com a sexualidade do que com a experiência de relação entre os seres humanos*” (SANDERS, 1993 apud PAPP, 2002: p. 237), embora tal dimensão também esteja presente.

A chamada “bancada homossexual”, eleita em 1994 e representada no congresso pelos “*Deputados Fernando Gabeira (PV/RJ), Marta Suplicy (PT/SP), Telma de Souza (PT/SP) e José Fortunati (PT/RS)*” (ALMEIDA NETO, 1999: p. 130), buscou legitimar as uniões já existentes e amparar legalmente os homossexuais que perdem seus parceiros, principalmente em função da AIDS. Almeida Neto (1999: p. 130) destaca que

Mesmo antes da apresentação de qualquer projeto de lei (...) os parlamentares que defendiam um estatuto jurídico para as uniões homossexuais já anteviam a grande resistência que a questão - desde então chamada nos meios de comunicação, inclusive na “mídia gay”, de “casamento homossexual” - encontraria em muitos setores da sociedade brasileira, principalmente entre as igrejas católica e evangélicas. Em face dessas fortes resistências potenciais, qualquer proposta no sentido da autorização de adoção de crianças por casais homossexuais já estava afastada em princípio (...).

Em um primeiro momento, o termo utilizado no projeto inicial falava em união civil e, em decorrência da associação de união com o casamento, o termo foi substituído por **parceria civil**. Dias (2001) aponta que

No substitutivo do Projeto de Lei nº 1.151/95, de autoria da Deputada Marta Suplicy, o termo **união civil** foi trocado para **parceria civil registrada**, para não ser confundida com casamento. Busca tão-só autorizar a elaboração de um contrato escrito, com a possibilidade de ser registrado em livro próprio no Cartório de Registro Civil das Pessoas Naturais. Conforme diz a própria justificativa do Projeto, ele não se propõe dar às parcerias homossexuais um *status* igual ao do casamento. Visa a conceder amparo às pessoas que o firmam, priorizando a garantia dos direitos de cidadania.

Pode pactuar deveres, impedimentos e obrigações e conter disposições de caráter patrimonial. Protege o direito de propriedade e garante direito de sucessão, de usufruto (da metade ou quarta parte dos bens enquanto não registrar outro contrato), benefícios previdenciários, direitos de curatela, impenhorabilidade da residência, direito de nacionalidade em caso de estrangeiros, possibilidade de declaração no imposto de renda e composição da renda para compra ou aluguel de imóvel.

Ainda que não pressuponha a existência de uma relação afetiva ou homossexual entre os parceiros, somente podem contratar pessoas solteiras, viúvas ou divorciadas (inciso I do § 1º do art. 1º). Também o Projeto veda a alteração do estado civil durante sua vigência. Ao vetar que os parceiros se casem, gera novo impedimento matrimonial não elencado no art. 183 do CC.¹

Nitidamente o Projeto protege as relações homossexuais, criando um vínculo jurídico gerador de efeitos pessoais e patrimoniais. Portanto, não pode ser enquadrado exclusivamente no campo obrigacional.

O direito ao usufruto, criado pelo Estatuto da Mulher Casada (Lei nº 4.212/62), tem caráter protetivo da família, com finalidade alimentar. Mas se trata de direito assegurado ao parceiro. Inclusive prevalece aos descendentes e ascendentes, pois subtrai destes o direito ao uso dos bens. Também tem o parceiro preferência aos familiares para o exercício da curatela, o que mostra o caráter familiar do instituto. Assim, não se justifica a falta de previsão de alimentos, já que concedido o amparo por morte, mas não para o caso do fim do relacionamento. De qualquer forma, não está vedada a possibilidade de se preverem alimentos entre suas cláusulas.

Ainda que o contrato tenha semelhança com o pacto antenupcial, é mais vantajoso. Os nubentes podem deliberar somente quanto ao regime de bens, sendo ampla a liberdade dos parceiros para estabelecer deveres e

impedimentos de caráter pessoal. Também a infração dos deveres contratados dá ensejo ao rompimento do contrato (inciso I do art. 5º), o que inexistia com o casamento.

O substitutivo, estabelece o prazo mínimo de 2 anos para sua extinção por desinteresse de um dos contratantes. Não autoriza a adoção de sobrenome, *a mudança do estado civil e a constituição de família. (grifos nossos)*

Independente de suas imperfeições e imprecisões técnicas, a parceria civil marca o início da saída da marginalidade, deixando os homossexuais de ser excluídos para ser incluídos no laço social a ensejar o conhecimento pelo Estado.

O Projeto, por 6 vezes, entrou em pauta, mas ainda não foi à plenária. (grifos nossos)

Como podemos notar, a proposta deste projeto de Lei visa proteger as pessoas envolvidas em uma situação que já existe de fato e não tem intenção de ocupar o lugar da família tradicional, mas, garantir aos homossexuais, o direito à cidadania.

Todavia, o fato de esta lei ter ido a plenário por seis vezes e não ter sido votada, desvela o quanto a repressão sexual e homofobia estão arraigadas e internalizadas, dificultando o olhar sobre o outro e a diversidade que coexiste na sociedade.

Uziel (2002: p.66)

É preciso lembrar que o vazio da lei não implica uma lacuna do sistema. Neste sentido, a legislação tem uma temporalidade precisa e necessária, visto que o direito deriva do comportamento, além da possibilidade de melhorar a vida das pessoas. Um lugar na lei é capaz de gerar tranquilidade e diminuir a marginalização. Afinal, o que caracteriza uma sociedade democrática, diz Nilmário Miranda (PT-MG), é a possibilidade de criação de direitos novos.

Sanders enfatiza que faz-se necessário ver a homossexualidade sob a ótica da filiação humana “*a qual está baseada na preferência por um tipo de relacionamento afetivo junto com a esperança de atividade sexual*” (SANDERS, 1993, apud PAPP,

2002: p. 238) ou seja, em lugar de destacar apenas alguns comportamentos para depois confundi-los, propõe que se veja a experiência interior como algo fundamental e que os comportamentos sejam vistos como (in)conseqüentes dessa experiência. Em outras palavras, a autora chama a atenção para não reduzir a visão que se tem homossexualidade apenas como uma questão genital, ou como apenas uma “identidade sexual” ou “orientação (afetivo) sexual”.

Sanders (1993, apud PAPP, 2002) destaca os pilares sobre os quais são construídas as idéias sobre a relação homossexual masculina e que podem ser obstáculos para o desenvolvimento e manutenção de relacionamentos prazerosos, por ela chamado de “*tríade da tirania: patriarcalismo, machismo e homofobia*” (Id. 2002: p. 238).

O machismo, por suas raízes culturais, pode ser consciente ou inconsciente e é, sem dúvida, um dos grandes vilões das experiências homoafetivas. A homofobia, pela interiorização individual de sentimentos negativos em relação aos gays e lésbicas e suas experiências (PAPP, 2002).

Machismo e homofobia podem se expressar de três maneiras: 1) experiências pessoais interiores, 2) no nível do círculo de amizades, convívio e comunidade na qual a pessoa está inserida ou 3) nas instituições sociais em que os valores heterossexuais transformam-se em regulamentos e exigências para com essas pessoas.

Além disso, as mulheres, tradicionalmente, têm sido educadas para não acreditar em suas experiências, o que as leva a se verem em um plano inferior ao do homem, sujeitando-se às regras a ele impostas.

PAPP (2002) destaca a influência que o patriarcalismo tem sobre as concepções que vão sendo construídas acerca do ser homem ou mulher.

Marvin e Muller (2002) dissertando acerca da constituição dos casais de lésbicas afirmam que são diferentes quando vistos à luz do gênero ou da opressão às mulheres e às lésbicas e semelhantes aos casais heterossexuais ao se considerar as questões que permeiam ambos os relacionamentos tais como: etapas da vida, raça, etnia, classe social.

Green, Bettinger e Zacks (1996, apud MARVIN E MULLER, 2002: p. 270) definiram os casais homossexuais como sendo “*coesivos, altamente flexíveis e a abertos a receber apoio significativo dos amigos*” e “*que funcionam extremamente bem*”. Esses autores refutam a idéia de que “*os casais de pessoas do mesmo sexo são infelizes e instáveis baseado nas descrições da literatura sobre os sistemas de família de casais de lésbicas como fusionados e casais de gays como descomprometidos*” (Id. p. 271) e afirmam que os casais de lésbicas pesquisados mostravam-se significativamente mais felizes com seus relacionamentos que os heterossexuais.

Féres-Carneiro (1997) destaca o que observou em seus estudos (e também no consultório, na prática da terapia sexual) e nos de outros autores,

Em casais heterossexuais, constatamos em estudos anteriores (Féres-Carneiro, 1987, 1988, 1995) que a dimensão da sexualidade é mais valorizada e está mais presente no recasamento do que no primeiro casamento. Nos casais homossexuais que atendemos, observamos uma maior valorização da vivência da sexualidade pelo par *gay* enquanto o par de lésbicas dá maior importância à amizade e ao companheirismo. Além disto pudemos constatar também uma presença marcante do modelo atividade/passividade na prática sexual dos homens homossexuais, o que não ocorre com as mulheres. Alguns destes dados encontram confirmação em estudos

sobre o tema desenvolvidos no Brasil por antropólogos e psicólogos (e.g. Fry E MacRae, 1981; Heilborn, 1992; Muniz, 1992; Portinari, 1989).

No tocante à família o art. 226, do cap.VII da Constituição Federal Brasileira expressa:

Art. 226. A família, base da sociedade, tem especial proteção do Estado.

§ 1º O casamento é civil e gratuita a celebração.

§ 2º O casamento religioso tem efeito civil, nos termos da lei.

§ 3º Para efeito da proteção do Estado, é reconhecida *a união estável entre o homem e a mulher (grifo nosso)* como entidade familiar, devendo a lei facilitar sua conversão em casamento.

§ 4º Entende-se, também, como *entidade familiar a comunidade formada por qualquer dos pais e seus descendentes (grifo nosso)*.

§ 5º Os direitos e deveres referentes à sociedade conjugal são exercidos igualmente pelo homem e pela mulher.

§ 6º O casamento civil pode ser dissolvido pelo divórcio, após prévia separação judicial por mais de um ano nos casos expressos em lei, ou comprovada separação de fato por mais de dois anos.

§ 7º Fundado nos princípios da dignidade da pessoa humana e da paternidade responsável, o planejamento familiar é livre decisão do casal, competindo ao Estado propiciar recursos educacionais e científicos para o exercício desse direito, vedada qualquer forma coercitiva por parte de instituições oficiais ou privadas.

§ 8º O Estado assegurará a assistência à família na pessoa de cada um dos que a integram, criando mecanismos para coibir a violência no âmbito de suas relações.

Art. 227. É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão.

Observe-se que segundo a Constituição a família é constituída por um homem e uma mulher ou por um dos pais e seus descendentes. Dessa forma,

exclui (ainda que não explicitamente) as uniões entre pessoas do mesmo sexo.

O novo código civil (Lei nº 10.406, de 10 de Janeiro de 2002) no Livro IV, sobre o Direito de Família (Título I, do Direito Pessoal; Subtítulo, do Casamento) em seu Cap. I afirma que:

Art. 1.511. O casamento estabelece comunhão plena de vida, com base na igualdade de direitos e deveres dos cônjuges.

Art. 1.512. O casamento é civil e gratuita a sua celebração.

Art. 1.514. O casamento se realiza no momento em que o **homem e a mulher** manifestam, perante o juiz, a sua vontade de estabelecer vínculo conjugal, e o juiz os declara casados. (grifos nossos)

Interessante notar a contradição grifada por nós, nos art. 3º e 4º, pois se a entidade familiar é reconhecida como a união estável entre homem e mulher ou entre quaisquer dos pais e seus descendentes não deveria haver discriminação em face da orientação afetivo-sexual. A adoção, por exemplo, é irrevogável e, em nossa legislação, é permitido a qualquer cidadão adotar. Passemos então, aos estudos sobre a parentalidade homossexual.

1.9. Um panorama dos estudos sobre a Parentalidade Homossexual

Examinemos a questão da parentalidade homossexual, começando pelo termo homoparentalidade, que “*está traduzido do francês homoparentalité, termo cunhado em 1997 pela APGL (Association des parents et futurs parents gays et lesbiens,*

situada em Paris). Situação familiar em que no mínimo o pai ou a mãe se assume como homossexual”. (UZIEL, 2002: p. 55)

Em relação aos gays e lésbicas e à parentalidade homossexual existem vários mitos, por exemplo, o de que são promíscuos, de que não seriam bons pais ou mães, de que poderiam influenciar na orientação afetivo-sexual dos filhos.

Mooney- Somers; Golombok (2000), Patterson (1997), Bailey et al. (1995) realizaram estudos empíricos e/ou bibliográficos acerca do desenvolvimento dos filhos de mães gays e lésbicas e não encontraram evidências científicas para embasar tais mitos. Tais estudos serão apresentados, brevemente na sequência do que vimos tratando.

Considerando-se a impossibilidade biológica “natural” de duas pessoas do mesmo sexo terem um filho (embora, hoje, se tenha um grande desenvolvimento de técnicas de fertilização artificiais, possibilidade de adoção), a parentalidade homossexual esbarra em preconceitos, na ignorância (face ao número reduzido de estudos acadêmicos sobre o tema), em argumentos fortemente arraigados à religião e à moral e aos “bons costumes”, frutos da repressão sexual a que nossa sociedade está submetida.

Atualmente, assistimos a um fenômeno que tem sido chamado pelos meios de comunicação de “*gay baby- boom*” e que diz respeito às novas formas de constituição familiar em que homossexuais adotam ou têm filhos biológicos (seja por inseminação artificial com doador anônimo ou conhecido, barriga de aluguel, filhos resultantes de relacionamentos anteriores ou ainda, por uma combinação de mais de um desses fatores, por exemplo, em que dois casais homossexuais optam por ter um

filho a quatro). Uziel (2002) destaca um aspecto importante em que, no caso do doador de esperma, da mãe de aluguel ou por doação de esperma por conhecidos, não se tem a intenção de se construir um laço parental com eles.

Se as reivindicações do movimento homossexual foram marcadas, durante muito tempo, basicamente pelo direito a uma sexualidade não procriativa, soma-se hoje a luta por uma procriação não sexual. As pesquisas que aprimoraram os métodos contraceptivos contribuíram para a revolução sexual e romperam, de maneira mais eficaz, com a relação entre sexo e reprodução. Reprodução decorrente do sexo passou a ser controlada pelo sujeito. As tecnologias de reprodução assistida ofereceram o inverso: reprodução sem sexo. De início restritas aos heterossexuais, por imitarem a biologia, ou pelo hábito de relacionar apenas heterossexualidade à reprodução, boas justificativas precisam surgir para impedir o acesso de homossexuais. Se propiciam exatamente a reprodução para os impossibilitados, difícil construir uma justificativa para excluir alguém desta população. Os homossexuais se encaixam entre aqueles inférteis, para quem a tecnologia está voltada, especialmente se forem casais. E a infertilidade não é opção, como querem alguns. Uma outra discussão seria admitir a reprodução assistida como alternativa para aqueles que não querem ter filhos através da relação sexual, mas não é esta a questão em pauta. UZIEL (2002: p.205)

Nery (2003) em reportagem de capa da Revista Visão, em Portugal, apresenta um *Guia para Auto-inseminação* elaborado pelo grupo de Lésbicas Feministas de Barcelona, que ensina às mulheres como devem proceder para realizar uma fertilização com sucesso, a baixo custo e sem que haja a necessidade de relações sexuais.

Mooney- Somers; Golombok (2000) apontam a questão da paternidade e maternidade homossexuais como o assunto do momento, tanto nos meios de comunicação populares quanto nos meios acadêmicos. As autoras revelam que preocupações com o bem-estar das crianças, cujas mães são lésbicas, estão amplamente arraigadas ao medo de que crianças criadas por lésbicas possam ter

riscos de desordens psiquiátricas. Segundo elas, tais argumentos estão embasados por preconceitos, visto que a homossexualidade feminina e também a masculina não são bem aceitas socialmente e, as crianças poderiam experimentar desaprovação e dificuldades de socialização, tornando-se introvertidas. Atualmente, tem-se argumentado que as crianças seriam incapazes de formar e manter amizades e que esta habilidade é importante para o estabelecimento de sua auto-estima e bem-estar psicológico, em suas vidas.

Golombok, Spencer; Rutter (1983, apud MOONEY- SOMERS; GOLOMBOK, 2000) realizaram o estudo britânico mais conhecido em que compararam crianças (todas em idade escolar) criadas apenas por mulheres mas, cujas mães tinham orientações afetivo-sexuais diferentes. Todos os filhos vieram de relações heterossexuais anteriores e foram criados sem a presença paterna. Os resultados mostraram que as crianças, cujas mães eram lésbicas, não foram tratadas de maneiras distintas (com provocações ou intimidações por parte de colegas), nem foram encontradas diferenças entre as crianças dos dois tipos de família quanto à qualidade de suas amizades.

Anderssen et al (2002) revisaram a literatura produzida sobre crianças filhos de gays ou lésbicas entre 1978 e 2000. Os autores analisaram vinte e três estudos empíricos publicados (um belga- holandês, um dinamarquês, três ingleses e dezoito norte-americanos), dos quais vinte se reportavam a filhos de mães lésbicas e três a crianças de pais gays e analisaram 615 filhos de pais gays e mães lésbicas e 387 controles. Essas pessoas foram submetidas a testes psicológicos, questionários ou entrevistas.

Foram eleitas sete categorias típicas encontradas: Funcionamento emocional, preferência sexual, estigmatização, papéis sexuais de gênero, ajustamento comportamental, identidade de gênero e funcionamento cognitivo. Não foram encontradas diferenças significativas entre os filhos de homossexuais e heterossexuais em quaisquer das categorias analisadas. Entretanto, os autores sugerem que mais estudos com pais gays deveriam ser realizados.

Anderssen et al (2000) apontam em sua revisão que, na Noruega, cerca de 10% de um total de 2983 lésbicas eram mães e cerca de 5% conviviam com crianças. A Corte Suprema nesse país não se mostra contrária à concessão de custódia para pais gays ou mães lésbicas. Entretanto, não inclui o direito à adoção para pessoas homossexuais.

Os autores destacam os principais trabalhos na área entre os anos de 1978 e 2000 dentre os quais destacam-se os Golombok et al e Patterson e suas equipes.

Estudos realizados nos Estados Unidos e no Reino Unido por outros autores como: Green 1978; Green, Mandel, Hotvedt, Gray, Smith 1986; Kirkpatrick, Smith; Roy, 1981 citados por Mooney- Somers, Golombok, 2000 não encontraram efeitos adversos no desenvolvimento social ou emocional das crianças.

No que se refere à parentalidade homossexual, tanto masculina quanto feminina, diversos autores como Falk, (1989); Turner, Scadden; Harris (1990 apud VICTOR; FISH, 1995) realizaram estudos nos quais foram levantadas questões acerca da saúde mental de lésbicas e mães homossexuais, se haveria compatibilidade entre homossexualidade e parentalidade efetiva, se as crianças seriam **ensinadas (grifo nosso)** a ser homossexuais, qual seria a possibilidade de que os homossexuais

viesses a molestar sexualmente suas crianças, a saúde mental das crianças filhas de lésbicas e sua aceitação social pelos colegas e pela sociedade.

Victor; Fish (1995) acrescentam à suas pesquisas, diversos outros estudos empíricos que demonstraram que lésbicas, em média, exibem não mais e, às vezes menos, perturbações psicológicas que as mulheres heterossexuais (GREEN et al. 1986; RAND, GRAHAN; RAWLINGS, 1982; THOMPSON et al.1971 apud VICTOR; FISH, 1995).

Thompson et al. (1971, apud VICTOR; FISH, 1995), realizaram estudo empírico com 84 lésbicas e 94 mulheres heterossexuais e encontraram que as primeiras eram mais autoconfiantes e independentes que a amostra heterossexual. O ajustamento emocional não variou significativamente nos dois grupos. Harris E Turner (1986 apud VICTOR; FISH, 1995) corroboram esse estudo dizendo que as lésbicas e heterossexuais não diferiram em medidas de defesa, ajustamento pessoal e autoconsciência. Rand, Grahan e Rawlings (1982, apud VICTOR; FISH, 1995) em estudo de 25 mães lésbicas não relataram nenhuma diferença de ajustamento psicológico de uma amostra padronizada. Em trabalho de Green et al. (1986, apud VICTOR; FISH, 1995) com 90 mulheres heterossexuais e homossexuais não foram encontradas diferenças no ajuste psicológico global.

Auerbach; Silverstein (1999 apud UZIEL, 2002: p.48) “*distinguem três fases para a parentalidade gay: na primeira, o/a filho/a era fruto de uma relação heterossexual anterior; nos anos 70 e 80 as lésbicas decidiram ter filhos, e nas décadas de 80 e 90 os gays decidiram aderir*”.

Uziel (2002: p. 48) aponta que as pesquisas realizadas por Auerbach e Silverstein com pais gays buscavam compreender as seguintes indagações:

quando o entrevistado pensou pela primeira vez em ser pai; que modelos tem para o exercício da parentalidade, como chegou à decisão e como encaminhou a questão de ter uma criança na vida; a que se parece ser pai; como isso muda a vida, as relações e a perspectiva sobre si mesmo; o que dizer à criança sobre sua família e o que acha de educar uma criança num lar homossexual. A primeira das conclusões (...) remete à incoerência entre a orientação homossexual e a paternidade. A segunda conclusão desses autores aponta para um esforço ideológico de se retirar o gênero da parentalidade. Em português, a ausência de um termo neutro que signifique "pais" e que tenha singular, como no inglês *parent* ou no francês *parent*, pode dificultar essa formulação. Um segundo aspecto, nessa mesma linha, seria a distribuição de tarefas em função da escolha de cada um, sem seguir os padrões de gênero tradicionais. Ainda um terceiro aspecto: a construção de redes sociais de apoio sejam pequenos grupos, ou institucionais. Sem o apoio tradicional, os sujeitos desta pesquisa criam suas próprias alternativas de apoio e se preocupam em criar um ambiente onde as crianças se sintam bem e no qual consigam transmitir a alegria daquela situação para minimizar os incômodos e os sofrimentos a enfrentar no confronto com as outras famílias.

Tais estudos parecem indicar que a orientação afetivo-sexual é um dos componentes que constituem a identidade sexual de mulheres e de homens também que por sua vez parecem não a ter como o único e mais central ponto de sua existência. Como, aliás, poderíamos dizer também para os heterossexuais.

Uziel, (2002) tece algumas considerações sobre as diferentes abordagens para o tema nos Estados Unidos e na França. No primeiro, há um enfoque no desenvolvimento “normal” da criança e, no segundo os debates de profissionais de diversas áreas (juristas, psicólogos, sociólogos, dentre outros) apontam para o bem-estar da criança, em casos de concessão da guarda após o divórcio, ou nos casos de adoção. Ressaltamos que, neste trabalho, caminhamos em direção à compreensão

dessa vivência da parentalidade homossexual, tal qual ela se mostra, sem a preocupação de explicá-la *a priori*.

Em relação à homopaternidade, Cecarelli (2000) faz as seguintes considerações: na Suécia e Holanda assim como em alguns estados americanos para que a adoção se concretize, são levados em conta as condições financeiras, a estabilidade psíquica, a idade e não a orientação afetivo- sexual do cidadão. Segundo ele, os argumentos contrários são os de que haveria a necessidade da presença do homem e da mulher para a saúde psíquica da criança. No entanto, tal argumento não se sustenta, pois não é difícil observar os inúmeros casos em que um dos pais, ou mesmo ambos, não participam da vida da criança, como no caso das famílias monoparentais, por exemplo. Além disso, podemos considerar a presença de outras figuras masculinas e femininas, que a criança pode ter como referência, além do impacto dos meios de comunicação e outros espaços de socialização (como escolas, igreja, família extensa, dentre outros).

Esse autor, afirma ainda que o que realmente conta é a organização psíquica daqueles que cuidam da criança e ressalta que os argumentos contrários vêm, na maioria das vezes, influenciados por questões sócio-político-religiosas. Aos que temem por desordens emocionais ou comportamentos anti-sociais o pesquisador chama a atenção de que marginais, sociopatas, delinquentes e outros foram criados por casais heterossexuais. Além disso, como a realidade da homopaternidade é ainda recente, teremos que esperar ainda alguns anos para sabermos que angústias e/ ou conflitos crianças criadas por casais do mesmo sexo poderão vir a ter.

No Brasil, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) em seu art. 42º determina que os maiores de vinte e um anos podem adotar independentemente de seu estado civil⁹. Esse autor relata que, se houvesse imparcialidade da Justiça e, se esta, não reproduzisse um discurso de preconceito e exclusão, não haveria empecilhos jurídicos para que casais homossexuais realizassem a adoção. Ainda mais porque a Constituição Brasileira garante o direito de igualdade perante a lei e proíbe a discriminação de qualquer cidadão, qualquer que seja o motivo.

Desse modo, ainda que exista a possibilidade (embasada legalmente) de adoção por pessoas solteiras, em geral os pedidos de adoção realizados por gays e lésbicas são indeferidos. Os argumentos de juízes para esta atitude são fortemente calcados em discursos morais e religiosos em que alegam, entre outras coisas, que uniões homossexuais não se enquadram nos “moldes naturais de procriação” (FIGUÊIREDO, 2003; WEBER, 2003).

Cassin (2000) assinala em seu estudo no Fórum de Ribeirão Preto que nos registros por ele consultados não há nenhuma referência à respeito de pretendentes homossexuais. Não houve nenhum comentário de ambigüidade de gênero nas 502 fichas cadastrais e nos 327 relatórios psicológicos emitidos. Considere-se que, segundo ele, haviam 471 casais, 31 candidatos solteiros, viúvos e separados judicialmente, totalizando 973 pessoas inscritas, sem quaisquer referências à

⁹ **Art. 42** - Podem adotar os maiores de vinte e um anos, independentemente de estado civil.

§ 1º - Não podem adotar os ascendentes e os irmãos do adotando.

§ 2º - A adoção por ambos os cônjuges ou concubinos poderá ser formalizada, desde que um deles tenha completado vinte e um anos de idade, comprovada a estabilidade da família.

§ 3º - O adotante há de ser, pelo menos, dezesseis anos mais velho do que o adotando.

§ 4º - Os divorciados e os judicialmente separados poderão adotar conjuntamente, contanto que acordem sobre a guarda e o regime de visitas, e desde que o estágio de convivência tenha sido iniciado na constância da sociedade conjugal.

§ 5º - A adoção poderá ser deferida ao adotante que, após inequívoca manifestação de vontade, vier a falecer no curso do procedimento, antes de proclamada a sentença. (www.unicef.org/brazil/eca_temas)

orientação afetivo-sexual. Apenas um parecer foi desfavorável devido à falta de relacionamento com o sexo oposto. O autor questiona este silêncio dizendo:

nenhum homossexual procurou o Fórum para adotar uma criança? Ou será que a orientação (afetivo) sexual é um dado irrelevante que não faz jus a ser sinalizado nos relatórios? Ou ainda, os profissionais terão deixado de sinalizá-lo por se tratar de uma questão de difícil abordagem para eles? Estará a **sexualidade** interferindo na atuação da **equipe técnica**, que justamente denuncia uma carência de conhecimentos específicos sobre Psicologia Judiciária e adoção? (CASSIN, 2000: p.174)

O Estatuto da Criança e do Adolescente-ECA, em seu Art. 43º determina que *“a adoção será deferida quando apresentar reais vantagens para o adotando e fundar-se em motivos legítimos”*. Uziel (2002) e Dias (1999) chamam a atenção para as justificativas que, em geral, devido a posturas preconceituosas, os juízes não procuram ver. Uziel (2002: p.202) acrescenta:

O ECA deixa claro os impedimentos. Homens e mulheres, pela orientação (afetivo) sexual, não sofrem nenhuma restrição, tampouco benefício especial. Situações que coloquem as crianças em risco devem ser evitadas. Ainda que risco seja uma categoria de difícil definição, parece haver algum consenso. O melhor interesse da criança é o norteador. Até aqui, portanto, nenhuma restrição por conta da homossexualidade. O entendimento de que a homossexualidade possa ser danosa, colocando-a na categoria de risco para a criança, não encontra respaldo nas pesquisas feitas até o momento. E depende do que é culturalmente construído como dano.

Diversos mitos cercam a vivência da homopaternidade: a inserção da criança na escola, como chamaria o(a) parceiro(a) do(a) pai (mãe) (Tio(a)? Pai? Mãe?). Cremos que as crianças, quando estabelecem vínculos com as pessoas que delas cuidam, estabelecem formas carinhosas de chamá-las. E, pensamos, que esse não

seria um problema para elas. Assim ocorre quando a mãe e o pai se separam e iniciam novo relacionamento com outra pessoa.

Tasker; Golombok (1997, apud MOONEY- SOMERS; GOLOMBOK, 2000) realizaram estudo longitudinal durante quatorze anos com as crianças, filho(a)s de mães lésbicas e observaram que estes adultos jovens continuaram tendo boa saúde mental, e, em caso de busca por ajuda profissional por ansiedade, depressão ou problemas tensão relacionados, isso não ocorreu com frequência maior que as contrapartes de casas heterossexuais.

Estudos mais recentes têm buscado as famílias nas quais as mulheres constituíram casais e assumiram-se como lésbicas, antes de serem mães. Em outras palavras, as crianças já foram inseridas em lares cujas mães eram lésbicas. Em geral, nos estudos americanos, a inseminação artificial por um doador de sêmen é mais comum.

No Brasil, a parca literatura existente, aponta em especial para a adoção, principalmente para os homens, embora seja possível encontrar mulheres que optaram pela concepção por intermédio de relações sexuais ou inseminação artificial.

Uziel (2002) realizou um estudo sobre a adoção por homens homossexuais. No entanto, a literatura psicológica é bastante escassa. Existem diversos relatos na área jurídica, nos quais se destacam os realizados pela desembargadora Maria Berenice Dias.

Gabb (2005) aponta que a sexualidade e a maternidade lésbica são tipicamente situadas como paradoxais; há poucas oportunidades para mães lésbicas articularem tais aspectos mútuos delas e, freqüentemente, elas se mantêm invisíveis.

De posse das opiniões e argumentos divergentes acerca da homopaternidade, relevaria ouvir os gays e lésbicas a respeito de seus desejos e vivências já que na literatura brasileira não há registros de suas vozes acerca da maternidade, da paternidade e da parentalidade.

Assim, passaremos a expor em seguida, a trajetória metodológica à qual ancoramos esta pesquisa.

CAPÍTULO II – A Pesquisa Qualitativa na Modalidade

Fenomenológica

Diante das inquietações explicitadas até aqui, valemo-nos da metodologia qualitativa fenomenológica ancorada à filosofia do diálogo de Martin Buber para compreender como se dão as vivências da parentalidade de homens e mulheres homossexuais que tenham filhos biológicos e/ ou adotivos.

Mas, como se caracteriza a pesquisa fenomenológica? Que tipo de pesquisa é essa? Amattuzzi (2001: p.17) afirma que *“é basicamente uma pesquisa de natureza (Husserl falava do conhecimento das essências). Ela pretende dar conta do que acontece, pelo clareamento do fenômeno. Não pretende verificar, mas construir uma compreensão de algo”*.

Em razão desse olhar compreensivo, a modalidade fenomenológica mostra-se adequada e pertinente para nos auxiliar a compreender o fenômeno que indagamos: a vivência da parentalidade em famílias homossexuais, na perspectiva de gays e lésbicas.

2.1 O método fenomenológico

A seguir evidenciamos os pontos que consideramos significativos para compreender a constituição da fenomenologia como método de pesquisa qualitativa.

Para tanto, faz-se necessário situar a fenomenologia como uma corrente da filosofia contemporânea.

A fenomenologia surgiu com as idéias de Edmund Husserl (1859-1939) em fins do século XIX em um momento em que havia uma crise nas ciências, especialmente na Psicologia. Ele criticava o modo pelo qual a psicologia havia se apropriado dos métodos das ciências da natureza, aplicando-os sem discernir os objetivos das mesmas que eram, em verdade, diferentes.

Husserl foi profundamente influenciado por Franz Brentano, que havia proposto um novo método do conhecimento do psiquismo, em sua obra *Psicologia do ponto de vista empírico*. Dartigues (1992: p.10) afirma que

a grande contribuição de Brentano consiste de início em distinguir fundamentalmente os fenômenos psíquicos, que comportam uma intencionalidade, a visada de um objeto, dos fenômenos físicos, em seguida afirmar que esses fenômenos podem ser percebidos e que o modo de percepção original que deles temos constitui o seu conhecimento fundamental”.

Intencionalidade segundo Brentano (**apud** ABBAGNANO, 1982: p. 79), é o caráter específico dos fenômenos psíquicos na medida em que se referem, todos eles,

a um objeto imanente. As três classes dos fenômenos psíquicos são a representação, o juízo e os sentimentos. Segundo o autor, “*o objeto do ato intencional é imanente enquanto cai no âmbito do próprio ato, ou seja, no âmbito da própria experiência psíquica*”. Desse modo, podemos compreender a intencionalidade da consciência como “*os atos da consciência ou (o que é o mesmo) os modos como os objetos se entregam à consciência*” (Id., p. 85), ou seja, só é possível ter consciência de algo.

Visto por essa perspectiva, nos dizeres de Abbagnano (1982: p.75) a fenomenologia “*concebe e exerce a filosofia como análise da consciência na sua intencionalidade*” e pretende ser uma filosofia do fenômeno. Seu objetivo é superar a dicotomia existente nas ciências positivistas, não mais separando sujeito-objeto, homem-mundo, na estrutura da experiência intencional. Desse modo, o fenômeno pode ser visto como “*uma estrutura reunindo dialeticamente na intencionalidade o homem e o mundo, o sujeito e o objeto, a existência e a significação*” como expressa Rezende (1990: p. 34).

Bruns (2001: p. 60) corrobora dizendo que “*a fenomenologia não prioriza nem o sujeito e nem o objeto, mas, sim, a indissociação de um aspecto e outro na própria estrutura da vivência da experiência intencional*”.

A autora acrescenta ainda que, desse modo, Husserl não concebe a “*consciência desvinculada de um mundo para ser percebido e nem há ‘consciência pura’, separada do mundo, como afirmam os racionalistas, uma vez que toda consciência tende para o mundo*”.(Id.: p. 60)

E completa dizendo que não existe “*objeto em si independente de uma consciência que o perceba, conforme a visão dos empiristas*” (BRUNS, 2001: p. 60).

Assim, a fenomenologia busca ampliar a compreensão do homem e do mundo com base em sua ‘facticidade’ que, segundo Martins (1992: p. 51-52) é “*a maneira de ser-no-mundo, sujeito às contingências como um ser que é lançado ao mundo, mundo que o precede e alcança e no qual o homem ao ver-se como tal, luta para encontrar-se*”.

Complementando o pensamento do autor, Rezende (1990) diz-nos que a expressão ser-no-mundo pode ser entendida como a relação dialética entre o homem e o mundo, de maneira que podemos dizer que um não existe sem o outro. Assim, a fenomenologia, em seu estudo do homem, busca estar atenta para não reduzi-lo em nenhum de seus aspectos, seja corporal-espiritual, individual-social, teórico-prático. Em outras palavras, pressupõe uma reformulação de todo o problema da consciência e da subjetividade uma vez que inteligência, liberdade, espírito, corporeidade, inconsciente, determinismo estão em um relacionamento existencial dialético. Do mesmo modo, pode-se dizer que a estrutura de mundo não é somente matéria, produto, condicionamento, sentido recebido, instituição, mas, ao contrário, é marcado pela *presença do homem-ao-mundo e no-mundo*.

Nos dizeres de Merleau-Ponty (**apud** REZENDE, 1990: p.35) o objetivo da fenomenologia é ultrapassar tanto o essencialismo quanto o existencialismo puros, o que só é possível mediante a adoção de uma perspectiva estrutural. Dessa maneira, a estrutura fenomenal pode ser descrita como “*uma multiplicidade unificada por uma ordem cujo sentido é correspondência intencional à situação existencial*”.

O ponto fundamental da fenomenologia é a descrição como forma de ir às coisas mesmas, isto é, focalizar o que se deseja conhecer do mundo.

Descrever, do latim de ex-crivere, ou seja, escrever para fora, segundo Martins (1994: p. 46) “*é a capacidade de criar, para o ouvinte (ou para o leitor), uma reprodução tão clara quanto possível*” do fenômeno. Na pesquisa qualitativa, a descrição corresponde à fala do sujeito sobre o fenômeno que indagamos, do modo como ele o experienciou. Ir às coisas mesmas significa “*retornar a esse mundo antes deste conhecimento que é falado pelo próprio conhecimento e em relação ao qual qualquer determinação científica é abstrata*”, conforme expressa Martins (1992: p. 54).

Husserl afirma que, para entrarmos no campo da fenomenologia, faz-se imprescindível uma mudança radical de atitude denominada *epoché* ou redução fenomenológica e que consiste, como explicitado em Abbagnano (1982: p. 82- 83)

em evitar a afirmação ou o reconhecimento da realidade, que está implícita em qualquer atitude natural (...) e em assumir a atitude de espectador, interessado apenas em colher a essência dos atos através dos quais a consciência se reporta à realidade ou a significa.

Ou como acrescenta Bello (2000: p. 41) “*a epoché é um ato voluntário que tem sua origem no sujeito só enquanto o sujeito ‘se decide por... (algo)’, isto é, quer deslocar sua atenção para a pura factualidade para a essencialidade e é solicitado pela opacidade do fato e pela sua insuficiência*”.

Isso significa dizer que, para se aproximar do fenômeno, o pesquisador deve recusar, de início, pressupostos ou pré-concepções sobre a natureza do que está investigando. No entanto, ao recusar teorias e concepções pré-existentes ele não parte de um vazio, mas inicia seu trabalho indagando e respeitando as dúvidas que já existem sobre o que está interrogando, etapa que caracteriza o pré-reflexivo. Ao

colocar o fenômeno entre parênteses (*epoché*), o pesquisador assume uma postura fenomenológica a qual não pode se dizer que seja neutra, uma vez que tal neutralidade é utópica. Mas, significa dizer que o pesquisador, caso possua conhecimentos prévios acerca do fenômeno que deseja investigar, não os deixa interferir na sua observação, isto é, ele os coloca entre parênteses, em suspensão. Tal postura é muito importante, pois o pesquisador não parte de hipóteses previamente formuladas, mas, ao contrário, abre-se para perceber o fenômeno como ele se mostra ou, de outra forma, tal qual ele se apresenta. Ao realizar a análise e a interpretação dos dados, o pesquisador busca então compreender o fenômeno que indaga.

Bello (2000: p.40) dissertando sobre a *epoché* acrescenta que esse colocar entre parênteses o fenômeno que se deseja compreender significa estar consciente que o que está entre parênteses continua subsistindo e que essa suspensão “*consiste em um ato voluntário, através do qual, por outro lado não quer construir algo, mas deixar-se guiar por algo, isto é, pela coação da originalidade, não do tipo factual, mas sim essencial*”.

Assim, busca-se investigar “*a questão tal como se apresenta, não na sua factualidade, mas, ao contrário, na sua essencialidade*” (Id., p.41)

A autora explicita mais uma vez a superação sujeito-objeto ao afirmar que “*não há uma factualidade e junto com ela uma problematicidade, mas uma factualidade que exige ser compreendida na sua essencialidade*” (Id., p. 41).

Em síntese, pode-se dizer que o método fenomenológico

consiste numa atitude de abertura, obtida após a suspensão de qualquer conhecimento ou crença consolidada a fim de aderir às coisas mesmas, isto é, às questões e aos fatos tais como se apresentam na sua constituição essencial,

deixando que eles falem sua linguagem mais verdadeira, sem as incrustações das nossas projeções e os mal-entendidos das suas aparências. Bello (2000: p.14).

A pesquisa fenomenológica está dirigida para os significados ou percepções que os sujeitos têm daquilo que está sendo pesquisado e o pesquisador preocupa-se com o que o fenômeno significa para os sujeitos da pesquisa. Desse modo, buscamos nessa pesquisa a compreensão acerca da vivência de gays e lésbicas da parentalidade por intermédio dos significados atribuídos por eles a essa vivência.

Prosseguindo nessa direção Bruns (2001) e Giorgi (1985), propõem quatro momentos para a análise das descrições explicitadas pelos sujeitos e obter os significados atribuídos pelos colaboradore(a)s à vivência interrogada.

Esses momentos são:

1. **Leitura global** das descrições a fim de familiarizar-nos com os textos que descrevem as experiências vividas pelos sujeitos.
2. Em seguida, são realizadas **releituras** de cada discurso, de modo atento buscando colocar em evidência os significados atribuídos pelos colaboradore(a)s na descrição, o que propicia a obtenção das “Unidades de Significado”. Estas unidades são partes das descrições cujas frases se relacionam umas com as outras, indicando momentos destacáveis da percepção dos sujeitos sobre a vivência do fenômeno e não se encontram identificadas e à mostra como tais, mas são apreendidas pelo pesquisador mediante sua visão de mundo e postura fenomenológica.

O pesquisador busca ler os discursos valendo-se do estado de variação imaginativa, que é uma fase que “*consiste em refletir sobre as partes da experiência*

que nos parecem possuir significados cognitivos, afetivos e conativos e, sistematicamente, imaginar cada parte como estando presente ou ausente da experiência” (MARTINS, 1992: p. 60).

3. Após a leitura e releitura dos discursos e apreensão das “unidade de significado”, resultantes da tematização do indivíduo sobre o fenômeno interrogado, os temas que se repetem são, então, reagrupados em categorias.

Neste trabalho, realizamos as leituras e releituras de todas as entrevistas para chegarmos às categorias designadas a seguir. Todavia, vamos apresentá-las analisadas individualmente (com exceção das entrevistas 6 e 7 e 12 e 13, que estão em conjunto). Como as entrevistas estão na íntegra, não as anexaremos ao trabalho. Foram encontradas as seguintes categorias:

- A constituição e a expressão da identidade sexual e da orientação afetivo-sexual:

- Dentro dessa categoria, encontraremos a percepção de nosso(a)s colaboradore(a)s sobre o modo como se constituíram as identidades sexuais, incluindo a orientação afetivo-sexual e a maneira como exibem seus papéis sexuais;

- O processo de “*coming-out*” ou o “sair- do- armário”, isto é, a assunção da identidade homossexual.

- A expressão dos papéis sexuais e o preconceito.

- Formação do vínculo conjugal:

- Aqui serão apresentadas as maneiras como o(a)s colaboradore(a)s estabelece(ra)m seus relacionamentos afetivo-sexuais ao longo de suas existências.

Explicitaremos se houve ou não vínculos conjugais homo e/ou heterossexuais e o modo como ocorreram;

- Projeto de ter filhos e a concretização da maternidade, paternidade e a vivência da relação parental:

- Nesta categoria, abordaremos: como e quando ocorreu o desejo de ter filhos; como se deu a efetivação da maternidade, paternidade e/ou parentalidade; nos casos em que houve a figura paterna, como se deu (se dá) a relação parental;

- Obstáculos encontrados durante e após a concretização da concepção.

- A parentalidade homossexual e os significados atribuídos por eles(a)s à esta vivência.

- Serão destacados aqui, os encantos e desencantos da vivência parental; a divisão de papéis parentais;

- O processo de “*coming-out*” ou o “sair- do- armário” para os filho(a)s.

- Suas vivências afetivo-sexuais e sociais:

- Modificações que ocorreram após a chegada da criança.

- Redes sociais e/ou de apoio, convivência e presença ou ausência de preconceito e intolerância nos grupos sociais, em especial, nas famílias de origem e no trabalho.

4. Depois da identificação das categorias e, das convergências e divergências das unidades de significado identificadas, o pesquisador busca compreendê-las para chegar à estrutura ou à essência do fenômeno e à sua compreensão e interpretação.

Posteriormente à compreensão das convergências e divergências encontradas nos discursos, o pesquisador volta-se para uma ampliação dessa compreensão, ou seja, para a compreensão da estrutura geral do fenômeno que nesse trabalho refere-se *à vivência da parentalidade por gays e lésbicas*.

Rezende (1990) enumera, didaticamente, as características do discurso fenomenológico descritivo, a saber: tem que ser *significante, pertinente, relevante, referente, provocante, suficiente*.

A descrição *significante “consiste em enumerar todos e somente aqueles aspectos que são indispensáveis para ficarmos sabendo ‘que fenômeno é este’”* (Id. p. 18).

Uma descrição *pertinente “não deve omitir nenhum dos aspectos que realmente integram a estrutura significativa do fenômeno. Este é sempre estruturado e, como tal apresenta uma multiplicidade constitutiva”*. (Id. 20-21)

A descrição é *relevante* quando relaciona *significância e pertinência*. “*Para ser significativa, um determinado aspecto da descrição deve ser, ao mesmo tempo pertinente e relevante, e o que é menos pertinente ou relevante, torna-se menos significativa*”. (Id. p.22)

A descrição referente deve ser entendida “*no sentido do estabelecimento de relações tanto no interior da estrutura fenomenal, entre seus diversos aspectos, como entre a estrutura em contexto*”. (Id. p. 23)

Uma descrição para ser provocante “*deve pôr em evidência o sentido como sentido para o sujeito, diante do qual este último se sinta provocado à alternativa do engajamento consciente e livre ou da alienação*”, isto é, provoca-o a seguir ou mudar de direção ao evidenciar os sentidos existentes acerca do fenômeno. (Id. p. 26-27)

Uma descrição suficiente, do ponto de vista fenomenológico, não quer dizer “*completa e acabada*”, uma vez que “*o discurso humano é necessariamente inacabado*”. Sempre se pode ir além e encontrar sentidos que não foram explicitados.

Rezende (1990) ao eleger essas características nos fornece instrumentos para olharmos a dimensão estrutural do fenômeno e, assim, delinear-mos e compreendermos sua estrutura. Para acessar essas descrições do “vivido” buscamos as pessoas que experienciaram o fenômeno interrogado: a parentalidade homossexual.

2.2. A Caminhada: acesso aos Colaboradores

O acesso aos homens e mulheres entrevistados nessa pesquisa deu-se de diversas formas: por intermédio de pessoas conhecidas ao saberem do tema dessa pesquisa, por indicação das pessoas entrevistadas e por meio do contato com o grupo de militantes gays *Estruturação*, cuja sede encontra-se em Brasília - DF. Dessa forma, foram contactadas pessoas dos estados de São Paulo, Minas Gerais, Pernambuco e Distrito Federal, nos quais estivemos para coletar as entrevistas.

A distribuição geográfica dos participantes deu-se em razão de que tal vivência da parentalidade homossexual, embora seja relativamente freqüente, nem sempre é facilmente desvelada por quem a vivencia.

Foram colaboradore(a)s as pessoas que atendiam às seguintes características: ser gay ou lésbica, ter filhos biológicos e/ou adotados, pertencentes às classes socioeconômicas A, B e C. Não foram incluídas pessoas das demais classes sociais, pela simples razão de não as termos encontrado.

O primeiro contato ocorreu por telefone e, posteriormente, foram agendadas entrevistas individuais nos dias e horários marcados com cada um(a).

No início do encontro a pesquisadora explicava os objetivos da pesquisa, sua relevância e o contexto no qual se inseria, bem como o modo como transcorreria a entrevista. Além disso, era informada a questão do sigilo e do anonimato. Ainda nesse momento, solicitava-se que o (a) colaborador(a) lesse e, caso quisesse conceder

a entrevista, assinasse em duas vias o Termo de Consentimento Pós-Informação (Anexo II), aprovado pelo Comitê de Ética (anexo I). Nesse momento, o(a)s colaboradore(a)s eram deixado(a)s à vontade para esclarecer quaisquer dúvidas que porventura tivessem em relação à pesquisa e, então, após a assinatura do Termo de Consentimento, iniciava-se a entrevista gravada em áudio (em fita K-7). Uma cópia desse termo era entregue ao participante e a outra ficava com a pesquisadora.

Durante a realização de quatro entrevistas (C. 6 e C.7; C.12 e C.13), como ocorreu com os demais participantes, foi informado aos colaboradore(a)s que a entrevista seria realizada individualmente e após aquiescência dele(a)s a entrevista foi iniciada. Todavia, o(a)s parceiro(a)s quiseram ficar juntos e, a partir de um ponto da entrevista, começaram a intervir, complementando, relatando suas próprias vivências, de modo que tais entrevistas tiveram que ser transcritas conjuntamente.

2.3. Os Percalços do Percorso

No decorrer da busca pelos sujeitos que tivessem vivência da parentalidade homossexual alguns obstáculos foram encontrados.

A vivência de uma experiência que ainda é cercada de tabus e interdições, muitas vezes leva as pessoas a não desejarem desvelar o significado que atribuem à experiência vivida a uma pessoa que não seja de seu grupo de contato. Assim, viajamos até Recife - PE, com indicações de alguns pais e mães homossexuais que buscamos contactar, primeiramente por telefone. Um homem e uma mulher, ambos

homossexuais, ele com um filho adotivo e, ela com dois filhos biológicos, indicados por um amigo em comum a eles e à pesquisadora. Ao telefonar-lhes e, após explicitar os objetivos da pesquisa, acrescentando que um amigo deles dissera-nos que eles poderiam nos auxiliar a encontrar sujeitos que fossem pais ou mães gays ou lésbicas, em ambos os casos houve um silêncio, seguido pela fala “*deixe seu telefone, vou ver se conheço alguém que possa lhe falar e te retorno*”. Estivemos lá por cinco dias e não houve retorno.

Outras pessoas disseram conhecer sujeitos que eram gays ou lésbicas e que tinham filhos, mas que não tinham liberdade para abordá-los e sugerir que participassem desse estudo, o que só nos instigou ainda mais a conhecer em profundidade as experiências vividas por essas famílias.

Ao atenderem os critérios de serem gays ou lésbicas e terem filhos biológicos ou adotados, nos deparamos com famílias tão diversificadas e com vivências tão ricas, que outras questões emergiram em suas falas, como: a constituição da própria identidade sexual e a orientação do desejo, os relacionamentos interpessoais e afetivo-sexuais, o preconceito, a homofobia e a discriminação, dentre outras. Todos esses aspectos surgiram pelo grau de re-significação e aprofundamento possibilitados pela entrevista fenomenológica.

Por essa razão, optamos por analisar as entrevistas uma a uma, de maneira a ilustrar a complexidade, multiplicidade e riqueza dos modelos familiares que emergiram.

2.4. A Voz de Gays e Lésbicas acerca da parentalidade:

A entrevista fenomenológica

Na modalidade fenomenológica, o que buscamos é o acesso ao vivido e, Amatuzzi (2001) assinala que o pesquisador tem a possibilidade de atuar como um facilitador do acesso ao vivido. O autor destaca que, nem sempre as pessoas têm oportunidade de falar, efetivamente, sobre sua experiência. Em outras palavras, ele diz que nem sempre o “vivido” é, necessariamente, “sabido” de antemão, mas, pode ser “*surpreendido na relação, pela própria pessoa, que então o comunica, facilitada pelo pesquisador.*” (Id. p. 19)

Desta forma, temos colaboradores e, não sujeitos, que pensam junto o assunto. Amatuzzi (2001: p.19) completa, o objetivo da entrevista fenomenológica é “*surpreender o vivido no presente, quando a experiência é pensada de repente e dita como pela primeira vez. (...) Por isso a pesquisa fenomenológica é dialética e mobilizadora, se é que quer ser profunda.*”

Os depoimentos foram orientados por meio da questão norteadora: “*Descreva como você vivencia a paternidade ou maternidade*”. Essa questão foi proposta de diversas maneiras de modo a facilitar sua compreensão por parte dos(a)s colaboradore(a)s, como, por exemplo, “*Para você o que é ser pai ou mãe?*” ou “*Fale para mim que significados você atribui à maternidade ou paternidade?*” ou ainda

"Descreva quais aspectos da paternidade (ou maternidade) você considera significativos".

O(a)s colaboradore(a)s, então, falavam livremente sobre sua vivência e eram interrompido(a)s apenas quando expressavam palavras cujos sentidos eram vagos ou para esclarecer alguma informação, quando havia dificuldades na compreensão por parte da pesquisadora. Algumas questões foram retomadas durante a entrevista a fim de propiciar a compreensão aprofundada do fenômeno.

As entrevistas foram realizadas individualmente com o(a)s colaboradore(a)s 1, 2, 3, 4, 5, 8, 9, 10, 11, 14 e 15. Os sujeitos 6 e 7 e 12 e 13 preferiram que sua entrevista fosse realizada na presença do(a) parceiro(a) embora a pesquisadora tenha lhes dito que a entrevista seria realizada individualmente. Em dado momento o (a) parceiro(a) complementava ou intervinha e, por essa razão, suas entrevistas estão analisadas conjuntamente.

Todos os nomes dos sujeitos e outros citados por ele(a)s e/ ou quaisquer dados que o(a)s pudessem identificar foram trocados a fim de garantir o sigilo e sua privacidade.

2.5. Perfil do(a)s colaboradore(a)s

Fig. 1- Perfil do(a)s colaboradore(a)s, com nomes fictícios para ele(a)s e seus (suas) filho(a)s.

Colaborador (a)	Idade	Profissão	Filho(a)	Nível sócio econômico ¹⁰
C.1. Tamires União estável há 12 anos com Gabriela	31 anos	Corretora de Seguros	Mãe biológica de Bianca, 4,5 anos.	A
C.2. Gabriela União estável há 12 anos com Tamires	32 anos	<i>Personal trainer</i>	Bianca, 4,5 anos, filha biológica de Tamires (parceira).	A
C.3.- Carla União estável há 13 anos com Samantha	30 anos	Autônoma, com trabalho em casa.	Mãe biológica de Sandy, 3 anos.	B
C.4. Samantha União estável há 13 anos com Carla	35 anos	Funcionária pública	Sandy, 3 anos, filha biológica de Carla (parceira).	B
C.5. Mirtes. Ficou com a companheira, mãe biológica de seu filho por 1,5 ano. À época da entrevista, estava sozinha.	35 anos	Funcionária pública	Mãe adotiva de Marcos, 5 anos, cuja mãe biológica é a ex-companheira.	B
C.6, Carol União estável com Ana há cerca de 3,5 anos.	34 anos	Funcionária pública e estudante	Mãe biológica de Joaquim, 7 anos, de seu casamento anterior.	A

¹⁰ Tabela de Classificação Socioeconômica modificada a partir da elaborada por ABA e Abipeme (Classe A, 1991:11 **apud** TRINDADE, 2002: p. 243) e que se encontra no anexo III

C.7, Ana União estável com Carol há cerca de 3,5 anos	35 anos	Funcionária pública	Filho biológico de Carol (parceira), Joaquim de 7 anos	A
C. 8, Valquíria Foi casada com o pai de seus filhos por cinco anos. Teve três relacionamentos conjugais, posteriores, com mulheres. À época da entrevista estava sozinha.	44 anos	Empresária	Mãe biológica de Beto, 24 anos. O filho caçula faleceu com 14 dias de idade, vítima de septicemia.	A
C. 9, Margarida Foi casada com o pai de sua filha. Passou a se relacionar com uma mulher, após a separação e manteve com ela um relacionamento por 9 anos. Nunca coabitou com nenhuma parceira	38 anos	Profissional liberal	Mãe biológica de Deise, 17 anos.	B
C.10- Breno Solteiro, sem companheiro.	40 anos	Autônomo e Professor	Júnior, filho adotivo de 5 anos.	B
C.11. Ângelo À época da adoção vivia numa relação estável que durou 16 anos. À época da entrevista namorava há, 3,5 anos.	48 anos	Funcionário Público	Luciano, filho adotivo de 23 anos (adotado aos 7 anos)	B
C.12, Enéas. Foi casado duas vezes. Atualmente vive com o companheiro Fabrício, C.13, com quem está há 2 anos	45 anos	Funcionário público	Pai biológico de Mariana, 22 anos, Nicéia, 21 anos e José, 17,5 anos.	C

C.13, Fabrício. Atualmente vive com o companheiro Enéas, C.12, com quem está há 2 anos.	25 anos	Estudante	Convive com os três filhos biológicos do companheiro, de quem se sente mais irmão e companheiro do que pai.	B
C.14, João. Foi casado. Atualmente está em uma união estável há pouco mais de um ano com Getulio	30 anos	Auxiliar de enfermagem	Pai biológico de Vivian, 7 anos.	C
C. 15, Geraldo. Foi casado por quase um ano. Namora atualmente, um rapaz há cerca de um mês e meio.	35 anos	Professor	Pai biológico de Giulia, 7 anos	B

A seguir apresentamos o perfil do(a)s colaboradore(a)s dessa pesquisa e ressaltamos que todos os seus nomes foram substituídos por nomes fictícios, assim como o de seus filhos, amigos, o de suas cidades ou quaisquer outros citados nos depoimentos, a fim de preservar suas identidades.

C.1.-Tamires- 31 anos, tem curso superior, mas, não atua na área, é autônoma. Define-se como bissexual (embora, esteja em uma relação homossexual com Gabriela, C.2, há 12 anos) e tem uma filha biológica de 4 anos e meio, Bianca.

Tamires é a filha mais velha de três irmãos. Sempre sentiu atração por homens até a adolescência. Teve vários namorados e iniciou-se sexualmente com um deles. Aos dezenove anos, conheceu a parceira iniciando com ela um relacionamento homossexual que persiste até a data da entrevista. Conquanto tenha tido namorados, nunca havia estabelecido nenhuma relação conjugal heterossexual anteriormente. Tamires relata sentir atração por homens, embora, se considere casada (em uma parceria estável) e fiel. A família se opôs, inicialmente, ao seu relacionamento com Gabriela, mas, hoje a companheira é, integralmente, aceita. A decisão por ter um filho partiu da entrevistada que demorou quase cinco anos para convencer a parceira. Monitoraram o ciclo menstrual e o período fértil e escolheram um rapaz que fazia parte do círculo de amizades, sem que ele soubesse que estivesse sendo escolhido para tal. A entrevistada conta que teve com ele duas relações sexuais (em meses diferentes) e engravidou na segunda tentativa. Ele só tomou conhecimento de que era pai, quando a criança já estava com um pouco mais de um ano. O pai convive com

Bianca e trata-a com carinho, embora, de modo distante. A criança convive com a família dele e com os primos, todavia é registrada apenas no nome da mãe.

C.2.- Gabriela- 32 anos, tem curso superior, é profissional liberal, define-se como homossexual, está com a companheira Tamires, C.1, há 12 anos e, juntas, têm uma filha de 4 anos e meio, Bianca.

Gabriela é filha única de sua mãe e a caçula dentre os filhos de seu pai (que a teve no segundo casamento). Relata que sempre foi homossexual, desde criança e, só teve experiências sexuais e relacionamentos com mulheres. Tem um primo mais velho que também é homossexual, mas que por pressão da família se converteu à religião evangélica, casou-se e tem três filhos. Diz que a família dele nunca a deixou a sós com ele, desde que foi descoberta a homossexualidade de ambos. Porém, afirma que os familiares nunca a desrespeitaram ou à sua companheira e filha. Diz que nunca havia pensando em ter filhos e não tem vontade de engravidar, mas a existência dessa criança a fez repensar sua vida e hoje diz não saber mais viver sem ela. Inicialmente, mostrou-se resistente à idéia de ter filhos, o que demandou quase cinco anos de insistência da companheira para convencê-la. Monitoraram o ciclo menstrual e o período fértil e escolheram um rapaz que fazia parte do círculo de amizades sem que ele soubesse. Conta que foi difícil saber que a parceira estava tendo relações sexuais com outra pessoa. Acompanhou toda a gestação e mantém um contato muito próximo à Bianca, embora não se sinta como mãe. Define sua relação com a filha como amizade, companheirismo, sinceridade, amor.

C.3.- Carla, 30 anos, trabalha em casa, como autônoma, homossexual, vive com Samantha há 13 anos e tem uma filha biológica de 3 anos, Sandy.

Carla descreve sua descoberta da homossexualidade aos 17 anos, quando conheceu Samantha e se apaixonou. Afirma que não gosta de mulheres, gosta de Samantha e que, se separasse, provavelmente não se envolveria com outras mulheres. Tem quatro irmãos, sendo dois homens e duas mulheres, das quais, uma também é homossexual e vive com a parceira. Relata que nunca teve envolvimento sexual com homens, embora tenha tido alguns namorados. Sempre desejou ter filhos e, quando decidiu em conjunto com a parceira, recorreram ao ginecologista para que fosse feito o acompanhamento do período fértil. Escolheram um parceiro que fosse amigo de ambas, explicitaram-lhe seu desejo e partiram para a concretização. Carla conta que teve relações sexuais com ele em dois dias no mesmo período fértil e a gravidez foi bem sucedida. O pai da criança mora em uma edícula nos fundos da casa delas, cedida por Samantha a ele. Ele foi ao cartório e registrou a criança como filha legítima, embora, Samantha tenha sua guarda definitiva. O pai convive com a filha, de maneira distanciada, mas, não interfere na educação dada pelo casal. Ao ser indagada sobre sua profissão, a entrevistada rapidamente respondeu “Mãe!” e revela que desejaria ter outros filhos. Atualmente, ela trabalha em casa cuidando de outras crianças, em uma estrutura montada por sua parceira, Samantha.

C.4.- Samantha, 35 anos, funcionária pública, define-se como homossexual, vive com Carla há 13 anos e tem uma filha de 3 anos, Sandy.

Samantha é a caçula de uma família de 12 irmãos. Descreve -se como homossexual desde sua infância e afirma que nasceu assim. Diz ainda que em sua família há outros homossexuais (o irmão mais velho, uma sobrinha e, ela acredita, outro sobrinho). Aos 18 anos de idade assumiu-se para a família e foi a primeira da família a fazê-lo. Revela que ao iniciar o namoro com Carla, integrou-a à família, como eram integrados suas cunhadas e cunhados. Vivenciou a gravidez de Carla com alegria e grande envolvimento, acompanhando-a a todas as consultas e, aguardando o nascimento da filha, com ansiedade. Acompanhou o pai ao cartório para que ele registrasse a filha, mas, tem a guarda definitiva da criança. Cedeu-lhe uma edícula nos fundos de sua casa, com entrada independente e diz não ter ciúmes dele nem com Carla, nem com a filha. Embora tenha uma relação muito próxima com a filha que a chama de Amor, não deseja ter outros filhos. Mostra-se apaixonada pela parceira e afirma, com ênfase, que se Carla quiser, fica com ela para sempre.

C.5. Mirtes, 35 anos, funcionária pública, define-se como homossexual e cuida e tem a guarda do filho biológico da ex-companheira, Marcos, de 5 anos.

A entrevistada é filha única e mora com sua mãe e o filho. Relata que conheceu a mãe de seu filho quando estava finalizando um relacionamento homossexual de sete anos. O desejo de ser mãe surgiu a partir de uma necessidade que a companheira apresentava, fato que a assustou, inicialmente. Com o caminhar do relacionamento e pela convivência com uma instituição que abriga famílias portadoras do HIV foi surgindo desejo de constituir uma família. O casal dialogou

para saber quem ficaria grávida e de que modo isso ocorreria e optou pela inseminação artificial de um doador conhecido, que era virgem no momento da doação. O rapaz, pai biológico, não manteve nenhum contato com a criança, embora a depoente relate que quando o filho estiver maior, se quiser conhecê-lo, vai apresentá-los, pois mantém todos os contatos do mesmo. Quando a criança tinha quase um ano de idade, o casal se separou. A criança mantém contato com a mãe biológica, embora seja muito mais próximo afetivamente da entrevistada a quem chama de mãe. Afirma que a criança diz que tem duas mães e chama a mãe biológica pelo nome (**Juliana**), opção que partiu dele. Quanto ao convívio com outras pessoas homossexuais, Mirtes relata que não levou em casa, até o momento, nenhuma companheira. Os poucos amigos homossexuais que vão à sua casa são discretos e não se beijam ou trocam carícias na frente da criança. Ela conta que Juliana já o levou a um bar GLS (fato esse que a deixou indignada) e que o garoto não teceu maiores comentários sobre o que possa ter no local.

C.6- Carol- 34 anos, curso superior incompleto, estudante e funcionária pública, define-se como homossexual e tem um filho biológico, Joaquim, de 7 anos. Mora com a companheira Ana, C.11, com quem está há aproximadamente 3,5 anos.

Carol afirma que nunca teve uma boa relação com a família, em especial com a mãe. Com a descoberta da homossexualidade pela família de origem, a relação com eles piorou. Todavia, diz que os familiares mais distantes sempre a respeitaram e à

parceira como uma família. Ao terminar o casamento, para ficar com Ana, o ex-marido não aceitou que ela tivesse se apaixonado por outra. Contou para todas as pessoas em comum, inclusive para a família dela, ameaçou e ameaça não pagar a pensão ao filho, implica com o modo como ele está sendo cuidado, educado. Ela e o ex-marido tiveram acompanhamento psicológico durante o processo de divórcio e ele ainda continua nesse processo. Carol afirma que ele melhorou o comportamento persecutório em relação a ela, principalmente, porque constituiu outra família e já tem outro filho. Em relação ao relacionamento de ambas, Ana e Carol não escondem do filho que são um casal, embora ainda não tenham falado abertamente com ele sobre isso. Carol às vezes, fantasia sobre a reação que os amigos dele pode(ria)m ter e possíveis discriminações que o filho pode(ria) vir a sofrer. Acrescenta também que agora, passados todos esses anos, as pessoas (em especial, seus familiares) começam a ter uma aceitação maior de sua família.

C.7- Ana- 35 anos, tem curso superior, é funcionária pública, define-se como homossexual. Mora com a companheira Carolina, C.11, com quem está há a aproximadamente 3,5 anos e, com o filho, Joaquim, de sete anos.

Ana, diz que sempre foi homossexual e que sua família sempre lidou bem com isso, respeitando-a e aceitando de forma acolhedora suas namoradas. Sua mãe sempre cobrou dela postura de respeito às companheiras, por vezes se opondo à própria filha. Quando iniciou o relacionamento com Carol, sua mãe questionou-a quanto ao fato dela ser casada, se ela não iria atrapalhar o relacionamento em que

Carol estava e depois iria sumir, deixando-a em má situação. A postura da mãe a fez pensar em constituir uma família e assumir o relacionamento com Carol. Diz que nunca quis ficar grávida, mas sempre pensou em criar uma criança, com todos os desafios que isso implica. Com Joaquim ela tem uma relação afetiva e próxima e divide com Carol as tarefas de educá-lo. Ela enfatiza a importância que Joaquim tem em sua vida e o quanto gosta de ter essa família, que, em seus dizeres, não seria completa sem ele.

C.8- Valquíria- 44 anos, tem curso superior, empresária, define-se como homossexual. Foi casada com Ronaldo com quem teve dois filhos Beto e Felipe. O mais novo morreu com dez dias de vida, de septicemia por uma transfusão de sangue. Ela mora com Beto, de vinte e quatro anos e, atualmente, está sem namorada.

Valquíria vem de uma família grande, com mais cinco irmãos. Casou-se aos 18 anos, na igreja. Após um ano de casada teve seu primeiro filho. Diz que nunca teve atração por mulheres, mas sabia que era diferente, embora, não soubesse bem o porquê. O marido insistia em dizer que ela era diferente. Era ciumento, queria que ela deixasse de fazer coisas que ela gostava, como andar de patins, por exemplo. A entrevistada conta que com seis meses de casada já sabia que não o queria mais. Porém, fez de tudo para o casamento dar certo. Após um ano de casada, seu primeiro filho nasceu. Quando Beto tinha quase três anos, o marido começou a viajar para trabalhar com política e ela se sentiu mais livre para sair com amigos, ter um pouco

mais de liberdade. O filho mais velho teve hepatite e, como o marido viajava bastante, suspendeu o anticoncepcional. Acabou por engravidar outra vez e quando Felipe nasceu, teve icterícia. Foi submetido a uma transfusão de sangue, teve uma septicemia e morreu com quatorze dias de idade. A entrevistada relata que uma concunhada deu-lhe muito apoio nessa época e tiveram uma paixão platônica. Não houve nenhum contato físico, mas, ela escreveu-lhe uma carta declarando o que sentia. Com a morte do filho, o casamento entrou em crise e ela exigiu o divórcio. O marido encontrou essa carta e acusou-a de traição com outra mulher. Divorciaram-se e o ex-marido ameaçou-a de morte, fez escândalos por cinco anos. Até hoje mantém uma relação truncada com filho. Após um tempo da separação, ela assumiu-se como homossexual e viveu três uniões estáveis com mulheres. Atualmente, está só. Mora com o filho, Beto de 24 anos e é avó de um garoto de cinco anos.

C. 9- Margarida- 38 anos, tem curso superior, profissional liberal, define-se como homossexual. Foi casada com o pai de sua única filha, Deise de 17 anos. Nunca coabitou com nenhuma mulher, embora relate ter tido um namoro que durou nove anos. Sua mãe também é homossexual.

Margarida, dentre as mulheres, foi a mais reticente. Ao perguntarmos como vivenciava a maternidade, disse logo que a homossexualidade não interferia nessa vivência. Casou-se aos 20 anos, com o pai de sua filha. A criança nasceu cerca de um ano após o casamento. A separação ocorreu em razão da mudança de cidade de seu ex-marido. Margarida relata que teve seu primeiro envolvimento com uma mulher,

aos 27 anos. Ficou com esta pessoa por 9 anos, porém nunca morou junto com nenhuma mulher. Sua mãe também é homossexual e ela diz que, quando revelou sua homossexualidade, sua mãe sentiu-se culpada pensando que pudesse tê-la influenciado. Foi criada pela avó, pois a mãe saiu de casa devido ao preconceito que sofreu por morar em uma cidade pequena. Seu único irmão, foi morar com uma tia. Margarida revela nunca ter sofrido preconceito pois, segundo ela, não apresenta estereótipos de lésbica, isto é, é muito feminina. Mora com a filha de 17 anos, Deise, que sabe de sua orientação afetivo-sexual e mantém uma boa relação com o ex-marido.

C.10- Breno- 40 anos, tem curso superior, professor e autônomo, define-se como homossexual e tem um filho adotivo de 5 anos, Júnior, com quem convive há cerca de 10 meses. Está sem companheiro atualmente.

Breno é o segundo filho de quatro irmãos (tem um irmão mais velho, um irmão mais novo e uma irmã caçula). Nasceu em uma região diferente da que mora atualmente e, saiu de sua cidade há cerca de 17 anos. Afirma que sempre soube ser diferente (sentia desejos por meninos e meninas quando criança, embora não soubesse dar nome a isso). Antes dos doze anos teve experiências com outros garotos (troca-troca) e na adolescência teve namoradas. Aos 17 anos teve sua primeira relação homossexual e daí por diante se relacionou apenas com homens. O depoente diz que em sua família existem dois tios (um paterno e outro materno) homossexuais. O entrevistado viveu duas relações homossexuais estáveis: uma de três anos e, outra

em torno de seis anos. Com esse companheiro de 6 anos já pensava em ter filhos. Houve a separação há cerca de dois anos e meio e o desejo de ter filhos continuou. Por intermédio de uma colega que trabalhava na Vara da Infância e Juventude soube de um programa de adoção e resolveu se candidatar. Passou por um processo de preparação denominado de pré-natal da adoção, em que os candidatos à adoção têm acompanhamento de uma equipe composta por psicólogas e assistentes sociais e que dura, em média, seis meses. Participou desses encontros por cerca de nove meses, pois, nesse período vivenciava um período difícil em sua vida, sua mãe teve câncer e, posteriormente, um enfarte e, ele estava finalizando sua pós-graduação. Nunca escondeu da equipe da Vara da Infância e Juventude sua condição homossexual e relata que a equipe se mostrou receptiva a isso, pois o juiz que atuava na época também não apontava a homossexualidade como impedimento à adoção. Começou a visitar as instituições nas quais as se encontravam as crianças, previamente selecionadas por fotos e, em 06 de dezembro de 2002, começou a ter contato com o filho. No dia 9 de janeiro de 2003, a criança já estava com ele em casa. A guarda provisória foi obtida apenas em agosto de 2003. O entrevistado afirma que houve mudança de magistrado, para um juiz não receptivo a homossexuais e que exigiu que a equipe refizesse as entrevistas e emitisse um novo laudo. Em relação a relacionamentos, esse colaborador estava namorando um jovem de 24 anos antes da adoção, relacionamento que retomou após a chegada de Júnior e que durou cerca de 6 meses. Há cerca de um mês terminaram o namoro e está agora sozinho, embora a amizade entre os dois permaneça. Esse último companheiro tem um sobrinho da mesma idade de Júnior e, frequentemente, os leva para passear, com ou sem a presença do pai.

C.11- Ângelo- 48 anos, tem curso superior, funcionário público, define-se como homossexual e militante e tem um filho adotivo, Luciano, de 23 anos (adotado aos 7 anos) e um neto de 1 ano e meio. À época da adoção estava em uma relação estável que durou cerca de 16 anos. Após a separação, o entrevistado mudou-se de cidade e por ocasião da entrevista, namorava há 3,5 anos.

Nasceu em uma cidade diferente da que mora atualmente. Mudou-se para cidade X (atual) há cerca de cinco anos. Afirma que sempre soube ser homossexual (sempre sentiu desejos apenas por homens) e nunca teve experiência sexual com mulheres. Criou, com o ex-companheiro, uma ONG de militância homossexual, reconhecida e de ampla divulgação nos meios de comunicação locais e nacionais. Seus pais que, hoje, têm aproximadamente 80 anos, sabem de sua homossexualidade, mas de maneira velada. Ninguém toca no assunto. Viveu com um companheiro por dezesseis anos e separou-se dele antes de se mudar para a cidade atual. A adoção do filho ocorreu na ocasião em que ele e o companheiro tinham uma chácara e contrataram um caseiro que veio com um garoto de rua de sete anos. O caseiro foi embora e abandonou essa criança aos cuidados deles. O entrevistado relata que já havia o desejo por uma adoção e que, ao receber a notícia de que essa criança teria que voltar às ruas violentas da cidade em que morava, consultou-a se não queria ser adotada por eles. Ele e o parceiro disseram à criança que viviam juntos e a criança aceitou-os como pais. O entrevistado, então, entrou com o pedido de adoção e

conseguiu a guarda da criança. Atualmente, ambos moram em cidade X e o filho, de 23 anos, tem um filho de um ano e meio que mora com a mãe na cidade Y (de onde eles se mudaram). O filho mantém contato esporádico com o ex-companheiro do entrevistado (a quem também chamava de pai). O depoente tem um namorado com quem está há 3,5 anos.

C.12- Enéias, 45 anos, funcionário público, define-se como homossexual e tem três filhos biológicos (Mariana, 22 anos, Nicéia, 21 anos e José, 17,5 anos) que moram com ele e seu companheiro, Fabrício de 25 anos.

O entrevistado foi casado por duas vezes. Do primeiro casamento, que durou dez anos, teve três filhos, que, após separação, fizeram opção de morar com ele. Relata que desde os sete anos de idade sempre soube que era homossexual, mas, tentou viver como a sociedade esperava. Aos 43 anos, casou-se novamente. Este casamento durou apenas dois anos, quando ele decidiu assumir a homossexualidade de vez e ser feliz. Afirmo que sempre desejou ter filhos e que a homossexualidade nunca foi nem é impedimento para a paternidade ou maternidade. O filho mais novo é homossexual e revelou sua orientação afetivo-sexual muito antes de o pai revelar a dele. Atualmente, o namorado com quem está há cerca de dois anos mora com eles na mesma casa. Seu filho, que acompanhou toda a entrevista, acrescenta que a mãe ao mudar-se para outra cidade, passou a viver um relacionamento com outra mulher, com quem está há nove anos.

C.13- Fabrício- 25 anos, curso superior incompleto, estudante, define-se como homossexual e mora com o companheiro Enéias, C.10, e, com os três filhos biológicos (Mariana, 22 anos, Nicéia, 21 anos e José, 17,5 anos) do parceiro.

Fabrício declara ser homossexual, é evangélico e vive com Enéias, C.12, uma relação conjugal. Como é apenas um pouco mais velho que o filho e filhas do companheiro, define sua relação com eles como amizade.

Sua família tem consciência de sua homossexualidade e de sua relação com Enéias e os aceita.

C.14- João- 30 anos, tem curso técnico profissionalizante, é auxiliar de enfermagem, define-se como homossexual. Foi casado com uma mulher com quem teve duas filhas, sendo que a mais velha faleceu (ele não conta como e quando) e ele convive com Vivian, de sete anos que mora com mãe e o novo companheiro dela. Mora com o companheiro Getulio, com quem está há aproximadamente 1,5 ano.

João foi o mais reticente de nossos entrevistados, não nos dando muita abertura para aprofundarmos os questionamentos. O entrevistado relata que se assumiu como homossexual tardiamente, próximo ao fim de seu casamento de cinco anos, quando sentiu que fazia a esposa infeliz e que também era infeliz, pois não era isso o que queria para sua vida. O principal preconceito que enfrentou foi o seu

mesmo, em razão de sua homofobia internalizada. É muito discreto quanto a sua vida pessoal e afirma que, em seu trabalho, não dá pistas sobre sua orientação afetivo-sexual e que, até alguns amigos próximos seus a desconhecem. Preocupa-se com o fato de a filha perceber sua homossexualidade, acha que ela já nota alguma coisa e sente-se apreensivo com o momento em que terá que falar com ela sobre isso.

C.15- Geraldo- 35 anos, tem curso superior, professor, define-se como homossexual. Foi casado com Jade com quem teve uma filha, Giulia, de sete anos. Atualmente namora um rapaz há cerca de 1,5 mês.

Geraldo conta-nos que desde os quinze anos sentia desejos por homens sob a forma de fantasias ou histórias que ele criava pensando em homens e com as quais se masturbava. Com dezenove anos teve a primeira namorada, com quem ficou por nove meses, sem que tivessem relações sexuais. Aos 25 anos deixou de ser virgem com uma namorada que lhe ensinou o que sabia. Entre a primeira e a segunda namorada houve um episódio em que ele beijou um outro homem na boca. A terceira namorada, foi Jade, mãe de sua filha, que era virgem na ocasião. A relação entre eles durou entre junho e abril do ano seguinte. Ela engravidou em Julho, casaram-se em outubro e a separação ocorreu 20 dias após o nascimento de Giulia. Geraldo diz que foram vários os motivos que os levaram a se separar: ciúme doentio dela em relação a ele, o fato de ele ter levado uma cantada de um homem e ela ter visto, a depressão que ele teve, aliados a episódios em que Jade entrava em crise e tentava cortar os pulsos, tomava medicações excessivas. Resume dizendo que ambos casaram com imagens idealizadas um do outro e que, na realidade, não eram bem o que

esperavam. Após a separação, ele namorou outra moça, com quem também não teve relações sexuais, quando decidiu assumir a homossexualidade, aos 32 anos. Ao se assumir, resolveu experimentar de tudo até ter certeza do que queria. Considera que teve cerca de quatro namoros com homens. A época da entrevista ele estava iniciando um namoro com um rapaz, com quem estava saindo há um mês e meio, aproximadamente. Atualmente Giulia vive com a mãe em outro Estado e ele e a ex-mulher tentam obter a guarda da filha na Justiça. Atualmente, a avó materna a tem. Tentaram acordo para decidir com quem Giulia ficaria e nas entrevistas, realizadas com ambas as famílias, as questões da homossexualidade dele e da doença mental dela deixaram a equipe psicossocial sem definir com quem a criança ficaria. Até o momento da entrevista, Geraldo aguardava a decisão judicial. Essa decisão do juiz o deixou bastante ansioso pois ele se preocupava com o modo como a filha estava sendo criada. A criança apresenta comportamentos distintos, com ele, quando está perto da mãe e quando está longe dela. Ele diz que o que ex-mulher quer é a pensão alimentícia estabelecida por ele com um percentual de 25% do valor que ganha. E ele, o direito de ver a filha e de exercer sua função de pai.

CAPÍTULO III - A Filosofia do Diálogo de Martin Buber

A pesquisa fenomenológica está dirigida para os significados ou percepções que os sujeitos têm daquilo que está sendo pesquisado e o pesquisador preocupa-se com o que o fenômeno significa para os sujeitos da pesquisa. Desse modo, busca-se, nesta pesquisa *a compreensão da vivência de gays e lésbicas sobre a paternidade e maternidade, baseando-nos nos significados atribuídos por eles a essa vivência.*

Apresentamos ao leitor as principais idéias do estudioso Martin Buber, filósofo do diálogo, as quais embasam a análise compreensiva dos depoimentos dos sujeitos entrevistados.

A perspectiva filosófica de Buber (1977) foi escolhida por abarcar a dimensão relacional do homem no mundo que pode se expressar de dois modos, por intermédio das palavras- princípio EU-TU e EU-ISSO.

“O homem, para Buber não é concebido como um dado abstrato, mas, como uma realidade, inserida concreta e historicamente no mundo”. (HOLANDA, 1998: p. 153). Ao buscarmos nas idéias de Buber, filósofo do diálogo, o embasamento teórico para analisar os depoimentos dos participantes dessa pesquisa, temos o intuito de compreender como se expressam no-mundo e ao- mundo.

Buber (1977) teve como intuito apresentar uma ontologia¹¹ da existência humana, explicitando a vida em diálogo expressa pelas seguintes categorias: palavra, relação, diálogo, reciprocidade, como ação totalizadora, subjetividade, pessoa, decisão, responsabilidade, inter-humano, categorias essas enumeradas por VON ZUBEN (1977: p. XLIII) na introdução da edição brasileira da obra EU e TU, de BUBER e considerada sua mais notável e relevante produção.

BUBER (1977: p. 3) afirma que *“o mundo é duplo para o homem, segundo a dualidade de sua atitude”* e essa atitude, que diz respeito ao modo como o homem se coloca frente ao mundo, é dupla de acordo com as palavras princípio que ele pode proferir: EU-TU e EU-ISSO.

“O homem, na verdade é a palavra. Ele é a expressão da linguagem que usa. É a palavra que o introduz na existência”. (HOLANDA,1998: p. 155)

O mundo relativo ao ISSO, diz respeito à experiência centrada no EU egocêntrico e às coisas e à representação, ao desejo ao sentir e ao pensar nas coisas e, dessa forma, limita-se a outras coisas. Tal modo de se relacionar com o mundo é, sem dúvida, importante para que o conheçamos. No entanto, o homem que se relaciona com o mundo apenas dessa forma de modo algum alcança sua plenitude. Segundo BUBER (1977: p. 33) *“o homem transformado em EU que pronuncia o EU-ISSO coloca-se diante das coisas em vez de confrontar-se com elas no fluxo da ação recíproca”.*

¹¹ Ontologia (do gr. Óntos- ser, indivíduo) é a parte da filosofia que trata do ser na qualidade de ser, isto é, do ser concebido como tendo uma natureza comum que é inerente a todos e a cada um dos seres. (FERREIRA, A.B. de H.1986. *Novo dicionário da Língua Portuguesa*, Rio de Janeiro, 2^a ed.p.1225).

Vivemos em um mundo em que a tecnologia nos permite uma velocidade de comunicação nunca antes imaginada, por exemplo: a Internet, a comunicação via celular, as notícias via satélite. Paradoxalmente para conseguirmos tais benesses, nos vemos afastados do outro, do convívio diário, do encontro autêntico, uma vez que, para conquistarmos os modernos aparelhos (cujas necessidades criamos) submetemo-nos a longas horas de trabalho diário, sempre correndo contra o tempo. Em grande parte das vezes, não temos tempo para desfrutar as novas tecnologias do universo que a informática e suas múltiplas possibilidades podem oferecer.

Ao reduzirmos o mundo a um objeto que pode ser experimentado, utilizado, explicado, ao sermos transformados em escravos da tecnologia e manipulados pelas estatísticas e pelo consumismo que visam a satisfação da massa, distanciamo-nos do verdadeiro encontro que ocorre *entre* os seres.

Assim, nos vemos imersos na sociedade do conhecimento e da imagem de que nos fala Fridman (1999), ancorados na superficialidade, no simulacro, na falta de um significante, que leva o indivíduo a se fragmentar e a se afastar do mundo relacional, como expressa Vaitsman (1994.)

O homem, na atualidade, vive mergulhado na palavra princípio EU-ISSO e, afasta-se conseqüentemente do TU. Pode-se dizer que, à medida que o indivíduo passa a ser mais um na multidão e é dominado por uma sociedade que visa apenas o consumo, a produção, passa a viver velozmente, sem se aprofundar nas relações, que tornam-se empobrecidas. Deixa de lado, em sua existência, a dimensão intersubjetiva que caracteriza a humanidade, permanece apenas nos domínios da palavra princípio EU-ISSO.

Para Buber (1977: p. 46) a realidade humana deve ser compreendida “*através do prisma do dialógico, exemplo do vínculo entre a experiência vivida e a reflexão, entre o pensamento e a ação.*”

Na atualidade, temos poucos espaços que privilegiem o alcance o mundo do TU que, para BUBER (1977), caracteriza-se pela presença, encontro, relação.

Segundo ele, o EU da palavra princípio EU-TU está face-a - face com o outro e é pleno de presença.

Presença é entendida aqui como algo que aguarda e permanece diante de nós, na sua totalidade, ao passo que objeto é estagnação, parada, interrupção, enrijecimento, desvinculação, ausência de relação, ausência da presença. Quando o TU se torna presente, a presença instaura-se: “*Em outras palavras, na medida em que o homem se satisfaz com as coisas que experiencia e utiliza, ele vive no passado e seu instante é privado de presença. Ele tem diante de si objetos e, objetos são fatos do passado*” (BUBER, 1977: p. 14).

Desse modo, o encontro clama por acontecer, mas só ocorre por graça, está mergulhado na relação é vivificado pelo diálogo. Holanda (1998: p. 159) acrescenta que, para Buber, “*o diálogo é uma relação e a relação não é um evento que intervém ao homem, mas, acontece entre o homem e não lhe importa o que lhe faça face. (...) o ser só se determina quando na relação*” (grifos do autor).

A palavra princípio EU-TU fundamenta o mundo da relação e, relação é reciprocidade e, pode ser expressa em três dimensões, segundo BUBER (1977):

Vida com a natureza, na qual a relação se realiza na penumbra, como alguém da linguagem.

Vida com os homens, em que a relação é manifesta e podemos endereçar e receber o TU.

Vida com os seres espirituais, pela qual a relação se revela silenciosa, mas gerando linguagem. Nós proferimos de todo o nosso ser, a palavra princípio sem que nossos lábios possam pronunciá-la.

Ao proferir a palavra, o ser do homem se projeta face ao outro que lhe está defronte, sai de sua egocidade e entra em relação com este outro. Instaura a sua existência e torna-se invocação do outro, invocação à realidade deste outro em sua existência, através do diálogo, e da relação dialogal que empreendem. Existir para Buber, significa **co-existir**. (HOLANDA, 1998: p.158) (grifo do autor).

Buber (1977: p. 2) afirma que “*o homem só se torna EU na relação com o TU*”. As palavras-princípio estão relacionadas no homem ao longo de sua existência e permitem-lhe estabelecer relações (caracterizadas pelas palavras-princípio EU-TU) e também experienciar o mundo (representadas pelo par EU-ISSO). Tais palavras encontram-se indissociadas e nos auxiliam a estar no mundo, experienciando as coisas e os objetos e também nos permitem estarmos na presença relacional do outro, permeando toda a nossa existência. Todavia aquele que pronuncia apenas o par EU-ISSO não se torna humano.

A maneira como as palavras princípio estão entremeadas pode ser expressa de modo singular quando BUBER diz “*o ISSO é a crisálida, o TU a borboleta. Porém, não como se fossem sempre estados que se alternam nitidamente, mas amiúde, são*

processos que se entrelaçam confusamente numa profunda dualidade". (Id., 1977: p.20).

Considerando-se o universo das relações interpessoais que permeiam a existência humana e, em especial, de gays e lésbicas que possuem filhos, participantes dessa pesquisa, utilizar-nos-emos desta perspectiva filosófica para realizar a análise dos depoimentos dessas pessoas acerca de suas vivências da parentalidade.

CAPÍTULO IV- Mosaico das Famílias Homossexuais com Filho(a)(s):

o desvelar das novas famílias na fala de lésbicas e gays

Neste capítulo, apresentamos a análise das entrevistas realizadas com o intento de desvelar o fenômeno por nós interrogado: a vivência da parentalidade homossexual sob a perspectiva de quem a experiencia- lésbicas e gays.

Ao nos aproximarmos desse fenômeno, por intermédio da pesquisa qualitativa fenomenológica (que possibilitou um grau de aprofundamento dos depoimentos de nosso(a)s colaboradore(a)s), pudemos desvelar a complexidade e a variabilidade de novos modelos familiares.

Diante disso, como nos referimos na metodologia, após a leitura e releitura das entrevistas foram categorizadas as seguintes dimensões, explicitadas na fala de nosso(a)s colaboradore(a)s: a constituição e a expressão de suas identidades sexuais e orientações afetivo-sexuais e como se percebem; suas relações afetivo-sexuais até a formação do vínculo conjugal (homo e/ou heterossexual); o projeto e a concretização da paternidade/ maternidade/ parentalidade; as alegrias, expectativas e dificuldades destas vivências; as interações sociais, incluindo o trabalho, a família, a escola e demais redes sociais e de apoio com a presença (ou não) de preconceito e discriminação.

Deste modo optamos por analisar os discursos individualmente, na sequência das **categorias** que serão destacadas, **em negrito**, à medida que aparecerem, nos próprios discursos, a fim de facilitar a compreensão do leitor:

- A constituição e a expressão da identidade sexual e da orientação afetivo-sexual:

- Dentro dessa categoria, encontraremos a percepção de nosso(a)s colaboradore(a)s sobre o modo como se constituíram as identidades sexuais, incluindo a orientação afetivo-sexual e a maneira como exibem seus papéis sexuais;
- O processo de “*coming-out*” ou o “sair- do- armário”, isto é, a assunção da identidade homossexual.
- A expressão dos papéis sexuais e o preconceito.

- Formação do vínculo conjugal:

- Aqui serão apresentadas as maneiras como o(a)s colaboradore(a)s estabelece(ra)m seus relacionamentos afetivo-sexuais ao longo de suas existências. Explicitaremos se houve ou não vínculos conjugais homo e/ou heterossexuais e o modo como ocorreram;

- Projeto de ter filhos e a concretização da maternidade, paternidade e a vivência da relação parental:

- Nesta categoria, abordaremos: como e quando ocorreu o desejo de ter filhos; como se deu a efetivação da **maternidade, paternidade e/ou parentalidade**; nos casos em que houve a figura paterna, como se deu (se dá) a relação parental;
- Obstáculos encontrados durante e após a concretização da concepção.

- A parentalidade homossexual e os significados atribuídos por eles(a)s à esta vivência.
 - Serão destacados aqui, os encantos e desencantos da vivência parental; a divisão de papéis parentais;
 - O processo de “*coming-out*” ou o “sair- do- armário” para os filho(a)s.
- Suas vivências afetivo-sexuais e sociais:
 - Modificações que ocorreram após a chegada da criança.
 - Redes sociais e/ou de apoio, convivência e presença ou ausência de preconceito e intolerância nos grupos sociais, em especial, nas famílias de origem e no trabalho.

Passemos então às falas de nosso(a)s colaboradore(a)s, apresentando um breve perfil de cada um(a), seguida da análise de sua entrevista na íntegra.

Começaremos com as entrevistas das mulheres e, na seqüência, as dos homens.

4.1. A Fala das Mulheres Homossexuais

C.1.-Tamires - 31 anos, tem curso superior, mas, não atua na área, é autônoma.

Define-se como bissexual (embora, esteja em uma relação homossexual com Gabriela, C.2, há 12 anos) e tem uma filha biológica de 4 anos e meio, Bianca.

Sobre a constituição da identidade sexual e sua orientação afetivo-sexual

ela afirma:

...minha mãe não era gay, meu pai não era gay, nem bissexual... (...) Não foi, por exemplo deles, que hoje eu convivo com uma pessoa do mesmo sexo (...)

Tamires expõe a visão que tem sobre os componentes que permeiam o estabelecimento da orientação do afetivo-sexual e que fazem parte do meio sociocultural no qual a pessoa está inserida:

E nem porque o menino gosta de brincar de boneca que tem que forçar o menino a jogar futebol ou vice-versa. Englobar realmente tudo... e deixar que natureza faça a parte dela. A natureza, a cultura e tudo mais. Todo o social né, que a pessoa tá envolvida, o psicológico, o íntimo, até a questão familiar mesmo. Porque eu vejo muito essa questão... sexual... de opção da pessoa...(...). Vai muito do meio em que a pessoa convive. (...). Eu acho que é muito uma questão social mesmo... num vejo muito assim a genética determinando assim... até um bebê de proveta tem um gameta masculino e feminino. E... até mesmo da própria pessoa... por exemplo, muita gente acha o seguinte... se você é homossexual... você tem que assumir, sabe? Que você é homossexual, porque ou você é homossexual ou você é heterossexual.

A rigidez de conceitos que a sociedade apresenta sob a influência da herança judaico- cristã, da psiquiatria, da Ciência, da difusão que ocorre por intermédio dos

meios de comunicação (cf. dissemos no primeiro capítulo) aparece na fala de Tamires. A atribuição de atividades adequadas aos meninos e às meninas é variável ao longo do tempo assim como a identificação com os papéis de gênero (LOURO, 1997; SCOTT, 1995, CHAUI, 1984). Atualmente, homens e mulheres podem expressar características, comportamentos e/ou condutas, comumente associadas ao gênero oposto ao seu e não têm relação de causa e efeito na constituição da orientação afetivo-sexual. Como exemplo, hoje temos homens que expressam mais seus sentimentos, mulheres que chefiam seus lares, divisão de despesas e tarefas domésticas.

Preconceitos existentes entre os próprios grupos comumente discriminados, como é o caso de homossexuais, são desvelados nos dizeres de Tamires. No trecho a seguir, nota-se a existência de mitos como o de que bissexuais são indecisos e que a escolha de uma parceria do mesmo sexo deve-se à incapacidade de satisfação por um parceiro do sexo oposto.

O bissexual é muito **mal visto (ênfase)**. Você fica como se você estivesse em cima do muro, você não é nem uma coisa nem outra. Tá começando a melhorar, mudar. Mas, mesmo assim as pessoas ainda acham que você é indeciso... isso é ridículo! Que você está com uma mulher hoje porque nenhum homem conseguiu te satisfazer de alguma forma (**risos**). Isso é péssimo! (...) As pessoas dizem que o bissexual não sabe o que ele quer. Não é que ele não sabe o que quer... Eu acho que o bissexual... não vou dizer que ele é melhor que os outros (**risos**), mas ele pode provar de lá e provar de cá, ele pode se dar bem nos dois. Então... amplia as possibilidades (**risos**) você tem um leque maior de possibilidades e de satisfação pessoal.

Mesmo se percebendo como bissexual e, embora possa haver atração, admiração e até mesmo desejo por homens, Tamires preza sua **relação conjugal** e pondera sobre isso:

As pessoas dizem “Nossa, Tamires! Você acha aquele homem maravilhoso mas, e a sua companheira?” Eu respondo: “Também é maravilhosa!”. Cada um no seu lugar. Eu convivo muito bem com isso. Então, se a pessoa achar que isso é um problema (**risos**)... é dela, meu não é não.

Ela tece uma consideração importante sobre “estar” em uma situação homossexual e a necessidade que a sociedade, em geral, tem de rotular as pessoas:

Eu acho que as pessoas têm necessidade de rotular, eu gosto da definição de “estar”... a gente se define naquele momento, quando se questiona se eu vou estar assim pro resto da vida, não tem essa resposta, não tem como. Ninguém está isento de apaixonar por alguém do mesmo sexo, até porque essa questão do afeto é bissexual, você gosta de amigos e de amigas. Não tem como você falar: “Ah! É só aquele padrão ali.”. Você gosta de amigo gordo, magro, alto, baixo... como você já se apaixonou por pessoas diferentes... Tá certo que você gosta mais de morenos que de loiros, você tem algumas preferências, mas, sempre são pessoas diferentes. Ninguém é igual a ninguém. E o fato de você hoje estar apaixonada por uma pessoa, por uma mulher ou amanhã você estar apaixonada por um homem... faz com que você possa ter uma amplitude maior, né. Não acho que seja defeito não (**risos**), de maneira alguma.

Tamires refere-se a inquietações, a um certo “desconforto” que sentiu ao tomar consciência de sua atração por uma mulher.

No começo da relação, a gente questiona, até porque eu não tinha tido nenhuma relação homossexual, então eu pensei: “Gente o que é que está acontecendo?” E vi que era uma coisa natural, diferente pra mim naquele momento, mas, que eu estava gostando, estava achando que estava sendo bom pra mim. Depois, foram vindo outros questionamentos... de.. será que vai ser isso pro resto da vida, será que não vai ser? Será que vou gostar de outras mulheres, será que não? Eu comecei a perceber que é a questão de **estar mesmo (ênfase)** e não de ser. Eu estou gostando de uma pessoa, mas eu posso gostar de outra, ou posso gostar de outro. Até então não apareceu outra pessoa.

A noção do “estar” homossexual, expressa por Tamires corrobora os estudos de Klein et al (1985 apud FUERTES- MARTIN; LÓPEZ- SANCHEZ, 1997) que

consideram a coexistência de variantes como desejo sexual, fantasias sexuais, comportamento sexual. Para estes autores, a orientação afetivo-sexual pode variar ao longo da vida, em decorrência de variáveis sociais, momento em que a pessoa se encontra, dentre outras. Poderíamos chamar a atenção aqui para a bissexualidade a que Freud se referia em 1905 e que vai sendo sujeita a transformações por mecanismos ainda desconhecidos (bio-psico-sociais) e que podem ou não culminar numa heterossexualidade.

A família se opôs, inicialmente, ao seu relacionamento com Gabriela, mas, hoje, a companheira é aceita integralmente.

O projeto de ter um filho partiu de Tamires, que demorou quase cinco anos para convencer a parceira. Ela conta que sempre teve o desejo de ter filhos e que o fato de estar em uma relação estável, ainda que homossexual, não alterou tal anseio:

A vontade de ser mãe... acho que desde que a gente nasce né, surge a vontade quando você começa a perceber que o mundo gira em função de pessoas que realmente vão tendo filhos e... vai evoluindo a espécie realmente. E eu sempre tive relações heterossexuais até chegar numa relação homossexual e aí a vontade de ter filhos não mudou em relação a isso.

Ao contrário, o fato de ter estabilidade no relacionamento conjugal serviu como ponto de apoio para a decisão de constituir uma família com filho. Tamires expressa em sua fala inicial, que o desejo de ser mãe existe, desde que a mulher nasce e discorre sobre a completude da mulher apenas após a maternidade:

(falando lentamente) Não, eu não acho não. Tem pessoas que não querem ter filhos e eu respeito muito essa opção. Respeito muito, justamente... não é pela dificuldade... não é difícil ter um filho, né. O financeiro é o de menos até **(risos)**. O problema é a responsabilidade que você tem, de colocar uma pessoa no mundo, que seja uma pessoa que contribua pro mundo. Porque

ninguém quer ter um filho marginal, ninguém quer ter um filho que degrada a sociedade, mas... e, sim que contribua de alguma forma... acho que é só.

A concretização da maternidade levou tempo, pois, convencer a parceira, foi um processo longo e difícil. Foram levantadas todas as objeções possíveis tais como: Como seria reação das famílias de ambas? Como e porque ter um filho? Como ocorreria a concepção? Que papel teria uma terceira pessoa no processo de concepção? Ele seria apenas um doador de sêmen? Tamires teria relações sexuais com ele? Quem seria ele? Em caso de ter relações sexuais e a concepção da criança se efetivasse, ele iria interferir no relacionamento de ambas? Como seria o relacionamento dele com a criança? E, se ele reivindicasse para si, a guarda da criança?

Houve por parte dela e da companheira o monitoramento do ciclo menstrual e do período fértil, com o auxílio de livros da área médica (fisiologia da reprodução) e revistas.

Para que ocorresse a concepção foi escolhido um rapaz, que fazia parte do círculo de amizades de ambas, sem que ele soubesse que estava sendo escolhido para tal. A entrevistada conta que teve com ele duas relações sexuais (em meses diferentes) e engravidou na segunda tentativa. Em seus dizeres:

Porque opções eram várias... Mas, eu não queria fazer inseminação artificial. E a gente discutiu o que seria uma terceira pessoa para que ocorresse... para que eu engravidasse. Então, a gente procurou alguém que fosse realmente meio desligado, que a gente sabia que não ia... Assim... pedir a paternidade, que não ia interferir na nossa relação e a gente conseguiu uma pessoa que fosse amiga. Ele não sabia que ele tinha sido escolhido justamente pra isso. E a gente foi, de acordo com meu ciclo menstrual... e tudo mais, a gente foi pelas datas... eu tive relações pra que eu pudesse engravidar.

Essa postura de coisificação do outro, do homem que foi “utilizado” apenas como reprodutor expressa a atitude própria das palavras princípio EU-ISSO, explicitadas por Buber (1977). Não houve aqui uma relação dialógica, tampouco intersubjetiva. O outro foi apenas o meio para obtenção de um fim, característica essa também notada na contemporaneidade.

Tamires relata que durante a gestação surgiram alguns questionamentos por parte da família da parceira e ao ser indagada sobre tais questionamentos, responde:

(**pausa**)... Deixa eu pensar aqui... (**fala bem devagar**) Eu não sei se foi muito em relação à gravidez não.. mas, foi em relação até à paternidade de que que seria a paternidade depois... da falta de um pai... de um homem, na cadeia familiar... ou até o questionamento de ciúme mesmo... “Porque que vocês fizeram sem contar para ninguém?” “Porque que a gente não podia saber?”... Mas, foi uma coisa muito fácil, porque quando a Bianca nasceu ninguém questionou mais nada...

No que diz respeito **à falta do pai ou da mãe**, em casos de **casais homossexuais** ela ressalta:

A criança não vai sentir falta, porque ela já nasceu naquele ambiente. É muito tranquilo, porque muita gente pensa que ela vai estar sentindo falta da mãe ou vai estar sentindo falta do pai. Não, ela não vai! Ela tem uma família.

Mooney-Somers; Golombok (2000) apontam que a preocupação com o desenvolvimento de gênero das crianças cujas mães são lésbicas parte da premissa que há necessidade de ter um modelo masculino e um feminino para a criança. As autoras referem-se às três perspectivas psicológicas que tentam responder à questão: até que ponto os pais influenciam a constituição e o papel de gênero de suas crianças? Essa preocupação da presença paterna como figura de referência tem grande influência dos estudos de Freud (1905) sobre a constituição da identidade

sexual e na resolução do Complexo de Édipo. Assim, nessa abordagem, a ausência de um pai ou a presença de mães femininas que não sigam o papel feminino tradicional poderia influenciar no desenvolvimento atípico de gênero para a criança. A segunda refere-se ao aprendizado social e à modelagem ajustando o comportamento de gênero por intermédio do reforço dos pais (MOONEY-SOMERS; GOLOMBOK, 2000). As autoras apontam que, na perspectiva cognitiva, as crianças procuram mais informações relacionadas ao seu gênero e adotam comportamentos que considerem apropriados a elas. Entretanto, temos, hoje, não só a inserção das crianças cada vez mais cedo no universo escolar, como também sua convivência com outras figuras de apego e referência, além dos meios de comunicação e dos múltiplos modelos familiares que coexistem na atualidade (ALARCÃO, 2002).

Acrescente-se ainda o processo de globalização, o acesso à TV e à Internet para que se possam ampliar os horizontes de contato e de referenciais para as crianças.

Após o nascimento da filha, as famílias de origem de ambas passaram a ter uma outra visão acerca da família constituída por elas. Nos dizeres de Tamires: *“As duas famílias, assim, acham que a gente corrige, que a gente educa, que a gente leva uma vida normalmente. Como de fato é”*.

Ao se reportar à **relação parental com o genitor** e ao sentimento que ele teve ao saber que tinha uma filha, Tamires, afirma que ele agiu com naturalidade e não tentou interferir na família constituída por ela e Gabriela. Contudo, poderíamos questionar: se ele sequer foi consultado, como poderia contestar ou desvelar seus sentimentos?

Ele achou natural porque ele já sabia da nossa relação (**homossexual**)... por mais que ele nunca tivesse visto nada, ele sabia que tinha alguma coisa. E como ele participava do nosso ciclo de amizades, ele viu que a minha parceira tinha com a minha família, tinha com a minha filha uma relação de mãe também. E ele nunca contestou nada. Ele achou natural.

Ele só tomou conhecimento de sua paternidade quando a criança já estava com um pouco mais de um ano. Todavia, Bianca é registrada apenas no nome da mãe.

Ela é registrada só no meu nome. Foi uma opção minha, porque na época em que ela nasceu, eu ainda não tinha contado que ela era filha dele. Eu só contei depois que ela tinha mais de um ano. Eu perguntei se ele queria registrá-la e ele falou que queria. Eu disse a ele então que tomasse as providências, mas até hoje ele não fez nada não (**risos**). Aí ficou por isso mesmo.

O pai biológico convive com Bianca e trata-a com carinho, embora, de modo distante. A criança convive com a família dele e com os primos, à medida que expressa sua vontade de ter contato com eles. Sobre essa convivência Tamires diz:

(**pausa**) É um pouco estranha porque... ela sabe que ele é o pai, mas eles não têm uma intimidade muito forte. Porque... não sei se pela cabecinha dela, pelo fato de ter uma família em casa, parece que ele é um amigo. Não tanto assim um pai... ela sabe que é pai, mas eu não sei te explicar muito bem o que que é na visão dela realmente, porque ela sente vergonha dele, ela sente timidez perto dele. Coisas que, com outras pessoas, ela tem até mais intimidade do que com ele. Talvez tenha assustado um pouco o fato do pai morar fora de casa. Apesar que eu acho que não assustou porque tem até um fato interessante: um dia a coleguinha de escola dela foi lá em casa e perguntou “Bianca, onde é que seu pai dorme?” e ela respondeu “Uai, na casa dele!”. (**risos**) Então... quer dizer, pra ela é natural ter o pai fora de casa, porque ele nunca morou em casa, né.

Cabe indagar aqui que condições seriam necessárias ao desenvolvimento da relação EU-TU? A criança sente-se distanciada do pai que, por sua vez, foi excluído do projeto de concepção. Sua aproximação com a filha vai ocorrendo de maneira

truncada, como fica explícito na fala de Tamires (e também de Gabriela) e, assim também a construção do vínculo é descontínua.

Em relação à **vivência da parentalidade** Tamires fala sobre as dificuldades no início do exercício da maternidade e de como buscou informações sobre o desenvolvimento da criança. Conta que leu muito, procurou orientações nas revistas e livros dirigidos às mães (cita livros de como cuidar dos bebês, a revista Crescer¹² e livros sobre inteligência emocional, desenvolvimento, etc).

Aí quando eu dei a luz eu fiquei um tempo na casa da minha mãe, um tempo pra minha mãe me ajudar. Devo ter ficado lá uns vinte dias até eu voltar pra casa e assumir. Mas, minha mãe me ajudou muito no começo, com os cuidados, na higiene. Não que eu não soubesse, mas... eu precisava dormir também (**risos**). Porque não tem hora né, nos primeiros dias não dá tempo nem pra tomar café, nem pra pentear os cabelos... tive até que cortar os cabelos... o cabelo era enorme... não dava tempo, não dava tempo, porque a gente quer dar o melhor... sempre.

Dois pontos são destacados nesse trecho do depoimento: **apoio da família** (ou de outras pessoas que auxiliem nas primeiras interações e cuidados com a criança) e dependência da criança, que promove modificações na percepção da mãe sobre seu papel e suas expectativas como tal. A última fala da colaboradora expressa essa re-significação (*“porque a gente quer dar o melhor... sempre”*).

Ainda nessa direção, Tamires expõe tudo o que **mudou em sua vida**, após a chegada de Bianca, suas inquietações, novos objetivos e a preocupação com o futuro e o bem-estar da filha.

Nossa! Muda tudo né... você... principalmente em relação à preocupação com a formação educacional do filho. Porque quando você é só você ou quando é só o casal as coisas são muito mais fáceis. Quando você tem um filho,

¹² Revista editada pela Editora Globo.

você...(faz uma pausa mais longa)... é como se 70% da sua vida fosse em função do filho, sabe? Não sei assim medir certinho (**risos**) mas, por alto daria mais ou menos isso. Você transfere muita coisa assim, das suas vontades, dos seus desejos, das suas ambições, você passa a apostar.. mas, é assim, uma mudança radical, ela... tudo o que eu faço eu penso no futuro dela. Lógico que a gente pensa no futuro da gente também, a gente quer sucesso profissional, quer sucesso amoroso... então é uma mudança boa, uma mudança positiva, porque faz com que a gente tenha mais responsabilidade, faz com que a gente tenha uma amplitude de visão em relação ao mundo mesmo. E, da gente querer melhorar o mundo que a gente vive para que os nossos filhos tenham um mundo melhor do que o que a gente tem hoje. A gente também passa a entender melhor os nossos pais, o que foram os anseios, os objetivos, os projetos de vida deles em relação à gente. E a gente vê que é um ciclo. Mas é uma experiência diferente, o fato de ser mãe é uma experiência boa e enriquecedora.

A experiência da maternidade leva a colaboradora a rever toda a sua trajetória até o momento e a fazer novos planos para o futuro. A questão da responsabilidade, os projetos de vida (carreira, relacionamento, etc.), tudo passa a ser pensado em função da criança. Um outro ponto relevante é a **re- significação da relação com os próprios pais**, vendo-os como humanos, sujeitos a falhas e, por fim, aprendendo a ter um olhar mais compreensivo para eles, desvelando nuances da relação EU-TU.

No transcorrer da entrevista, Tamires aponta **os encantos dessa vivência** e o quanto a filha pode ensinar a ela e à parceira e o quanto a chegada de uma criança muda a vida de um casal. O papel da educação, a noção de valores, a percepção de ser mãe e o que pode construir para possibilitar a autonomia da criança. Ela menciona que para a família homossexual não tem grandes diferenças, pois os filhos irão conviver também com essa dimensão do casal.

Eu acho que, em primeiro lugar, pra você ter um filho... isso pra qualquer pessoa, primeiro você tem que planejar, você tem que saber que **sua vida vai mudar (ênfase)** totalmente. Agora, pra quem tem uma relação homossexual,

não complica, sabe? Pra que complicar se você pode simplificar? A criança, vai conviver de uma forma muito natural, ela vai ensinar muita coisa pra gente, porque a gente acaba aprendendo muita coisa, realmente... como lidar com os próprios preconceitos que a gente tem, do que que vai ser o futuro. Do que que ela vai estar pensando. Então, se desligar em relação a isso, sabe. Ter a preocupação de que é uma criança, que você vai estar ensinando pra ela tudo o que você sabe. Então, que você passe para ela o que são os seus valores, né? Isso é importante. Porque uma pessoa tem que ter os valores e a criança tem que saber disso. Você tem que colocar limites porque toda criança, em toda educação você tem que ter limites. Porque se você deixar a Deus dar, você não vai conseguir controlar nunca e, a criança não vai ter medida, ela não vai saber se... ela mesma não vai saber pra onde ir no caso de... em qualquer situação na vida dela. E... isso é o que a gente pode deixar de melhor pros filhos. Ensinar sempre que eles têm que ser independentes, que a gente nasce sozinho, a gente vive sozinho e a gente morre sozinho. Pode ser que a gente morra tudo junto, mas, cada um na sua hora, no seu tempo. E... é uma lição, você poder fazer com que seu filho se torne ele mesmo, sabe, dentro do... não com preconceitos, com padrões, com nada disso, mas, com limites, eu quero dizer que, porque se você deixar muito solto, achando que isso pode estar tampando alguma coisa que você não pode oferecer ou que a criança não esteja tendo por causa da falta de um pai ou da falta de uma mãe, no caso de um casal gay. (...) **(pausa longa)** Eu acho que... se uma pessoa resolver realmente ter filho... que planeje... isso pra qualquer pessoa, porque financeiramente custa, emocionalmente custa, a gente tem muito medo de perder, né. O medo da perda é inevitável em qualquer situação. Mas, que é... uma coisa... é uma **situação inusitada e necessária (ênfase)**. Porque realmente a gente consegue passar pros filhos da gente nem que seja alguma coisa, mas que ele vai carregar aquilo com ele pro resto da vida.

Como dissemos no primeiro capítulo, a noção de parentalidade é mais abrangente que a de pai ou mãe, uma vez que abarca as pessoas cuidadoras que não são, necessariamente, as genitoras. Quando se fala em uma parentalidade homossexual, inúmeros preconceitos aparecem, pois o conhecimento e as concepções de família são calcados no modelo de família heterocêntrico e em uma visão de

gênero estanque e dicotômica e que configuram e “naturalizam” a divisão de papéis (cf. apontam NAVARRO-SWAIN, 2000; GREEN, 2002, CHAUI, 1984, dentre outros).

A existência de preconceito aparece nas diversas posturas que a sociedade exhibe e podem ocorrer dentro do grupo de homossexuais, ao nível individual (como expresso na fala acima) e das pessoas, em geral. O preconceito e por vezes, a discriminação, ocorrem devido ao desconhecimento, à falta de reflexão sobre a homossexualidade (e suas mais diversas formas de expressão como a conjugalidade, a parentalidade, a constituição de famílias, etc.) e são herança de nossa cultura ocidental repressiva, judaico - cristã como aponta Chauí (1984) e é evidenciado na fala a seguir:

As pessoas tem muita curiosidade sobre o relacionamento homossexual e se perguntam: “Quem faz o papel de homem?” (**no caso, de um casal de mulheres**). Isso é uma das piores coisas que eu já ouvi, até porque algumas pessoas realmente assim... têm preferências em relação a cabelo, a roupa, à maneira de se expressar. Mas isso não significa que você é mais mulher ou menos mulher (**risos**) ou menos homem, mais homem por causa disso. E esse papo das pessoas quererem saber quem é o pai ou a mãe numa relação homossexual... fica assim em aberto... porque não tem como você definir isso, porque isso não define. E a criança não vai questionar isso nunca.

No decorrer da entrevista, pode-se notar uma tentativa de aproximação e inclusão desse pai da con-vivência com a filha e com a estrutura familiar montada pelas colaboradoras, assim como **da rede social e de apoio** da qual fazem parte:

Quando foi para ela entrar agora, nessa escola nova... agora, que ela começou no início do ano, fomos nós três (**as duas e o pai biológico**), até porque pro pai ouvir também a orientação que ia ser dada pela escola. Porque eles trabalham um pouco mais com esse lado psicológico e até falaram pra gente que quando ela estiver com a idade aproximada de seis anos é que ela vai

começar a questionar mais. E, eles já querem começar a preparar... não sei de que forma, mas, já querem começar a preparar para que não haja nenhum trauma. Porque criança a gente sabe como é, os coleguinhas vão começar a questionar “*Quem é seu pai?*” “*Quem é sua mãe?*”. Mas, isso na cabeça dela é muito fácil, ela tem uma mãe, ela tem uma madrinha e ela tem um pai. Ela não tem conflito **nenhum** (**ênfase**). Ela não tem conflito nenhum.

Na fala apresentada acima também transparece a visão que a criança tem de sua família e como percebe a “ausência” paterna em sua casa e interage com outras crianças. É possível notar que os papéis parentais são claros para a criança. Ela mora com a mãe, a “madrinha” e tem um pai que mora na casa dele.

Há uma preocupação por parte da **escola**, que tem conhecimento da conjugalidade homossexual e da existência de um pai (com quem a filha tem contato), de conhecer a família a fim de poder lidar com futuros questionamentos que possam haver por parte de Bianca e/ ou seus coleguinhas.

No que se refere à **rede de apoio social**, a escola tende a ser um espaço em que o preconceito aparece freqüentemente arraigado. Destacamos a noção, comumente recorrente, de que a criança possa ser “*ensinada*” a ser homossexual em razão do contato com duas mães ou dois pais (TURNER, SCADDEN; HARRIS, 1990, apud VICTOR; FISH, 1995). É comum na fala de profissionais da saúde e da educação, a identificação de “*tendências*” que, na verdade referem-se aos comportamentos de gênero (masculino e feminino) considerados, socialmente, inadequados para a criança, como apontam os estudos de gênero de Louro (1997) e outros autores. Diante disso, o rótulo de “*futuros homossexuais*” assombra o imaginário destes profissionais e são levados aos familiares das crianças. Tamires expressa o que pensa sobre essa “*tendência*”:

São maneiras da criança expressar... da criança, depois do adolescente, são maneiras dele de se expressar, de forma que não seja entre aspas “o padrão”. Por exemplo, meninos que falam com muita manha ou que são mais delicados, com... mais carinhosos até... que são diferentes do que... os outros consideram que fossem normais, né. Ou até da menina mesmo, que fica mais acanhada, que fica mais retraída, eu acho que são diferenças sutis, mas que... que parecem que levam a pessoa a ter uma tendência, a gostar de pessoas do mesmo sexo.

Tamires fala sobre sua percepção acerca da reação dos professores frente a essa “tendência”:

Fica parecendo tem uma preocupação maior com aquele menino... **(simula a fala dos professores)** “Nossa! A mãe daquela criança é assim **(homossexual)**, então nós temos que tomar muito cuidado para que o filho não seja igual à mãe...” como pode ser do pai. Até mesmo em casais heteros, às vezes, o pai tem uma forma diferente de se expressar do que o comum e os professores também manifestam a mesma preocupação... de que tem que se ter um cuidado maior com aquela criança para que ela não se desvie **(risos)**. Essa preocupação que os professores tem em relação a isso, devia ser uma coisa super tranqüila, super natural porque a educação da criança começa em casa. Então, se pra criança aquilo é natural, e... minha mãe não era gay, meu pai não era gay, nem bissexual... **(risos)**. Acho que não, não posso afirmar... **(risos)**... acho que não. Não foi, por exemplo deles, que hoje eu convivo com uma pessoa do mesmo sexo... mas, os professores deviam pensar que... a forma de educar é a mesma, não tem que ter uma preocupação diferente porque a criança vai ter uma “tendência”, de maneira alguma. E nem porque o menino gosta de brincar de boneca que tem que forçar o menino a jogar futebol ou vice-versa. Englobar realmente tudo... e deixar que natureza faça a parte dela. A natureza, a cultura e tudo mais. Todo o social né, que a pessoa tá envolvida, o psicológico, o íntimo, até a questão familiar mesmo. Porque eu vejo muito essa questão... sexual... de opção da pessoa... hã.. não tem nada muito comprovado ainda né, tem muita especulação, mas nada assim muito científico. Vai muito do meio em que a pessoa convive. E você ouve falar de relações homossexuais na era dos macacos, né quanto mais nos humanos depois. E eu acho que é muito uma questão social mesmo... num vejo muito assim a genética determinando assim... até um bebê de proveta tem um gameta masculino e feminino.

Em sua fala podemos notar também uma tentativa de explicar as origens da homossexualidade numa concepção mais abrangente, como apontam Fuertes-Martin; López- Sanchez, (1997), Costa (1994), dentre outros. Note-se que a necessidade de explicar a homossexualidade buscando “causas” genéticas, sociais, aprendizagem social, interações familiares, dentre outras, desvela a tentativa de legitimar tal vivência, embasando-se no que diz o discurso científico.

A colaboradora apresenta em seu discurso a expressão da **variabilidade de arranjos familiares** possíveis na atualidade e observa que a **escola** atual necessita aprender a lidar com essa realidade:

Nós nunca tivemos problemas em relação à escola, até porque a escola que ela estudava nunca tinha festinha do dia dos pais. Porque a maioria das crianças da escola eram filhas de mães solteiras ou de pais separados. Então, realmente nunca tinha festa dos pais. Festa das mães a gente sempre vai juntas, eu e a Gabi. E em reunião também...

A relação conjugal de Tamires e Gabriela é **externada a criança** no dia-a-dia e, a filha tem uma proximidade afetiva de ambas as cuidadoras, como a colaboradora proclama:

A gente age naturalmente, a gente se beija, a gente se abraça, a gente faz carinho. Ela nunca questionou assim... algumas vezes, ela tem ciúme, tanto de mim quanto da minha parceira. Ela sente ciúme porque ela quer estar no meio. Ela quer beijo de uma, beijo de outra. Ela num faz distinção da gente... Ela sempre quer estar no meio mesmo, porque ela não quer tomar partido nem pra uma nem para outra. Eu imagino que pra ela é uma coisa muito natural porque desde que ela nasceu né.. a gente tem o relacionamento. Acho que é bastante natural mesmo.

Nos dizeres dessa colaboradora, as **necessidades e dificuldades** que uma **família homossexual** poderiam ter são as mesmas de quaisquer famílias.

Meu recado é esse: que as pessoas se sintam mais à vontade pra poder se expressar e, a criança que tá crescendo naquela família possa ver que a pessoa é uma pessoa normal, uma pessoa natural, com problemas, que tem que pagar conta, um cidadão comum. Com as situações comuns de qualquer vida, de qualquer situação que apareça no decorrer dessa história evolutiva que a gente tem.

Estes dizeres corroboram o que Marvin e Muller (2002) afirmam acerca da semelhança na constituição dos casais homossexuais e heterossexuais no que se refere às etapas da vida, das quais a constituição e manutenção de uma família fazem parte.

Ainda em relação à **rede social**, um aspecto que difere na questão da parentalidade homossexual é a **convivência com outras pessoas que tenham filhos** na mesma condição. Tamires diz que conhece alguns casais que não se dão bem.

Que se dão bem não (**risos**). Eu conheço mais dois casais...um casal que era assumido e outro mais ou menos assumido. Esse que era assumido o casal já era até separado. A madrasta é que cria o menino (**não é a mãe biológica**). E a outra, o outro casal, a mãe fez uma coisa parecida com a que eu fiz também. Ela teve um filho com uma pessoa que é o pai, o menino visita e tudo mais, muito parecido com o caso da minha filha. Mas, ela tem uma companheira, elas convivem e o menino convive numa boa. E não se vê nenhuma tendência sexual (**homossexual**) no menino, assim como não se vê na minha filha.

Ela destaca um ponto importante: a crença de que filhos de gays ou lésbicas teriam a “*tendência*” a serem homossexuais, como destacam Victor; Fish (1995) e outros autores. Ressaltamos que os estudos não apontam para essa tendência como já discutimos acima segundo apontam Mooney- Somers; Golombok (2000).

Um outro apontamento feito por essa colaboradora diz respeito ao contato que a criança tem com outros **amigos homossexuais**, em sua **rede social**. Tamires

relata uma situação em que a criança pergunta a um amigo delas, se a namorada dele era homem ou mulher. E completa:

Ela nunca viu nada... Mas ela ouviu muito bem (**risos**)... Então, é... eu acho que ela vê de uma forma bem natural porque ela não questiona isso... Ah! Homem com homem, mulher com mulher, né... pra ela homem com mulher, como mulher com mulher é a mesma coisa assim. Ela ainda não... não sei se por ela ser ainda muito nova ou se, realmente por ela vivenciar uma coisa muito normal, porque ninguém da família cobra, ninguém questiona, então.. pra ela é muito tranquilo.

Como podemos notar, a convivência que a criança tem é com grupos diversificados, o que a faz ampliar sua rede de contatos e se deparar com uma gama de modelos comportamentais. A con-vivência com a diversidade, ao contrário do que inicialmente se pensa, ao invés de confundir, pode levar à uma maior tolerância e respeito às múltiplas formas de expressão que o ser humano tem, caminhando rumo às palavras-princípio EU-TU.

Passemos à fala de nossa segunda colaboradora, Gabriela, parceira de Tamires.

C.2.- Gabriela, 32 anos, profissional liberal, 3º grau completo, 32 anos, homossexual. Está há 12 anos com Tamires com quem tem uma filha de quatro anos e meio, Bianca.

Gabriela é filha única por parte de sua mãe e a caçula dentre os filhos de seu pai (que a teve no segundo casamento). Relata que sempre foi homossexual, desde criança e, só teve experiências sexuais e relacionamentos com mulheres. Sobre a **constituição da identidade sexual e de sua orientação afetivo-sexual**, ela diz:

Existem casos e casos. Existem pessoas que se descobrem aos 19 anos como o caso da **Tamires (companheira)**. Existem pessoas que sabem que vão ser diferentes desde que se entendem por gente, como é o meu caso. Então, não é opção. Talvez, sei lá, seja genético, seja... sei lá, não sei. Quem sabe, né? Se fosse assim, não existiriam homos, porque todos os pais são heteros. É o que eu te falo.. eu acho que eu sempre fui homo, mais homo. E a **Tamires (ênfase)** se descobriu homo ou bi, ou sei lá o que, estar, deixar de estar aos 19, 18. Nesse momento da minha vida, eu estou em uma relação homo, mas eu posso amanhã não estar.

Ela destaca o sentir-se homossexual, como uma possibilidade de um “estar homossexual” e enfatiza o quanto a sociedade rotula e expressa o **preconceito** contra os comportamentos das pessoas.

Bom.. eu acho que não existe **ser algo, (ênfase)** existe estar algo, eu posso estar hoje uma coisa, como amanhã eu posso estar outra coisa. Amanhã eu posso estar querendo alguma coisa diferente. Por mais que eu tenha uma tendência maior para... homossexualismo, mas eu também tenho atrações. Minha libido, minha hora, a pessoa, bateu, sei lá, grau alcoólico, momento, pode ser qualquer coisa, acho que as pessoas se limitam demais nisso, em taxações. Todo mundo tem seu dia de... algo diferente. Todos. Para mim, na minha concepção, é isso. O que tolhe é a sociedade. São os pré-requisitos, os preconceitos.

Ela fala sobre o processo de **re-conhecimento da homossexualidade** e do processo de **“coming-out”**:

Mas... é muito difícil quando “cai a ficha”, realmente, e você fala: “Nossa! É... sou diferente!” Você... **(pausa)**... não é fácil... a culpa que vem carregada junto, não é fácil **(fala devagar e baixinho)**. As coisas poderiam ser mais fáceis... mas, não é fácil você assumir... pra você mesmo, antes de assumir pra sociedade. E aí você olha e fala... “Pois é, e agora, José?”... **(pausa)** não é fácil.

Note-se em sua fala o sofrimento causado pela homofobia internalizada e também social. A culpa, a dificuldade de se sentir “diferente” tornam o processo de

“*coming-out*” singular e subjetivo. Gabriela é discreta em seu **papel afetivo-sexual**, pois segundo ela:

Desde que você.. não é que você não agrida, porque você vai agredir né. Desde que você não prejudique ninguém, tá ótimo, pode fazer o que quiser. Você vai prejudicar alguém ou a você mesmo? Então, não faça! Não vai prejudicar? Então, faça! Não existe certo ou errado... acho que esse parâmetro não existe. É a consciência de cada um. Tá certo que tem pessoas que dizem: “Tudo é certo.” Não acho que é assim... limite é essencial. (...) Agora, meus amigos hetero não têm que conviver com isso, eu acho. **Eu acho (ênfase)**. Se eles vão achar ruim ou não? Não sei. Problema deles. Mas, eu não me sinto bem (**de trocar carinhos com a companheira na frente dos amigos**), é a minha opção. Poderia muito bem dizer “Se vocês quiserem (**nossa convivência**) é assim...”. Mas minha opção é de não agredir. É uma agressão? É. Quando eu vi dois homens beijando a primeira vez, eu assustei! (**pausa**). É diferente! Não é agressivo, é diferente. Mas... pra que que eu vou tentar obrigar (**as pessoas a aceitarem ou presenciar uma cena de troca de carícias**)... eu não tenho necessidade... (**pausa**) não é por aí, eu acho que não é agredindo que vai se abrir espaço... eu acho que é a convivência! As pessoas vão começar a conviver e dizer: “Não. Realmente é diferente, é esquisito, mas... é igual!” As pessoas estão começando a encarar assim. Muitas pessoas estão começando a encarar assim...

Ela toca em uma questão importante: **convívio e conhecimento**. A partir do momento que as pessoas passam a olhar o indivíduo em sua inteireza e não apenas em um aspecto de sua existência é que há uma aproximação das palavras princípio EU-TU buberianas. Em seu relato, ela continua, chamando a atenção para a família extensa:

a minha família começou a encarar assim. Teve né, que encarar assim. Ah! Já é (**homossexual**), né? Então, tá. Vamos abraçar e aceitar. Me respeitam... como se fosse qualquer outra pessoa. Respeitam a **minha família (ênfase)** (**refere-se à família formada por ela, Tamires e Bianca**)... e, é minha família...

Gabriela forma com Tamires um **vínculo conjugal** e, ao assumir o *status* de família com sua parceira e, posteriormente com a chegada da filha, se fez respeitar por todos. Todavia, deixa entrever que a aceitação da família não foi algo fácil. Ela conta sobre a existência de um primo mais velho que também é homossexual, mas que, por pressão da família nuclear dele, se converteu à religião evangélica, casou-se e tem três filhos. Diz que a família dele nunca os deixou a sós, desde que foi descoberta a homossexualidade de ambos, desvelando a atitude expressa pela palavra princípio EU-ISSO e toda a homofobia que se faz presente. Em seus dizeres:

Eu tenho um primo que ele se diz ex-gay, ele se diz “curado”... Ele agradeceu à família, pediu desculpa por tudo que eles tinham passado. Eu disse que quem tinha que agradecer sou eu, por eles terem me aceitado e respeitado a minha opção e, principalmente por respeitar a **minha (ênfase) família...** eles **(a família extensa)** jamais me maltrataram, jamais fizeram assim **(faz um gesto indicando que nunca a discriminaram)**. Abraçaram **(a família que ela constituiu)**. Ah! **Se eu saio da linha! (ênfase)** O pau come!... E a Bianca é o xodó da família.

O processo de “coming-out” ou o processo de se assumir homossexual perante a família extensa (tios, avós, primos), em grande parte das vezes, é doloroso, difícil, truncado. Gabriela afirma que sua família (em especial, os tios, pais do primo homossexual) tem uma postura ambígua: tolera, respeita, trata bem a colaboradora, a parceira e a filha. Mas, não toca no assunto da homossexualidade e se mostra intolerante com o primo. Esse distanciamento empobrece as relações familiares e afasta a intensidade relacional possibilitada pela intersubjetividade do TU, pois permanece apenas no mundo do ISSO de que nos fala Buber.

Quando a família descobriu essa história do meu primo... Nossa! A família **(dele)** se apegou à religião e se fechou. Eu me assustei, quando ele me contou... Quando ele se assumiu... que ele era **(gay)**... eu nem desconfiava...

ele que desconfiou de mim. Eu disse: “Você tá louco? Você vai assumir isso pro seu pai? Tem certeza do que você tá fazendo? Você vai levar uma surra do seu pai!”. Ele não segurou a pressão. Se ele é feliz ou não, até hoje eu não tive oportunidade de questionar. Talvez até um dia eu consiga. Talvez, esteja... ele tem três filhos e tal. Talvez **isso (filhos)** é que esteja sustentando a opção que ele tentou tomar pra vida dele. Ele optou por não assumir... o que ele sentia ou sente... agora se é feliz.. talvez ele **esteja (ênfase)** feliz, porque realmente, filho muda muito o sentido de vida. Em nome desse filho... porque eu acho também que filho não é desculpa pra se manter um casamento. Em nome desses filhos, ele esteja tentando. Tomara que ele consiga... ser feliz. E se ele ver que ele deu um passo errado, tomara que os filhos dele entendam ele. Pra que não fique pesando isso na cabeça dele: “Os filhos, os filhos, os filhos...” porque ele pode ser o melhor pai que tem. Cada um tem um histórico, cada um tem um modo de vida, de ver.

No discurso de Gabriela notamos o quão complexa é a constituição da identidade sexual e assunção de uma orientação afetivo-sexual que diverge da expectativa familiar. A pressão social, familiar, o apego à religião, o casamento e presença dos filhos, além do isolamento a fazem questionar a opção do primo por expressar uma suposta heterossexualidade. Isso nos leva a refletir sobre a noção de opção sexual, freqüentemente veiculada pelo senso comum. É possível aventar a hipótese de “*opção sexual*” frente a tantas (re)pressões? Ela questiona que ele se diz “*curado*”, se proclama “*ex-gay*”. Uma tal indagação procede, pois vemos cotidianamente, pessoas tentando “mudar” sua orientação afetivo-sexual com a ajuda de religiões e, por vezes, com o auxílio de psicólogos, psiquiatras e outros profissionais.

Relembramos que há uma norma do CFP 01/99¹³ que coíbe tais práticas. Entretanto, observamos mais uma vez a influência que o legado repressivo de que nos fala Chauí (1984) está interiorizado na forma de homofobia, da visão de doença

¹³ A Resolução encontra-se na íntegra nas páginas 62-63

(para a qual se pode tentar a cura), de pecado (para isso, o discurso da Igreja, que aceita os homossexuais, desde que não tenham na prática, o comportamento homossexual).

Ela destaca as expectativas que a família, em geral, tem dos filhos e o quanto a descoberta da orientação afetivo-sexual homossexual pode causar desconforto, culpa, sentimentos ambíguos.

Como aconteceu com Tamires, sua parceira, o fato de ser, simultaneamente mãe (pois, exerce a função parental com Bianca) e filha, a auxiliaram a dialogar com a própria mãe e superar obstáculos.

Talvez... o meu não seja só... só depende do tempo das pessoas... de aceitarem (**fala baixinho**). Eu acho que toda mãe... a sua mãe achou, **acha (ênfase)** até hoje que te criou da forma certa. E talvez não seja. Eu já tive oportunidade de conversar com minha mãe, esclarecer vários pontos de nossa vida... você tira a barreira... assim, sou mãe, sou filha.

Gabriela informa que sempre soube de sua orientação homossexual. Ela conheceu Tamires aos vinte anos e iniciou um relacionamento que já dura doze anos.

Contudo, sua fala sobre o **desejo e o projeto de ter filhos** contradiz a de sua companheira. Tamires narra que Gabriela não se opôs e que a apoiou integralmente quando expressou sua vontade de ter um filho e, o relacionamento estável, contribuiu para a decisão de seguir em frente. Gabriela, ao contrário, relata que um dos motivos que interferiram em sua tomada de decisão referiu-se aos reais ensejos de Tamires para levar o projeto de concepção de uma criança, adiante. Um dos fatores que ela questionava era, justamente, a estabilidade do relacionamento:

O que eu mais questionava era porque a Tamires queria... um filho pra começar... (**pausa longa**) (...) faltou muito, é lógico, estabilidade de

relacionamento, segurança de relacionamento e eu questionava sempre isso. Até que ponto isso não era só uma brincadeira, até que ponto isso não vai envolver uma terceira pessoa, que não tem nada a ver com isso. Um jogo de paranóia, da cabeça dela (**da parceira**). Eu questionei isso durante muito tempo. (...)

Ainda sobre as dúvidas da parceira, em relação à orientação do desejo (lembramos que Tamires se diz bissexual), Gabriela diz:

Eu acho que os problemas foram e vão continuar por um bom tempo da cabeça da Tamires. Nem da Bianca. Mas da cabeça da Tamires.

Ela conta o porquê da **demora na realização da concepção**, uma vez que já estão juntas há doze anos e Bianca, no momento da entrevista, tinha apenas quatro anos e meio.

Sim... Oito anos antes. E esse projeto... vamos classificar assim, porque foi um projeto, acho que esse projeto demorou uns três, quatro anos. Estabilidade financeira, independência financeira... (...) a responsabilidade, que é uma coisa, para mim, no meu modo de pensar, enorme. Eu costumo falar que uma pessoa pra ter filho tinha que ser PhD. Porque não é fácil educar, não é uma tarefa fácil e ninguém consegue dizer as coisas cem por cento. Sempre há falhas e eu sempre me cobrei isso. E, eu não sabia até que ponto isso era simplesmente uma prova de auto-afirmação dela (**quanto à relação homossexual**)... **Pra mim não (ênfase)** eu já era muito tranquila nisso. Agora, eu não sabia até que ponto seria uma auto – afirmação pra ela. Eu até hoje acho que tem um pouco também disso. “Eu sou normal, apesar de (**ser/estar homossexual**)... Eu sou normal”.(**fala como se isso fosse uma auto-afirmação da companheira**). E ela teve que me provar que não era isso. Isso eu não abri mão.

Sobre a idéia de ter um filho, Gabriela diz: “*A idéia não surgiu de mim, mas amadureceu. E a **decisão final foi minha sim (ênfase)**”.* Durante o processo de discussão e persuasão da parceira para que tivessem um filho, inúmeros questionamentos vieram à tona. A atribuição de um sentido maior e mais duradouro à própria vida, questões sobre o futuro da criança, uma possível auto-afirmação da

parceira quanto à orientação do afetivo-sexual foram alguns dos pontos que emergiram na fala dessa colaboradora e que destacamos a seguir:

Porque? Porque você chega num ponto em que você tem que dar um sentido na vida, você tem que almejar alguma coisa, e almejar coisas materiais não é o meu sentido de vida. E a **Bianca (ênfase)** veio dar o sentido de vida e de meta e de uma série de coisas... Basicamente é isso! (...) Nunca tinha pensado no assunto, mas, tinha pensado em adoção. Mas, assim, esquematizar toda a coisa, fazer tudo acontecer, nunca tinha pensado. É uma idéia que demorou a ser amadurecida, demorou a ser concebida, demorou ser assimilada. De ambas as partes.

Gabriela diz que nunca havia pensando em ter filhos e não tem vontade de engravidar, mas a existência dessa criança a fez repensar sua vida e, hoje, diz não saber mais viver sem ela. Inicialmente, mostrou-se resistente à idéia de ter filhos, o que demandou quase cinco anos de insistência da companheira para convencê-la. Ela rememora o **processo de preparação e planejamento para a concepção**:

Isso que eu te falei, até que ponto era uma auto- afirmação dela (**de Tamires**), até que ponto isso ia mudar todo enfoque familiar.. que mudou.. foi um novo baque. Até que ponto isso (**a homossexualidade delas**) poderia prejudicar essa criança futuramente. Até isso eu pensei, como é que seria daqui a quatro, cinco, oito, dez ou vinte anos. Como é que vai ser a cabecinha dela? (**pausa**)... O ato em si de concepção, natural, artificial, doador, pessoa... tudo isso foi questionado... tudo isso foi discutido e tudo foi pesado. Tudo na sua etapa, cada coisa era resolvida... Era assim, surgia um novo problema, era debatido, era resolvido ou não resolvido. E, depois, começou... eu comecei a ter falta de sentido de porque.. “Porque eu vou ter que viver até sessenta anos? Juntar bens materiais? Não. Para que? Viver pra quê?” Eu acho que filho dá sentido de vida.

Em que pese a decisão por ter um filho numa relação homossexual, o planejamento para a concepção, de fato, é mais demorado em razão da consideração

de todas as perspectivas possíveis, incluindo condições financeiras, emocionais, sociais, como fica evidente tanto na fala de Tamires quanto de Gabriela.

A preparação para conceber essa criança, começou com questões: “Que base que tinha pra educar?” Primeiro começou com “Que base que tinha pra conceber, né?” Eu entrei de cara em fisiologia, pra pegar dia fértil, pra dar tiro certo. Não é fácil você pegar a pessoa que você gosta e falar “Ô, vai ali transar, ali e vá engravidar”. Né... Então, acho que foi o segundo tiro... né... Mas, como? Eu enfiei a cara na fisiologia... “Vamos lá, fazer tabelinha, medir a temperatura local... Subiu um grau, vamos correr...” Começou a partir daí, depois, como educar... Assim... **(revistas)** Crescer, Memória Emocional, Pais e Filhos, seja o que for... E nós fizemos uma psicoterapia. Chama-se processo Hoffman da Quadrinidade... Você já ouviu falar? Que nada mais é do que você passar sua vida a limpo... A sua vida e a vida de seus pais a limpo. Pra você não fazer o que eles fizeram com você. Não que a gente não faça, **faz (ênfase)**.

A responsabilidade que a chegada de uma criança demanda, é um ponto destacado, a todo momento, na fala dessa colaboradora assim como a expectativa de dar um **sentido maior à existência**, em razão da presença de uma criança.

Sobre **problemas** que elas esperavam e não se concretizaram (e que haviam sido citados também na entrevista com Tamires), Gabriela afirma:

Sim. Na verdade a gente esperava questionamento da família do pai (**quando descobrissem a paternidade dele**), reivindicar posse, é... tentar em juízo, não qualificar a Tamires como mãe, não apta a criar, querer interferir... coisas que não aconteceram. E as que vieram a acontecer... é... eu não me lembro, assim, nada que pesou. Mas, eu acho que pesou mais pra ela (**Tamires**), não pra mim. Não pra mim.

Conforme expressa Alarcão (2002), a mudança de status do subsistema conjugal para o parental, provoca **modificações na relação conjugal** e novas perspectivas devido à formação do vínculo parental “*Mudou totalmente o foco de porque fazer as coisas, o foco se desloca para ela. Muda todo o foco*”.

A **parentalidade** é efetivamente exercida por Gabriela. Porém, ela prefere definir sua relação com a filha como descreve a seguir:

Não (enfática), ela tem uma mãe. Eu procuro me caracterizar para ela, como uma amiga dela. E ela se caracteriza como uma amiga para minha. Nós somos duas amigas. Se algum dia, ela quiser me chamar de mãe, ela quis. Porque eu não vou falar, não faça isso. Vai ter que partir dela. Como ela chama minha mãe de vó. Partiu dela. É escolha dela. Se ela não quisesse chamar, não chamaria. A opção é dela. As pessoas perguntam (**como são duas mulheres, duas mães**) quem será o pai ou mãe? É um rótulo né. Tem que ter o rótulo (**tom de desprezo**). Hoje a gente estava numa festa, a moça perguntou: “Mas ela é filha de quem?”. Porque ela foi pedir pra Tamires uma coisa, a mãe dela não deixou e, ela deu a volta e pediu pra mim. Eu disse: “Sua mãe já falou que não é pra fazer. Eu não vou falar nada contrário”. E a moça: “Mas, ela é filha de quem?” Aí, a esposa de um conhecido, respondeu: “Ela tem duas mães, uma biológica e uma que cria. Porque a biológica não tem tempo pra criar.” Então assim, de certa forma é (**o fato de ser mãe**)? É. Mas eu não me taxo como mãe. Mãe é a Tamires. Mas, eu não quero esse rótulo não. Não quero. Se ela (**Bianca**) quiser me pôr, a gente vai até negociar lá pra frente. Mas antes disso não quero não.

Como é possível perceber, há nuances da relação EU-TU no modo como Gabriela vai construindo o **vínculo afetivo** com Bianca. A colaboradora expressa a transparência e o diálogo que estabelece com a filha:

Ela vai ter opção de ser o que ela quiser. A hora que ela quiser e, **principalmente (ênfase)**, ela nunca vai ter o gancho pra falar assim: “Eu vou mentir”, porque a gente nunca mentiu pra ela. Nunca. Jamais minto pra ela. Eu negocio, por exemplo: “Vamos tomar vacina? Vamos, negociando. Você não quer negociando? Você vai na marra (**à força**). Você vai”. Eu não vou dizer que você vai tomar sorvete... “Você vai tomar vacina, vamos lá!” Ela vai chorando, vai esperneando, mas eu não vou mentir pra ela. Vou falar pra ela que ela vai tomar um sorvete, chega lá vai tomar vacina? Então, acho que se a criança for encarada como uma criança normal, acabou! Ela vai ser o que ela quiser. E as pessoas têm que deixar, dar oportunidade pra ela ser também. E não fechar as portas pra ela. Só isso. Vejo as pessoas tendo filhos sem planejamento, dizendo: “Vamos ter um filho”. Que gracinha! (**fala irônica**).

Depois fica aí.. jogado prum lado, babá prum lado, quando tem dinheiro e quando não tem dinheiro, na creche. Eu acho isso o cúmulo! Falei esses dias atrás e falo de novo, eu não sou contra o aborto. Sou contra maltratar uma criança. Antes não ter. Se vai ter, que crie bem criado, tenha estrutura, que lhe leve adiante. Dê também respaldo pra **ela sobreviver (ênfase)** e deixa correr... a sociedade simplesmente tem que encarar o seguinte: É mais um ser humano! Acabou! **(ênfase)** Independente de quem é pai, mãe, avó... é um ser humano.

No que se refere ao planejamento do futuro e a magnitude do **vínculo afetivo**, podemos notar que, à semelhança do que ocorre na adoção ou em uma relação heterossexual em que os pares possam vir a se separar, a **parentalidade** é ativa, de fato:

Eu, a cada dia... sei o que eu quero pra Bianca, independente da Tamires. A cada dia sou eu e Bianca, independente de eu e Tamires. A gente **(ela e a filha)** tem um histórico independente dela **(parceira)**. Se continuar ou não continuar **(o relacionamento)** existe nossa ligação, né.

Ainda sobre a construção do **vínculo parental**, Gabriela descreve o modo como deixou a criança livre para se manifestar, buscando sempre a relação EU-TU por intermédio da autonomia, liberdade e diálogo que estabeleceu com a filha:

E a **Tamires (ênfase)** dizia: “Como é que ela vai te chamar?” Ela tem que me chamar do jeito que ela achar melhor. Agora, **mãe eu não sou (ênfase)**. Me chamar de mãe eu acho que não é certo. Então, deixa ela me chamar como a maioria das pessoas me chama de Gabi **(pelo apelido no diminutivo)**. Às vezes, ela me chama pelo nome completo, quando ela está brava, quando ela quer me irritar, porque ela sabe que me irrita.

O fato de exercer a função parental materna e o fato de ser filha, simultaneamente, permitem uma **re- significação da relação com a mãe e com a filha**. Em seus dizeres, Gabriela, tem com Bianca um contato de amizade,

companheirismo, sinceridade, amor, cumplicidade, intersubjetividade próprias do TU buberiano.

Eu já tive oportunidade de conversar com minha mãe, esclarecer vários pontos de nossa vida... Você tira a barreira... Assim, sou mãe, sou filha. Sou sua amiga. **Por isso que eu já quis tirar essa barreira da Bianca desde o começo! (fala com ênfase)** Porque, eu não vou ser um ser a um passo acima de você (**refere-se à filha**). Você (**ela**) não tem que me respeitar por obrigação, de eu ser sua mãe. Você me respeita por querer... ou não, não me respeita. Ou gosta de mim por querer ou não. Eu não quero botar um rótulo na minha frente pra ela tirar. Não é fácil fazer essa aproximação das mães se elas não dão essa abertura. Por isso eu ajo assim com ela... de igual pra igual! É só!

Gabriela, fala sobre o desenvolvimento da filha e de como Bianca tomou conhecimento do pai, sem que nada houvesse sido dito, diretamente, a ela:

Porque a Bianca está se desenvolvendo muito bem. Para ela é muito tranqüilo, né? Ela é simplesmente surpreendente. Eu, particularmente, nunca citei o nome do pai dela. A mãe dela disse que nunca citou o nome do pai dela e ela um dia chamou o pai dela de pai. Como? Eu não sei. Não sei... Pode ter escutado bochicho, uma conversa e tal. Pode querer... mas, “Ó, esse eu pai”, da minha parte eu nunca falei pra ela. (...) A princípio a gente não citava. Era uma coisa meio escondida, até um ano e meio dela. Com medo, com receio de alguma reação. Depois não, ela mesma foi descobrindo a paternidade. Como é que eu ia negar pra ela? Não, não é. Ela perguntava: “é meu pai?” (**a colaboradora respondia**) “É, seu pai”. Falar o que? Não, não é. Mentir? Ir contra tudo o que a gente está tentando fazer?

A convivência de Bianca com o pai é truncada, de acordo com Gabriela, porque Bianca não tem grande contato com ele:

Porque não convive. Porque ela é uma criança tímida e ela se dá pessoas que ela gosta e convive. E que dão atenção pra ela, coisa que ele não faz. Às vezes, ele está presente, mas não está para ela. Está presente no recinto. E criança gosta de atenção exclusiva.

Todavia, Bianca tem liberdade para encontrar o pai quando deseja:

(a frequência com que ela o encontra é) Quando ela quer. E quando ele quer. Tem fases que ela quer demais, tem fase que ela não se liga... às vezes ela quer ir pra casa da avó (paterna), não por causa dele, mas, por causa do primo, pra brincar. Às vezes ela quer ir por causa dele. Ela tem toda autonomia de escolhas. Nem isso, eu acho que se deve forçar: “Ah você tem que gostar porque é seu pai”. Acho que não. A gente gosta de quem gosta da gente.

Gabriela afirma que *“O pai não é presente porque não quer. Porque é conveniente pra ele. Porque se quisesse ser, seria muito bem recebido como já foi várias vezes”*. Apesar disso, podemos notar uma contradição, uma vez que esse pai foi escolhido, sem o saber, justamente por ser “desligado”, de não ter possibilidade de interferir no relacionamento delas.

Exatamente, esse não envolvimento dele, esse desprendimento dele foi essencial. Pois isso poderia afetar uma série de coisas. Nesse ponto, eu admiro ele, porque ele não interfere. Se precisar me chama. Ele não põe ela de castigo, ele não discute com ela, ele não põe limite nela. Ela faz ele de gato e sapato. Ele não se acha no direito de interferir nisso também. A não ser quando está ela e ele só e, ela faz alguma coisa, aí sim, ele interfere. Mas se está alguma de nós duas presentes (**ela ou a companheira**) o limite é nosso, não é dele.

Desse modo, indagamos mais uma vez: como pode haver cobrança de uma relação mais próxima se a relação já se iniciou com exclusão, com coisificação do outro?

Ainda sobre a **vivência da parentalidade**, Gabriela chama a atenção para os **encantos e desencantos** dos atributos que permeiam essa função:

Mas às vezes, na hora que a gente tá fazendo, a gente pára e diz... “Opa, olha o erro!” Então, a gente vê muito isso. Às vezes eu não vejo e a Tamires vê e vice-versa. Porque, querendo ou não, as pressões que a gente escuta dos pais são muito fortes. Tipo “você é um burro!”, “Você não vai dar em nada”. “Você não vai virar nada”. O processo (**Hoffman da Quadrinidade**) fala

isso: “A gente é um papel em branco gravado por pais e mães e pessoas que a gente ama”. E isso pesa! Porque a gente ama! E isso ajuda? Ajuda. Mas tem hora também que a gente joga o processo pra cima e faz como meu pai fazia comigo... **(pausa longa)** É muita responsabilidade.

Novamente ela enfatiza a **responsabilidade** que acompanham a chegada e o desenvolvimento da criança, assim como as surpresas e descobertas do processo de construção da relação com a filha:

Putá que pariu! Devia vir com manual... grudado no cordão umbilical. “Ó, faça assim!” Por mais que a gente tenha sobrinhos, pais, mães.. mas, a primeira febre é desesperadora, a primeira dor de barriga é desesperadora, o primeiro dia na escola é desesperador. Cada primeira vez é desesperadora. É dia-a-dia. (...) Mas, até agora tem sido sucesso absoluto! A Bianca é uma graça! Ela é linda! Eu costumo falar que ela é um ser iluminado que baixou em nossa vida. Tudo o que eu pedia... Uma criança custosa (**bagunceira**) e inteligente. E fui muito bem atendida (**risos**) . E, agora, tenho que tolerar. Não posso reclamar de forma alguma. Saudável, linda, extremamente custosa e inteligente. De vez em quando ela me dá umas respostas que eu falo puta que pariu... De onde ela tira isso?

Ela exemplifica como sua capacidade dialógica com a criança pode se revelar frutífera. Até sobre questões que perpassam pela **educação sexual**, elas conversam abertamente (o que não é freqüente, em especial, com as crianças em idades mais tenras):

Hoje ela queria saber se todo mundo tinha clitóris aqui em casa (**o casal e a filha moram com a mãe de Gabriela, C.2**). “Lógico!” E ela... “Eu quero ver...” Todo mundo aqui em casa teve que mostrar pra ela... Até minha mãe. Porque ela quis saber isso? (**risos**) É porque a Tamires fala: “Filha, lava direito a perereca!” (**órgão genital**). Ela diz “Já lavei!” Então a mãe dela diz: “Lava o barquinho (**clitóris**), então”. Batizou o “coitado” (**clitóris**) de barquinho. Aí ela queria saber se todo mundo tinha “barquinho”. (**risos**). Aí ela foi olhar o de todo mundo. “Quer ver?” (**refere-se ao que falou à filha**) “Então vamos ver! Todo mundo abaixa as calças. Viu? Então, pronto!” (**risos**). Mas tem que ser... Ela queria ver o genital (**masculino**)... Foi tomar

banho com meu cunhado... Perguntei “Pode, fulano, você se incomoda?” (**ele respondeu**) “De forma alguma!” Então vai tomar banho com ele. Quer descobrir a diferença? Tem que descobrir a diferença também. É uma parte do corpo como outra qualquer.

A **escola** se mostra despreparada para lidar com comportamentos, socialmente, inadequados e, Gabriela expressa sua indignação frente às **atitudes preconceituosas** dos **educadores** que podem tolher a criança:

Até isso a escola começou a tolher... Liberdade corporal... Aqui em casa a gente só anda sem roupa... E ela (**Bianca**) começou a dizer: “Não pode!”. (**e Gabriela**) “Pode!” (**ênfase**). Porque a escola começou a cortar? Isso de andar sem roupa, o problema de inibir, de roupa, não foi por causa dela. Tinha um menino maior, na escola, que estava mostrando o “pirulito” (**pênis**) pra todo mundo lá. Um menino de oito anos. E a escola em vez de punir a criança de oito anos, proibiu a escola inteira, meninos e meninas de se verem. E o banheiro é um só. Então meninos e meninas tomam banho no mesmo banheiro, mas não simultaneamente, e às vezes, se cruzavam, de toalha, de alguma coisa. Então, proibiram tudo. Em vez de focar o problema, proibiram geral. Aí criaram mais um problema. E aqui em casa, não tem como. São quatro mulheres, todo mundo anda pelado. Por mais que seja só nós quatro, não tem jeito, não tem outro jeito de trocar de roupa, só ficando pelado... (**risos**) Ela (**Bianca**) encara tudo com muita naturalidade. **Tem que ser** (**ênfase**). O professor de educação física já tem liberdade corporal. A gente lida muito com o corpo, com o toque, com isso, né. E tem sexualidade? Lógico que tem. Mas, a gente não tem libido um pro outro, tem que trocar de roupa na frente um do outro. Na academia, a gente vai jogar, todo mundo troca de roupa na frente de todo mundo. Qual é o problema? Se todo mundo tá de forma natural, ninguém tem malícia, não tem nada. A malícia está nos olhos de quem vê, né? O preconceito está na cabeça de quem tem né. Cada vez tem mais, cada vez tem mais pessoas tendo um par homossexual.

Gabriela expõe também o quanto a sociedade teme uma possível **orientação afetivo-sexual** da criança, desvelando mais uma vez, a crença de que se pode “**ensinar**” alguém a ser homossexual, conforme já dissemos.

O que eles mais rotulam é o seguinte: Então, também vai ser (**homossexual**)? Não, eu não acho. Na verdade, eu acho que ela vai ser o que ela quiser. Ela vai ter mais liberdade de ser o que ela quiser, né. De ter a independência de escolher o que ela quiser.

Em sua fala, percebemos que há um cuidado para que a filha seja mais tolerante, mais livre e independente. Ela aponta questões sociais para o surgimento do preconceito e destaca o papel da escola para instaurá-los ou minimizá-los.

Então, preconceito se a Bianca, **algum dia tiver (ênfase)** e começou a ter, foi porque puseram na cabeça dela, na escola. Porque? Ela começou a questionar: “Não pode beijar”. “Porque que não pode beijar? Eu gosto, eu amo, eu quero demonstrar carinho”. E ela começou a beijar os colegas, independente de quem fosse. As professoras começaram a cortar ela. Então que que ela começou a fazer, lá não pode, então, aqui também não pode. O que que nós fizemos? Trocamos de escola. Para uma escola de uma outra concepção. Não que a gente queira que ela se expresse como ela se expressa nesse amor todo de pegar, de abraçar, beijar como ela faz com qualquer pessoa... quando ela gosta ela faz isso, quando ela não gosta, ela nem chega perto. Ela não toca. Mas, quando ela chegar a fazer isso, que não tolham ela. Que tentem remediar de alguma forma, mas sem coerção, sem proibição, sem dizer que é errado, sem nada. Sem preconceito. Expresse diferente... de uma outra forma ou em um outro lugar.

Em seus dizeres, a escola tem que aprender a lidar com o limite, com o processo de aprendizagem da criança e, acrescentamos, (re)discutir a noção que se tem da expressão da sexualidade em seu interior. A colaboradora demarca a importância de se discutir comportamentos com base do diálogo e chama a atenção para a responsabilidade que os educadores deveriam ter ao olhar para a criança e a rotular:

Eu acho que quando a pessoa fala, mande para o psicólogo, a pessoa tem que ir primeiro para o psicólogo... A diretora da escola dela sabe (**do relacionamento afetivo-sexual delas**), a professora dela sabe, basicamente quem apóia ela na escola sabe. E nos perguntaram: “Se a gente achar

necessário um apoio psicológico, vocês concordam?”. Nós respondemos: “Na hora em que vocês acharem necessário, desde que esteja influenciando na evolução educacional dela, emocional, não!” Emocional quem tem que sentir é a gente em casa. Pode até ser, que... convivem, sentem, pode ser agressividade, mas, agressividade pode ser uma série de coisas... Ela pode estar agressiva, ela pode estar carente... por ausência ou por outras causas.

O olhar preconceituoso e, por vezes, o desconhecimento e despreparo, de educadores e profissionais da saúde, os leva a encaminhar as crianças ao psicólogo ou psiquiatra, quando apresentam algum tipo de comportamento considerado inadequado, por eles. Tal atitude revela, freqüentemente, um desejo dos adultos de adequação da criança ao seu papel de gênero sem que haja uma discussão/ reflexão acerca do que a torna (in)adequada. Gabriela e Tamires expuseram seu relacionamento conjugal à direção da escola e às pessoas diretamente envolvidas para que, em conjunto, possam acompanhar o desenvolvimento da criança. Ela retoma a questão do **preconceito**:

E preconceito é uma coisa herdada. É uma coisa que a gente assume de outras pessoas, a gente não nasce com preconceitos. Se ela vir que é uma coisa natural e que não tem nenhum problema, eu acho que ela vai continuar evoluindo assim. A minha preocupação é a sociedade com relação a ela. Como é que ela vai conseguir reagir com a sociedade reagindo nela? Ela sendo, querendo ou não, uma criança também diferente. Qual vai ser o grau de violência de agressividade da sociedade para com ela? Não ela.

Em sua **rede social**, esta família não **convive** apenas com **pessoas homossexuais** como aponta Gabriela: *“Porque ela (**Bianca**) não convive só com homossexuais, ela convive com casais hetero. Nosso ciclo de amizades não é homo... Normalmente, não é. E ela tem várias referências externas”*. Entretanto, elas **não têm** um **contato** com adolescentes ou adultos que sejam **filhos de casais**

homossexuais. Ela pergunta no decorrer da entrevista, se conhecemos alguém nessa condição e após resposta afirmativa ela diz:

Eu até queria saber depois o que você escutar desse rapaz de vinte anos, como é que ele evoluiu, como é que passou as fases, porque não deve ser fácil para o adolescente, a cobrança em cima do adolescente é assim mais cerrada.

Essa é uma questão relevante, pois, como vimos discorrendo ao longo desse trabalho, a referência que é tomada como base é o modelo heterocêntrico (NAVARRO-SWAIN, 2000).

Sobre **as vivências afetivo-sexuais** com a parceira diante da filha, Gabriela conta:

Por mais que a gente se expresse na frente dela (**com troca de carinhos**) porque **ela (Bianca)** é nossa família. (...) O que a gente sempre pensou é o seguinte: não vamos esconder! Um dia, ela vai ter que saber. Se for escondido e um dia a ela for contado ou ela ver e tal, carinho, beijo, né... Vai ser pior, né. (...) Eu acho que não tem que ter mentira.

Notamos na exposição de Gabriela o quanto ela busca ser transparente, dialogar e se aproximar verdadeiramente da filha, expressando nuances da relação EU-TU.

Sobre a **vivência da parentalidade em uma relação conjugal homossexual**, Gabriela chama a atenção para aspectos que remetem a diversas questões como: a co-existência dessas famílias na sociedade, o desenvolvimento da autonomia da criança, o preconceito, a noção de diversidade de comportamentos e o respeito ao próximo, além da responsabilidade de gerar um filho e criá-lo para conviver no mundo, isto é, um ser- no- mundo e um ser- ao- mundo, em sua plenitude.

Acho que... as pessoas têm que encarar que tudo é muito natural. **Se for encarado (ênfase)** como natural, como normal, como sem problemas, elas vão encarar da mesma forma. E é. É simplesmente uma opção... de estar

alguma coisa. Ela (**Bianca, a filha**) não vai ser marginal, não vai se drogar.. talvez né, mas por esse **motivo (fala com ênfase sobre a homossexualidade materna)** eu acho que não. Não vai se perverter, não vai ser prostituta, não vai ser homo, não vai ser hetero, ela vai ser o **que ela quiser (ênfase)**.

Em diversos momentos da entrevista, Gabriela relata o valor atribuído ao **planejamento da estrutura socioeconômica e emocional para ter filhos**, uma vez que a responsabilidade de prover condições de bem-estar a criança é fundamental. Mais uma vez ela expõe que gostaria que a filha aprendesse a ser livre de preconceitos e estereótipos:

É isso que eu quero que ela (**Bianca**) encare: tudo é fácil! Desde que você.. não é que você não agrida, porque você vai agredir né. Desde que você não prejudique ninguém, tá ótimo, pode fazer o que quiser. Você vai prejudicar alguém ou a você mesmo? Então, não faça! Não vai prejudicar? Então, faça! Não existe certo ou errado... acho que esse parâmetro não existe. É a consciência de cada um. Tá certo que tem pessoas que dizem: “Tudo é certo.” Não acho que é assim... limite é essencial.

Tal postura diante da flexibilização dos modelos, em que a noção de diversidade, respeito e limite tornam-se condições necessárias para a compreensão do outro tal qual ele se apresenta e pode ser notada na fala de Gabriela. Esse modo de educar a filha visa aproximá-la do encontro e do diálogo expressos pelo TU buberiano.

Quanto a uma nova concepção, Gabriela explicita não ter vontade de engravidar, mas, face à experiência positiva da parentalidade com Bianca, considera a possibilidade de uma nova criança. Ela diz:

(**pausa**) Às vezes sim, às vezes não. Talvez... eu não nego essa possibilidade não (**abaixa o tom de voz**). Eu, particularmente, **gostaria de adotar (ênfase)**. Ela não quer. Tem preconceitos com isso. Eu talvez adotaria ou, talvez, levaria o projeto adiante.. de ter a minha concepção, mas não na minha barriga, **porque não me vejo, não concebo, não entra na minha cabeça (ênfase)**... talvez na (**barriga**) dela (**da companheira**), talvez... ou,

talvez, uma nova gravidez. É muito complicado isso. Planejar tudo isso é muito complicado. E, se tudo economicamente, for correndo como quer... porque, eu penso muito nisso. Porque hoje em dia, não é só ter filho. É educar filho, é inglês, é informática, é pós... Porque se não for isso, que que vai ser? E isso é ônus. Não é só financeiro que pesa. Mas conta. Não é só colocar mais um ser humano no mundo, mas que ele tenha autonomia. Que tenha a possibilidade de brigar depois no mercado e se virar, e ser alguém e ter o que quiser e ter a opção de escolha de ser o que quiser...

Em sua fala **notamos**, conforme já assinalamos, uma grande preocupação com o provimento da família e com seu bem-estar e a responsabilidade por colocar uma nova criança no mundo. Um outro aspecto refere-se ao **desejo de continuar exercendo a função parental** sem que haja a geração da criança em seu próprio corpo. Tal posição corrobora os estudos de Badinter (1995) acerca da conquista do amor materno e não apenas um instinto materno. Na fala de Gabriela é bastante evidente seu exercício da função materna responsável e o desejo de ter uma segunda criança, que poderia chegar à família por intermédio de uma adoção. Sua parceira, no entanto, tem restrições quanto a uma possível adoção (o que nos leva a pensar nos preconceitos, desinformações e temores que permeiam a adoção de uma criança que não é “sangue do seu sangue” e aos quais retornaremos na análise da entrevista de Breno).

Passemos à análise da entrevista realizada com nossa terceira colaboradora, Carla:

C.3- Carla- 30 anos, trabalha em casa, cuidando de outras crianças, homossexual, está junto com a Samantha, C.4, há 13 anos, filha biológica com três anos.

Sobre a **constituição e a expressão da identidade sexual e da orientação**

afetivo-sexual, Carla declara que até a adolescência se relacionava com rapazes. Aos 17 anos, conheceu Samantha e se apaixonou. Ela diz que não se sente homossexual, embora esteja com a parceira há 13 anos:

Assim eu, eu não sei... eu, eu posso te explicar o seguinte é... eu até os dezessete anos de idade, eu tinha uma vida assim... de, de, é eu tinha meus namorados, né? Sempre eu, eu gostei de homem... tal. Então, com dezessete anos eu conheci a Samantha. Aí o que que acontece? Eu via assim... eu sempre imaginei na minha cabeça até essa época, que eu queria encontrar uma pessoa... um homem assim que gostasse de mim, que realizasse minhas vontades, que... que me fizesse feliz, né? Então, quando eu conheci a Samantha com dezessete anos... Eu já tava... andando, já, um pouco nessa vida... assim de homossexualidade e tal. Então o que que acontece? Eu já tinha conhecido outras pessoas, mas assim só de conhecimento mesmo, não de envolvimento (**afetivo-sexuais**) assim não. Então, quando eu conheci Samantha, eu comecei assim, eu gostei dela e... eu comecei a ver a Samantha não... não como homem ou mulher, igual... às vezes, as pessoas falam assim: “Ah, mas você gosta de mulher!? Ah! Você gosta de homem!?” Aí eu digo assim: “Eu não gosto de mulher!” Aí eles falam: “Mas, e a Samantha?” Falo assim: “Não, a Samantha eu não consigo ver nela, um sexo assim, homem, mulher. Eu gosto do espírito dela, eu gosto dela, eu gosto do jeito que ela é entendeu?” Então, eu encontrei na Samantha tudo que eu queria encontrar num homem. (...) Foi, foi ótimo, então assim...é... quanto à classificação assim de homossexual (**refere-se à sua própria orientação afetivo-sexual**), eu não sei, porque assim, eu não gosto de... de mulher. Se eu te disser assim: “Ah! Eu sinto tesão por uma mulher, se eu ver uma mulher eu vou sentir tesão; se eu vejo na televisão; se eu vejo uma mulher na revista, não sinto tesão!” Se um dia eu chegasse a me separar da Samantha eu, eu não procuraria uma outra mulher, entendeu? Eu acho assim que eu... ou eu tentaria ficar com homem e tal... ou então eu tentaria levar minha vida de acordo com um padrão (**heterossexual**)... entendeu? Mas, eu não, hum... assim não sei se posso me definir como homossexual assim mesmo de gostar de mulher, de ter atração não. Tenho minha vida, meu prazer com a Samantha.

A **família**, como é comum, não reagiu bem quando começou a desconfiar da homossexualidade de Carla:

E a... bem...assim para minha família foi um choque como é pra todo mundo né...mas eu sempre fui muito resolvida... eu quando... quando eu assim... era uma adolescente, falava para minha mãe: “Eu vou sair, você pode até brigar comigo mas, eu vou”. Eu saía voltava ela brigava e eu não tava nem aí. Tipo assim... Porque era uma coisa que eu queria. Então assim... quando eu conheci, Samantha... eu já vinha com alguma... minha mãe já estava começando a desconfiar, que estava andando com pessoas diferentes (**outras pessoas homossexuais**), na, no ponto de vista dela. (...) São dois homens e três mulheres, não é que eles sejam normais e eu seja anormal, mas eu mesmo considero assim, agora se a gente até fala assim, que anormais são as pessoas... Como eu vou dizer? Nós homossexuais somos normais, porque anormal agora são as pessoas que do outro lado, tantas coisas que acontecem. Então, meus irmãos são todos casados... assim, casaram tiveram filhos, eu nunca soube de nem... nenhum caso deles assim de... tenho uma irmã assim que é casada né e eu, eu não sei... minha opção na época foi a melhor e continua sendo até hoje, entendeu? Eu também assim... não é que você tenha que basear que você tenha que ser... se, se ligar na vida das pessoas mais eu também procuro ver isso. As pessoas que são casadas homem e mulher que são felizes você sabe?

Em seus dizeres aparece a percepção da homossexualidade como “anormalidade”, desvelando a homofobia internalizada ao dizer que sua homossexualidade é diferente da de sua irmã ou de Samantha.

A colaboradora fala do **vínculo conjugal**, que considera como “casamento” (embora reiteremos que o termo não seja utilizado, juridicamente, para casais homossexuais):

Considero que minha vida é normal, casada com ela, tenho um respeito, tudo, entendeu? Mas, assim, em termos assim de me considerar mesmo (**homossexual**) não acho que sou diferente dela, do ponto de vista dela (**a parceira se define homossexual, com convicção**) entendeu? Acho que é um

pouco isso... a gente tá juntas há treze anos, eu tinha dezessete anos quando conheci a Samantha.

Assim que conheceu Samantha, enamorou-se e “*saiu do armário*” para a família. Ela fala sobre o **processo de “coming-out”**:

E, quando eu conheci Samantha, eu senti tanta segurança nela que, em uma semana, eu esclareci para minha mãe. Eu abri para minha mãe, entendeu? Eu contei pra uma tia, minha tia contou pra família toda, e isso acabou caindo no ouvido de minha mãe. E minha mãe veio conversar comigo e eu acabei esclarecendo pra ela. Para minha mãe foi um choque, minha mãe assim... quis morrer. (**A mãe**) disse que não sei... que não era isso que ela queria pra filha dela. Eu falei: “Não, mãe... mas é isso que eu quero”. Então por um bom tempo foi muito difícil é... Né, assim ... como é que eu vou... dizer? Pra minha mãe foi um choque. Pra mim tava sendo complicado, porque era uma coisa que eu estava curtindo, na época... eu estava sentindo, já assim... uma coisa legal assim, né. Pra minha mãe foi muito difícil. Mas, depois com o tempo houve umas histórias e tal... mas, assim depois de um certo tempo, minha mãe, acho que ela viu que realmente eu tava bem. Mas, no começo foi muito difícil... depois de um tempo foi que minha mãe aceitou. Aí, hoje em dia, não tem problema nenhum.

Carla fala com muito carinho sobre a companheira e desvela o quanto a interação entre elas é rica de diálogo, cumplicidade e companheirismo, desvelando a relação EU-TU que ambas estabeleceram: “*E... o melhor de tudo foi assim... as oportunidades que ela me deu também, o carinho que ela tem por mim, o respeito o companheirismo e as minhas realizações, assim principalmente ser mãe, entendeu?*”

A **família** como já explicitamos teme as reações de adversidade para com os filhos, quando assumem sua orientação afetivo-sexual homossexual e, freqüentemente, aparecem sentimentos como: decepção frente às expectativas que criaram para os filhos, medo de que os filhos tornem-se promíscuos, que sejam contaminados com o vírus HIV e outras Doenças Sexualmente Transmissíveis- DST, traição.

Ao conhecerem melhor as vivências e as parcerias dos filhos, alguns pais, tendem a uma aceitação melhor:

A Samantha, como ela sempre pensou no melhor pra mim, ela me colocou pra estudar, eu fiz curso. Ela (**a mãe**) viu que eu não tava com uma pessoa que tava querendo me colocar pra baixo, pelo contrário né? Pelo contrário, eu tava só crescendo, assim, crescendo, né? Porque adolescente não quer nada com a vida né? Também eu era uma adolescente meio rebelde. Então minha mãe viu isso, e entendeu assim que não, que eu...e... eu tava crescendo que era isso mesmo que eu queria.

A conquista da **família** de Carla por Samantha, ocorreu devido ao fato de elas terem estabelecido um relacionamento em que Samantha sempre buscou promover o crescimento da parceira, desvelando respeito, admiração e amor pela entrevistada.

Hoje em dia... nossa! A Samantha pra ela é maravilhosa, ela adora a Samantha. E é assim, a minha família toda, né? Toda minha família tem muito respeito por ela e tudo... Hoje em dia as pessoas nem tratam assim... como é que eu vou dizer? Ah... elas são homossexuais. Até porque... com o tempo você começa a conviver com uma pessoa, e as pessoas começam a entender isso de uma outra forma e já começam a deixar isso, de homossexualismo um pouco de lado entendeu? A minha família vem na minha casa, todo mundo participa de aniversário, reuniões, tudo...

A **convivência** da parceira com a família de Carla ao se pautar no conhecimento do indivíduo em sua potencialidade, caminha rumo à intersubjetividade buberiana.

Quanto ao **desejo de ser mãe e ao projeto de concretização da maternidade**, Carla diz:

Porque, eu sempre quis ser mãe, a minha vida toda. Então, quando eu conheci Samantha, sempre conversava com ela, que um dia eu quero ter um filho, né? Não sei o que. E ela sempre aceitou essa idéia numa boa. E ela falava assim pra mim: “Eu quero ser mãe, mas nunca tive vocação, eu tenho vontade é de ser pai”, brincando... na brincadeira. Então quando surgiu assim é... essa história de eu engravidar e tudo...então, pra gente não teve nenhum problema,

por que sempre foi uma coisa conversada entre a gente né; sempre uma coisa muito esclarecida e tudo, então pra mim, e...

A **aceitação** de Carla e sua companheira pela **família de origem** desta colaboradora é tal, que elas não encontraram obstáculos quando decidiram ter a criança:

Até quando eu fui engravidar mesmo, nossa! Minha família deu o maior apoio, todo mundo... eu acho assim... que já teria julgado... não pra mim, mais com outros caso já acontece diferente... “Ah! Duas mulheres não sei o que... não sei homossexuais... que...como é que vai ser (**duas mulheres tendo um filho**), sabe?” Já comigo foi ao contrário. Minha família me deu o maior apoio, todo mundo assim... acho que eles viram que era o que a gente queria mesmo, né? Já veio de uma relação também muito segura então...

Carla fala sobre **o processo desde o desejo até a concretização da maternidade**, passando pela escolha do pai, o modo como iriam conceber até o nascimento de Sandy:

Foi assim... a gente sempre conversou a respeito disso. Tanto a Samantha quis, como eu. A gente sempre conversava e tudo... mas, assim, sempre ficava assim... Ah, tá! E quem vai ser o pai? A gente esbarrava nessa... né! Nesse ponto assim. Ah! Porque a gente quer ter esse filho pra gente, né. E se fosse... no caso... se eu tivesse que me envolver com o cara e tudo... e depois como é que seria? Teria que ter o filho... e... eu já arrumaria um outro problema, porque o cara ia querer ficar comigo ou ia querer o filho pra ele e tudo.

A primeira tentativa de conseguir um possível pai biológico ocorreu em fins de 1999. No entanto, as **inquietações relativas a essa escolha** persistiram: ele seria a pessoa indicada? Qual seria o papel dele na relação delas? E se ele quisesse pedir a guarda da criança? Carla expõe:

Aí... aí quando foi... a Samantha tava se formando (**em um curso superior**) no final de 99 e eu conheci um rapaz, que estudava com a Samantha. Aí a gente começou tal, a conversar... E um dia a Samantha falou assim: “Você teria coragem de ter um filho do Fulano?”. Eu falei assim: “Do fulano... eu

teria”. Aí ela falou: “O que você acha da idéia?” Aí eu disse que tudo bem, né? Porque assim... eu acho, seria legal... Só que aí, depois a gente conversando, a gente começou a ver os pontos negativos dessa história. Que... é... o que iria acontecer? Poderia acontecer o seguinte: que eu poderia ficar grávida dele, entendeu? Ele ficaria pegando no meu pé, ele ia querer ficar com filho pra ele também. Ia desencadear uma série de... de... de... histórias de problemas através disso aí...

No entanto, o desejo do casal de ter um filho era grande. Carla então, convidou um amigo para ajudá-la na realização de seu sonho:

Ai! Mas, a gente queria muito esse filho, **muito, muito (fala com ênfase)** mesmo. Aí o que que aconteceu é... eu conheci um rapaz, já na época que era meu amigo, tal... Aí quando foi um dia uma amiga minha falou: “Porque você não pede pro... pro Rubens?” A Samantha falou: “Pro Rubens?!” Aí a menina falou assim: “É!” Aí a Samantha veio conversar comigo né, já tinha deixado esse outro rapaz de lado. Aí eu falei: “Ah não! O Rubens, não!” Porque o Rubens era meu amigo, era meu cliente no salão (**ela já foi cabeleireira**), tudo mais. Eu nunca tinha tido assim, assim nem pensamento com Rubens. Aí, ela falou assim: “Pergunta pro Rubens...” E eu falei: “ah, não sei!” e tal... e na época a Samantha, ela tava assim... eu queria muito engravidar, mas, a Samantha queria mais do que eu. Ela ficava me cobrando assim: “Ah!.. vai ser maravilhoso!!!” “Ai... porque eu quero tanto ter um filho com você...” Ai, não sei o quê...aí eu falei: “Então, tá bom!” Ai, eu liguei pro Rubens, um dia, e perguntei pra ele né, se... ele, se ele aceitava... Aí eu disse: “Ó, Rubens, eu queria conversar com você.” Aí ele perguntou o que era. Eu disse “Não. Tem que ser pessoalmente. Não posso falar”. Então a gente se encontrou e eu disse: “Sabe o que que é? É que eu quero ter um filho. Só que não quero ter que me envolver com ninguém, assim mais a fundo, ter que ter um relacionamento sério e tudo, pra ter pra ter esse filho. Então eu pensei em você, porque você é um cara inteligente, cara bonito, saudável e tal e assim eu queria ter esse filho com você.” Aí ele foi falou assim pra mim: “Mas, você tem certeza?” E eu falei “Tenho!”. Eu falei “Ó, você pensa e depois você me fala, assim não vai fazer uma coisa assim...né! Tão imediata.” Aí depois ele falou assim: “Não. Posso te dar a resposta agora!” Eu disse: “Não, não. Pensa!” Porque pra mim ele já ia disser um não, porque isso é uma loucura. Aí ele falou assim: “Não. Eu aceito!” Aí eu falei: (**surpresa**) “Aceita?” E ele: “Aceito”. Eu disse Ah! Então tá bom. Então

você... depois a gente vai conversar melhor e tal. E aí ele foi... me procurou, marquei com ele e aí a gente ia pro... (**motel**), conversei com ele, falei que o seguinte: “Olha Rubens, quero ter um filho, quero esse filho pra mim entendeu, você não precisa dar pensão, você não precisa, você só registra se você quiser, se você não quiser, não precisa registrar, se você não quiser nem reconhecer não tem problema.” Daí ele falou assim: “Não, tudo bem!” Ele... só queria ter certeza de que eu nunca iria pedir pensão pra ele... Falei: “Não, você não se preocupe porque nunca vou te pedir pensão”. E aí ele só falou o seguinte pra mim: “A Samantha tá de acordo com isso?” Falei que sim, que ela tava sabendo. Então ele disse: “Pra mim tá bom.” Eu, então, disse que tava tudo certo.

Rubens, o pai, concordou em ter a criança, ciente de que sua função seria meramente reprodutiva e quis se certificar de que Carla e/ ou Samantha não iriam pedir pensão alimentícia. Um aspecto a ser destacado é que, ao contrário de Tamires e Gabriela, aqui o pai, embora, tenha sido apenas o pai biológico, entrou na situação ciente de seu papel, revelando nuances da relação dialógica EU-TU.

Após o acordo realizado com Rubens, Carla procurou auxílio do ginecologista delas para acompanhar o ciclo menstrual e a ovulação para que ela pudesse engravidar. Um ponto que deve ser enfatizado é **o papel do médico**, que contrariando a postura mais comum (de preconceito, de desconhecimento) dos profissionais da área da saúde (e também da educação), deu ao casal de mulheres a devida orientação, respeitando seus desejos e especificidades numa clara relação dialógica, expressa pelas palavras-princípio EU-TU.

Carla, então, teve duas relações sexuais no mesmo período fértil e a gravidez foi a termo.

Aí entrou o meu médico na história né, a Samantha procurou a Angélica (**esposa do médico e, marcaram uma consulta**), aí fizeram todo um... um programa e tudo assim de período fértil e tal, como eu nunca tinha tido assim

envolvimento com homem, de transar, nunca tinha tomado remédio, nunca tinha tido um né... usado nenhum anticoncepcional nada, então foi super fácil. Aí eu marquei... o ginecologista marcou os dias pra mim e ele falou “ó, você vai de tanto a tanto” (**refere-se ao período fértil, em que ela deveria ter relações sexuais**). E pronto. Aí eu fiquei grávida logo. Na primeira vez, na primeira tentativa. Na primeira tentativa, assim, na verdade, eu fui duas vezes, mas eu tenho certeza que da primeira vez eu engravidei, duas vezes assim, eu fui no dia dezesseis de abril e no dia dezoito de abril tudo na mesma época no mesmo mês, com diferença de um dia só.

Ela conta sobre a **expectativa do resultado**, compartilhada ampla e profundamente por Samantha.

E eu tenho certeza que eu engravidei no primeiro dia, mas ainda assim eu fiquei super ansiosa e a Samantha também. Todo mundo na expectativa, né? E eu nem... nem esperei assim menstruação atrasar, nem nada, já fui no médico e o médico me deu guia de exame, já fiz exame antes de de... atrasar e assim quanto eu peguei o resultado do exame, eu fiz dois exames, um não deu conclusivo e o outro deu. Aí depois de um tempo o médico disse... “Agora você tem que esperar um pouco porque né, não deu tempo, mas ó é quase certo que você esteja grávida, pela sua taxa aqui, pequena taxa, você vai... pode ter certeza que você está grávida, mas vamos esperar para você fazer exame nos dias certos”. Aí eu fiz o exame (**o segundo exame**) a Samantha foi buscar o resultado e eu fiquei no carro. Não tive nem coragem de ir porque eu queria muito.

Ao esperar o segundo exame, enquanto a parceira desceu do carro para pegá-lo, Carla se viu diante da **responsabilidade, da possibilidade** (quase) concreta **de ser mãe** e todos os ônus e bônus dessa realidade:

Mas, quanto você se depara com a responsabilidade com tudo você começa a ficar né um pouco retraída. Então, a Samantha desceu do carro, foi pegou o exame e já veio pulando assim né, eles colocaram um cartãozinho de parabéns e nós, nós descobrimos. A gente queria muito, mas é... duvidava e tal e quando viu lá positivo foi a maior festa, né? Assim, a Samantha ficou super feliz e eu também fiquei muito feliz. Mas, aí depois disso eu caí um pouco em mim... “Gente! Um filho! Estou grávida! E agora, né?” Aí pronto.

A gestação foi alegremente acompanhada e vivenciada por Samantha. Os amigos e a família também a acompanharam durante toda a gestação.

Depois disso a minha gravidez foi maravilhosa muito, muito tranquila. Foi uma gravidez assim...como era um filho muito desejado então tudo deu certo... caminhou certinho sabe? Não tinha problema nenhum de saúde é, é, foi uma gravidez tranquila. A Samantha curtiu pra caramba minha gravidez, minha família toda curtiu minha gravidez, todo mundo, sabe? Essas pessoas que gostavam, tipo amigos, todo mundo que sempre teve contato comigo com a Samantha... Nossa! Curtiu junto com a gente mesmo.

O desconhecimento da **sociedade (rede social)** frente situações inusitadas, incomuns, pode ser ilustrado no trecho a seguir:

Saio com ela, saio eu, ela e a Samantha, vamos pro shopping e tudo. A gente entra em lojas, a gente compra, quando eu tava grávida da Sandy, nós fomos comprar o berço da Sandy, os móveis do quarto dela, e lá a gente começou a escolher... Ah! eu quero esse! A Samantha falou: “Ah! você gostou desse e tal”... E na hora de acertar a conta a moça falou assim... a Samantha falou “É esse mesmo que você quer?” E eu falei que era, e quando a Samantha foi assinar o cheque, a moça falou “Ué, mas, é... não é você que esta grávida?!” E eu disse: “É, mas ela também é a mãe!” E a moça: “Ah! Ela é a mãe?” Falei “É, mas não é barriga de aluguel!” Porque a mulher tava entendendo que era uma barriga de aluguel, acho que era mais ou menos isso né, deu a entender isso e... é... e eu falei que era, mas não era barriga de aluguel. Eu não encaro isso como uma discriminação, preconceito não, mas uma falta de entendimento das pessoas entendeu?

A **chegada da criança** foi um acontecimento muito esperado e, Samantha esteve presente em todos os momentos, inclusive no momento do parto:

Então foi ótima minha gravidez. Por isso eu quis ter parto normal. Tive parto normal, a Samantha ficou comigo o tempo todo assim, só não ficou na hora de ganhar mesmo, né. Mas, no hospital me acompanhou. Minha família tava todinha no dia que eu fui ganhar neném, então foi maravilhoso assim. A Samantha... como ela curtiu muito minha gravidez ela conversava muito com a Sandy na minha barriga ela participou de tudo, da ecografia, dos exames tudo. Então a Sandy já tinha, já tinha muita intimidade com Samantha

(quando ela estava) na minha barriga, tanto que quando nasceu, nossa! Assim parecia que, que Samantha era realmente a mãe e tal sei lá.(...) É... quando eu fui ganhar neném também eu tava na sala de parto e o médico foi...eu falei assim olha eu quero que fura a orelha dela na hora que nascer tá? E eu falei que tinha uma roupinha dela lá fora. Aí a moça perguntava: Tá com o pai? E eu: “Não, tá lá fora, tá com a Samantha, tá com minha família”. E a moça ficava insistindo pelo pai... Aí o doutor Fulano, que é o meu médico falou “Vá lá fora e procura a Samantha, que a Samantha vai te dar a roupinha”. As pessoas querem aquele... o pai. Mas... então, assim eu, acho que discriminação não, mas acho que um pouco de falta de entendimento das pessoas.

Carla fala de **Rubens** em relação à gestação e, posteriormente, à **relação parental** com Sandy:

Quanto ao pai ... o que aconteceu... o Rubens, quando eu engravidei, eu liguei pra ele, avisei que tinha dado certo que estava grávida e tal. Então, ele veio aqui em casa, vinha, aliás, ele pedia para pegar na minha barriga e assim, conforme adiantava a minha gravidez, ele ligava todos os dias para saber como que eu estava. Então, de fato ele acompanhou minha gravidez também, um pouco de longe, mas acompanhou.

Quando o bebê nasceu, Rubens registrou-a, porém, manteve-se distanciado para que Samantha pudesse ocupar seu lugar na parceria, respeitando o acordo previamente realizado entre eles.

Então depois que a Sandy nasceu ele foi, registrou a Sandy. Eu ganhei a Sandy no domingo, na segunda-feira eu saí do hospital ele veio aqui, foi com a Samantha no cartório registrou a Sandy, e veio à noite conhecer (a filha). Ele não... não conheceu de dia, na hora que ele foi registrar. Ele só veio de noite e ainda assim porque a Samantha falou “vem conhecer a bebê pra ver se é sua mesmo”, brincando com ele. E ele falou assim: “Não. Eu sei que é”. E aí veio e conheceu. Ele sempre veio desde que a Sandy era bebezinho ele vinha pegava e tal, só que quando a Sandy assim ela tinha...eu não sei, mas pode até que eu esteja enganada, como ela tem... tem muito assim intimidade com Samantha, ela é muito assim muito amada mesmo. Não que ela não seja pelo pai, ela não é muito (apegada) com ele. Ele brinca com ela, fala assim: “Ah! O papai te ama não sei o que... você me ama Sandy?” Aí ela fala às

vezes que ama, às vezes fala que não, porque assim não é uma transferência... eu não chamo nem assim transferência de papel, que ela transferiu o amor dela que tinha pelo pai, pela Samantha não! É o amor que... é o amor que ela tem pela Samantha é, é um amor pela Samantha! Mas, ela não é muito ligada ao pai dela, ela não é assim sabe aquela criança que sente falta do pai, que pergunta pelo pai? Apesar de conviver com pai agora, mas ela num num... (é **tão apegada a ele não**).

O convívio com o pai biológico ocorre, embora a filha não tenha com ele uma relação tão próxima como tem com Samantha.

Não assim ela sempre teve contato com ele toda semana, ele vinha, via a Sandy brincava com ela assim...às vezes né, ela, ela estranhava ele um pouco e tudo, mas ele sempre vinha ver a Sandy. Ai desde o ano passado (**2002**), de Agosto do ano passado ela passou a conviver com ele diariamente. Só que ele não mora na minha casa, ele mora aqui né (**em uma edícula nos fundos**), aqui em casa, mas não dentro da minha casa, então ela vê o Rubens todos os dias de manhã, à noite, mas, ela não tem muito apego com ele... assim... esse negócio... “Ah! meu pai!” Porque, ela não tem muito apego com ele. Mas, é uma coisa dela, isso não fui eu, não foi a Samantha que disse: “Ah Sandy, teu pai...”. Não! A gente nunca falou nada pra ela, é dela isso, entendeu?.

Aqui aparecem duas situações: Samantha e Carla têm uma relação muito próxima com Sandy e o diálogo com ela ocupa lugar privilegiado (caminhando em direção ao encontro e à intersubjetividade buberianas). O pai, embora, esteja presente e tenha uma convivência próxima à criança, não desenvolveu com ela uma relação tão aprofundada. Carla relata que deixa a filha livre para que demonstre seus sentimentos, sem a interferência dela ou da parceira. Rubens procura ter uma participação mais próxima, entretanto, Carla demarca bem o lugar dele, como **pai biológico** e não o deixa interferir na **relação conjugal** dela com a parceira.

Como eu sempre falo pra ele: “Olha, Rubens, eu fiz acordo com você, entendeu? Eu cumpro a minha parte, eu queria o filho pra mim e quando eu te falei que queria ficar grávida, que eu cheguei pra você e disse: Olha eu quero ficar grávida, eu quero ter um filho pra mim, se eu quisesse ter um filho pra

conviver com o pai, eu teria me casado com homem, entendeu? Assim, com outra pessoa e tudo. E não teria escolhido ter um filho de um amigo, de uma pessoa né, que não tivesse nada comigo. Então é... o nosso acordo foi esse. É eu não, não quero pensão sua entendeu? Como eu já te falei eu não quero nada seu, mas também eu não, não aceito que você dê opinião, querer se meter na educação dela e tudo. Isso não! Porque eu acho que, ela, ela, como é que eu vou dizer assim, eu acho que ela já tem já, uma... como é que eu vou explicar pela palavra, a definição dela assim ela já tem a mim, ela já tem o Amor, entendeu?” Eu sei que pai é importante, mas, eu não consigo ver assim isso para a Sandy. Eu não quero, eu procuro até dentro de mim... não pra ela eu falo isso, mas deixar assim.

Carla escolheu Rubens para ser pai de sua filha, mas, em dado momento, começou a pensar que ele talvez não fosse o pai ideal, que não servisse como referência. Seus questionamentos são interessantes, pois, ele foi escolhido por ela, com aquiescência da parceira, para ser somente o pai biológico, sem que tivesse, no futuro uma participação mais efetiva nesse **projeto de maternidade/parentalidade** delas.

Mas, eu em termos de ele, de ele se meter na educação não. E eu acho que ele não é... como eu vou explicar? Uma referência assim, em termos de educação com a Sandy. Eu ó queria ter um filho mesmo e tudo, então pra mim, isso não fazia diferença assim, pra mim. Eu... (...) Ah! Porque é assim, é como, como eu vou te explicar?

A responsabilidade na escolha de uma pessoa para ser pai é algo que pode ser apontado nos dizeres de Carla. Embora, todo o trato sobre a concepção estivesse às claras, a convivência entre ela e o pai de sua filha era superficial. No prosseguimento da gestação, houve uma aproximação e ela pôde conhecê-lo de modo mais aprofundado.

Eu convivia com Rubens no salão, então minha convivência com ele era tão... superficial... ele ia lá no salão, eu fazia a limpeza de pele dele, saía, ia embora e tal. Então, assim, ele surgiu na amizade, nada de intimidade, só assim na amizade e tal. Então, eu não convivia com o Rubens mais abertamente, mais diretamente. Então, o que acontece, então aí o que acontece? Eu, como eu tinha esse contato com ele no salão e tal e depois que eu fiquei grávida, ele

vinha aqui, ele me via grávida, eu mostrava as ultra-sonografias, depois a Sandy nasceu, ele foi... ele freqüentava aqui em casa, de vim, de ver a Sandy e ir embora. Só que a partir da época que eu passei a conviver com o Rubens sempre, que ele mudou pra cá (**ele mora em uma edícula nos fundos**) é que eu comecei a conhecer quem era o Rubens, eu comecei a achar ele assim, um pouco infantil sabe? Mas, depois que eu comecei a conviver com ele, foi que eu vi o quando ele é infantil, o quanto ele é assim um cara assim, como eu vou explicar?

Ao dizer que ele não serve como referência devido à sua imaturidade, Carla toma como parâmetro, a parceira, Samantha. Ela reclama que ele não dá assistência (nem emocional nem financeira) ao outro filho que tem. Entretanto, nos parece que toda essa rejeição à escolha que ela mesma fez, deve-se a dois fatores: idealização do outro e temor de que ele venha a interferir em sua família e em sua relação conjugal com a parceira.

Que ele não serve como referência pra ela, porque ele é assim ele é imaturo, ele é um cara descontrolado, assim, financeiramente sabe? Parece assim, ele só cresceu no tamanho, ele é uma criança entendeu? Então assim, eu acho que você quando você, quando você assim no caso o pai, ele quer passar o melhor dele pro filho, ele trabalha ele estuda, ele quer passar esse... Que é o caso da Samantha assim, como ela pensa, né, com a Sandy. E ele não... sabe assim, ele não leva isso a sério, ele não pensa, ele é um cara imaturo, ele tem 42 anos, mas nunca pensou na vida dele, sabe? Assim, tem outro filho e não dá a pensão pro filho dele. Então, eu acho que agora precisaria dele porque tá com 13 anos... Então assim, é menino e ele vai sentir mais a falta do pai e, no entanto, ele não convive com o menino, é de dar pouca atenção pro menino, entendeu? Eu penso, se ele não cuida do filho dele, ele não vai fazer pela minha filha. Eu não faço questão dele, eu não acho que ele seja tão importante assim na vida da Sandy. Pode ser que eu esteja errada, minha mãe já comenta comigo. “Ei, não faz isso! Tenta pensar diferente e tal!” A Samantha fala pra eu ter um pouco mais de paciência com ele. Mas, é porque eu não vejo ele assim... eu não consigo ver ele maduro, como paizão tipo maduro, tipo o pai que dá um conselho na hora que você tá precisando, nem pra ele! Não consegue nem se aconselhar, nem resolver os problemas dele. Como ele vai resolver o do outros? Como ele ia conseguir resolver o

problema de minha filha? Entendeu? Eu acho muito... eu não sei como, mas eu procuro ver ele desta forma assim...

Carla, assim como as demais entrevistadas, aponta a questão da **família de origem na constituição do seu ser- mãe**.

Eu perdi meu pai com três anos de idade, fui criada por padrasto e tudo. Então, minha infância não foi uma infância assim das melhores... também não tenho nenhum trauma em relação a isso, mas, assim... é... como eu fui criada sem pai e tudo, até um dia eu conversei com a Samantha... não quero passar para a Sandy, essa importância assim tão grande de pai, pai, pai, do sexo masculino, do pai dela e tudo. Porque eu acho que o filho não vive é sem mãe, não vive é sem mãe.

Ela diz não influenciar a visão que Sandy tem de seu pai. Ao contrário, busca aproximá-la dele, sem, contudo forçá-la a ter sentimentos e ações que não queira, deixando-a livre e autônoma sobre seus sentimentos:

Mas sem pai vive, talvez seja até um meio, mas eu quero que isso parta dela, eu não vou falar isso pra ela: “Ó! Você não gosta do seu pai, eu não quero que você conviva com seu pai.” Não. Eu não quero... pelo contrário: “Sandy dá um beijo no papai, né”. Às vezes ele fala, “Você me ama Sandy?” Aí ela fala: “Amo”. Às vezes fala, “Não, não amo não”. Mas, é dela, não sou eu que estou falando pra ela não amar, não sou eu que estou falando para ela não gostar, entendeu?

A colaboradora 3 fala de sua **vivência da maternidade**. No início da entrevista, quando a pesquisadora pergunta-lhe a profissão, ela rapidamente responde “Mãe!”.

Assim... é... em primeiro lugar que é maravilhoso ser mãe, assim não tem experiência igual entendeu, não tem amor igual, é o melhor... eu falo para todo mundo que é o melhor amor do mundo, que é o melhor amor que você pode sentir é o amor que você tem pelo seu filho, entendeu? Pra mim ter ficado grávida e ter sentido a Sandy dentro de mim, assim ter, ter tido toda essa experiência, foi a melhor coisa que já aconteceu na minha vida. (...) Não.. só que a Sandy é meu presente. Ela conversa, ela fala... ela conversa bem até você perguntar uma coisa pra ela, ela responde. Ela é muito inteligente, inteligente, gosta de conversar, ela é bem... E ela é muito ligada

com o Amor dela. Tudo que você for falar, tudo é o Amor, sabe? E às vezes eu falo: “Ai, Sandy e a mamãe?” “Ah! Mamãe, eu amo você, mas eu amo o Amor também!” E ela é muito, muito ligada à Samantha e o bom é que eu acho legal, que não é uma forçação de barra assim. Apaixonada pelo Amor dela. Quando você pergunta pelo pai dela, eu, eu às vezes fico... o povo fala “Ah! Mas, a Sandy daqui um tempo vai se apaixonar, louca pelo pai dela!” **(ela diz)** “Ó, se tiver que ser ela vai ser, eu não vou forçar ela gostar dele igual”. Ele fica revoltado às vezes: “Ah! A Sandy não gosta de mim...” **(ela diz)** “Rubens, ninguém muda de idéia, ela é espontânea, deixa ela crescer, ela vai saber né, daqui um tempo se ela, como vai ser a, a reação dela. Deixa ela, deixa ela livre”, entendeu? Aí ele não aceita muito, porque ele queria que ele, que ela fosse louca por ele entendeu? E até um dia ele comentou isso, ele falou: “Ah! que eu acho que a Sama... a Sandy, é... o amor que era pra sentir por mim, ela sente pela Samantha, pelo Amor dela, né? Mas, eu não me importo com isso não...” E eu, falei: “Tá bom...” E ele não interfere na educação que nós damos pra ela, eu faço questão, entendeu? (...) Eu queria dizer que, tem pessoas que às vezes assim são casadas assim homem, mulher que querem ter filhos, que ficam adiando, que têm medo, que querem primeiro construir e tal um, sei lá um império, sei lá alguma coisa de, de econômico, de financeiro e... que eu acho que às vezes não precisa de nada disso. Que o amor ele é pra todo mundo, ele serve para todo mundo e que mesmo eu tendo essa vida assim ou de homossexual ou de mal resolvida, de qualquer coisa que as pessoas queiram chamar entendeu? Pra mim é maravilhoso, eu não me arrependo em momento nenhum entendeu? Eu acho que, que o que vale é você ser feliz, eu acho que... eu acho não! Eu tenho certeza que a minha filha é uma criança feliz, é uma criança amada entendeu? Não só por mim não, só pela Samantha, mas por todo mundo sabe? Eu não vejo ninguém ter diferença com ela, pelo fato de eu viver com uma mulher. (...) Então, eu acho assim que vale a pena entendeu? Você, eu sou muito feliz com ela, com a Samantha... eu até gostaria de ter outros filhos, né, dessa forma, entendeu? Então eu acho que, que é maravilhoso, que as pessoas têm que parar um pouco e pensar que às vezes é tão fácil ser feliz, né? E as pessoas complicam, às vezes têm medo do que as pessoas vão pensar entendeu? E eu não tive medo de nada, porque se eu tivesse tido medo, se, se eu sentisse medo de alguma coisa hoje eu não estaria com a minha filha. Eu estaria vivendo uma vida diferente da que eu vivo, talvez eu estivesse até sendo feliz, entendeu? Mas, eu sou feliz assim do jeito que eu sou, eu quero passar isso sempre pra ela, quando as pessoas é sempre...

O desejo de ser mãe está mais associado à personalidade cuidadora do que à orientação afetivo-sexual. Carla narra seu trabalho com crianças e fala de como conseguiu conciliar a maternidade e o trabalho com seus anseios.

É agora eu tenho uma... né to, tô nessa nova fase assim, de trabalhar com criança que é uma coisa que eu gosto, sempre gostei muito de criança. Sempre tive essa vontade ser mãe e tudo, e pra mim está sendo uma experiência muito boa... porque é... tá, tá na minha vida de várias formas, porque eu posso tá na minha casa, estou dentro do meu ambiente, tou com minha filha né? Ao mesmo tempo, tô podendo passar pra ela assim... é... como é que eu vou dizer? Podendo deixar ela conviver com outras crianças dentro da própria casa dela, ela está aprendendo a dividir a coisas dela com outras crianças. Então, pra min, está sendo interessante e conhecendo outras crianças e vendo o quanto minha filha é maravilhosa e como as outras crianças também são. Mas, que tem crianças que você às vezes diz assim: “Ah! Meu filho tem mania assim, não sei o que...” E aí você começa a ver um pouquinho de cada criança, e você começa até analisá melhor seu filho né? Então pra mim está sendo interessante também a respeito disso.

O fato de conviver com outras crianças e com a diversidade de comportamentos a faz ter um olhar mais atento para sua filha, possibilitando mais uma vez a intersubjetividade de que nos fala Buber (1977).

Na fala de Carla, ela deixa clara a relação de **parentalidade que Samantha** tem com Sandy (que a chama de “Amor”). Como é temido, com frequência, não há confusão quanto de papéis para a criança:

É porque, a Sandy, quando estava na minha barriga a Samantha ficava conversando com ela, e dizia: “Você, você é o amor da mamãe!” Dava apoio, porque eu lia muitas revistas e lá vinha falando assim que, que há mãe e pai e existem aqueles pais que são pai e mãe, no caso de pais separados, de pais solteiros, né? Que... de mãe, então o que acontece nos casos de mãe que assumem a, a maternidade e paternidade sozinhos então são chamados de **pão (mistura de pai e mãe)**. Então assim na barriga, a Samantha chamava de pão, aí a gente começou a comentar que a Samantha seria a pão da Sandy,

porque a Sandy tinha uma mãe, a Sandy já tinha uma mãe né, no caso eu, é claro, tinha o pai dela que é o Rubens e a Samantha seria a mãe, que seria a mãe e o pai juntos, então assim a gente tinha já em mente que ela chamaria a Samantha de mãe, só que... aí, aí a Sandy nasceu e tudo, então a Samantha sempre que ia buscar ela no berço, dizia “Ah vem no amor, o meu amor”. Então ela começou com esse negócio e aí pronto! Quando ela começou a falar, ela foi e chamou a Samantha de “mô, mô”, e aí quando ela começou a falar mesmo, foi amor e foi espontâneo, não foi a gente falou “Ó, Sandy, você chama a Samantha de mãe ou chama de pai ou chama de Amor, não”. Ela falou assim, de Amor. Foi ela que criou, é dela. “Sandy qual o nome do Amor?” ela diz: “Samantha”. Se perguntamos: “Qual o nome da mamãe?” Ela responde: “Carla”. “E o nome do papai?” “Rubens”. Ela sabe, mas ela... tudo dela é o Amor, entendeu?

Uma preocupação comum é o momento em que ocorrerá o processo de

“coming- out” para a filha. Carla expressa suas inquietações:

Agora não, mas, há um tempo atrás falava assim, “Ah! O que você vai falar para a Sandy quando a Sandy começar a entender?” Eu acho que tudo tem a sua hora, eu sei que vai... vai chegar o dia que ela vai me perguntar alguma coisa, em relação a isso (**à homossexualidade delas**), mas eu acho que tudo é a maneira que você cria, como você cria o seu filho, então tem muitas coisas que eu já percebi na Sandy, que ela já entende, entendeu? Não o homossexualismo, ela não tem mentalidade pra isso, mas ela já, já, é por exemplo quanto a dormir, ela gosta de dormir comigo e com o amor dela, então à noite ela fala assim: “Mãe, você dá licença por favor... deixa o amor dormir do meu ladinho?” Ela, ela sente, ela sente protegida entendeu? Ela não tem esse negócio, ela não me pergunta assim, “Mamãe porque que você não dorme com o papai ? Mamãe porque que você não é casada com papai?” Ela não tem isso e já é dela isso, ela não me cobra isso, enquanto tem... acho que tem crianças em outros casos, as crianças cobram isso dos pais. Então acho que ela já começou a entender alguma desse tipo, que ela não... então, então assim acho que ela já começou a perceber alguma coisa desse tipo. Ela é muito, ela é muito inteligente a Sandy, sabe? Ela num... não sei se ela está escutando você falar... ela já vê, já capta no ar, então, eu acho que vale a pena é uma experiência muito boa, não sei se, sei lá, seria assim para todo mundo, mas para mim é maravilhoso.

Carla expõe em sua fala, algo que é recorrente na fala de nosso(a)s colaboradore(a)s, em especial, os que constituíram família após a **assunção** de sua **homossexualidade**: a criança vai convivendo com esse **modelo familiar**. A homossexualidade do(a)s cuidadore(a)s é uma das dimensões com as quais irá lidar e, à medida em que vai havendo uma relação dialógica, ela vai adquirindo subsídios para lidar com essa realidade.

A colaboradora prossegue dizendo que nunca sofreu preconceito de nenhum tipo e atribui a inexistência de situações discriminatórias ao fato de não ter o estereótipo masculinizado, freqüentemente, atribuído às mulheres homossexuais.

Nunca. Que eu me lembre não. É porque, eu, eu, eu sou..., não sei se é porque, as pessoas também criam na cabeça delas, a mulher que tem um jeito masculino é Sapatão, eles chamam assim, lésbica não sei o que, e como eu já sou assim (**não tem aparência masculinizada**), eu sempre fui muito feminina, eu sempre tive esse meu jeito. Eu sou assim em qualquer lugar com qualquer pessoa, eu sou muito espontânea, e eu trato minha filha normalmente entendeu?

Ela, então, relembra situações que ocorreram em sua **rede social** mas, não consideradas como preconceito por ela:

Sim. Só para acrescentar, tem uma, eu tenho uma amiga que ela é muito, muito minha amiga e ela convive assim, ela convive quase que direta... diretamente comigo. E ela tem uma filhinha que também tem quase a mesma idade da Sandy e semana passada ela veio me falar que a filha dela disse assim: *“Mamãe eu quero casar com a Sandy, e morar na casa da Sandy, com a Sandy!”* E... assim, isso não me afetou em nada mas, eu senti que minha amiga ficou um pouco assim (**assustada**)... tanto que ela é evangélica, aí ela ficou um pouco... como se ela tivesse levado um choque da filha dela... já, eu penso assim: **“Gente! (ênfase) A criança não tem noção!”** A Sandy, às vezes, assim, chega algum coleguinha, ela beija na boca tanto de menino quanto de menina e, às vezes, a pessoa fala assim *“Nossa! Você tá beijando na boca!”* Eu não vejo dessa forma, eu não tento passar isso pra minha filha! Ah! O fato

dela beijar na boca do coleguinha, não tem nada de mais, ela não tem maldade, ela assim, ela faz isso com menino com menina. Ela agora está numa fase de falar que os meninos são namorados dela, entendeu? E ela brinca, às vezes, com, com as meninas e ela sempre coloca a menina, uma outra menina para ser o pa..., para fazer o papel de menino, mas sempre ela é menina, ela nunca é o menino na verdade né? Então é o seguinte, que essa minha amiga ficou um pouco chocada com a filha de... por a filha dela ter falado... e eu falei “Engraçado, porque a Sandy nunca falou isso pra mim.” Porque apesar dela conviver comigo e com Samantha, né, aqui em casa somos três mulheres e tal e ela vê que eu estou junto com Samantha. (...) Mas, a minha amiga levou um choque assim. Engraçado, porque a Sandy convive com a gente diretamente, ela entende muitas coisas, mas ela nunca falou isso pra mim, ela nunca chegou assim pra mim: “Ah, mamãe eu vou casar com a fulaninha, vou namorar com fulaninha, vou beijar na boca”. Não! Então, as pessoas têm muito disso, elas mesmo criam na, na cabeça delas, esse, esse, sei lá, esse preconceito, essa sombra né? Que muitas vezes a criança nem, nem... **(nem está dando uma conotação de orientação afetivo-sexual).**

Para Carla, o comportamento da filha, em que ela exerce os diversos papéis de gênero nas brincadeiras, não é inadequado, pois as crianças estão brincando. Releva dizer que essa situação, em que as crianças realizam atividades consideradas, socialmente, inadequadas pelos pais e/ou cuidadores, freqüentemente, gera desconforto que culminam em punições para elas. Este comportamento desvela a rigidez de conceitos à qual os adultos estão atados e, desconsidera a diversidade de possibilidades de expressão do gênero (que como, já explicitamos varia no tempo e no espaço. LOURO, 1997; SCOTT, 1995).

A colaboradora conta sua experiência com a **escola**, no sentido de minorar quaisquer possíveis **preconceitos**. Assim como as Tamires e Gabriela, Carla e Samantha fizeram questão de ir à escola e informar qual era a situação dessa **família homossexual**:

Ela, ela estudava numa escolinha aqui perto e a gente, no dia que matriculava a gente falava assim, “Olha, a Sandy tem duas mães, ela tem o pai dela tá? E tem duas mães”. Então assim qualquer coisa pode ligar ou pra mim, no caso a mãe Carla ou para a mãe Samantha não tem problema nenhum. A gente até comenta que ela tem o amor (**Samantha**), se ela perguntasse... perguntasse se queria o amor, que o amor era Samantha e tal. Então, assim aparentemente as pessoas acharam normal. A gente sempre procura mostrar para as pessoas isso de uma forma natural, não informação de baixo, olha lá ela, ela é pai, porque tem gente que quer fazer transferência de papel, quer forçar as pessoas a entenderem que, que uma é a mãe, a outra é o pai, e não é assim.

Um ponto importante, destacado por ela, é que há muitas fantasias quanto aos **papéis sexuais masculino e feminino**. Em um casal de mulheres, sempre aparece a pergunta: *Quem é o homem da relação?* A colaboradora, assim como Tamires, ressalta que não há transferência de papel, que ambas exercem funções maternas, funções parentais. E, embora Samantha seja a provedora e Carla trabalhe em casa, com um trabalho remunerado, essa situação não ocorre apenas em casais homossexuais. Carla entra em contradição quando fala de sua irmã, também homossexual e desvela um certo preconceito, pois, ao mesmo tempo em que diz que não “*há transferência de papel*” (de pai, no caso de Samantha), chama a parceira da irmã de “marido”.

Então, eu vejo muito por esse lado e minha família sempre foi normal. A gente nunca teve uma referência assim na família: “Ah! porque tem um gay. Ah! É porque conviveu com gay. Ah! Porque tem uma lésbica...” Não a gente não... minha irmã, que é lésbica, é um ano... um ano mais nova, ela também vive com outra pessoa, mas ela não tem filhos, não teve essa experiência. Tem “o marido” dela e tudo. Eu falo que eu sou muito feliz, graças a Deus! Porque eu, eu posso dizer que sou feliz, sabe?

Retomamos a noção amplamente interiorizada sobre **a influência dos pais na constituição da identidade sexual da criança** e já mencionada (MOONEY-SOMERS; GOLOMBOK, 2000; VICTOR; FISH, 1995). Carla fala sobre essa situação e retorna à **família de origem:**

As pessoas têm, têm.. medo de **(que a criança seja homossexual)**... É, e na verdade não é né, porque assim eu por exemplo cresci numa família **(heterossexual)**, assim nós somos em cinco irmãos né? E eu tenho uma outra irmã também que é homossexual e essa minha irmã ela é assim **(refere-se a um estereótipo que a irmã apresenta)**... não que eu não seja... como eu te falei, assim não, que eu não me faça como homossexual, ou sei lá, eu, eu não sou porque assim eu assim não gosto, eu não tenho um... **(atração por outras mulheres)** assim como eu vou dizer, eu num tenho certas ilusões assim com mulher de ficar de pensar em mulher e tal eu acho bonito, mas não assim... se eu me separasse, não, não dormiria com outra mulher. **A minha irmã não (ênfase)**, a minha irmã ela é de fato homossexual e tudo. E assim, nós crescemos todas assim no mesmo ambiente, entendeu? Com as mesmas pessoas, família, né e tudo e assim ninguém influenciou a gente. A Samantha às vezes brinca assim: “Ah, Carla foi safadeza né?” Assim, o fato d’eu viver, assim **(como homossexual)**, não como ela, o fato d’eu ter partido para essa opção. E a minha irmã não... a minha irmã é, é dela mesma entendeu? Uma escolha dela, como é da Samantha entendeu? Então pronto, eu acho assim que esse lance de influenciar é muito assim... da personalidade da pessoa, tem pessoas que se deixam influenciar e tal. Mas, acho que quando você tenta passar as coisas com clareza, com respeito entendeu? Eu acho que fica mais, é mais fácil é mais tranquilo, entendeu? Assim...

Novamente vemos uma contradição, pois, na fala anterior Carla diz que a família não influencia na modelagem de comportamentos e/ou atitudes. Em seguida, diz que algumas pessoas podem ser influenciadas e outras não, dependendo da personalidade. Ela aponta para escolhas e deixa implícito que a certeza da homossexualidade apresentada por sua irmã e por Samantha é diferente dela. Acreditamos que a constituição da identidade sexual e da orientação afetivo-sexual é um fenômeno complexo que pode ter influências bio-psico-sociais e que perpassa também pelo campo da subjetividade, das identificações e o modo como o sujeito se relaciona com todos esses meios. Sobre a construção das subjetividades homossexuais, sugerimos a leitura de Oliveira (2002) e Madureira (2000).

Ainda sobre a **rede social**, Carla aponta que, às vezes há uma cobrança para que elas exponham sua vida, sua família, seus comportamentos. Para lidar com essa expectativa dos outros, ela relata que age naturalmente, isto é, não faz alarde sobre a situação, nem a esconde:

Mas, mas também, porque tem muitas pessoas que gostam de ouvir da sua boca, assim eu sou homossexual, eu sou casada com ela, é no... ela é nossa filha entendeu? Então tem gente que gosta de ouvir, tem gente que quer que você se esclareça entendeu? Porque... então eu vejo que tem gente que se satisfaz disso assim, não de, de, ver, às vezes tem pessoas que entendem né, ah! Até são casados, olha, a sobrinha delas... muita gente não. Tem pessoas que fazem questão de você chegar e se abrir, e eu não faço isso. É... eu, eu ajo naturalmente entendeu? Ah! Sandy vai lá no amor, vai. Aí as pessoas acham bonito e perguntam se quem ela chama de amor é o pai. Eu digo: “Não, o amor dela tá ali”. Aí quando a Samantha vira (**as pessoas dizem**): “Ah! o amor”... e tal, então assim tem, tem pessoas que entendem, né. Mas, assim discriminação mesmo não, assim graças a Deus não.

Ela expressa como sua **família** é constituída e o quanto é feliz e, destaca mais uma vez, como o diálogo é exercitado entre elas.

Eu tenho amigas que vivem... assim... mal com seus maridos. E eu digo: “Gente! Minha vida é maravilhosa, por que eu vivo com um a pessoa que eu gosto”. Eu sei que essa pessoa também gosta de mim e também faz o melhor pra mim, entendeu? A minha casa é uma ambiente de paz, de tranquilidade é... a gente procura sempre tá de bem com a vida. Por exemplo, a Sandy mesmo nunca presenciou brigas. A gente às vezes tem os conflitos normais como qualquer pessoa pois, ninguém é perfeito, mas... agressão, discussão mesmo, a Sandy nunca presenciou isso. A gente sempre procura estar numa boa, conviver mesmo. Se tem alguma coisa pra acertar, a gente senta e acerta mas não com... a Sandy... Às vezes, quando eu converso mais sério com a, a Samantha a Sandy diz: “Mamãe, não apela com o Amor, respeita a vontade do Amor..” Tudo pra ela é o Amor... ela já tem isso na cabeça dela ela diz: “Mamãe, você respeita o amor, mamãe não faça isso com Amor...” E, é engraçado... e olha que nem são brigas!

Sobre a **vivência de sua relação afetivo-sexual** com Samantha, Carla diz mostrar-se discreta quanto à demonstração de carinhos na frente da filha:

Eu procuro o **máximo passar respeito para a Sandy (ênfase)**! Não é, não é porque eu vivo... é, maritalmente, digamos assim com a Samantha e tudo que eu fico, fico me beijando na frente de... dela (**da filha**). Com a Samantha, que eu tenho assim, as nossas intimidades, a gente guarda pra horas que... certas entendeu? A gente não fica se agarrando na frente dela, não para esconder dela isso. Mas, até mesmo como forma de respeito. Porque até para um casal hetero também é feio você ficar todo o tempo se agarrando, se beijando não sei o que. Eu acho assim que isso é assim é meio, sei lá não é legal, né. E, assim, a Sandy... a gente procura passar o máximo de respeito pra ela em relação a isso, de não ficar se agarrando de não ficar se beijando assim, beijando na boca, ela beija assim, dá bicotinha na gente, mas, de carinho mesmo de... Ah! de filho e tudo.

Por fim, um outro aspecto enfatizado pela colaboradora refere-se à questão da **religião**. Em sua fala, se evidencia a influência da religião em sua vida e o modo como pretende educar a filha, neste quesito.

Eu, eu fui criada no catolicismo certo? A gente ia à, à missa aos domingos e tal. Aí eu freqüentei uma época a Comunhão Espírita porque tem assim, como a gente sempre conversa, não existe religião perfeita, a mi...a minha religião é o... é Deus sabe? Eu tenho pra mim, Deus está acima de qualquer coisa, não tem, não tenho nem o que comentar. Eu já freqüentei a Comunhão Espírita uma época, eu já fui à igreja evangélica, não pra querer me tornar evangélica, como forma de desespero não, assim porque eu, eu gostava e tal, mas também não, não quis seguir, não. Fiquei na igreja e não vejo religião perfeita. Você começa a pegar uma coisa de uma, uma coisa de outra e você começa ver que “Ai, meu Deus!” Mas, todas têm defeito, como, como nós, né. Então, hoje em dia, eu não tenho nenhuma religião definida. Eu gosto muito do, do espiritismo, né? Mas num, não vou te falar que é minha religião entendeu? Assim que eu, que eu não sigo, de, de da Comunhão mais assim não, sabe? Então, eu não tenho uma religião definida. Batizei a Sandy na igreja católica. Eu, eu até pretendo né, daqui uns anos assim, quero que ela, sei lá que ou vá à igreja, alguma coisa, mas não como forma obrigatória... Ah! minha filha, você **tem (ênfase)** que fazer primeira comunhão, você **tem**

(ênfase) que ir pra igreja católica, você **tem (ênfase)** que ir pro culto, você **tem (ênfase)** que... não! Porque eu acho, você tem que primeiro é saber quem é Deus pra você, o que, que Deus representa pra você. É maravilhoso, depois disso, aí sim. Se você sentir bem lá na igreja, você vai, se você gostar de ir ao culto você vai, se você gostar de ir à palestra da Comunhão você vai, mas nada de obrigação. Como eu cresci assim, minha mãe vivia dizendo, você **tem (ênfase)** que ir à igreja, e não sei o que. Vamos pra missa, vamos pra missa domingo, não sei o que... E pra mim, tipo assim, não fez muita diferença não.

Carla ao se reportar à religião afirma que pretende deixar que Sandy trace seus caminhos, que faça suas escolhas. A base familiar relativa aos valores: respeito, gratidão, amor, pode ser propiciada por uma base religiosa (embora tais valores não sejam obtidos apenas pela religião). Interessante notar que Carla já foi católica, freqüentou a igreja evangélica e a Comunhão Espírita na tentativa de se aproximar do significado dos preceitos religiosos e de Deus.

Então eu quero que a Sandy também decida né, o que ela gosta. Claro que é você que tem que mostrar pra ela, a gente ora todo dia à noite, antes de dormir. Você tem que ver ela orando... Ah! É muito lindo, é muito... uma gracinha, sabe? Ela diz, “Obrigado papai do Céu por esse dia, abençoe meu Amor, minha mamãe, meu papai e toda a minha família, amém.” Então, ela já sabe né, orar, mas assim eu quero também que venha dela, também eu vou mostrar pra ela os caminhos. Aí ela vai escolher, como eu vou escolher, ainda, uma religião definida. Hoje, assim não tenho, mas eu gosto da Comunhão Espírita, mais do que das outras.

Carla cita que todas as religiões são imperfeitas e, acrescentamos, de modo geral, são bastante restritivas às condutas homossexuais. Talvez por essa razão, ela continue procurando uma religião que mais se aproxime de seus anseios e denota uma preocupação em mostrar para a filha os caminhos possíveis, para que ela faça suas escolhas.

Passemos então, à fala de Samantha, C.4, nossa próxima colaboradora.

C.4- 04- Samantha, 35 anos, funcionária pública, homossexual, companheira de Carla, C.3, há 13 anos com quem tem uma filha, Sandy, de três anos.

Samantha se define como homossexual quanto à sua **orientação afetivo-sexual** e fala da constituição de sua **identidade sexual**:

Eu sou homossexual mesmo, nasci assim, não gosto de homem. Também, isso não quer dizer que eu gosto de todas as mulheres, não. Eu me atraio por mulheres, mas também não é qualquer uma não, entendeu? (...)Porque igual eu te falei, eu nasci assim, assim que eu nasci, sabe? Eu cheguei a transar com homem, pra ver... “Ah! Ah, será que é mulher mesmo que eu gosto? Vou transar com homem pra ver”. E eu vi que não é. Eu sou de viver só, pro resto da vida, mas eu não sou de viver com homem, só pra ai... né, fazer as vezes assim pra sociedade. Não, não sou, sabe? É uma coisa minha, de saber.

Quando se assumiu **homossexual** (“*coming-out*”), foi a primeira da família a fazê-lo e, a reação de sua mãe foi a mais comum: não aceitação e rejeição (pelas razões que já dissemos). Posteriormente, com a compreensão da filha, a **família** toda passou a aceitá-la e também à parceira.

Eu sacaneava meu pai dizendo que era o sangue dele, porque na família da minha mãe assim, mais ligado não conheço, mas na família do meu pai... Gente (**ênfase**), como tem! Ele ria, né. Meu pai, ele ria, meu pai, num...num ga... eu nunca, é igual eu tô te falando, eu me assumi com dezoito anos. Eu tô com trinta e cinco. E eu fui a primeira, então, foi difícil. Cheguei pra minha mãe e falei. Minha mãe chegou e falou que eu não era mais filha dela. Aí, eu virei pra ela e falei assim: “Mãe, se homem trouxesse felicidade, minhas irmãs seriam as mulheres mais felizes do mundo, que todas são loucas por homem. Se a senhora for ver, a pessoa mais equilibrada que tem nessa família sou eu. Nunca lhe dei um problema, nunca trouxe um problema pra senhora, sempre tive minha vida tranqüila, não sei o que.” Aí minha mãe, o... não sei o que, passou uns dois três dias minha mãe me chamou, falou que me aceitava do jeito que eu era e ela só queria que eu fosse uma pessoa digna,

entendeu? Que eu num... vai ver que... eu sempre, vou ser muito na minha...(...) e esse meu irmão mais velho, ele era casado, né, quando eu me assumi. Quando meu pai era vivo, todo domingo existia um almoço de família e meus irmãos casados iam, todo mundo ia. E eu levava Carla, né? Meus irmãos iam com as esposas e, minhas irmãs com os maridos e, eu levava a Carla. E aquilo pra ele (refere-se ao irmão) era o fim. Ele, casado, com uma mulher do lado que não era, que não era o lado dele, que eu já sabia e, pra ele era o fim aquilo. Isso assim, ele ficava louco. Aí um belo dia, ele falou assim: “Ué, o que, que eu tô fazendo com essa mulher? Se a Samantha a família toda aceita...” E ele se separou da mulher. Só que o problema dele é que ele bichou de vez. Aí, foi um choque pra família, sabe assim, muito assim... chega toda espalhafatosa... mas, graças a Deus eu não tive problema com minha família, não, então. Acho que é só.

Ainda sobre sua **família de origem**, Samantha diz que o conhecimento da vivência da homossexualidade, sem incorrer nos estereótipos a ela freqüentemente associados, facilita a aceitação pelos familiares:

E é engraçado, porque minha família toda me aceita. Mas, ele é meio difícil de aceitar, as pessoas não gosta muito dele não, meus irmãos assim... no caso da minha família, porque eu sou amiga de todo mundo, sou legal com todo mundo. Ele não. Ele é muito complicado. Eu mesmo não falo com ele, pra você vê, né? Pra você ver, a gente joga do mesmo time, como povo diz e eu num... não sou amiga dele, mas eu não sou amiga dele, porque ele não é amigo de ninguém. Ele é falso, entendeu? Então, por isso que eu não sou amiga dele. Tem umas coisas engraçada, assim, a minha família tem uma tendência muito grande pra isso (**pra homossexualidade**). Assumidos mesmo tem eu, meu irmão mais velho e minha sobrinha, que é um ano mais nova que eu, mas, assim... eu tô olhando pra geração mais nova, assim... Menina! Como tem gente vindo sabe? Eu tenho um sobrinho, que ele deve tá com uns vinte anos agora e, assim, eu, eu mesmo virei pra família e falei bem assim: “Ah! O Beto é bicha! Vocês não enxergam, não?” Sabe, porque fica aquela... aquele ti, ti, ti. Eu falei assim: “O difícil é você se assumir quando você é o primeiro da família”... foi o meu caso! Eu fui a primeira a assumir lá em casa. É muito difícil porque você é o primeiro. Agora, depois que já tem dois tios, uma prima, vai esconder o que? Só vai complicar mais a cabeça do garoto... sabe? Ele fica se escondendo, ele fica aquele né... aquele negócio se

escondendo. Aí eu falo mesmo! Sou escancarada. “Ah! outra bichona, rapaz!” **(risos)** Fica se escondendo sabe? O menino é assim **(gay)**. É engraçado, na minha família, eu sacaneava meu pai, porque meu pai já morreu.

Ela direciona a fala para o **vínculo conjugal** que estabeleceu com Carla:

Igual eu tava conversando com a Angélica **(esposa do ginecologista que as orientou na concepção do filho e é amiga dela)** lá fora. Eu encontrei a Carla, faz 13 anos que a gente tá junto, a gente se dá super bem, entendeu? E pra mim eu vivo o resto da minha vida com ela **(fala com empolgação)**. Ela me completa, entendeu? Então eu nem, nem olho pra ninguém, não tenho interesse em procurar ninguém, em conhecer ninguém, porque eu, eu vivo muito bem com ela.

Todo esse encantamento pela parceira, com quem está há treze anos, a levaram a realizar o sonho de Carla de ter um filho, expresso pelo desejo de constituir uma família.

Sobre o **desejo de ser mãe e o projeto de concepção**, Samantha diz:

Ah! A Carla, o desejo da Carla era ser mãe, então eu não podia negar isso pra ela né... e depois passou um tempo, o próprio casamento vai exigindo um filho, porque vai caindo na monotonia, aquele negócio vai exigindo... pra ficar diferente, aí chegou uma época que eu quis, entendeu? E a gente conversou... “Ah! Ah vamos?” “Vamos”. E eu gosto muito da Angélica **(esposa do ginecologista)**, sou amiga dela e procurei a Angélica, por causa do ginecologista. Aí conversei com ela, falei com ela o que eu estava pensando. Ela achou ótimo, aí ligou pro ginecologista e perguntou como é que era **(sendo um casal de lésbicas poderiam ter acompanhamento para ter um filho)** e tudo, aí ele disse, como, como seria, e daí a gente arrumou o pai e nasceu a Sandyzinha.

Elas comunicaram às **famílias, a intenção de ter uma criança** e, na fala da colaboradora, a família da parceira, inicialmente, resistiu à idéia. Porém, após a concretização da maternidade a família passou a acolher a criança com carinho.

(...) e eu cheguei pra, pra família da Carla, falei que a gente ia ter, tava pensando em ter um filho, assim, assim assado. E eu senti que a mãe da Carla não gostou muito não. Ela falava: “Minha filha pensa direito”.(...) Mas,

depois adorô! Eles amam a Sandy, curtiram a gravidez toda dela, o parto né. Eu brincava assim: “D. Joana tá na hora!!!” Dela nascer, né? E no dia que foi pra falar, **mesmo (ênfase)** que tava na hora, ela: “Mentira, não é não”. “D. Joana, eu tô ligando seis horas da manhã, a senhora não vai acreditar em mim? Tá na hora, tô indo pro hospital”. Né? E aí foi quando ela acreditou mesmo...

Ela relata que **vivenciou a gravidez** da parceira com alegria e empolgação, acompanhando-a em todas as consultas:

Mas assim como? De curtir a gestação? Ah! Ah é... eu curti assim muito, conversava muito com a Sandy né e curtia, curti a gravidez da Carla, é... Era uma coisa engraçada que eu tinha... Eu tinha tara por mulher grávida, eu não podia ver uma grávida assim, que eu achava linda! Ficava só, só deslumbrada assim com... por mulher grávida. Ai! Eu até comentei essa semana com ela (**com Carla**) que depois que, que ela, Carla teve neném aí passou. Não tenho mais, hoje vejo uma mulher grávida é normal, já não é mais como eu via antes. Antes eu não podia ver porque ficava assim... (**fala empolgada**) “Gente, mas é muito lindo!” Não sei o que, sabe? Fala assim... ai! Eu curti pra caramba a gravidez dela. A Carla, graças a Deus teve uma gravidez super tranqüila, não teve problema. Eu ia, eu ia nas consultas dela, era até engraçado né, que quando o médico mandava chamar a Carla e a recepcionista falava assim: “Carla é você agora.” Eu entrava primeiro, era a primeira a entrar, entendeu? Todas as consultas dela eu fui com ela e depois que nasceu. (...) a Sandy né, a gente, todas as consultas com a pediatra, eu levo. Eu e a Carla. A gente entra, às vezes eu demoro a subir pela questão do estacionamento, né. Aí a própria pediatra fala: “Ué cadê sua mãe?” (**fala para a criança**). Aí a Carla responde: “Não, ela tá estacionando, mas já volta”. Eu sempre tô acompanhando, eu sempre faço tudo.

Samantha não quis assistir ao parto porque sentiu que o médico não queria que ela entrasse por medo de que ela passasse mal (e também por que ela mesma não queria), apesar da insistência da companheira.

Eu não quis assistir o parto, primeiro porque... eu não quis assistir porque eu acho que não ia agüentar e segundo, porque eu senti no médico, que ele é daquele médico, que ele não gosta muito não, sabe? Então, até por a gente gostar muito dele, eu respeitei. Até, nunca pedi pra ele. A Carla é que falava,

né? “Ah! Dr., eu quero que a Samantha assista”. E ele: “Tá bom, Carla a gente vai ver”. Mas, eu sentia que aquele “a gente vai ver”, era assim, vo... num, num, num gosto muito né? Então, por a gente gostar muito dele, aí eu nem insisti, nem nada. Muita gente passa mal e dá dois trabalho. É por isso entendeu? Porque passa mal, dá dois trabalho. E, e as minhas irmãs que tiveram filhos e tudo, os próprios médicos falaram, olha, eu não sabia se eu fazia o parto ou se eu acudia o pai né, então respeitei isso dele e...

Samantha fala sobre a **relação próxima e dialógica** com a filha. Sua expressão deixa transparecer a intersubjetividade própria do tu buberiano, quando ela começa a narrar sua **relação parental** com Sandy:

Ela me chama de Amor... (**sorri, com ternura**) É... é engraçado assim, desde que... quando ela era bebê, a gente falava bem assim: “Como ela vai te chamar? De pão (**mistura de pai e mãe**)?” A gente até falava no começo pão, pão, pão e veio dela: “Amor!” A primeira palavra que ela aprendeu a falar foi amor, até antes de mamãe, foi amor (**fala com carinho**). Aí, ficou assim: Amor, Amor, Amor, assim, o Amor. Porque a Carla me chama de Amor, mas, também porque eu sempre brinquei com ela desde bebê e chamava ela de Amor. Tanto é que até hoje, desde bebê eu beijo as costinhas dela, e até hoje ela fala bem assim: “Amor... faz carinho!” E eu viro e fico beijando as costinhas dela. Então, também foi por isso, né? Não só pela Carla me chamar de Amor, né? Mais... mais por eu chamar ela de Amor também. Aí foi indo, foi indo e até hoje. As mesmas coisas que eu fazia (**quando ela era**) bebê, eu faço nela agora criança. Ela só dorme do meu lado, entendeu? De madrugada assim... eu gosto de dormir na ponta, não gosto de dormir no meio, aí ela dorme perto da parede (**a cama fica encostada na parede**), a Carla no meio e eu na ponta. Mas, pra dormir, pra ela começar a dormir, eu tenho que dormir do lado dela. Depois eu troco de lugar com a Carla e, quando ela acorda pra beber água, ela vai e fala: “Amor, deita do meu lado... mamãe, cê dá licença, mamãe, pro Amor deitar do meu lado”. Entendeu? É sempre eu do lado dela.

E acrescenta os **significados que atribui à vivência da parentalidade**:

Ah, menina! É uma coisa engraçada assim, porque é... é um amor assim... sabe sei lá... é tão forte sabe, o que eu sinto pela Sandy, o carinho, sabe? O amor é uma coisa... esse lance de filho é bem, né... Ah! Eu, eu sou

apaixonada por ela! Até eu falo pra Carla assim às vezes: “Carla, eu não sei viver mais, mais sem a Sandy, sabe?” Porque a Sandy é minha alegria, ainda mais do jeito que ela é comigo, ela é muito apegada comigo. Hoje, eu fui cortar o cabelo. Eu não queria levar ela, ela, hum (**faz careta**)... começou a chorar e eu: “Tá bom, vou levar!” Aí ela diz: “Eu sou seu grudinho, Amor”. Entendeu? Então, eu adoro ficar em casa, adoro ficar com ela, com a Carla entendeu? E quando eu saio, sinto vontade de voltar logo pra ficar com elas, então. (...) Eu acho que não tem nada melhor que filho. Não tem! Eu acho que assim até, é... uniu mais a gente, sabe? De certo modo, às vezes separa e, às vezes, une. Ela separa em termos de contato físico, que antes você tinha todo tempo pra aquela pessoa, e agora você não tem. Separa o contato físico, mas, assim, afinidade, tudo, faz é unir, sabe? Junta mais, assim, a vontade de ficar junto.

O vínculo parental que se estabeleceu entre Samantha e a filha é tão forte que transcende à relação conjugal como corrobora Relvas (2000). Assim como Gabriela, Samantha deixa claro que sua relação com Sandy é intensa e paralela à que vivencia com Carla.

E continua, falando das **modificações em sua vida** após a chegada de Sandy e sobre os encantos da parentalidade:

Pois é, né. Eu sempre fui muito caseira. Eu e a Carla, a gente sempre foi muito de curtir a nossa casa de ficar em casa, mas com a Sandy então... (**isso se intensificou**). E, ela gosta da no..., da nossa casa sabe? A gente sai, ela, ela pede pra vir embora “Amor, eu quero ir pra casa, casa nossa!” Ela fala assim “Quero ir pra casa nossa”. Então, é muito legal a gente ficar junto e tudo assistir filme, ela é muito inteligente! E ela, elas faz umas coisas assim... incrível! Que a gente duvida... Menina! É um troço de amarrar tudo, ela aprendeu a dar nó tudo ela amarra, tudo... às vezes ela, amarra ela mesma, pega a corda do roupão e amarra ela mesma, eu falo: “Gente, Carla vem cá ver... como que ela consegue amarrar ela mesma!” (...) É uma família, você não tem... é igual eu te falei, eu saio, eu saio pra trabalhar e quero voltar rapidinho. Não tenho vontade de sair, essas coisas não. O que eu tenho vontade fazer é com as duas entendeu? O que me dá vontade de fazer é com

as duas, não tenho vontade nenhuma de fazer nada só. (...) Mas, é muito legal! Mas, eu não tenho vontade de ter outro filho.

Ao contrário de Gabriela que, inicialmente, resistiu à idéia de filhos, Samantha apoiou integralmente a parceira. Então, novamente divergindo (Gabriela relata querer outros filhos), Samantha, diz que não ter vontade de ter outro. Em suas palavras:

Não, eu não tenho vontade de eu mesmo de ser mãe, não tenho nenhuma e, não tenho vontade de ter outro filho. Eu acho que na situação que nós estamos, eu acho que ter dois filhos, três filhos é loucura. Acho que pra você dar uma boa vida para teu filho, acho que só um é suficiente. Na situação que nós estamos no país, não dá, você inventar de... **(ter outro filho)** entendeu? De ter outro filho, então eu já falei pra Carla: “Carla...” A Carla tem vontade de ter outros filhos... “Você pode ter, mas, não comigo, porque eu não tenho vontade.”

Sobre a **rede social**, a colaboradora relata que o respeito e a não exposição desnecessária possibilitam uma con-vivência mais rica e plena de aceitação, em especial **pela família**:

Ó a questão do..., eu vejo a questão do homossexualismo, acho o seguinte, você pra ter respeito das pessoas, você tem que se dar ao respeito e nós vivemos num país que é muito preconceituoso e pra piorar muitos homossexuais querem ser aceitos a força, tá entendendo? E eu acho que não é assim, e eu acho que a minha questão com a família, com a minha família e a família da Carla é exatamente a questão do respeito, entendeu? Eles não desrespeitam porque? Exatamente porque a gente nunca foi depravada, a gente sempre respeitou.

Por sempre criarem uma atmosfera de respeito e, concomitante, desvelamento de sua condição de parceria, a colaboradora relata que nunca vivenciaram **situações de preconceito**, inclusive da equipe médica que as acompanhou na gestação e depois do nascimento de Sandy:

Eu... que eu lembre não, **(nunca viveram situações de preconceito)**. Também, porque assim é... primeiro vem o ginecologista... O ginecologista é

um colega nosso, né? Então, foi super legal, super tranquilo. Depois vem a pediatra, a pediatra da Sandy, ela é pediatra dos meus sobrinhos. Então, quando a gente foi à primeira consulta, a minha irmã já tinha falado pra ela... então, já não, não foi nenhuma surpresa pra ela, desconfiar ou coisa assim entendeu? Então nunca, nunca teve problema não.

Ela narra que viveu com Carla, na casa dos pais por seis meses e, sempre tratou de manter um comportamento de recato, em respeito a eles:

Eu vivi seis meses na casa de minha mãe, dos meus pais, é... eu nunca dormi de porta fechada. Sempre a porta tava sempre meio aberta, minha mãe passava, meu pai passava e fechava a porta. E eu ia lá abria porque eu ficava imaginando o seguinte: “Não, se a porta tá aberta, eles sabem que não está acontecendo nada, a porta fechada, sempre o povo fica imaginando, será que tá acontecendo alguma coisa, será que elas estão fazendo alguma coisa né?” Dá margem à imaginação. Então, eu sempre respeitei essa... essa questão, né. Na família da Carla...

As famílias têm uma boa relação com elas, que são aceitas como casal. Como diz a entrevistada, elas fazem questão de não ficar com demonstrações efusivas de sua **vivência afetivo -sexual** em público.

Mas, é super legal nossa relação... com minha família, assim a minha mãe ela é meio... não é que ela não aceite, é que ela é meio truncada assim, né? Já é muito velha né? Mas, ela, ela aceita normal. A Carla é que tem meio assim, esse negócio de sogra mesmo, as pessoas nunca gosta de sogra né, mais mi... minha família é normal, aceita normal. A gente viaja com minha família, a gente viajou ano retrasado, minhas irmãs “crentes” (**evangélicas**), entendeu? Normal, foi tranquilo a viagem. É só você se dá ao respeito! A gente não fica se agarrando na frente de ninguém, a gente não fica com história, entendeu? Igual eu tava falando com a Angélica: “Eu não nego!” Se alguém chegar e falar bem assim: “Ah! Você vive com a Carla?” “Vivo!” Eu não escondo! Quer dizer eu também não vou ficar falando pra todo mundo, entendeu? É um direito meu, né? E o problema do homossexualismo é que o povo é meio depravado, sabe? É... querem ser aceito de qualquer forma, começam a agarrar na rua, começam esse tipo de coisa. Eu sou contra isso, totalmente contra. Eu acho feio homem e mulher ficarem se beijando na rua, se

agarrando... imaginem dois homens e duas mulheres né? Chocam muito mais né? Entendeu? Então, hum... **(faz uma careta)**

Sobre a **rede social**, Samantha relata como foi o processo de inclusão de Sandy na escola:

É e já chegamos e falamos que ela tem, é tem 2 mães, foi porque assim, ainda mais no começo né... porque a gente chegou falou: “Ó, ela tem duas mães. Se ela chamar Amor, sou eu! Se chamar mamãe é ela, assim, assim e assado.” É, teve o... como ela, ela... a gente entrou e aí teve que tirar por causa de problema de saúde **(a criança teve uma alergia)**... eu não... não pegou o dia das mães. Ela saiu antes, mas a gente pegou dia dos pais, aí dia dos pais... “Ó, vamos nós duas”. Aí nós fomos pra festa do dia dos Pais entendeu? Aí a gente fez... normal... Mas, realmente as pessoas acham estranho, mas, a gente encara numa boa. É igual eu estou te falando se você se, se dá ao respeito.as pessoas te respeitam.

A **religião** aparece na fala de Samantha, como uma possível necessidade que Carla tem como mãe de educar a filha dentro de uma orientação religiosa. Samantha respeita a atitude da parceira, mas, nesse momento, nota-se uma divisão de papéis parentais muito nítida: Carla cuida, Samantha provê. Tal divisão, embora seja nítida em sua fala, é bem mais flexível, uma vez que, ao longo de toda a entrevista ela deixa entrever que ambas dividem as tarefas de modo mais equânime.

Eu sinto que a Carla sente necessidade de ter **(uma religião)**, eu sinto isso, né. Eu não tenho necessidade nenhuma. A necessidade que eu tenho é de acreditar em Deus e de fazer minhas orações de proteção, entendeu? Mas, eu não tenho, eu não tenho religião, porque pra mim todas são só falas, entendeu então? O que eu simpatizo muito assim é com a Comunhão Espirita, mas não freqüento, não sou da... de vez em quando dá vontade, vou lá, entendeu? Mas num... mas, eu sinto que a Carla sente vontade necessidade, entendeu? De ter até mesmo pelo fato de ela ser mãe de passar isso para Sandy. Mas, a Sandy aprendeu na escolinha, a fazer a oraçãozinha dela. Então, todo dia noite, a gente fala: “Vamos orar para o Papai do Céu?” Aí, ela mesmo faz a oração, agradecendo a Deus pelo dia, agradecendo... aí ela fala é: “Abençoe meu papai, minha mamãe, meu avô, minha família...” Aí ela... né? Mas, eu não

sinto necessidade não. Eu me identifico com a Comunhão Espírita e, e tem umas coisas assim... uma vez, uma mulher espírita me falou assim que eu tinha... tinha que resgatar alguma coisa do passado com a Carla. Ela falou isso pra mim, né... umas coisas engraçadas. De repente, vem uma companheira, vem uma criança vem tudo junto né... É... e há quanto tempo! A gente se dá bem e, assim, é engraçado que a Sandy é muito mais louca por mim. Acontece. Uma vez nós brigamos. E, eu não me importo de dormir na mesma cama com a Carla (**quando elas brigam**). Ela se importa, quando a gente briga ela... você sabe... eu fui e falei: “Então, você dorme na cama com a Sandy que eu durmo no colchão em outro quarto, eu me viro, né?” Aí ela falou “Você tem que dormir com ela, porque ela sente falta do Amor, não de mim...” Aí, a gente foi conversar com a Sandy: “Sandy quem que você quer que durma na cama com você?” E ela: “As duas.” “Mas, não dá pra ser as duas. Tem que ser só uma. Quem?” E ela “As duas...” “Não, Sandy. Escolhe.” E ela “o Amor...” (**risos**).

A colaboradora desvela sua filosofia de vida que mostram sua sintonia com a filosofia do diálogo de Buber (1977). Ao olhar para o outro, buscando compreendê-lo ele adentra o mundo do TU.

É... a gente não sabe o nosso propósito aqui... mas, eu tento levar uma vida digna, assim não tento prejudicar ninguém... quem posso ajudar, eu ajudo. Eu até estava conversando com a Angélica, esse lance de eu ajudar tantas pessoas e a Angélica falando que não é tarefa nossa. Sabe esse lance de ajudar as pessoas? Aí, eu falo, falei pra ela... mas, Angélica, pra mim... eu pelo menos tentei. Eu posso ter fracassado, mas eu tentei. Pior é você olhar uma pessoa pensar, eu po... posso ajudar e não ajudar, mesmo que eu tenha ajudado e não deu certo, mas eu tentei, a tentativa pra mim é o que vale, sabe?

Na direção que traçou para si, ao ajudar o outro, Samantha permitiu que Rubens fosse morar nos fundos da casa delas. Ela conta como é sua **convivência** com ele, o fato de ele ser o **pai biológico** de Sandy e da relação dele com Carla, além da relação dela com a parceira:

Ele mora lá nos fundos (**em uma edícula nos fundos da casa delas**), com entrada independente, entendeu? Como foi uma, uma coisa bem resolvida, ele foi só o produtor mesmo, então, não tem essa ciumeira. E, na verdade, eu não tenho ciúmes da Carla. É, eu tinha quando a gente... logo no início, mas depois não. Depois fica uma coisa tão estável, tão assim, você confiando tanto na pessoa... Sabe aquela relação? Eu não tenho ciúme não... nenhum, entendeu? Eu sou, eu sou assim, a minha opção (**homossexual**) também é definida. (...) A Carla não sabe (**fala como se a parceira não tivesse certeza da homossexualidade**), não tenho certeza... minha relação com ela é bem segura e eu... se ela chegar pra mim e falar bem assim: “Ah! Eu tô a fim de ir pra tal lugar com tal cara...” (**ela diria**) “Então, vá”. Entendeu? Eu não tenho essas... esse lance... Ah! É minha né? Esse lance de posse não, quanto a isso eu sou bem resolvida, nesse ponto, nesse negócio...

Samantha continua falando sobre a proximidade de Rubens:

Não tem nenhum problema. Mas, não corre **o mínimo (ênfase)** risco, sabe? A Carla não gosta dele. Eu acho que ele gosta da Carla. Eu sinto que ele é apaixonado pela Carla. Mas, não tem a menor possibilidade. Acho que ele seria o último homem no mundo para a Carla ficar, sabe? Não tem essa ciumeira, depois de... depois de um tempo de relação você tem que confiar na pessoa, não adianta você ficar sendo infantil, desconfiar da pessoa.

A colaboradora, então, toca em uma questão importante: **a questão jurídica**.

Como legitimar a parceria e a relação parental com Sandy? Sandy tem mãe e pai biológicos e nossa legislação não permitiria, nessas condições, a adoção da criança por ela. Samantha relata a solução encontrada para tal:

Não, não... A Sandy eu, eu entrei com (**o pedido da**) a guarda da Sandy. Porque assim, logo que a Sandy nasceu, fiquei preocupada com seguinte: nós somos uma farsa (**do ponto de vista jurídico**). Se eu morrer amanhã, tudo bem, então a Carla né fica com a, fica com a Sandy. Mas, se a Carla morrer também, a mãe (**a avó**) que não tem nada a ver, vem, entra na justiça e ganha a guarda da neta. E eu como é que eu fico? Então sempre pensei muito nisso. E a primeira coisa que eu fiz, foi entrar com (**o pedido da**) guarda da criança, entrei com a guarda. Lógico, na guarda você não pode dizer que vive junto né, que senão eles... infelizmente né, no nosso judiciário, ainda é defeituoso.

É, então na hora, menti. Disse que a Sandy vivia comigo. Na verdade a única coisa que eu menti, foi que a Carla vivia comigo. Eu dizia que não, que ela morava em outro lugar, mas, o resto tudo, tudo é verdade. Eu acompanhei a gravidez a... todas as consultas eu que levo... eu levo com a Carla, a Sandy ao pediatra, eu sei tudo né. Então, eu não menti, só omiti, que a Carla vivia comigo. Entendeu? Eu dizia, eu disse que a Carla... porque eu passei por uma, por uma entrevista com psicólogos... eu disse que a... que eu ajudava, eu falava e, eu falei na entrevista que eu ajudava a Carla financeiramente, mas ela morava em outro lugar e que eu ajudava para ela pagar o aluguel de outro lugar, entendeu? Aí saiu a guarda definitiva, da Sandy. Eu tenho a guarda dela. Então, assim, eu tô super tranquila, quanto a isso né? Tem seguro de vida, pra fazer...

Ela relata que houve necessidade de omitir uma situação concreta, em que o vínculo conjugal e o a constituição familiar coexistem a fim de poder prover garantias de bem-estar para elas e o direito de ficar com a filha, em caso de morte da parceira. Conforme explicitamos no primeiro capítulo e corroborando o que Figuiêredo (2003) e Dias (2000) expressam: o judiciário tem que rever o Direito de Família, a fim de dar o devido respaldo a situações reais como esta, que já existem. Diante da obtenção da guarda definitiva, a colaboradora sente-se mais tranquila:

Elas tão segura de alguma forma e, assim, eu sempre, sempre procurei alguma coisa, eu sou concursada, tenho meu... tenho emprego, minhas coisas fixas, mas eu sempre me preocupei muito com a Carla. Mas, e amanhã se eu morrer? Como é que vai ficar Carla? Então, eu sempre procurei ajudar a Carla fazer alguma coisa. Por isso que a gente inventou o cuidar das crianças em casa, com brinquedos, etc. Porque eu num... é uma coisa pra Carla, né? Sempre me preocupei com o futuro. Nós somos mortais, infelizmente. Hoje a gente tá aqui e amanhã não tá e aí, né? O bem estar da nossa filha, se ela vai estar resguardada, amparada até chegar na fase adulta... a gente, a gente sempre pensa nos filhos quando nasce, né.

Embora seja a provedora principal, Samantha busca proporcionar o crescimento da parceira, respeitando seus desejos, incentivando-a a ter sucesso pessoal e

profissional, com vistas ao estabelecimento do diálogo na visão buberiana. Além disso, a percepção da conjugalidade homossexual por parte da criança vai ocorrendo no decorrer de seu desenvolvimento, uma vez que ela já nasce e cresce inserida nesse contexto,

Para finalizar, perguntamos a ela o que gostaria de acrescentar sobre essa vivência, ao que ela responde:

Que é uma relação normal, entendeu? Que não tem nada de anormal, não é porque a Sandy é criada por duas mães, que ela vai ser diferente ou porque ela é criada por duas mães, que: “Ah! São lésbicas, então a criança também vai ser”. Entendeu? Lógico a gente is... a gente respeita o espaço da Sandy, a gente não se beija na frente da Sandy. Mas, isso é porque a gente respeita o espaço de, de qualquer pessoa. Se a gente não faz isso na frente das outras pessoas, porque que vai fazer na frente da Sandy, entendeu? A gente não... a Sandy dorme na mesma cama da gen... que a gente. Mas, a gente não faz amor com... na cama com a Sandy do lado. A gente vai pro outro quarto, a gente tem a preocupação de trancar o quarto, tem toda uma história... pra que a Sandy não chegue de surpresa, hum... né? **(risos)** Sabe, não tem... sabe? Então, a Sandy, lógico ela escuta o barulho do beijo, mas ela num vê, entendeu? Assim ela tá de costa, a gente tá de costa, ela tá de costa pra gente, a gente vai e dá um beijinho, alguma coisa, quando eu vou sair pra trabalhar, mas na frente dela não, entendeu? Porque a gente tem que respeitar a Sandy, como a gente respeita as outras pessoas. Não é porque a Sandy sabe, que eu vou ficar fazendo isso, né? Então a opção da Sandy quando crescer né, aí é dela não é? Agora se a Sandy for pra esse lado de, de ser lésbica, ela vai ser por que era pra ela ser, por uma opção dela, não porque é... ela foi criada por duas mães, entendeu? Então, eu vou ser? Não, não tem nada a ver. Eu fui criada por um pai e por uma mãe e fiz minha opção, entendeu? Tenho 11 irmãos. São doze filhos, eu sou a caçula, meu irmão mais velho é, é bicha, entendeu? Complicadíssimo. Muito complicado...

Em sua fala, Samantha explicita vários aspectos que vimos ressaltando ao longo do trabalho: os mitos com relação à orientação afetivo-sexual da criança; a maior liberdade de expressão da criança, levando-a ser mais tolerante e livre para fazer suas

escolhas; o respeito que o casal tem em suas demonstrações de afeto para a filha. Ela retoma então, a família de origem e sua aceitação pelos parentes (e a não aceitação do irmão mais velho que também é homossexual).

Vejamos o que diz Mirtes, C.5.

C. 5, Mirtes, 35 anos, curso superior funcionária pública, homossexual. Tem a guarda do filho biológico da ex-companheira (Juliana), Marcos, de cinco anos. A criança foi concebida em comum acordo, após iniciarem a relação conjugal (que durou cerca de 1,5 ano).

A entrevistada é filha única e sempre se relacionou com mulheres, definindo-se como homossexual quanto à sua **orientação afetivo-sexual**.

Conheceu a mãe de seu filho quando estava finalizando um relacionamento homossexual de sete anos. Com Juliana, mãe de seu filho, formou um **vínculo conjugal**, rápido após o início do relacionamento. Ela descreve sua história:

Há mais ou menos dez anos atrás eu conheci uma pessoa, eu tinha um relacionamento já no final, um relacionamento de sete anos, muito difícil, muito conturbado, uma pessoa extremamente conflitante, o relacionamento não me satisfazia mais... E, no final (**do relacionamento**), eu conheci uma garota, na época... E ela mexeu muito com meu lado... de sexo, pessoa extremamente atraente, envolvente e o que que aconteceu, eu caí, me envolvi com ela. Só que eu tava dentro de um jogo, um jogo que eu não conhecia ainda, naquele nível, eu tava entrando com meu sentimento, e as pessoas todas envolvidas estavam entrando com objetivos diferentes dos meus. Me apaixonei, me envolvi com ela. E levei realmente pra frente esse envolvimento. A gente acabou morando junto.(...)

Como podemos observar em sua fala ela teve um envolvimento com Juliana, em princípio baseado no sexo e posteriormente, apaixonou-se por ela, estabelecendo a coabitação. Mirtes expressa amargura ao falar dessa relação em que, segundo ela, foi “usada”, *“eu tava dentro de um jogo, um jogo que eu não conhecia ainda, naquele nível, eu tava entrando com meu sentimento, e as pessoas todas envolvidas estavam entrando com objetivos diferentes dos meus”*.

O projeto de ter filhos não foi um projeto seu, ao contrário, foi uma grande cobrança da parceira. Por essa razão, ela diz que a parceira entrou na relação com objetivos diferentes dos dela. Mirtes, em seu relato, nos conta que nunca havia pensado em ser mãe, sempre se **preocupou com a carreira, os relacionamentos e a maternidade** não era um de seus objetivos.

Na realidade a maternidade nunca foi um objetivo de vida, nunca fez parte dos meus planos. Eu tinha uma pequena dificuldade de relacionamento com crianças. Mais, porque eu sempre me preocupei, como filha única e como eu sou uma pessoa muito independente, eu sempre concentrei os meus objetivos na minha independência, em alcançar as coisas que eu queria, em conseguir andar sobre as minhas pernas e não junto com a minha mãe como é o caso, porque eu sou filha única. Aí o que aconteceu? Durante toda a minha vida eu me dediquei ao meu trabalho e às emoções, às pessoas, aos envolvimento emocionais.

Como já dissemos, no primeiro capítulo o desejo de cuidar é mais relacionado à personalidade cuidadora da pessoa do que ao seu sexo ou gênero (ALARCÃO, 2002). Além disso, o **desejo pela constituição de um vínculo parental** pode ocorrer (ou não) por diversas razões: momento, solidez do relacionamento conjugal, influências da família de origem, dentre outros. Mirtes mostra em seu discurso um desejo de auxiliar as pessoas, tanto é que passou a oferecer assistência a uma entidade que cuida de pessoas soropositivas:

Como eu sou pessoa que gosta muito de ajudar, eu freqüentava já uma entidade de pessoas aidéticas, e lá eu me tornei madrinha de uma criança, filho de um casal aidético e a gente tentou adotar essa criança na época, esse garoto. Na época ele estava com seis meses, e eu me encantei com ele e a gente começou a levar ele pra casa e tal e começou a formar uma família com a presença dele. E isso foi muito gostoso, porque eu nunca tive uma família nesse nível. E eu gostei da experiência de ter um filho, de estar lá junto comigo.

No caso de Mirtes, o fato de vir de uma família pequena, de ser filha única, estar envolvida emocionalmente e ter passado a conviver com crianças, re-significando a noção de família, tudo isso a fez considerar a possibilidade de constituir sua própria família. A colaboradora afirma que sua relação com a parceira era satisfatória, porém, a necessidade de ter um filho começou a incomodá-la, pois, sentiu-se pressionada. O **desejo de concretizar a maternidade** tornou-se uma mais próximo da realidade à medida que o relacionamento foi avançando e também pela convivência com a instituição que abrigava famílias portadoras do HIV e com um bebê de seis meses, desta instituição.

(...) E durante esse tempo que a gente começou a morar junto, ela começou a mostrar a necessidade, a vontade de ter um filho. Isso me assustou muito na época. (...) E a relação da gente era uma relação boa, mas... essa necessidade dela de querer um filho, se tornou algo muito forte, começou a ficar muito pesado no relacionamento da gente e ela começou a cobrar isso. **Queria um filho, queria um filho, queria um filho (ênfase).** Quando o caso da adoção do garoto começou a apresentar problemas com os pais dele, pelo que estava acontecendo na vida deles (**eram soropositivos**) (...)

Elas tentaram, em seus dizeres, adotar o garoto, filho do casal soropositivo da Instituição que auxiliavam, mas, não conseguiram, pois, a criança ainda tinha os pais biológicos. De acordo com a legislação brasileira, não é possível adotar uma criança que

tem pais biológicos, porém, em alguns casos, a guarda¹⁴ provisória ou definitiva pode ser possibilitada pela justiça (FIGUEIRÊDO, 2003). Ou seja, a justiça pode conceder a inserção da criança em lar substituto, considerando a premissa do Estatuto da Criança e do Adolescente de dar prioridade ao bem estar dela.

A **necessidade e insistência da parceira de ter um filho**, o envolvimento afetivo de Mirtes e, devido ao insucesso da empreitada da adoção, aliados ao fortalecimento do **desejo de constituir uma família**, as levaram a dialogar sobre uma possível gestação de uma delas. Discutiram para saber quem ficaria grávida e de que modo isso ocorreria. Mirtes narra que resistiu à idéia, face ao despreparo psíquico para a maternidade, o pouco tempo de relacionamento de ambas, o desejo real e as implicações dessa maternidade.

(...) então a gente resolveu fazer uma inseminação... **(pausa)** Eu resisti muito a princípio porque eu não considerava a hora... resisti bastante, porque a gente estava com um ano de relacionamento. Eu estava realmente muito envolvida, mas... não estava na minha mente ainda... um filho. De repente, quando ela começou a cobrar isso, eu comecei a questionar, pensar comigo, “Poxa, mas será que faço, não faço? A gente deixa acontecer, não deixa?”

Como Tamires e Gabriela, Samantha e Carla, também aqui, outros **questionamentos** surgiram: em caso de prosseguir, como concretizar? Quem engravidaria? De quem engravidaria? Após pesarem os prós e contras, optaram pela inseminação artificial e, decidiram que Juliana gestaria o bebê. Escolheram os possíveis candidatos levando em conta os aspectos que consideravam importantes (aparência física, inteligência, religião, etc.). O escolhido foi um rapaz conhecido (apenas de Mirtes), que era virgem no momento da doação.

¹⁴ Ver também, Figueiredo, L.C.B. *Guarda - questões controvertidas*. Curitiba: Juruá editora, 1999.

Aí fomos questionar, se fosse pra fazer uma inseminação, quem seria a mãe biológica? Por todos os motivos, porque na época eu trabalhava, era totalmente independente, ela ficava em casa, ela não estava trabalhando, então ficou muito mais confortável fazer essa inseminação nela. E resolvemos fazer, e fizemos, na época. A gente conseguiu separar algumas pessoas, que poderiam ter essa participação e começamos a escolher essa pessoa... os quesitos que a gente queria, os critérios até em termos de religião. Pra mim, isso era muito importante na época. Não era só beleza, não era só físico, pra mim era importante o caráter, a índole que passa de pai para filho.

Conseguiram encontrar um rapaz para ser o doador de sêmen e o encontro entre ele e Juliana foi mediado por Mirtes, que guardou todos os dados dele, para que no futuro, caso o filho e o pai queiram se conhecer, tal encontro seja viabilizado. A **inseminação** foi bem sucedida e parceira teve um menino.

Aí conseguimos separar um rapaz, um rapaz que inclusive, na época era virgem, ele ficou muito feliz. E aí fizemos inseminação e ela logo ficou grávida. E... aí veio o garoto, hoje ele tem cinco anos de idade, faz seis agora em Maio. Ele chama-se Marcos... (...) Ele não conhece o pai biológico. Mesmo porque eu preferi deixar isso como uma opção para quando ele estivesse um pouco maior. E, pra conversar com o pai biológico, eu tenho o endereço, tenho tudo. Caso ele queira realmente conhecer e haja um consentimento das duas partes, eu vou apresentar os dois.

Com o nascimento da criança, a (frágil) **relação afetivo-sexual conjugal** do casal entrou em crise. A separação ocorreu quando a criança tinha cerca de um ano de idade. Mirtes relata, com amargura, que sentiu-se coisificada para que ocorresse a concretização da maternidade de Juliana. O fato de ter condições socioeconômicas e psíquicas, em sua visão, foram o que levaram sua (ex) parceira a “usá-la” para ter a criança. Essa característica de “interesses pecuniários” é bem característica do momento atual, em que as relações ficam superficiais e, novamente a palavra princípio EU-ISSO, instaura-se.

(...) O relacionamento depois disso, depois que a criança nasceu ficou muito complicado. Difícil... ela mudou... a gente enfrentou uma crise muito forte, a criança estava quase completando um ano e o relacionamento nosso, esgotou... Eu ainda estava apaixonada, mas não teve como manter isso. Eu me envolvi com alguém, ela não aceitou, considerou uma traição. Na realidade, a traição foi dos dois lados, depois eu fui entender isso. E a gente se separou. E depois que a gente se separou, ele... ficou com ela um tempo.. uns quatro ou cinco meses. Mas, **a estrutura emocional (ênfase)**, a estrutura psicológica, **a estrutura intelectual e financeira dela era muito frágil (ênfase)**... Ela não teve como ficar com ele. E, na realidade, ele (**o filho**) era pra ela, na época, ele... era uma garantia... Depois eu fui entender isso. Ela não quis o filho por um ato de amor... porque queria filho, mas, sim (**me**) prender, entendeu? Aí, quando eu fui percebendo... ao longo de todo o tempo... todas as coisas que envolviam o nascimento dessa criança, é...

Sobre a **vivência da parentalidade**, Mirtes, diz que o amor que sentia pelo filho era (e é) tão grande que, mesmo com separação, ela foi buscar o contato e a aproximação da criança. Em seus dizeres, a mãe não tinha uma estrutura psíquica e também econômica para manter bem a criança.

(...) depois que a gente se separou, eu comecei a buscar ele. Porque eu **tinha um amor enorme (ênfase)**. Foi assim, até uma coisa espiritual isso, a minha ligação com ele tinha todo um cunho espiritual. Desde quando ele estava na barriga dela, que eu ouvi o coraçãozinho dele pela primeira vez, quando a gente foi fazer o ultra-som pra descobrir o sexo. Foi uma coisa muito linda! (**fala emocionada**) Então, quando eu descobri que era muito difícil pra mim ficar sem ele, quando ela (**ex-companheira**) começou a quebrar muito a cara na rua, sofrer muito e ele (**filho**) começou a passar muita dificuldade... aí eu fui à luta e trouxe ele pra dentro da minha casa.

Em nome da família, ela tentou resgatar a conjugalidade e **reconstituir a família** formada por elas e Marcos. Todavia, a reconciliação não foi possível.

(...) E ela não voltou, porque... porque é uma pessoa muito difícil... e num... ela não colocou, na época, assim.. como uma coisa primordial, a vida da gente, o relacionamento da criança, o convívio da criança. Pra ela... ela queria

uma vingança, foi imatura e jogou tudo fora e não achou que valia a pena investir de novo na relação.

Devido à separação e, na tentativa de se reerguer, superar a dor que estava sentindo, esta colaboradora passou a exercer a **função parental de provedora e cuidadora**, com maior intensidade.

Aí o que que eu fiz? Eu transformei ele... eu, eu... olhei pra ele até, digamos assim, como... o motivo, pra que eu lutasse pra melhorar as coisas. E (**como**) uma força maior pra mim, porque eu sofri muito no término da relação. E comecei a criar ele, a investir na educação dele, a cuidar dele, a ensinar coisas pra ele. E foi o que mais valeu a pena, durante todo o tempo da vida minha vida até hoje. Então eu sou pai, sou mãe dele. (...) Porque ela não exerceu, essas funções de mãe, né. Então, ela não trocou fraldas, quem curou umbigo fui eu. Eu cuidei desde antes dele nascer. Sempre tive esse papel participativo na vida dele, eu que troquei fraldas, eu que dei banho. Foi muito bom pra mim, porque eu aprendi um tipo de amor que eu não conhecia... que foi um amor totalmente diferente daquele que eu estava acostumada a ter, entendeu? Um amor realmente preocupado com o outro... o bem-estar dele é muito importante para mim. Não é a minha felicidade, não é eu estar feliz usando ele como, como objeto. Não. Eu quero que ele seja feliz, com a opção ele dele de vida, com aquilo que ele escolher.

Em sua fala podemos perceber o fortalecimento do **vínculo parental** e um relacionamento vivificado com o filho, pleno de presença e diálogo que, claramente, remetem ao TU buberiano. Ela diz “*A gente tem uma relação muito linda. Ele é **muito inteligente** (ênfase)*”.

Podemos perceber essa intersubjetividade quando ela profere: “*Um amor realmente preocupado com o outro... o bem-estar dele é muito importante para mim*”.

Mirtes continua sua fala, comentando um dos mitos já citados por nós quanto à questão da **confusão de papéis** que a criança poderia vir a ter. Quanto ao fato de ter

duas mães, ela ri e diz: *“Ele comenta com as pessoas que ele tem duas mães, às vezes.*

Nas horas mais inusitadas ele faz esse comentário”.

A **relação parental da mãe biológica** com a criança existe. Mas a criança não tem com ela uma relação tão intensa e, Juliana não participa de sua educação e nem tem uma influência direta sobre Marcos. Essa forma de se relacionar com o filho, distanciada remete ao Isso buberiano e ao que Badinter (1995) escreve em seu livro: o apego da mãe à sua criança, não é apenas um dado biológico, instintivo, mas, é um amor que necessita ser construído e conquistado.

A criança sabe que Juliana é a mãe biológica, entretanto, é à Mirtes que chama de mãe. A colaboradora desvela todo um zelo para não difamar ou destruir os sentimentos do filho pela ex-parceira, mais uma vez, proferindo as palavras princípio EU-TU.

Ele convive com ela (**ex-companheira**), entendeu? **Pouco (ênfase)**. Porque ela **não tem um apego emocional nele, ou (ênfase)** porque... ele significa algo do passado dela, que machuca, mas que ela não aceita, então ela se afastou dele. A participação dela foi só para gerar. Ela não tem influência na educação, ela não tem influência na formação intelectual dele. Não tem **influência (ênfase)** influência na vida dele. Mas, ele tem um amor muito grande por ela. E durante esse tempo, eu quis preservar isso... eu **nunca passei (ênfase)** pra ele uma imagem negativa dela. Ele sabe que tem duas mães. (...) Mas... a condição na vida, pra ele, hoje, é saber que ele tem duas mães. É o que ele fala: “Eu tenho duas mães”... Eu brinco com ele, falo que ele, falo que ele é privilegiado, que ele tem duas mães, quando tem gente que não tem nenhuma. Então, ele foi criado com essa concepção. (...) Ele chama só eu de mãe. Ela, pelo nome. A opção foi dele. Nunca forcei. Ele sabe que ele é filho meu e dela... Mas, a mãe pra ele, a presença da mãe pra ele... sou eu.

A fala de Mirtes é repleta de cuidado com o outro, tanto com o filho, quanto com a ex-parceira. Há uma vigília por parte dessa colaboradora para não expor a ex-parceira a uma situação de desqualificação perante o filho:

Quando ela some, que ela fica muito tempo sumida, ele pergunta por ela e eu digo que ela está trabalhando. Eu nunca falei que ela tava com outras pessoas. (...) Ela tem uma boa relação com ela, porque eu nunca passei uma imagem negativa dela para ele.

Embora não tenha um retorno da parceira quanto à sua atitude, vemos um respeito à criança, que pode conviver com as duas sem ter que fazer opções de grande carga emocional.

Quanto às **vivências afetivo-sexuais** atuais, Mirtes revela-se discreta e criteriosa e, desde sua separação, nunca revelou ao filho que a mãe estava com outras pessoas ou o confrontou com suas parceiras.

E a minha parte sexual, ele não tem nenhuma presença. Porque durante todo esse tempo... esses quase cinco anos que já vai fazer desde a nossa separação, eu não coloquei outra pessoa dentro da minha casa. Eu preferi preservar, sabe, a essência dele.

Ao ter essa postura quanto à(s) sua(s) parceria(s) ocasionais e também com relação à **rede social de amigos**, Mirtes tem uma preocupação em preservar a criança de convívio ou contato com outras pessoas homossexuais. E, o pouco convívio que a criança tem é resguardado por ela, para que ele não perceba nenhuma estereotipia (trejeitos no andar, falar e vestir, p.ex). Podemos observar em sua fala uma interiorização homofóbica. A própria ênfase em dizer que ele tem passeios e contatos com crianças “normais” e a inquietação evocada por ela ao dizer que, futuramente, não quer que digam que ela (ou alguém de seu círculo de amigos) teve **influência na orientação afetivo-sexual do filho**.

Respeitei ele como criança e quis dar a ele, durante todo esse tempo, uma educação tranqüila, sem, sem... coisas (**exposições**) que pudessem... provocar nenhum tipo de influência... na criação dele. Eu sempre preservei isso. Então, ele tem passeios normais, ele convive com crianças normais, ele participa de aniversários, ele vai em shoppings, ele vai no cinema... ele tem os amiguinhos de rua. E a minha casa... na minha casa nunca teve participação grande de homossexuais, de pessoas... de “entendidas” (**lésbicas ou gays**). Justamente pra que... eu preferi fazer isso, pra que no futuro eu não pudesse olhar e falar que eu tive algum tipo de influência na parte sexual dele. É verdade isso não funciona assim. Ele nunca me viu com outra mulher, nunca me viu beijando outra mulher, nunca me viu dormindo com outra mulher, entendeu?

Sua fala carrega a conotação expressa, freqüentemente, pela sociedade e exposta anteriormente: o temor da discriminação e a noção de que “*vai influenciar*” na orientação afetivo-sexual da criança (WEBER, 2003; MOONEY-SOMERS; GOLOMBOK, 2000). Um outro ponto é a visão de que os “modelos” poderão interferir na constituição da identidade sexual da criança e, por isso, a norma, o “modelo” que ela apresenta é o heterossexual a que exaustivamente já nos referimos.

Ela deixa manifesto em sua fala, a descrição de Freud (relativa ao complexo de Édipo, já citado na primeira parte deste trabalho) sobre as referências masculinas para a criança e, visivelmente apreendida por ela, que apressa-se em dizer:

Eu tenho presenças masculinas na minha casa, dos meus tios, tem a presença de alguns amigos... e sempre pessoas muito discretas, se forem homossexuais. Então, ele é totalmente tranqüilo em relação à sua própria sexualidade. **Acho inclusive (ênfase)**... que eu conheço crianças na idade dele.. que tá até demorando um pouco mais pra despertar a sexualidade dele, entendeu? Então eu observo, convivo com ele, ele dorme comigo, a gente toma banho junto, a gente tem uma relação super tranqüila. Ele é uma criança muito calma. A influência maior, negativa, poderia vir da convivência com ela (**ex-companheira**), pela falta de estrutura que ela tem. Isso assim... se ele freqüentasse... porque as poucas vezes em que ela já saiu com ele, ela teve a capacidade de levá-lo em bares “entendidos” (**gays**). Então, eu achei assim

que ele sendo criança, isto está nos direitos da criança, ele não precisaria passar por isso. Precisaria ser preservado. Então eu preferi trazê-lo de volta **(para morar com ela)**.

Ela censura o jeito que a ex-parceira se comporta, dando a criança maus exemplos e, deixa visível sua indignação ao saber que Juliana já o levou em um bar gay. Em sua opinião, a criança tem que ser poupada dessa exibição de comportamentos “atípicos” e, acrescentamos, não tolerados socialmente, o que caracteriza essa homofobia internalizada. Ela fala que Marcos não percebeu nenhuma forma de comportamento mais íntimo entre mulheres ou homens, reforçando mais uma vez, o modelo heterocêntrico interiorizado e que não oportuniza o (re) conhecimento da ampla diversidade de expressões sexuais.

Ele não percebeu isso... ele não tem essa malícia. Não foi passado isso pra ele... com relação à sexo. Ele não tem essa malícia.. então ele me vê convivendo com mulheres, com minha mãe, com as minhas primas... é uma relação tranqüila, calma, ele não vê nada de diferente. Quando ela foi com ele em bares... eu não sei se ele já chegou a ver carícias entre mulheres. Por exemplo, no caso dela... poucas vezes ela esteve com ele sozinha. Ele vê ela comigo, na minha casa, ela dorme comigo na minha cama... nunca tirei isso. Mas, ele ainda não viu isso de uma forma pejorativa, porque acho que ele nem tem essa consciência...do sexo, nesse nível. Ele nunca fez nenhum comentário. Só fala “mamãe, a **Juliana (refere-se à mãe biológica pelo nome)** me trouxe aqui” e me mostra o bar. Mas, nunca me falou que viu mulher beijando ou que tava acontecendo isso...

Ainda na **rede social**, como Marcos já está na **creche** desde pequeno, o fato de a mãe (Mirtes) trabalhar fora de casa, devido às outras referências já citadas por ela, a **noção dos papéis de gênero** é tranqüila, clara e também flexível para ele:

Até porque... talvez se fosse... se ele fosse criado por homens poderia ser diferente, não sei... como é que vocês **(pesquisadoras)** estão vendo isso. Mas... o papel masculino e feminino na cabeça dele é tranqüilo e... o fato de eu trabalhar, né... ele **(o filho)** pergunta “Porque você trabalha e... porque a

vovó fica aqui?” “Meu filho, eu preciso trabalhar, porque eu preciso trabalhar, porque é com meu trabalho que eu te sustento... pra que, quando você ficar maior, você possa ter uma condição melhor de trabalho e é por isso que você tá estudando, pra que você possa trabalhar em algo que você goste”.

Paradoxalmente, ela não esconde a **orientação afetivo-sexual** que possui. Em sua narrativa, diz apenas, preservá-lo e preserva-se, pois, ainda não considera que ele esteja em idade adequada para compreender essas condutas. A decisão de quando e como deve ocorrer o **processo “coming- out”** para os filhos é recorrente na fala das pessoas que participaram nesse estudo.

(...) eu **nunca (ênfase)** passei essa imagem pra ele... como sendo algo errado. Acho até que se ele ver, ele não vai questionar, ele vai achar normal, natural. Porque eu nunca cheguei pra ele e disse “Olha, meu filho, homem nasceu pra mulher e mulher nasceu pro homem”. **Eu não posso fazer isso! (ênfase)** Porque no futuro, como é que eu vou sentar com ele e dizer “Olha minha opção sexual é essa?” Se eu colocar na cabeça dele que o homem nasceu pra mulher e vice-versa, ele vai criar isso na mente dele e, no futuro, vai ter uma resistência muito maior pra aceitar. Ao contrário, eu passo pra ele que o mais importante entre as pessoas é o amor, a sinceridade, são as verdades. Então, eu passo pra ele valores que eu acredito, justamente para facilitar para ele no futuro. Mas, acho que ele vai precisar de acompanhamento psicológico sim (**quando ela for lhe revelar sua homossexualidade**).

Novamente percebemos a transmissão de valores que ela considera relevantes, como: amor, sinceridade, verdades. Para ela, a conscientização de sua homossexualidade virá com o tempo. E, até lá ela prefere que ele aprenda a respeitar as pessoas. Não há a mentira sobre a orientação afetivo-sexual, mas, uma omissão momentânea que, fica implícita e que ela vai deixar às claras, no momento que considerar oportuno, contando inclusive com ajuda profissional, se houver necessidade.

Então, isso está sendo passado de modo muito tranquilo pra ele, sem que ele olhe e ache que isso é errado. Eu nunca falei pra ele que isso era errado, porque a concepção de certo e errado... Tudo depende do ponto de vista. O

que eu ensino pra ele são os valores, sabe? E é isso. Quero que ele cresça, se desenvolva, seja feliz.

Mirtes tenta buscar auxílio para exercer satisfatoriamente o papel parental, seja aproximando-se mais da creche, observando o comportamento da criança, educando-o para que seja feliz. **A cobrança interna e externa** que ela sente a fazem ser mais rígida quanto à exposição da criança à comportamentos homossexuais. Contudo, a **preocupação com o bem-estar** de seu filho é fortemente presente em sua fala.

Passemos à análise dos depoimentos de Carol e Ana.

As colaboradoras 06 (Carol) e 07 (Ana), como descrito na metodologia, foram entrevistadas em conjunto e, por esta razão suas falas serão analisadas também em conjunto. A fim de demarcar em que momento a fala é de Carol ou de Ana, serão utilizadas as siglas C.6 e C.7, respectivamente, seguidas por seus nomes fictícios.

C.6- Carol, 34 anos, curso superior incompleto, estudante e funcionária pública, define-se como homossexual e tem um filho biológico, Joaquim, de 7 anos. Mora com a companheira Ana, C.7, com quem está há aproximadamente 3,5 anos.

C.7- Ana, 35 anos, tem curso superior, é funcionária pública, define-se como homossexual. Mora com a companheira Carolina, C.6, com quem está há a aproximadamente 3,5 anos e, com o filho, Joaquim, de sete anos.

Carol, mãe biológica de Joaquim, 7 anos, inicia a entrevista respondendo à questão norteadora: *fale para mim como você vivencia a maternidade*, dizendo: “A

maternidade me assustou (pausa)”. Em seguida ela vai explicitando que sua relação com **a família de origem** é (e sempre foi) truncada e, quando ela decidiu sair de um casamento heterossexual para assumir uma **relação homossexual** com Ana, a família não aceitou bem sua decisão:

Porque eu não tenho boa relação com minha família e isso... não o fato... Entre mim e o meu filho, mas... assumir isso pra família... Seria uma coisa mais complicada mesmo, né... (...) O problema maior era assumir isso (**a relação homossexual**) pra minha mãe, pro meu pai, pra minha família mais próxima, né. E foi bem difícil inclusive por causa do meu ex-marido, porque eu terminei esse casamento pra ficar com Ana e, ele não aceita isso até hoje, é bem complicada essa relação. Mas, entre mim e meu filho é tudo bem tranquilo.

Esta colaboradora, em seu depoimento, afirma que a relação defasada e empobrecida com a família não ocorreu por causa de sua descoberta de sua **orientação afetivo-sexual homossexual**:

Não. A gente ainda não se dá muito bem. Assim, tem melhorado, mas... Não foi assim: “Oh! Eu agora sou homossexual e tudo se acabou!” Não. Isso tem uma estória por trás. Há muito tempo que minha família tem problemas comigo, não é um... não é esse o problema, não é o fato de eu ser homossexual, que tem esse problema, é uma coisa de muito tempo, quando não era uma coisa era outra, então assim, vem de muito lá atrás, né. Por causa de coisas que aconteceram (**e que ela não disse**), talvez essa seja a bola da vez, agora implicam com isso. Não é uma relação boa, mas porque nunca foi.

Ana, define-se como homossexual e, ao contrário de Carol, sempre foi aceita pela família de origem. Sua mãe, inclusive, sempre a questionou quanto a seu comportamento com as namoradas.:

E, ao contrário da Carol, né, eu sempre fui aceita na minha casa, assim mesmo. Com meus pais, desde de muito tempo sabem, participam. Minha mãe sempre me cobrou... A outra namorada que eu tinha, ela falava assim pra mim: “Minha filha, libera essa menina, ela quer casar, ela quer ter família”. E

eu ficava puta, falava pra ela “Mãe eu que sou sua filha! A senhora tem que ficar do meu lado! Não interessa o que a outra quer não”. (**risos**), né. (...) São como os nossos comportamentos, são aprendizados... aberturas. Na minha família, a homossexualidade sempre foi aceita. Minha família sempre soube...

Carol difere das outras colaboradoras, que analisamos anteriormente, pois, seu filho resulta de uma união heterossexual anterior. Ela teve um **vínculo conjugal**, com o pai de seu filho Joaquim e se separou do marido, para ficar com Ana, com quem estabeleceu uma **parceria conjugal homossexual** há cerca de 3,5 anos.

Ana fala sobre a **relação conjugal** de ambas:

O dia exato que a gente começou nem eu nem ela sabe, é... nenhuma cobra a outra por causa disso. E a gente gosta de se presentear, de escrever as coisas e a gente fazia isso sem precisar ter dia especial, né? E isso é muito bom, né. E a gente percebe, que às vezes a gente mostra para as nossas amigas que estão começando agora na vida de lésbicas, não precisa ser um mito, um modelo... “Olha, é possível, sabe? Dá pra ter uma família, dá pra viver, né?” E isso é muito legal. (C.7, Ana)

A inexistência de um modelo que não seja o heterocêntrico dificulta a escuta, o olhar e a compreensão das pessoas externas ao casal homossexual e dentro do próprio casal. Mitos aparecem como: o da promiscuidade, a incapacidade de estabelecer relações afetivas duradouras (em especial, os homens). No caso de mulheres, de que seriam mais amorosas e com tendências a querer buscar relações mais estáveis (FÉRES-CARNEIRO, 1997).

Ana chama a atenção para essas questões:

E... é, eu sei que é difícil porque as pessoas não têm uma referência... e quando a gente pensa, a gente põe os outros pra pensar (**pausa**). E é muito difícil isso. Assim que a gente começou a coisa (**o relacionamento**) a gente sofreu pressão de mãe, pai. Então minha própria mãe me cobrou isso, né. Ela tem um casamento, um marido que gosta dela. Como é que vai ser sua função

nisso? Você pensou isso? Você vai lá namorar a moça e depois vai sumir, né?
(C.7, Ana)

Ao receber **pressões da família de origem**, que sempre a apoiou, mas que, nesse momento a chama para a reflexão, Ana tem que rever suas atitudes, desejos e posturas e mesmo, o **projeto de ter filhos**: “*Então, né, ela (a mãe) me fez pensar: ‘Eu quero uma família, eu quero um filho!’ (ênfase)’*” (C.7, ANA).

Ana fala sobre o desejo de exercer a função parental e de cuidar de uma criança. Mas, a vontade de ter um filho biológico nunca lhe havia ocorrido. Badinter (1995) chama a atenção para a criação social do desejo pela completude proporcionada pela maternidade. Ela ressalta que, no início do séc. XX, nem se cogitava a hipótese de que a mulher dissesse não à maternidade. Hoje, no início do séc. XXI, ainda causa estranheza quando uma mulher diz não, voluntariamente, à concepção e gestação. Porém, causa impacto maior alguém dizer não à gravidez, mas, dizer sim, à função parental. No caso de ser homossexual, então, tal comportamento há alguns anos atrás seria impensável. A adoção, que sempre se mostrou como uma possibilidade de solução do desejo de ser pai ou mãe, em especial, para os casais (heterossexuais) e inférteis foi e é alvo de preconceitos (WEBER, 2003; FIGUÊIREDO, 2003). Não é difícil imaginar como a sociedade reage mal à essas novas formas familiares que despontam no cenário atual.

Ana fala com empolgação sobre a oportunidade que Carol lhe deu de exercer a **parentalidade**.

Porque eu nunca quis estar grávida, eu sempre tive vontade de criar uma criança, de ajudar de ensinar a escovar dente, levar para a escola, buscar. Mas essa coisa de ficar nove meses, essa coisa de ficar toda inchada não. A Carol é que me deu essa oportunidade, né de ser mãe, de ver uma criança crescer, de, de passar por coisas que **eu (ênfase)** não passaria por opção minha, né. Dessas mesmas de ter um filho (**biológico**), né. (...) Porque eu curto essa

coisa de ser mãe, de fazer coisas que, que eu jamais teria a oportunidade se não fosse a Carol. Levá-lo para o hospital, essas coisas difíceis, a criança acordar toda mijada e você tem que limpar... Eu me lembro que eu falava que eu não queria ter filho porque eu não queria limpar cocô... Aí o Joaquim tava passando mal, todo sujo, aí você esquece! Sabe é uma coisa tão automática né, que você nem lembra, que sentir nojo nada! Faz... Tem que fazer! Você vai superando essas coisas... (...) Quando eu falo “merda”... ele diz “isso é palavrão, vou por um leque na tua boca”... e eu digo “Não, não vou falar mais não”. É engraçado! (C.7, Ana)

Carol relata que a **função materna** sempre foi exercida com tranquilidade e, Joaquim não teve problemas de adaptação após o **vínculo conjugal homossexual**, pois, em seus dizeres:

Entre mim e ele é tudo muito tranqüilo. Quando a gente começou a se relacionar (**ela e parceira**) ele tinha dois, quase três anos e ele era bem pequeno, ele assimilou isso (**a união com outra mulher**) muito bem, nunca teve problema, nunca teve problema em casa com ele, tocou nesse assunto falou... de uma forma estranha ou enfim, ele nunca estranhou isso, né. Faz parte da vida dele desde que ele era pequeno. Então é bem tranqüilo pra ele. (C.6, Carol)

Ainda sobre a os **significados atribuídos à parentalidade**, Ana diz:

E a gente percebe que algumas coisas são muito boas né, Carol... que... mas, tem dificuldades, claro, como todo casal, né. Essa, essa semana, por exemplo o Joaquim cortou o short da escola e eu disse “O que, que é isso rapaz?” Eu acho bonito, mas, é o short da escola. Aí eu chego no trabalho e conto pra ela “Carol, o Joaquim cortou o short, pegou uma tesoura e cortou o short da escola!” E ela riu (imita o barulho das risadas). Porque ela não passou a tensão, né? Então, é muito engraçado isso, né, eu estar preocupada... **E é bom isso! (ênfase)** Porque você pode descansar (**a parceira descansar da função materna**). Porque ser mãe é chato, é o tempo todo cobrando ali... pedindo, então, pô! A criança já olha pra você assim: “Ih! Que saco já vem coisa na minha orelha!” Eu, eu falo pra Carol “Olha, vamos revezar. Deixa agora eu encher o saco dele”. Porque senão, né, fica muito pesado. E é bacana sabe? Você ver uma criança crescer, você poder trocar com ela, você olhar e perceber que ela está usando as palavras que você usa. Que ela tá te cobrando

coisas que você ensinou, pra que ela fizesse. Às vezes eu atravesso a rua com Joaquim e ele diz “Tia Ana você não olhou pros dois lados?!! Eu, eu salvei você.” E eu: “Ah! obrigada”. Então é bem interessante isso, sabe... Levá-lo pra a escola, participar das coisas, é muito gostoso mesmo, sabe? E eu jamais teria essa oportunidade. (C.7, Ana)

Como se evidencia na fala de Ana, a **divisão de papéis** é mais flexível entre elas; ambas trabalham, ambas educam; e se revezam nas funções parentais (tal situação também se mostrou nos casais anteriores, Tamires e Gabriela, Carla e Samantha). Como Ana informa: “*É... uma não contradiz a outra, porque.. é bem marcado*”.

Ana aponta as **modificações na relação conjugal** devido à existência do filho. Em sua narrativa se evidencia a importância de sua família em sua vida:

Muda sua vida. Até que a gente sai bastante, tem finais de semana que a gente não sai, a gente fica em casa por causa dele. Então, a gente adapta-se aos programas, né? A gente vai fazendo as coisas como dá, né. Às vezes a gente fica chateada “Pô! Queria sair hoje, mas não vai dar, porque o Joaquim está aí”. A Carol às vezes me pergunta: “Não seria muito mais fácil se a gente não tivesse o Joaquim?” E eu falei, eu falo, falo pra ela: “Seria. Mas, eu não sei se eu estaria aqui...” sabe? Pra mim é muito bom, muito bom mesmo (**ênfase**) ter o Joaquim. Não é só amar a Carol, sabe? São os dois, sabe? **São os dois!** (**ênfase**). Sabe, ter o Joaquim faz toda a diferença na minha vida.

Um outro ponto de destaque é aqui e na fala das outras colaboradoras é a **influência dos pais no modo de exercer a parentalidade e/ou ser mãe** (como foi citado também pelas colaboradoras 1, 2 e 3):

E ela falava “Não, não é isso! A minha função não é só ficar do seu lado. É de te mostrar as coisas como é que são”. E eu acho que, ser mãe é isso, né... Você, você se virar... você ajudar... como, como a gente vê todos os dias que... É difícil, você ensinar a mesma coisa, mesma coisa. (C.7, Ana)

O acordo que Carol fez com o pai de Joaquim, o leva a estar com ele quinzenalmente “(...) *Sem contar que um final de semana cada quinze dias ele fica com*

o pai”. Todavia, Carol ressalta que “*E ele (o pai) não é uma pessoa que participe da vida dele, que ligue, que procure, não é*”.

O **ex-marido** de Carol não aceita o fato de ela o ter abandonado para ficar com uma outra mulher. Tal circunstância leva o filho a criar estratégias para que haja um convívio satisfatório com ambos, pai e mãe:

É... O meu filho é uma pessoa assim curiosa, porque ele é muito discreto, quando ele está com a gente ele não toca no nome do pai, talvez por ter percebido a situação. O pai não, não aceita. E ele (**filho**) só fica discreto, né. Então, ele não, não fala do pai, evita esse assunto, e eu imagino que ele aja da mesma forma na casa do pai, né sem tocar no nosso nome e tal.

O ex-marido, em uma atitude bem machista de “marido traído”, própria da cultura brasileira (como aponta PARKER, 1991) criou uma série de empecilhos para o casal. Ele não a agrediu fisicamente, contudo demarcou um território, legitimado por nossa cultura, de que estava “lavando a honra”:

Sempre deu trabalho pra gente, mas não, não nessa questão... ele (**o ex-marido**) já foi bem pior... **Hoje, né? (ênfase)** Porque, antes ele saiu contando pra todo mundo, foi ele que contou pra minha família, foi um horror, fazia conchavos com minha família, fazia barricadas, essas coisas assim, bem, bem dramáticas, sabe?... Tipo ele não se conformou por eu ter constituído outra família.

Por não ter compreendido a escolha de Carol ao decidir sair do casamento, ele passou a ter com ela uma atitude de ISSO. Começou a tomar outras atitudes como a de criticar a educação dada por elas, boicotar o pagamento da pensão, etc.:

Ele já largou um pouco disso e, e ele implica mais é com pensão, essas coisas, essas picuinhas de ex-marido, né. Coisas assim, “Ah, a criança não está bem cuidada”, coisas que, talvez até pra arrumar assunto, que não tem o que falar né, e aí ele: Ai! “Viajando nessa maionese”. E aí enfim... É, mas agora está bem mais... tranquilo... Porque tá menos (**ostensivo em suas ações**)... É... um saco no final...

Nas suas **vivências afetivo-sexuais** e na demonstração pública de seu afeto, Carol e Ana saem com o filho, de mãos dadas e, segundo Carol:

A gente costuma andar de mão dada, em shopping, em lugares públicos, nunca fomos desrespeitadas, sempre fomos tratados como uma família, inclusive dentro da **minha família né, (ênfase)** que era o ambiente mais hostil que tinha para enfrentar. A gente sempre foi tratada assim... Pelo menos pelos parentes um pouco mais distantes (**fala em tom mais baixo**), é... A gente sempre conseguiu ser tratada como uma família. Apesar dos pesares, das divergências e da minha mãe sempre reclamar horrores, eles sempre trataram a gente normalmente, nunca, nunca criaram polêmica em torno disso, eles respeitam. Assim esse núcleo familiar. E é um grupo familiar **mesmo (ênfase)**. (...) Mas, hoje, as pessoas se mostram um pouco mais. (C.6, Carol)

Ana completa:

Eu costumo dizer, uma comparação, embora pobre, mas, é... mostra o contrato, o combinado. Escondidas, não saímos... Agora (**ênfase**) a gente costuma ver essas pessoas, nada exagerado. Põe a mão na perna do namorado... (C.7, Ana)

Carol enfatiza a **noção de família, do núcleo familiar** estabelecido por ela e por Ana, denotando para nós a idéia presente no senso comum e na legislação vigente no Brasil, sob influência da repressão sexual, que um casal de mulheres não poderia constituir uma família.

Ao explicitar suas **vivências da maternidade** em um relacionamento homossexual, elas chamam a atenção para diversos pontos que consideramos relevantes para essa compreensão, tais como: ausência e/ou carência de informações, medo do preconceito e da inserção social da criança (MOONEY-SOMERS; GOLOMBOK, 2000, PATTERSON, 1997, VICTOR; FISH, 1995) homofobia internalizada, medo de expor a

vida íntima do casal, dentre outros. A necessidade de conhecimentos é o primeiro passo para diminuir o preconceito:

Eu acho que as pessoas... que a gente procure se informar cada vez mais... Porque a gente se informando a gente perde medo das coisas. É... quando você fica com o seu medo e não procura... é... desmistificar isso a coisa te parece muito maior do que ela realmente é. E que preconceito começa muito dentro da gente. Eu tinha muito medo em relação a... aos amiguinhos do meu filho que vão vir aqui e vão ver nossa cama de casal e **vão falar com ele** (ênfase). (C.6, Carol)

Nem sempre os “fantasmas” que assombram, as fantasias e medos conscientes ou inconscientes tornam-se reais, como podemos visualizar a seguir:

Até hoje eu nunca tive problema com isso. É... O vizinho freqüenta nossa casa, os amigos da escola freqüentam nossa casa e nunca, nunca desrespeitaram, nunca falaram nada. Ainda são pequenos né, pode ser que venha realmente a acontecer, mas até hoje não aconteceu, até hoje tem sido tudo muito tranquilo. (C.6, Carol)

Com o intuito de efetivar o processo de **legitimação de sua nova família nuclear** perante a família extensa, Carol toma algumas medidas mais drásticas, com o intuito de quebrar as barreiras à qualquer custo:

Porque teve um aniversário que eu chamei a Ana pra ir pra cantar parabéns pro filho... e a minha mãe... e nessa vez que eu chamei a Ana, foi um problema danado né. E assim, quando a gente combinou de fazer isso foi bem assim pra dizer pra família “Vejam! Nós existimos né, nós somos uma família, nos respeitem como uma família”. Lembro foi uma polêmica na família, é... Teve outro aniversário também, que a criança... que podia levar criança e nós levamos (**as duas, como um casal**). Então, sempre teve essas divergências, sempre tem assim... esse ranço. A gente percebe assim que tudo é um grande problema, é uma coisa bem pequena vira uma coisa bem grande, mas assim tem sido cada vez mais, mais fácil ou eu tenho desvinculado (dos problemas que enfrenta com a família) cada vez mais, né. (C.6, Carol)

A aceitação social e a inclusão de um casal homossexual, em especial, com filhos, demandam um investimento maior de energia, a fim de que as pessoas passem a tomar consciência de uma realidade que preferem ignorar. Para que a separação ocorresse de maneira a proteger a criança e de modo a permitir a compreensão dos porquês do divórcio, Carol e o ex-marido fazem terapia até o momento da entrevista:

Quando... a gente se separou, o nosso psicólogo pediu um acompanhamento psicológico... e aí ele (**o ex-marido**) teria o divórcio emocional, e ele meio que continua um pouco nesse esquema, agora está um pouco melhor porque ele já tem outro filho, então tem outros problemas, enfim, não pode ficar assim se enredando tanto na gente né. Ele não pode ocupar, mesmo que ele queira, ele não pode ocupar todo o tempo dele com a gente. E tem vários outros fatores, no passado... ele foi contra junto com minha família. E nós fazemos terapia de casal. (**C.6, Carol**)

No que diz respeito a outros campos da **rede social**, especificamente a **escola**, Carol destaca:

Agora, no restante de nossa vida é muito tranquilo. Ele (**o filho**) está em uma escola... É uma escola assim parece que tranqüila, a gente... Ele tá lá desde o terceiro período, a gente acompanha muito ele. Tá sempre na escola, sempre que a gente pode, a gente vai, a gente conversa, os professores conhecem a gente, a diretora conhece a gente, a coordenadora conhece a gente, nunca tocaram no assunto. Mas fica bem claro, porque vai bilhete na agenda com o nome da mãe, com nome da tia (**companheira**). (**C.6, Carol**)

A **escola** atual necessita atualizar-se face à **diversidade possível de famílias** existentes, como exemplifica a ação do dia dos pais e das mães, descrita a seguir:

Quando foi no dia dos Pais, no dia das Mães veio um bilhete pra mãe e veio um bilhete pra tia, né, uma mensagem, pra mim e uma mensagem pra tia... Como se dissessem: vocês sabem que vocês são um casal, e que vocês duas são as mães da criança. É... Me parece que por mais grilado que seja, me parece assim... que pra eles não é um tabu, inclusive porque o Joaquim conhece... é um menino que, que é... meio familiar, no colégio tem muito disso, muitas crianças são filhos de professores, de funcionários, de diretores.

E que como... O Joaquim que vem aqui, que... O Joaquim, né, tá sempre junto (**com as outras crianças**) e tal, e é uma coisa tranqüila né que a gente divide a, a condução, a gente vai buscar, a mãe vem pegar aqui, essa coisa toda, e é bem tranqüilo. (C.6, Carol)

Interessante notar que, aparentemente, há uma tolerância à presença de duas mulheres cuidando de uma criança. Tal fato se deve à (também expressa anteriormente) “naturalização” da função materna, o que reforçaria a “natural” vocação materna da mulher (SOUZA; BALDWIN, 2000; BADINTER, 1995, CHAUI, 1984).

A vivência do preconceito e estigmatização a que são submetidos todos os que, por algum motivo, não se enquadram nas normas vigentes da maioria promove ansiedade e deixa angustiada nossa colaboradora 6. Ela fala sobre a aceitação de sua família pelos outros pais e o temor de que seu filho seja discriminado por sua homossexualidade.

Se eles (**os outros pais**) não aceitassem, eles já teriam cortado isso, né e... Pelo que eu vi até agora tá indo... vai tudo bem. E a gente assim, eu principalmente né, eu tenho uma tendência a ficar nervosa pras coisas assim, preocupada com isso tudo, e isso é um aprendizado típico, de um dia de cada vez de enfrentar o problema quando ele realmente existir. Porque é... tem muito disso. Disso de ficar fantasiando... De “Ai meu Deus! E como que vai ser quando isso acontecer ?!”. Então quando acontecer é que eu vou ter que me preocupar. Porque eu não quero que meu filho seja discriminado né... por minha causa. Coisa que mãe nenhuma gostaria, né.. Acho que é basicamente isso... do, do filho ter que escutar: “Ah, sua mãe é sapatão”. Ah né... (C.6, Carol)

Ana, sua parceira, intervém e diz

Somos uma família estável, uma família que dá todo o suporte pra ele né, e, o medo de discriminação por que nós somos homossexuais, é... acho que a homossexualidade é uma coisa que eu vejo né, no futuro será uma coisa muito menos problemática do que outras situações que os filhos enfrentam. É a mesma coisa... Orelha grande, usar óculos, ser gorducho. (C.7, Ana)

De novo, a questão do estigma. Goffman, (1988: p.11) lembra que os gregos criaram o termo “*para se referirem a sinais corporais com os quais se procurava evidenciar alguma coisa de extraordinário ou mau sobre o status moral de quem o apresentava*”. Vale ressaltar que os mesmos atributos que são considerados depreciativos em um determinado momento, podem ser valorizados em outro (OLIVEIRA, 2002; GOFFMAN, 1988; CHAUI, 1984). A homossexualidade, como expusemos, no primeiro capítulo, ao longo da história já ocupou diversos níveis de anuência ou exclusão e sua aceitação, na contemporaneidade, parece ser uma questão de con-vivência, conhecimento e tempo.

Ainda sobre o **preconceito e as redes sociais**, elas apontam para alguns dramas e questionamentos:

A homossexualidade é sempre acompanhada do estigma de ser considerada à margem, como anormal... Ah! O peso de não ser normal... *(suspira)* **(C.7, Ana)**

É completamente previsto... o comportamento... às vezes a gente tá num lugar e a pessoa pergunta: “Ué... seu filho é normal?” E a gente: “Como assim?” *(risos)* **(C.6, Carol)**

É a mesma coisa né? Pô! Esse é o tipo da resposta que faz a gente pensar.. que bobagem que eu falei. E a gente também se vê em situações que acabamos sendo preconceituosas. **(C.7, Ana)**

A nossa sociedade é hipócrita. Diz que não tem preconceito. Mas, a gente ouve, assim, quase todo dia “Ah, eu não tenho preconceito, mas não deixa ninguém ficar sabendo”. Eu não quero ser... num quero ser amigo da lésbica, né... “Vocês podem ser, **tudo bem (ênfase)** pra mim, mas... não deixa que meus amigos saibam.” Quer dizer uma coisa assim que... assim **eu não sei que (ênfase)** valor que a pessoa atribui a isso... **(C.6, Carol)**

Ainda sobre a questão do **preconceito**, elas declaram:

Vai passando de geração para geração, coisas que a gente escuta sempre... modelos de 70 anos atrás, que todo muito acreditava. Já vem pronto, você escuta... e incorpora. É que ninguém pensa sobre isso. É que a gente não pára pra refletir. E quando se depara com uma pessoa que é gay, que é homossexual e aquilo tudo quase cai. Aquelas declarações do tipo “Ah! Você pode ser gay, mas não fique mostrando pra ninguém”. Como se fosse possível imaginar que... o recado que tem na etiqueta. Não deixa ficar sabendo! (C.6, Carol)

Seja (**homossexual**), entre quatro paredes! (...) Talvez, a gente não tenha sofrido tanto preconceito porque não temos o estereótipo de lésbicas caminhoneiras como o pessoal diz, somos muito femininas. Então talvez as pessoas assim já chegam um pouco menos resistentes porque a gente não passa aquela imagem... que também... gente olha pra... nós somos três mulheres (refere-se às duas e à pesquisadora), você está de colar, você não tá de brinco, eu tô de brinco e daí? O que vai fazer a gente mais mulher é o que a gente usa?! É uma coisa engraçada... e isso que a gente usa... como a gente é... é complicado na cabeça das pessoas. (C.7, Ana)

Carol expressa o quanto as pessoas focalizam apenas um aspecto, apenas uma característica, como se a homossexualidade fosse o único ponto a ser considerado (SANDERS, 2002), mostrando uma visão reducionista, própria do ISSO:

Sim, mais é porque a gente só foca naquilo, você só enxerga aquilo e acha que aquilo vai ser, né assim o mote da vida do seu filho pro resto da vida dele. Então é, é difícil, assim você ter que assumir essa culpa, é complicado isso. Mas... assim trabalhando isso né... no acompanhamento com psicólogo e tudo, a gente tem ido... (C.6, Carol)

Ana complementa, sarcástica:

É e as pessoas são engraçadas... parece que a gente só tem um jeito. Quer dizer, **eu não sou só lésbica! (ênfase)**... “Que que você faz?” “**Ah! Eu sou lésbica (ênfase)**. Passo o dia sendo lésbica. Eu só faço isso.” (**risos**) As pessoas acabam **banalizando (ênfase)** aquilo, reduzindo aquilo e aquilo se torna a grande preocupação das pessoas. (C.7, Ana)

Quaisquer situações de perturbação são exaustivamente conversadas e, elas contam com o auxílio de psicólogo. As duas relatam que o diálogo as ajuda a repensarem a relação e as funções conjugais e parentais envolvidas no processo:

(...) A gente tem problema, a gente conversa com psicólogo, a gente conversa muito, muito também. Acho que não passa um dia sem que a gente **(ela e a parceira)** troque experiência, troque né impressões, e isso é muito bom né, porque na hora que ela bambeia eu puxo de volta, na hora que eu bambeio ela puxa de volta. E a coisa tá bem equilibrada. E ele **(o filho)** é **bastante (ênfase)** equilibrado, pelo menos até agora ele tem sido assim super tranqüilo. **(C.6, Carol)**

A presença do diálogo tanto entre elas quanto com o filho os prepara para o encontro na perspectiva buberiana. A prática do diálogo as subsidia para a concretude do ser- no- mundo e ser- ao- mundo e as torna referência para outras pessoas. Ao ter uma atitude dialógica, responsável e autêntica, os outros podem compreender melhor essa vivência.

E... é engraçado porque as pessoas **(outros casais homossexuais)** ficam constrangidas por estarem na frente de uma criança, e, e ficam tratando aquilo de modo velado... Aí a gente fala: “Olha, o Joaquim sabe da gente, o Joaquim sabe de vocês, o Joaquim não tem o menor problema com isso”. E aí, as pessoas relaxam né. Mas, o contato inicial é muito esquisito **(risos)**... Assim “Olha não beija, olha o Joaquim, olha o Joaquim”. O Joaquim num, o Joaquim assim... Parece que não está muito preocupado com isso, está mais preocupado com videogame, com as coisas dele, do que com o namoro dos outros. **(C.6, Carol)**

A noção de que a criança será ensinada a ser homossexual perpassa na mente das pessoas, inclusive dos próprios homossexuais, como apontaram Turner, Scadden; Harris, (1990, apud VICTOR; FISH, 1995). A decisão por revelar a homossexualidade para a criança não necessita ter dia e hora para ocorrer, pois, ela vai percebendo no dia-

a-dia. Porém, esse é um ponto, frequentemente, citado como fonte de estresse, especialmente, pela **pressão social**:

Sabe, realmente não é uma coisa que chama atenção, porque sempre foi tratado naturalmente e a **gente nunca (ênfase)** escondeu dele. Era um pouco complicado e tal, eu ficava... me sentia meio constrangida. Mas, eu fiquei pensando, até, até por causa de uma declaração da própria Cássia Eller falando “Eu não tenho nada pra esconder de ninguém, que dirá do meu filho!”. Eu fiquei pensando realmente é **o meu filho (ênfase)**, se eu tiver que esconder as coisas dele... assim... não tem sentido né, eu ser mãe dele e conviver com ele, **não tem lógica (ênfase)**. E aí eu relaxei e, e tá indo tudo muito bem... É interessante que a criança ela entra no sistema, entra no esquema né... Sim, muito mais que o adulto, que a gente já vem carregado um monte de outras coisas, um monte de experiências, de problemas, né. Quando a gente começou a ficar junto, a minha tia falava pra mim “Olha você **não pode envergonhar o seu filho por aí**” (ênfase), como quem diz assim; “Ó! Você vai ficar bancando esse papel de sapata, mas ninguém pode ficar sabendo”... né? “Olha bem o que que você vai fazer!” Meu próprio ex-marido falava “Essa criança vai crescer e vai ver as coisas”. Quer dizer, eles ameaçam a gente com isso (**fala mais baixo**). Isso gera uma insegurança muito grande. (**pausa**). E é engraçado que como se a gente visse os pais da gente em situações que, que poderiam deixar a gente constrangidos. Eles têm a privacidade deles. O que as pessoas pensam? Que a gente vai ter relações sexuais na frente do filho? Esse envergonhar é o que? É... pura desinformação... (C.6, Carol)

A importância atribuída à fala da cantora Cássia Eller (homossexual assumida, falecida em dezembro de 2001 e que tinha um filho), chama a atenção para o papel da mídia e a necessidade de que essa(s) vivência(s) tornem-se conhecidas da população, em geral, a fim de que se discuta sua coexistência concomitante ao modelo heterocêntrico padrão. O **desconhecimento dessa vivência** é tamanho, que Carol cita uma fala de um amigo:

um amigo nosso quando viu a gente juntas, ficou quieto, calado... aí depois ele falou comigo, que ele ficou muito assustado, porque **ele viu (ênfase)**...

que dava certo, entendeu? Que ele poderia ser homossexual no sentido positivo... ter uma casa. (...) E que não precisava achar que o homossexual está sempre ligado à orgias, bacanaís, perversões, poligamia. Para ele, não. Não existia monogamia, é, é só poligamia. (...) Aí, quando ele chegou aqui e me viu com a casa, com meu filho, um cachorro... ele falou: “Ué? Oh! Isso existe?! Existe! Uma família tão tradicional...” É, exatamente! Eu acho que ele se assustou e foi complicado realmente pra ele entender a relação dele e ver essa relação como qualquer outra. As pessoas “viajam”, né... e ficam repetindo isso pra ver se convencer, pra ver se aceitam, né. (C.6, Carol)

Ana comenta sobre uma propaganda que saiu numa revista chamada “Um outro olhar”¹⁵, que é dirigida ao público lésbico e que tem desenhos de figuras masculinas e femininas para unir com um traço e formar um casal. A figura explora a possibilidade de se formar um casal com um homem e uma mulher; dois homens ou duas mulheres. Ela sugere que as **escolas** deveriam tratar de incluir e repensar a (co) existência dessas novas famílias. Carol retoma o assunto da **escola**, dizendo:

É que nem no colégio do Joaquim, não tem nem dia dos pais nem dia das mães, porque parece... a diretora falou para a gente que 70% dos pais dos alunos são separados, então que pra eles é muito complicado fazer um dia dos pais, um dia das mães, que é gerador de uma frustração para as crianças, porque ficava aquela choradeira. E aí eles fazem “*o dia da família*” e vai quem quer. Porque eles entenderam que tem família de tudo quanto é jeito. Igual, há pouco tempo saiu no jornal, uma família que é fruto de um incesto. E aí?! Eu contei... Eu também adoro cutucar na minha seção (**do local de trabalho**). É, eu adoro. Aí eu contei isso para os estagiários da nossa seção e contei isso pra chefe e foi uma polêmica danada. E todo mundo batia a boca ao mesmo tempo. Porque eles não aceitam que exista uma família incestuosa e não tem nada a ver com homossexualidade, tem a ver com famílias diferentes, né. É uma família toda gerada de um, de incesto. E aí? Você vai ignorar, dizer que não existe? E aí, como é que você vai lidar com isso? A ponto da minha chefe, falar que não, que a igreja não permitia isso, porque senão todo mundo ia começar a fazer isso. Eu digo “Espera aí né! Não é bem por aí!” Eu falei... Essas coisas sempre existiram, só que ninguém nunca

¹⁵ A revista é uma publicação trimestral da rede de informação Um Outro Olhar.

ninguém ficou sabendo. Agora vai para o jornal, antes não ia. E aí? E essa visibilidade é que faz a diferença. Exatamente. Ela pode... ela vai pelo lado caricatura, da parada, mas ela também vai ter um outro lado, é o lado comum, são pessoas como a gente. Porque é... Pois é, porque todo mundo só vê o que é muito engraçado, “Oh, olha a mini-blusa do cara, a butina da dona, não sei o que”. Isso tudo é muito engraçado, isso tudo gera muito comentário. (C.6, Carol)

Poder-se-ia considerar aqui, a influência da mídia nos processos de instauração e perpetuação de estigmas, haja visto os programas humorísticos e/ou sensacionalistas em que estereótipos de gays afeminados e lésbicas são, exaustivamente, explorados como forma de aumentar a audiência. Todavia há que se considerar que nem todo mundo apresenta tais estereótipos mostrados, com frequência na mídia, em especial a TV. Nos dizeres delas:

Mas, existem pessoas que são absolutamente comuns, como a gente. Não tem nada diferente. Porque os mesmos problemas que você teria em casa com seu marido, a gente também tem. Pagar contas... E existe assim também... E existe da nossa parte uma percepção quando você se coloca, você se põe numa uma posição: **“Eu sou realmente casada com uma mulher, e daí?” (ênfase)** As pessoas passam a te respeitar. Nós trabalhamos aqui com pedreiros (**elas haviam acabado de construir a casa**), e assim, é o lado mais machista do homem né, aquela coisa assim bem bruta, mais ignorante, que não tem estudo nenhum. E nunca, **nunca (ênfase)** nós tivemos problemas, nessa casa com pedreiros. Nunca soltaram uma piadinha, ou, nunca... nada. Nunca falaram nada. Mas assim, então quando a gente começa a se respeitar como um casal, eu acho que as outras pessoas partem também do nosso respeito para poder nos respeitar. Quando eu começo a me esconder, quem vai me respeitar?! Ninguém, ninguém vai me respeitar. Se eu mesmo tenho vergonha de ser desse jeito né. (C.7, Ana)

O processo de **exposição da orientação afetivo-sexual ou “coming-out”**: é vivenciado por elas como algo que faz parte de seu cotidiano, mas, que não necessita ser verbalizado ostensivamente. Carol diz:

Não tô falando que é fácil, que... Ai! Vou sair por aí com megafone dizendo: “Olha, eu sou homossexual”. Lógico que não. Mas... é, também tem assim... de você começar a se assumir, pelo menos pra você, pelo menos pra, pra gerar esse respeito que reflete nas outras pessoas, né.. (C.6, Carol)

A convivência com **a rede social, os amigos, familiares** é tranquila, devido à postura que elas têm diante dos grupos com os quais coexistem.

A Ana tem um irmão, que é, que tem vinte e poucos anos, que tem vários amigos que sempre vêm aqui em casa. Nunca tivemos problema com eles. Poderia um ou outro encher a cara e falar uma porção de coisas, nunca tivemos problemas, né. Eu tenho amigos da época do meu ex-marido que vêm aqui. Nunca tivemos problemas com isso. Eu não sei se, se a gente tá dando sorte até hoje, ou se isso realmente advém desse se, de assumir, de não se esconder. (C.6, Carol)

A conquista desse espaço, de respeitabilidade, no universo **do trabalho** também ocorre(u) em razão do respeito que impuseram com sua atitude.

É, não sei, mas o fato é que é assim, então até hoje... E assim, a gente é, teve assim... a gente teve que conquistar o respeito da chefe porque a gente resolveu ficar juntas, né (**elas trabalham no mesmo setor**). A chefe não gostou muito não, mas teve que engolir e... acaba no respeito porque eu sou profissional e não tô aqui para ficar namorando, no horário do expediente. Aí ela, engoliu um sapo meio de perna aberta, mas engoliu (**risos**). Ela... ainda assim não aceitou muito não, mas... (...) Existe todo um mito assim, em volta disso (**da homossexualidade**). (C.6, Carol)

A nossa chefe passou por isso... no banheiro, se ela estivesse ajeitando o decote assim (faz gesto com a mão no seio) e uma de nós entrássemos ela ficava sem jeito. (**risos**) E eu dizia “Ué... se eu quisesse ver peito, não ia ser o seu que eu ia ver.” Dá vontade de dizer, sabe? Você fica assim... sem graça... É, e eu já olhava pra cima... “Ô chefe, eu tô com problema aqui, dá pra me ajudar a resolver?” (**risos**). (C.7, Ana)

Elas exemplificam situações que vivenciaram no trabalho e como reagiram com indignação:

E alguém chegou para mim (**no trabalho**) e falou “Olha eu sou casada com fulano, tenho três filhos, amo meu marido” e disse: “Ouvi dizer que vocês são casadas”. As pessoas ficaram sabendo que a gente era (**lésbicas**) e começaram a saber e a ligar. Não tem o que dizer... (**C.7, Ana**)

Qual é a responsabilidade que ele tem com a minha vida? Sobre a minha vida? Que ele se importa com quem eu sou, com o que eu faço, com quem eu me deito ou deixo de fazer. É interessante isso mesmo. Eu acho que o desconhecimento é terrível. Agora do mesmo jeito que tem “Não se assuma”, tem “Assuma-se!”. E o que é se assumir? É chegar na sua seção e dizer para todo mundo, para cada pessoa que chegar, você vai dizer: “Olha nós duas somos um casal, temos um filho”. O que que é? Gente vocês não acham que a gente é muito curioso com a vida dos outros não? (**C.6, Carol**)

Começaram a dizer: “Você com essa cara de santa...” (**C.6, Carol**)

A questão que aparece, comumente, sobre os **papéis sexuais** e a idéia de **ativo/passivo** é mencionada por elas, que fazem gracejo da situação:

Quem é ativo e quem é passivo? (**risos**) (**C.7, Ana**)

Aqui ninguém gosta de ser passiva! A empregada é que é... A gente manda, ela obedece... (**risos**) Aqui ninguém gosta de cozinhar... de limpar... (**risos**). (**C.6, Carol**)

Carol aponta que as pessoas criam e perpetuam nomenclaturas para atitudes, sem levar em consideração em que contexto foram criadas (GREEN, 2000; CHAUI, 1984). Elas prosseguem, zombando desses estereótipos e fantasias das pessoas, acerca do comportamento homossexual:

É interessante que no próprio grupo, as pessoas retroalimentam esses... estereótipos. Passividade, pra mim é me mandar fazer alguma coisa. Mandar aqui, é só nas domésticas, que a gente manda tudo (**risos**). (**C.6, Carol**)

As pessoas têm muita fantasia... E a questão da penetração, se usa objetos se não usa, sabe? E assim é, as pessoas têm muita fantasia. Uai! Depende de gosto mesmo. Tem gente que gosta, tem gente que não. E muda de uma pessoa pra outra... (**C.7, Ana**)

Sim e de um dia pro outro... tem dia que você tá com vontade de experimentar um brinquedo, tem dia que você não quer. E pronto. **(C.6, Carol)**

Em relação ao relacionamento lésbico... Eu acho que eles vêem isso nas novelas... e criam fantasias... **(C.7, Ana)**

Elas comentam que tudo o que sai da rotina é motivo para fofoca, para curiosidade e citam os **vizinhos**, dos quais têm pouca informação, situação que poderia gerar comentários maldosos:

Assim como... veio morar uma vizinha aqui na frente, a gente nunca viu nada, só ela. Será que é casa de programa? **(risos)** Agora é, a mesma curiosidade que as pessoas têm sobre a gente. “Que coisa estranha, é uma tia distante, de terceiro grau, de oitavo grau?” **(risos)**. É a mesma coisa, é o mesmo exercício.. a gente faz... de fofocar da vida dos outros. Pode falar da minha vida, eu não me importo. Qual é o nível da fofoca é que o problema. **(C.7, Ana)**

É uma coisa é você falar entre a gente... e a outra é você ficar comentando isso, levando isso pra adiante. Não tolerar... (...) É...assim como a gente fala. **(C.6, Carol)**.

Aqui é uma rua bastante diversificada... **(fala às gargalhadas)**... uma casa de lésbicas, uma casa de programa... uma beleza... uma casa de pagodeiros... **(risos)**. É agitada. A gente veio morar na rua certa. **(risos) (C.7, Ana)**

É bem eclética. **(risos) (C.6, Carol)**

Então, finalizam dizendo o quanto a fofoca, a **intolerância e a discriminação** podem tornar insuportável a vida das pessoas:

Mas, as pessoas podem infernizar muito a vida uma das outras... é só querer. É isso que eu falo pra Carol: “Se quiser ser babaca, eu posso ser também”. Posso ser... pra encher o saco de alguém, eu posso também... eu tenho todas as ferramentas pra isso. Mas, eu não quero. **(C.7, Ana)**

Nem eu. Mas, muito pelo contrário, eu quero mais é viver em paz e deixar que as pessoas vivam em paz. É o que todo mundo deveria fazer, né? Parar de se preocupar com a vida dos outros. A gente pode simplificar a vida ou complicar muito também. A gente é que escolhe... complicar. **(C.6, Carol)**

Assim, Ana e Carol buscam não se envolver nesse tipo de armadilha. Ao contrário, vivem seu cotidiano sem se importar com o que os outros pensam (seja os vizinhos, a família ou os colegas de trabalho). Em relação às fofocas, Ana diz:

Mas, me dá vontade de dizer: “Eu não tenho compromisso com você! Tenho compromisso comigo”! (...) Mas aí, é questão de você realmente quantificar o valor que isso tem na sua vida. Realmente, a gente trabalha num setor público e todo mundo (**ênfase**) sabe que a gente mora junta, que nós somos um casal. Mas, tanto faz, como tanto fez. Pra mim isso não faz a menor diferença. Agora se eu for me incomodar com o que os outros dizem... Você não vive!
(C.7, Ana)

O fato de as pessoas não terem **conhecimentos sobre a família homossexual** as faz quererem mostrar que tal vivência é possível. Quando ficaram juntas, procuraram **referenciais** pelos quais pudessem se nortear. No entanto, a literatura é escassa e a ausência de outros modelos familiares, que não sejam o modelo da família nuclear, heterocêntrica, tradicional, é uma realidade:

A gente acaba ensinando para as pessoas como lidar com esta situação. A gente tenta mesmo não ficar tapando o sol com a peneira. Mostrar pras pessoas que nós somos uma família estruturada. (...) Porque na literatura (**sobre famílias homossexuais**) não tem nada mesmo. (C.6, Carol)

A gente procurou, a gente foi pra São Paulo... (C.7, Ana)

Procuramos bastante, em livrarias, na Cultura (**livraria**) e não tem nada mesmo. Foi assim muito frustrante mesmo. (C.6, Carol)

Como a gente não encontrou nada (**sobre maternidade/paternidade homossexual**), a gente teve que “Ah! Vamos ter que procurar”. E aí chegamos direto no Grupo Estruturação (grupo de militantes gays).

Ao serem indagadas se gostariam de acrescentar mais algo à vivência relatada por elas, Ana resume sua **relação conjugal** com Carol e a **experiência da parentalidade** dizendo:

Eu tenho 34 anos e fiz psicologia, aí eu tranquei... e fui pra Artes e agora ela passou. E agora a gente tá vivendo a experiência ao contrário. Eu dei todos os incentivos pra ela fazer **(Carol está fazendo curso superior)**. E é isso **(ênfase)** que faz a gente dar valor... porque a gente já viveu aquilo, numa boa. E é super interessante, a pessoa tá aqui do meu lado, comigo. Dando **a maior força (ênfase)**. E a gente jamais olha pro lado e pensa “Puxa! Que bom, né.. que essa pessoa tá aqui, que ela me fortalece, me dá força nos momentos...” Então, isso é muito importante. Eu acho que... nessa vivência, o importante é conversar com o maior número de pessoas possível, ir atrás do tá precisando ir. É isso que tem que fazer.. ir atrás. Como é vou conseguir isso? É a mesma coisa “Ah! Eu tô triste, tô sozinha”. É ir atrás e tentar... é.. porque.. eu acredito que conversando a gente sempre troca, a gente cresce, a gente consegue ver coisas que a gente não tava vendo. O outro mostra pra gente a nossa embalagem. É uma experiência rica, essa de família... sabe agora... criar, levar pra escola, levar pros amigos, eu curto isso.

Em sua fala nota-se a troca de experiências, a divisão de angústias e os ganhos da parceria, da cumplicidade do casal (também relatados em FÉRES- CARNEIRO, 1997). A presença, a gratidão, o crescimento propiciado pelo diálogo desvelam a face do tu buberiano, na fala desse casal.

Vejamos o que diz nossa próxima colaboradora, Valquíria, C.8.

C.8 - Valquíria, 44 anos, tem curso superior, pós-graduada e empresária. Foi casada por cinco anos e teve dois filhos, dos quais o caçula faleceu aos 10 dias de idade, em razão de uma septicemia devido a uma transfusão de sangue. Atualmente, vive com o filho mais velho, Beto, de 24 anos. Tem um neto de cinco anos.

Valquíria tem 44 anos, é empresária e teve dois filhos. Foi casada com o pai de seus filhos e relata que foi seu ex-marido quem começou a **perceber sua orientação afetivo-sexual**.

Fui casada, bonitinha, véu e grinalda, Igreja. Quando me casei eu não tinha consciência que eu era gay. Nesse sentindo, eu tive um marido que foi me sinalizando, me achando diferente, me colocando coisas na cabeça, mas assim... **colocando na cabeça não, mostrando (ênfase)**, né? “Olha, acho você diferente e tal”... E tudo bem.

Ela assumiu sua **homossexualidade (“coming-out”)**, após a morte de seu segundo filho. Em suas próprias palavras:

Após a minha segunda gravidez, a perda do meu filho... Eu busquei essa coisa de procurar ser feliz, porque o dia de amanhã, você só sabe quando tá com o dia de hoje. Hoje você tá aí trabalhando na sua tese (**dirige-se à pesquisadora**) mas a gente num sabe se você vai conseguir concluí-la. Infelizmente... Eles... não preparam a gente pra morte. Pra **viver, fazer (ênfase)**, fazer. Aí de repente você... se encontra com essa coisa que realmente... é a morte. Eu tenho a minha formação... Então eu, realmente não sei se tem essa coisa da reencarnação. Minha fé abala nisso aí. Eu sei que a gente vive e pode tá morto amanhã. Então, dentro desse princípio eu optei por ser o mais feliz e completa na minha vida. Daí, uma das providências que eu fiz foi separar meu casamento, porque... tinha um buraco... e, nesse meio tempo... Trabalhava no banco, eu era funcionária de um banco. E... Eu tinha várias funcionárias sob o meu comando... E, de repente, recebi uma funcionária especial, que era sobrinha do diretor, mas, era problemática, num sei o que... Me chamaram: “Vê se você consegue fazer essa funcionária ficar, sem dar problemas e tal, tal.” ... sobrinha do diretor, você já vai e tal... Fui me aproximando da moça... E... Um dia... Ela tomou uma atitude que eu não gostei... E, profissionalmente, eu sou uma pessoa muito exigente. Aí, esperei a turma sair e segurei: “O que que tá acontecendo? Porque tanta grosseria? Porque tratar as pessoas assim?” E aí ela começou a chorar e disse: “Não. É que minha namorada tava beijando meu melhor amigo”... Aí eu levei aquele impacto, mas tentei ser o mais natural possível. Falei: “É, não... mas pera aí...” Comecei a conversar e ela abriu a vida dela, que tinha esse relacionamento há seis anos, que tinha passado por esses momentos, que tava

se separando, que tava sofrendo muito. E ela não conseguia... lidar, com essa perda toda, com o trabalho... E qualquer coisa que a chateasse, ela descarregava. Aí comecei a conversar... Ficamos amigas... E um dia, a gente indo almoçar, ela me acompanhando no almoço, passou uma mulher, amiga dela, cumprimentou. Eu olhei. Sabe aquele **olhar assim (ênfase)** que dá? Eu falei: “Com essa aí acho que eu **ficaria (ênfase)**...” Aí ela me disse “Ela é gay”. E eu falei: “Num acredito!” Porque você tava... principalmente na época, porque isso foi nos anos oitenta, início dos anos oitenta, oitenta e dois.

O processo de descoberta da homossexualidade ocorreu gradativamente e Valquíria aponta o momento em que sentiu desejo por uma mulher. Ela conta que essa descoberta ocorreu em meados dos anos 80, quando a visibilidade homossexual era bem mais velada e as referências que haviam eram bastante estereotipadas.

Num era como hoje que tem uma Rede Globo aí passando as gatinhas beijando na boca. Não, a informação que a gente tinha de uma mulher gay, seria uma mulher... **pesada, descuidada (ênfase)**, usando botinão. Que nossa... batom nada! E essa era uma moça linda... inclusive ela tinha sido miss (**fala o estado**). Então dá procê entender que era uma mulher linda. E pela informação que eu tinha, gay não era assim. Homem era aquelas bicha afetada... viado eu ouvia falar desde pequena... E de mulher, o máximo que eu ouvia falar era o seguinte: macho-fêmea.

Ela relembra comportamentos da infância e as brincadeiras que participava junto com os irmãos e enfatiza que não gostava de brincar com as meninas ou com brincadeiras de meninas.

Eu, quando criança, né... na minha infância, né... eu tive uma infância muito boa. Muitos irmãos, mas toda vida eu fui **diferente (ênfase)**, mas, só que eu não percebia. E, às vezes, a minha mãe, os meninos brigando comigo falavam “Ah! Sai pra lá...” Porque eu sempre gostava de tá de short, jogando bola com os meninos, brincando com as brincadeiras **dos meninos (ênfase)**. **Nunca** das meninas. “Vamos brincar de casinha?” “Vamos. Desde que eu seja o marido”. Era a **minha condição. Senão eu não brincava. (ênfase)**. Eu tinha mania de jogos... Sempre gostei muito de jogos. Então eu sabia, sei jogar um **monte (ênfase)** de coisas, tá. Porque eu não agüentava brincar de

boneca, aquela coisinha (**fala com desdém**). Então, a minha natureza **sempre (ênfase)** foi diferenciada... tudo bem.

Vale situar que o momento histórico em que Valquíria viveu sua infância foi a década de 60. Nesse período, os papéis sexuais e sociais de gênero eram muito mais demarcados e rígidos, razão pela qual ela categoriza as brincadeiras para os dois gêneros. É importante ressaltar também, que até hoje, a despeito de todas as modificações pelas quais nossa sociedade passa (ou), ainda temos uma educação sexista que rotula e classifica as brincadeiras e comportamentos socialmente (in)adequadas tanto na família quanto na escola (SANTOS; BRUNS, 2000; BERNARDI, 1985).

O primeiro relacionamento homossexual aconteceu logo após sua separação e, como ela informa, foi uma **relação conjugal** que durou três anos e meio.

Enfim, voltando a essa moça que a gente encontrou um dia... acabou sendo o meu primeiro relacionamento. Uma pessoa com quem eu me casei, logo após essa minha separação e, vivi com ela três anos e meio. Me separei, por causa de temperamento, essas coisas assim... Não era nem, **não foi (ênfase)** por falta de amor. Foi uma separação muito sofrida. Sabe quando você gosta e tal, mas num dou conta de viver com uma pessoa que sai batendo a porta do quarto? ... E aí, veio minha vida (**homossexual**) e aqui estou eu até hoje, **assumidíssima (ênfase)**.

Féres - Carneiro (1997) afirma que as lésbicas tendem a valorizar o amor e amizade como atributo na escolha de suas parcerias e, ainda, qualidades assim como: a fidelidade, o carinho, o companheirismo e a paixão. No discurso de Valquíria, ela chama de casamento esta relação que viveu com a primeira parceira desvelando um relacionamento duradouro e contínuo que teve com ela.

Nesse período inicial da **vivência afetivo-sexual homossexual**, foi submetida ao **preconceito** acirrado, em especial de sua **família de origem**. Ela revela que o

preconceito existe até hoje, mas, aprendeu a se impor e, hoje não sofre tanto com ele.

Como ela expressa:

Nesse período, a época do meu primeiro relacionamento foi quando eu sofri muito, com muito preconceito. Quer dizer preconceito a gente sente até hoje. Mas, melhorou **muito (ênfase)**. Mas, nessa época foi demais assim.. alguém me denunciou pruma irmã minha... aí minha família fez aquelas reuniões horríveis: “Ah! Tamos sabendo que você tá andando com fulana e que a fulana é gay, o que que é isso?” Eu falei é isso mesmo “Eu descobri que eu sou gay e hoje eu tô vivendo com a fulana e se não for a Maria, vai ser a Joaquina, a Francisquinha, mas não vai ser homem mais. Isso num tem nada a ver comigo. Sinto muito. E se tiver muito ruim pra vocês eu tô indo embora. **Eu (ênfase)** e meu filho”. “Ah! Que, que isso e tal”. Então foram assim, dois anos que eu enfrentei minha família assim... Cada hora era um que se rebelava.

É comum a reação desfavorável dos familiares quando se deparam com uma vivência sobre a qual não têm conhecimento; em que o preconceito e a discriminação associados à homossexualidade, freqüentemente, os leva à exclusão social; em que aparecem temores sobre o comportamento que a pessoa passará a ter, como vida promíscua e que possa favorecer a aquisição de doenças sexualmente transmissíveis como AIDS ou ainda de que possam sofrer violências de todos os tipos.

A família, em geral, ao pensar em todas as possibilidades de sofrimento a que seus(s) parentes(s) poderia(m) estar submetido(s), não sabe como lidar com essa nova realidade que se apresenta e a rejeição é, em geral, o mais freqüente. Todavia, há pessoas que, mesmo sem compreender os sentimentos alheios, os acolhe e os respeita.

Valquíria expõe o que houve em sua **família de origem**:

Tive dois irmãos, uma irmã e um irmão que foram assim, surpreendentemente meus amigos. Ele se recusou a continuar na tal reunião familiar, levantou olhou pra mim e disse “Você é feliz?” Eu disse “Sou!” “Então, vá viver sua vida. Que palhaçada!” E saiu. Minha irmã caçula,

também disse “Não, que que isso?”. Aí o resto ficou assim... **(faz um gesto indicando surpresa)**. E a minha mãe grrrr **(ficou nervosa)**. Eu, tudo bem... **Mas, não abri mão da minha condição (ênfase)** de.. procurar ser feliz, me realizar, aquela coisa toda. E apenas pedi pra eles o seguinte “olha, se vocês querem conviver comigo e meu filho, vocês fiquem na sua e **não abram a boca (ênfase)**. Porque **eu vou procurar conduzir essa história do meu jeito (ênfase)**. Eu e ele e pronto! Caso, vocês queiram interferir, eu vou mudar de **cidade X**, e tô indo embora...” E eles “não, não, não”. Enfim, eu, toda vida tive uma vontade grande de... meu pessoal, nós somos todos mineiros, mas morávamos em **cidade X**, mas eu era louca com cidade Y. **Eu queria (ênfase)** vir pra cidade Y.

No sentido de minorar os embates e aproximar-se dos entes queridos, o diálogo, a informação, a tolerância e o respeito às divergências são armas valiosas para combater o preconceito. Valquíria prossegue

Enfim, e eu fui procurando trabalhar isso, com o tempo... amadurecendo a idéia na cabeça da minha mãe... que nem, eu tenho uma mãe muito possessiva, né. **(suspira)**.. **Seis** filhos, mas assim, sabe... aquela coisa bem agarrada... **bem** mineira! E aqui, eu tive uma oportunidade de trabalho numa empresa privada, aonde eu poderia conciliar o banco e essa empresa. E assim, seria um salto profissional pra mim, muito grande. Chamei minha mãe e falei “Olha, mãe, chegou num ponto...” Porque, nesse período, vamos dizer assim... Da época que eu me assumi gay até quando... eu me mudei, se passaram seis anos. Então, aí eles já tinham aceitado mais... **Cansei de (ênfase)** ouvir minha mãe dizer “Não, mas... tudo bem se é um aleijão, mas é meu filho eu aceito, assim mesmo”. Eu olhava pra ela e dizia “Mãe, **num é desse jeito (ênfase)**, se você vê assim, eu num posso fazer nada. Então, tá aqui a sua filha aleijada. Eu num posso fazer nada. **Isso (ênfase)** num tem operação”.**(risos)**. Eu dizia pra ela. E hoje...com a evolução dos tempos, eu acho que ela foi tomando também outras, outro tipo de informação.

A fala da mãe de Valquíria sobre o “aleijão” remete à idéia de da homossexualidade como doença incurável ou anomalia, influência dos estudos iniciais da psiquiatria e da psicanálise, da Ciência e da genética (ABDO, 2000; CHAUI, 1984). A modificação da visão da mãe de C.8 sobre ela, ocorreu com a compreensão, o

acúmulo de informações sobre a questão homossexual e também a seriedade com que Valquíria levou sua vida adiante, cuidando do filho, trabalhando. Hoje a mãe tem com ela um diálogo pleno e cobra dela que aprenda a ser mais tolerante com as parceiras:

Então, ela hoje trata... no momento, eu não estou casada. Mas, no meu último casamento, ela até hoje se relaciona super bem com a pessoa... é... **ainda me cobra (ênfase)** porque que eu terminei, ainda me acha pouco tolerante nos meus relacionamentos. “Não. Que num é assim, tem que ficar quieta”. E eu, “Tá, mãe, você tem razão”. Mas assim... hoje a gente conversa abertamente... sobre tudo (**todas as coisas**)... Em todas as instâncias.

O desejo de ser mãe apareceu ainda na adolescência, mas, sem que ela levasse isso muito a sério, como qualquer adolescente, em geral, sonha. Ela diz que sempre questionou as funções e papéis socialmente atribuídos à mulher:

Na minha adolescência eu sabia, eu queria ter dois meninos. Igual eu tive. Era um sonho assim... Eu questionava muito a vida de mulher com a minha mãe. Achava que ser mulher era péssimo. Eu sempre falava... “Na próxima ‘encadernação’ (**encarnação**) eu quero vir homem, nem que... eu seja cachorro, mas eu quero vir macho. Essa vida de mulher num existe. Porque que mulher trabalha na rua, trabalha em casa? Porque que mulher tem que ir pra cozinha? Mulher que tem isso?” Essas posturas... Eu passei a cozinhar com 40 anos... Cozinha pra mim, eu tinha verdadeira aversão. Mas, depois que eu descobri, que num era aversão, era aquela coisa mesmo, da cobrança. Quando pararam de me cobrar a cozinha, eu passei a ir pra cozinha, prazerosamente. Você tá entendendo? Então, essa coisa de... **Porque (ênfase)** é mulher, você tem que fazer, que eu nunca aceitei na vida. Não, todo mundo.

Logo que se casou, Valquíria estabeleceu seu espaço na relação, dividindo tarefas, não se submetendo ao papel de esposa submissa, socialmente imposto a ela:

Então, com o meu primeiro marido, nesse ponto eu me impus, desde o primeiro instante. Então, nós dois trabalhávamos... É... Chegava dia de sábado, se não tinha empregada, se eu ia pra cozinha... Ah! Já que ele não sabia cozinhar, mas, ele tinha que arrumar a cozinha. Eu não aceitava. Então, isso foi um ponto de choque muito grande com a gente. Quando a gente

namorava, por exemplo, ele me deu um patins de presente. Eu adorava andar de patins, gosto até hoje. Tá... Digamos, com dois meses de casado, um domingo depois do almoço. Ele adorava dormir depois do almoço. Eu não gosto. Eu sou uma pessoa super ativa, agitada. Eu almocei, então deitar, aquela sensação... Eu tá, inocentemente, fui, peguei meu patins e falei “Ele vai dormir, eu vou andar de patins”, no bairro que eu morava. Quando ele viu aquela cena, ele levantou e disse “O que que você vai fazer?” “Uai, eu vou andar de patins”. “Ah! Num vai não! Uma mulher casada não anda de patins”. Eu falei “O que?” **(fala com entonação de quem levou um susto)**. E era um conjunto **(habitacional)**, em que ela era o presidente da associação. “Imagina, esposa do presidente da associação andando assim!” Eu falei “Ah!” Enfim, tivemos uma enorme briga. Não pude andar de patins.

Ela diz que tentou se adaptar à vida de casada, porém a relação começou a se desgastar em razão das diferenças com o marido devido à sua insubmissão e não pelo fato de ser homossexual.

E aí eu comecei a.. já não gostar daquela vida daquele jeito... É... Eu não diria que é pelo fato de ser gay. Eu diria que é pelo fato de não se deixar ser submissa e achar que mulher tem que baixar a cabeça. Não é assim. Mas... fui contornando... (...) Mas, esse não querer mais ficar casada, eu com seis meses de casada, eu fui casada durante cinco anos. Com seis meses, eu já queria separar... Antes de ter filhos. E, ao mesmo tempo... É... Na minha adolescência, eu sempre sonhei. Eu casei muito nova, casei com 18 anos. Na época, era muito normal você casar com essa idade. Ou casava com 18 ou você virava tia, né? Tá bom... hã... Com seis meses eu vi que num era aquela história.

A concretização da maternidade aconteceu depois de um ano de casamento, juntamente com o aumento das divergências com o marido:

Aí com um ano **(de casada)**, resolvi que eu queria ficar grávida. Tive meu primeiro filho. Com o nascimento do primeiro filho... hã... A partir dos quatro meses de idade dele. Eu vi que ele tinha muito ciúme do menino. E eu, naturalmente, muito encantada, né... “O meu bebê”... Nossa! Adorei ser mãe, adorei, curti pra caramba! E... Começaram os nossos problemas. E eu não satisfeita com aquela vida. E ele não sendo um pai muito presente. E eu cobrando... Tudo bem.

A mudança de emprego do marido deu à colaboradora um pouco mais de liberdade para se relacionar com amigos, fazer tarefas cotidianas, como ir ao banco, receber as amigas em casa:

Aí ele muda de emprego, foi trabalhar com a política, viajava muito. E eu fiquei mais solta. Adorei a vida solta... Ia pro banco, saía com meus amigos, num tinha traição, num tinha nada... Num olhava pra ninguém. Mas, eu ficava feliz de estar com minhas amigas, jogando um baralhinho em casa. Marcava com meus amigos... Não podia receber ninguém com ele em casa. Ele tinha ciúmes das amigas, ele tinha ciúmes dos amigos. Ou eu tinha uma transa com um ou eu tinha uma transa com a outra. Que coisa maluca, cara! E eu não tinha absolutamente ninguém! Eu tava achando ótimo ser livre!

Contudo, o marido tinha ciúmes de seus amigos, achava que ela estava traindo-o e cobrava dela o papel de esposa submissa, ao qual ela não se enquadrava. As brigas foram se avolumando e ela, então, pediu o divórcio pela primeira vez:

Enfim, aí nesse período eu pedi a separação a primeira vez... E ele não aceitou. Aí, meu filho teve hepatite. E com essa hepatite dele, foi uma coisa que eu me assustei muito, porque assim, ele foi uma criança muito saudável. Sabe assim, ele não tinha diarreia, ele num teve nenhuma doença de criança, aquelas catapora, sarampo, nada, nada, nada. E, de repente, me apareceu com essa hepatite ao três anos de idade. Ele num tinha três ainda, foi dois e pouquinho...

A doença do filho mais velho, a reclusão em casa para cuidar dele, a suspensão do método contraceptivo e a chegada do marido de uma de suas viagens, levaram à **concretização de uma nova gestação** não planejada, porém desejada.

Aí ele (**o marido**) volta, de repente, de uma viagem e a gente nem tava nem tendo um relacionamento assim, nada. Eu suspendi os anticoncepcionais... Nessa época você não usava camisinha, nem (**outro tipo de contraceptivo**)... era só anticoncepcional mesmo. Enfim... eu sei que nessa, de suspende anticoncepcional, ele volta de viagem, a doença do outro, rolou um clima e pá. Fiquei grávida do segundo... Mas, quer dizer, primeiro, eu não sabia que tava grávida e querendo separar do mesmo jeito. E ele: “Não, não. Vamos

tentar mais um pouco”. E eu “Não, não”. Mas, aí... e ele viajando, aquela coisa. De repente, eu começo a ficar mal, a sentir muito enjoô, não sei o que. E eu achei que eu tivesse pego hepatite. Porque eles falam que você não pode comer, não pode encostar e ele ficou ruinzinho pra comer. E... ele muitas vezes pra comer, ele tinha que comer muito aquela goiabada que o médico passou, então eu punha na minha boca, punha na dele... e filho você faz qualquer coisa. Eu fazia qualquer coisa pra ver ele comer e parar alguma coisa na barriguinha dele. Então, sei lá, se foi na boca dele primeiro ou na minha. Eu sei que eu fiquei aqueles 15 dias com ele, em cima da cama. Porque você ter uma criança de repouso... Nessa idade, é terrível. Era de quarto trancado e só em cima da cama com ele. Bebendo o que ele bebia, comendo o que ele comia, pra ver se dava certo. E tudo bem, deu certo. E eu não peguei a hepatite (**risos**). Você vê que não pega assim. São más informações que o pessoal dá pra gente, né. E acabei, indo no médico... “Ah, doutor, acho que eu peguei hepatite”. Ele me examinou “Não, você tá grávida!” E eu: “Oba!”...

Ela ficou feliz com a gestação, porém, tentou escondê-la dele para que ele lhe desse o divórcio. O marido percebeu a gravidez e não quis lhe conceder o divórcio. No entanto, ela o convenceu a se separar depois que o filho nascesse:

Oba e tentei esconder... essa gravidez, pra ele separar. A gravidez eu queria. Eu num queria continuar casada. Mas, ele acabou percebendo. “Não. Eu não vou separar de você grávida, de jeito nenhum”. (**ela dizia**) “Não, mas num tem problema. Eu quero meu filho. Vamos separar.” Então tá. “Vamos esperar nascer, depois a gente separa”. Foi o nosso trato. Perfeito. Esse foi um grande problema. É... meu relacionamento com ele... Começa que quando a gente, né...(...) Eu percebi essa coisa toda (**a homossexualidade**), mas nem tinha certeza... Eu sabia que... Eu não queria ficar mais casada. Por exemplo, quando eu me separei... Eu num sabia que eu... né.. que eu ia dar conta de assumir a homossexualidade ou de experimentar. Eu sabia que eu era... Eu era diferente. Isso eu sabia. Mas... E não queria mais ficar casada.

O segundo filho nasceu e morreu cerca de dez dias depois do nascimento.

E... Aconteceu a tragédia, que aconteceu. Ele nasceu de oito meses... Até aí pra mim, não era problema, porque eu também sou de oito meses, eu sobrevivi, ele também sobreviveu. Mas... Ele teve... com uns 10 dias, aquela

icterícia. E, os médicos fizeram uma transfusão de sangue nele, no hospital. E, nessa transfusão... Ele teve uma septicemia, vindo a óbito...

Valquíria ficou completamente fora de si, a dor, a revolta e o desespero tomaram conta dela e ela teve forte depressão:

E aí assim, que fiquei... Nossa Senhora! Eu chutei o balde. Fiquei um ano muito revoltada na minha vida. Porque... Era um menino, extremamente saudável, lindo, maravilhoso. E aí foi uma fatalidade assim muito grande. À época eu me revoltei muito com a espiritualidade também, porque eu era uma pessoa muito dedicada (**ao espiritismo**)... E me senti traída pelos guias (**mentores espirituais, anjos guardiães**)... “Porque que eu ia passar por um sofrimento tão grande daquele e, num recebi, sabe? Num recebi um sinal...” Quer dizer, cobrei privilégios que... A coisa num funciona assim. Mas, a minha maturidade na época, aquela coisa toda. Eu tive muita revolta... Pra você ter uma idéia eu quebrei quase que um andar do hospital... No braço... Assim naquela loucura que me deu. E a Lúcia, que era essa minha concunhada, à época assim, foi uma pessoa assim... Uma anja... que Deus botou na minha vida, que teve a maior paciência, que ficou ali do meu lado, tentando me segurar... me mostrar outras coisas. Ela, ela sempre foi uma pessoa muito esotérica. E aí me levava pras coisas... Com ela eu ainda aceitava conversar...

Em razão da perda de seu filho, Valquíria começou a se aproximar de Lúcia, sua concunhada, e diz que por ela teve seu **primeiro amor platônico**.

Essa época... Eu diria que eu tive um grande amor platônico, sem saber... por uma concunhada minha. Era uma pessoa que ficou muito próxima... E depois... se revelou. Ela veio se revelar, o que era um grande amor, aquela coisa toda... Mas, eu nem sabia. Sabia que era uma pessoa que eu gostava que ficasse perto de mim, que eu gostava que cuidasse de mim e que na época, me deu todo o apoio nessa gravidez, inclusive foi madrinha desse meu segundo filho.

Valquíria diz que a postura do marido diante da perda do filho (reagindo de uma maneira diferente da sua) a fez distanciar ainda mais dele.

Mas, assim... Eu tomei horror (**do marido**). Ele, eu já tava implicada com ele, eu fiquei mais implicada ainda. Eu achei toda a postura dele, durante os acontecidos. Muito conformado. Enquanto eu queria fazer qualquer coisa, ele... “Não, vão-se os anéis ficam-se os dedos”. E aí... moral da história, três meses, depois desse acontecido, eu tava separada. “Eu quero me separar e pronto”. Virei o cão mesmo.

Nessa situação de perda, Valquíria não conseguiu olhar para o sofrimento do marido e a forma como ele reagiu ao acontecido e, preocupou-se apenas com sua dor, tratando-o como ISSO.

Durante esse ano, em que esteve profundamente infeliz, Lúcia escreveu-lhe uma carta falando sobre os sentimentos que nutria pela colaboradora. Quando o marido revistou as gavetas de Valquíria encontrou “a prova” da traição, o que acelerou a separação:

E passei um ano de cão também, né. Enfim... e ela (**Lúcia**), nesse período me escreveu uma carta... uma carta... me dando muito amor, falando do amor dela... E eu li a carta, assustei e burramente, guardei. E... quando a gente tava se separando, ele deu um baculejo (**revistou**) nas minhas coisas, porque ele sempre achava que eu tivesse traindo ele... e.. achou essa carta. E aí.. “Ah! Hãhã, eu num falei?” Só que num tinha tido nada... hã. Eu quieta, né. ele tava com a carta na mão. “Ué, a carta... e aí? Num fala que aconteceu nada... tá falando de um sentimento...” E eu num tinha nem coragem. Ela era uma pessoa bem mais velha que eu... e... as coisas num eram colocadas, clara, como são hoje. Era outro mundo. Tudo bem.

Valquíria diz que a época em que o fato aconteceu, não se dizia às claras os sentimentos que a concunhada teve por ela. O episódio da carta, foi o motivo para que a separação ocorresse:

Aí, nessa mesma noite ele disse “Ah! Vou lá entregar você. Vou lá falar com... conversar com seus pais. Porque eu não te peguei na rua... então, vou oficializar a separação”. Então, tudo bem. Aí fomos, né. Nessa época meu pai ainda era vivo. Ele conversou com meu pai e minha mãe... “Porque a

Valquíria quer separar, num sei o que, tal”. Jogando toda a culpa em mim. Meu pai levantou, pra minha surpresa e disse: “E aí? O que você fala?” “Não, pai. Não tô feliz, eu não agüento essa vida.” E ele “Então, tá. Vá viver a sua vida”. E a minha mãe, naquele momento, na presença dele também concordou. Depois é que vieram aquelas cobranças de mãe. “Ah! Você não tá pensando na sua família, tá destruindo o seu lar...” Aquela coisa toda... “Mãe, mas eu num tô feliz, eu num vou ficar nisso” E tal, tal.

Após um mês de separação, o ex-marido começou a persegui-la:

Tudo bem... Passa-se um mês de nós separados e aí começou o tormento. Eu vivi cinco anos com ele... casada e, depois mais cinco anos de tormento. Ele me ameaçando. Ele ameaçava me matar. Ele era um cara que nunca bebia, acho que esse lado até o Beto deve ter herdado o DNA dele aí, graças a Deus. É... O cara num bebia nunca. Aí, de repente, umas vezes ele começou a beber. Ele me ligava de madrugada. Então, eu tinha a maior paranóia de sair na cidade X, com uma amiga e de repente encontrar com ele. “Porque, o que esse cara vai fazer?” Porque... Aí nesse, período... lógico (**fala sorrindo**) me assumi gay e ele ficou sabendo e eu dizia “É, sou mesmo.” E o que que ele fez contra isso?

O ex-marido, não se conformou com o abandono de Valquíria e, quando ela realmente se assumiu homossexual, começou a puni-la, abandonando o filho, revelando o machismo presente:

Ele começou a abandonar o Beto. Então, assim, marcava num sábado “Ah, então sábado... o papai vai pegar”. O menino fazia a mala, sentava no sofá esperando... e o papai não vinha. E ele fez isso, várias vezes. E esse menino, ficava triste e cê sabe o que é uma mãe ver seu filho sofrendo. Num sei se você é mãe não, mas... Me faça sofrer, mas, não faça meu filho. Eu, particularmente, eu não sei se é porque eu perdi esse filho. Então, assim meu outro filho, é... assim ficou meu mundo, né. Perfeitamente. Eu não admitia. A ponto de eu pegar o telefone e ligar pra ele e dizer “Porra, não venha mais. Não marque. Você não tem obrigação de nada. Mas, se você marcar, cê cumpra!” Enfim, ele... Ficou muito sofrido com essa situação.

Valquíria fala sobre a vivência da **parentalidade e/ou maternidade homossexual** e o modo como as **influências da educação materna interferem no seu**

ser- mãe. No trecho a seguir, ela destaca o sofrimento do filho pela dupla perda: do irmão e a rejeição do pai:

E... Eu dei muito aquela criação muito parecida com que a mãe me deu... Que era o seguinte, eu recebo, mas, eu nunca liberava muito a minha cria pra casa dos outros não **(fala sorrindo)**. Então, lá em casa nós somos seis, a gente podia dormir até vinte. Porque eu podia levar eu, meus amigos, minha irmã os dela, meu irmão os dele. Mas, a minha mãe num deixava a gente dormir na casa de amigos de jeito nenhum. Então era... E acaba te passando essas coisas. Eu não me importava, todo final de semana ter mais dois meninos em casa, três. Eu levava, buscava... Principalmente, por essa coisa de... Ele não ter irmão... que foi uma coisa que ele também sofreu muito... Porque... Aí, primeiro eu preparei ele demais pra receber o irmão. Aí depois... “Cadê meu irmão?” “Foi pro céu”. “Não, mãe”. Então, isso eu ouvi durante dez anos da minha vida... “Fala pro papai do céu liberar meu irmão? Eu quero meu irmão. Então compra um irmão, adota um irmão. Faz qualquer coisa pra mim”. Mas, ele queria mais alguém com ele.

(...)O próprio dia dos pais, dia dos pais, ele me faz cartões... ele dá presentes pra mim... então assim, principalmente depois dos 18 anos, eu tenho cada cartão... cada coisa linda dele, guardada... “Mãe, cê é meu pai, cê é minha mãe, cê é meu irmão, minha irmã, sabe assim? Eu te adoro!” E pronto e acabou. E então, eu acabo sendo pai e mãe mesmo, do jeito que eu sou (fala sorrindo) mesmo, do jeito que eu sou mesmo... E é isso aí. Mas, é óbvio que eu enxergo perfeitamente que tem a vaga do pai.

Face à sua separação e à descoberta e assunção de sua homossexualidade, Valquíria ampliou sua **rede social doméstica**, aproximando-se dos amigos do filho e, permitindo a ele que os trouxesse para casa:

E eu... Então, abri pros amigos. Que venham os amigos. Então, ele sempre teve uns amigos mais próximos... que sempre, né, eu tratava como filho também, tudo igual. E um dia, esse amigo dele, eu percebi o menino mais tristonho, porque cê acaba prestando atenção, conhecendo... Eu tinha dado almoço pra eles... E num sei se eu ia pro cinema, ia deixar eles vendo um filme em casa... Tava arrumando, preparando eles, direitinho, tipo assim “Eu vou ali e volto. Tá bom?” “Tá bom”. E... Esse menino veio, me deu um abraço e falou pra mim “Ai! Queria tanto ser seu filho...” E eu vi que o Beto

ficou observando aquilo... Aí, virou pro menino e falou “Mas, eu não tenho pai”. Falou, né, vai ser tipo assim: “seu filho, mas, cê não vai ter pai”. Aí ele falou “Não... mas, eu queria ter essa mãe”. Então, assim, pra mim foi uma coisa que... “Poxa!” Aí eu abracei os dois, deixei eles brincando... Sai pra rua, mas assim, de alma lavada, de felicidade... (**fala com uma expressão de alegria**). Porque... É uma coisa que, só cê sendo (**mãe**) pra explicar... Uma coisa dessas. Por isso que eu falo... num sei se é a natureza da gente mesmo é que muda, com a maternidade. Não a... homo, a sexualidade, entende? Cê deve entender mais do que nessa paradas (**risos**). Mas é isso aí. São duas dimensões distintas. Saber lidar com essas duas dimensões é que o X da questão. Porque uma coisa não inviabiliza a outra. Não, não inviabiliza.

Em seus dizeres, Valquíria destaca a dimensão da maternidade em sua vida e, desvela que o fato de ser homossexual não inviabiliza essa função. Relvas (2000) corrobora tal visão uma vez que conjugalidade e parentalidade, embora possam se sobrepor, são funções distintas.

O filho de Valquíria é um jovem adulto e o **processo de “coming- out”** para ele não ocorreu bruscamente. Valquíria respeitou o tempo do filho, sem omitir-lhe a verdade. Ela diz:

E... com o Beto, que é meu filho, ah.. eu procurei conduzir a coisa assim... à medida que ele foi crescendo... ele começou, aos sete anos ele já me perguntou, que era essa primeira mulher com quem eu me relacionava... a gente morava **juntas, mas assim... eu nunca (ênfase)** beijei na boca na frente dele. **Não precisa disso (ênfase)**. Mas, ela tava sentada, de repente eu deitava no colo dela, ou ela vinha, deitava no meu. A gente dormia na mesma cama, mas ia deitar, trancava a porta do quarto. Ele, pequeno, queria entrar, ele batia na porta, entrava, deitava com a gente na cama. Assim, tudo normal. Chegou um momento ele me disse “Mãe, você num vai arrumar um outro pai pra mim?” Eu digo “Não. Pai, você já tem seu pai... né, a mamãe não vai arrumar outro pai pra você. Pai e mãe você só tem um”. “Não... mas, arruma outro pai pra mim?” “Não. Num tem jeito!” “Quem é... a Brenda na sua vida?” Eu dizia “É a minha melhor amiga!” “Mas, porque ela mora aqui?” “Porque ela é a melhor amiga. Mamãe gosta muito dela”. Aí tá, foi passando... Quando nós nos separamos e tal, tive o maior cuidado de

conversar com ele, ela também. Porque acabou que, né... Eles têm um relacionamento até hoje. Eu fui explicar pra ele que ela tava mudando de casa. Tá bom. Ele suportou tudo bem. Quando foi minha próxima namorada... Começou a freqüentar a casa... um dia.. assim de repente ele falou: “Mãe, agora é a Zilma que é a sua melhor amiga?” (**risos**) Eu digo “É. É ela que é minha melhor amiga”. Então, tá. E isso foi. Tranquilo, estudando, a gente trabalhando...

Nossa colaboradora diz que após a separação vivenciou **três relações conjugais** e Beto, como sempre morou com ela, conviveu com todas do princípio ao fim.

Eu sempre... Essa coisa de você criar filho sozinha... Porque **nesse contexto todo (ênfase) (da homossexualidade inclusive)**, acabei sendo mãe solteira... e... Três pessoas que eu me casei ao longo desse período. Considerando que eu me separei do pai dele quando ele tinha três anos, ele hoje tá com 24, e eu tive três casamentos com mulheres nesse tempo. Então... E ele conviveu com tudo junto, o **namoro, o casamento, a separação (ênfase)**. Então... Realmente assim, a gente não vê muita coisa diferente (**da família heterossexual**).

Quando iniciou uma **nova relação conjugal**, Beto passou a vivenciar com a parceira de Valquíria, uma relação muito próxima, pois, ela também exercia uma **função parental** com ele:

Uma época, logo em seguida... Que eu me casei novamente. E ele, se aproximou mais... e ... ficava assim aquela segunda mãe, entendeu? Até que... a chegar o momento dele chegar e perguntar “Ah! Posso chamar de pai?”... E a pessoa dizer “**Não (ênfase)**. Pai não. Pai eu não sou não. Posso ser uma segunda mãe” (**risos**)...

A **rede social de apoio**, com outros **amigos** exercendo também a **função parental**, de cuidado, de afeto, de diálogo, foi (e é) bastante presente na vida dela e de Beto:

Então, esse meu amigo, esse Cacá que acompanhou toda a infância do Beto comigo. Então foi que... levou ele pela primeira vez pra nadar, andar a cavalo, levar numa parada militar... fazer as coisas que o pai deveria ter feito.

Então, acho que essa coisa do Cacá foi uma coisa muito positiva na minha vida e pra ele também. Eles, hoje, têm um carinho muito grande, até hoje. O Cacá é formado em Direito e ele fez Direito agora. Eles conversam, como assim, como se o Cacá fosse verdadeiramente o pai dele. (...) Então assim, meus amigos... Eu tenho amigos gays e tenho amigos não gays e que freqüentam minha casa. E que ele acaba, eu vejo, a carência que ele tem desse lado. E... Ele se apega nos meninos (nos amigos)... E, lógico, são meus amigos, a gente tem conversas e meus amigos dão mole pra ele... E fica aquela relação assim que ele nunca teve com o pai. (...) Hã, eu tenho um amigo gay, já mais velho... eu funciono com ele, como se fosse meu irmão mais velho. Ele é uma pessoa muito presente na minha casa. E os dois também têm um relacionamento, assim, muito mais de pai e filho... sabe? Tudo, quando é uma coisa diferente ele quer mostrar pra ele. “Ah, vou mostrar por Paulo. Chama o Paulo”, sabe como é que é? Aí o Paulo tá presente. O Paulo também não tem filho, acaba achando bom também... essa né.. essa possibilidade de ter ali uma paternidade.

Em relação à sua homossexualidade e a de seu convívio com outros amigos gays em sua **rede social**, Valquíria expressa a **convivência** que Beto teve com **outros homossexuais** e a sua percepção das diferenças:

(...) que ao longo do período (**de separação e do assumir-se como homossexual**) eu nunca escondi nada... Ele ia em algumas festas de amigas minhas, com filho, aniversário... Ah! O que que vai? Vai os amigos gays da gente. Acaba aquela reunião ele conhece, conheceu meus amigos, minhas amigas. Dele pequenininho, **um grande amigo (ênfase)** assim que foi como um segundo pai pra ele... A gente lembra dele pequenininho... Um dia ele andou, virou e perguntou pro meu amigo “Cacá, porque que você anda assim?” Porque esse meu amigo era bem afetado (**afeminado**). E aí que o Cacá se tocou que ele já tava percebendo as coisas... E aí ele... “Ah, sei lá.. eu ando... sei lá, num sei... ando?” (**risos**) Tentou assim, desconversar... Então, nada foi muito... escancarado... mas, num foi omissio. (...)Ele não tem problemas. Ele conhece meus amigos. Ele sabe todo mundo, quem tá com quem, vira e mexe pergunta... se chega um “Cadê o fulano e tal, não sei o que...” Sabe? Todo mundo... Nunca percebi ele tendo preconceitos, nem com meus amigos homens, nem com as mulheres assim... Ele, ele repara assim é bonito, é feio, né? “Nossa, mas ela linda. É uma gatinha. Não, não.

Credo!” Sabe como é que é? Como homem. O comentário dele é de homem. E nada mais.

Beto, ao longo de sua vida sentia-se **rejeitado pelo pai** e Valquíria teve duas atitudes: ia atrás do pai, para que ele assumisse suas funções e, por fim buscou ajuda especializada de psicólogos para que o filho aprendesse a lidar com o afastamento dele:

E o pai foi esse cachorro a vida inteira. Então, ele pegava o telefone, era capaz de me ligar... Ficar sumido seis meses e me ligava “Oi, meu amor. Sonhei com você esta noite. Você é o grande amor da minha vida. Você não vai voltar pra mim?” E, conversava assim, vamos dizer, três minutos, que ele não deixava eu falar hãhã... E não perguntava se o filho tava vivo. Aquilo pra mim, era pra mim uma revolta! Mais raiva eu tinha dele. Quer dizer... “Pô! Como é que eu casei com esse cara?” E ele não era assim! Aí por fim eu falava “Olha, seu filho tá vivo, tá muito bem, obrigada. Cê vai querer vê-lo? Num sei o que, num sei o que...” E ele escorregava... E, foi escorregadio a vida inteira...

(...)Por... ele nunca ter aceitado me perder, na verdade. Porque eu acho que não é só questão de eu ter sido gay. Não. Porque eu acho que se eu tivesse com outro, poderia ter amenizado o problema do Beto... em parte. Porque o pai mesmo, como ele (**o filho**) via os outros amigos separados, gays e não gays... E... presentes, né? Então, o pai foi, realmente, eu diria, babaca, nesse contexto todo...

(...) E aí, tô levando, vamos levando a nossa história. Eu espero profundamente que esse pai dele, nem que seja, como diz o outro, no leito de morte... peça um perdão, sei lá, que eu acho que ia fazer muito bem pra ele e merecido, né?

Na rede social de apoio, quando o filho ainda era criança, ela o pôs na psicoterapia para que ele lidasse com o distanciamento do pai e ela buscasse orientação sobre o modo de revelar sua homossexualidade para o filho:

...ele tinha 9 anos.. foi quando eu comecei a botá-lo na terapia. No começo, ele tinha resistência de ir, Porque achava tudo muito estranho e tal... e era uma pessoa, uma profissional assim muito competente... que eu diria que ela me ajudou muito, inclusive a... Eu dizia “Carolina, como é que eu faço assim

(em relação à homossexualidade)?” E ela sempre primando pela veracidade, pela transparência. Foi o que eu fiz. Quando nós mudamos pra cidade Y, eu já peguei uma profissional tendenciosa. Então assim, nós fizemos uma entrevista, depois com um mês de terapia que eu fui lá nas reuniões de *feedback*, eu já não gostei do jeito que a mulher colocou a homossexualidade na história. Eu falei “Que isso? Todo o cuidado que eu tive, ela tá estragando”. Ela era uma pessoa extremamente preconceituosa. Imediatamente tirei ele de lá, procurei outro profissional. Aí sim. Foi super legal.

Uma vez mais, aparece a questão **do despreparo dos profissionais da saúde** que desvelam seu preconceito e inaptidão para lidar com as diferenças de comportamentos e condutas. Embora o CFP coíba práticas discriminatórias ou curativas da homossexualidade, mais uma vez a repressão à qual estamos submetidos, emerge.

Quando ela e o filho se mudaram para outra cidade, o filho se apaixonou pela terapeuta, que soube conduzir a situação de maneira muito profissional:

E aí, nós passamos foi por outro problema. Porque ele se apaixonou profundamente por ela... Assim, a gente não percebia. Aí quando ele tava com esses 13 anos, quando ela casou... Menina! Pense numa criatura que sofreu. Foi esse menino. Ele sofreu, ele sofreu profundamente... Começou a sofrer no noivado... E eu, a gente não entendia o que tava acontecendo... A gente ia lá... Até que, ele começou a dar o sinal. Quando ela trouxe o convite de casamento mesmo... nós fomos. E, ela disse “Não. você vai levá-lo”. Ela tentou mostrar pra ele de todo jeito. Mas, foi uma paixão, daquelas fulminantes (**risos**)... E aí, depois dela, ele num quis mais terapia. Encerrou ali a história dele... E com ela, também... Porque ele acabou se sentindo traído. Uma coisa muito doida, assim cê vendo a, a... como foi a condução. Ela era uma... jovem, jovem de profissão também. E.. eu não sei o que que aconteceu... no relacionamento deles. Mas, depois de um ano, nós encontramos com ela, ela já grávida... tal.. aí, também, ele já tava maiorzinho, já tava apaixonado pela primeira namorada dele... a coisa resolveu...

Ela relata o processo de transferência na relação terapêutica e por fim, o abandono da terapia quando Beto tinha treze anos.

O filho a pressionava para saber porque o pai o abandonara e, ela teve que esperar o momento adequado, na adolescência para contar a ele, com detalhes, os motivos que a levaram a se separar e o modo como ocorreu a separação.

Logicamente, chegava o dia dos pais, o Beto sofria, chorava... “Porque que meu pai num gosta de mim?” Eu tentava explicar, coloquei ele no psicólogo... Ele fez terapia durante uns quatro anos. E, exclusivamente, essa questão: porque que o pai rejeitava... À medida que ele foi crescendo... Hã, nessa fase dos dezesseis que é a coisa problemática. Ah! Tivemos uma conversa já mais adulta. “Não, seu pai fez isso, justificou... a ausência em virtude da minha... homossexualidade. Ele não aceitou”. Agora, ele (o filho) conheceu pais de amigos meus que viveram a mesma situação, casaram, separaram... De repente, a mulher se viu homossexual e, no entanto, o pai era um pai presente. Até o nome do garoto é Samuel... E... O Reginaldo, que era o pai desse menino, acabou ficou muito meu amigo, também. Também ficou sendo meio pai dele. E ele dizia “Porque que meu pai não é igual ao Reginaldo?” E eu dizia “Porque ele é um babaca! Sinto muito, meu filho. Mas, num tem jeito. Num tem, não tem”.

Todavia, como é comum **na adolescência**, Beto se rebelou e a expôs a uma situação delicada, conforme Valquíria conta:

(...) por... volta dos dezesseis anos, eu diria. Ele hoje tem 24. Foi um período que ele me deu muito trabalho. Mas, aí a rebeldia de adolescente. Namorada... num queria estudar... e eu sempre muito exigente. Num abro mão do estudo de jeito nenhum. E ele naquela vadiagem. Só queria academia e gatinha e num sei o que e tal. Quando foi um dia, assim, pra minha surpresa... era até época de carnaval... E eu tava saindo muito com um amigo. Então, juntou, de repente, uma coisa estranha, que ele não me via saindo com homem. E, de repente, eu comecei a sair muito. Ele já ficou **enciumado (ênfase)**. E... carnaval, você saía cedo pro baile, chegava de manhã. E, na segunda noite, minha mãe veio passar o carnaval com a gente... E sei que, logo depois desse carnaval ia começar as aulas. E ele tinha ido muito mal no

ano anterior... e eu comecei a cobrar, num dia assim, na hora do almoço, a cobrar que ele deveria estudar mais, que eu num ia aceitar... Que **caso (ênfase)** ele persistisse com aquela conduta que então ele iria morar com o pai dele. E aí ele simplesmente levantou da mesa virou e falou assim “É. Mas, eu não sou gay”. Eu falei “E daí?” Isso na frente da minha mãe, pra mim **foi uma surpresa enorme (ênfase)**. Eu digo “Olha, você não é gay... mas você vai ter que estudar. Porque eu sou gay e já tô aqui com a minha graduação, tô indo pro meu mestrado... e... tem várias opções então pra você estudar. Você pode ir morar com seu pai, que **não é gay (ênfase)**. Você pode morar com sua avó...” Ah! Não! Nisso a minha mãe, pega e entra na conversa... “Ah! Então você pode morar comigo. Eu não sou gay não, mas vai **ter que estudar (ênfase)**”. “Ou seu padrinho, que é um irmão meu, mas vai **ter que estudar (ênfase)**”. Portanto... a minha mãe ia voltar na quarta-feira de cinzas, eu falei: “Você tem até as duas horas da tarde de quarta-feira... pra resolver o que que você quer fazer da sua vida. Se quiser continuar morando comigo, vai ter que estudar e entrar na minha regra. Porque eu não vou mudar, eu sou gay mesmo. Agora, você tem as suas opções. Você escolhe!” E não puxei mais conversa. Passamos... Passou o carnaval todo... Ele quieto, dentro de casa, emburrado... Na quarta-feira, na hora do almoço, eu chamei ele pra conversa e falei “E aí? O que que você definiu? Devo fazer sua mala? O que que eu faço?” “Não, não. Eu quero ficar.” E eu falei: “Mas, vai ter que estudar!” (**risos**)

Pela própria conduta de diálogo e transparência que sempre buscou estabelecer com o filho, Valquíria tenta resolver as divergências falando às claras com ele. O conflito, quando surge, necessita ser (e é) resolvido, como ela prossegue narrando:

Mas, pra mim, ainda foi uma coisa que **me magoou muito (ênfase) pela forma** que... com que ele fez. Esperei minha mãe ir embora... do foi na sexta-feira, isso foi na quarta, né. Eu cheguei do trabalho, eu tava deitada, tipo num tapete desses assim, vendo na televisão, sei lá o que... ele chegou e sentou do meu lado. Porque esse período eu fiquei sem conversar com ele... Eu tenho esse **péssimo defeito (ênfase)**, quando eu tô **muito (ênfase)** zangada, eu **não (ênfase)** gosto de falar muito... Tá bom. Ele veio... “Oi... num sei o que”. E eu falei “Uai, eu não sabia que eu tava criando uma cobra aqui dentro de casa, não”. “Que que isso?” E eu falei “Não, uai. Você me traiu. Como é que você faz uma coisa dessas? Se você queria discutir a minha

homossexualidade comigo, porque que você num me chamou pra conversar? Agora falar na **frente (ênfase)** da minha mãe? Achei que você foi traira (**expressão que indica traição**). Não aceito, fiquei magoada.” Enfim, eu dei um castigo nele, duns quinze dias, sem muito lero... Pra ele pensar o que ele tinha feito comigo. E falei “Olha! Quando você tiver um problema comigo, **primeiro você (ênfase)**, você conversa comigo. E não dessa forma!” Porque me senti traída, literalmente...

É saudável a divergência, pois a partir daí pode-se restabelecer o diálogo e estreitar os laços, caminhando na direção do tu buberiano.

Então, eu disse pra ele “Eu não entendi esse comportamento. Você tinha que ter chegado e conversado comigo. Eu nunca te neguei nada...” Enfim, mas, nesse momento, passaram-se esses quinze dias... Melhorou muito, as coisas no nosso relacionamento... Porque aí ele começou a conversar mais... Passou a ser meu cúmplice...

Após o “estranhamento” pelo qual passaram, a reaproximação aconteceu e hoje, mãe e filho são cúmplices, muito próximos, amigos:

Quando, nessa época que ele veio com essas cobranças “Ah! Você é gay...” Eu falei “Sou e pago as minhas contas, meu diploma está na parede. E aí? E você, vai ficar nessa?” né. Passado aquele período nosso, de eu... emburrada com ele, eu falei “E aí? Você quer voltar pra terapia e tal?”. “Não, não precisa”. E acaba sendo... nesse aspecto eu vejo ele muito leeeeve, muito leve assim.

Ela exemplifica como a **relação com o filho** vai sendo construída e reconstruída:

Hãaa... eu tive, no início do ano, deste ano, eu andando de patins no parque, me empolguei muito em alta velocidade e levei um tombo, um dia. Tive o rompimento deste tendão (aponta para o joelho). Mas, na hora, eu tava com o corpo quente, isso foi umas seis horas da tarde. Sei que eu ainda vim pra casa, tomei banho, saí com uns amigos à noite. E voltei mais cedo do compromisso, porque a perna realmente tava incomodando muito. Mas, olha, do barzinho em casa o negócio piorou assim numa dimensão tão maluca... que eu cheguei em casa, na garagem com o carro que eu não conseguia sair do carro... E comecei a ligar no celular dele, porque o carro dele não tava na garagem. A gente tem garagens juntas, né. tá... E o celular não atendia... E eu

me arrastei... olha, dessa garagem, até essa casa, até a cama... E ligando, ligando... Não atendeu, não atendeu. Enfim, ele foi me atender de manhã. E ele tava dormindo na casa da namorada, mas, num me avisou. (...) Aí quando ele viu meu recado sete horas da manhã e veio correndo e, eu ainda assim imobilizada na cama, eu tive que ser carregada... pro hospital. Porque realmente... Aí tinha rompido (o ligamento). Olha eu não fazia isso aqui com a perna (faz o movimento com a perna). Qualquer movimento era a mesma coisa de enfiar uma faca... era uma dor terrível. Enfim, ele, a namorada, tudo junto, deram a maior assistência, aquela coisa. E a partir daí eu falei “Faz favor, não me esqueça, quando você for dormir fora, não interessa aonde... ou você me avisa ou cê faça como eu, né. Cê deixa o telefone realmente disponível. Porque e se fosse o contrário? Se cê tivesse precisando de mim? E aí? Né?”

As divergências quanto aos comportamentos do filho (que tem uma namorada oficial e outras além dela) foram apontadas por ela, em razão do problema que ela menciona, de ter necessitado dele e não saber onde ele se encontrava.

Então, como ele é sem-vergonha e tem as, as avulsas (**outras mulheres além da namorada**)... assim, e que eu procuro não me envolver. Então, eu me envolvo, eu falo com ele, com as namoradas. As outras, eu não dou trégua em casa. Porque senão fica uma situação, né... tudo bem, que é... que eu não sou muito a favor de traição em hipótese alguma. “Não, mas, não é traindo... ele é jovem, tem que viver isso, viver aquilo”. Então, tá vivendo. Eu ainda bato nessa tecla, cobro muito dele “Ô, tu quer sassaricar? Então dá linha (**deixe-a ir, libere-a**) pra sua namorada. Eu acho que cê tá empatando (**enrolando**)”. “Não, não. Mas, ela... vai ser a mãe dos meus filhos”. (**risos**) Que é uma coisa muito louca, essa cabeça desses homens, né? (**risos**) Eu não criei ele assim. Mas, cê vê que a coisa ainda vem... então tá.. E ele disse “Mas, porque cê não ligou na casa da Fê?” E eu falei: “E eu sabia lá que cê tava lá mesmo? E se você não estivesse?” Eles tinham acabado de voltar o namoro, ele já tinha sofrido tanto. Então eu falei... “E se você não estivesse lá? Eu podia ter te criado uma situação! Agora ou você deixe seu telefone, de forma que você me atenda quando eu ligar. Porque se eu liguei é porque eu preciso”. Eu falei “Eu jamais fiz isso com você”. Fiquei assim revoltadíssima com ele.

Assim, diante dessa situação adversa ela aproveita para mostrar ao filho o valor do cuidado consigo e com o outro, como forma de respeito e não de controle, estabelecendo com ele, a intersubjetividade buberiana.

Então, essa coisa mesmo, que cê tem que... ensinar, fazer, cobrar, mostrar. Porque o cinto não aperta só dum lado não, aperta dos dois, né. Porque ninguém controla ninguém mais hoje. Quer dizer, ninguém nunca controlou ninguém nunca, né? Hoje, menos ainda, né. Eu tive a... essa, essa... hãã, meu último relacionamento, vamos assim dizer, teve um caso, né, na família dela, que o pai dela morreu num final de semana, um infarto daqueles fulminantes. E um irmão dela, o mais velho não viu o pai morto, chegou no final do enterro. Porque... essa coisa “Eu fui com um amigo”. Mas, não contou aonde, na época não tinha celular... então, ela mesma cansou de falar isso “Olha, então tem que avisar, não é porque a gente quer controlar”. Porque é cuidado.

A colaboradora manifesta mais uma vez sua indignação com as **atitudes do ex-marido**. Quando Beto tinha dezoito anos, o pai, que até então havia abandonado-o reapareceu:

Moral da história quando ele completou 18 anos, ele, o pai, foi procurar ele (fala suspirando). “Ah, meu filho, queria conversar, num sei o que e tal. Porque olha, o papai agora tá diabético. Então, o papai pode morrer, num sei o que”. E ele tá... ouviu a conversa ali, chegou em casa e falou “Mãe, meu pai me procurou...” E eu falei “Ah que legal” (fala com ironia e desdém). Ele falou bem assim “Mãe, mas se ele tá pensando que ele vai me ter agora, eu vou dar pra ele a solidão, a mesma que ele me deu”. E eu dizia “Não, meu filho, não faz isso”. “Não, mãe, num tem conversa. Ele ainda quis falar de você mãe (**refere-se à homossexualidade**), eu não aceito!”. Tá. Então... Ele fez uma péssima abordagem. Passou, passou, passou... Quando nasceu o filho dele (**neto dela**), eu perguntei “Cê num vai falar pro seu pai. Porque pelo menos ele num foi pai (**fala sorrindo**), ele já é avô, né?” Ele “Não, não. Que avô? Num tem nada não”.

O pai, ao se deparar com meia-idade, com a possibilidade de finitude, decide procurar o filho e tentar uma reaproximação. Entretanto, sua abordagem não o aproximou. Ao contrário despertou, no filho, sentimentos ambíguos e contraditórios:

(...) Agora, recentemente, a gente conversando... e falando sobre essa questão toda... aí ele me disse “Mãe, o que que cê acha? Quando eu for me formar, eu vou convidá-lo pra minha formatura. Aí eu apresento o Ronaldo também”. E eu “Tá, tudo bem”. Ou seja, é uma coisa que incomoda ele. Mas, ele também, acho que não sabe como procurar. Então, chega, por exemplo, dia de Natal eu falo “Cê num vai ligar pro seu pai?” E ele “Não, ele não me ligou”. Aí, hoje um num liga pro outro porque o outro no ligou, tal. E eu, saí, literalmente do circuito. Porque... tentei de todas as formas... quando ele criança... ainda nessa pré- adolescência... que eu via ele sofrendo, muitas vezes eu pegava o telefone e ligava pra ele. E dizia “Oh! Tu não vai ligar pro seu filho? Por favor, é aniversário dele hoje. Liga! Fala só: Parabéns. Ele só quer ouvir isso”... Aí às vezes ele fez. Às vezes não. Fui deixando... hoje, eu num faço mais nada, a não ser quando ele veio conversar como ele disse “Não, mãe... quero chamar ele pra minha formatura. O que que cê acha?” “Ótimo. Chama sim.” “Beleza”. Aí o assunto também.. não prossegue. Hã.. no último natal mesmo, eu disse “Olha, você não vai ligar pro seu pai?” “Não, mãe” (**fala baixinho**). Chega o dia do aniversário do pai, eu lembro e digo “Olha, é aniversário do seu pai. Cê num quer ligar pra ele?” “Tsk,tk” (**acena a cabeça em sinal negativo**).

Ao falar da **percepção que tem do filho**, de seus relacionamentos, das facilidades e dificuldades que se estabelecem na relação com ele, Valquíria deixa explícita a presença rica do diálogo entre eles.

Ele tinha uma namorada de quatro anos, o ano passado ele terminou esse namoro. **Sofreu o bichinho (ênfase)**... Porque ele é muito afetivo. Mas, demorou uns quinze dias... pra ele, se abrir comigo. Eu vi que ele tava... que alguma coisa tinha acontecido. Até que nos começamos a conversar. E... ele assim até fazendo comparações do relacionamento dele com os **meus relacionamentos (ênfase)**... Mas assim... tudo **muito igual (ênfase)**. Num tem... tem **nada diferente (ênfase)**. A diferença é quando você vai pra cama, basicamente e a sociedade, o que cobra da gente. Porque num tem outra coisa. O resto é receita de que? É de **amor que todo filho quer (ênfase)**. Quer sua companhia. Ele num é diferente disso. Ele é um menino muito caseiro... É...

Ela conta que a relação com o filho é satisfatória, que ele não lhe dá problemas sérios, excetuando os comuns à fase de vida que atravessa: é um jovem adulto. Quando o filho quer alguma coisa, ela dialoga e, é severa, à medida que é necessário:

Particularmente eu considero uma benção, porque meu pai era alcoólatra. Então, na minha família a gente é meio traumatizado com esse assunto... E ele assim nunca gostou de beber. É um menino de 24 anos e num **bebe (ênfase)**. Nem uma cervejinha, assim... Se você falar “Não, vamos tomar...” Ele odeia... Ele é muito caseiro. **Muito mulherengo (ênfase)**... Mas, o que ele gosta mesmo é de um cinema, teatro. Num tem essa paranóia de boate, assim, drogas, nada, nada, nada. Eu que sou muito **mais (ênfase)** liberada. Ele não. Às vezes eu vejo amigas minhas... **não gays (ênfase)**, inclusive, reclamando de problemas seríssimos com o filho... Eu falo “É. Mãe doida, filho careta!” **(risos)** É a melhor receita do mundo. Você sendo mais... Ah! Tipo... Há pouco tempo, ele... “Ah! Porque eu quero comprar uma moto, que num sei o que...” Eu já fui motoqueira, muito tempo. Parei por causa dele, criança me pedindo “Mãe, pára de andar de moto”. Eu parei. E agora ele veio, meio que me pressionando... “Ah! Eu num sei o que... vou vender meu carro... dá pra comprar uma supermoto”. Porque ele tem um corsazinho 1000, mas ele quer ter um super carro. Eu digo “Não. Termina de se formar primeiro”. E ele “Não, então, eu vou comprar uma moto”, porque o cunhado dele comprou agora. O irmão desse namoro, que retornaram, inclusive. Eu falei: “Então, tá. Qual a marca e qual a sua cor? Porque eu vou comprar uma igualzinha, só que eu vou comprar com uma cor diferente”. Pronto. Morreu o assunto. Entendeu? Essas coisas assim... É...

(...) Agora eu como mãe, cobro e oriento o seguinte, eu só vou dar minha benção pra um casamento pra ele, quando ele tiver formado, quando ele tiver condição financeira pra tal. Que eu acho que não está. Que eu acho que é o único obstáculo. “Ah, vou casar agora!” Não! Vai casar e viver do que? Afinal de contas, quem paga a faculdade é a mãe. Então, é estagiário. Estagiário você sabe o que que ganha. Como é que vai viver com isso? Olha o padrão que você é acostumado? Ele namora com uma menina com um padrão daqui, pra melhor. Eu falei “E aí? Como é que vocês vão viver?” Então, é uma orientação que eu acho que qualquer pai, né ou gay ou não é a mesma história...

Valquíria expressa sua vivência no **trabalho** e reforça que, para que a mulher se estabeleça no mercado, a concorrência é acirrada e, por vezes, seu trabalho é desqualificado (seja em termos pessoais e/ou salariais) como exposto por Souza; Baldwin (2000). Para a mulher homossexual (e também para o homem homossexual) além dessa **cobrança** do próprio mercado de trabalho, existe a **cobrança interna** para o sucesso e para fazer silenciar o preconceito, como Valquíria conta:

Eu sempre tive uma vida de muito trabalho. Porque uma das coisas... pra gente... se dar bem, né... além... nesse mundo, **ser mulher já é um problema. Ser gay então, é um problema e meio (ênfase)**. Então, você tem que ser **muito boa (ênfase)** no que você faz, pras pessoas te respeitarem. Pra você não depender de nada... e esse sempre foi meu lema na vida. De **não depender (ênfase)** pra que eu pudesse... no mínimo ser eu, né? Em quaisquer circunstâncias. E essa foi minha batalha. E **junto com ele (o filho)**. Nunca abri mão dele em momento algum e... consegui, né... Essa transferência, mudança de endereço, essa coisa toda, quando...

Ela fala sobre a luta que travou para mantê-lo consigo. Sempre trabalhou muito para dar a ele **condições de subsistência** e a hipótese de deixá-lo aos cuidados de outra pessoa sequer foi cogitada. Sobre o abandono de filhos pela mãe e o preconceito diante dessa atitude ela exemplifica o quanto as atitudes podem ser semelhantes e os comentários diferentes frente a pessoas gays e não gays:

Mas, eu acho que o ser humano é muito igual nessa coisa. Então, tem, tem realmente. Pode ter mãe gay que é desleixada, num tá nem aí. Hã, eu tive uma conhecida que... Foi assim um dos poucos fatos que eu conheço, que separou do marido e ela que foi embora com a companheira dela e largou o cara com os três meninos... Ah! Então, todo mundo... “Ah! Porque é gay”. Tá... Num passou muito tempo, dentro do próprio banco, uma colega não gay fez a mesma coisa. Largou os filhos com o marido e foi embora com outro carinha. Então, eu diria que isso aí são condutas diferenciadas da **mulher hoje (ênfase)**. Que uma mulher de 1930 não fazia isso. Mas, assim... Ah! O

que os colegas colocaram com a que era gay foi um comentário, a não gay foi outro.

Ela assevera sua opinião sobre o fato citado acima:

Mas, pra mim... Olhando numa visão de mãe, eu achei todas duas, absurdo. Porque **nunca (ênfase)** passou na minha cabeça uma coisa dessa... É... Hoje, né, ele tá... Passou agora pro sétimo semestre de direito. Às vezes, eu tenho amigos meus que perguntam “Ah! Então, e aí? E ele vai casar? Vai sair de casa quando?” Até essa última pessoa com quem eu me... fui casada aí, quatro anos... (**ela e o filho**) são grandes amigos. E ela, às vezes, me perguntava isso “Você num acha que tá na hora dele sair de casa?” Eu dizia “**Não (ênfase)**. Eu num acho não. Eu acho que a hora dele sair, **ele (ênfase)** é que vai determinar”. “Não, mas num é **bom (ênfase)** pra ele, num sei o que?” Eu digo “**Não (ênfase)**. Eu acho que ele que vai escolher o momento dele”.

Valquíria já é avó e, agora revive o **processo de “coming- out” para o neto**:

E realmente a gente hoje não tem nenhum problema nessa parte. Eu já sou avó. Ele foi muito precipitado... com 18 anos ele foi pai. Nasceu com 19. E aí você vê o Ronaldo hoje está com 5 anos, meu netinho. **Que hoje (ênfase)**, já tá começando... eu tô vivendo com ele (**com o neto**), o que eu vivi com ele (**o filho**) aos 5 anos. Estes dias ele teve aqui em casa, veio passar um domingo comigo e aí virou pra mim e falou “Vó, você tem namorado?” Eu olhei na cara dele e falei “Oh! Meu Deus. De novo?” Que eu vou ter que... né? (**risos**) Eu falei “Não. A vovó, nesse momento, tá sem namorado. Porque?” E... ele não falou nada... E fomos brincar, tal, tal.

A premissa de ser verdadeira, de primar pela relação dialógica vale também para o neto.

E... eu estava namorando uma moça... **Que eles ficaram muito amigos (ênfase)**. Quando ele chegou agora... a primeira coisa “Cadê a tia Laura? Eu gosto tanto dela, vó!” Eu falei “Ela tá viajando, quando ela chegar você encontrá-la.” Então eu acho assim que se você num... sei... Num tem receita não, mas... Eu acho que mentira é a pior forma. Você sendo mais verdadeiro...

No momento da entrevista, Valquíria não estava namorando, mas, diz que, em nenhum momento deixou sua vida **afetivo-sexual e social** de lado. Sempre compatibilizou os dois lados: o social e a materno:

É... não, não...isso eu também tentei... tentei não. Não fui aquela mãe “Aha!” Sempre tive a minha vida tá, com muito trabalho, com muita coisa, mas, assim, então “Hoje, mamãe vai pra festa, mamãe vai pra festa”. Então, com esse invento do celular, que foi uma maravilha. E mesmo quando eu não tinha celular... tal, ou fica com empregada. Ele, até os quinze anos, eu tive empregada direto na minha casa, morando comigo. Porque eu também não tinha coragem de deixar só. Mas, aí depois dos quinze não. Aí a minha empregada passou a vir de segunda a sexta. Vem de 8h às cinco horas da tarde. Porque eu também não abro mão. A gente já trabalha demais... Ter que cuidar de casa é, é um preço muito alto. **(risos)** Ninguém merece. **(risos)** E... Mas, assim, sempre... Quer achar a mãe? Sabe onde achar. Essa segurança eu sempre dei muito forte pra ele. Mãe 24 horas. Aconteça o que acontecer, a mãe tá do lado. E estou... E ele também.

Para finalizar a entrevista, ela dá sua “receita” para ser uma boa mãe e, em sua fala, notamos a dialogicidade buberiana. Além disso, ressalta que a **cobrança** a que os homossexuais são submetidos os faz ser mais atentos a tudo para responder melhor, que acaba por torná-los mais sensíveis:

Que mais que eu posso falar assim? Mas, enfim... A grande receita, eu acho de... um **bom filho (ênfase)**, é você ser boa mãe, ser presente, você dar amor, ser verdadeira. **E isso (ênfase)**, a homossexualidade num me tirou. Absolutamente... Porque eu acho que tem muito dessa coisa, “Ah! O homossexual é mais sensível...” Eu acho que até é, pelo **tanto de cobranças que você tem na vida**. Você tem que prestar **tanta atenção em tudo** e responder por **tudo (ênfase)**... Que te torna assim. Basicamente, eu acho que é isso. Eu não sei se eu consegui te falar tudo não...

Passemos então, à análise do depoimento de nossa última colaboradora, Margarida, C.9.

E. 09. Margarida, 38 anos, profissional liberal. Foi casada e tem uma filha biológica, Deise, de 17 anos, que mora com ela. A mãe também é homossexual e teve dificuldade de aceitar que a filha também o fosse.

Entre as mulheres, Margarida foi a mais reticente. Ao iniciarmos a entrevista, com a questão norteadora: *fale sobre sua vivência da maternidade*, ela fala primeiramente da sua **orientação afetivo-sexual** e de sua relação com a **família de origem**:

Bom, é... eu não vejo nenhum inconveniente em ser homossexual e ser mãe, né. A minha mãe é homossexual... E **pra ela (ênfase)** foi complicado minha opção... no começo. Depois passou, normal. Agora, pra mim foi complicado, porque ela morava numa cidade pequena e acabou se afastando dos filhos. Então, eu acho que eu fiz questão de fazer o oposto... né.

O fato de sua mãe ser também homossexual e a relação truncada, incompleta que se estabeleceu entre elas fez com que a mãe se sentisse culpada pela homossexualidade de Margarida, na visão dela:

Eu acho que ela se sentiu muito culpada, de dizer assim: “Será que foi por minha causa, né? Será que foi minha influência, convivência?” Quer dizer, convivência até não foi, porque a gente teve pouca. Mas, eu acho que ela se sentiu culpada por eu ser, talvez, né, por isso ter acontecido.

Para a mãe de Margarida **o processo de “coming-out”** foi muito mais difícil para todos e, na fala dela, percebemos a dor e o sofrimento que sentiu (e ainda sente):

Não. hãhã. Foi um caso atípico (**fala baixinho**). A mamãe... foi durante o casamento dela. O meu pai sabia, né... e eles viveram assim um bocado de tempo. Mas, como eles moravam em uma cidade ainda pequena, foi um escândalo, né. Acabou complicando né... a família, né. No final, eles se separaram (**fala baixinho**).

Na forma como ela se expressa, falando com voz quase inaudível, podemos detectar o quão difícil deve ter sido para sua mãe se perceber como homossexual e viver em um casamento que já não a satisfazia, mas, ao qual estava socialmente limitada. Depois de um tempo dessa situação, a mãe saiu de casa e Margarida e o irmão foram morar, respectivamente com a avó e uma tia.

Mesmo apesar da mamãe (**ser homossexual**)... essa distância da mamãe. Morei com meus avós... Meu irmão foi morar com uma irmã da mamãe. Assim, houve, houve... uma separação, mas, de qualquer forma, a família sempre foi... muito, muito um pelo outro.

A literatura registra que há um temor de que os filhos de homossexuais possam sofrer preconceito, ser estigmatizados e ter dificuldades de interação social (VICTOR; FISH, 1995). Habitando em uma cidade pequena, há cerca de vinte anos atrás, a colaboradora refere-se ao “escândalo” que culminou na separação dos pais. Novamente nos reportamos à Chauí, (1984) e à repressão sexual apontada por ela para ter uma idéia de como o “abandono” da casa para ficar com outra mulher foi impactante na vida de todos os envolvidos.

Quanto à **formação do vínculo conjugal e à concretização da maternidade**, esta colaboradora foi casada por um ano e sua filha nasceu desse relacionamento: *“Eu fui casada, me casei com 20 anos. Tive ela com 21 já e, um ano depois eu me separei, né. Então eu só tive ela”*.

O **casamento** acabou porque o ex-marido mudou-se de cidade e quis finalizar o relacionamento. Ela diz:

Não foi por causa disso (**homossexualidade**) que a gente se separou. Foi porque, ele foi... A gente, ele arrumou um emprego na cidade dele, ele morava em outra cidade. Eu o conheci, eu tava morando na mesma cidade

que ele. E ele foi pra essa cidade arrumou um emprego melhor e eu fazendo faculdade, tinha que terminar o semestre. Nós ficamos mais ou menos uns quatro meses separados. A Deise já tinha nascido e aí eu fui pra cidade que ele estava... E eu acho que essa distância deu uma esfriada nele, assim... E eu fiquei lá um tempinho, mas, aí logo depois eu... a gente se separou. **Ele quis (ênfase)** separar, não fui eu. Eu tava disposta a tentar e tudo...mas, aí vim embora. E a gente é muito amigo hoje.

Margarida relata que demorou um ano, marcado pelo sofrimento, para esquecer-lo:

Quando eu me separei... a Deise era pequena, era bebê ainda, praticamente. (...) E assim, foi uma fase difícil pra mim... **foi um ano (ênfase)** pra esquecer-lo... sabe? De **muito sofrimento (ênfase)**.

Apaixonou-se por uma mulher, quando tinha 27 anos, porém, nunca havia tido **contatos homossexuais** nem coabitou com nenhuma parceira. Seu primeiro relacionamento durou cerca de nove anos, entre idas e vindas.

Antes do casamento não. Nunca tive. Aí quando eu tinha 27 anos eu me apaixonei por uma mulher... foi a primeira... Mas, já tinha tido atração sim... antes, mas não nada, não tive nada não. Foi só fantasia mesmo. Aí com 27, me apaixonei... **(suspira)** e... foram nove anos de relação, mas muito complicada, muito tumultuada.

Sobre a **vivência da maternidade**, Margarida expõe:

Então, minha filha mora comigo. A gente se dá muito bem, a gente é muito amiga, a gente conversa bastante. Ela sabe da minha vida... e, enfim, eu num encontrei nenhum problema em relação a isso não. E a gente é muito afetuosa, muito carinhosa e, ela tem a cabeça muito boa. (...) E teve muito sucesso. Tá com 17 anos **(fala enternecida)**. **É uma menina muito inteligente (ênfase)**, é uma gracinha, **nunca me deu trabalho (ênfase)**... em termos de estudos, de... vida dela, social... nada, **absolutamente nada (ênfase)**. É manhosa, cheia de vontades **(fala sorrindo)**. Acho que é normal, filha única, neta única... então, assim, acho que é normal. Uma cabecinha ótima, um doce, um amor de pessoa. Não me dá, **não me deu nunca problema nenhum, nunca! (Ênfase)** Como... droga... “Mãe, quero fumar

maconha”. “Então, tá, vamos fumar juntas”. Fumamos juntas. Não fuma, num, num... sabe? Num tem tabus, não tem nada proibido. “Mãe, quero transar”. “Vamos ao médico, vai usar camisinha, vai tomar anticoncepcional, vai saber utilizar...” Então, não tem, não tem... problemas... porque tudo é conversado. E ela é... ela é muito certinha. Às vezes, ela é mais certinha do que eu. Ela é mais... é... às vezes, mais responsável do que eu, né. É muito engraçado. Nossa relação. **Sempre (ênfase)** foi assim.

Devido ao distanciamento que teve de sua mãe, Margarida procurou se aproximar mais da filha. Como nos depoimentos das demais mulheres deste estudo, a **família de origem** tem grande **influência sobre o modo de ser mãe** de cada uma de nossas colaboradoras. Além disso, devido à vivência individual do preconceito, elas buscam uma relação embasada no afeto e na verdade, próprios do TU buberiano.

Olha... Eu acho que a maternidade é a coisa mais linda do mundo! (**fala com emoção**) Assim... Eu fico pensando o que seria da minha vida se não fosse a Deise, né? Como que a minha vida ‘taria, né? Porque... É uma, é uma... convivência muito boa. É uma **amizade muito boa (ênfase)**. Se você souber construir, claro. Esse tipo de, de... companheirismo que a gente tem. Então a gente sempre conversou sobre tudo... Eu acho que eu posso contar com ela (**fala mais empolgada**). Ela tem 17 anos. Mas, às vezes, muitas vezes, eu converso com ela algum problema meu. E vice-versa, né. Então, eu acho assim, que se eu não tivesse a Deise, eu ia estar completamente perdida na vida (**risos**). Sabe? É muito gostoso, é muito gostoso.

Margarida deixa transparecer em sua fala, **a interação** de Deise, **com o pai**. Ela pensa que ele é um pai presente na vida da filha e que só não o é mais, devido à distância geográfica que os separa:

O Nelson era muito apegado, meu ex-marido, ele era muito apegado a ela. Ele era aquele pai que levantava, de madrugada, ia lá, trocava a fralda, deitava com ela assim. Eu acho assim, por mais que ainda seja um bebê, sente falta, né... eu acho que sente falta daquele calor... calor do pai, do cheiro... (...) E aí então, eu sempre fazia questão de falar, no ouvido, quando ela tava dormindo ou adormecendo, no ouvido dela: “Papai, tá longe, porque o papai tem que trabalhar... se ele pudesse, ele taria aqui com você”. E assim, falei

isso por muito tempo e, assim, quando ela foi crescendo, foi fazendo três, quatro aninhos de idade, ela foi, ela ia visitar o pai, eu botava ela nos braços de uma aeromoça e ela tomava o avião e ia embora sozinha, sem chorar, dando tchau pra mim. Porque tava indo ver o pai. (...) (**Hoje convivem**) Menos, do que eu acho que deveria... por causa da distância, né? Mas, agora eles estão mais próximos, porque ela tá maiorzinha... viaja sozinha... esse ano, eles se viram quatro vezes, quer dizer, antigamente era final de ano, alguma ocasião que ele passava por aqui. Então, estão mais próximos. Mas assim, eu acho que se ele estivesse na mesma cidade, seria um bom pai... assim, **presente (ênfase)**. Acho que por força das circunstâncias.

Apesar da distância, ela divide com o **ex-marido as funções parentais**:

E **tem o pai dela também (ênfase)**, bem ou mal, na hora que o negócio fica... que eu preciso, eu falo: “Ó, agora entra aí que é a sua vez, porque...” (**risos**) Sabe? Porque tem esse... porque assim, que ter esse referencial também.

Como Parseval (1986) e Winnicot (apud BADINTER, 1995) afirmam, quem configura a presença paterna é a mãe (ou sua substituta). Badinter critica a divisão de papéis, que freqüentemente direciona a autoridade e a autoridade ao pai e a ternura e o amor à mãe. No relato de Margarida, vemos a divisão de papéis parentais. Todavia, há uma maior flexibilidade nesta ordem, uma vez que o pai está fisicamente distante (embora esteja simbolicamente presente) e outras pessoas assumem a função, socialmente, atribuída ao pai (os tios e primos, por exemplo).

Margarida chama a atenção ao **zelo e à responsabilidade** para com a estrutura emocional da criança. Diante disso, ela sempre fortaleceu uma imagem positiva do pai, para que Deise o tivesse como referência.

Então, **essa... essa imagem (ênfase)**, essa relação saudável que eles têm, eu ajudei a construir... podia ter **detonado também (ênfase)**: “Porque seu pai é um sem-vergonha, seu pai me abandonou...” né? Então, tudo isso eu acho que a gente joga na cabeça deles... a gente **tá com uma vida nas mãos (ênfase)**...

Você pode fazer o que você quiser... Você pode pirar essa pessoinha... **ou não (ênfase)**, né? (...)

Sua atitude demonstra o respeito à filha e o compromisso de cuidar de sua estrutura psíquica, numa manifestação das palavras princípio EU-TU.

A atitude dialógica de Margarida também foi expressa quando **ela revelou (“coming-out”) sua orientação afetivo-sexual** à filha, no momento em que ela realmente quis saber sobre a homossexualidade da mãe, o que ocorreu por volta de doze anos:

Eu contei pra ela quando ela quis saber **mesmo (ênfase)**. Você sente quando a pergunta é pra **valer mesmo e quando não é (ênfase)**. Assim... “Ai, tomara que a resposta não seja essa, né?” Então, foi tranquilo pra ela. (...) E nessa relação (**de nove anos**), como foi uma coisa muito próxima, que não teve como... é que a **Deise (ênfase)** começou a questionar, foi quando ela quis saber mesmo. Aí eu contei mesmo, né. Enfim, foi tranquilo. (...) Deixa eu ver se eu me lembro... eu acho que ela devia ter uns doze, dez anos de idade. Dez, doze anos. Ela é muito inteligente. Então, não adianta você querer enganar a criança. Ela perguntava, mas de uma forma assim... tipo assim: “Não responda isso”. E eu dizia que não era nada disso. Mas, teve um momento que eu senti que ela tava querendo a verdade e não ser enganada, né. E aí eu disse pra ela... Porque como essa relação era muito tumultuada, ainda... hãhã, ela acabou participando, né, de algumas coisas, né... que não eram legais, tipo briga... Essas coisas todas. Apesar de que a gente tentava, né... porque essa minha amiga também tinha uma filha, da idade da Deise, né. (...) Mas, então, quando a Deise, humhum, quis saber e eu percebi isso, aí foi o momento... eu acho de falar pra ela. E isso... até que olhando pra trás, foi tranquilo, assim, não foi muito estresse não. Até porque da avó ela já sabia também... né. Então...

Margarida tinha vinte anos, quando sua filha nasceu. Ela pondera sobre todo o aprendizado que teve ao longo desses anos e, mostra que a parentalidade e/ou maternidade não são incompatíveis com a homossexualidade (como também expressam as demais mulheres entrevistadas por nós).

Eu tive filho muito, muito nova, com vinte e poucos anos. Então, imagina, ela tá com 17 e daqui a um pouquinho ela vai tá com 20. É uma **criança (ênfase)**. E eu vim **aprendendo e crescendo (ênfase)** esse tempo todo. E eu acho que é isso que... a gente tem que passar pra eles. **Independentemente da minha opção sexual (ênfase)**, entendeu? Eu acho que a relação boa com os filhos, a vivência saudável vai muito daí. Dessa cabeça, da cabeça aberta, da, do diálogo, da conversa, sabe? De passar isso pra eles. E a minha relação com a Deise, sempre foi assim, né. Tanto é que eu te disse da história da homossexualidade. Eu **sentia (ênfase)** que ela não queria ouvir. E eu já ouvi isso de muitos amigos: “Não. Meu pai não quer ouvir”, né? **Sabe (ênfase)**, mas não quer ouvir. Mas, **chega o momento (ênfase)** que você sente que tão te perguntando porque querem realmente a verdade. Aí eu acho que hora de conversar, né? Porque eu acho que enquanto isso não estiver bem amadurecido na cabeça do outro, vai causar um problema... vai causar um estresse. Então, acho que eu tive essa... intuição, eu acho. Agora **nesse momento (ênfase)**, ela tá querendo ouvir. Ela tá **pronta (ênfase)** ouvir. E aí foi. A gente teve uma conversa.

Deise teve que aprender a lidar com o fato de que sua mãe e avó são homossexuais. As já assinaladas **dificuldades que os filhos de gays ou lésbicas** possam ter no convívio social, às vezes, são uma realidade concreta:

Ela tem, ela tem a princípio, por exemplo, ela tá namorando com... Namorou esse rapaz há uns dois anos atrás, ficou um ano e meio separado dele e agora voltou (**fala sorrindo**). Aí, teve outro namoradinho. A dificuldade dela é no primeiro impacto. Porque, mais cedo ou mais tarde, ela tem que contar. Porque ela é de namorar certinho, ela não é de ficar... ficando, como dizem aí. Então, o primeiro impacto pra ela é **contar (ênfase)** a minha história... e da avó, conseqüentemente, porque ela convive muito com a avó... então, nesse primeiro momento, ela fica muito apreensiva. Depois ela, que ela conta, que ela vê que...né, tá tudo muito bem, tá tudo muito assimilado pelo namorado. Aí ela relaxa. Então, ela tem esse estresse nesse primeiro momento. Então, essas coisas eu enfrento com ela. Às vezes eu falo assim: “Deise, calma. Vê se, se... vai durar, se é isso mesmo que você quer, né”. E aí, ela tendo essa segurança, ela conta.

Para que Deise sinta-se aceita, ela sente a necessidade de desvelar que sua família é “diferente”, que sua avó e mãe são homossexuais. O temor de ser rejeitada; as idéias, freqüentemente associadas de herança genética (se a mãe e avó são lésbicas, ela também o será); a idéia de doença e possibilidade de “contágio”; além da noção de pecado (ABDO, 2000; CHAUI, 1984) certamente perpassam pelos pensamentos de Deise e se refletem em suas ações.

Sua mãe tenta lhe mostrar que as pessoas percebem essas peculiaridades familiares com a convivência e, isso, não tem que ser, necessariamente, percebido como algo negativo ou que afetará a vida das outras pessoas externas ao núcleo familiar.

E isso era desnecessário contar. Mais cedo ou mais tarde a pessoa **vai** perceber, a pessoa percebe. Por exemplo, meu ex-marido, ele percebeu naturalmente, nunca tocamos nesse assunto, mas, não foi nenhum problema pra ele. Então... (...) E a Deise, teve, tem essas dificuldades, às vezes, com namorado. Mas, assim, que é superada. A gente conversa... “Será que é hora **(de contar)**, será que não é?” Entendeu? As pessoas que se aproximam. Quais as pessoas que você vai... né, dizer? Eu, por exemplo, quando fiz minha opção, precisei dizer pra minha família. Né, acho que daí... pra frente eu vou pra quem eu quiser, né. Enfim, uns aceitam, uns, você vê que têm preconceito. Outros não, né?

À medida que foi amadurecendo em sua convivência com a filha e foram lidando com as adversidades, as inseguranças de cada uma, a relação foi caminhando rumo ao Tu buberiano.

(...) Essas coisas são normais. E hoje a gente conversa de tudo, fala de tudo. E temos a alegria de morarmos juntas. Ela me pergunta como que eu tô, minha vida emocional como é que tá. E a gente troca muito. E ela também fala muito dela. **E isso independente (ênfase)** da... que eu acho que aconteceria independente de eu tá com marido dentro de casa, com namorado. Eu acho que não tem a ver com a sexualidade, essa relação, né.

Quanto às **vivências afetivo-sexuais**, ela considera a relação de nove anos, com sua ex-parceira como **amizade**, contrariamente à Valquíria que considerava suas uniões, como “casamento” (embora esse termo não se aplique a casais homossexuais). A ex-parceira tinha uma filha com idade próxima à de Deise e, convivia com ela:

Porque ela morava em outra cidade, mas, passava muito tempo aqui, também. Ela passava 20 dias aqui, 10 lá. Férias, a filha dela vinha, a gente sempre passava juntas, né...(…) E ela gostava muito da pessoa com quem eu estava na época. Apesar de ter sido essa relação meio tumultuada... Eu acho que como acontece em qualquer casal heterossexual, homossexual.

O fato de ter criado a filha em uma família monoparental, chefiada por ela, a levou a ter que estabelecer uma rede social de apoio a começar por sua ex-parceira:

Essa experiência (ênfase) de morar com alguém eu não tive, ainda. Morar eu, minha companheira, que seja e a minha filha junto. Porque eu convivi com, com a anterior, como eu te falei, durante nove anos... Mas, foi uma coisa assim, ela ia, voltava, ia, voltava. Então, não tive essa coisa assim de: “Vamos assumir um apartamento, uma casa, os filhos, não sei o que, não sei o que”. Então, eu não tive. Então, eu não sei se, nesse caso assim... Mas, assim o tipo de relacionamento que eu tenho, assim, cada um mora no seu canto e, frequenta a minha casa, dorme aqui. E a minha filha convive, normalmente. Às vezes, viaja junto. Então, assim, eu nunca tive problema nenhum Então, assim, eu nunca tive problema nenhum.

Sobre a **rede social de apoio**, a família se revela como uma base muito importante.

Eu sempre tive muito apoio da minha família, assim, em tudo... A gente sempre foi muito unido. (...) A minha mãe, mesmo longe, ela sempre dava um socorro. (...) É, é nessa hora... um não tá com a cabeça boa, o outro segura. Cê tá entendendo? Então, é...essa relação de amizade, é um lance da família. Quer dizer, do núcleo pequeno da família, os irmãos, avô, vó, né... os primos, aquela coisa. Então, quando um num tá bem, o outro já, já pega a malinha e já vai e já tá do lado, entendeu? Então... quer dizer, fui mãe solteira? Fui. Mas, tive muito apoio também...né. Dos meus primos também,

por exemplo, dos meus primos da minha idade, um pouco mais velhos... faziam também, um pouco o papel do pai. Às vezes, na hora de chamar, por exemplo, eles iam lá e conversavam. Então... agora que eu tô morando aqui (**refere-se à cidade atual**) que eles não moram aqui na cidade, a convivência ficou... né, um pouquinho distante. Mas, assim, nos momentos mais complicados, eu tive muito esse apoio deles, né... da família...

Em especial, **no trabalho**, ela se volta ao **preconceito e à homofobia** existentes, inclusive os que internaliza:

Porque se fosse pra você escolher prum filho seu, ser homossexual nos dias de hoje, eu acho que você não queria que fosse, né. Porque **a vida é mais difícil (ênfase)**, mais complicada. Preservando, né... E as pessoas... porque tem pessoas que são muito preconceituosas mesmo. E é difícil, **no trabalho (ênfase)**, por exemplo, enfrentar essas coisas. Eu mantenho minha vida pessoal muito distante no trabalho. Até tenho uma postura assim... até mais distante. Mas, as pessoas... acho que umas entendem outras não. Mas, eu procuro também respeitar a cabeça dos outros. Eu não vou impor essa: “Ah, porque eu sou (**homossexual**), eu tenho que carregar a bandeira. **O outro tem (ênfase)** que aceitar”. Quem quiser aceitar aceita, quem não quiser não aceita (**risos**). Mas, você não sai por aí falando da sua opção sexual, né? Então, eu procuro manter uma certa distância.

Para se preservar, ela evita falar sobre sua vida pessoal e não se expõe, não desvela para seus colegas de trabalho sua condição homossexual. Como ela mesma diz:

Acho que é por aí. Acho que as dificuldades que a gente enfrenta são essas mesmas... de convívio social mesmo, que a gente tem. Eu acho errado, por exemplo, cê carregar bandeira, impor as coisas. Porque assim... eu não preciso anunciar na escola da minha filha, que eu sou gay... Que diferença vai fazer isso lá? **Nenhuma, né (ênfase)**? Ou no meu trabalho, carregar uma bandeira. Também não preciso disso. Sou muito respeitada profissionalmente... e a minha opção, a dos meus colegas, a do meu chefe... ninguém tem nada com isso. cada um faz o que quer da tua vida.

Margarida diz que em nenhum momento sofreu **preconceito ou discriminação** em função de sua homossexualidade. Ela não desvela, facilmente, sua orientação afetivo-sexual:

Não (ênfase). Não, porque eu sou bem resguardada com essas coisas, né.(...) Mas, realmente... a gente sempre ouve piadinhas de homossexuais, até... não é? No trabalho, você sabe quem é (**homossexual**), quem não é. Porque a gente acaba tendo um olho meio **clínico (ênfase), né.** Então, você ouve o comentário das pessoas. Pode até ser que façam esse comentário em relação a mim, né? (**risos**). Mas assim, nada direto, nada que me deixasse... ofendida ou magoada. (...) Enfim, eu nunca sofri, nunca tive nenhum problema com isso. Eu acho também... porque eu também não tenho um, um... tipo físico, né? Tem mulheres que são bem masculinas (**na aparência**), né? Essas coisas todas. Porque eu acho que essas devem sofrer mais preconceitos, né? eu acho que os filhos devem se sentir... de repente, constrangidos, talvez. Não sei... (**risos**). É isso.

Poderíamos inquirir ela não sofre preconceito porque se impõe, se faz respeitar ou porque mantém uma relação ISSO com sua sexualidade? Margarida apresenta contradições em sua fala, pois, ao mesmo tempo em que afirma não sofrer preconceitos, discrimina as pessoas cujo estereótipo é mais acentuado.

Nos pareceu que a realidade que ela procura viver fica camuflada, escondida, velada, dela mesma, como no mundo do ISSO descrito por Buber (1977) e em sua homofobia.

Ao final da entrevista, perguntamos a ela se havia esgotado tudo o que queria dizer sobre a **vivência da maternidade** e, então, ela acrescenta:

Mas, eu acho, engraçado. É engraçado... eu acho que vai muito da cabeça dos pais. Acho que isso não é a opção (**homossexual**). Quer dizer, eu me separei do pai da Deise. Assim, pelo fato dela... dela ser, que era muito pequena, poderia ter causado algum, né? Problema com a separação e tudo mais. Mas,

eu acho que vai muito da cabeça dos pais. Acho que não importa a opção sexual... (...)

Ela ressalta mais uma vez a importância do diálogo com a filha, principalmente, para que tenha segurança nos caminhos que vai trilhar. Ela retoma ainda, a questão da imagem que os pais deixam aos filhos, frequentemente, uma imagem idealizada e sem conflitos e/ou dificuldades pessoais:

O importante é a convivência saudável que cê tem com seu filho. Eu acho que você não pode esconder nada do teu filho, nem ser, tentar ser... é... passar a imagem da perfeição. Porque é o pai, a mãe, não... Tem problema... sabe, é um ser humano. Eu acho que é isso que você tem que passar pro seu filho, né? Que você sofre, cê, né? que... enfim. Porque aí num vem essa cobrança. Porque o que gera muito conflito é porque os pais tentam construir uma imagem... “Ah, não! porque esse é o ideal. Porque **eu sou assim (ênfase)**. Porque eu faço assado”. E eu acho que o importante é isso mesmo, você não passar a imagem da perfeição, porque: “Ah! Eu sou, né... o perfeito”. Não, pai é ser humano. Pai cresce, que nem o filho, tem problema, pai também tem problema. Que nem o filho... passou por todas as fases que o filho passou. E, às vezes, passa em idade mais avançada ainda. Você passa por experiência que você deixou de passar quando você era mais jovem, né. então, às vezes tá lá uma criança de quarenta anos de idade, virando adolescente, sabe? Então, eu acho que é isso que é importante, sabe, que as pessoas tenham conhecimento.

O que permeia a construção do diálogo? Enxergar o outro como um ser humano, falível, que erra e abrir-se para o aprendizado que a relação intersubjetiva pode propiciar são pontos que destacamos.

Um outro aspecto interessante, refere-se à fala de Margarida sobre a opinião de amigas que nunca teriam filhos.

Eu sei que tem, por exemplo, amigas minhas que são homossexuais que **nunca (ênfase)** teriam filhos... né? Mas... é... enfim... mais por opção, né.

Na sequência ela complementa:

Eu acho que a mulher tem a maternidade... independente da opção, dela, sexual. Eu acho que, em algum momento, ela sente, falta disso, né? Mas... deixa de ter **(filhos)** por opção. Mas, eu acho que não teria problemas, **pelo menos pra mim (ênfase)**, e pelas pessoas que eu conheço, que foram casadas, têm filhos hoje e são homossexuais... que num... é uma relação **muito boa, muito saudável (ênfase)**... né? E assim... por essas crianças que eu vejo, **levam isso (a questão de um dos pais serem homossexuais)**, caminham na sociedade com essa história **muito bem (ênfase)**, transitam muito bem. Quando os pais são transparentes. E eu acho que é isso mesmo. Por exemplo, em todo contexto... depende da cabeça dos pais, mesmo.

Nessa sua fala, evidencia-se o que Badinter (1995) já dizia: a mulher muitas vezes, tem o desejo estar grávida, como se quisesse comprovar que a completude e o ser mulher só acontecerão com o advento da maternidade.

Margarida, em sua fala final, diz o que a motivou a conceder a entrevista e o que pensa ser importante que as pessoas saibam acerca da **vivência da parentalidade homossexual:**

Quando a Gisele (**pessoa que a indicou**) falou comigo, eu fiz questão de fazer (**conceder a entrevista**), justamente por isso. Eu acho que, pra quebrar... como é que se diz? Essa, essa concepção que fazem... do que, do que... eu não sei se a criação dos filhos tem muito a ver com a opção sexual dos pais, sabe? Então, eu acho que tem casais heterossexuais que os filhos são muito problemáticos. Portanto, tem também tem casais de homossexuais que os filhos são problemáticos. Porque depende muito mais da forma que você cria, mais do que...(...) Porque não é minha opção sexual... **é a responsabilidade (ênfase)** que cê tem de criar um filho, né? E que não tem nada a ver **com isso (a homossexualidade)**. Acho que é por aí. E que é responsabilidade afetiva, financeira... e que todo mundo aqui tá aprendendo...(...) Então, eu acho que a gente tem que afastar, um pouquinho das nossas pirações. Ter esse equilíbrio... ser mais... como é que se diz? Resguardar as nossas loucuras. Porque a gente passa por momentos na vida que são difíceis. Procurar ter um equilíbrio, sabe? pra passar isso pra eles. Eu acho que é por aí... independente de ser... (**homossexual**)

Passemos, então, à fala de nossos colaboradores masculinos:

4.2. A Fala dos Homens Homossexuais

C.10- Breno, 40 anos, curso superior com pós-graduação, trabalha em sua área, homossexual, filho adotivo de cinco anos, com quem está há 10 meses. Viveu dois relacionamentos duradouros, um dos quais durou três anos e o outro, seis anos, em que vivia com o companheiro. No momento da adoção estava sozinho.

Breno foi um de nossos colaboradores que mais re-significou sua fala e se surpreendeu com o que disse ao longo da entrevista. Pois, como diria Amatuzzi (2001: p.19) a pesquisa fenomenológica *“é a pesquisa do vivido e, ele pode não ter sido acessado antes. O ‘vivido’ não é necessariamente ‘sabido’ de antemão. É no ato da relação pessoal, quando surge a oportunidade de dizê-lo que ele é acessado”*. Assim, *“diríamos que o vivido é surpreendido na relação, pela própria pessoa, que então o comunica, facilitada pelo pesquisador”*.

Dessa forma, Breno, fala da constituição de sua **orientação afetivo-sexual e seus primeiros relacionamentos afetivo-sexuais**:

Os primeiros, primeiro, primeiro mesmo, foram com.. homens, dessas experiências de garoto, de troca-troca, de brincadeiras sexuais, aí depois, foi com mulheres, né. Acho que... e aí com os homens, começou mesmo aos.. com homens, eu posso dizer, adolescente-adulto, com 18 anos. Então foi

assim, acho que teve essas brincadeiras, acho que antes dos 12 anos e aí, aos 14, 15 anos, 14 anos eu tive a primeira relação com uma menina e, aí fiquei namorando ela, depois saí com outras meninas. Mas, eu sempre tinha interesse pelos rapazes, que eu tentava não dar bola pra isso, só que fui percebendo que não dava pra não dar bola. Às vezes eu comparecia assim, aí eu via que... eu sempre fui um cara muito romântico e eu me envolvia com essas mulheres e, depois, eu não achava justo com elas.. então, eu sempre abria, elas não aceitavam, ficavam chateadas e acabava. E aí, comecei a ter esse período de relacionamento com rapazes e esse.. essa dimensão com as mulheres foi diminuindo, diminuindo... não posso dizer que acabou mas, não se sabe o dia de amanhã, né. Eu acho assim, porque a gente se relaciona com pessoas, né... sei lá se eu encontro uma mulher que me seduza, me capte num relacionamento (**risos**), sei lá, se eu fico interessado... mas, atualmente assim, essa coisa de tesão, de olhar, né, de.. ter interesse, geralmente é com homens mesmo. Não sei se é porque eu já tive, já vivi um relacionamento de três anos e um de seis... de morar junto e viver a vida com homens.

Sobre a constituição da homossexualidade, Breno aponta os fatores que estão associados à sua expressão e que vão ao encontro do que diz a literatura (OLIVEIRA, 2002; FUERTES- MARTIN; LÓPEZ- SANCHEZ, 1997; CHAUI, 1984, FREUD, 1905):

E essa questão da constituição (**da homossexualidade**) acho assim, que tem essa coisa que eu te falei... experiências de prazer e desprazer, de identificação, né... E.. esses meus tios né, também, ainda não sei muito certo como é isso, e acho que também tem a coisa genética. É tipo um bolo, sabe bolo? Que tem vários ingredientes que você mistura e faz um bolo. Acho que assim, a sexualidade é assim, ela é um bolo e aí tem vários ingredientes que entram, experiências de satisfações, identificações, genética.

(...) Eu acho que tem muito dessa coisa das.. das experiências de satisfação, de insatisfação, né, com as pessoas. Eu acho que tem uma coisa genética também... Eu acho assim, eu não coloco a atribuição de causalidade num ponto só não. Não é **possível (ênfase)** uma família que tem por parte de mãe, por parte de pai, que eu saiba, eu sou o único. Eu acho que tem uma coisa de identificação na família e das experiências de prazer, desprazer.

Ele rememora os primeiros desejos, experiências e jogos sexuais:

Ah! Eu sempre me percebi assim.. diferente... assim. Na época, quando a gente é pequeno, nem sabe dar um nome pra isso, né. Eu percebi que tinha interesse nos meninos, nas meninas também e nos meninos, nos dois. Tanto que eu já tive namorada, já transei com mulheres, já... Mas, eu tinha interesse pelos dois...

Breno aponta em sua família os modelos que teve em relação à homossexualidade, uma vez que teve dois tios homossexuais que expressavam seus papéis sexuais de maneira distinta, provocando reações divergentes em sua família de origem:

...mas, eu tinha um tio, homossexual, por parte de mãe, irmão da minha mãe. E ele era uma pessoa sisuda, séria, compenetrada, teve um relacionamento de vinte e tantos anos com uma pessoa, que faleceu agora há pouco tempo, uns dois anos e pouco. Essa pessoa, né, meu tio continua vivo e... eu tinha assim **esse modelo (ênfase)**. Mas, assim, tipo, quando eu comecei essa questão de gostar de meninos é que eu comecei a lembrar dele. Então não sei se veio primeiro o modelo dele, ou se eu busquei o modelo quando eu percebi que tinha algo parecido com ele, né, assim. E tem um tio por parte de pai que é travesti, só que esse tio, durante muito tempo eu pensei que tinha morrido. Porque quando eu via... as fotos de família, as pessoas diziam que ele tinha morrido. Outras pessoas não. A minha mãe, por exemplo, quando meu pai dizia, meu pai não, nunca falava nada, mas quando os parentes do meu pai diziam que ele tinha morrido, eu percebia uma inquietação na minha mãe. E um silêncio do meu pai. E eu pensava “Pô! Aconteceu alguma coisa com esse homem.. ou a morte dele foi uma coisa muito...”. Ah! E também ninguém me dizia como que o homem tinha morrido. E aí eu dizia “gente, mas tem alguma coisa estranha aí, né, tudo”. E...aqueles não- ditos nas relações familiares, o psicólogo lida muito com isso. Então, o tio Fulaninho tinha alguma coisa estranha, na morte dele, alguma coisa assim. Aí quando eu comecei a sair, já adolescente, saía... eu conheci uma pessoa da idade, amigo do meu tio materno e, falando que meu tio materno era uma pessoa muito séria, né e tudo, mas, que era até bom pra contrapor ao outro. Aí eu falei: “que outro?” E ele “ué? Você não sabe que você tem um tio travesti, irmão do seu pai?”. Quase caí da cadeira! Aí o tio Fulaninho era a Glória Gaynor. E aí fui assistir um show dele. Aí fui tentar falar com ele, mas, quando ele me viu, me reconheceu, pegou as coisas dele no camarim e saiu. Não queria,

aquilo era insuportável pra ele. Também pudera, né... pra família era dado como morto, né e tudo. Aí eu fui falar com meus pais, que tinha conhecido ele. Porque eu sempre fui muito transparente. E eu não fui falar nessas de adolescente agressivo, de “Ah! Vocês mentiram pra mim!” Não foi nesse sentindo não. Eu fui falar “Ó, eu conheci o tio Fulaninho...” Meu pai quase desencarnou, né.

Breno assinala o silêncio, o **preconceito, a exclusão e a discriminação** que podem advir da própria família. Ao relatar o caso do tio, ele fala com pesar sobre o sofrimento que lhe foi imposto pela família:

Mas.. que meu pai não falava assim. Aí eu soube que eles tiveram uma briga muito violenta.. e que foi posto pra fora de casa. E ele só foi se reaproximar da família quando a minha avó paterna faleceu. Eu me lembro muito bem, estava um dia de chuva no enterro dela, tava todo mundo lá.. o caixão descendo. Aí eu olhei longe, entre as lápides, longe ele tava olhando o enterro... e aquilo me marcou muito (**fala com pesar**). O nível de exclusão que se pode chegar... a uma pessoa.. e eu tentei ir atrás, mas ele tinha sumido. Aí eu soube que ele tirou peito, cortou cabelo, se desfeminizou, deixou de ser travesti.

Os **modelos parentais e familiares** influenciam na constituição dos modos de **ser-pai e ser - homossexual** do colaborador de maneira consciente e/ou inconsciente:

Ele (**o tio que é travesti**) vive com outro cara e tem uma espécie de creche, informal onde tem um monte de meninos e meninas. Agora tá fazendo parte de uma ONG, contra a prostituição infantil e de adolescentes que em Cidade Z é um caso muito sério. Não sei nem porque eu tô te falando isso né. Porque eu quis ser pai e esse... meu tio travesti aí é uma espécie de pai / mãe pra um monte de garotos de rua. E... meu tio (**refere-se ao tio materno**) sempre foi muito sério, intelectual e eu tenho uma carreira acadêmica, intelectual também, sou mais pro lado sério assim nessas questões. Não sou uma pessoa bandeirosa, pintosa (**não é afeminado**) como dizem. Acho que as pessoas percebem porque eu sou aberto mesmo. Não minto, num.. também não fico falando, mas, se vierem me perguntar, eu vou perguntar: porque? E, dependendo do porque eu falo ou fico calado, porque já é uma resposta ficar calado também. E, nessa questão de formação, eu acho que eu tive esses dois parâmetros, não sei se modelos, porque como eu te falei... eu fui me

percebendo interessado pelos garotos, eu comecei a ver “Pô! Eu tenho um tio que é assim” e como eu tinha muito medo, da reação das pessoas, meio que fazia como o meu tio materno. Aí depois eu vim a saber desse outro tio. E no fundo, no fundo eu fico pensando se eu já não sabia também... então eu não tenho a resposta assim, se eles me influenciaram ou se eu busquei-os pra tentar me situar, né assim.

Em relação à **homossexualidade** de Breno, sua família o aceita e o admira. Como o colaborador diz, o fato de ser um bom filho, fez com que a homossexualidade fosse posta de lado. Também se nota na fala de Breno a influência da percepção que a família tinha (tem) dos tios, o que funcionou como facilitador no caso da mãe e dificultador, no caso do pai:

Eu sempre fui o filho com quem eles podiam contar... pra escutar os problemas deles.. pra ajudar a fazer as pazes.. eu sempre fui o ouvido da família, tanto que a minha profissão hoje tem a ver com isso. Eu sempre fui o ouvido da família, sempre fui aquela pessoa que eles consideravam mais sensata, ajustada... equilibrada, né. Sempre tive isso, minha família era muito complicada... o pessoal discutia muito, brigava muito, era uma família barulhenta, sabe assim? E eu sempre fui mais quieto, mais calmo... sempre fui melhor aluno, fui o único que terminou o curso superior... mas, sempre fui mais quieto mesmo. Então, quando eles descobriram, depois a gente fica sabendo que eles não descobriram, confirmaram (**risos**)... é... eles ficaram surpresos, assim, porque, a minha mãe, ela... achava assim, como ela tinha um irmão e ela gosta muito dele, que.. sabe? Não era isso que ela queria, mas, se for, ela tinha o exemplo. E o meu pai tinha muito medo que ficasse como a Gloria Gaynor, o tio Fulaninho. E eu acho que essa parte toda do bom filho fez com que eles colocassem isso na frente da homossexualidade. Tanto que eles não falavam nisso, eu não tinha sexualidade pra eles.. até que no meu relacionamento com o Bernardo, que durou seis anos.. Porque... aí eles começaram a ver né.. “Pô! O cara tá vivendo com outro cara! Vem aqui no natal com ele, viajaram pro exterior juntos”. Aí, eles gostaram do Bernardo, né.. e aí eles ficam, né... então, não tem mais coisa, não dá pra negar. Aí quando eles ligavam não dava pra perguntar só “Como é que você está?”, né. Aí eles perguntavam “E o Bernardo?”.. Até que belo um dia, meu próprio pai perguntou “E o seu companheiro como está?”. Aí eu, quem quase

desencarnou fui eu, né? **(risos)** Eu não sabia que resposta dar... “Ah! Tá bem!” **(risos)**

A **família de origem**, tem uma preocupação com ele, que mora em outra cidade e, agora, tem um filho para cuidar. O silêncio sobre a condição homossexual impera, mas, o colaborador respeita a postura e o limite dos seus entes queridos.

E aí, desde daí ele fala: “Ah! Mas não vai ficar mais difícil pra você, você tá sozinho, com um garoto... encontrar companheiro, uma pessoa pra viver com você”. E eu digo que não, que é assim mesmo. Tento tranquilizá-lo. E a minha mãe também já perguntou algumas coisas, né... o resto dos meus irmãos não fala nada. Eu tenho três irmãos, um mais velho, um mais novo e a minha irmã que é a caçula, é a mais nova. A minha irmã, **ela (ênfase)**, de vez em quando pergunta como é que eu tô, se eu tô com alguém... Eu sei que pra eles é difícil, assim... eu não sou daquelas pessoas que cobram que a família fale abertamente. Eu conheço bem a minha família, eles não estando agredindo já tá de bom tamanho. Então... eles têm uma coisa verbal muito forte, então, eles não estando agredindo verbalmente, já tá ótimo. E eu sei que é o máximo que eles conseguem ir...

No trecho a seguir, ele fala sobre os **mitos, medos e preconceitos** que a família tem, quando toma consciência de que um de seus componentes é homossexual.

... então, tem muita coisa assim de... muitos medos que as pessoas têm. E... em relação à homossexualidade, de achar que a pessoa vai ser explorada. Eu ouvia muito isso, na minha infância e adolescência. Esse meu tio, todo sério, ele... a família tinha muito medo do meu tio ser explorado por alguém então quando meu tio montou um salão pro companheiro dele.. todo mundo achava que o cara tava explorando ele. Mas, aí com o tempo eles viram que não.. que o companheiro do meu tio, pagou tudo o que meu tio tinha investido e eles começaram a perceber que não era bem assim... Mas, é difícil você lutar contra uma maré toda, remar contra a maré toda, imagine no nordeste... aliás, qualquer lugar... as pessoas tão sempre fazendo piadas, desqualificando, mas, ficam, né... é difícil de manejar isso aí.

O colaborador destaca a importância que a sexualidade tem na vida do indivíduo e chama a atenção para o **reducionismo** que, em geral, se faz somente para o sexo e, novamente ao **preconceito** contra os homossexuais.

Eu não sei, sabe, assim (**suspiro**)... as coisas da vida, que ficam mesmo... a sexualidade, a orientação sexual é uma parte disso... importante, mas... você não precisa ficar falando, conversando sobre isso o tempo inteiro... é uma coisa muito doida, assim. Porque eu sei o quanto a sexualidade é importante, mas ao mesmo tempo não dá pra você ficar falando dela.. o tempo inteiro, entende?... É algo pra ser vivido, não é? E em momentos que não precisam ser falados, não dá pra ser a pauta do dia, todo dia. Senão você fica doido. E uma... aí não transa (**risos**), não vive essa sexualidade. As pessoas escutam homossexual, reduzem a sexual e pensam que é só sexo. Isso é típico... e muito dos homossexuais, dos **homens (ênfase)** homossexuais, são culturalmente pra isso.

Ele aponta ainda a questão da incitação do homem (homo ou heterossexual) à exercer a sexualidade, desde pequeno, o que pode ocasionar a promiscuidade. Paralelamente, da mulher espera-se que tenha relacionamentos duradouros e atitudes mais recatadas, mais submissas. Diante disso, a noção de ativo e passivo, fica evidente nas concepções acerca do ser-homem e ser-mulher que a cultura vai construindo em nossa sociedade (GREEN, 2000, CHAUI, 1984).

O homem, heterossexual ou não, desde pequeno já é empurrado pra uma sexualidade mais ativa. E.. o homossexual como tem toda a pressão social, não corre o risco da gravidez, apesar de ter outros riscos.. a coisa fica muito efusiva, né assim, quando você começa a transar. Também não sei se isso não é outro preconceito também. As pessoas dizem “Ah, você passa ali no local X, tá os caras tudo ali paquerando, transando”. Ué! Mas, tem outros pontos da cidade que os heterossexuais fazem isso. Então, acho que é muito preconceito. Agora tem essa coisa do homem ser mais **incitado (ênfase)** mesmo a ter uma (**expressão da**) sexualidade mais ativa, pela família, pela cultura e aí acaba que... atualizando isso, tornando real isso, entre os homens...

Essa noção rígida de papéis sexuais dificulta as relações interpessoais tanto homo quanto heterossexuais, como Breno exemplifica a seguir:

Mas.. é um erro isso.. tanto que as pessoas se surpreendem “Nossa! Você teve seis anos um relacionamento?” Como eu conheço gente que teve muito mais... E, já com as mulheres é outra história, outro papo.. já se espera que as mulheres... fiquem juntas, quietinhas, né.. muitos anos num relacionamento. Então, tem essa coisa do.. em relação ao homossexual, do sexual e do papel, se é papel de macho ou de fêmea. Quem é o ativo, quem é o passivo? Essa coisa **ridícula!** (**ênfase**) Que as pessoas colocam na cabeça... e os homossexuais internalizam... é uma coisa que você precisa desinternalizar. Tem todo um trabalho na sua cabeça, pra você ver que isso não existe, que são bobagens. Mas, é isso... Esse ativo, passivo tem um monte de significados... começa na cama, sexual, né, quem vai ser penetrado, quem vai penetrar, mas, se desdobra nos papéis sociais. Porque que que acho que tem isso né? porque o modelo do casamento, da família nuclear e biparental (não sei o nome é esse) é muito forte. Então as pessoas ficam querendo adequar as parcerias a isso. Tanto que... uma família monoparental, a referência ainda é a família biparental. Então eles pegam os homossexuais e dizem “Vamos tentar adequar o casal que já existe”. Como se toda mulher fosse passiva e todo homem heterossexual fosse ativo. Quer dizer, eles confundem a questão da penetração. Um outro dia tinha até um amigo meu falando: “Mas, quem penetra é o homem” e eu respondi “É, mas a mulher pode ficar por cima, também”. Então, vamos deixar... enfim um apego até ao modelo animal de..de relacionamento. Se bem que até no mundo animal tem muita diversidade em relação a isso. Na hora que você começa a ler um pouco mais, você começa a entender. Enfim, tudo é uma mera construção, né. Que vira uma espécie de fantasma, né. Eu que trabalho com psicanálise, né, eu ataco a coisa por aí... e outros ramos da psicologia atacam por outros lados, mais social. Pelo lado das crenças familiares, mas eu, digo “Esse fantasma você construiu”. Eu atendi um rapaz que tinha esse tormento... “Ah, não! Eu **tenho** que ser o ativo, o macho”. “**Tem de ser?** (**ênfase**) Ou você **quer** (**ênfase**) ser?” Aí pronto, começou a minar a coisa daí. No fundo ele não queria ser era nada. Só queria estar com pessoa lá que ele gostava e... não importa de como, de que jeito, né. E é uma rigidez de papéis... que os heterossexuais sofrem muito com isso também. Um dia desses, eu escutei um rapaz também “Eu só queria que minha mulher fosse mais ativa, inclusive na cama... porque sou

sempre eu que tenho que tomar a iniciativa, sendo ativo”. Sabe lá se ela também não quer e... mas, pelos padrões familiares, sociais ela se bloqueia também. No fundo, no fundo a gente... se padroniza muito. Mas, a gente é difícil a gente viver no aberto, na abertura... sem papéis mais definidos.

A dificuldade que as pessoas têm para se flexibilizar diante de outros modelos é notável. Assim, um homem não pode ter amizade com uma mulher; se um homem faz carinho em outro homem

Isso aí é outra coisa, outro grande mito, mas, que realmente atrapalha mesmo. Eu mesmo, recentemente, vi uma colega de trabalho se afastar por confundir essas coisas e depois ela veio e me falou isso “Que tava confusa”. Eu disse “olha, toda a minha atenção pra ti, todo o meu cuidado, meu carinho pra ti é como amigo”. “Ah! Mas, não existe amizade entre homens e mulheres!”. E eu falei “Quem te disse isso?”. E aí ela falou... e eu respeitei, né, isso. E já outras pessoas, não isso é muito tranquilo né.. assim, mais calmo né. As pessoas seriam mais felizes se fossem mais flexíveis. É difícil isso. Eu também tenho minhas... minha rigidez, meus apegos, né, papéis.. tudo. Eu acho assim que... pra mim, eu acho que é mérito pra mim mesmo é tentar quebrar um pouco isso. Eu tento ficar no lugar do outro, né assim.

Penso no Júnior mesmo, eu fico tentando ver.. mas se eu fosse ele. O que a cabeça dele tá pensando... eu fico sempre tentando flexibilizar a coisa né. Essa coisa da **identidade (ênfase)** é muito fixada, principalmente a identidade sexual. **Aliás (ênfase)** a identidade, atualmente, né eu acho que é um dos motivos históricos, econômicos, políticos faz coincidir muito a identidade com a identidade sexual. E aí é complicado. Reduz muito, é complicado. Você encontra um homossexual que é promíscuo, só quer saber de sexo, transar, mas, você, de repente, encontra com um homossexual que é pai, que **quis (ênfase)** ser pai, que **optou (ênfase)** por ser pai. Então, a pessoa fica assim, passada. “Ué, não está **batendo (ênfase)** com a minha cartilha”.

Ao iniciar sua fala sobre a **rigidez de papéis**, Breno começa a delinear também a rigidez que perpassa a construção da idéia de pai, e retoma a **influência da família** nessa constituição:

Mas, também, a gente define muito. A própria questão de ser pai... “que tipo de pai sou eu?”, né. “Que pai sou eu?”... tem a novela que rei sou eu... (**risos**)

“Que pai sou eu?”... não sei. Tem coisas que eu pego do meu pai, tem coisas que eu pego da minha mãe. De pessoas que eu vejo aí... tem coisas que eu invento na hora, assim. Mas, as pessoas tendem a se fixar em modelos, em padrões... a própria... a sua própria pergunta, né... na constituição da homossexualidade... também eu acho que se você não tiver cuidado ela fica querendo padronizar... eu sei que não é essa a sua preocupação, mas tem algumas pesquisas que se subsidiam nisso que até pra causalidade tem padrões biológicos, é psicológico, é social, é inato, é adquirido? E fica difícil pensar numa diversidade de coisas atuando juntas... a mesma situação que... me... constituiu como homossexual, é a mesma que me constituiu como pai, né. Pelo que eu falei aqui... mas, o cara que abriu a creche depois de velho, tio Glória Gaynor. O outro que era aquele cara sisudo, responsável, mas, que também... ele pagou parte dos meus estudos. Eu tô me lembrando disso agora **(fala com emoção)**.

Nesse momento, Breno se emociona ao lembrar da função paterna/parental de seu tio, que pagou parte de seus estudos (e que ele repetiu a ação, ao pagar os estudos do sobrinho também):

É. Exatamente assim. O cara que viveu com ele durante 22 anos e.. faleceu agora, tem dois anos atrás. Era mais novo. Ele também tinha essa coisa de cuidar... **(pausa mais longa)** você pode até contrapor né a paternidade versus a homossexualidade. Mas, ao mesmo tempo você precisa lembrar que os mesmos ingredientes que fizeram o bolo da homossexualidade fizeram o bolo da paternidade. Eu acho que é muito legal isso **(afetividade parental)** os homens perdem muito o que... acho que as mulheres, algumas mulheres têm, essa coisa de cuidar, de passar a mão no cabelo, de fazer carinho... físico mesmo. Tem nada a ver com homossexualidade, lesbianismo não. Eu vi minha irmã com as amigas, vejo minhas amigas com as amigas delas, entendeu? E os homens perdem muito desse ganho, desse contato, desse toque... e... quando há isso, sempre é revertido pra questão sexual, né. Eu tava vendo um filme, um dia desses na Tv que era jogadores de beisebol que estavam numa tensão assim e, três deles dividiam o mesmo quarto e eles ficavam conversando, né. Aí um fazia massagem no braço do outro, porque beisebol, né, ficava com o braço dolorido.. e o amigo que tava aqui assistindo comigo, toda hora esperando uma cena homossexual... um ato sexual, homossexual. E aí eu falei: “Mas, não precisa disso... não tem nada a ver com

a história do filme. Não tem nada a ver.. eles estão apenas cuidando um do outro”.

O desejo de ser pai e a tomada de consciência desse desejo de ser pai

ocorreram quando Breno se deu conta de que os sobrinhos estavam crescendo:

Um belo dia o mais velho estava fazendo 18 anos, 17, um sobrinho de 17, né. E aí eu disse: “Não, a oportunidade de estar próximo deles, de crescer, passou”. Eu tive uma participação, **tenho (ênfase)** uma participação, mas é peculiar, mas é diferente de tio mesmo, um tio que mora em outra cidade. Aí junto com isso, passou, e... tô... é... tô querendo ser pai.

Para a **concretização da paternidade**, alguns complicadores e possíveis soluções foram aventados:

E como homossexual tem um complicador, né... E no início também, tive até uma amiga de Cidade Z que queria ter um filho e a gente tinha pensado em ter juntos, né e tudo. E a companheira dela também topou, era uma pessoa que tava incentivando e tudo. Mas, só que eu ia repetir a mesma história com os sobrinhos. Eles vivendo lá e eu aqui né. Aí eu pensei “Ah, não! Não é por aí não!” E... fiquei dourando a pílula, né.. tipo... enrolando né... e tudo mais.

(...) Hoje a gente tem uma variedade de possibilidades de famílias. No início eu pensava em ter... biológico mesmo. Só que é complicado isso. Não sei se pra mulher é mais fácil, não sei... mas pro homem é mais complicado. A mulher, de repente transa com alguém aí com o intuito de engravidar e engravida, né. O homem não né, precisa acompanhar essa companheira, né assim. Doar o esperma, por exemplo, e acompanhar. Por exemplo, no meu caso a gente (**refere-se ao casal de amigas de outro estado**) a gente só não levou à frente, porque ela e a companheira não queriam mudar pra cá e eu não queria mudar pra lá. Aí eu falei... “Não vou repetir a situação como com meus sobrinhos, né”. Quer dizer ser um tio à distância ser um pai à distância. Ter um filho biológico, sem constituir uma relação com a pessoa, pra mim é meio complicado, pensar isso, como homem. As mulheres não, né, eu já conheci... uma moça que saiu com um rapaz com o intuito de engravidar dele, sem que ele soubesse... né, aí depois perdeu ele de vista, engravidou e quando a criança já tava com um ano e poucos meses é que o cara começou a se tocar, começou a fazer as contas. Começou a procurar, a insistir e aí ela falou que era dele. E também porque era o sonho dela de produção

independente, a realidade acabou com ele e ela viu que era bem vinda a ajuda dele, não só material, como emocional. E também porque ela sentiu um pouco culpada de ter deixado o cara fora do processo e tudo. Se você for atrás de culpa aí... quem foi o responsável pelo o que, aí vai longe né... (**risos**)

Breno vivenciou dois relacionamentos **conjugais homossexuais**, dos quais o último durou seis anos. Com esse parceiro o desejo de ter filho já havia se manifestado. Quando relacionamento estava terminando, ele começou a desejar realmente concretizar a paternidade.

E... deixe-me ver, eu tive um relacionamento de quase seis anos e.. por esse relacionamento ser mais longo e também por ter coincidido com uma fase da minha vida que eu tava num emprego legal, que eu tinha uma grana pra comprar apartamento, carro, uma estabilidade... e... com um certo susto, né, porque meus sobrinhos são lá de Cidade Z.

Ao finalizar a relação conjugal, Breno tomou conhecimento de um programa chamado Pré-Natal da Adoção e foi em busca de informações sobre a **possibilidade de adotar** uma criança.

Esse relacionamento que eu tinha (**de seis anos**) acabou... já tem dois anos e pouco que acabou, definitivamente. A gente acabou, voltou, acabou, voltou. Mas, definitivamente já tem dois anos e pouco e... é... quase coincidindo com o final do relacionamento eu descobri aquele programa da adoção, aqui no (**cita o Estado**), né.. que é “Pré-Natal da adoção”, adoção legal que chama né. Então, porque eu tenho uma colega do meu trabalho... então eu fui lá, fui dar uma sapeada (**ver como é que funcionava**).

Ele fala sobre sua personalidade **cuidadora** que tem reflexos no seu modo de ser e até na escolha da profissão em que atua.

Bom. Deixe-me ver.. eu sempre fui aquele tipo de pessoa cuidador, né assim, sempre.. inclusive nos meus relacionamentos... às vezes dava algum tipo de problema, tipo assim eu ficava nessa função, de cuidado também, de ajudar, uma das coisas que eu percebi... as pessoas me davam toques também e.. eu sempre .. quis... quis cuidar de alguém, né. Eu sempre fui aquele tio, né,

participativo, mesmo distante, minha família não é daqui, não está aqui e eu sempre ajudei a cuidar, a pagar colégio, pagar médico, pra cuidar mesmo.. até a profissão que eu tô reflete um pouco isso.

Ele, então, decidiu entrar no Programa que dura, em média, seis meses para, conseguir a adoção. Ele conta as etapas pelas quais passou e tece algumas considerações sobre a proposta:

Aí fiz o pré-natal da adoção, que é uma espécie de avaliação psicossocial e, ao mesmo, de um entre aspas “treinamento”. Só que lá... até... que eu acho muito legal, assim... que tudo que é bom, precisa tá acontecendo pra ir se aperfeiçoando cada mais, né...e eu... lá é muito... voltado pra **casal (ênfase)**, casal infértil, ou então pra casal, sei lá, na meia idade, que os filhos foram embora e resolvem adotar é pra recém-nascido... e é só o que eu não sou né... Não sou um casal, sou solteiro, e... pra adoção do meu filho, é chamada de adoção tardia. Ele é criança de cinco anos, vai fazer seis agora. Quando eu o conheci ele tinha cinco. Mas, valeu, tá lá discutindo, tudo, valeu.

Breno narra as dificuldades e motivações que levam alguém pelos caminhos da adoção.

E aí eu comecei a ver as dificuldades no próprio pré-natal da adoção, né... que havia uma espécie de hostilidade das mulheres... não dos homens, assim, aliás eu percebo isso no geral, uma hostilidade das mulheres com os próprios companheiros assim, elas é que sabem ser mães, elas é que sabem cuidar, elas é que tão indo lá... atrás (**do filho**). Os caras vão a reboque, né... salvo uns dois casais apenas, que o movimento era do casal.

Entre os obstáculos que o colaborador cita estão: as dificuldades de gestar, falta de dialogo entre o casal (a motivação era apenas de uma das partes), a falta de compreensão do grupo que pleiteava a adoção sobre os motivos que levariam um homem só e homossexual desejar adotar, além da concorrência.

E elas, não entendiam muito bem, que que um cara (**sozinho e homossexual**)... e eu acho que elas perceberam também a orientação sexual, mesmo porque tinha umas vivências lá... tinha umas falas lá que acaba você

se expõe. E elas não entendiam. E ainda tinha a concorrência né, porque... Ainda bem que eu não queria recém-nascido, porque aí acho que essa hostilidade iria ficar bem mais... visível. Mas, teve o jogo de cintura das psicólogas, das assistentes sociais que tocam o programa, que conseguiram equilibrar isso aí, né, conseguiram harmonizar. Acho que pelo meu perfil também, né, porque eu não sou uma pessoa encenqueira, que põe dificuldades ou que se melindra. Eu falei “Não, eu tô nesse processo, como todo mundo aqui, se eu fui aceito, pra tá nesse programa, tem vários psicólogos, assistente social, num tô doido, num tô jogando pedra na Lua, tenho os mesmos direitos, né.” E aí é isso, né, assim.

Diversas questões sobre a adoção perpassam pelos adotantes e suas motivações e/ou informações (corretas ou não) podem levar a preconceitos. Figuêiredo (2003) e Weber (2003 a, b) discorrem sobre o preconceito que cerca o pleito à adoção, de modo geral e, em especial à adoção para homossexuais.

O processo de preparo pelo qual passam os candidatos à adoção de que Breno participou foi mais demorado e durou cerca de nove meses.

Eu fiz o pré-natal da adoção... comigo foi um pouco diferente, porque leva seis meses e eu fiz num pouco mais, porque minha mãe adoeceu, tive que interromper, viajei pra Cidade Z, aí quando eu voltei eu tava um pouco chateado com a doença dela, também estava preocupado com minha defesa de tese de doutorado. Aí quando eu retornei... eu sei que levou uns 9 meses ao invés de seis. Aí eu acho que foi, mais ou menos... finalizei. Aí eu até recebi um certificado, né... simbólico, né. Tipo em Outubro... tem um ano mais ou menos, nós estamos em setembro, então, tipo setembro, outubro, finalizei.

Após a finalização do processo há a entrega de um certificado e, em seguida, inicia-se a escolha das crianças: em primeiro lugar, por intermédio de fotos e, posteriormente com visita às instituições nas quais elas estão abrigadas.

E aí fiquei indo lá, visitando, pra olhar fotos de crianças. Eu queria uma criança mais velha mesmo, assim... três anos. Sou sozinho, contratei babá, essas coisas todas... mas, uma criança de colo, assim eu... não tinha muita

segurança, hoje eu vejo que é bobagem. Mas, mas... fiquei naquela e... eles me mostravam as fotos de crianças, né. E aí eu não tava gostando da experiência de ficar vendo fotos, né.. e elas (**a equipe**) ficaram de agendar visitas às instituições... você visita a instituição, a criança não sabe... que você tá lá pra ver aquela criança, né. Mas, é pra visitar a instituição.

Breno conta que, na primeira Instituição que visitou conheceu Júnior. Do momento em que ele o conheceu até a mudança definitiva, o processo foi bastante rápido (durou menos de um mês).

E aí, na primeira que eu fui (**sorri**) né, que eu conheci... é... fiquei interessado.. é um sentimento muito estranho assim, é uma estranheza e ao mesmo tempo um interesse, né. E o processo foi se desenvolvendo... e, eu o conheci **Júnior** em dezembro... é... seis de dezembro.. e eu comecei a sair e tudo... aí teve o natal, o ano-novo... e aí no dia nove de janeiro, ele veio aqui pra casa, definitivamente, mas, não oficialmente, nos papéis, né. Mas, eu já sabia que... que era definitivo.

Breno fala da **ambivalência de sentimentos** seus e de amigos quanto à adoção, desvelando ainda mais uma vez a homofobia internalizada e o preconceito:

Então, teve esse período aí que é rápido, mas também não tem como ser lento. A criança não pode ficar indo, indo e aí seis meses depois você diz que não. Porque no início, você vai visitar a instituição, mas com o tempo você começa a sair com a criança, passear com ela... então, cria um vínculo né, muito legal... deixe-me ver... as dificuldades, a questão das dificuldades, facilidades... é muito ambivalente, assim né. Primeiro, os meus próprios amigos homossexuais, 90% eram explicitamente contra. E pelas mais diversas razões, pelos mais diversos motivos.. tanto colocando o perigo na criança...

A fala dele vai ao encontro do que diz Figuêiredo (2003) acerca dos **mitos e preconceitos** que permeiam a idéia de **adoção** como: a questão da origem da criança e suas possíveis “seqüelas” genéticas e/ ou sociais (criminalidade, doença mental, dentre outras); o fato de ser uma adoção tardia, fato que geraria maior inadaptabilidade da

criança e, por fim o próprio preconceito que veio da maior parte de seus amigos homossexuais, declaradamente contrários a esta atitude.

Ah! Você não sabe que criança é essa! Você não sabe a genética da família, a história das relações familiares, pode ser filho de um criminoso, de um viciado.. essas coisas assim. E... aí colocando o perigo em mim... o que é que eu vou fazer com a cabeça dessa criança?. Esse menino vai crescer revoltado... porque não é uma família típica. É melhor deixar ele lá na instituição, porque...

(...) Essa coisa de adoção tardia também é uma coisa que tem preconceito. As pessoas dizem “Ah! Você já adotou ele já faz muito tempo?” Aí eu digo: “Não. Não faz nem um ano ainda.” “Então ele já foi grandinho?” E eu percebo que tem diferença do que se eu tivesse adotado bebê.. assim... sobre o medo de orientação sexual dele, de ele vir a ser gay como muitas pessoas pensam... vem a resposta clássica dos homossexuais “Mas, meus pais eram heterossexuais!” Não vou nem ficar repetindo, entrando nisso.

Weber (2003) e Figueirêdo (2003) apontam diversos mitos que permeiam a idéia de adoção, em especial, à adoção tardia. Breno assevera:

Tem muito preconceito com essa adoção tardia, principalmente, entre os adotantes. Eu tenho duas amigas (**homossexuais**), que elas falam textualmente pra mim que o que nós fizemos, eu e Júnior, mudou a cabeça delas em relação à adoção tardia. Porque elas têm três filhos adotivos, não como casal homossexual, mas, da fulana solteira, homossexual... nem homossexual, pra justiça, da fulana solteira, da cicrana solteira. Então, têm três, o mais velho tem 13 anos, o do meio tem 5, e a recém-nascida que vai fazer um ano agora, em outubro, também. Elas tinham muito preconceito, que a criança já devia estar cheia de vícios da instituição... que era muito problemático... não conhecer os pais, porque elas conhecem os pais biológicos mas, perderam contato, cortaram o contato, mas, conhecem. Então, de não saber quem é, as origens e tudo. Que jamais fariam isso, mas, agora já mudou, de ver que não é tão diferente assim... e... mas, é um preconceito que as pessoas têm, porque tudo de errado que dá, qualquer coisa assim, de errado, não errado, nem de errado, mas qualquer particularidade “Ah! Mas deve ser da instituição!”, “Será que não é da família dele de origem?”, né, eu mesmo já me peguei com essas coisas, né.. algumas coisas

que ele faz... “Saco! O menino deixou a instituição, mas a instituição não o deixou!” Aquela história do matuto que deixa a roça, sai da roça, mas a roça não sai dele.. eu mesmo me já polício com isso.

O fato de Breno ser pai solteiro já o leva a ter uma vivência que diverge da maior parte das famílias monoparentais que, em geral, são chefiadas por mulheres. No convívio com as pessoas da **escola**, ele é exceção ao buscar o filho, participar de reuniões, pois, essa função é “naturalizada” às mães e às mulheres.

Ele tem uma vida assim... peculiar, diferente, né.. eu vejo lá na escolinha dele, mesmo. Porque eu sou um dos poucos pais homens, que vai buscar, deixar... pegar ele no final da aula. Os colegas dele me adoram... eu chego lá e morro de rir, eles vêm... “Tio, tio”, correndo assim. Mas, é diferente né. Ele não tem uma mãe. Mas, se você ver.. eu não sinto muito, **por parte dos professores, das professoras né (ênfase)** são todas mulheres, nem dos pais que estão por lá eu num... um tratamento diferenciado não. Eu fui até padrinho da turma dele, na olimpíada lá. E... as pessoas, se não gostam, não falam. E se gostam também, não têm muito... expressão de espanto. E, é isso, né!

Ao falar sobre a vivência da **paternidade/ parentalidade**, Breno fala dos questionamentos e aprendizados do filho, que troca com ele as impressões do que houve na **escola**, por exemplo, com relação a questões de ligadas ao comportamento sexual:

Hoje mesmo ele me perguntou, porque ele viu na televisão um casal se beijando, ele perguntou “Criança pode beijar na boca?” E aí eu falei, eu perguntei “Ué, porque?” Aí ele disse que o coleguinha Gil tinha dado beijo na boca da coleguinha Raquel e a tia, a professora, tinha colocado bilhete na agenda dos dois, porque tava assim muito... “Muito como?” “Porque todo dia, a tia tá separando os dois”. Aí eu falei “Olha, Júnior, aí tem alguma coisa, a tia deve tá querendo conversar com o papai dele, a mamãe dele, o papai dele, a mamãe dela, pra saber o que que tá acontecendo e tudo”. Porque eu conheço a professora e ela é uma pessoa de cabeça muito aberta...então deve ser alguma coisa que ela tá preocupada. Senão ela não ia chamar à toa, nem preconceituosamente, não. E até nisso ele deu sorte também. E aí eu falei “Olha, se você tá namorando, vai poder beijar, mas como você acabou

de ver na televisão, só quando a gente ficar maior, a gente vai poder namorar”. E ele “Ah! Tá certo!” E aí passou.

O interesse de Junior é dirigido para as meninas, na percepção de Breno e do parceiro com quem estava saindo. Ele fala sobre a **possível orientação afetivo-sexual do filho**:

E ele tem um interesse pelas meninas, a gente percebe isso. Eu percebo isso. Já andei sondando com a pessoa com quem eu estava namorando e ele também já percebia isso. Então... mas, tem essa influência, tem essa preocupação das pessoas... mas, eu não ligo muito não... confesso que eu não paro muito pra pensar nisso não, sabe? Assim, como diz uma amiga minha, tem hora que tem que ligar o botão do foda-se e continuar andando, porque senão você fica doido.

(...) Exato, é que eu sei que **não é (ênfase)**, eu não sei explicar pras pessoas e nem sei se eu **preciso explicar (ênfase)**. E também não é... e acabou! Ele vai me copiar em algumas coisas, eu vou ser modelo pra ele em algumas coisas, mas essa questão sexual não é assim de bloco. “Ah! Seu pai é homossexual, bissexual ou heterossexual” e a criança vai ser igual. Entram aí outros... muitos vários fatores, muitas coisas... e eu tenho as minhas próprias **preocupações (ênfase)**, assim, a **minha relação (ênfase)** com ele e a homossexualidade.

Breno retoma, em seus dizeres o quanto se assustou com as atitudes e posturas preconceituosas das pessoas de sua **rede social de amigos** homossexuais mais próximos que se negavam a tocar no assunto e instituíam o silêncio como forma de reagir ao que não queria falar.

Eu me surpreendi com alguns amigos homossexuais mesmo, assim, de... de amigos, muito próximos, de levar um susto com a postura deles. E que hoje, mudou muito, né assim... teve amigo que **não falava no assunto (ênfase)**... eu começava a falar no assunto, ele desconversava, mudava de assunto. E hoje não.. vem aqui brinca com o **Júnior (ênfase)**. Hoje mesmo nós almoçamos juntos, aí ele conversou, brincou com o Júnior . E.. enfim, alguns mudaram, mas outros não, continuam achando que é loucura... já escutei expressões assim “Você vai fuder a cabeça desse menino!”.

A **família de origem** também foi contrária à **adoção**, pelas mesmas razões que os amigos. Porém, ao estabelecer contato, ao amadurecer a idéia de uma nova criança na família, a aceitação começa a ocorrer.

Família, no início, foi inteiramente contra, explicitamente contra, né.. assim, com os mesmos argumentos que eu já te falei, né. “Você não sabe qual a origem desse menino!” “Você vai fuder a cabeça desse menino!” São as expressões que mais ficaram na minha cabeça.. e... mas, quando viram que a coisa era definitiva e quando começaram a falar no telefone com ele, eu botava pra falar, aí já mudou completamente. A minha mãe mesmo, que era uma das pessoas mais contra mesmo, não sei se por causa da doença dela, ela teve câncer... se ela não remanejou as coisas... mas, hoje em dia, eles falam no telefone, sabe, ficam conversando, perguntando. Eles se conhecem por foto. E ele fica “Ah! Essa aqui é minha avó?” E ela fica querendo que ele vá lá. E é isso!

O fato de se deparar com a possibilidade de finitude (como foi o caso da mãe de Breno) e a chegada de uma nova criança como possibilidade de recomeço a fizeram re-significar a visão que tinha do neto adotivo. Embora ainda não se conheçam pessoalmente, o desejo de encontro já existe de ambas as partes.

O colaborador diz que amigos heterossexuais, se tiveram preconceito, não se manifestaram tão abertamente, embora ele acredite, que eles tenham aceitado bem essa decisão.

E dos heterossexuais que sabem da minha condição (**homossexual**) eu não tive nada. Ou se pensam, não falam. E de outros eu tive aceitação explícita, tanto homo quanto hetero. Mas, assim, falando nos homossexuais, a maioria, foi contra mesmo. A maioria grande mesmo. Quem aceitou, aceitou explicitamente.

Breno reclama da visão de algumas pessoas com as quais convive de que é um “herói”, “corajoso” ou magnânimo.

E teve aqueles também “Ah! Não sei se é vai ser uma boa, se vai ser ruim, mas, vai lá, vê!” Eu fico numa situação meio chata, que eu acho, é que o povo fica me vendo como herói... sabe? “Ah! Você é muito corajoso!” ou então muito bondoso. “Ah! Você é uma pessoa muito boa!” E não é isso!

E reage com indignação enfatizando seu **desejo de ser** realmente **pai**. Diversas pessoas o acusaram de utilizar a adoção como subterfúgio para suprir suas carências.

Eu quis ser pai, eu quero ser pai, eu sou pai! (ênfase) porque até fui acusado de...de... tá tapando minhas carências.. coisas relacionadas com namoro, com casamento, né, homossexual.. com o garoto, não assim de, pra **fazer sexo não (ênfase)**, não é isso não. Mas é assim, tipo “Ah! Você saiu do relacionamento, tá frustrado... com o relacionamento... então você tá querendo investir em outra coisa”. **Mas, não é! (ênfase)** são situações diferentes assim.

Ressaltamos, que se uma pessoa heterossexual decidisse ter um filho, provavelmente não receberia esse tipo de questionamento. Tal homofobia refere-se mais uma vez à internalização do modelo heterocêntrico, de tal forma que torna-se bastante difícil crer que duas vivências tão distintas quanto a paternidade/ parentalidade e a afetivo-sexual possam ser compatibilizadas. Breno prossegue;

Porque eu continuo tendo interesse em outros homens, quero ainda encontrar alguém pra constituir uma vida a dois, né, assim.. mais estável. E... é outro tipo de sentimento, é outro tipo de afeto. Passa longe dessa coisa... e, enfim... tem.. é... sei lá...

(...) Mas, a gente que tá vivendo, vivenciando no cotidiano, **são coisas tão diferentes (ênfase)**, tão diferentes, modelos, atitudes, posturas em relação à criança, é de **pai (ênfase)**, né... aproximando uma palavra que eu nem sei se é legal, é de educador, de formador, mais do que educador.. é de pai. Mas, claro, é uma coisa de ensinar e aprender, é uma coisa de pai, né.. assim, não é uma coisa de, de... sexual, sexualizada, não é uma coisa assim.

Ele fala, enternecido sobre a **vivência da paternidade** e dos encantos e desencantos que acompanham esta nova experiência em sua vida. O desenvolvimento do filho é algo que o surpreende cotidianamente.

Isso pra mim é..agora, é muito tranquilo. Então é acompanhar... Essas coisas de pai mesmo, acompanhar o desenvolvimento, a relação afetiva é muito peculiar... (...) O facilitador é a própria relação mesmo. Sei lá, hoje ele tava contando assim... esse meu amigo né, que almoçou com a gente falou: “Conta até 10” e ele ficou contando 1, 2, 3, 4, 5...10. “E depois do 10?” Aí ele... voltou pro 1 e contou até o 11. Mas, antes ele fazia isso com os dedos, agora ele já faz mentalmente... não sei se você tá entendendo... e é um barato você acompanhar essas conquistas! (**fala empolgado**) Outra vez eu tava dirigindo o carro e aí ele viu aqui... tem muito apartamento pra vender aqui nessa região (**onde moram**) e ele viu a faixa... e perguntou “O que tem escrito?” “Eu disse, vende-se apartamentos”. E aí as faixas iguais ele falava “Ah! Vende-se apartamento!” Tem coisas assim que você vai... acompanhando. Às vezes eu dou umas broncas com ele, quando ele tá aprontando muito. Aí hoje no carro ele falou assim: “Eu gosto muito do papai e eu sei que o papai gosta muito de mim, apesar de ser... de eu, às vezes, ser teimoso”. São coisas, são coisas assim que você vai conquistando, pequenas coisas mesmo. Eu acho que isso... não sei se facilitador é o termo, mas isso é que vai animando a gente... a própria relação.

Breno estava solteiro no momento da adoção. Tinha acabado de sair de um relacionamento com um rapaz que, com a chegada de Júnior acabou se reaproximando. Namoraram por mais um tempo e se separaram definitivamente. Contudo, Júnior estabeleceu um forte vínculo com esse ex-parceiro de Breno. Por ter sido abandonado por vários anos, já que no momento da adoção Júnior tinha cinco anos, o cuidado de Breno e seu ex-parceiro em não abandoná-lo desfazendo esse vínculo afetivo desvela nuances da relação EU-TU.

Não. Quando ele chegou, eu estava solteiro. Essa pessoa com que eu estive, eu estive antes, aí acabou.. passou seis meses... e aí coincidiu com a vinda do Júnior, né... e a reaproximação dessa pessoa. E, essa pessoa é tio... tem um

sobrinho da idade do Júnior , o que até ajudou na nossa reaproximação. E... a gente foi ficando juntos, e... foi uma coisa... parecida assim. Até o Júnior tem ele como uma referência muito forte. Ontem mesmo, eles saíram pra passear.. ele, o Júnior e o sobrinho, né da mesma idade do Júnior. Porque a gente cuidou, porque a gente acabou agora há pouco tempo, a gente cuidou de.. tanto era uma coisa minha, quanto dele, né... nós cuidamos de não... porque acabou o relacionamento entre nós, mas entre eles não. E a gente se tornou amigo, isso é uma coisa que ajudou muito também.

Breno expressa suas **preocupações com o bem-estar** de Júnior e, por esta razão passa a ser mais cauteloso e evita se expor a situações de risco, como por exemplo ficar até tarde na rua. Além disso, como ele deixa claro, ele tem duas famílias (a de origem e a que forma com Júnior) e o filho só tem uma: a que forma com Breno. Ainda que a segunda seja reconhecida juridicamente apenas no âmbito do pai adotivo solteiro. Ressaltamos que a necessidade de compreender o funcionamento das famílias homossexuais, deve-se em grande parte à ausência de modelos que não sejam apenas o já citado modelo heterocêntrico.

A documentação que legitima sua função paterna ainda não havia saído, à época da entrevista e, por isso mesmo, Breno expressa sua inquietação:

Não peguei ainda a guarda definitiva... isso eu tenho muita dificuldade, eu estou vivendo, vivenciando uma expressão que é muito comum que é a morosidade da justiça. Eu tô vivenciando isso. O Júnior tá aqui desde Janeiro, nós estamos praticamente em outubro. Eu tenho a guarda provisória que só foi sair em agosto. De janeiro até agosto, num tinha uma definição legal... assim, eu estava com uma criança dentro de casa... porque nem um papel dizendo que está num trâmite, não tem, não existe esse expediente, né. Então, ele tava aqui... às vezes, até numa blitz de carro eu tinha receio, se pedisse um documento, eu não tenho nada. Ou se, plano de saúde, só em Agosto que eu fiz o plano de saúde, por conta do... com a guarda provisória. Com a guarda provisória você pode fazer, fazer o plano de saúde. A certidão de nascimento pega, mas não adianta porque não tá no seu nome. O que eu peguei foi uma declaração da instituição em que ele estava, que estavam me

entregando a criança... em gozo de saúde física e mental e, e nem assim a pedido da justiça era... é só estamos entregando... e o meu pedido de adoção. A cópia do meu pedido de adoção.

Essa morosidade da justiça traz muitos temores ao adotante, como Breno deixa claro. Como fazer um plano de saúde? Como inserir a criança na escola? Se, para viajar é necessária a apresentação da certidão de nascimento e nela não consta o nome do adotante, como se responsabilizar (e ser responsabilizado) pelos cuidados com a criança?

A escola aceitou, né... assim. Mesmo porque a escola é dentro do local do meu trabalho. Se fosse em outro local, acho que teria dado problema. Mas as pessoas me conhecem, me vêem ali todo dia. E... assim tá desse jeito.

Ele narra os **trâmites do processo** em que o **preconceito** aparece visivelmente:

O juiz mandou... voltou o processo. Porque assim, quem tá, quem faz esse pré-natal da adoção... o juiz anterior, como o setor é dentro da própria Vara da Infância, são psicólogos e assistentes sociais da Vara da Infância, o juiz anterior pegava lá... então vamos dizer, seu nome tava lá, então ele dizia: “Bom, já passou pela avaliação psicossocial, ok.” Ele confiava nas psicólogas e assistentes sociais do próprio setor dele lá. Eu dei o azar porque mudou o juiz, chegou um juiz... que a minha leitura é que não confia nos profissionais ou tem algum problema político. Aí, resultado, quando o meu processo chegou ele mandou fazer uma nova avaliação psicossocial. Eu já tinha passado nove meses... Ridículo! Porque... fazer avaliação psicossocial com o povo que já me conhecia do pré-natal da adoção?!

Assim como na área da saúde e educação o desconhecimento, o **preconceito** e a **discriminação** são freqüentes, na área **jurídica**, o mesmo ocorre. A mudança de juiz pára e/ou reinicia o processo, pois desconsidera o vínculo parental que já possa existir, aumentando a tensão e a expectativa do adotante. Breno deixa claro que o porquê de ter que recomeçar todo o processo foi o fato de ser homossexual:

Teve! Eu acho que sim... E as psicólogas deixaram escapar isso... elas não me falaram assim, textualmente, mas deixaram escapar que era porque eu era solteiro e homossexual. Né, então, eu vejo como uma das dificuldades, né, o próprio preconceito da justiça. Aí fui lá, fiz uma outra entrevista, uma entrevista que as pessoas só iam mesmo, como é que chama? Que elas iam refazendo, relendo comigo. E... elas perceberam que já tinha uma relação de pai e filho.

A equipe refez o laudo, reiterando a aptidão que já havia sido declarada:

E foi o que elas colocaram no laudo, acrescentando né. E elas fizeram um laudo engraçado...(risos) assim “Como nós já tínhamos dado o parecer de que a pessoa era apta, enfim pra adoção, para adotar, e gostaria de frisar que já existe uma relação filial entre eles”. E aí foi pra lá... pro juiz, aí foi pro Curador de ausentes, isso porque não apareceu ninguém, eles mandaram fazer... pro edital público. Porque eles fazem um edital público porque se algum parente biológico dele aparecesse e fosse requer alguma coisa, não apareceu ninguém. Foi pro Curador de Ausentes, do Curador de Ausentes voltou pro juiz... e aí tá parado, ninguém sabe nada, tá lá com ele. Sem previsão... a última vez que eu tive lá, o pessoal do setor de adoção disse que não tinha mais o que fazer, porque eles estavam confiantes que ia sair, até o final do ano ia sair. Porque o juiz não tem mais nada o que fazer, assim. Tem uma junta que disse ok... lançou-se o edital de convocação de parentes, não apareceu ninguém. Já existe uma relação filial constituída e tudo, que não tem o que... Ele poderia pedir uma audiência pra ver a minha cara, tipo “Ah! É você?” O que seria o cúmulo do politicamente incorreto para com o setor psicossocial dele, da própria Vara da Infância. Estaria desautorizando o trabalho do pessoal dele.

A atitude do Juiz, na opinião de Breno, desvela o **preconceito** existente, em relação à própria equipe e suas áreas de atuação e quanto à homossexualidade.

É horrível! Porque aí você tem uma mistura de preconceito em relação à homossexualidade, preconceito em relação a psicólogos e assistente social, porque é um juiz, uma pessoa que fez direito, que tem preconceito em relação a essas profissões. Porque lá dentro isso fica entre aspas “claro”, você percebe esse mal-estar. Coisa que o juiz anterior não tinha. Ele confiava nessas profissões e ele não era uma pessoa preconceituosa em relação à homossexualidade.

Ao decidir pela adoção, Breno deixou explícita, sua orientação afetivo-sexual e questionou se isso seria impedimento para pleitear a adoção. A equipe o tranquilizou, pois o Juiz anterior não tinha objeções quanto à adoção para homossexuais, embora nem todo homossexual que adote, afirme abertamente ser homossexual.

Eu abri sempre, desde sempre, né. Porque eu falei, “pô!” Porque quando eu fui pra lá eu disse “Ô coleguinha, olha, se a homossexualidade for impedimento, me digam logo que eu não faço, eu nem entro nesse processo”. Mas, não era, né... E eu percebia que as psicólogas, as assistentes sociais ficavam tranquilas **também (ênfase)**, porque o juiz não tinha problemas em relação a isso. E agora com esse novo você já percebe que o clima mudou, que elas ficam mais tensas e tal. Tem muitos homossexuais que adotam, mas que não abrem que são homossexuais, mulheres, principalmente. Mas, eu acho que fica claro, nas entrevistas, com as psicólogas, com a assistente social não tem jeito de isso não aparecer, mas, a pessoa não fala textualmente. E no meu processo, né, que é muito engraçado, porque eu já vi e tem lá “declarou ser homossexual” e, pelo parecer dela é como se fosse uma coisa positiva. Mas, eu percebi que as pessoas não abrem não. As mulheres que eu vi lá no grupo (**pré-natal**) eu percebi umas duas, nem pra mim, elas nem vinham conversar comigo, medo de... “Ah! Tá conversando com ele, deve ser homossexual também”, né, alguma coisa assim. Eu acho que percebi também um rapaz lá, mas que desistiu, parece que ia ficar cuidando do filho de uma amiga que ia embora para o exterior e ia deixar com ele. E ele desistiu... durante o pré-natal.

A vivência de novas relações afetivo-sexuais acaba por tomar uma dimensão diferente, pois, o preconceito com pessoas sozinhas e com filhos existe, de modo geral, e, pode provocar o afastamento de relações potenciais.

Agora é difícil, já é difícil pra uma pessoa solteira, uma pessoa livre, desimpedida, agora imagina com um filho... E eu também fiquei mais, não sei se é cauteloso, mas foi a palavra que me veio, foi essa. Então às vezes eu não faço mais algumas coisas que eu fazia antes, quando era solteiro, livre, a exposição a algumas situações de risco... sei lá.. se é de risco ou paranóia minha, mas... de ficar até altas horas da noite na rua... Eu não sou o tipo de pessoa que fica, que tenha comportamentos de risco, tanto sexuais quanto

sociais, não é o meu perfil não. Mas, mesmo assim, às vezes eu fico.. Ah! Se eu for prum bar, voltar de madrugada, se acontecer alguma coisa, que que vai ser do Júnior? Eu tô com um parente agora que também tá doente, eu fico pensando assim, ele também tem filhos, são sobrinhos meus. E eu fico pensando, se acontecer alguma coisa comigo. E, como é que vai ficar? Eu ainda preciso, como nós moramos em cidades diferentes, a minha família e eu e o Júnior. Eu tenho duas famílias assim: eu e ele, e a minha família. Então eu preciso ainda fazer uma aproximação, né, assim, de vincular os dois.. e... nessa coisa de relacionamento que você perguntou.. eu sei que é difícil e as pessoas se assustam. Eu mesmo conheci há pouco tempo um rapaz, né, super gente boa, professor, inclusive dessa faixa etária que ele (**Júnior**) tá. É raro você encontrar um professor de maternal, jardim de infância, professor homem. E aí eu falei, conversando com ele, que tinha um filho e eu percebi que ele se afastou por conta disso. E.. mas, enfim, faz parte, né.

Breno fala sobre o pré-natal da adoção e as modificações que ocorreram em sua execução.

É. São seis meses, eu fiquei nove, como eu te falei. Eu até critiquei, porque era muito voltado pros casais e recém- nascidos, mas, eu acho super válido. Eu acho que.. e agora eles estão com grupos pra solteiros, não só homossexuais, mas, pra solteiros, porque também tem heterossexuais solteiros que adotam. É... e também tão mais ligados nessa coisa da adoção tardia. Na minha época não, ainda era mais nesses moldes que te falei.

Ao falar dos **encantos e desencantos da vivência da paternidade/parentalidade**, Breno conta como defende o filho:

Essas minhas amigas, uma vez tava ele e o menino que tem a mesma idade dele, se abraçando, quase se beijando e aí, uma delas veio falar comigo, assim... porque o Júnior tá com a psicóloga, “Ah! Você precisa falar com a psicóloga dele, porque sabe lá...” eu disse “Tá, no dia que você falar com a psicóloga do seu filho, eu falo com a minha”. A gente vai ficando meio... bravinho, com essas coisas. Eu sou uma pessoa calma, mas, se mexer com ele eu já... a coisa muda de figura. E.. a pessoa levou um susto assim. Porque o meu tem que levar pra psicóloga e o seu não? “Ah! Mas, ele não tem psicóloga!” “Então, arranja uma! Ou vai conversar com a do Júnior

também”. Aí, depois ela me pediu desculpas, porque o comportamento era dos dois. Depois que passou, ficou claro que a pessoa que mais incitava o comportamento era o outro, não era nem ele (**Júnior**). Coisa de menino. Fui menino também, não é nem coisa de homossexualidade, é coisa de garoto, cinco anos, curiosidade. E.. é isso!

Sobre o momento **de revelar sua homossexualidade (coming-out)** para o filho, Breno, traz um exemplo de alguém que conhece e que não lida bem com o fato de o pai ser homossexual.

No futuro eu não sei... como é que ele vai se posicionar diante disso. Eu conheço uma pessoa que tem um filho biológico e que é homossexual, que já tem sessenta e poucos anos e o filho tem trinta e tantos e que eles têm uma relação muito difícil, muito agressiva, principalmente por parte do filho em relação ao pai. Eu já pude acompanhar e vi que o pai não tá de vítima da história não. Que há uma dificuldade do filho ter o pai homossexual e a esposa do filho também não ajuda, nessa questão. Eles não sabem lidar bem com isso, eu até lhes recomendei eles irem no psicólogo. E... começaram a ir, agora que a coisa melhorou um pouco, pelo menos a agressividade.

Breno assinala um aspecto que já discutimos anteriormente: **a criança vai percebendo os relacionamentos** que o pai estabelece, como ele percebeu o de seus pais. O colaborador expressa também seus temores quanto à relação de proximidade que poderá ter ou não com seu filho:

E ele (**Júnior**) não vai descobrir assim que sou homossexual. Ele vai crescendo e vai percebendo isso. Não é dizer assim.. ah!... Algumas pessoas perguntam: “E quando ele descobrir que você é homossexual?” Eu digo: “Não vai acontecer isso! Ele tá crescendo aqui junto comigo. Ele vai perceber. Vai ter as percepções dele. Eu não sei como é que isso... no futuro... como é que ele vai...né”. Assim como eu, eu via o relacionamento dos meus pais e tinha coisa que eu não gostava e que ficava silenciado, ao mesmo tempo, isso cobrava um preço que era a distância. Eu não concordava com algumas coisas que eles viviam, faziam... e ficava na minha mas, ao mesmo tempo, se estabelecia uma distância, né... E eu tenho um certo receio que isso aconteça.. então eu já tenho minhas próprias preocupações, assim. Ao mesmo

tempo, os meus sobrinhos todos sabem, da minha vida, me respeitam muito, nunca ninguém me faltou com o respeito na minha família. Meus irmãos, às vezes a gente brigava e eles diziam “Ah! Seu viado!” Não sei o que, mas, na hora do pega pra capar, tá todo mundo junto, né! Então, não posso dizer que sofri preconceito na minha família. Como eu vejo com jovens com quem eu trabalho, que sofreram agressões físicas, foram expulsos de casa. Graças a Deus, eu não tive isso! E.. mas, isso é um ponto que me preocupa.

À medida que vai falando, Breno começa a re-significar o quanto a pressão social que existe em torno dos cuidados parentais de um homem solteiro e homossexual podem afetar sua relação com o filho. Essa cobrança externa se expressa internamente na rigidez com que ele exige do filho: sucesso, boas notas, bom comportamento e para que as pessoas não digam que o filho teve alguma atitude por **influência da criação apenas pelo pai**:

E... (**pausa**) Agora falando contigo eu tô vendo que essa coisa tem influência, dos outros. “Ah! Criado por um homem”. Já é uma coisa assim que a sociedade já acha estranha.. assim monoparental.. e homossexual, né.. Porque.. eu disse que eu não ligava, mas a gente acaba ligando. Eu percebo que às vezes eu sou muito rígido com ele. Eu quero que ele se comporte bem, que ele tire boas notas... E parte disso, **parte né (ênfase)** é pra não dizerem “Tá vendo? Ele fracassou, ele é mal comportado porque foi criado por um homossexual”. E às vezes, quando eu me pego, eu me policio. Uma vez um amigo meu me falou: “Você é muito severo com ele!” Mas... eu fiquei puto, porque todo mundo, principalmente quem não tem filhos, sabe criar muito bem o filho dos outros. E aí eu fiquei muito puto na hora. Mas, depois eu fiquei pensando... eu acho que às vezes eu fico querendo a perfeição, sabe? E eu acho que um dos motivos é esse... de...de... tapar a boca das pessoas. De, se alguém falar, não dar motivo pra ninguém falar de nós. Mas, acho que é uma coisa que eu preciso ir trabalhando, né.

Essa **cobrança** (tanto interna quanto externa) por ser bom pai é algo que está associada à família, de modo geral, mas, principalmente, à monoparental, acrescida de

uma cobrança a mais de ser melhor ainda, por ser homossexual o que dificulta a entrada no mundo do TU. Breno soma essas **cobranças aos homossexuais**, de maneira geral:

É, mas isso é muito comum com os homossexuais. Assim, você tem que ser o melhor profissional, tem que ser a pessoa mais ética do mundo, **porque (ênfase)** você é homossexual. Como se a homossexualidade fosse uma mancha, um defeito e você tivesse que ser... muito bom, muito eficiente pra compensar esse problema. Isso até acho que eu já.. já resolvi, em relação à profissão, mas, com ele (**com o filho**) eu tô vendo que tá aparecendo de novo... é preciso...enfim, tô fazendo terapia... um dos motivos também é esse, não tô fazendo terapia **por causa (ênfase)** dele não, por causa da relação da gente não. Mas, é claro quem tá fazendo terapia entra no bolo, todo mundo. E é isso.

Breno sintetiza sua experiência da paternidade/ parentalidade, dizendo:

Que assim.. que é uma relação legal, eu tô gostando muito... curtindo muito.. mas, também, não é um conto de fadas, não é uma fantasia, não é um sonho... a realidade é muito dura e... assim... independente da sexualidade, né. Você criar um filho é uma coisa difícil, não é fácil. Desde as coisas materiais até as coisas mais subjetivas... é um sonho que você realiza... aí a partir daí, vamos tratar a realidade.. é isso aí. Então assim... é isso, né. Fiquei pensando que as pessoas ficam com essa coisa de que é um sonho, mas, tem muita, muita gratificação... eu não saberia te dizer como, mas é na própria relação mesmo. É bom. É isso.

Passemos à fala de Ângelo, C.11.

C.11- Ângelo- 48 anos, tem curso superior, funcionário público, define-se como homossexual e militante e tem um filho adotivo, Luciano, de 23 anos (adotado aos 7 anos) e um neto de 1 ano e meio. À época da adoção estava em uma relação estável que durou cerca de 16 anos. Após a separação, o entrevistado mudou-se de cidade e por ocasião da entrevista, namorava há 3,5 anos.

Quanto à sua **orientação afetivo-sexual**, Ângelo, declara ter tido experiências apenas homossexuais desde o início. O colaborador viveu com Marcos uma **relação conjugal** por dezesseis anos.

Vivia com o Marcos já há quase dez anos. Com o Marcos eu vivi dezesseis anos, então nós tivemos uma convivência a três, de uns sete anos ou menos, uns seis anos, né, a gente teve junto. Aí depois que acabou, e... passado um, um tempo e tal, eu vim morar na cidade X, e aqui depois de um tempo também, arrumei um outro namorado fixo, tive vários assim.

Nesse período em que viviam juntos, houve a possibilidade de **concretização da paternidade**, como ele mostra:

Olha, eu tinha uma chácara lá na Cidade Y, na região de Serra... perto da Praia e nós precisávamos de um caseiro, uma determinada vez, porque o que tinha conosco foi embora. Então, o Marcos, meu companheiro teve referência de um rapaz... que tava interessado em trabalhar como caseiro. Aí, marcou com o rapaz e foi lá pegá-lo e no mesmo dia que o Marcos o pegou pra levá-lo na chácara pra ele conhecer e ele chegou com um menino. O caseiro era um homem negro, uns 23 anos, um rapaz da idade que o Luciano (**filho**) tá agora. E chegou com ele, de uns 7 anos, se não me engano. Menininho lindo! Ele era lindo, lindo, lindo. E lá... a gente, enfim, eu questionei... se ele tá sustentando o garoto, tava na cara que não era pai biológico, mas... aí ele ficou conosco um mês e meio, dois meses, eu não lembro direito, mas, poucos meses e não quis (**continuar trabalhando**). O cara parecia ser gente boa, mas não era a dele ser caseiro. Fazia besteira, quebrava tudo.

Devido ao contato prévio entre eles e a criança em que foi se estabelecendo um vínculo afetivo e ante, a possibilidade de abandono, eles decidiram partir para a **legalização da adoção**:

Aí o cara falou pra gente que ia embora e que ia deixar a criança na rua, no mesmo lugar em que ele tinha conhecido ele. E aquilo marcou muito a gente, porque a gente já tinha de afeiçoado a ele. Ele sempre vivia com um

caderninho e um lápis, acho que ele ia tinha tido um início de estudo, parou, não sei... a gente não sabia exatamente a história dele.

Ângelo fala de seu **desejo de adotar** e do receio do parceiro em fazê-lo.

E eu sempre quis adotar e o Marcos sempre teve medo. Então, a partir do momento em que ele ia voltar pras ruas, depois de tantas experiências com a gente. Aí falei com o Marcos “Será que a gente vai, não vai?” “Adota, não adota?” Conversamos muito à noite e achamos que valia a pena investir.

A decisão por adotar uma criança, por serem ele o parceiro, dois militantes homossexuais e pessoas públicas, os fez pensar nos ônus e bônus de tal atitude. Deveriam contar à criança sobre sua parceria? Como seria sua reação? Quais as providências legais a serem tomadas? Preocupações com o modo como a mídia reagiria e o temor de que o preconceito contra uma adoção como essa pudesse ocorrer. Em seu relato:

Aí combinamos e o Marcos chamou ele pra conversar e o perguntou se ele aceitaria, numa linguagem que ele pudesse entender. Falamos que nós sempre quisemos ter um filho, mas que normalmente quem tinha um filho era um homem e uma mulher e que nós dois pra termos um filho como ele, só se ele quisesse ser filho da gente e ta, ta, ta. E ele na hora aceitou! Então, nós levamos ele pro Juizado de Menores, com medo de aparecer nos jornais, como a gente era muito conhecido na época. De repente.. é aparecer nos jornais “gay...”, gays não. “Viados, seqüestram criancinhas!” Qualquer coisa nesse sentido. Então, nós levamos ele pro Juizado de Menores e fizemos a guarda provisória dele. Aí a gente decidiu quem faria, porque no Brasil não é possível adotar como um casal, ainda. E... aliás, quase em lugar nenhum, só na Holanda, atualmente, que pode **como casal (ênfase)**. No Brasil, eu sei que não pode. E nós decidimos que eu adotaria formalmente, pra facilitar pra fazer plano de saúde, essas coisas. Foi o que nós fizemos.

A adoção ocorreu apenas no nome de Ângelo, pois, há inúmeras dificuldades que a lei brasileira impõe para que este processo ocorra entre um casal de homossexuais, conforme explicitado no primeiro capítulo deste trabalho. No Brasil, é possível a adoção

por pessoas solteiras e, embora a orientação afetivo-sexual não seja um impedimento, a interpretação do judiciário pode ser bastante restritiva, dificultando ou negando que tal processo ocorra para pessoas homossexuais. Porém, existem vários casos, em que o juiz, tem uma postura menos preconceituosa e, visando o bem-estar da criança em todos os aspectos, concede a adoção para pessoas assumidamente gays ou lésbicas (WEBER, 2003; DIAS, 2000).

A partir daí, então, iniciou-se um estreitamento do **vínculo parental** com ambos os pais:

Então no início, foi assim. Nós levamos ele pra casa... e começamos... com aquelas dificuldades todas... num primeiro momento. De cara já começou a chamar nós dois de pai. E aquilo foi um susto pra gente. Sabe, uma coisa assim que a gente ficou... e depois.. isso a gente aprendeu com ele, que ele mesmo trouxe. De chamar minha mãe e meu pai e a mãe do Marcos de avós, logo de cara. Então, era um susto pra todo mundo. Como ele era um menininho lindo, uma criança linda, logo, logo ele ganhou todo mundo... ele sempre foi muito sedutor, isso é uma marca dele, ser essa pessoa sedutora... ganha as pessoas por esse caminho. Então foi assim que começou. (**risos**)

Notemos que houve um aprendizado da noção parental de todas as pessoas envolvidas, inclusive da família extensa do casal de adotantes. Também nesse caso, assim como no das colaboradoras 1 e 2, a criança teve liberdade para expressar o que sentia e a relação dialógica também se estabeleceu.

Ângelo, no início da entrevista, afirma que não há incompatibilidade entre ser gay e ter um filho.

Olha, o que eu posso te disser no primeiro momento e que ser... pra mim, a minha experiência foi assim, no primeiro momento do fato de eu ser gay, não afetou em nada a minha relação com Luciano que é o meu filho, tá.. E, enfim, no caso dele, ele é adotado. Então, ele tinha uma vivência muito complicada nas ruas da Cidade Y. Então ele, eu acredito, minha percepção é de que ele já

teve uma melhoria de qualidade de vida muito grande, quando saiu das ruas pra morar comigo e com Marcos, que era meu companheiro na hora, isso só, só... repercutiu positivamente pra ele, tá.

Lembramos que o ECA prioriza o bem-estar da criança levando em consideração diversos aspectos, como a estrutura socioeconômica, psíquica e não a orientação afetivo-sexual do adotante.

Ângelo ao relatar a **parentalidade efetiva e os significados atribuídos** por ele a sua convivência com filho, descreve as muitas dificuldades que tiveram. Todavia, seus maiores obstáculos foram mais referentes à re-socialização de Luciano do que propriamente à homossexualidade dos pais.

Agora, minha experiência é, é complicada porque muito mais difícil (**do que conviver com pais homossexuais**) foi ser ele se ressocializar da vida que ele levava, pôr uma vida com regras, do que o fato de eu e o Marcos sermos gays, isso (**a questão homossexual**) era naquele momento (**da adoção**) assim, quinta ou décima preocupação, entendeu? Então é o que mais me machucou, assim no ponto da homossexualidade em si. Agora, se você me perguntar eu como pai, aí eu tenho um rosário de coisas, que aí, eu não sei se tem a ver com o fato de eu ser gay, ou não ser gay, tem com o fato de eu ser pai... educar um filho, né. Um filho com algumas situações específicas, né, com dificuldade de socialização grande, então isso é complicado, isso é muito difícil, também eu não sei nem o que eu te digo, é tanta... tantos vieses, aí que eu não sei nem por onde começar, também.

Há mitos como o de que a criança vai ficar confusa quanto aos papéis parentais ou que não consiga interagir com outras crianças devido ao preconceito e à discriminação (VICTOR; FISH, 1995). Ângelo diz que o filho os chamava pai 1, pai 2 e que viveu poucas situações de discriminação. O filho desenvolve(u) estratégias para preservar sua família e, concomitantemente, a si mesmo de exposição ao preconceito. Acrescente-se ainda o fato de Ângelo e Marcos serem militantes gays e de terem uma visibilidade grande na mídia, o que poderia gerar desconforto para Luciano.

O que eu senti assim é que no determinado momento, mais tarde ele já crescendo um pouquinho mais, porque, quando eu adotei, ele tinha sete anos, é que há, há (**havia**) um incômodo, houve incômodo, da parte dele com relação a, a limitações... como eu vou te dizer objetivamente? De trazer colega dele em casa para não incomodar a gente, preocupação dele quer dizer, um manejo, ele tinha que ter um manejo especial (**para lidar com os colegas em casa sem tirar a privacidade do casal, nem os expor aos colegas**), essa coisa eu percebi mais claramente depois, muito tempo depois. E como na época eu não percebi então, essa preocupação dele de nem incomodar a gente, tem alguns momentos, até dos colegas dele, quer dizer, pra quem expor, pra não expor. Quando isso era mais evidente, lá naquela época (**refere-se ao período em que morou na cidade Y**), como eu tinha uma exposição pública muito grande junto com meu companheiro, já que nós éramos dirigentes do grupo Z (**grupo de militância gay, do qual ele é um dos fundadores**), a gente sempre tava na televisão e tudo, houve só uma vez em que ele chegou da escola, tava muito triste chateado começou a chorar, porque os colegas dele começaram a sacanear ele porque tinham visto os pais dele (**numa entrevista**) no Fantástico, né, que... no programa da (**Rede**) Globo. E objetivamente mais os... ostensivamente (**o preconceito que o filho enfrentou**) foi nesse sentido.

Com relação a **possíveis dificuldades de socialização** (VICTOR; FISH, 1995), Ângelo relembra que no início teve objeções da família dos colegas de Luciano, como ele relata:

É... eu posso assim, te falar de coisas pontuais, que eu percebi no início, tá... dificuldades quando ele era pequeno, de mães deixarem os coleguinhas dele saírem com a gente pra ir pro sítio. Provavelmente achavam que a gente queria... fritar as crianças, alguma coisa assim.. então isso eu sentia muito claramente. Sabe? É..é.. embora, a gente tivesse uma situação muito boa naquela época, a gente tinha uma chácara lindíssima, enfim.. os meninos fossem super amigos dele, era difícilimo que alguma mãe deixasse os filhos saírem conosco. Embora a gente deixasse ele sair com as crianças e tudo, era muito difícil... isso eu percebia e me incomodava... mas, eu nunca bati de frente, porque eu até entendia a loucura das pessoas... como é que funciona. Então, isso é um negócio que ficou lá atrás... Então, eu não sei também... o meu mundo sempre foi muito masculino. Então, isso é um dado também que

eu não posso dizer nada, mesmo não sendo uma preocupação em uma determinada época sempre foram homens, homens, homens, né. Colegas, tios, primos... todo mundo, eu tinha muitos amigos que adoravam ele, que ele curtia... alguns já até morreram de aids, tal, mas.. pessoas, 99% das pessoas eram homens. Então, a presença masculina sempre foi muito forte, o referencial masculino... que mais poderia eu dizer de diferente disso?

Todavia, o colaborador sempre respeitou as limitações dos outros, apresentando ao filho toda a diversidade de pessoas de seu universo relacional.

Ângelo apresenta suas inquietações quanto ao futuro de seu filho: emprego, estudos, inserção social, como apontamos em sua fala:

Hoje ele está com 23 anos, fez aniversário agora na semana passada (**uma semana antes da entrevista**). Como que eu vou te falar? Hoje em dia, minha preocupação é muito mais assim, voltada para a questão do emprego da socialização dele, mais dele trabalhar, isso afetar a auto- estima dele positivamente, que é seu trabalho, afetando positivamente, se sentindo inserido socialmente...

Ele retoma o processo de **adaptação inicial e o desenvolvimento** de Luciano:

Ah! É... enfim, ele teve muita dificuldade no início com relação a estudo, que se reflete até hoje no atraso do estudo, que ele recuperou com o tempo, foi tentando recuperar, mais até hoje se reflete, então... Ah! É... uma, uma batalha muito grande porque ele tem condição de estudos, e que isso é importante. Hoje em dia, já é muito difícil conseguir (**emprego**), já que (**para ter**) emprego não basta só você ter capacitação, depende de uma série de outras coisas, né, situação do país, disso, daquilo, daquilo, daquilo. Então imagina para um ser humano que teve dificuldade, ainda tá acabando agora o segundo grau... é muito mais complicado ainda, e isso se repercutindo nas outras áreas, quer dizer no namoro, ele se sentir homem adulto. Então isso é minha preocupação hoje!

A **construção do vínculo parental, de pai** se reflete no aprendizado cotidiano, como fica explicitado no discurso de Ângelo:

É um aprendizado (**ser pai**), pra mim, ter um filho foi assim, **ou você amadurece na porrada ou enlouquece!** (**fala com ênfase**) (**risos**) Então tive que amadurecer de qualquer jeito.

Ângelo, como nossos colaboradores anteriores, expressa as **vicissitudes** e os **desafios** de ser pai. Em sua fala também se evidencia a preocupação com a subsistência, a inclusão social e o estabelecimento profissional e pessoal do filho.

E, no meu caso, fica mais acentuado ainda, quando eu tenho um filho, por causa das responsabilidades... não porque ele me limite, com relacionamento... não nesse sentido não. Por causa da atenção, pra mim bate assim com atenção que eu tenho que dispende com ele, com relação a tudo, ou seja na coisa da educação mesmo. No meu caso específico, dum filho adotado enfim, tem toda uma história de exclusão e tal... aí a coisa, a atenção tem que ser maior ainda, ainda hoje embora (**ele esteja**) com 23 anos, ainda é, ainda demanda tempo, presença investimento dinheiro, sabe? Então, isso ainda representa muito, vamos dizer, um tempo que eu... na minha vida, na vida de hoje, quer dizer eu tenho que sobreviver, trabalhar e tudo. Aí, a batalha no namoro, vamos dizer da questão da sexualidade, já também uma coisa que me demanda um tempo grande, porque é, é um pouco... tem alguns complicadores, aí com ele (**com o filho**) tem alguns complicadores. Então, o que eu sinto que é um grande desafio pra mim, é eu conseguir transitar nessas áreas todas, quer dizer arrumar tempo para transitar nisso tudo (**filho, trabalho, relacionamento**) e estar bem.

Sobre sua **vivência afetivo-sexual**, Ângelo exprime as limitações sociais a que muitas vezes é exposto por força das contingências:

Agora com relação à nossa (**dele e do parceiro**) homossexualidade o que, que isso afeta hoje, afeta acho que na questão do limite. Isso é o que fica mais claro, eu ainda vejo hoje, que o exercício do afeto, da sexualidade do afeto de um homem que gosta de outro homem que o meu caso, tem ainda tem limitações, limitações espontâneas da fertilidade, limitações até em termos de amizade, ou seja, não pode expor ou falar abertamente, embora eu faça isso até como uma coisa de ativismo (**ele é militante**), no trabalho em todos os lugares, mas, são lugares escolhidos. Eu não posso sair simplesmente no meio da rua de mãos dadas beijando o meu namorado. E então isso... então

vejo que esses limitadores que eu ainda percebo dentro de uma pessoa que resolve assumir uma relação com outro homem.

Ao contrário da perspectiva, freqüentemente reducionista, presente no senso comum sobre a promiscuidade masculina e, em especial, do homem homossexual, Ângelo diz que sempre teve relacionamentos duradouros e prossegue:

Então hoje, estou namorando Mauro tem três anos e meio... a gente, agora que eu tô me sentido mais confortável com ele, porque aqui na cidade X, especificamente, eu sinto um conservadorismo muito grande de todo mundo inclusive... dos gays né, com relação a aceitação da sua própria... vida, dos seus próprios desejos, das relações, então pra mim já foi um choque. Então, agora que eu consigo, um trânsito, que a gente estabeleceu canais de comunicação, que sejam gostosos né, um clima de mais companheirismo... que fluam de uma maneira tranquila.

A relação do parceiro atual com o filho é um ponto que o colaborador vai aprendendo a balancear no dia-a-dia, visto que a interação entre eles é superficial, permanecendo no mundo do isso.

(...) Aí chamei ele pra morar aqui comigo, ele veio morar aqui, e o contato dele com meu atual namorado é, é uma coisa mais social, não tem um aprofundamento maior não. Até porque eles são bem diferentes, uma coisa que eu percebo aí é da parte do... já nem falo do Luciano, que tá no quarto dormindo (**no momento da entrevista**), acho que o Mauro tem um pouco de ciúme dele, acho que é por causa da coisa de dividir, as atenções com um homem praticamente da mesma idade. Porque o Mauro tem vinte sete ou vinte seis, não sei e o Luciano tem vinte e três que são praticamente da mesma idade. Então, o meu namorado ele tem um pouco de ciúme dele, o Luciano não... ele transita bem com isso, aquela coisa bem largada assim, sabe como é que é? Encara como se fosse um *brother* aí da rua, sei lá e tal... (**risos**) não sei o que. Então... e, enfim, vai por aí.

A reação de Mauro, parceiro atual, com Luciano é de um certo “estranhamento”, de ciúmes. Luciano encara melhor essa situação e tem, com o pai, uma aproximação que

lhes permite manter aberto o canal de comunicação, revelando nuances do TUBERIANO. Ângelo conta:

Me dá força nesse sentido, fala, vai, sabe eu ando meio estressado, descarregando em cima dele, pagando sapo pra ele, ele diz “Pai você tá precisando ir lá, ficar com Mauro, relaxar um pouco, mudar de ar né, pelo amor de Deus me enchendo o saco!” Então, a coisa acontece, assim.

No que se refere à **função parental**, Ângelo pensa caminhar na direção que considera acertada. Em sua fala é possível perceber que os papéis de cuidador (em geral, estabelecidos e vinculados aos papéis de gênero mulher-mãe e homem-pai) se flexibilizam, em especial, nas famílias monoparentais, como é o caso. Na tentativa de melhorar sua relação com o filho ambos têm feito terapia familiar.

Com o Luciano a gente também... (**têm uma relação tranquila**) eu faço terapia de família com ele, então é uma coisa assim, já que ele é um homem, hoje em dia, em algumas coisas eu tenho que tá representando bem, afetivamente, o papel de pai, como não tem também uma mãe, também em alguns momentos, o papel de mãe, aquele que concede e tudo. Ao mesmo tempo, eu tenho que dar os limites, eu tenho que tá sendo aquele que cede, que concede, que entende, que abraça, que beija, que faz carinho que faz cafuné e tudo. Então... é por aí as dificuldades, o trânsito tem que ser aí, tem que ser tudo ao, né, meio... e não querer ser super homem. Quer dizer, ao mesmo tempo, que é um desafio para um super-homem, é eu não entrar nessa de que sou, sou um ser humano como qualquer que posso desabar a chorar, me cansar, encher o saco. Então, é mais ou menos isso.

Interessante sua expressão final sobre o empenho de superar os desafios e, ao mesmo tempo, não se sentir o “super-homem”, de se sentir livre para mostrar o que sente como ser humano que é, observação realizada por Ana e Carol e também por Margarida.

Um outro aspecto assinalado por ele refere-se à separação, pelo filho, do universo privado do público, homossexualidade aceita em casa, velada em público ou

desvelada apenas para alguns amigos. Em outras palavras, as estratégias que o filho constrói para conciliar os dois universos.

E o negócio também que eu também acho curioso é que apesar disso, esse é o nosso mundo interno, mas que pra fora, daqui de casa pra rua, isso ainda é uma coisa que assusta, que causa estranhamento das pessoas. Tanto que ele me falou, agora que a gente tá fazendo... já há alguns anos, faz uns dois anos ou mais, terapia juntos, nós dois juntos, terapia, né, de família... Coisas que vem aparecendo... no meu carro tinha a bandeira do arco-íris, toda vez que eu... que eu emprestava o carro pra ele, então isso era uma coisa que incomodava ele, porque todo mundo perguntava pra ele o que que era. Então ele tinha que ficar selecionando, pra quem falar e pra quem não falar, o que que era, o que que não era, e tal. Então pra alguns amigos dele.. quer dizer, aqui na cidade X, então, minha vida de ativista praticamente... eu tô fora, muito eventualmente eu contribuía, embora eu participe do grupo de militância gay (**da cidade onde mora**), minha exposição pública é nula, praticamente. Mas... enfim, como ainda eu sou... muito requisitado pra esse trabalho e pra outras coisas e... eu não escondo de ninguém em lugar nenhum... então isso pra ele ainda é uma coisa que ele tem que tá selecionando: “Falo pra A, não falo pra B”. Isso pra ele dá trabalho (**refere-se ao modo que o filho expressa para os outros a homossexualidade paterna**).

A necessidade de terapia, segundo Ângelo deveu-se a diversos fatores:

Ah! Aí tem a ver com uma série de questões... dificuldades dele de socialização, e eu, chegou um momento que eu estava reagindo muito violentamente às dificuldades que ele tava tendo... Então, achei: “Agora é hora da gente sentar com uma terceira pessoa pra gente poder tá conversando, tá aprendendo”. Pra tá olhando pra ele com mais calma, um terceiro olhar, eu tava... ouvi-lo... mais. Porque, em alguns momentos, eu tava me achando certo demais e, a gente tava se distanciando cada vez mais, se distanciando, se distanciando... Então, aí é complicado, é complicado. Porque permeando tudo isso, tem uma coisa muito interessante tem uma coisa que eu não usei até agora... que é o amor, né?! Sabe? A gente se apega de uma tal forma que pra mim, nem passa pela minha cabeça que ele é filho adotivo ou não adotivo. É **meu filho, pronto e acabou!(ênfase)** É meu filho, por quem eu tenho todo o amor do mundo, **eu tenho (ênfase)**... E é uma coisa inexorável.

Eu falo assim que agora, eu... o fato de eu ficar puto um dia, botar pra fora de casa, essas coisas... e tudo. Todo mundo é suscetível de fazer. Mas, meu sentimento ele tem uma coisa pra sempre, né! Meu filho! **(fala com ternura)** Tá aí, tá posto! Engraçado, o negócio da emoção. Não é assim, porque toda relação é construída, mesmo... com o pai biológico e tal, é uma coisa histórica. Eu tenho plena consciência disso, até a maneira como se relaciona... O que se deve sentir por um filho. Nossa! Isso é um embate! O que se deve sentir, que a gente fala de dentro e a consciência que a gente tem, principalmente pra quem já estudou alguma coisa nessa área é que você fica assim vai lá, vem cá, vai lá, vem cá. Mas é isso!

Desse modo, a terapia familiar que pai e filho estão fazendo juntos os aproxima, ao auxilia a se compreenderem e se acolherem, com suas especificidades e singularidades. Essa postura desvela nuances das palavras-princípio EU-TU. O amor, a presença, a não distinção entre filho adotivo e filho biológico, tudo isso mostra a intersubjetividade buberiana. Podemos acrescentar como o dizem Badinter (1995) e Parseval (1986) que, de fato, o amor materno (e também o paterno) tal como os conhecemos hoje são construções sócio-histórico – culturais.

Ângelo recupera, na terapia, os pontos que ambos têm dificuldade para dialogar em casa, como por exemplo, a aceitação ou não da condição homossexual do pai.

Mas, é uma coisa que a gente já conversou, mas é assim mesmo, não tem jeito, é uma coisa que nem todo mundo aceita, as pessoas que efetivamente gostam da gente, que tem carinho pela gente... sabe? Vão aceitar, se não aceitarem não são amigos. Então, cada um siga seu caminho... Se é tão complicado pra alguém a ponto de não conseguir conviver com a gente, siga seu caminho, não tem como mudar o mundo... Embora, durante muitos anos da minha vida eu acreditei que eu pudesse mudar o mundo **(risos)**, ainda acredito, que eu possa conseguir contribuir através desse ou daquele caminho tá contribuindo pra mudar isso.

A experiência como militante, se por um lado facilitou o diálogo sobre questões da sexualidade, por outro, restringe ou dificulta sua atuação como pai. Em parte, pela

falta de contato com outros pais, para que possa trocar idéias e vivências. A falta de relatos de experiências de outros homossexuais com filhos foi também por Tamires e Gabriela e Carol e Ana. Na fala de Ângelo:

Olha... eu... se por um lado... eu tenho facilidade de transitar em umas áreas como sexualidade, como por exemplo, pra mim eu não sacho nada o fato de eu sair eventualmente ou ele mesmo pedir que eu durma da casa do meu namorado, porque ele quer dormir com a namorada, em casa, pra trepar. Ou não com uma namorada, mas, com uma mulher, outra. Então, isso pra mim não é, nunca foi um mistério, não é um complicador, é um facilitador. Mas... eu acho que a coisa, o oposto sim, quer dizer, esse exercer o papel de pai... que pra mim é difícil dizer... não sei exatamente, até onde isso é uma questão de **qualquer pai (ênfase)**, sabe... porque num, na minha esfera de convívio, isso... eu nem tenho grupo de pais, com quem **(ele pudesse dialogar, trocar idéias)**... até tava freqüentando há pouco um grupo de pais... mas não sei dizer se exatamente o que que é... ou pelo fato de eu ser gay tem uma coisa a mais, se essa mesma... flexibilidade que eu tenho com relação à sexualidade se isso seria também dificultador na hora de criar limite, não sei...

A **diferença intergeracional** pode ser fonte de discussões, de frustrações quanto ao que se espera do outro. E, para os pais, um exercício exaustivo de compreensão, de revisão de valores e de si mesmo e do outro.

Isso é o... complicado, porque a gente aprende assim, quer colocar... a gente se sente, eu me sinto obrigado, ultimamente, a lidar com educação. O que é educação? São princípios, são uma ética, tá, que eu aprendi, que eu recebi, que eu acredito, que seria isso: não matar, não roubar, é ir até um certo ponto, onde o outro é... não entra no espaço do outro, é tem uma série de coisas que a gente tem dentro da gente, que nem pensa muito sobre isso e vai, vai... passando adiante. Mas, existem diferenças disso, quer dizer a minha ética era mais rígida... acredito eu, era mais certinha, era pra um... eu fui preparado para um mundo que não é mais o mundo de hoje, vamos dizer assim. De repente, algumas coisas que me assustam nele (**no filho**), como, por exemplo, essa facilidade dele pegar coisa dos outros, trocar, vender, comprar, sabe? Pra mim, comprar um celular que é uma coisa que... representa um, uma porção, um montante de trabalho que eu tive que dispendar para transformar em

dinheiro e aquilo ali tem um valor simbólico, X, e que fica pra mim, aquilo ali é um utilitário. Pra ele não tem a menor importância, quer dizer, embora tenha um custo e tal, tal ele vender, comprar, vender um celular, comprar um chapéu, vender um chapéu, comprar um sapato, vender o sapato, sabe? Então ele transita num outro... Isso é um detalhe né... de um exemplo, mas não tem essa importância e tal.

(...) Eu sei que com ele, pra mim que eu... em algum sentido, é lógico... que eu queira que ele tenha um futuro, que ele tenha autonomia, eu acho que são questões inerentes a qualquer pai, que... mais ou menos ter emprego... não tem ainda, a sobrevivência dele, não tem um emprego dele, ainda não tem uma formação que dê (**que seja suficiente para arrumar um emprego**), aí essa possibilidade dele correr atrás.

O olhar para si mesmo, avaliar as aspirações e a possibilidade de rever opiniões, posicionamentos são uma constante, quando se interage com o outro.

Determinadas coisas que eu percebo em mim, hoje em dia, através dele, como, por exemplo, valor muito grande da aparência. Aí eu... tem a ver com a minha história, né? Entra até a questão da sexualidade também. Quer dizer, embora eu tenha trabalhado a vida inteira pra mostrar a todo mundo a minha orientação sexual, eu quis mostrar a orientação sexual dentro de um patamar, dentro de uma visão... que é a visão que eu queria vender, que eu acreditava que era importante, quer dizer em alguns pontos da minha vida, trabalhar com aquilo, para provocar uma transformação. Pouco a pouco ir tornando o fato de dois homens viverem juntos algo... comum, recorrente. Tranquilo, dentro da norma, normal, né? E... essa minha preocupação com a aparência, que eu acredito que também está ligada à questão da sexualidade, pra ele... não tem a menor importância. Tem... aparência sim, mas são outras aparências, em outros momentos, em outros campos simbólicos. Aí que eu tenho que descobrir... até pra poder transitar. De repente, coisas que pra mim são absolutamente irrelevantes, pra ele tem uma importância gigantesca. Então é o... volta no que eu disse antes, a dificuldade maior de tudo é olhar o outro. Então, esse é o que ele me propicia... é a grande dificuldade que eu tenho como pai... no olhar ele como outro ser humano.

O aprender a ser pai sem tolher a autonomia do filho, principalmente por ter o poder econômico, de provedor, em mãos é mais um dos **desafios** que Ângelo tem.

Como eu sou provedor, cuidador e tudo, tenho o poder na mão ainda, então, é complicado, porque se eu não tiver essa percepção eu massacro, eu limito demais, eu não dou possibilidade dele crescer, mesmo sendo um homem de vinte e três anos, né? Então, eu não sei, eu teria que ter todo um trabalho de análise para ver o que, que a homossexualidade me facilitou, me tirou... eu acho que me facilitou muito na questão da reflexão. Porque, já que a gente é eternamente questionado em cada passo que dá... é... então isso me facilita o olhar o outro, quer dizer uma mudança de papéis, né? Que é o mundo que eu vivo, dentro da sociedade estabelecida, em que na vida ainda é o outro. Então isso me dá facilidade. Mas, também tem o dificultador, que é eu me cristalizar nas minhas defesas, se eu transito bem de uma maneira A, isso me dá conforto no mundo, que é muito cruel ainda com relação às pessoas que... fogem de um padrão, principalmente na sexualidade, então a tendência também é cristalizar essas defesas, né? Então, em alguns aspectos ainda tem que tá saindo daquilo que me deu segurança a vida inteira, entendeu? Então é, é muito complexo isso.

Este colaborador chama a atenção para o processo reflexivo desencadeado pelo fato de ser homossexual, por ter sido estigmatizado ao não fazer parte do modelo heterocêntrico preponderante (NAVARRO-SWAIN, 2000) e, por isso, buscar combater toda forma de injustiça e discriminação. Ele destaca ainda o aspecto paradoxal que, pelo fato de ter sempre se defendido, incorre no risco de cristalizar-se em suas defesas. Todavia, tal postura de defesa frente aos questionamentos que lhe são impostos diariamente tornam-se para ele, até certo ponto “confortável”, já que está acostumado a lidar com eles e sempre se respaldou pela militância.

A entrevista fenomenológica possibilita ao entrevistado pensar sobre o vivido. Assim, ao falar da experiência de ter um filho e lidar com um outro, diferente de si, com opiniões divergentes em que se estruturam diversas relações de poder, de afeto, de convivência, Ângelo afirma que é capaz de perceber que aspectos que considerava

“seguro”, na verdade podem tornar-se um vir a ser. Toda a sua fala ressalta a complexidade das relações familiares da atualidade.

A **questão financeira** é ponto de segurança e estabilidade para Ângelo mas, não é uma preocupação de Luciano o que, por vezes, acarreta divergências entre pai e filho, como é exemplificado a seguir:

(...) questão de dinheiro, um dos... pra mim é, da minha história individual, eu sempre ousei dentro da questão da sexualidade é até com... com uma atitude consciente, mas desde que... alguns pontos meus estivessem bem básicos, bem estabelecidos como a questão da grana ou seja, tava certo com meu dinheiro certo, com meu arroz e feijão garantido, então o meu ousar era muito mais um plano simbólico, né? Então, para o meu filho não, ele, pelo menos no mundo dele até hoje, como ele viveu nas ruas da Cidade Y, essa coisa toda então pra ele é mais fácil ou... não é tão importante ou ele pode questionar isso, ou num, não é um valor pra ele esse negócio, essa coisa, disso... de criar uma segurança com relação ao emprego, a salário, a uma vida segura, sabe? Então, isso é um ponto que ele sempre me... subverte, sempre me deixa louco, é um ponto de briga, da gente muito grande entendeu? Se ele gasta demais, ou seja, não dá importância a uma coisa em que ele poderia estar construindo nessa segurança, né? Que é pseud, fictícia, né, segurança, é sempre subjetiva, mas, é um ponto de atrito nosso. Quer dizer, eu falei que ia ser objetivo, mas, é tudo tão subjetivo que eu tô viajando de novo, né (**risos**). A questão de dinheiro é um ponto...

Ângelo leva em conta o período do desenvolvimento que o filho está: é um **jovem adulto** e, ainda levanta outros **questionamentos** acerca de sua condição homossexual e a **cobrança (tanto interna quanto externa)** a que é submetido:

Daí eu volto à questão do adolescente do, do, do (**filho ser**) de uma outra geração. Pra mim a questão de mostrar uma ordem interna sempre foi muito importante porque, isso sempre se externou pro mundo externo. Então da casa estar arrumada, sabe? Eu estar com minhas coisas arrumadas, para brigar lá fora quando ousasse, nas passeatas, na TV, na, na, na... pro vizinho, ou na, eu tá com tudo arrumado. Pra ele tanto faz, pode ter o sapato pendurado no lustre, o tênis sujo, a cueca, usar três vezes e não tá nem aí,

entendeu? Então, é um... isso é um outro ponto assim de atrito, tá sempre... sabe?

Ângelo expressa dúvidas que não compartilha, pela falta de contato com outros pais gays e mesmo pais. Ele atribui parte dessas dificuldades (como o fato de se sentir *outside*) à sua própria falta de referenciais heterossexuais, uma vez que sempre se relacionou com homens e, por ser militante, seu universo sempre ter ficado mais restrito ao universo GLS.

Mas, aí eu não sei te dizer se são coisas que todo pai, todo mundo, eu não sei como é que é. É complicado isso... A relação, também, vamos ver esses padrões que existem. Como a minha experiência sempre foi com outros homens, na maneira como as relações, no primeiro namoro e tal, tal, foi sempre dentro numa perspectiva de dois homens... quer dizer também isso, como a dele se estabelece com outras mulheres ele é heterossexual, quer dizer sempre se relacionou com outras mulheres. Então, nesse ponto embora nunca tenha sido um peso, nem nada disso, tem coisa que eu num...em alguns momentos eu fico assim, de fora, meio *outside*, olhando para ver como é que é. Quer dizer tem coisas que são humanas né?

No trecho seguinte, ele expressa sua angústia frente ao término do relacionamento do filho e a impossibilidade de intervir e transmitir sua experiência. A vontade de proteger o filho do sofrimento, pretensão dos pais, de modo geral, requer um aprendizado. Como ele mesmo afirma, não é fácil ter um olhar imparcial do outro, pois o desejo é de tomar as dores do filho.

Então, coitado, a última namorada dele, com quem ele se separou que... agora que ela... ela vivia dando chute nele... ele, na minha visão, era apaixonado por ela. Aí, agora que ele encheu o saco dela, realmente, que ele desistiu, ela tá fazendo de tudo pra voltar, entendeu? Aí, eu como pai não me meto, mas fico puto, minha vontade mesmo era de nem repassar ligações dela, sabe como é que é? Essa garota só tá valorizando agora, porque tá perdendo, sabe aquela coisa? Muito mais é o jogo do que o interesse mesmo em si. Eu encho o saco como ser humano mais velho e tudo, mas tem que ficar de fora para que ele aprenda... né? Mas, isso também é uma outra dificuldade, mas acho

também que é de todo pai, de tá olhando coisas que eu já passei, não tem como enfiar o dedo, porque ele tem que quebrar a cara. Você só aprende quebrando a cara mesmo, se fudendo. Então... é complicado mesmo. (...) Tem também a, o que eu acho mais fantástico aí que mais... que sempre me, me... foi difícil pra mim é enxergar o outro (**o filho**), ele como um outro ser humano, com outras vontades, outros desejos, outros anseios, sabe?... Que de repente a felicidade pra ele não tem nada a ver com que é felicidade pra mim.

Desejos de aproximação, de cumplicidade e companheirismo transparecem na fala desse colaborador, desvelando uma expectativa como pai, que na prática não se concretiza do modo que ele almeja:

Agora na questão da, da...(proximidade entre pai e filho) aí eu não sei também... É, eu sempre fico em cima do muro nesse ponto, de gosto, de coisas assim. Porque a gente tem aquela ilusão, **eu (ênfase)** tinha aquela ilusão de pai também, de poder sair com ele, ir a festas e tal, como se fosse um simples amigo.

Como nos depoimentos anteriores, a **interação pai-filho promove uma re-significação da relação com os próprios pais.**

Mas aí, às vezes, eu me ressinto disso, mas eu olho pra trás, e vejo que eu não fazia também com meus pais, né? (**risos**) Sabe aquele... era outro mundo, os interesses eram outros. Era garotada, minha turma era, era isso. Então, eu não sei, às vezes, eu me pergunto eu acho até que não... minha resposta que eu dou racionalmente pra mim, mas, emocionalmente eu me pergunto: será que se... ou ele fosse gay ou eu ou se até heterossexual, os interesses pra mim seriam mais próximos?

Contudo, ele deixa entrever que lidar com aspectos subjetivos e objetivos da realidade, da construção de estereótipos e sua internalização que por mais consciência que haja, desvela uma **homofobia**, racionalmente considerada por ele como “babaquice”:

Ah! Não sei. Mas, eu acho que a, a minha emoção transita dentro dos preconceitos que existem na sociedade, heterossexual gosta de jogar futebol,

sabe como é que é? E um gay vai gostar mais de teatro, mais aí é o preconceito, né, a emoção que fala mais alto, que não tem absolutamente nada a ver. Meu racional diz isso, mas, a minha emoção em alguns momentos fica assim abalada, será que... sabe? a gente poderia tá saindo mais juntos se... ele fosse... (**homossexual**), tivesse a mesma orientação que eu, eu que ele. Mas, no fundo eu sei que é babaquice, mas, isso pinta com certeza.

O fato de ser um ex-menino de rua acarretou para Luciano muitas dificuldades de adaptação. Ele fugia de casa por alguns dias, depois retornava. O (ex) parceiro de Ângelo, Marcos ficava magoado e, por não saber lidar com a situação, se afastou de Luciano.

Aí o Luciano veio morar aqui, porque ele ficou na cidade Y fazendo Exército... quando eu vim morar aqui. E o que, que aconteceu? A minha... a relação dele, quer dizer com o Marcos, eles não se falam mais. Aí por conta de outros problemas que aconteceram na época, de, de o Luciano teve uma fase que ele fugia de casa e tal, problema dele de adaptação, mesmo, imenso, seríssimo. Então, aí o Marcos ficou muito magoado com isso né, porque ele sumiu e tal, não quis mais estabelecer o controle com ele, controle, contato com ele. E eu passei a ter uma relação unilateral com ele, com o Luciano. Foi quando eu vim pra cá e minha relação com Marcos já tava terminando. Aí depois de um tempo, quer dizer, Luciano já vivia lá servindo o exército e tal, eu mandava dinheiro pra ele, dinheiro para ele sobreviver e tal.

Ao ser interrogado sobre seu interesse em acrescentar mais alguma coisa relativa à sua vivência da parentalidade, Ângelo começou a falar sobre diversos **mitos** que permeiam a visão que se tem de tal experiência. O primeiro refere-se **ao medo que o filho de pais gays também seja homossexual**:

Existem vários mitos, né, com relação a isso, por exemplo, um que as pessoas têm um temor imenso com medo de que o filho de gay seja gay. Isso, primeiro, é uma ficção, tá? Tá aí o exemplo pra provar, (**o próprio filho**). Minha orientação sexual é voltada pra outros homens e meu filho foi criado por mim e a orientação sexual dele é pra outras mulheres. (...) Já sou avô, ele tem um filho na Cidade Y, meu neto Gabriel que está com ano e meio.

Um outro questionamento que ele faz é que, se o filho fosse homossexual, qual seria o problema?

Segundo, se fosse, a (**orientação afetivo sexual**) dele voltada pra outros homens, qual o problema? Ótimo. Sabe, a simples não aceitação é um mito muito bobo.

O terceiro ponto que ele levanta, diz respeito ao **preconceito contra a adoção por pessoas homossexuais**, como se o interesse fosse por reproduzir um padrão normativo heterocêntrico, a que já nos referimos e citado também por Uziel (2002).

E uma vez eu tive uma experiência curiosa, eu uma vez fui fazer um debate aqui na TV dessa, da cidade X, e na TV quem tava debatendo comigo era o dep. Severino Cavalcanti que é líder dos evangélicos na Câmara (**dos Deputados**). Então eu fiquei curioso, porque no meio debate, quer dizer, ele me atacando, me atacando, mas ele falou que achava muito interessante que os gays adotassem crianças abandonadas, de rua. Que era melhor ser adotado por um gay do que viver nas ruas. Aí eu comecei a rir e falei pra ele “Não sabia que eu ia arrumar um aliado exatamente no meio do líder dos evangélicos”. Existem espaços de transitividade onde a gente pode estar negociando até com aquele mais preconceituoso, mais doido, mais... fechado, pra esse tipo de... discussão. Então, a gente tem realmente que tá se preparando, tá refletindo sobre isso. Dentro da nossa vida... não só refletindo, como vivendo também, né. Ousando e que isso também não é uma... necessidade. Muita gente também tem medo. Aí já entra também, com relação a... como é que eu vou dizer? A um outro padrão de preconceituoso... entre pessoas.. de orientação sexual homossexual que adotam crianças, que são criticadas por outros gays dizendo que estão querendo reproduzir um outro padrão X ou Y.

Ele critica essa abordagem preconceituosa, chamando a atenção para a **diversidade familiar** possível na atualidade:

E que também, do meu ponto de vista... sabe, não se sustenta esse tipo de bobagem. Porque nunca vai ser igual num primeiro momento e, segundo porque cada um se constitui como quer, quer dizer, as relações familiares são únicas e se dão de mil maneiras: a vó com o netinho, a mãe branca com o

filho preto, um divorciado, um casal com três, trisaís sei lá como se chama (**risos**). Eu conheci três que viviam juntos... eu acho que tem que haver liberdade, cada um se relacionar consigo mesmo, de verdade, consigo próprio antes de tudo e com os outros... pra poder respeitar o outro.

Na opinião dele, a maior dificuldade do pai é olhar o outro, como ele já havia dito:

É aquilo que eu já te falei acho que a maior dificuldade na relação como pai, eu acho que é uma dificuldade do ser humano de olhar o outro como um outro, sabe? O que ele quer, o que ele quer, o que ele há de ser na vida, o que dá sentido.. faz com que a vida valha a pena, o que mantém o ser humano vivo. Só ele pode pegar.. nele mesmo, né. E isso é muito difícil da gente aceitar, a questão da sexualidade ainda é muito difícil, muito difícil. Da mesma forma que tem casais heteros que não querem ter filhos, que fazem vasectomia, laqueadura, porque casais homos não podem querer filhos.

A **homofobia** é encontrada, frequentemente, de modo muito internalizado, mesmo entre os próprios homossexuais:

E tem umas coisas que eu acho curiosas, que pra mim foi um choque, quando eu vim a descobrir que um travesti, felizmente eu descobri isso na prática, com amigos travestis, que um travesti não quer ser mulher. Um travesti quer ser travesti, que é uma outra categoria. Minha limitação era tão grande, que eu ainda me encaixava nesse padrão das pessoas que acha que travesti por mais que se olhe, normalmente se veja, que se denomine um homem que se veste de uma forma caricata de mulher, seja um travesti. O travesti ele é aquilo, ele é um homem que quer se vestir de uma forma caricata de mulher. Contém o universo próprio dele, que no caso do Brasil, está ligado ao submundo, tá ligado à prostituição. Mesmo os travestis com dinheiro, se chegar com carro *chic*, eles queriam viver aquele submundo, um mundo que dá sentido àquela vida. Sabe, então é uma outra coisa, não é o querer ser uma mulher, é muito curioso isso.

Segundo ele, faz-se necessário ampliar a compreensão da riqueza da **diversidade de expressão da sexualidade e também da família**, a fim de dar voz a todos:

E essa é a grande riqueza, essa diversidade.. de conseguir enxergar, se colocar no lugar do outro, entender o que dá graça, o que que naquela pessoa.. onde ela se sente bem, se sente integrada e única. Acho que esse é o mesmo caso das famílias. Cada família vai se perceber única, dentro daquilo que ela consegue construir, né.

Novamente, aparece a **cobrança externa** que é amplamente arraigada e faz com que gays e lésbicas tenham sobre si uma pressão a mais. Como ele enfatiza, tem que ser melhor, tem que propiciar ao filho o sucesso, não pode fracassar:

E o grande dificultador é que existe um padrão muito sério, você **tem (ênfase)** que cobrar isso do seu filho, **seu filho tem que ser doutor, seu filho tem que casar assim, seu filho tem que ter dinheiro (ênfase)**. E num país miserável é complicado você cumprir esse papel todo. E isso tá tão dentro da gente, que... **eu (ênfase)** me sinto, muitas vezes eu fico me cobrando, fico me cobrando isso. E pelo fato de eu gostar de um outro homem, muitas vezes eu me percebo e tem que tomar cuidado com isso. Tem a coisa da compensação, né.. de como... sabe aquele gay que é o super tio, sabe? Ele quer provar pra todo mundo, coitado, que **apesar (ênfase)** de ser gay, ele é maravilhoso com o sobrinho, maravilhoso com a mãe, maravilhoso... Coitado! Ele é um pobre coitado que vive sendo pautado pela necessidade do outro. E isso, eu como pai tenho que tomar cuidado o tempo todinho, pra não ficar me cobrando de ser o **melhor (ênfase)** pai do planeta! E que todos os erros que ele cometa, que meu filho cometa sejam... advenham de mim, sabe porque, isso e aquilo, aquilo outro.

Ele cuida para que a manipulação e o autoritarismo frente a seus comportamentos e aos do filho não partam de si mesmo. Há de sua parte uma tentativa de não perder o senso de realidade. Em seu depoimento, podemos notar o quanto essa auto- cobrança é forte e aflitiva:

Isso eu não percebo em mim, eu não sinto tão forte, mas, é um cuidado que eu tenho, entendeu? Será que eu tô fazendo isso comigo, será que eu tô me manipulando? Será que eu... sabe, a política compensatória, que loucura é essa? Não tem nada a ver. Sou igualzinho a qualquer um... Sabe? E ele é igual a qualquer um. Eu posso me dar bem e ele se dar mal, ele pode se dar

bem e eu me dar mal. Sabe, em alguns domínios eu transitar com maior facilidade e, em outros, ter uma percepção maior e saber até mais do que eu, ter coisas a me ensinar. Mas, isso não é fácil não. A gente fugir desse padrão não é fácil não, é muito difícil... Porque essa cobrança tá dentro da gente... a gente traz isso muito grande dentro do discurso, a gente vive dentro de um discurso mesmo, né.

Ele avalia que há necessidade de uma constante (re)avaliação do momento social, das necessidades do período e de não se prender aos estereótipos criados e apreendidos por cada pessoa.

A turma da análise do discurso, nesse ponto é fantástica. Sacaram e começaram a trabalhar isso. A gente nasce dentro do discurso, numa linguagem e até os termos que a gente dispõe pra expor sentimentos, pra expor necessidades e tudo, ela já vem dentro daquele padrão. Quer dizer, realmente, eu acho que a gente tem que recriar palavras, sabe? Pra novos sentimentos, novas configurações familiares, novos momentos... mas isso não é fácil não, tem hora que cansa (**risos**). Olha, eu tô com 48 anos e tem hora que eu penso “Porra! Será que eu ainda vou ter saco pra tá brigando por causa disso?” Ou então, de repente eu passo brigando... por uma determinada situação, uma determinada estratégia de luta, que tem a ver com uma situação que.. existia quando eu tinha 25 anos.. agora eu tô com 48 anos.. então eu tenho que, sabe, (**estrala os dedos**) sacar o que que tá acontecendo agora e tentar... Mas, será que minha intuição ainda tá tão viva quanto naquela época? Não sei.. com certeza não é igual. Mas, e aí será que a gente vai conseguir perceber tão bem quanto eu consegui quando eu tive aquele *insight* lá atrás? Vou ter outro? Num sei, isso tanto no ativismo quanto no ser pai, a gente tem que a cada dia estar se renovando, olhando de novo... Puxa! Ele mudou ali! Então, tem que dar mais um passo à frente, não posso mais cobrar aqui. Nossa! Aqui deu uma recaída, fez uma bobagem... volto atrás. Não, não! A gente tem um padrãozinho assim: tem 23 anos já é homem, não posso tratar como criança. O que eu tô percebendo também que é uma babaquice, minha também. Não tô dizendo que não. Então, é assim.. eu posso tratar de qualquer jeito, depende do que acontece, do que a gente tá querendo alcançar em comum, enfim, onde a gente tá querendo chegar. Nem sempre a gente faz certo, faz besteira. Difícil a gente aceitar que erra. É complicadíssimo.

Passemos às entrevistas de Enéias (C.12) e de Fabrício (C.13), que ocorreram na presença de ambos e de José, o filho. Por essa razão, serão analisadas conjuntamente e para demarcar a fala de cada um, utilizaremos C.12 para Enéias e C.13, para Fabrício, seguidas do nome fictício, respectivamente. Vejamos o que dizem:

C. 12- Enéias, 45 anos, servidor público, há mais de 20 anos, foi casado com duas mulheres. Casou-se aos 21 anos e o primeiro casamento durou 10 anos. Desse relacionamento tem três filhos (Mariana, 22 anos, Julita, 21 anos e José, 17 anos e meio) que moram com ele o companheiro de 23 anos. O filho mais novo é homossexual e, todos, são evangélicos. Está com Fabrício (parceiro) há dois anos.

C- 13- Fabrício, 23 anos, estudante, companheiro de Enéias, há dois anos.

Enéias fala sobre a constituição de sua **orientação afetivo- sexual**:

Mas... isso (**a homossexualidade**) aconteceu na minha vida acho que.. desde que eu me entendo por gente eu já tinha uma orientação homo. Eu me lembro mais ou menos por volta dos meus sete anos, já era uma orientação (**homossexual**), uma coisa normal na minha vida. E as condições **sociais, sociológicas, familiares** (ênfase) mesmo nos leva a outras alternativas mesmo. A achar que isso é um período passageiro da vida, que não vai ser desse jeito, que é uma opção e não... acho que o que rola aí fora é muito isso, que é uma opção e quando é opção, essa opção você pode mudar, então você é assim, você é assim.. durante um tempo. E na verdade isso é uma orientação que eu creio que... já vem na minha formação genética, seja o que for. (C.12, Enéias)

(...)... mas, o que eu queria acrescentar é que hoje eu fiz, não uma opção né, na minha vida, mas eu fiz uma transformação na minha vida. Eu resolvi que os últimos anos da minha vida, daqui pra frente, eu gostaria de ser mais honesto comigo mesmo. Ser feliz à minha maneira, porque a primeira metade da minha vida eu tentei ser feliz à maneira dos outros e não consegui. A

segunda metade (ênfase) eu resolvi que eu vou ser feliz à minha maneira, certo?(**risos**) (C.12, Enéas)

Hoje estou num relacionamento (**homossexual**) e... quanto a esse relacionamento acho que me vejo como... num, num tenho problemas de me definir... **hoje não! (ênfase)**... como homossexual de forma alguma... acho que quando você chega a um determinado nível na sua vida que você começa.. é.. uma aceitação de tudo o que você faz, fica bem mais fácil de você se aceitar. (C.12, Enéas)

Em sua fala destacam-se algumas idéias importantes como: a noção da homossexualidade com uma base genética, que se manifesta desde a infância e que ele “*optou*” por não expressar ao longo da vida; a “*opção*” que fez, ao chegar à meia idade, de viver de acordo com seus sentimentos; a auto- aceitação. Destacamos essa concepção de opção sexual: o indivíduo, não escolhe (conscientemente) ser ou não ser homossexual (OLIVEIRA, 2002); ter desejos afetivo-sexuais por alguém do mesmo sexo. Todavia pode optar por expressar ou não seus desejos. O colaborador retoma a questão genética e dirige sua percepção à **família de origem**:

Primeiro que como eu disse, eu creio que a sexualidade é uma... essa questão da orientação sexual é uma coisa que vem com a gente, é uma carga genética que já.. que vem deste o início da vida da gente, me sinto assim deste que me entendo por gente, desde pequeno, desde criança. Então.. e na minha casa, por exemplo... inicialmente eu não teria nos meus pais, meus irmãos.. hum...nenhum tipo de experiência que me dissesse “Ah! Eu sou homossexual” Porque meu irmão era assim, porque meus pais eram assim. Quer dizer, muito ao contrário, né? Fui criado em padrões muito rígidos, numa família evangélica, com esses padrões religiosos muito fortes. Apesar que nunca houve assim **aquela repressão (ênfase)**. Fui muito bem criado e tudo, mas não tive nenhuma influência pra dizer que a minha sexualidade ela sofreu alguma influência externa. (C.12, Enéas)

Enéias explicita que, sempre sentiu que sua orientação afetivo-sexual era homossexual, mas, por pressões sociais nunca “optou” por vivê-las, até decidir ser feliz,

“à sua maneira” , como ele diz, assumindo-se como homossexual e coabitando com o parceiro. Fabrício fala sobre seus sentimentos e como foi o processo de assunção de sua **orientação afetivo- sexual homossexual** e o processo de **coming- out** para sua família:

Agora... assim foi fácil, eu digo,... é tão fácil falar que foi fácil hoje.. assim, porque inicialmente, tudo te causa medo. Você tem que ir quebrando aos poucos, você tem que ir vivendo pra descobrir o que é... a família também. Pra você ter idéia, assim.. vou falar uma coisa... assim que é... é interessante... que impacta também, porque a minha mãe também, já se hospedou duas vezes aqui (**na casa que mora com o parceiro**). Na primeira vez foi minha e meu padrasto né, e depois foi só ela, mas... da primeira vez que ela veio, ela não sabia (**ênfase**)... ela vivia preocupada e eu disse.. ah! Tô ficando lá no bairro x, tal.. tô morando lá, tô saindo aos poucos do alojamento da universidade. Aí... tô saindo aos poucos de lá e ficando por aqui mesmo. Aí, inicialmente ela precisou... ela veio pra.. porque o marido dela é pastor.. e veio pra comunidade (**evangélica**). Ela é mulher de pastor... e ela veio ficar aqui na cidade X, tal, tem quarto separado. Aí **ela não sabia (ênfase)**. Quando ela veio ela passou a desconfiar... porque nossa amizade é muito forte (**dele e a mãe**), nós temos uma amizade muito forte. Aí ela passou a desconfiar.. e eu... e anteriormente a isso ela não fazia a menor idéia, não fazia a menor idéia.. nunca dei o menor indício, entendeu? Sobre a minha sexualidade, não tinha a menor idéia...até então ela tava orando a Deus pra me dar uma noiva (**risos**), perfeita, como ela falava... até então, até o dia que ela veio. Aí ela viu, né? Eu fui falando aos poucos.. fui fazendo ela entender, tal e tal e tal né. Aí ela foi embora e eu tive conversas com ela bem por alto por telefone. E aí quando ela voltou, ela já veio sabendo, já veio sabendo, assim... Não falei pra ela é **isso, isso, isso (ênfase)**, mas falei assim “Ó, mãe! É a forma como eu estou vivendo, tal, tal”. Fui falando pra não chocar, porque a forma de vida dela é mais difícil (**por ser evangélica**)... mas, **ela nunca (ênfase)**, me disse um “A”, nunca... falou nada, convive bem, é amiga dele, conversa por telefone (**com o companheiro**)... mas, foi... um processo também, sabe? Da mesma forma que o homossexual tem que engolir muita coisa na vida, dessa vez eu fiz ela engolir um bocado (**risos**) (C.13, Fabrício)

Enéias narra que teve dois casamentos, dois **vínculos conjugais heterossexuais**.

Os três filhos que tem, são resultantes do primeiro casamento:

Então eu fui casado.. o meu primeiro casamento, foi um casamento muito satisfatório. Nós vivemos **muito (ênfase)** bem durante dez anos, tivemos três filhos. Nos dávamos perfeitamente bem, em todas as situações, tá? Tanto como amigos, como marido e mulher. E.. o casamento acabou não foi por esse... por questões de orientação sexual nada. Como qualquer outro casamento acabaria com o tempo. Houve um desgaste com o tempo, nós começamos a discordar de algumas situações, e então o casamento veio a acabar. (C.12, Enéas)

O casamento terminou, segundo ele, por desgaste, divergências entre eles e, não pela orientação afetivo-sexual de Enéias. No momento da separação, as duas filhas, optaram por morar com ele e, posteriormente, o caçula também:

Só que desse casamento.. hum.. os três filhos... que eu tenho fizeram opção de morar comigo. Então eu comecei a criar esses filhos, ao longo desses últimos anos. Todos moram comigo, né. E.. não tem assim... as duas meninas mais velhas, inicialmente ficaram comigo e o mais novo era bem novinho ainda, tinha por volta de cinco anos na época que nós nos separamos, ele ficou um tempo com a mãe. E aí quando a mãe resolveu mudar de cidade X, ela morava aqui e foi morar em outra cidade, esse mais novo também fez a opção, a opção pessoal dele de morar comigo. Aí ele veio morar comigo, passou os três morando aqui. (C.12, Enéas)

O segundo casamento ocorreu após um longo tempo de solidão, em que, em seus dizeres, Enéias esteve só no cuidado dos filhos, exercendo a função parental. Então, por pressões sociais, iniciou um **novo relacionamento**:

Passei um longo tempo praticamente só...num, não tive outros relacionamentos. De uma certa forma, nem de uma forma nem de outra, nem o chamado relacionamento homo, nem relacionamento com mulher, né. (...) Depois, passados os anos, eu... acho que por uma pressão familiar, social mesmo, porque a gente convive em sociedade, trabalho, casa, igreja e todas essas questões... eu tive uma pressão... nunca ninguém chegou pra mim “Ó! Você **tem que casar novamente (ênfase)**!” A coisa muito forte não. Mas sempre havia alguém “você não vai casar de novo? Já tem tanto tempo!” não sei o que. Aquelas pressões normais que as pessoas acham que.. “Ah, você vai ficar velho e quem vai cuidar de você na velhice?” Como se essa pessoa

com quem você se casasse não fosse morrer talvez antes de você. Quem vai prever se ela vai cuidar de você ou você vai cuidar dela? Ou não ou a pessoa vai vir a morrer antes ou você? Então essa uma coisa muito social, dizer “quem vai cuidar de você na velhice?” E acho que embasado nisso e aquela... um pouco de solidão, não sei o que lá... eu resolvi embarcar num segundo casamento... o segundo casamento com uma mulher. Conheci uma pessoa e me casei. **(C.12, Enéas)**

O segundo casamento não foi satisfatório, como ele afirma ter sido o primeiro:

Esse casamento, pra mim eu considerei um grande desastre da minha vida porque, o primeiro casamento **não (ênfase)**, mas no segundo casamento sim, porque foi embasado exatamente porque eu estava só, porque todo mundo achava que eu deveria me casar de novo... porque os próprios filhos diziam “Ah, pai cê tá só, seria bom a gente ter uma família de novo, uma estruturada” aquelas questões sociais e tal. Eu me casei e esse casamento chegou a durar no máximo dois anos. Mas porque durou no máximo dois anos? Porque eu descobri que não era aquilo que eu queria, eu não estava sendo feliz.. aí eu fiz...um apanhado da minha vida... e descobri que eu estava na época já com quarenta e três anos.. **e não queria (ênfase)** passar o resto da minha vida fingindo que eu era feliz... que a sociedade me impunha aquilo... porque meus pais iam achar ótimo que eu agora tava casado... eles sempre tiveram... não só uma desconfiança, mas sabiam nas entrelinhas da minha orientação sexual então isso pra eles era um alívio, pra família toda, irmãos, aquelas coisas. **(C.12, Enéas)**

A vivência de relações para atender a anseios sociais e familiares, em que não há um caminhar rumo à intersubjetividade, é bastante freqüente, na atualidade. As pressões sociais, por vezes são tão severas que levam os indivíduos a viver apenas no mundo do ISSO. Ter consciência desta situação e romper os laços que atam as pessoas a relacionamentos infelizes é algo difícil de ser decidido. Enéias afirma que, ao analisar sua situação, se deu conta de que não era feliz.

Eu descobri que eu... que eu estava tentando fazer as pessoas felizes... aí tava todo mundo feliz a minha volta, meus pais estavam felizes comigo, meus filhos entre aspas estariam felizes comigo e, as pessoas que me conheciam e

sabiam da minha situação (**de homossexual**) também (**ênfase**) e no final **só eu** (**ênfase**) estava infeliz. Então eu descobri... olha o negócio é o seguinte.. eu vou passar, já tô na metade da minha vida pra frente e tá todo mundo feliz e **eu não** (**ênfase**). Então eu tava sendo apenas... fazendo as pessoas felizes e não sabendo viver a minha vida. Então eu resolvi jogar **tudo isso pro alto** (**ênfase**). Foi quando eu terminei um casamento... e terminei **muito consciente** (**ênfase**). Cheguei pra pessoa... não disse especificamente que era por uma questão de orientação sexual, mas falei exatamente a verdade. Que eu estava terminando o casamento porque eu não estava feliz nesse casamento, não conseguia amar como deveria também, então eu tava sendo uma pessoa que estava sendo muito infeliz dentro do casamento, estava me sentindo um prisioneiro. Até porque nós viemos morar nessa casa, que é minha. Eu já tinha um tipo de vida aqui, só com os meus filhos, aquela coisa toda. E de repente mudou tudo. Eu não era mais o dono da casa, eu não mandava mais em praticamente nada... se eu saísse “Ah! Onde você vai? Onde você deixou de ir?” Quer dizer, toda uma liberdade e um diálogo que eu construí com meus filhos durante esses dez anos de convivência só nós, tinha sido jogado para o espaço. E era uma pessoa muito intransigente. (C.12, Enéas)

Atualmente, Enéias vive com o parceiro, Fabrício, em um **vínculo conjugal homossexual**:

Então eu tenho convivido com uma pessoa, convivo na mesma casa, a gente mora junto, convivemos na mesma casa com meus filhos, meus filhos têm aprendido por observação, não é por colocar (**explicitar em palavras o que vivem**), mas por observação, que é possível ter um relacionamento sadio, que é possível se ter uma vida estável... Apesar que os padrões sociais... colocam de outra forma, mas nós temos tido uma vida bastante estável, com uma aceitação dentro do que é possível, porque... tem-se as limitações e as limitações vem externas, vêm mais de fora do que de dentro. (C.12, Enéas)

A idéia de que homossexuais não possam viver uma vida familiar de modo estruturado é bastante comum, como já vimos nos discursos anteriores e, vemos novamente aqui. Por vezes tal concepção se traduz na **homofobia e no preconceito**, internalizados pelos próprios homossexuais, como observamos na fala de Fabrício:

Agora pra chegar a esse nível de consciência, assim.. eu digo pela gente, o nosso próprio pensamento e tudo... pra chegar a esse nível de consciência que parece ser simples, certo? Tipo assim.. se eu... parece ser tão simples, mas pra chegar a isso é um caminho muito longo.. é.. é assim... você tem que... árduo é um processo. Você tem que deixar... quebrar muitos medos, tipo... eu, por exemplo.. eu tinha medo, eu tinha medo de tá com ele (**com o companheiro**) dentro do carro e... parar no semáforo e parar uma pessoa do lado, um conhecido de longe, do lado e pensar assim “o que que ele tá fazendo naquele carro?” Eu tinha medo disso, sabe? Eu morria de medo, eu tinha pavor, pavor, pavor. Só que ao longo da convivência a gente vai descobrindo que o medo.. que eu acho que é um dos maiores problemas também, ele é alimentado pelo próprio medo. Então se você matar aquele medo inicial, aquele medo vai morrer de fome e acaba, entendeu? Tem que ir quebrando aos poucos esse... esse preconceito, que é um processo árduo. Que eu acho que com a gente até foi rápido. Foi tudo muito rápido, uma explosão. E.. mas, pra chegar nesse nível de consciência de que é necessário se fazer feliz, de que é necessário não estar mentindo pra você, é um processo longo... demanda uma vontade, tem que ter o estímulo, tem que ter um diálogo muito aberto. **(C.13, Fabrício)**

Eu tenho 23 anos. Ah! Inicialmente a gente fica..., por questões sociais... fica muito temeroso, diante de.. diante de aceitação, questões suas mesmo, sabe? **(C.13, Fabrício)**

Fabrício chama a atenção para a importância do diálogo a fim de que não haja mentiras para si mesmo e para que a relação se aprofunde e caminhe em direção ao tu buberiano.

O desejo e a concretização do projeto de ter filhos ocorreram para Enéias em decorrência do próprio casamento (o primeiro). Ele fala sobre a compatibilidade entre a homossexualidade e o desejo de ser pai e de sua visão da maternidade como algo primordial à algumas mulheres:

Não, com certeza **eu sempre quis! (ênfase)**. Ter filhos pra mim sempre foi uma coisa importantíssima. Eu não consigo entender porque as pessoas fazem certas diferenças entre... a sexualidade de alguém com o fato dele ter

filhos. Até porque **não impede em nada (ênfase)** eu não consigo entender... não impede em absolutamente em nada ser pai... creio que até ser mãe pra algumas mulheres... é uma coisa primordial, muito importante.

Tenho filhos é.... isso (**a homossexualidade**) não impede que tenhamos uma relação pai e filhos, onde há muito respeito de ambas as partes. (C.12, Enéas)

A **vivência da parentalidade/ paternidade** é descrita por Enéias como uma relação aberta, próxima e plena de diálogo com os filhos.

“Mas, também porque me dediquei muito tempo a criar os filhos e.. essa coisa muito normal. De que tinha de cuidar da casa, do trabalho, do colégio.. essas coisas.. da educação deles. Então passei muito tempo assim.” (C.12, Enéas)

E eu sempre acreditei no amor deles acima de qualquer preconceito, acima de qualquer situação que venha lá fora. Até porque em convívio, em família, você aprende a saber as reações, etc. E também porque eu criei meus filhos com uma mentalidade assim, para que não tivessem preconceitos de forma alguma, pra que soubessem conviver com qualquer tipo de pessoa, inclusive.. questões sociais, raça, né, cor, etc. Então eu fui criando eles com essa mentalidade. Então, eu sabia que tinha abertura pra conversar com eles. (C.12, Enéas)

Ele continua, expondo os **encantos da parentalidade/ paternidade**.

“Você se sente realizado em passar os seus conhecimentos, em criar os filhos, em educar, etc. Principalmente quando você acredita.. nos seus ideais.” (C.12, Enéas)

“Mas eu crio os filhos e todos estão em casa junto comigo, têm uma vida saudável, uma vida religiosa também, vão à igreja, etc. Que é uma outra coisa também... “Ah! Criei o filho todo desgarrado! Eles vivem em farra, chegam altas horas e não sei o que”. Quando não é a realidade aqui em casa. Eu nunca tive problemas com horário. Todos chegam dentro da medida, sempre cedo. Ou quando vão ficar até mais tarde numa festa ou em qualquer situação, me ligam “Ah! Pai, vou ficar até mais tarde”, “Tô chegando.” “Tô saindo, me liga no celular, qualquer coisa”. Quer dizer, eu tenho esse respaldo, coisa que eu não vejo... em famílias assim que diriam... com essa estrutura social que se pede por aí. Eu não tenho o menor problema.” (C.12, Enéas)

Enéias, relata que os filhos sabem de sua condição homossexual e descreve como foi o processo de *coming-out* para eles:

Eu tenho hoje, em casa, uma vida super aberta com meus filhos, meus filhos sabem da minha condição, do tipo de vida que eu tenho, levo. **(C.12, Enéas)**

(...) Meus filhos, por exemplo, eles... sei que chegou um determinado dia, logo após o término desse meu segundo casamento, que eu reuni eles e tive uma conversa franca. Vocês **já sabem (ênfase)** nas entrelinhas, mas nós nunca conversamos. Então a gente conversou abertamente sobre isso **(sobre a homossexualidade)**. Eu falei “A minha opção...”, a minha opção não, não vou usar esta expressão de novo porque é uma expressão viciada. **(C.12, Enéas)**

(...). A minha orientação sexual é essa e vocês já estão sabendo. E conversei e a reação deles foi satisfatória, nós convivemos absolutamente bem em família”. **(C.12, Enéas)**

José, o filho, neste momento, fala de sua mãe:

Digamos assim, apesar de que nós morávamos com meu pai, eu e minhas irmãs, a gente tem um relacionamento muito bom com a minha mãe. E a minha mãe também é bissexual. Ela teve um relacionamento de 9 anos com uma mulher que terminou e a gente teve que lidar com isso também. **(José)**

Fabrizio, C.13, é apenas um ano mais velho que a filha primogênita de Enéias. A convivência com os filhos do parceiro é definida por ele como se segue:

Mas pela minha experiência individual aqui, foi muito satisfatória, não existe problemas assim, não existe problemas assim, nenhum, nenhum mesmo... de ordem de convivência, de... aceitação.. eu sou uma pessoa fácil de conviver...**(C.13, Fabrizio)**

Ele brinca que, em termos de papéis, ele não se vê como mãe: “*Como mãe, não! (risos) Mãe com certeza não (risos)*”. José, o filho de Enéias diz : “*Madrasta! (risos)*”.

Em seguida, fala em tom sério:

Eu diria que como amigo, acima de tudo como amigo, deles assim. Eu sou uma pessoa que, assim que, que, que... vivo com o pai deles, né? Vivo muito

bem, um relacionamento muito positivo (**fala meio hesitante**), mas... não há como, não há como enquadrar.. não existe **como enquadrar (ênfase)**. Assim eu não sou pai, **não sou mesmo (ênfase)** assim. Não sou mãe, definitivamente, não sou mesmo (**risos**). (C.13, Fabrício)

E também porque todo mundo tem uma vida acadêmica. Você acaba indo pra mesma faculdade. Alguém quer... quer tirar alguma dúvida, fazer algum trabalho, uma pesquisa, alguma coisa...então... eles acabam se entendendo, muito bem. (C.12, Enéas)

Enéias aponta novamente o já mencionado modelo heterocêntrico (NAVARRO-SWAIN, 2000):

O único problema é que nós queremos enquadrar um tipo de vida, num modelo.. que não foi feito para nós (**modelo heterossexual/ heterocêntrico**). (C.12, Enéas)

Por isso que eu falo, eu acho que a melhor, a melhor categorização seria.. eu sou amigo, **sou amigo (ênfase)**. (C.13, Fabrício)

Exato. Porque na verdade a gente quer... esse **é o grande problema (ênfase)**! As pessoas têm uma relação homo e querem enquadrar naqueles parâmetros sociais antigos, os parâmetros é... não servem, humm.. não é a mesma bitola, entendeu?... você tem que criar novos parâmetros, porque não funciona da mesma forma, **a relação (ênfase)** não funciona da mesma forma. (C.12, Enéas)

Eles se reportam à necessidade que as pessoas têm de rotular situações, comportamentos e, o quanto esta necessidade pode dificultar a interação em virtude do desconhecimento mais uma vez caracterizando o ISSO buberiano:

Eu acho que se a sociedade evoluir, por exemplo, daqui a cem anos, talvez existam novos termos, como existe cunhado... talvez exista uma classificação, um nome pra isso (**pro parceiro de um pai homossexual**). Essa classificação é mais uma necessidade externa, porque dentro (**da relação homossexual**) não tem dificuldade nenhuma. Agora tem uma coisa interessante procê analisar, eu falei amigo, porque também seja uma coisa que pra mim é o mais próximo. Porque quando eles (**os filhos**) saem lá fora comigo, que alguém vai chegar, a gente se pergunta: “O que que a gente vai

falar?” e a gente decidiu que vai falar que é amigo porque não existe um termo pra isso. (C.13, Fabrício)

Digamos assim...num relacionamento padrão entre um homem e uma mulher, quando eles não são namorados, quando eles são alguma coisa a mais, eles são ditos cônjuges, entendeu? São cônjuges... Um é cônjuge do outro, sei lá. Na relação homossexual você não pode dizer que é cônjuge. Ninguém aceita.. ou seja, termina sobrando amigo. Porque eles podem ser casados e podem ser amigos. Eu posso ser, digamos assim... morar com ele, digamos entre aspas ser casado com ele e ser amigo, mas, socialmente falando eu não posso ser nada além disso. (C.13, Fabrício)

Eu acho que uma coisa que tem que ser colocada nesse momento, é porque quando se vive assim da forma que nós vivemos, a gente chama de amizade, porque a cada um, mesmo a minha função como pai ela fica muito descaracterizada daquela função **padrão de pai (ênfase)** onde o pai manda e os filhos simplesmente abaixam a cabeça (**obedecem**). Então nós temos, eu acho que essa amizade, o ser amigo, ela cabe em todos os ângulos. Eu sou muito amigo hoje dos meus filhos e eles são muito meus amigos, porque nós quebramos muito aquela coisa de que o pai fala, os filhos abaixam a cabeça, ninguém tem... (C.12, Enéas)

Na fala de Enéias e Fabrício evidencia-se a vivência de uma relação mais igualitária, em que a **divisão de papéis** não é tão rígida entre o casal e entre pai e filhos. Eles expressam, na sequência que selecionamos a seguir, a visão que se tem família heterossexual tradicional e em que se diferencia a família homossexual:

Mas, existe um lado positivo nisso. O lado positivo é que a relação tradicional, marido e mulher, ela criou certas situações viciosas, que são muito ruins. A mulher, por exemplo, ela acaba sendo **refém (ênfase)** do marido, a mulher tá com uma posição subalterna, a mulher escuta e o marido manda, a mulher faz comida porque o marido vai chegar em casa... tudo o que a mulher reivindica é fruto dessa bitola social, do que é a família estabelecida. Já a família homo, por exemplo, ela já vem **bem destituída (ênfase)** de todos esses padrões. Aqui não tem alguém que espera alguém com a comida pronta, aqui não alguém que vai arrumar a roupa de alguém. Aqui tem amigos, que **se completam (ênfase)** que por não ter aquele ranço social, é tudo automático. Cada um sabe que tem que cobrir a necessidade um

do outro. Na família, chamada tradicional, a mulher já vem pro casamento com uma carga a mais. Ela sabe que tem que criar os filhos, ela sabe que tem que cuidar do marido. E além de tudo, hoje, ela ainda tem que prover também a casa porque a vida tá difícil. Então, nessa relação (**hetero**) existem vícios ruins.. a mulher já entra pra família e pro casamento numa situação meio subalterna, numa situação meio inferior, que ao longo do tempo ela tem que vir lutando pra quebrar isso, porque é coisa que vem da, dessa família patriarcal, daquela coisa toda. E nessa relação **homo não (ênfase)**. Por isso que a gente chama de uma relação de amizade. Isso **não existe (ênfase)**! Nós já começamos num plano completamente diferente. Então por isso, não existe subalterno, não existe quem é mais, quem é menos, porque não tem nada lá no passado que já vem “Olha, os papéis são esses! Você tem que ser submissa quando o marido chegar em casa, cê tem que tá lá com a sandália dele, cê tem que preparar o banho dele”, como se dizia antigamente. Isso são coisas que mulher de hoje tenta quebrar e existe **até hoje (ênfase)**. Não é isso? Tem mulher que até hoje quando o marido chega, ele só come se ela colocar o prato dele feitinho. Isso.. nesse novo padrão que nós vivemos (**o padrão homossexual**), isso não acontece porque nós não estamos embasados nesses padrões antigos. Então por isso que nós definimos isso (**o relacionamento**) como uma amizade. Uma amizade saudável, é... nossas vidas não estão pautadas em sexo. É uma vida social normal, sexo é uma **tangente (ênfase)**. Que é bom, a partir do momento que essa.. é, é uma realidade nossa, pessoal, entendeu? E não interfere na vida de ninguém. Isso aí é um grande mito, uma grande besteira. Então, essa, esse é o diferencial... de uma vida homo. Porque nós não estamos pautados nos padrões sociais da família que **vem (ênfase)**, que remonta muitos anos (**família tradicional**). (C.12, Enéas).

Enéias caracteriza o que vimos expondo na primeira parte desse trabalho: a **rigidez dos papéis de gênero** que empobrece as relações e as distancia do tu buberiano. Ele aponta para as relações mais igualitárias entre os casais homossexuais e sua fala se opõe ao que dizem Féres - Carneiro (1997) e Fry e McRae (1985). Estes autores dizem que, entre os pares homossexuais masculinos há uma maior valorização de atributos como: *sadio, respeito à privacidade do parceiro, liberado sexualmente e a capacidade*

erótica do parceiro. A amizade e amor foram mais valorizados por mulheres homossexuais, no estudo conduzido por Féres -Carneiro (1997).

Nos depoimentos desses colaboradores é freqüente a citação do **preconceito e do desconhecimento, da influência religiosa nas concepções que se formam sobre as vivências homossexuais e a constituição de famílias**. Por vezes esse preconceito aparece na forma de homofobia, internalizada ou vinda de outros meios sociais.

Enéias, acerca desse tema, começa falando sobre **preconceito relacionado ao trabalho e à aceitação social**:

Mas... no trabalho, em outras áreas, não necessariamente. Até porque fica muito difícil isso, as pessoas te aceitarem e... criarem certas... às vezes você é tido como mau profissional por causa da sua opção, ou seja lá... (...) Existe uma diferença entre você se aceitar, né... e ser **aceito socialmente (fala com ênfase)**. (C.12, Enéias)

Eles expressam as **relações sociais com os vizinhos**:

Dentro (**da família constituída por eles**) a gente não tem, mas a gente sabe que tem as limitações. Então a gente não pode abrir a nossa forma de vida, porque tem a vizinhança que encara de outra forma, tem o trabalho, tem todo um lado social que acho que a gente... (...) **Não (ênfase)**, necessariamente não. Até porque.. é.. nós não abrimos a nossa vida particular aí fora. Então... mas nós temos assim, o **olhar (ênfase)** dos vizinhos, entendeu? O que a gente percebe é olhar estranho dos vizinhos, talvez o comentário entre eles.(C.12, Enéias)

(...) quando a gente passa de carro, todo mundo olha e comenta. (C.13, Fabrício)

Exato. Quando está um grupo qualquer na rua, todo mundo passa e comenta. Deve ser comentário daquele tipo “Ah! Ele era casado, separou da mulher e tá morando com uma pessoa do mesmo sexo ou coisa parecida”. Saem os filhos, eu e todo mundo. Talvez haja esse tipo de comentário, mas, nunca tive nenhuma censura. Eu acho que é uma coisa perfeitamente **normal (ênfase)** dentro de uma sociedade que não tem uma visão única. Então eu acho isso

perfeitamente normal. Também não chega a me incomodar. E de uma certa forma eu acho até interessante, intrigante esse tipo de coisa. (C.12, Enéas)

Na fala de Enéias, aparece sua tolerância à intolerância dos outros. No entanto, ele diz que é muito discreto, o que poderia nos levar a pensar que a vizinhança, com seus comentários, não o afetem porque ele não abre muito espaço de sua vida privada para eles.

Enéias cita que o preconceito existe em relação a tudo que sai do comum, do trivial e se recorda de uma situação vivida por ele, quando os filhos ainda eram crianças:

Eu gostaria de contar esse fato porque esse fato é interessante. Eu passei por um problema, quando eu me separei. Quando eu me separei eu fiquei com os filhos, eu tinha três filhos e em casa era só eu e eles. Um homem sozinho com três filhos. Então o que que acontecia? As meninas, elas tinham amigas e às vezes elas chamavam as amigas pra dormir lá em casa, não sei o que lá. Quando as mães sabiam que eu era um homem só e criava três meninos, **geralmente (ênfase)** elas não deixavam as filhas dormirem lá em casa, porque elas achavam que eu podia molestar alguém, etc., etc. E eu também, ao longo da vida até criei uma certa distância... uma distância física das minhas filhas, sempre criei bem... mas criei uma certa distância física, porque você é sempre refém da sociedade. Você é um pai sozinho que cria meninas e num sei o que lá. Ainda existe essa coisa de achar que o pai vai molestar uma filha, etc., etc. E por questões sociais, eu acabei... descobri que ao longo do tempo eu criei, uma certa... um certo distanciamento das minhas filhas, por excesso de zelo. Por que talvez eu perguntei: “O que que as pessoas poderiam achar de um pai, né, completamente só em casa morando com os filhos?” Um pai excessivamente carinhoso e etc. e eu acabei sendo um pouco... mais contido e distante dos meus filhos. (C.12, Enéas)

O colaborador utiliza uma expressão interessante “*você é sempre refém da sociedade*”. Essa fala sintetiza o mundo do ISSO, no qual o distanciamento e a objetificação do outro são uma marca. Ele diz que, pelo peso desse olhar externo, afastou-se fisicamente das filhas, para não dar motivos para cobranças e/ou temores.

Mais uma vez, o conhecimento e a compreensão foram (e são) os meios para que as pessoas tenham um novo olhar sobre a diversidade familiar existente.

Mas, isso também foi interessante, porque ao longo da vida, quando as pessoas foram descobrindo que eu era um sujeito que soube criar meus filhos... meus filhos nunca me deram nenhum tipo de problema, etc., etc. aí as pessoas foram se aproximando mais. Aí as amizades deles foram muito mais simples, as pessoas já me respeitavam muito mais pela criação que eu dei aos meus filhos. E hoje por exemplo, estão todos eles estudando, na faculdade, só o mais o novo que vai entrar na faculdade agora. (C.12, Enéas)

Fabrizio fala sobre suas **impressões** iniciais com relação a uma **vivência conjugal e familiar homossexual** e o quanto considerava essa possibilidade inviável. Contudo, ao conhecer e vivenciar essa realidade, sua opinião se modificou, o que nos leva, de novo, à questão do conhecimento.

Pra você ter uma idéia como esse... esse tipo de convívio, eu digo assim de forma mais específica, do convívio que nós temos aqui... é uma coisa assim.. pra mim era uma coisa impossível, antigamente, sabe? Era uma coisa impossível. Da mesma forma, como, como... é muita surpresa pras pessoas que a gente conhece e que.. sei lá. A gente conheceu um casal também de gays e eles perguntaram “Vocês moram juntos e tal?” E quando a gente fala: “É... eu moro junto e temos três filhos”. “Sério? E mora todo mundo junto?” Todo mundo se espanta.. é uma coisa, muito, muito diferente assim. A gente já tá mais habituado porque.. a gente já convive, né? Mas, pra mim era muito, muito... meio impossível também era né? Por questões meramente sociais. Achar que vai ser aceito... (C.13, Fabrizio)

Ambos dissertam sobre a **relação homoafetiva em que há filhos:**

É uma relação **perfeitamente** (ênfase) normal. É porque não é o padrão. Em uma relação homossexual com filhos, eles vêem outro modelo e não o sexo. (C.13, Fabrizio)

De repente, em alguns casos as crianças vêem que o modelo homossexual não é tão absurdo nem tão problemático. Porque na realidade tem muitos casais que brigam, convivem dentro de casa aos gritos, aos trancos e até aos tapas, chegam até às vias de fato e criam situações para os filhos muitas vezes

muito mais difíceis, né.... Filhos se tratando com psicólogos, às vezes, muitas vezes por **situações de brigas (ênfase)**, uma verdadeira tempestade dentro de casa. E, muitas vezes, quando a relação não está pautada somente nisso, às vezes uma relação homo, ela é menos tempestuosa, ela é muito menos tempestuosa. E alguém de fora deve dizer: “Poxa! Existe um certo equilíbrio”. Não é.. eu vejo mais um cuidado mesmo, justamente por saber do tipo de preconceito.. uma cautela mesmo. **(C.12, Enéias)**

Eu acho assim, o único problema que eu vejo.. **o único não (ênfase)**. Não existe um único problema quando se trata da homossexualidade. Mas, um problema que eu vejo assim, mais na área do seu tema, assim do seu tema, na área da tua tese.. o maior problema nisso, que eu vejo, é a questão do convívio social, sabe? Eu acho que tem uma coisa que é desde muito tempo, acredito que tem melhorado e que vai melhorar muito mais... o convívio social, a questão do convívio social do homossexual, digamos assim do, da, da convivência homossexual com a sociedade. As pessoas, os homossexuais que vivem juntos com a sociedade, com o meio externo assim. Esse meio externo, a família, não a família nuclear porque esse é o nosso meio interno, mas a família, por exemplo, meus tios, a irmã dele, a mãe dele e isso, isso é o que é mais difícil, sabe? Porque, é o que todo mundo.. todo mundo tem necessidade de vida social, **todo mundo tem (ênfase)**. E quando as pessoas vivem da forma como nós vivemos, eles precisam se furtar muito... disso. Então... procura preencher esse vácuo de uma outra forma que, que... talvez preencha, às vezes não preenche, mas, a necessidade do convívio social... é, é uma lacuna, sabe.. que a gente ainda vai, né, até a sociedade evoluir, todo mundo vai sentir isso. **(C.13, Fabrício)**

Acerca das **vivências homoparentais e da homossexualidade**, inúmeros são os **mitos** que as permeiam. Enéias e Fabrício os enumeram, começando pela **influência na identidade sexual dos filhos**. Esse é um dos grandes temores sociais, quando se fala na parentalidade homossexual (FIGUÊIREDO, 2003; VICTOR; FISH, 1995). As demais pessoas entrevistadas por nós têm, em sua maior parte crianças com menos de sete anos e Valquíria, Margarida e Ângelo que têm filhos adolescentes ou jovens adultos, que se definem como heterossexuais. Enéias diverge, nesse ponto, dos outros entrevistados,

pois, seu filho caçula é homossexual. Ele expõe o que pensa sobre a **constituição da orientação afetivo- sexual e influências na identidade sexual** dos filhos:

A primeira coisa é que as pessoas acham que pais homossexuais... **(pausa)** vão.. criar filhos também homossexuais. Essa é a primeira questão que se levanta muito. Acha que a criança, o jovem, o adolescente, ele acaba sendo muito o produto do meio, que aquilo que ele vai ver... vai influenciar na vida dele pra sempre. **Eu não acredito que seja uma realidade (ênfase).** (C.12, Enéas)

Não. Aconteceu a mesma coisa também com as meninas, que não têm essa orientação homo. Têm namorados e vivem uma vida, o que eles chamam... dentro dos padrões, não homo, né. Os namorados vêm aqui, elas saem, etc., sem nenhum tipo de.. problema nenhum, né, pra nós no convívio em família. E elas me aceitam bem, eu aceito... e de forma alguma a minha homossexualidade **influencia (ênfase)**. Se eu não fosse homo, com certeza, acho que meu filho poderia ser **(homo)** sem... porque meus pais não são, meus irmãos não são e eu sou e isso não veio de influência nenhuma... e o convívio é excelente. (C.12, Enéas)

É muito difícil você fazer com que as pessoas separem... Igual, no meu caso ter **filho homossexual (ênfase)** sendo eu homossexual, tecnicamente aí fora, é uma influência minha. Não vai ter uma forma de eu explicar aí fora que não fui eu que influenciei meu filho.(...) Então, até.. seria muito difícil meu filho ter esse comportamento porque ele copiou é.. da minha forma de viver, etc. até creio que nem seja por esse caminho, porque eu sempre **tive muito cuidado (ênfase)**.. é.. cuidados que hoje eu nem tomaria. (C.12, Enéas)

Também como **não acredito no inverso (ênfase)** que um pai homossexual, uma mãe homossexual ela possa interferir **definitivamente (ênfase)** na... se houvesse uma opção sexual, na vida dos filhos. Mas, aqui na minha casa, existe uma coisa.. um diferencial... nós somos... três filhos, duas meninas e um menino. Mas, o meu filho, o José, ele também tem uma, uma... como é que eu colocaria.. uma orientação homo também. Ele também tem uma orientação homo. Mas, isso eu **já tinha percebido (ênfase)** essa, essa orientação dele, praticamente desde que ele era bebê. Criei, eu percebi. Então eu criei e percebi essas diferenças, essas nuances, que só quem convive percebe, até porque muito antes **(de o filho assumir-se como homossexual)** ele já tinha me dito alguma coisa. Já tinha deixado nas entrelinhas, muito

antes de qualquer situação ter aparecido, de eu ter me separado. Mesmo quando eu convivia com a mãe dele.. já tinha certas... eu percebia.. nas entrelinhas, que ele tinha uma orientação sexual também parecida com a minha. O tempo veio, ele cresceu.. assim que nós tivemos condição de dialogar, nós dialogamos sobre isso. Aí ele falou que praticamente ficaria bem mais fácil ter um filho assim e eu também (**ambos homossexuais**).
(C.12, Enéas)

Em sua fala, Enéias diz que não pode tê-lo influenciado, pois só assumiu-se gay, tardiamente, inclusive, após o processo de “*coming- out*” de seu filho. Por outro lado, Enéias busca explicações na genética (para sua própria homossexualidade) e fala que já havia percebido a inclinação, a “tendência” da homossexualidade do filho, desde que ele era bebê. José que no momento da entrevista, estava sentado ao lado do pai, intervém e acrescenta:

Eu acho isso muito relativo. No meu caso, por exemplo, (**o filho é homossexual**), eu conversei com meu pai primeiro. Não que eu não sabia... eu tinha noção, igual ele falou.. eu já tinha noção. A gente já tinha noção aqui em casa. E eu conversei com ele antes de ele conversar comigo. Falei com ele e nunca fui influenciado. Eu acho que a influência de falar, mas chega uma certa época que a gente é influenciado pelos nossos próprios desejos e... as coisas que a gente realmente sente no seu corpo. Eu acho que a questão da orientação sexual é uma coisa que tá dentro de você, é uma coisa biológica, genética e não uma coisa assim que alguém põe na sua cabeça. Não é uma coisa social, uma imposição. (José)

De novo e ainda, a questão: como se constitui a orientação afetivo-sexual? E acrescentamos: nenhuma das explicações até agora abarcou as inúmeras possibilidades de expressão das homossexualidades. E finalizamos: mais que explicar as homossexualidades, buscamos compreendê-las, assim como às suas diversidades de expressão a fim de adentrarmos no universo relacional do tu, ao enxergarmos o humano, em toda a plenitude que se manifesta.

Também sobre os **mitos** que cercam a **homossexualidade** aparece o reducionismo do comportamento homossexual ao sexo e à relação sexual, somente.

Fabrizio e Enéias expõem suas percepções:

O fato da sociedade ligar a convivência homossexual, a homossexualidade ao sexo em si, não à sexualidade como um todo, mas ao sexo e tal, o ato em si... o convívio homossexual em termos familiares eles ligam também diretamente ao ato. Ou seja, se dois homossexuais vivem juntos e dizem “vamos adotar”, ou se um já tem um filho, alguma coisa, as pessoas que estão fora desse convívio imaginam que há uma exposição à... a centralização da vida naquilo, é... ao sexo. E não é. Da mesma forma como se fosse um casal hetero. Como se fosse... sei lá.” (C.13, Fabrizio)

Até porque assim, o sexo em si, o relacionamento sexual, ele, ele é apenas um... uma das facetas de uma convivência, né, em família. Você tem muitas vezes, muitas coisas que até são mais importantes, relevantes pro convívio de um grupo, de uma família, vamos dizer a questão da amizade, do companheirismo, do trabalho, do movimento da própria casa, do conforto, sabe? Isso aí é apenas mais um elemento. (C.13, Fabrizio)

O sexo é apenas uma tangente... nesse leque de opções. Mas as pessoas aí fora, como ele colocou vêm... a relação homo se reduz ao sexo. Os filhos cuidados: sexo; a casa só tem sexo. Quer dizer, respira-se sexo nessa relação. É isso que tem que ser **desmistificado**.(ênfase) (C.12, Enéias)

Nessa direção, de uma ênfase desmedida na realização do ato sexual, a **promiscuidade** aparece como uma característica:

Outro grande mito que há na homossexualidade é... a promiscuidade. Todo mundo acha que alguém que tem uma orientação homossexual... primeiro ele tem que ser promíscuo. Ele não pode viver uma vida familiar saudável. Existe um grande mito... toda pessoa que vive, todo homossexual ele é promíscuo. E isso não é uma realidade até porque, existem pessoas que não são homossexuais e são muito promíscuas. E não é uma realidade. E existem mitos.. que, que essas pessoas não conseguiriam, por exemplo, administrar bem a coisa da família, ter filhos, conviver bem dentro do lar, ter uma casa, ter uma casa equilibrada, assentada.” (C.12, Enéias)

Como o próprio colaborador ressalta, a promiscuidade, o desejo de não estabelecer vínculos pode ocorrer com qualquer pessoa, independente da orientação afetivo-sexual e é necessário ter cautela com as generalizações.

Por fim, os colaboradores chegam ao terceiro grande mito: a **questão religiosa**.

E o terceiro mito e esse é fortíssimo é quanto à questão religiosa. É como se o homossexual estivesse excluído... de fazer parte de qualquer grupo religioso, como se ele tivesse quase que alguma doença, alguma coisa assim. Então ele é visto de uma forma, né, muito ruim... e isso não é verdade porque acho que essa convivência, eu sempre digo que nós, o homem, o homem como pessoa ele.... é.... é dual. Ele é meio espiritual e meio material, meio homem e meio físico mesmo. Então.. e não há como não conciliar ao longo da vida essa dualidade, essa sua necessidade do eterno, essa sua necessidade de Deus. Não há como não conciliar ao longo da vida. Você **não consegue (ênfase)**, por exemplo, ser feliz, simplesmente levando a vida materialmente, como se não houvesse uma vida após a essa, como se não houvesse um amanhã. Então você fica sempre naquele desequilíbrio. E a sociedade tende a colocar o homossexual como um sujeito excluído, né dessa coisa gratificante que é ter uma religião, que é exercitar a espiritualidade. Por isso talvez é que haja tanta promiscuidade, tanta materialidade, na vida homo, porque a **sociedade (ênfase)** exclui ele desse direito de conviver com esse lado espiritual dele. Então eu acho que um outro grande mito é esse: que o homossexual não pode ter um equilíbrio tanto social quanto espiritual. (...) Porque nós sofremos duas pressões distintas, primeiro a social mesmo e a religiosa, **porque (ênfase)**... nós fomos criados e somos religiosos.. mas, somos... **evangélicos (ênfase)** e... em termos de ser evangélico, já tem aquela coisa assim... **(faz uma cara de espanto)**... evangélico tá longe disso **(da homossexualidade)**, num passa nem na cabeça que possa ser homossexual, etc. **(C.12, Enéas)**

(...) **De forma alguma (ênfase)**, até porque você entrando por esse padrão da **dualidade eles (os membros da igreja)** colocam tudo, uma série de problemas sociais no mundo, assim, violência... é... jogo, prostituição, drogas, homossexualismo, tudo no mesmo patamar. Tudo no mesmo patamar, assim.. sabe? Como se a violência fosse igual os efeitos negativos... igual a homossexualidade. **(C.12, Enéas)**

Em última análise, a pressão religiosa, ela é derivada da pressão social, porque.. Ah! Digamos a igreja é um grupo social e.. lá.. o que eu tenho percebido, o que impede o relacionamento religioso do homossexual, não é o homossexual com Deus e sim o homossexual com o grupo. Esse é que é o problema. O homossexual com Deus.. é.. se há um problema, se existe um problema, é uma interferência social, daquele grupo e você, que fala que aquilo isso (**a homossexualidade**) está errado. Não é Deus que tá te falando que na tua cabeça tá errado. É o grupo que fala pra você que tá errado e como você vive em sociedade, você sofre interferência do teu meio a todo instante.. aí, nesse aspecto há uma dificuldade, mais.. é preciso... transpor, né, esse obstáculo. Não **são coisas incompatíveis (ênfase)**.(C.13, Fabrício)

O sofrimento em razão da exclusão social, incluindo o grupo religioso é ressaltado pelos colaboradores. A Igreja (em suas variadas denominações) preconiza o encontro, a intersubjetividade, a perspectiva relacional com o outro e também com Deus, ou seja, convida os participantes a adentrarem no mundo do TU. Todavia, a grande contradição é que o grupo que a compõe está entre os que mais exclui, que reduz o humano a seu comportamento, sem levar em conta o todo, tornando-o um ISSO.

Nos dizeres de nossos colaboradores, essa exclusão é expressa com dor e mágoa. José (o filho de Enéias), mais uma vez intervém e diz:

E apesar de tudo, a gente foi criado na igreja, a gente se mantém na igreja apesar de tudo. E a gente tenta contextualizar as coisas também de acordo com a bíblia. A gente tenta é.. viver... é, amenizar um pouco essa pressão negativa da sociedade, entendeu. Porque na verdade o que a gente tem que fazer é amenizar mesmo.. a gente não tem outra forma pra fazer. Porque a gente sai no mundo e fala “a sociedade aceita, porque é isso aí”. (**José**)

Fabrício complementa:

E o sofrimento é muito justificado. Tem muitos momentos da vida que a gente sofre, porque a gente só é reprimido. É o **mundo (ênfase)** todo contra você. Não tem como, sabe? É sua escola, é sua igreja, é sua família, é todo mundo. Não existe esse super homem que, de repente não vai se abalar. (**C.13, Fabrício**)

Enéias acrescenta que o preconceito e a discriminação levam o homossexual a viver à margem:

Eu acho que quando a sociedade estiver menos preconceituosa eu acho que vai se tira... o homossexual e o homossexualismo... o homossexual da marginalidade. Porque nós somos obrigados a viver à margem da sociedade, nós somos obrigados a viver à margem da sociedade, exatamente por causa desses preconceitos. (C.12, Enéias)

São inúmeros os tipos de famílias que se tem hoje. E eu acho que os extremos, por exemplo, como os travestis, transexuais, os extremos só existem porque a sociedade empurra as pessoas pra marginalidade. Ou seja, elas acabam sendo empurradas a viver uma vida **extrema (ênfase)**, entendeu? “Olha eu resolvi, eu assumi que você é assim”. Então ele passa a chocar a sociedade. Então ele passa a ter uma vida **extrema (ênfase)**. Acho que quando houver isso, a sociedade começar a aceitar mais, as pessoas vão se centralizar mais, elas vão tá mais no eixo, entendeu? Porque quando te marginalizam, você como ser humano, às vezes tem essa necessidade... de chocar (**ênfase**), de fazer, de acontecer. Então, claro que todo homossexual preferia muito mais manter sua vida de uma forma muito mais natural, mais normal, sem extremos (**ênfase**). Mas, a sociedade, ela te joga para os extremos, ela te empurra, ela... é... então extrapola pra esses extremos. A gente tem todos os tipos, homens deste os mais femininos até os mais masculinos e mulheres também, independente de ser homo, hetero ou bissexual. Mas, a sociedade é cruel com o homossexual masculino. Se um sujeito for **levemente** afeminado, todo mundo aponta praquele sujeito e diz “aquele sujeito é gay.” As mulheres podem ser bastante masculinizadas, estar na cara que ela é (**homossexual**) que as pessoas dizem “não.. é só jeito dela mesmo”, não sei o que lá. (C.12, Enéias)

Enéias tece considerações importantes sobre as possibilidades ainda não (re)conhecidas de expressão da homossexualidade e da vivência familiar:

Eu acho que quando isso, com o tempo for diminuindo, você vai poder sair dessa marginalidade e as pessoas vão poder compreender que você tem uma vida normal, que você tem **uma casa (ênfase)** normal, que você vive numa sociedade normal e que as pessoas acabam... os filhos, por exemplo, no meu caso aqui, que foram, que são filhos biológicos, etc. e que eles acabam tendo

uma compreensão muito maior e que **o convívio (ênfase)** é muito mais franco, porque entre nós, pelo menos, em casa, acaba não existindo **máscara nenhuma (ênfase)**, porque nós não temos **necessidade nenhuma (ênfase)** de sermos falsos um com o outro. Sobre né... sobre os nossos problemas do dia a dia, não tem a menor necessidade. Eu posso conviver com meu filho, estar aqui com minha filha, etc. Então, a desmistificação é um negócio muito bom porque a gente.. vê isso aqui dentro em casa, em família, quando.. não existe o menor problema. (C.12, Enéas)

Mais uma vez, ele enfatiza o quanto o é importante manter o diálogo presente:

É só o diálogo, é só com o diálogo que você consegue chegar a esse nível. Por exemplo, aqui nós temos essa vantagem, do diálogo. A gente pode sentar, como nós estamos sentados aqui, nesse caso específico dessa entrevista, mas, a gente senta de vez em quando em família e **conversamos (ênfase)** sobre todos esses temas, abertamente. E volta e meia a gente tem esse tipo de diálogo... e a gente vai quebrando os mitos. Principalmente porque nós somos religiosos e nós nos deparamos com algumas situações, dentro da religião, dentro da igreja. Volta e meia a gente senta e começa a conversar sobre estas... estas questões. (C.12, Enéas)

E finaliza dizendo:

Olha, a segunda coisa, a última coisa que eu gostaria de colocar, então é que.. a partir dessa segunda separação, desse segundo casamento, quando eu resolvi definitivamente que eu não queria viver uma vida... que seria uma farsa, não só uma farsa social, mas uma farsa para mim mesmo, onde eu não me sentia bem, onde eu estava querendo uma outra coisa pra minha vida e.. na verdade eu estava fazendo a vontade de todo mundo. A partir daí eu resolvi que eu queria sair desse casamento, saí desse casamento, é.. encontrei uma pessoa, estou convivendo com essa pessoa. Pra mim tem sido satisfatório... porque eu quebrei todas aquelas... aqueles mitos sociais e as expectativas das pessoas e tô convivendo bem, acho que tô sendo feliz de uma forma que eu não tinha sido até então. Porque, porque exatamente eu estou vivendo aquilo que é **a minha (ênfase)** realidade, eu não tô vivendo a realidade alheia, a realidade dos outros, o que esperam pra mim, mas aquilo que eu esperava, aquilo que eu me sinto bem fazendo. (C.12, Enéas)

Assim, Enéas encerra sua fala desvelando a busca pelo verdadeiro encontro e intersubjetividade a que se refere Buber:

Mas, o que eu queria acrescentar é que hoje eu fiz não uma opção né, na minha vida, mas eu fiz uma transformação na minha vida. Eu resolvi que os últimos anos da minha vida, daqui pra frente, eu gostaria de ser mais honesto comigo mesmo. Ser feliz à minha maneira, porque a primeira metade da minha vida eu tentei ser feliz à maneira dos outros e não consegui. A **segunda metade (ênfase)** eu resolvi que eu vou ser feliz à minha maneira, certo? **(risos)** (C.12, Enéas)

Vejamos o que diz o próximo colaborador, João, C.14.

C.14- João, 30 anos, tem curso técnico profissionalizante, é auxiliar de enfermagem, define-se como homossexual. Foi casado com uma mulher com quem teve duas filhas, sendo que a mais velha faleceu (ele não conta como e quando) e ele convive com Vivian, de sete anos que mora com mãe e o novo companheiro dela. Mora com o companheiro Getulio, cabeleireiro, com quem está há aproximadamente 1,5 ano. Mantém, atualmente, um bom relacionamento com a ex-mulher.

Conforme vimos tratando neste trabalho, a vivência da parentalidade homossexual nem sempre é algo vivido e desvelado facilmente. João foi o mais reticente de nossos colaboradores e, não nos permitiu uma maior aproximação para aprofundarmos os questionamentos. Ele é também o de menor escolaridade e classe socioeconômica de nossos entrevistados. Talvez por essa razão aliada ao fato de que

terminou seu casamento há menos de dois anos, no momento da entrevista, suas respostas estão impregnadas da visão que o senso comum apresenta.

Ao iniciarmos a entrevista, com a questão norteadora “*fale para mim como você vivência a paternidade*”, João começou dizendo a idade da filha, a existência de um casamento com a mãe de Vivian e **a descoberta da homossexualidade**:

Tenho uma filha de sete anos, fruto de um relacionamento duradouro... Um casamento que durou cinco anos né... Antes de eu terminar, um pouco antes de... eu começar a me descobrir e que o que eu tava vivendo não era aquilo que eu queria... e eu vi que eu tinha... tava dentro de mim e que eu não aceitava.

Ele prossegue dizendo do alívio que sentiu ao tomar coragem e “**sair do armário**” (*coming-out*):

E... me senti libertado também. Quando eu tive esse relacionamento que eu fui casado com a... (**mãe de sua filha**) foi muito **sofrido (ênfase)** pra mim. Foi muito **sofrido (ênfase)** pra mim... O meu maior sofrimento foi não **eu (ênfase)** sofrer, não eu sofrer e, sim, saber... é... que eu estava fazendo quem tava do meu lado infeliz. Eu sabia que eu não iria completá-la cem por cento, entendeu? Eu... durante cinco anos, a gente viveu bem... A gente se dedicou... Fomos um casal normal, marido e mulher.

O entrevistado passa então a falar da sua vivência da homossexualidade e do quanto foi difícil para ele se deparar com seu desejo por outros homens. Sua **homofobia** é tão intensa que o sofrimento ao se perceber homossexual é recorrente ao longo de sua exposição:

Eu acho que o maior preconceito que eu vivi, foi de mim mesmo, comigo mesmo. E foi um casamento de cinco anos. (...) **Só (ênfase)** que no meu íntimo eu sabia que eu tinha um... alguma coisa na minha cabeça, que mexia comigo, fora dos padrões normais. Mas, eu relutava muito contra isso, eu achava que era alguma coisa, decerto... da idade que eu tinha na época. Eu casei muito cedo, com 17 anos. Eu achava que iria passar, mas com o tempo

aquilo lá foi desenvolvendo... e eu **relutando (ênfase)** contra aquilo. E chegou um determinado... tempo da vida que eu vi que.. a... pe, pessoa mais prejudicada seria eu, lógico, com certeza não. Mas, sim uma pessoa que tava do meu lado que infelizmente não sabia... daquilo que eu já sabia há um bom tempo e num aceitava. Eu achava que aquilo lá poderia ser mudado. E isso me procurava me doía muito. Então, **quando (ênfase)** eu, veio a separação e eu **decidi a buscar (ênfase)** e assim, de uma forma... sabe?... Assim em paz comigo mesmo... a viver o que eu vivo hoje, que eu num tenho vergonha de falar... da minha homossexualidade... entendeu?

Observamos que, embora seja difícil para ele lidar com essa (nova) situação há da parte dele uma grande preocupação com a ex-mulher a fim de minimizar o sofrimento dela. A autenticidade consigo mesmo e com ela, desvelam um olhar sobre o outro revelando nuances da relação EU-TU e um desejo de ir além apenas das aparências ou conveniências sociais que objetificam o outro.

Isso me tranquilizou porque eu sabia que ela ia sofrer, como ela sofreu. Mas eu sabia que isso um dia iria passar e ela ia encontrar outra pessoa, que ia preencher aquele vazio que eu deixei. Como ela encontrou. E isso me trouxe um certo conforto... sabe? De eu poder assim aceitar de frente aquilo que eu sabia que eu tinha que passar e não aceitava... e quando eu tive coragem e força pra aceitar, foi muito bom pra mim, sabe?

João ao falar sobre a **paternidade** e as **mudanças** advindas com essa vivência diz:

(pausa)... Olha!... **(pausa)** Uma coisa eu te digo... Teve duas coisas muito boas... **uma maravilhosa (ênfase)** que foi Deus ter me permitido ser pai. Porque eu acho que a gente só aprende o que é o amor quando a gente é pai. E eu acho... **acho não (ênfase)**, minha filha é o fruto que Deus me deu. Ele me deu dois, infelizmente me levou um. Mas, tem essa daqui que é **o maior presente (ênfase)** que eu já pude ganhar que é minha filha.

Ele relata ter uma boa convivência com a filha, embora, em sua visão, ela já tenha percebido sua homossexualidade, o que o leva a não querer **revelar sua orientação afetivo-sexual (coming out)** ainda para ela.

Eu sou um pai muito presente. Apesar da gente ser separado... eu tô sempre procurando ela (**a filha**), sabe? Tô sempre trazendo ela pra passar o fim de semana comigo... Quando não dá pra ela vir, eu vou pra lá e... Eu vou lá, eu saio pra passear. Então, assim... eu num tenho **tanto (ênfase)** tempo em virtude do trabalho. Além de que, tem o trabalho...e outras obrigações que saem um pouco fora do trabalho. Mas, **sempre (ênfase)** que eu posso eu tô **ligando (ênfase)**, pra saber como ela tá. Ela me liga sempre... quando ela tem um tempinho lá. Ela é muito inteligente, ela é **muito esperta (ênfase)**. Graças à Deus. (...) No caso... eu sei que ela (**a filha**) já percebeu alguma coisa. Eu só acho que não é o momento adequado e certo pra eu tá expondo isso pra ela, pelo fato da idade dela. Eu não sei como ela iria aceitar... Qual seria a cabecinha dela pra... sei lá, entender, entendeu? Eu acho que não é o momento certo, adequado. (...) (**pausa**)... Olha... a minha preocupação é só... quando chegar o momento de eu tentar esclarecer pra ela sobre isso aí (**a homossexualidade**).

Sobre a **percepção da filha da sua condição homossexual** e o porque da separação da mãe, João conta que a criança já lhe interrogou e deu-lhe pistas de ter conhecimento sobre a situação:

Ela **já (ênfase)** me perguntou porque eu mais minha ex-mulher não deu certo. E naquele momento, eu fiquei tentando procurar uma resposta e ela mesma respondeu, entendeu? Ela perguntou: “Pai, porque você e minha mãe num tão juntos mais?”. E eu falei “Olha, filha...” E ela falou assim: “Porque vocês não se davam bem, mais?”. E eu falei pra ela “**É. Também! (ênfase)**” E teve um dia, uma situação inusitada eu vi... que deu pra mim notar, que eu vi que ela sabia, que ela já entendia já alguma sobre mim, que foi... A gente tava saindo da casa dela pra mim passear com ela, né... Eu tinha ido visitá-la. E eu tinha saído pra passear com ela e aconteceu um incidentezinho no caminho, no qual eu falei uma palavra lá (**uma gíria do meio homossexual**) e ela pegou e respondeu de forma que deu a entender que ela sabia sobre a minha opção.

A ex-mulher e seu atual marido por razões de ciúmes, insegurança dele e, provavelmente, por frustrações dela, já haviam comentado com a criança sobre a (nova) condição homossexual de João:

Eu sei que a mãe dela, por algum motivo, já comentou alguma coisa com ela. Com certeza, o marido atual da minha ex-mulher deve fazer alguns comentários... um pouco vulgares perto dela. Não atualmente, mas, antes... por causa de alguns problemas pessoais que a gente teve por questão dele estar com a minha ex-mulher e achar que **(ele poderia interferir na relação deles)**...

Vivian passa os fins de semana com ele e o parceiro, Getulio, com quem a criança tem um bom relacionamento. Seu comportamento quanto à sua vida privada é muito discreto e, ele evita troca de carinhos com o parceiro próximo da filha.

Ela vem aqui em casa, ela passa o final de semana comigo, ela conhece o Getulio (**parceiro**), adora ele, né... Então, a gente tem uma convivência muito boa, entendeu? Eu sei que ela nota... mas, assim... eu não faço coisas tipo, tipo...coisas mais íntimas com ele perto dela. Mas, eu sei que ela já notou.(...) Então, eu sei que... na cabecinha dela, alguma coisa ela entende. Só que eu não acho que é o momento certo de expressar isso pra ela. Eu quero esperar o momento certo pra eu poder explicar pra ela e ela poder entender claramente.

Este colaborador conta que não permite que as pessoas de seu meio social, do trabalho e até mesmo amigos saibam de sua identidade homossexual, desvelando mais uma vez sua forte homofobia internalizada.

Mas, no mais, eu me, eu me... Eu sou muito... Como eu vou dizer? (**pausa longa**)... eu vivo muito com essa questão da aparência. Eu **não gosto (ênfase)** de deixar transparecer muito a minha vida íntima entre quatro paredes, entendeu? Eu... Tanto é que lá fora... Tanto é que no meu trabalho, amigos assim que eu sei, que não sabem da minha vida pessoal, da minha **opção (ênfase)**, que eu acho que não é uma coisa que **todo mundo precisa saber (ênfase)**, entendeu? É uma coisa que eu procuro me reservar muito.

Sua argumentação para a discrição que apresenta deve-se à proteção da filha, para que não a deixe constrangida. Como ele diz:

Então, isso me dá uma certa garantia, um certo conforto perante **ela (ênfase)**, perante os amiguinhos... entendeu? Às vezes, conhece, ou já veio aqui em

casa, trazendo os amiguinhos dela pra brincar com ela aqui. E isso me dá um certo conforto de não deixar ela constrangida, entendeu?

Novamente, em sua fala, revela-se o preconceito que ele carrega juntamente com a forte homofobia, expressa ao longo de sua fala.

Pra num falar que tem aquela coisa, tem certas pessoas que deixa transparecer **fácil (ênfase)** a sua opção. E eu já procuro me reservar muito. Tanto pessoalmente, pra mim mesmo, **é o que eu penso (ênfase)**, entendeu? Aquilo que eu escolhi pra mim, entre quatro paredes, **é meu (ênfase)**. É lá **naquele momento (ênfase)**. No mais, na sociedade lá fora, aonde eu passo, eu sou um cidadão... **E eu sou normal, é lógico, né? (ênfase)** Mas, na cabeça de certas pessoas... Então... E por aí vai, sabe? (...) Eu não grito aos quatro ventos... mas não tenho vergonha de ser, sabe? Sou normal, tenho meus trabalhos, minhas obrigações como qualquer um outro cidadão.

Podemos perceber a necessidade de afirmar sua “normalidade” e justificar suas escolhas amorosas. Obviamente, tal postura reflete a história da construção do conceito de homossexualidade como algo que é pecado e um desvio da norma heterocêntrica, que direciona nossa sociedade (e já destacamos anteriormente). Essa maneira de se colocar perante a sociedade busca também formas de se proteger do preconceito, da discriminação e da exclusão social.

Por várias vezes, ao retomarmos a questão da parentalidade homossexual, o colaborador fugia da questão da parentalidade e enfatizava a questão da homossexualidade. Esta parece ser uma questão que ainda não foi completamente trabalhada por João, como pode ser expresso a seguir:

(pausa)... é igual eu acabei de dizer pra você.. É uma coisa que... às vezes... Essa pergunta que você me fez ela repercute em várias... Eu posso te dar várias respostas...Então, assim, eu sou feliz como eu sou. Tive oportunidade de viver... Conhecer a convivência com uma mulher... Foi maravilhoso... Num vivi com ela por viver. Fui apaixonado, teve amor, entendeu? E... diria o seguinte... É **difícil (ênfase)** pra gente... Porque, apesar das pessoas hoje, tá

aceitando... Num digo aceitando, mas pelo menos respeitando um pouco nosso espaço, perante a sociedade... perante, sabe? Muita coisa... O preconceito vem diminuindo, sabe? E isso nos faz bem. Num é que eu acho que as pessoas têm que aceitar, que é obrigado. Isso também... Quem me aceitar ou não, isso não vai me fazer mudar de opção... Não vai me fazer mudar de idéia. Mas, sei lá... Num tem o que dizer... Eu acho que as pessoas têm de olhar a homossexualidade não como uma doença, como se fala... Como pouca-vergonha, entendeu?... Simplesmente é uma **opção (ênfase)** íntima, na qual... pra gente, às vezes chegar... a,a... um momento igual tá aqui, podendo expor pra você, falar de mim, assim... de coração aberto, sem vergonha, sem ressentimento... Às vezes, muitas pessoas **sofrem muito (ênfase)**, entendeu? E às vezes num têm essa oportunidade...

Na **rede social**, a família é um importante ponto de apoio no processo de auto-aceitação do sujeito homossexual. No caso de João, que viveu uma relação conjugal por cinco anos, que teve filhos, o apoio familiar foi e é imprescindível, como ele deixa claro a seguir:

Às vezes a família, própria família, que é o pior nessa situação... duma pessoa tentar viver, porque eu acho que o maior apoio que a pessoa precisa.. num é lá fora... começa **dentro (ênfase)** de casa. **Esse é (ênfase)** o maior apoio que a pessoa pode ter. E **graças a Deus opção (ênfase)** eu tive isso. Assim, de forma que eu não esperava (**fala surpresa**). Levei tempos e tempos pra conseguir (**falar sobre a homossexualidade**), aqui na ponta da língua... que eu ficava, tipo assim, tipo uma bomba, prestes a explodir a qualquer momento... sabe? Eu me lembro que num saía... E quando saiu a minha surpresa foi muito grande, porque eu pensei que a minha reação ia ser totalmente diferente... da minha família.. eu num sabia qual seria a reação deles... e graças a Deus foi... num vou falar cem por cento, porque nem tudo na vida é cem por cento, mas pelo menos 98% foi positivo... As pessoas que **realmente (ênfase)** me interessava que procurasse pelo menos me entender, não a aceitar, mas pelo menos entender, aquilo que eu estava expondo e tentando viver... e **estou (ênfase)** vivendo. Aceitou, graças a Deus. Fazem parte do meu círculo de amizades... são.. as pessoas, principalmente meus familiares, os mais próximos, continuam **as mesmas (ênfase)** pessoas. Igual quando eu fui... me... dizer pra eles, aquilo que eu queria viver. Que simplesmente tava mudando uma coisa pessoal **em mim (ênfase)**, que dizia

respeito **só pra mim (ênfase)**, entre quatro paredes. Mas, aquela pessoa que foi pai de família, pai de duas filhas, era a **mesma pessoa... (ênfase)** num tinha mudado nada, só tinha mudado entre quatro paredes.

Na fala de João notamos o reducionismo que perpassa pelo senso comum de que a relação homossexual restringe-se apenas ao ato sexual, como aponta Sanders (1993 apud PAPP, 2002). João faz questão de realçar que nada mudou quanto a sua índole e, que continua sendo o mesmo pai de família, com o mesmo caráter e que apenas uma das múltiplas dimensões que o compõem é que é nova.

Compatibilizar a noção de **pecado** com o **senso religioso** é também uma queixa de nosso colaborador:

Eu sou católico, mas eu sou.. fica até difícil falar e opinar alguma coisa nesse sentido, porque eu num sou... num sou católico praticante, entendeu? Sou muito temente a Deus, mas, num sou muito de ficar freqüentando igrejas... Então, perante isso eu **sei (ênfase)**, entendeu? Que a Igreja **até hoje (ênfase)** não aceita isso aí... junto à justiça de Deus, à forma deles pensarem eu sei que a gente não somos bem vistos. Mas, é uma coisa que não me preocupa... sabe? Me preocupa é eu ser feliz, entendeu? Procurar a minha felicidade... **Tentar fazer feliz (ênfase)** quem tá do meu lado e aquelas pessoas que me cercam... No mais eu... É igual... Quando posso tenho as conversinhas com... Nosso Pai... e vou levando!

A exclusão do homossexual pela Igreja é algo que cala fundo nos sentimentos do sujeito que se desvia da norma heterocêntrica que orienta os comportamentos e atitudes de nossa sociedade. Para se aproximar de seu senso religioso, João relata ter as “conversas” (orações) com Ele longe dos templos religiosos. Diz se preocupar em ser feliz, mas deixa explicitado seu sofrimento por saber que a Igreja não vê os homossexuais com acolhimento e aceitação. A atitude da Igreja, embora preconize o encontro, a inter- relação e a intersubjetividade, próprias do tu, mais freqüentemente se

aproxima do ISSO, ao olhar para o indivíduo de modo fragmentado, considerando apenas uma de suas dimensões e não a sua plenitude.

No encerramento da entrevista, quando inquirido se gostaria de acrescentar algo, João desabafa:

Não... a única coisa que eu acho assim.. que eu queria eu acho que as pessoas entendessem.. que não olhassem pro homossexual, igual eu acabei de dizer... como uma pessoa sem pudor, como uma pessoa que não apanhou dos pais, que... às vezes teve essa opção e **teve a coragem (ênfase)**. Porque tem que ter **muita coragem (ênfase)**, não é pouca... pra chegar perante a... principalmente à família e se assumir... e perante a sociedade. Tem que.. além de tudo o preconceito é **muito (ênfase)** grande, sabe?... E eu acho que nós estamos aqui pra **viver (ênfase)**... da melhor forma possível. E quem vai escolher a melhor forma, somos nós... Num é ninguém que vai escolher por nós. Realmente eu tinha que passar por isso... E tô passando... E graças a Deus, me sinto, assim, aliviado, por hoje olhar pra trás, saber que eu já fui assim casado. E hoje em dia a minha ex-mulher e eu, nós... A gente se dá super bem. O homem que eu fui pra ela um dia e hoje me respeita como o pai de nossa filha, que a gente tem. E isso pra mim é muita importante. Em relação ao marido atual dela, eu acho que a gente tem que procurar sabe... Não atirar a primeira pedra... no telhado do vizinho, porque às vezes dá mais estilhaço do que a gente imagina.

Nessa última fala João mais uma vez destaca os inúmeros preconceitos que permeiam o conhecimento das vivências afetivo-sexuais homossexuais e a própria constituição das identidades homossexuais. Em sua narrativa, ele destaca a coragem de tomar uma decisão que vai contra todas as expectativas que a sociedade tem sobre o indivíduo. A própria compreensão dos motivos que o levaram a tomar tal iniciativa o fizeram aproximar-se da ex-mulher e ter com ela uma relação mais transparente e afetiva, em detrimento, de um projeto que realizaram em comum: sua filha, fato também encontrado nos estudos de Dunne (1999).

Por fim, passemos à análise do depoimento de Geraldo, C.15.

C. 15- Geraldo 35 anos, professor do ensino superior, teve um casamento com Jade, mãe de sua filha Giulia, de 7 anos. O relacionamento durou ao todo cerca de onze meses.

Geraldo assumiu sua **orientação afetivo-sexual** somente aos 32 anos, embora relate que sentia atração sexual por homens, desde os quinze anos.

Ah! Isso apareceu com quinze anos! Quer dizer, apareceu antes. Na realidade assim... só que com quinze anos, as coisas são muito assim, fantasiosas. É muito... era sempre assim, eu sempre tinha uma história, eu inventava uma história. Nunca foram imagens, imagens nunca me atraíram muito. Mas, as histórias... sempre me pareceram interessantes. Então, eu tinha, criava histórias, eu me masturbava... **até que (ênfase)**, é lógico, que a pressão social faz com você tenha que decidir, resolver...

O colaborador conta que iniciou suas **vivências afetivo- sexuais** com mulheres e, teve sua primeira relação sexual aos 25 anos.

(...) e eu só comecei a namorar efetivamente com 19 anos. Então dos 15 até os 19 anos eu não ficava... eu não tive nenhum contato com ninguém. Aí com 19 anos eu tive a primeira namorada, o primeiro beijo e aí assim... mas, também só ficou no beijo. Foi um namoro de nove meses e ela era muito amiga assim e eu achava interessante e tudo. Mas é, né... não tinha **aquele desejo (ênfase)**. E daí com 25 anos é que eu vim realmente a perder... eu tive a primeira relação com mulher e perder a virgindade. E eu tive um episódio de um cara que eu beijei e tudo, mas, assim num teve nada além, né. E com 25 anos eu vim a ter uma namorada com quem eu tinha relação sexual. E aí ela me ensinou o que ela sabia e assim, eu sentia vontade, sentia tesão e tudo.

Tinha inicialmente uma dificuldade de ejacular, aí depois ela foi, com paciência, a gente foi assim, vendo o ritmo e eu fui acostumando.

Quando decidiu assumir sua homossexualidade e contou para a família, enfrentou forte oposição, em especial, do pai, que lhe pediu que não desvelasse sua homossexualidade para pessoas que conhecessem em comum.

Bom, é.. eu assim quando eu,eu tive... o primeiro namorado que eu tive, era meu aniversário, então eu levei-o, eu fiz meu aniversário lá em casa e chamei as minhas irmãs. Na verdade, uma delas não foi, ela tava viajando. Então, só foi a outra, a mais nova. E eu chamei uma prima também. E aí, assim... ele foi e elas conversaram com ele, acharam ele uma pessoa legal. E no final, quando ele já tinha saído, eu falei que ele era... meu namorado, né. Então a reação delas assim é... choque, surpresa... foi uma coisa meio chocante, mesmo. Porque eu fiz... eu quis mostrar que a pessoa era uma boa pessoa, né? Mas, assim... é... aí quando veio a outra irmã, eu contei pra ela. E por último resolvi contar pro meu pai... na verdade, eu não contei diretamente pra ele. A.. mulher dele é que contou. E ele teve uma reação violenta, uma reação fortíssima, eu fiquei um mês sem aparecer em casa. Até que ele me chamou pra conversar, foi uma **conversa longa, difícil (ênfase)**. Né... e ele não concordava... ele falava “não, você ter seus desejos, você ter isso tudo, tudo bem. Mas, você assumir isso, eu não concordo, eu não quero. Não vou cortar relação com você. Não vou deixar você desamparado, mas **eu não aceito (ênfase)**. Eu não quero que você traga ninguém aqui. Não quero que você me apresente, não quero que você assuma na frente das pessoas.” Então, assim, sabe.. ele me aceitou, mas, não aceitou, né.. a homossexualidade. Eu falei “tá bom, tudo bem”.Mas, eu me senti muito seguro pra conversar com ele. Eu **realmente (ênfase)** conversei com ele, quando eu tava plenamente seguro do que, em relação ao que eu queria. Então eu consegui demonstrar meu ponto de vista, consegui me mostrar tranquilo e ele não tinha mais o que fazer. Ele falou: “Olha, se você tivesse 18 anos, eu colocava você... ia fazer de **tudo (ênfase)**, pra você largar isso. Como você tem mais de 30... Então, já tem filho, já é pai... num tem mais o que fazer”. E realmente, eu acho que foi na época certa. Eu hoje... na realidade eu tomei essa decisão a longo prazo. Porque, a curto prazo é ruim... você não sabe o que pode acontecer. Mas, a longo prazo, é uma decisão assim de uma pessoa que tá plenamente a fim de assumir uma coisa séria futuramente e não quer esconder isso. Então eu tomei

uma decisão que eu sei que lá na frente, eu vou ter a certeza que a decisão foi a correta. Porque aí ninguém vai poder dizer: “Ah, mas não é possível, fulano...” **Não (ênfase)**. Fulano já se revelou há muito tempo e agora tá a fim de viver com outro cara e pronto. E assim... o fato é que ele foi... é... ele não fala que aceita.

Não tinha o hábito de usar camisinha e, quando conheceu a mãe de sua filha, ela engravidou rapidamente. O C.15, rememora sua história e o momento em que, realmente, decidiu **“sair do armário” (coming-out)**:

De forma que quando a Jade veio eu já tava preparado. Preparado entre aspas, né, porque a gente não tomou cuidado, né? A Jade era virgem... quer dizer, e tinha toda essa coisa, essa coisa, essa questão. E, é.. mas eu não tinha o hábito de usar camisinha. Com a namorada anterior eu não usava e a gente ficava controlando, assim, a gente controlava pra não ter problemas. E acabou que houve a gravidez, né. Depois dela, eu tive mais uma namorada que não houve... com a qual não houve sexo. E depois mais uma outra que houve. Essa era menina que eu tava namorando, quando eu falei... “Não, agora eu não quero mais namorar mulher. Vou... vou ver qual é”. Quer dizer, eu já tava com 32 anos...né... já tinha assim bastante tempo de.. de.. elucubrações. Assim né... eu fiquei 17 anos para efetivamente aceitar aquele sentimento, aceitar que aquilo tava acontecendo. “Não agora eu acho que tenho condições de”... Não aconteceu nada assim... eu falei “agora eu acho que eu tô pronto pra tentar uma experiência, realmente homossexual”. E aí foi quando eu comecei mesmo. E aí **eu experimentei tudo (ênfase)**, as coisas mais diferentes pra ver efetivamente o que que eu gostava. Então hoje, eu tenho mais bem definido, né... quem eu gosto, qual é o padrão, que que eu gosto, entendeu? Essas coisas estão mais claras pra mim, **hoje (ênfase)**, com 35 anos, as coisas estão mais claras. **Realmente (ênfase)** eu assumi esta questão do que eu gosto, do que eu deixo de gostar. E aí uma vez que eu, eu... percebi que realmente era interessante, eu realmente já não sentia mais desejo por mulher. Então eu não sinto... né... é uma coisa muito tranquila pra mim. Eu acho bonito e tudo, esteticamente bonito acho o corpo feminino esteticamente bonito, mas, não tenho tesão. E aí eu percebi que... assim.. eu tinha várias qualidades que eu achava que não tinha. Quer dizer, eu achava que eu não era um bom amante. Na realidade o problema não era esse... eu não era um bom amante... com mulheres. Isso, com certeza, reforçou várias

coisas positivas que eu tenho. Então, assim, hoje eu sou uma pessoa feliz em relação... à essa questão (ênfase). Pra mim ela tá mais bem resolvida.

Sobre o processo de “*coming-out*”, Geraldo fala de suas inquietações, desejos e de como vivenciou esse processo, que ele chama de uma “segunda adolescência”.

Claro que ainda (ênfase), há muitas coisas que a gente tem... eu ainda não consegui, por exemplo morar com ninguém. Quer dizer, é uma coisa que eu acho que vai acontecer, ainda. Vou conseguir casar de novo, né. Mas, eu acho que vai acontecer mais cedo ou mais tarde, é uma questão de realmente... de chegar o momento, de chegar a pessoa certa, né. Bom, eu experimentei duas adolescências na verdade, uma adolescência real e depois uma adolescência com 32 anos. Então, eu me senti adolescente. Eu falava “gente! Isso aqui é muito legal! Eu tô descobrindo essas coisas”... Ir nos lugares.. né.. descobrindo as pessoas... “caramba! Quanta coisa eu num sabia que existia!”. Então isso aí foi interessante... quer dizer, eu tava, de uma certa forma... é, é realizar aquilo. E ao mesmo tempo, eu queria sempre alguma coisa nova. Até eu conseguir ter uma estabilidade pra ter um namoro longo, que durou mais de um ano, porque até então os namoros eram curtos, um mês, aquela coisa de adolescente, aquela coisa curta, rápida.

Assim como Fabrício e Enéias, este colaborador também destaca a **amizade** e o **companheirismo** como parte do processo de amadurecimento na vivência das relações afetivo-sexuais:

Aí eu comecei a descobrir... assim... e eu descobri assim a questão do companheirismo, da amizade, que eu acho que rola legal. Eu falei “Agora eu só vou namorar pessoas com quem eu realmente tenha essa relação de amizade”. Porque aí tem... você realmente consegue ter o respeito e a coisa, ela, ela... não termina mal.

(...) Então hoje eu procuro pessoas com as quais eu tenha uma identificação. É claro que a questão sexual é importante e ela vem, ela chega (ênfase) pra gente primeiro. Mas, você consegue separar claramente... quando (ênfase) aparece uma pessoa que você fala assim “Não, essa pessoa é pessoa que eu quero namorar... é diferente”. Então você tem a pessoa pra transar e as pessoas pra namorar. E isso os homens heterossexuais também tem. Tem as meninas pra namorar e as meninas pra transar. E eu acho que a diferença é

essa. A pessoa que pra transar, tem o desejo e só desejo. E aquela pessoa com quem você quer namorar você consegue ter essa cumplicidade, essa amizade, que faz com que a coisa fique gostosa e sustente mesmo uma relação.

Embora ressalte a importância da amizade nos relacionamentos, em sua fala, Geraldo separa “as pessoas de namorar e as pessoas de transar” que reflete a postura, bastante comum em nossa sociedade, na atualidade: as relações são superficiais e coisificadas, próprias do ISSO. A moeda corrente é o sexo, o prazer efêmero e veloz que caracterizam o universo do consumismo. Ao buscar uma completude pode-se alcançar o verdadeiro encontro, contudo o ISSO nas relações é o que tem predominado.

Hoje eu tô numa relação recém- iniciada. Mas, eu fiquei um ano, sem ter... sem namorar.. e.. eu sou muito intenso, sou uma pessoa muito rápida assim.. quando eu vejo eu já tô elocubrando milhões de coisas, milhões de planos. Então, quando eu encontro a pessoa, rapidinho eu já sei se aquela pessoa é só pra ficar ou se vai ser pra namorar. Normalmente, assim.. eu... você consegue conversar com a pessoa, ver o que você tem em comum. Você consegue...você sente o carinho, a ternura. Então isso daí é um indicador de que realmente aquela pessoa não é uma pessoa simplesmente pra você ir pra cama com ela... agora... eu encontrei pessoas as mais variadas... não sei dizer com quantas pessoas eu já fiquei... eu sei que foram muitas. Nesses poucos anos...mas, as pessoas com quem você realmente tem essa afinidade, essa cumplicidade são poucas. O que me faz concluir que realmente a gente tem... são poucas pessoas que se encaixam naquele padrão que você estabelece. E existe um padrão (ênfase). Aí eu vejo que existe alguma coisa em comum, que existe um padrão (ênfase), das pessoas com as quais eu considero que eu namorei. Porque eu só considero.. namoro, quando realmente eu tô envolvido... e nesse ponto eu tive... quatro pessoas. Essa (refere-se ao parceiro atual) tá sendo a quarta. Quer dizer, né... foram poucas.. de tantas que eu conheci, de tantos que eu fiquei, eu só tive quatro. Quatro homens, quatro homens que eu realmente... esses mexeram comigo. No entanto, é difícil porque a gente fala “nossa, será que eu tô sendo promíscuo? Será que eu tô sendo galinha? Será que esse negócio de tá sempre procurando... é, é, uma imagem.. é uma coisa ruim?” E, eu falo, eu penso.. “não!” Na verdade a gente tá realmente... é a luta mesmo, a gente tá procurando, pra ver se encontra aquela pessoa (ênfase). Agora quando encontra também, você

consegue ficar muito (ênfase) envolvido e estabelecer uma relação longa. Eu sei de pessoas que estão há 10, 20 anos juntas. Então assim... da mesma forma como é difícil, né... pra uma pessoa que tem uma relação com mulher, pro gay ainda é mais difícil (ênfase). Porque ele não tem nenhuma pressão social, muito pelo contrário. As pessoas, né... a maioria (ênfase) tem vidas escondidas, então você não tem ninguém pra dar satisfação, num tem filho, num tem casamento, num tem nada... num tem nem assim (ênfase) “Bom, a gente fez um negócio juntos, se eu sair de casa, o outro vai, vou ter que dividir metade”. Então, você não tem amarras. Então é muito fácil você entrar e você sair de uma relação. Na realidade os homens são muito fáceis... (risos).

Geraldo apresenta as razões, em sua opinião, pelas quais os homens se mostram tão promíscuos: a cultura que promove um incentivo à potência; à demonstração de virilidade masculina; o não reconhecimento jurídico de uma situação de conjugalidade/parceria homossexual. Embora não se possa generalizar o que ele diz, podemos concordar que o homem, desde criança é levado ao comportamento de demonstrar sua capacidade para conquistar e, de preferência muitas pessoas. Como essa é uma característica cultural (e, portanto, sujeita a variações no tempo e no espaço) vemos que esse comportamento de promiscuidade tem ocorrido com grande frequência entre as mulheres também.

Ao falar nos “padrões” de conquista novamente valemo-nos de Féres- Carneiro (1997) e Fry e McRae (1985) quando dizem que os homens valorizam as características “liberado sexualmente”, saudável, atração física, na escolha dos parceiros. Entretanto a simples existência de configurações relacionais e familiares, inclusive com filhos, possa fazer-nos pensar que há uma busca também pela continuidade.

Geraldo teve um **vínculo conjugal heterossexual** com Jade e, até essa época, nunca havia tido relacionamento afetivo-sexual com homens, exceto um beijo.

Bom, é... na verdade assim quando eu, eu comecei assim...a.. porque eu tive uma fase em que eu só namorava mulheres e então foi nessa fase que eu tive... e foi quando a minha mulher ficou grávida. A gente era namorado, tava muito apaixonado e a gente resolveu casar. Mas, nessa época (ênfase) eu não tinha ainda relações com homens né. Eu já tinha 28 anos, então eu não tinha relações com homens, mas o casamento durou muito pouco. Durou somente é.. uns sete meses, assim de casamento mesmo, a relação toda foi quase um ano.

A relação conjugal com Jade foi turbulenta, pois, em seu discurso ele evidencia que ambos tinham **objetivos e personalidades diferentes**, além do pouco tempo de namoro, quando ela engravidou.

Eu comecei a relacionar com ela e ela engravidou em seguida. Ele achava prematuro casar nessas condições. Que eu assumiria o filho e tudo, mas sem o casamento, né... e eu falei “quero casar e tudo”. E aí assim... ela ficou grávida em julho, final de julho, a Giulia nasceu em abril... Durou de... a gente começou a namorar em junho e durou até maio... quase um ano, o relacionamento todo, né. Num durou um ano...

Agora enquanto minha mulher estava grávida, a gente.. eu assim, ela acabou sabendo.. não assim.. eu não tinha nada com ninguém, mas eu contei pra ela dessa questão (da homossexualidade) porque eu fui cantado e ela viu, e ela perguntou.. e eu fui e contei pra ela, que eu realmente fui cantado. Ela perguntou se eu tinha gostado e eu falei que sim. Ela perguntou se eu ficaria com a pessoa (com o homem que o cantou) e eu disse que “não, eu tô casado, não fico”. E realmente, enquanto... eu fui fiel durante o casamento, eu tava muito apaixonado por ela, então eu não via razão para traí-la. E foi engraçado, porque como eu me apaixonei, eu achei que, na realidade, embora esse aspecto (da homossexualidade) existisse, que eu poderia realmente assumir a questão da heterossexualidade. Então era assim, era uma escolha que eu poderia ter feito e naquela época eu fiz aquela escolha.

Porque como não houve amizade, não existia amizade entre eu e a Jade. Não havia nada em comum. Assim, nada que a gente gostasse junto, que a gente fizesse junto. Então, realmente a gente não tinha nada, nenhum laço em comum. Ficou só a Giulia e esse laço (ênfase) e esse laço é um laço pesado, complicado. Num tinha uma identificação.

E aí assim, a gente começou...a, a... então, a separação não aconteceu por causa... do episódio do.. homossexualismo. **Embora (ênfase)** eu ache que, que ela tenha pesado isso também, que isso também influenciou. Porque ela viu uma pessoa, ela esperava, ela casou, achava que tinha casado com uma pessoa e viu outra pessoa... e eu também a mesma coisa. Eu tenho pra mim que ela tinha uma imagem, assim como eu também tenho e que essa imagem se quebrou e não teve como consertar, né. E as pessoas que apareceram no lugar dessas imagens, não eram as pessoas... não era realmente.. o meu, né. **Hoje (ênfase)** eu penso, eu não tenho **nada a ver (ênfase)** com ela. E ela também não tem nada a ver comigo. Mas, a paixão assim, na verdade foi o que cegou. E a gente não conseguiu enxergar. E assim, culminou realmente com esse fim. Mas, não houve uma relação direta. E assim, se eu posso dizer que isso (**a homossexualidade**) contribuiu, contribuiu em parte. Mas, também nunca ficou claro. Ela nunca falou nada em relação a isso (**à homossexualidade**). Muito pelo contrário, ela até tinha ciúme de mim, mas ela tinha ciúme de mim assim.. com... de mim com qualquer pessoa né, de mim com minha família, de mim com amigos, com qualquer pessoa. Então não havia essa, claramente né,... isso (**a homossexualidade**) aí não foi claramente o motivo...

Geraldo fala em “opção” por assumir a heterossexualidade, por estar apaixonado por Jade e da tentativa de fazer com que o relacionamento desse certo, não dando vazão aos desejos homossexuais, que sempre coexistiram.

O depoimento de Geraldo **diverge** dos anteriores, pois sua relação com a ex-mulher é muito tumultuada e, dessa forma interfere em sua **relação de pai e filha**. Ele relata as idas e vindas do contato que busca ter com a filha, truncado, desde o início. Sobre a vivência da paternidade, ele diz:

E aí assim, a minha filha (quando nasceu) morou comigo uns 20 dias, só! Né, depois ela já foi pra casa da avó. E aí até hoje a avó mora junto, ela mora junto com a avó. Então, na verdade os contatos que eu tinha, inicialmente, eram pouquíssimos, de vez em quando eu via, de vez em quando eu passeava com ela. Mas, assim, até os três anos eu tive um contato muito limitado.

O convívio com a filha se aprofundou, à medida que ela foi ficando mais independente e pôde passar a ficar apenas com ele.

Aí assim, logo a gente (ele e ex-mulher) estabeleceu, quando ela fez um ano, que eu iria levá-la à nataço, né. Ela comeou a ir na natao comigo e aí foi que a gente teve um contato mais prximo sem a Jade (me) estar por presente. Sem a minha ex-mulher estar presente. E ... eu passei um bom tempo levando ela na natao. E quando foi... a separao, a gente fez tambm a questo das visitas, né. Ento eu lembro que ela ficava tera e quinta tarde comigo. E nessas tardes que ela ficava comigo e era... foi uma experincia muito legal.

(...) Mas, assim, ela sempre gostou de ficar comigo. A gente sempre fez milhes de programas, conversava.. eu tinha.. eu sempre invento os personagens, né... e fao histrias e ela adora, e fao as vozes dos personagens e ela adora. E ela sempre gostou. E eu sempre levo, levava para passeios com outras crianas, né, a gente ia para parques, a gente ia ao zoolgico, pra cinema, a gente ia pra casa das pessoas. E ela adorava tambm a fazenda. Adorava andar a cavalo, nadar. Porque meu pai tem a fazenda e ele a adora tambm. Ento ela sempre gostou do pessoal l de casa.

At esse momento, Geraldo no se relacionava com homens e, quando Giulia completou trs anos, devido sua maior autonomia passou a ficar com ele nos finais de semana:

, e na realidade pra mim no tinha interferncia, porque eu no tinha, eu ainda no tinha nenhuma relao com homens, ento pra mim era tranquilo... aí eu fui assim.. e quando ela fez trs anos, eu comecei... ela comeou a dormir comigo (na casa dele). Ela ia pra casa, ficava todo o fim de semana, e dormia.

Os conflitos que ele e ex-mulher j tinham se ampliaram e as brigas, tambm:

S que assim, tinha alguns conflitos (com a ex-mulher) porque eu queria que ela dormisse sozinha no quarto e l (na casa da av materna) eles queriam, e l eles tinham mania de sempre ter algum dormindo junto com ela... Ento era assim, um pouco diferente o esquema. Ento os choques que haviam era por conta desse (nfase) esquema, da forma de educar. Mas, por outro lado, como a minha ex-mulher sabia, né, da tendncia (para a homossexualidade) e tudo... ela sempre ficava de olho assim. Eu na verdade no tinha noo de que ela fazia isso, mas ela fazia, tava sempre alerta. E com certeza devia perguntar Giulia alguma coisa. Ento de alguma forma ela sentiu e a Giulia,

como havia essa questão de dormir, essa coisa meio complicada de passar o sábado para o domingo, porque eu pegava no sábado de manhã e devolvia no domingo à tarde. E como era meio complicado isso... pegava assim de 15 em 15 dias, aquele esquema tradicional. Então é... eu tava tendo muitos problemas com a questão da Giulia dormir comigo. Né, assim.. esse pernoite era complicado. Tanto é que a partir de um certo momento eu abri mão da questão pernoite e passei a pegar no domingo. Aí eu passei a montar um outro esquema, eu sempre a levava na escola e a pegava no domingo, passava o dia, pra simplificar as coisas.

As divergências quanto à forma de educar, como o fato de a criança não poder dormir na casa dele era um problema que nunca era dito às claras.

Nunca ficava muito claro, né, exatamente o porque. No princípio eu achava que era porque realmente assim eu deixava ela sozinha no quarto, ou porque ela mesma sentia um pouco de medo e falava isso com a mãe e a mãe então vinha em defesa. Mas, o fato é que nunca ficou claro exatamente o motivo... de haver esse conflito de dormir comigo, né.

Quando a ex-mulher enviou a filha para ficar com ele durante uma semana, coincidiu que ele estava iniciando uma relação mais duradoura com um rapaz, com quem Giulia teve contato. Nessa época, a ex-mulher começou a dificultar a convivência de Geraldo com a filha.

Porque eu sempre levava ela pra minha casa, às vezes levava pro meu pai, mas eu tinha minha casa, então muitas vezes ela ia pra lá e ela gostava (ênfase), passava o dia numa boa...até teve uma época que a minha ex-mulher deixou que ela passasse uma semana comigo. Na verdade ela não deixou.. ela teve um problema lá e mandou pra mim. Mas, ela ligava pra mãe todo dia. Só que, coincidentemente (ênfase) ou não, a partir do momento em que eu comecei assim um namoro mais firme... é, foi quando, foi quando ela de uma certa forma parou de dormir comigo. E aí mesmo (ênfase) pra viajar, pra ir pra fazenda do meu pai, porque meu pai tem uma fazenda, às vezes ficava.. é difícil, assim. Sempre tinha que ir alguém da família (da ex-mulher), tinha que haver uma negociação...

Geraldo acredita que Jade tenha começado a tomar consciência de que ele estava saindo com outro homem, por intermédio da filha, quando ela já estava com cinco anos, embora, diga que a ex-parceira sempre o tenha vigiado:

E não apareceu mais oportunidade (de se relacionar com outros homens) nem nada. E a oportunidade só foi aparecer muitos anos depois, quando a Giulia já estava assim com 5 anos... quer dizer, até então eu não tinha, eu não tinha... não tive nenhum contato, ela (Giulia) também não tinha tido contato com ninguém.

(...) mas, aí assim eu tive um namoro que durou mais de um ano e essa pessoa a Giulia conheceu. Só que assim, conheceu de uma forma.. assim, ele levava os sobrinhos dele, então, ela na verdade ela não teve muito contato. A gente saía, fazia passeios, zoológico, cinema, mas assim.. normal, porque... né.. na realidade não teve nenhum grande problema.

A relação dele com a ex-mulher foi piorando ainda mais. Ela passou a demonstrar mais insegurança em relação a ele, tentou se suicidar e se afastou dele, dificultando também seu acesso à Giulia:

(...) E aí as coisas ficaram mais complicadas também, porque minha ex-mulher começou a apresentar maior desequilíbrio. Ela tem um problema mental, num sei qual problema (fala mais baixo). Então ela começou, as coisas começaram a ficar mais complicadas também por causa desse problema dela. E assim tinha constantes conflitos com a mãe dela... comigo também, com o pai... então assim, a família.. materna da Giulia sempre foi muito complicada... E aí ela (Jade, ex-mulher) então, começou a manifestar mais insegurança, a não confiar tanto em mim. Porque durante um certo tempo, ela de vez em quando ligava pra conversar as coisas da Giulia, a gente mais ou menos (ênfase) conversava. E acertava algumas coisas em comum. Mas, depois que ela começou a ter essas crises.. né.. e aí a minha sogra falava “olha, vem aqui buscar a Giulia, olha,tá acontecendo isso assim,assim. Vem ajudar...” e não sei o que. E a partir daí começou a se criar realmente uma distância muito grande entre a minha ex-mulher e eu. Mais do que já era (ênfase).

(pausa)... bom assim... ela fazia mais mal à ela mesma do que a outras pessoas. Teve episódios de cortes, nos pulsos, teve episódios de injeção, de

medicamento excessivo, teve episódios de sair sem rumo, de bater o carro, assim aconteceram várias coisas. E daí assim, depois de vários eventos, um semestre de vários eventos, eu resolvi então pedir a guarda.

Jade, nessa época, escreveu uma carta dizendo que iria passar a guarda da criança para a sogra de Geraldo, que, então, entrou com o pedido de guarda de Giulia. A guarda foi concedida a ele, mas, a pedido da família de Jade, a filha continuou com a mãe e a avó:

E, **nesse (ênfase)** momento que eu pedi a guarda, ela tinha escrito uma carta dizendo que não queria mais tomar conta da Giulia, queria passar a guarda pra mãe dela... E aí assim, ela escreveu e, e.. a minha sogra deixou a carta comigo, não sei se intencionalmente ou não, mas o fato é que eu usei aquilo, e aquilo serviu como uma das provas pra que o juiz me concedesse uma liminar concedendo a guarda dela. E aí a Giulia já tinha 5 anos. Faz dois anos isso. E aí eu fiquei enrolado nesse processo, de... de guarda durante dois anos. Quer dizer o processo só se definiu, se fechou agora em Maio (de 2004), se encerrou. E durante esse processo, como, como havia, eu consegui a guarda numa liminar, elas, elas ficaram assim... a família ficou toda muito alterada. E eu acabei concedendo que a Giulia ficasse lá porque minha sogra e meu sogro **prometeram (ênfase)** que qualquer problema eles iriam me comunicar, iriam me entregar a Giulia. Então eu deixei, porque haviam outras pessoas morando lá (**junto com a filha**) e eu achei que eles poderiam cuidar dela. Né.. e eles argumentaram “não, mas se você tirar aí que ela vai ficar pior, que não vai sarar mesmo, a Giulia é tudo pra ela”. E aí eu acabei cedendo. Daí eu comecei a ficar mais vigilante. Eu já tava levando a Giulia na escola todos os dias, e eu passei a pegá-la todos os domingos. E sempre observando pra ver se tinha alguma alteração no comportamento da Giulia. Né... e muitas vezes ela manifestava algumas coisas.. às vezes não.

O fato de ter entrado com o pedido de guarda, sensibilizou Jade que ficou ainda mais reticente em relação a ele:

Mas aí (ênfase) com esse negócio da gente ter, de eu ter entrado na justiça, a minha ex-mulher ficou cada vez mais desconfiada. A confiança, **o resto (ênfase)** de confiança que ela tinha, ela foi perdendo. E nessa época, começaram a aparecer alguns insultos por parte da minha sogra... **mais**

(ênfase) da minha sogra e dela mesma. “Ah! Você quer a guarda porque você não é homem o suficiente!” né... porque não sei o que, não sei o que. “Você quer cuidar de uma menina, mas você é homem, não sei o que”. Então começaram a aparecer ofensas relacionadas à essa questão (**da homossexualidade**). Até que a gente resolveu... mais ou menos entrou numa... num... (**acordo**) **Mas (ênfase)**, até que no final, no final desse ano (**2003**) ela (**a ex-mulher**) apresentou ainda mais problemas. Então ficou pior a situação do que antes. No mesmo mês ela foi... Houve 4 episódios, que eu tive.. que eu fui chamado lá (**à casa delas**), sempre eu ia quando eu era chamado. Minha sogra ligava e falava “Olha, tá tendo problemas aqui, vem que a Giulia tá com medo da Jade e tal. Vem pra cá”. Aí eu ia pra lá.. tentava resolver as coisas.. levava a Giulia pro meu pai. Ficava lá com ela... aí eles ligavam e “Ah! Agora pode voltar”. Até que na quarta vez que isso aconteceu eu disse “Agora ela vai ficar comigo, e pronto!” Porque, no nosso acordo uma, um dos itens é que eu ia extinguir o processo. E eu falei com meu advogado e ele acabou não extinguindo. Eu continuava com a guarda.

Em razão de ter conseguido a guarda provisória da criança, Geraldo relata ter parado de pagar a pensão alimentícia. A ex-mulher o colocou na justiça e ele teve que responder a um processo criminal:

E aí eu fiquei um mês com a Giulia comigo... e aí nessa época eu não paguei a pensão, porque eu tava com a guarda e ela tava comigo. Aí a Jade entrou com processo, foi na delegacia da mulher dizendo “Olha, num tá pagando a pensão”. E eu tive um processo criminal também. Tudo isso aconteceu... e por fim, assim, elas conseguiram uma... um negócio regulamentando as visitas, né...

Daí... tudo bem. Ela resolveu isso, só que, só que, ao mesmo tempo, se instaurou então o psicossocial (atendimento na presença de equipe de psicólogo e assistente social). Então a gente passou vários meses indo lá, fazendo as reuniões. **Durante (ênfase)** esse período que durou o (**atendimento**) psicossocial eu consegui ter o meu direito às visitas, respeitado. Mas, assim que terminou o (**atendimento**) psicossocial. O psicossocial terminava... a última reunião era no dia do meu aniversário, aí eu já não consegui mais ver a Giulia. Aí eu fiquei três meses sem ter contato com ela, não sabia onde ela tava. Até que eu descobri que ela tava, que elas tinham ido pra Cidade X, né.. a minha sogra foi criada lá. Então tem uma

mulher que não é a mãe dela (**da sogra**), mas que a criou. E a Giulia adora essa bisa (**bisavó**), como elas a chamam.

(...) E eu lembro que a Giulia foi comigo passar uma semana em Cidade Q e um casal de amigos e crianças também. E foi super legal (fala sorrindo), foi a primeira vez que ela viajava de avião, a primeira vez que a gente viajou juntos assim, né. Teve um problema (ênfase) lá que ela ficou doente com o calor.. e eu consegui resolver, né. Levei no hospital, eu tinha convênio. Deu tudo certo assim (fala sorrindo), a gente foi e voltou. Mas, elas começaram a alegar que ela não tava sendo bem tratada... Que ela estava com uma espécie de fungo na, na (região genital?) né?... num tava bem. Que eu não tinha visto os dentes que não estavam nascendo, que eu num vi. Então assim, elas começaram a falar isso, até que um belo dia elas pegaram a Giulia e não devolveram mais. Fizeram uma cena lá e não devolveram. E aí, e aí assim... eu passei dois meses batalhando, até que teve a audiência e na audiência então a juíza determinou que a guarda da Giulia ficaria com os avós maternos... com os pais da minha ex-mulher.

(...) Só que assim, eu só **fiquei sabendo (ênfase)** disso porque nessa mesma época, no meu emprego eu passei a não receber... comecei a não receber, diminuiu minha carga (**carga horária em sala de aula**), aí diminuiu a pensão. Porque a pensão estava vinculada ao meu salário.

Durante o processo para a obtenção da guarda, a questão da homossexualidade não foi explicitada. Contudo, quando a questão da homossexualidade emergiu no acompanhamento psicossocial, segundo Geraldo, toda a história que teve com Jade foi deturpada por ela.

(...) É bom ressaltar que durante esse processo, né, em nenhum momento apareceu a questão da homossexualidade, assim durante (ênfase), né... nas questões legais. E eu também não comentei isso com meu advogado, a minha família também num, não... aceitava né, que isso fosse colocado. Embora, as pessoas já soubessem... Mas, elas não aceitavam que se colocasse isso. De uma certa forma as pessoas queriam realmente que a coisa ficasse velada e ela ficou velada. Só foi aparecer no psicossocial. Até a pessoa com quem eu estava também na época, não queria... não queria ser associado, não queria também ser exposto. Então, de uma certa forma, eu fiz... todo o processo transcorreu, sem que isso (a **homossexualidade**) aparecesse.

(...) Só foi aparecer no psicossocial... e aparecia assim, né... ocasionalmente eu ouvia uma coisa, de um lado, de outro. Mas, de uma forma geral, no processo, que ficou bem grande, não aparece de uma forma clara. Mas, no psicossocial teve uma reunião que foi feita, a psicóloga, a assistente social, eu, o pai e a mãe (**da ex-mulher**) e a minha ex-mulher. Inclusive ela (**a psicóloga**) até falou comigo que, normalmente, é... eles tentam fazer uma espécie de reconciliação.. pelo menos assim colocar o casal, né... a bons termos. Mas, que ali tava sendo muito difícil, fazer... nesse caso, tava muito difícil fazer isso. Mas, que de qualquer forma assim, ela foi fazendo perguntas e a minha ex-mulher foi respondendo... e aí esse negócio (**homossexualidade**) apareceu assim... só apareceu isso (**a homossexualidade**). E todas as histórias que ela contava do nosso casamento, ela colocava isso ou pelo menos, ela ressaltava isso. Que não houve! Só houve o episódio dessa cantada e só! Não houve (ênfase) nenhum outro tipo de episódio... Mas (ênfase), ela assim, querendo dar idéia que eu era uma pessoa promíscua, de que eu era uma pessoa perversa... distorcendo completamente a coisa e o pai e **mãe (ênfase)** também concordando com isso, dizendo que eles nunca quiseram que o casamento se realizasse, que eles sempre percebiam isso (**a homossexualidade**), só que na realidade assim.. eu falei, bom.. até beijo do meu sogro eu recebi no dia do casamento. Então, não foi um casamento... **meu pai (ênfase)** não queria o casamento. Agora eles queriam. Então... Meu pai não queria porque ele achava assim “você não conhece a moça!”. Né, você não conhece...

Quando o processo estava terminando, Geraldo foi aconselhado pela equipe a se manifestar sobre o que estavam dizendo a seu respeito e a procurar a sogra, para que ela viesse a seu favor.

(...) Mas, enfim, essa reunião (**a última do psicossocial**) foi bastante pesada, porque aí eles realmente desceram a lenha... falaram, falaram, falaram e, assim, a psicóloga e a assistente social ficaram realmente preocupadas. Tanto que elas me chamaram depois, sozinho e falaram... porque eu não respondi, eu não, não falei nada, porque nada daquilo ali era verdade... eu falei “eu não me reconheço nessa pessoa que eles tão falando, então eu não vou falar nada.” E eu não sabia se eu devia falar, se eu não devia falar, se eu devia confrontar, né... E elas me chamaram de novo pra uma reunião, sozinho, só eu e elas, depois que elas fizeram a reunião que fazem: a Giulia com a minha

família, depois a Giulia com minha família da Jade. E falaram “olha, é... você ficou calado, você devia ter falado alguma coisa, porque fica a impressão de que você tá concordando, de que aquilo que elas falaram é verdade, então... e a gente acha que você devia falar com a sua sogra, que parece ter uma boa relação com você”.

O colaborador a procurou para conversar e contou que, realmente, era homossexual. E a ex-sogra a usou a informação que ele era gay para dificultar que ele conseguisse a guarda.

É porque a minha sogra é uma pessoa bastante complexa. Assim, ela é... o que pode se chamar de uma pessoa bastante dissimulada e pragmática também. Então, se ela quer uma coisa de você, ela vai fazer de tudo pra conseguir aquilo. Mesmo que ela tenha falado mal de você, mesmo que ela tenha te agredido. Ela consegue fazer esse jogo, né... Então ela fez esse jogo lá. Quer dizer, ela muitas vezes, muitas vezes serviu de ponte entre eu e a Giulia, entre eu e a minha ex-mulher, ela serviu de ponte... Ela se prestava a esse papel. Então eles (**a equipe psicossocial**) ficaram muito impressionados com ela. Assim, acreditaram realmente que ela era uma pessoa, que poderia ponderar e servir de ponte naquela situação. Elas disseram “Conversa com ela, expõe... esclarece tudo com ela”. Eu falei “tá bom”. Eu fui lá, marquei com ela, com minha sogra e fui lá e falei “eu sou gay”... **Quando (ênfase)** eu conversei com ela, ela ficou absolutamente calma, assim ela não mudou, não demonstrou nenhuma indignação... também não demonstrou surpresa... nada! Mas, no outro dia a gente ia ter a última reunião do psicossocial.. que a minha ex-mulher não foi. Foi ela (**a sogra**), a assistente social e a psicóloga e eu. E ali, ela soltou assim... ela ficou.. deu escândalo. Dizendo que a filha dela tinha casado com um viado, num sei o quê... que eu fazia, né...fiz a filha dela passar por um monte de coisas horríveis, de situações constrangedoras, num sei o que, num sei o que. E começou a chorar e pintar... até que... elas pediram pra eu sair, conversaram com ela, depois eu voltei... aparentemente ela estava mais calma. Mas, quer dizer, ela fez um teatro, bem feito mesmo. E elas falaram assim... “realmente a Giulia tem alguns problemas, mas, a gente tem que considerar que no caso de vocês, existem dois estigmas fortes que é a questão da doença mental e do homossexualismo. Então esse é um caso bastante complicado, **mais do que (ênfase)** o que a gente tá acostumado a lidar aqui. No entanto, é... no nosso relatório, a gente não pode dizer que

você ou a sua ex-mulher que vocês não têm condição de cuidar da menina. Os dois têm condição de cuidar, que **apesar (ênfase)** dessas duas questões, isso aí não impede que vocês cuidem dela. Então, nós vamos fazer o relatório, com essa indicação”. Quer dizer, elas voltaram a bola pro juiz. O juiz que vai resolver. Elas mesmas não, não indicavam, não indicavam claramente nada. E o relatório afinal, serviria pra isso, né. Mas, o **fato (ênfase)** é que eu não tive assim... acesso ao relatório e aí, logo depois, passou-se esses três meses sem ter contato. E quando elas retornaram, eu achei que a coisa pudesse... né, que a gente pudesse haver um bom contato. Mas... eu tenho certeza que elas voltaram só porque... pela questão financeira mesmo. Senão elas estariam realmente escondidas... né.. e depois eu fiquei sabendo que elas foram pra um hotel. Elas não estavam na Cidade X, elas foram pra um hotel. E já era a segunda vez que elas faziam isso. A coisa apertava elas iam prum hotel. Ficavam escondidas... Teve uma época que elas chegaram a ficar na porta da escola, vigiando, pra ver se eu ia aparecer lá pra pegar a Giulia. Então assim ficava a minha sogra lá tricotando, a Jade lá. Quer dizer, tudo o que a minha ex-mulher fez, ela fez com a ajuda da família. Então, embora a minha sogra aparentemente, sirva de ponte, na realidade ela não serve, ela concorda com tudo o que a filha faz.

A relação de Geraldo com a família da ex-mulher é difícil e o ISSO predomina na interação. A homossexualidade dele já foi exposta à filha e, usada como argumento para que ele não pudesse encontrá-la.

E aí elas começaram a falar que a Giulia, não queria me ver, a Giulia não queria falar comigo num sei que, a Giulia sentia vergonha. E, e a minha ex-mulher falou “Eu falo pra ela, quem você é. **Eu tenho (ênfase)** que falar quem você é”. E já tinha falado pra isso pra uma outra amiga em comum. Falou que contava pra Giulia quem o pai dela era. E a moça falou... “Mas, isso você vai estar prejudicando ela”. Tentou argumentar. E, segundo o depoimento dessa moça, a minha sogra concorda que tem falar mesmo.

Como os demais colaboradores, Geraldo também aponta o medo que a ex-sogra verbalizou de que a criança venha a ser homossexual.

E ela falou “Ah! Quer dizer que se... a Giulia, um dia... quiser se relacionar com alguma mulher e tudo, né, a gente tem que aceitar? A gente tem que

aceitar?” Eu disse: “Olha, a escolha é dela, né? Se isso acontecer... vai ser escolha dela. Eu acho que não tem como a gente, né... interferir e tudo”.

Geraldo fala que sua **relação parental** é muito próxima quando é possível para ele ficar com ela, sem as interferências da mãe e/ou da ex-sogra.

Agora (ênfase), a Giulia é uma menina super carinhosa, super afetiva, afetuosa. Mas, quando ela está perto da mãe, ela se transforma. E ela realmente procura falar e fazer o que agrada à mãe. Eu presenciei uma cena dessas uma vez que Jade tava em crise e... ela.. assim, tentando acalmar a mãe, dizendo “não, realmente meu pai me pegou sem eu querer. Eu não queria estar aqui, mas eu vim pra cá forçada, tudo. Mas, eu, eu amo você e tal. Eu vou embora com você”. Então, assim tentando acalmar e falar as coisas que a mãe queria ouvir. Como eu vi isso na minha frente (**ênfase**), imagina como é, eu estando longe. Se na minha frente ela é capaz de assumir essa postura perante a mãe, longe de mim e perto da mãe, então ela realmente pode dizer que não gosta de mim, que não me quer... porque ela acha que isso vai fazer com que a mãe fique calma. É uma estratégia de sobrevivência. E ela faz isso muito bem... (**pausa mais longa**) quer dizer, quando ela não foi no meu aniversário, **a outra vez (ênfase)** que a gente se encontrou, meses depois, ela falou “papai, desculpa porque eu não fui no seu aniversário”. Então ela tenta compensar de alguma forma, quando ela encontra comigo e não tem a mãe por perto, ela tenta compensar e mostrar que me ama, né. Mas, com a mãe por perto ela... não fala ou quando ela fala, ela é agressiva... no falar. Então assim, muitas vezes, ela tinha assim crises, como eu chamo, essas coisas de birra que eu falo, é a minha ex-mulher escrita assim. Ela dá dando uma de... ela tá imitando a mãe. Mas, eu assim consegui educá-la de forma que eu não tivesse nenhum tipo de problema. Ela é uma menina muito fácil de você educar. No entanto, essa maleabilidade faz com que ela seja vulnerável a quem tá perto, né... e aí ela pode achar que pra conseguir o afeto ela tem que fazer o que a pessoa quer.

Geraldo fala que vivencia sua **relação parental com filha** de maneira muito próxima, quando é possível para ele ficar com ela, sem as interferências da mãe e/ou da ex-sogra. Em suas **preocupações** estão incluídas: o desenvolvimento psíquico e da auto-estima da filha, antes de pensar no processo de “**coming-out**” para ela.

Então a minha preocupação...uma das minhas preocupações sempre foi essa, dela ficar uma criança insegura, dela achar que as pessoas só vão gostar dela se ela fizer o que as pessoas querem. E eu acho que isso é muito mais prejudicial do que se ela me ver com um cara, caso **ela veja (ênfase)**... Porque ela nunca me perguntou nada, a gente nunca conversou sobre isso (a **homossexualidade**) até porque eu não sabia, eu **não sei, né (ênfase)**, se é o momento de conversar... eu não sabia, eu **não sei (ênfase)** se eu devo conversar com ela. Porque ela tem 7 anos hoje. Quer dizer, como a mãe **conversa e fala (ênfase)**, da forma distorcida que ela vê... quer dizer, eu acho que eu vou ter que conversar, mas é uma coisa ainda complicada. Num tá muito claro pra mim, como chegar pra ela e falar. Isso aí eu num sei ainda... mas, assim, aconteceu semana passada um episódio que... ela.. eu liguei pra lá pra falar com ela (**com a filha**) e aí minha sogra atendeu foi chamá-la e não voltou e aí a minha ex-mulher veio, pegou o telefone e falou que ela não queria falar comigo, porque ela tinha vergonha de mim, porque os coleguinhas falavam... falou um monte de coisas e aí ela foi... e por fim desligou. Aí eu recebi uma ligação a cobrar no meu celular, com a Giulia berrando, muito agressiva e me xingando falando “seu vagabundo, não sei o que, não culpa a minha mãe”. Falou uma porção de coisas e aí ela foi e por fim, ela desligou. E desde então, eu não falei mais com ela. Mas, assim, as dificuldades estão ficando cada vez maiores... e a questão do homossexualismo passou a ser a principal. Né.. Ela não gosta de você porque você é gay. E então assim eu sei que isso não é verdade. Mas, é isso que elas estão argumentando, né. (**fala mais baixo**)

Giulia cria **estratégias** para lidar com a mãe e conviver com o pai.

É boa. **É boa (ênfase)**. Na realidade assim, eu fiz uma festa de aniversário pra ela no ano passado. Ela fez 6 anos. E ela ficou deslumbrada com a festa. Sabe assim? Só que aí, olha só... ela não levou nenhum presente que ela ganhou na festa, pra mãe. Ela não contou da festa pra mãe, nem pra avó, nem pra ninguém. A festa foi uma festa surpresa, claro... Então eu não iria contar, né. Mas, ela mesma não contou. Falou: “não papai, deixa lá no vovô, quando eu for lá eu brinco”. Então, quer dizer... ela mantém realmente duas vidas. Uma vida que ela tem com a mãe e a outra vida que ela tem comigo. Ela não consegue fazer a junção. Ela tá... ela funciona de duas maneiras. E eu acho que isso é o mais prejudicial pra ela. Até quando ela vai conseguir funcionar dessa forma? E como é que vai ser no futuro, quando ela tiver que lidar com... a questão afetiva mesmo? Porque o afeto pra ela é alguma coisa que

ela tem ser comprada... é uma coisa que as pessoas têm e depois não têm mais.. perde. Ela não tem aquela noção “não meu pai e minha mãe me amam incondicionalmente”. Ela não tem isso. E eu acho que isso é prejudicial pra ela. E eu não tenho nem a chance de falar isso pra ela, porque elas não me dão a chance de falar com ela. **(pausa)**

Em seu depoimento, o temor de que o prejuízo ao desenvolvimento afetivo e cognitivo aparece. A preocupação dele tem razão de ser, visto que a exposição da criança a situações em que tem que tomar partido da mãe ou do pai, são geradoras de grande estresse emocional para ela.

É... assim eu, várias vezes eu já ouvi das pessoas “Ah! quando ela fizer dezesseis anos vai ser tudo ótimo, aí ela vai vir pra você, você vai pra ela, não vai ter mais a sua ex-mulher no meio”. Eu falo é, mas também, pode ser que seja tarde demais, que ela ache, pense que eu não gosto dela. Realmente ela vai ter certeza que não existe amor incondicional e que o afeto é uma coisa que você tem que comprar. Então, se eu desistir **(de encontrá-la)** ela vai realmente estar de uma certa forma, perdida. Quer dizer, ela vai perder a oportunidade de ver uma **outra forma (ênfase)** de encarar a vida, não é? Então sempre que as pessoas falam isso eu digo “não, mas, num pode. **Eu tenho (ênfase)** responsabilidade, eu tenho a obrigação de ajudar, **eu tenho (ênfase)** a obrigação de orientar, eu tenho os meus **deveres (ênfase)** de pai”.

Nas palavras de Geraldo fica evidenciado o desejo de atuar como pai, de ver a filha crescer, de querer seu bem estar. Mais do que ser um pai provedor, Geraldo busca exercer sua função de pai- presente. E, apesar de todas as dificuldades de interação ele insiste em buscar proferir a palavra princípio EU-TU e almeja o verdadeiro encontro com sua filha:

Quer dizer, eu até, se fosse só a questão de me satisfazer... tudo bem eu poderia até falar “realmente, não precisa de mim agora”. Mas, não é isso! É a questão dela **(ênfase)** precisar de ter um pai. E não ter como substituir... e do meu próprio desejo de ser pai. Na verdade eu **adoro (ênfase) ser** pai, é uma coisa que eu acho que mudou completamente a minha vida, não é? Eu não vejo assim... eu acho que efetivamente eu aprendi o que é **o amor (ênfase)**. O

que é você fazer o máximo pela pessoa, sem esperar um retorno e **muitas vezes (ênfase)** enfrentar muitos obstáculos pra poder conseguir expressar aquilo. Então efetivamente eu sou uma pessoa, sou a pessoa que sou hoje, porque eu tenho essa experiência de ser pai. Desde o início, eu sempre fiquei maravilhado com a possibilidade de vir a exercer isso. E por outro lado também, eu tenho a noção exata de que.. é dá muito trabalho. É um trabalho constante porque eu não tenho a Giulia do jeito que eu quero. **Eu tenho (ênfase)** em momentos determinados. Então quando eu tô com ela, eu tenho que aproveitar o máximo. Então eu aproveito o máximo e ela percebe isso. A qualidade **da relação (ênfase)** eu acredito que seja boa, porque realmente quando a gente **tá junto (ênfase)**, a gente aproveita. Enquanto que outras pessoas, eu vejo, não dão muito valor. Agora pra mim não, **todo momento (ênfase)** que eu posso passar com ela.. esse ano eu fui três vezes, né... e é difícil, é longe, a gente gasta, mas, assim, vale a pena pra tá com ela.

Capítulo V - O Desvelar das Novas Famílias: variações em torno do

Ciclo Vital da família

Neste capítulo, apresentamos a síntese das entrevistas realizadas com o intento de delinear a estrutura do fenômeno por nós interrogado: a vivência da parentalidade homossexual sob a perspectiva de quem a experiencia- gays e lésbicas.

Conforme vimos tratando no decorrer deste trabalho a constituição da família idílica, nuclear, com filhos, é um fenômeno relativamente recente na história de nossa sociedade. A “natural vocação” da mulher para ser esposa e mãe devotada é um construto ideológico que permeia a constituição da identidade feminina como apontam os autores estudiosos da família: Badinter (1995), Vaitsman (1994), Serrurier (1993), Ariès (1981) dentre outros.

Em especial, no último século houve uma grande pressão sobre as mulheres casadas para que tivessem filhos, outorgando às que não conseguiam tê-los, atributos de fracassadas ou incompletas. Serrurier (1993: p. 71-72) destaca esse encorajamento incisivo ao citar as palavras do Dr. Doleris, em 1918:

Qual é o grande dever da mulher? Engravidar, ainda engravidar, sempre engravidar. Se a mulher nega a maternidade, limitando-a, suprimindo-a, não merece mais seus direitos, *não é mais nada*, (grifo da autora), é a mulher da rua cujos órgãos não passam de instrumentos, de brinquedos obscenos, ao invés de permanecer no modelo augusto, venerado por todos os séculos futuros.

Cabe apontar que tal constructo é internalizado pelas mulheres até a atualidade. Embora, o advento da pílula tenha dado à mulher um controle sobre seu corpo no que

refere à reprodução e a medicina e a ciência consigam postergar a ocorrência de gestação até idades antes inimagináveis, há uma cobrança da mulher, em especial por volta dos 25 - 30 anos para que tenha filhos com o argumento de que o relógio biológico clama por uma gravidez.

Por outro lado, nos deparamos com inúmeras configurações possíveis que se mostram na contemporaneidade. As estruturas familiares passa(ra)m por grandes transformações, permitindo a expressão de novos e múltiplos tipos de famílias. Nesse universo, homens e mulheres homossexuais passa(ra)m a expressar seus desejos, estabelecer relacionamentos estáveis e constituir famílias, ainda que o amparo legal para tais arranjos não seja extensivo a todo(a)s e os ganhos jurídicos sejam arduamente conseguidos¹⁶.

Tais pessoas têm suas vivências sob o jugo da (re)pressão e, vivem na clandestinidade em grande parte das vezes, enfrentando mitos como os de que “todo homossexual é promíscuo”, de que são incapazes de ser fiéis ou estabelecer relações estáveis, de que não desejariam constituir famílias e/ou ter filhos. Apesar disso, muitos gays e lésbicas têm ganhado visibilidade ao mostrar que dentro dos diversos grupos e, como característica da pós-modernidade, o que predomina é a gama de possibilidades de expressão da sexualidade e de vivências da afetividade.

Nesse contexto, esse trabalho caminha em direção à compreensão de como se dão as vivências da *parentalidade na perspectiva de lésbicas e gays que possuem filho(a)s*, passando pela conjugalidade, pelas relações afetivo-sexuais e os encantos e

¹⁵ Sugerimos visita ao site da desembargadora Maria Berenice Dias: www.mariaberenicedias.com.br

desencantos dessas vivências. Tais questões são o cenário no qual a parentalidade (foco central desse estudo), se mostram.

Apresentamos, no capítulo precedente, a análise dos depoimentos de nove mulheres e seis homens, cujos perfis foram descritos na metodologia.

Retomaremos a perspectiva adotada no capítulo inicial proposta por Relvas (2000) para o Ciclo vital da família (em que interagem os subsistemas individual, parental e conjugal) e suas variações relacionando-as às categorias apresentadas no capítulo anterior, uma vez que, tal diversidade foi encontrada nas famílias (re)compostas por nossos colaboradore(a)s, a saber:

No horizonte da Conjugalidade: constituição (ou não) do vínculo conjugal e Orientação afetivo-sexual, que contempla a 1^a. Etapa- Formação do casal-conjugalidade (homo e/ou heterossexual)

- A constituição e a expressão da identidade sexual e da orientação afetivo-sexual:
- Formação do vínculo conjugal:

No horizonte da Parentalidade: desejo, concretização e chegada da criança

- Projeto de ter filhos, a concretização da maternidade, paternidade e a vivência da relação parental: que contém a 2^a. Etapa –Família com filhos pequenos

A parentalidade no horizonte da homossexualidade: Função parental

- A parentalidade e os significados atribuídos por eles(a)s à esta vivência na qual estão contidas a 3^a Etapa - Família com filhos na escola e, também, a 4^a etapa - Família com filhos adolescentes

Modificações na estrutura familiar: Vivências afetivo- sexuais e sociais após a chegada do(a)s filho (a)s.

- Em que por fim, serão discutidas as mudanças que ocorrem no subsistema conjugal após a emergência do subsistema parental

Desse modo, voltemos nosso olhar para as convergências e divergências encontradas nos depoimentos do(a)s colaborador(e)s desta pesquisa acerca de suas experiências a fim de delinear a estrutura do fenômeno interrogado neste estudo: *a parentalidade homossexual na perspectiva de lésbicas e gays.*

5.1. O Ciclo Vital da Família

Iniciemos nossas reflexões chamando a atenção à maneira como as famílias de origem educam seus filhos e influenciam nas escolhas e caminhos pelos quais, cada um de seus membros trilhará. Alarcão (2002) ressalta que quando se estabelece um casamento (ou por extensão, quando se vive uma união estável ou se forma uma parceria), cada componente do casal leva para a relação os modelos pessoais e subjetivos, internalizados a partir do contato com os pais, das heranças familiares e das inferências que foram tiradas de suas próprias vidas (conjugal, familiar e individual). Tais modelos de vida pessoal farão parte do subsistema conjugal e terão que ser confrontados, negociados, dialogados para o ajuste do casal aos projetos e aspirações de cada um e de ambos.

Assim, podemos inferir que o desejo de constituir uma relação conjugal e ter uma família com ou sem filhos pode ser grandemente influenciado por essa base familiar que os membros do casal trazem para a relação, do modo como suas famílias de origem foram estruturadas (famílias pequenas ou com grande número de componentes, em que predominava o afeto ou não, expectativas dos pais em relação aos filhos, dentre outros).

No caso de homossexuais isso não é diferente: o desejo de constituir família e ter filhos pode aparecer ou não.

Buscando ouvir estas famílias que optaram ter filhos após a constituição do casal homossexual e/ou que se constituíram após o divórcio de uma das partes e que já vieram com filhos do casamento anterior, podemos observar que não há

incompatibilidade entre a orientação homoafetiva e a parentalidade, como muitas das posturas preconceituosas querem fazer crer.

Alarcão (2002) cita os estudos realizados por Harris e Turner (1985/86) que corroboram essa compatibilidade entre ser homossexual e o desenvolvimento de uma efetiva parentalidade. Outros estudos como os de Falk, 1989; Turner, Scadden, e Harris (1990 apud VICTOR E FISH, 1995) enumeram medos associados à parentalidade homossexual como: a saúde mental de lésbicas e mães lésbicas, a compatibilidade de homossexualidade e parentalidade efetiva, *a possibilidade que as crianças serem ensinadas a se transformar em homossexuais (grifo nosso)*, a possibilidade que os homossexuais venham a molestar suas crianças, a saúde mental de crianças criadas por lésbicas e sua aceitação social por colegas e pela sociedade. Não é difícil imaginar que esses medos são extensivos também aos homens homossexuais.

Estes autores concluem que tais medos são improcedentes e, acrescentamos: preconceituosos e discriminatórios. Acreditar que a orientação afetivo-sexual seja o fator preponderante para o exercício da parentalidade, só reforça uma visão reducionista da vasta dimensão que engloba a família. A orientação afetivo-sexual é apenas uma das facetas da pessoa e outros fatores para o exercício da paternidade/ maternidade devem ser levados em conta, como: desejo, motivação, estrutura socioeconômica e psíquica, personalidade.

5.2. No Horizonte da Conjugalidade: constituição (ou não) do vínculo conjugal e Orientação afetivo-sexual

Primeira etapa do ciclo vital da família (RELVAS, 2000) a formação do vínculo conjugal é um momento importante na vida do indivíduo. Para que ocorra a formação do vínculo conjugal faz-se necessário que o indivíduo tenha consciência de sua orientação afetivo-sexual a fim de que (re)conheça seus desejos e motivações para expressá-los ou não.

No caso de gays e lésbicas a assunção da identidade afetivo-sexual pode ocorrer precoce ou tardiamente, levando-os a estabelecer (ou não) relacionamentos heterossexuais, dos quais podem (ou não) resultar filhos.

Ao adentrarmos nos relatos acerca dos relacionamentos conjugais estabelecidos por nosso(a)s entrevistado(a)s notamos que a constituição e expressão da sexualidade, da identidade sexual (as identificações com o gênero e os papéis sexuais, a orientação afetivo-sexual e sua expressão) e a conjugalidade são fenômenos complexos e imbricados, como descrevemos no primeiro capítulo.

Assim, encontramos divergências na forma como se constituiu a conjugalidade e também a expressão da orientação afetivo-sexual. Na pluralidade encontrada por nós, pudemos encontrar as seguintes situações:

Colaborador(a)	Conjugalidade		Filho(a)(s)
	(obs. O nº entre parênteses refere-se ao nº de relacionamentos conjugais quando excedem a um, com coabitação , declarados pelos colaboradores)		
	Heterossexual	Homossexual	
C.1- Tamires	Não	Sim	Apenas uma, após a relação conjugal com C.2
C.2 Gabriela	Não	Sim	Filha biológica da parceira, concebida após a relação conjugal com C.1
C.3 – Carla	Não	Sim	Apenas uma após a relação conjugal com C.4
C.4- Samantha	Não	Sim	Filha biológica da parceira, concebida após a relação conjugal com C.3
C.5- Mirtes	Não	Sim	Possui a guarda do filho biológico da ex-parceira, concebido após a relação conjugal com ela.
C.6- Carol	Sim	Sim	Apenas um concebido na relação conjugal com o ex-marido.
C.7- Ana	Não	Sim	Filho biológico da parceira C.6.
C.8- Valquíria	Sim	Sim (3)	Teve dois filhos, na relação conjugal com o ex-marido
C.9- Margarida	Sim	Não	Apenas uma, na relação conjugal com o ex-marido.
C.10- Breno	Não	Sim (2)	Filho adotado quando o colaborador estava só.
C.11- Ângelo	Não	Sim	Filho adotado quando o colaborador estava em uma relação conjugal com o ex-parceiro.
C.12, Enéas	Sim (2)	Sim	Teve duas filhas e um filho na relação conjugal com a

			primeira esposa
C.13, Fabrício	Não	Sim	Convive com as duas filhas e um filho do atual parceiro, C.12.
C.14, João	Sim	Sim	Teve duas filhas na relação conjugal com a ex- esposa.
C. 15, Geraldo	Sim	Não	Teve uma filha na relação conjugal com a ex- esposa
C. 15, Geraldo	Sim	Não	Teve uma filha na relação conjugal com a ex- esposa

Quadro 1- Constituição da conjugalidade hetero e/ou homossexual

Um rápido olhar sobre este quadro revela a diversidade relacional encontrada no grupo de colaboradores que entrevistamos. Deter-nos-emos na conjugalidade heterossexual e na homossexual, respectivamente.

Conjugalidade heterossexual

Nossos colaboradores que tiveram casamentos (relações conjugais heterossexuais) destacam diversas razões que os levaram a se casar, como: estar apaixonado (a), pressões sociais, questões internas e subjetivas, desejo de constituir famílias, visão da homossexualidade como fase passageira, dentre outras.

Os casamentos nem sempre foram insatisfatórios ou se mantiveram apenas por conveniência, embora tal situação também pudesse ocorrer. Os motivos apresentados para as separações foram distintos e, a principal razão não foi a orientação afetivo-sexual homossexual, embora em alguns casos, este tenha sido um fator preponderante.

Carol, C.6, foi casada com o pai de seu filho e separou-se para ficar com Ana, C.7, colega de trabalho com quem passou a viver, em companhia do filho, há 3,5 anos. Até conhecer Ana, Carol não havia tido relacionamentos homossexuais.

Valquíria, C.8, casou-se jovem, com 18 anos e relata que não tinha se dado conta da sua homossexualidade ao se casar. O marido foi sinalizando que ela era diferente, uma vez que não se dobrava ao papel de esposa submissa e começaram as divergências em razão disso. A relação começou a se desgastar e, após a segunda gestação em que o filho nasceu, teve icterícia e foi a óbito, dez dias depois de nascido, ela entrou em depressão e desespero profundos e a relação tornou-se insustentável, culminando na separação do casal.

Margarida, C.9, casou-se aos 20 anos, teve sua filha um ano depois e, a separação ocorreu em função do distanciamento do casal, devido à mudança do marido para outra cidade, o que ocasionou um distanciamento emocional. Ela relata que o pedido de separação veio dele e que, até então, nunca havia tido nenhum relacionamento homossexual. Aos 27 anos, apaixonou-se por uma mulher com quem se relacionou por nove anos, embora nunca tenham coabitado.

Enéias, C.12, afirma que sua orientação homossexual sempre esteve presente, desde a infância, mas que por condições sociais, criação pela família, convicções pessoais e a sua noção de homossexualidade, tudo isso contribuiu para que ele pensasse que a homossexualidade fosse apenas uma fase, algo passageiro. Ele se casou duas vezes e, do primeiro casamento, teve três filhos. Seu segundo casamento, ocorreu mais em razão de pressões externas por cuidar dos filhos sozinho, desejo dos filhos de que o pai arrumasse uma companhia, medo de ficar só, do que por um real desejo seu. Assim,

aos 43 anos, resolveu ser feliz e assumir sua condição homossexual. Os filhos mantêm contato com mãe, embora tenham feito opção por morar com o pai. Ele atualmente mantém um relacionamento em que coabita com o namorado Fabrício, C.13.

João, C. 14, casou-se aos 17 anos e deixa transparecer em sua fala o sofrimento que sentiu ao se descobrir homossexual, o quanto relutou ao perceber esse desejo e o quanto estava infeliz mantendo uma relação em que não completava e/ ou satisfazia sua parceira.

Geraldo, C.15, teve o casamento e a separação bastante conturbados e apresenta muitas dificuldades para exercer sua função paterna. Ele aponta que sentia desejos por outros homens desde a adolescência, embora tenha se assumido como homossexual apenas aos 32 anos. Teve poucos relacionamentos e casou-se aos 28 anos com a ex-esposa, que engravidou no início do namoro. O casamento durou apenas sete meses e a relação toda, cerca de um ano. Sua mulher tinha muitos ciúmes dele porque o viu levar uma “cantada” de outro homem. Ao final do casamento, ele entrou em depressão e passou a fazer uso de medicamentos que o deixavam muito ativo e acelerado, concomitante ao final da gestação dela, o que tornou a relação inviável. Separaram-se, segundo ele, por várias razões: incompatibilidade de personalidades, tendências depressivas da mulher, idealização de ambos quanto ao casamento, o fato de terem se conhecido pouco antes de ocorrer a gravidez, a dependência dela e a super proteção da família e o próprio casamento. A ex-mulher teve alguns surtos em que tentou se suicidar e, depois da separação, ambos tiveram dificuldades em acertar a situação da criança.

Nosso(a)s colaboradore(a)s que foram casados relatam que o fim de seus relacionamentos heterossexuais ocorreu por: incompatibilidade de personalidades,

desgaste do relacionamento, divergências de opiniões, projetos de vida e expectativas e/ou, em alguns casos, pela orientação afetivo-sexual homossexual.

Um ponto importante é o que Freud (1905) já dizia acerca de uma bissexualidade comum a todos e que no decorrer da vida tenderia a se fixar na escolha de um objeto de desejo, constituindo, então, a homo ou a heterossexualidade. Aqui fica ainda a questão: que fatores contribuem e interagem na constituição da identidade sexual, incluindo a orientação afetivo-sexual?

Klein et al (**apud** FUERTES- MARTIN; LÓPEZ- SANCHEZ, 1997) ao ampliarem a escala de Kinsey propõem que a constituição do desejo pode variar no tempo e no espaço, como um fenômeno complexo e sujeito a uma série de fatores bio-psico-sócio -culturais. Acrescentamos ainda o conceito de homossexualidade proposto Marmor (1973 **apud** ABDO, 2000: p. 134) que a considera “*não apenas uma condição multiplamente determinada por fatores biológicos, psicodinâmicos, sócio-culturais e situacionais, mas sob influência de sutis variáveis temporais, qualitativas e quantitativas*”.

A homossexualidade, surgiu para eles como algo que viam como passageiro. Todavia, não conseguiram “optar” por uma heterossexualidade por não ser possível ir contra esse desejo e sustentar uma tal opção, por mais que as pressões sociais os encaminhem para isso.

Na análise das entrevistas, pudemos notar que o(a)s colaboradore(a)s revelaram coragem para assumir seus desejos, buscando não ferir as pessoas à sua volta, mas, não deixando de lado sua autenticidade, suas escolhas. Ao olhar para os seus desejos e

também o do outro e, decidirem romper com algo que os deixava infeliz e puderam se aproximar da vivência do Tu.

Dessa forma, considerar a homossexualidade como uma das expressões da diversidade sexual pode contribuir para a diminuição do preconceito, da estigmatização e discriminação tão presentes em nossa sociedade e que nos distanciam da relação EU-TU, deixando-nos na maior parte das vezes no ISSO.

Conjugalidade homossexual

Tamires, C.1, até os 19 anos só havia se relacionado com homens. Ao conhecer Gabriela, C.2, iniciou com ela um relacionamento que tornou-se uma parceria estável e, no momento da entrevista, já somava doze anos. A partir desse envolvimento, começaram a traçar planos em comum e, em conjunto, decidiram ter uma criança. Gabriela expõe que houve insegurança, quando a parceira sugeriu que tivessem um filho (uma vez que Tamires define-se como bissexual). Todavia, ambas conversaram por bastante tempo antes de decidir como e quando ter um filho. Gabriela, ao contrário de Tamires, afirma que sempre soube que era homossexual e ao estabilizar a relação de ambas, depois de terem enfrentado preconceitos e oposições da família da parceira, finalmente, concordou em ter a criança.

Carla, C.3 e Samantha, C.4, apresentam situação semelhante a de Tamires e Gabriela. Carla diz que as motivações que a uniram a Samantha foram: a busca por encontrar alguém com quem tivesse afinidade e pudesse construir um projeto de vida em comum e ser feliz. Em relação a sua orientação afetivo-sexual, Carla não se define

como homossexual, embora esteja há 13 anos com Samantha e diga que encontrou na parceira, tudo o que desejava para si.

Samantha diz que sempre foi homossexual e teve relações sexuais com homem, só para ter certeza se era isso mesmo. Ela fala com carinho e empolgação, sobre a relação de cumplicidade e companheirismo que desenvolveu com Carla, C.3, próprios das palavras- princípio EU- TU.

Mirtes, C.5, manteve uma relação conjugal com a mãe biológica de seu filho e tem a guarda definitiva dele. Só se relacionou com mulheres e a relação com a ex-companheira a fez desejar constituir família e a considerar a possibilidade de ter filhos, o que não tinha pensado até então. Sua relação com a ex- parceira foi definida por ela como um “jogo”, em que diz ter sido “usada” como meio para que a ela realizasse o sonho de ter um filho. A ex-parceira teve com ela e o filho uma atitude própria do ISSO, visto que os abandonou.

Breno, C.10, teve duas parcerias estáveis: uma de três anos e outra de seis anos. Teve relacionamentos com mulheres, mas sempre se interessou por homens. Diz que sempre pensou em ter filhos e que chegou a pensar em ser doador de sêmen para um casal de amigas lésbicas. Como elas moravam em outra cidade, não quis ser pai à distância. No momento da adoção e também da entrevista, estava só.

Ângelo, C.11, diz que, desde o princípio sempre se relacionou com homens. Viveu com Marcos durante dezesseis anos e, nesse período, adotaram Luciano, ex-menino de rua, de 7 anos. Separou-se de Marcos e, atualmente, Ângelo mora com o filho em outra cidade e namora um outro rapaz há 3,5 anos

Fabrizio, C.13, vive com Enéias, C.12. Estão juntos há dois anos.

Todos o(a)s colaboradore(a)s tiveram ao menos uma relação estável homo e/ou heterossexual. Essa observação nos faz pensar que a idéia de promiscuidade, freqüentemente, associada aos homossexuais pode ser apenas uma fase da descoberta de sua sexualidade (e que pode ou não, ocorrer), como vimos na fala de Breno, Geraldo e Fabrício.

Percebemos dificuldades para expressar os sentimentos e a orientação afetivo-sexual, desvelando uma forte homofobia internalizada, em especial, na fala de Mirtes, João e Margarida. Diversas vezes, notamos uma postura presa ao ISSO buberiano.

Ao adentrarmos em seus relatos, observamos que o respeito ao outro, o afeto e o desejo de não fazer a parceria infeliz e buscar sua própria felicidade apareceram em diversas falas, como as de Carla e Samantha, Ana e Carol, Valquíria, Breno, João, Enéias e Geraldo, desvelando nuances da dimensão intersubjetiva do TU buberiano.

5.3. No Horizonte da Espera do Filho(a): Desejo, Concretização, e Chegada da Criança

Nossos relatos sobre a concretização da maternidade ou paternidade homossexual corroboram os apontamentos de Uziel (2002) sobre as diversas possibilidades: por intermédio de filhos resultantes de relacionamentos heterossexuais (em geral, oriundos de casamentos), inseminação artificial, escolha de uma pessoa amiga (com quem, em geral, não se pretende, criar laços conjugais), barriga de aluguel e adoção, ou ainda por meio de auto-inseminação (NERY, 2003).

Nossos entrevistados falam sobre o desejo de ter filhos, de modo algum incompatível com as identidades homossexuais e, alguns, manifestaram explicitamente sua indignação com essa indagação (Tamires, Breno, Enéias, Valquíria). Enxergar o outro apenas em uma de suas dimensões: a do desejo sexual homossexual é reduzir o indivíduo a um ISSO.

As entrevistadas Tamires e Carla (mães biológicas) afirmam que sempre desejaram ter filhos e a relação homossexual estável em que ambas se encontravam não diminuiu esse desejo. Ao contrário, a durabilidade do relacionamento contribuiu para aumentar o desejo de constituir sua própria família ao lado de suas companheiras.

Suas companheiras tiveram atitudes divergentes. Gabriela, C.2, enfrentou uma certa resistência inicial à idéia de filhos. Samantha, C.4, ao contrário, revela que ficou muito entusiasmada. Após a experiência da maternidade, suas atitudes divergem novamente, e Gabriela pensa em uma nova concepção (ou adoção) e Samantha não cogita a hipótese de um novo filho.

Mirtes, C.5, diz que a maternidade nunca foi seu objetivo de vida, nem fez parte de seus planos. No entanto ao se apaixonar pela mãe de seu filho e, ao ter contato com uma criança de seis meses, filho de um casal soropositivo, passou a considerar a hipótese de ter um filho e houve, inclusive, uma tentativa, frustrada, de adotá-lo. Após esta tentativa, e, embora, ainda estivesse insegura com relação à concretização da maternidade, ela e a parceira resolveram realizar uma inseminação artificial.

Valquíria, C.8 e Margarida, C.9, tiveram seus filhos durante o casamento. Elas se casaram com idades precoces e a maternidade ocorreu, para ambas, cerca de um ano após o matrimônio.

Para os homens cujos relacionamentos afetivo - sexuais foram, predominantemente, homossexuais, a concretização da paternidade pareceu mais difícil. Breno, C.10, relata que pensou em doar o sêmen para duas amigas também homossexuais. No entanto, abandonou esta idéia em função do desejo de exercer efetivamente a função de pai, o que seria inviabilizado pela distância física entre eles, já que suas amigas moravam em outro Estado.

Enéias, que teve seus filhos do primeiro casamento, relata que sempre quis ser pai e não vê incompatibilidade entre ser homossexual e pai, uma vez que são papéis distintos.

A decisão por ter um filho por parte de casais homossexuais perpassa por inúmeros questionamentos e, em geral, os prós e os contras são mais analisados. Zacks, Green e Marrow (1998 **apud** ALARCÃO, 2002) avaliaram o funcionamento de famílias homo e heterossexuais e notaram que as primeiras eram mais coesas apresentavam níveis mais elevados de adaptabilidade. Os autores sugerem que isso pode ser devido à necessidade que estas famílias têm de se defender de posições sociais de crítica ou segregação. Essa visão também é corroborada por Uziel (2002) e outros estudiosos de famílias formadas por gays e lésbicas, como Gabb (2005), Mooney-Sommers e Golombok (2000), Patterson (1997).

Essa constatação ficou mais evidente, em nosso estudo, entre aqueles que optaram por constituir família após a assunção da identidade homossexual (caso de Breno, Ângelo, Tamires e Gabriela, Carla e Samantha, Mirtes e Ana).

Diversas preocupações sobre a decisão de constituir e a manter uma família foram evidenciadas nos discursos como: aspectos financeiros, emocionais, psíquicos,

sociais. Podemos dizer que tais temores fazem parte da dinâmica de quaisquer famílias que desejam se constituir e/ou estabilizar.

Gabriela expressa sua inquietação quantos aos motivos ocultos para o desejo de sua parceira ser mãe e que, poderiam estar relacionados à orientação afetivo-sexual. Sua fala explicita uma preocupação com a autopercepção e auto - aceitação da parceira de sua orientação do desejo bissexual. Cabe notar que Tamires, C.1, define-se como bissexual, mesmo estando em uma relação homossexual há doze anos. Tal preocupação denota uma internalização de valores sociais que atribuem à maternidade uma efetivação da concepção de feminilidade, ou seja, alça a mulher à completude apenas e somente se for mãe, conforme vimos em Badinter (1995), Vaitsman (1994), Chauí (1984) e outros. Além disso, muitas pessoas tendem a achar que bissexuais são indecisos quanto ao parceiro(a) que desejam, o que pode gerar uma certa insegurança no casal.

Note-se ainda que, é comum a alguns casais heterossexuais, jogarem a responsabilidade do sucesso do relacionamento ao nascimento de uma criança, muitas vezes de maneira inconseqüente, sem pensar no futuro da própria criança. Na fala de nosso(a)s colaboradore(a)s podemos perceber a preocupação premente com o bem – estar da criança na atualidade e, no futuro assim como a escolha do momento para ser pai ou mãe. No caso de Geraldo, C.15, cuja paternidade ocorreu por intermédio de uma gravidez não planejada de sua, então, namorada, sua fala demonstra o desejo de manter e incrementar o vínculo afetivo com a filha, mesmo que a relação com a ex-mulher não tenha dado certo pelas várias razões enumeradas por ele.

Breno, C.10 e Ângelo, C.11, trilham por caminhos diferentes rumo à adoção. No primeiro caso, Breno construiu uma base sólida antes de prosseguir com o processo de adoção. Ângelo uniu a oportunidade de adotar uma criança de rua ao desejo de ter um filho e então, tomou as providências legais cabíveis para tal.

Gabriela, C.2, mostra-se consciente dos ônus e bônus que sobrevêm à decisão de ter uma criança e o impacto na vida conjugal e familiar, desse terceiro elemento em decorrência da decisão do casal. Preocupações a curto, a médio e a longo prazo aparecem nas falas de todos os nossos entrevistados.

O fato de ser homossexual e querer ter um filho desvela um outro elemento necessário à concretização do desejo e que vai ao encontro do argumento utilizado pela Igreja para ir contra a homossexualidade, uma vez que biologicamente, duas mulheres ou dois homens não podem conceber um filho (CHAUÍ, 1984). Como se dará a concepção? Em caso de escolha de um parceiro, tal fertilização será por intermédio de relações sexuais ou doação de sêmen? Em caso de doação, o doador será conhecido ou não? Que ligações, direitos, interferências uma pessoa conhecida teria (terá) na educação da criança? Todas essas questões transparecem na fala das mulheres desse estudo. Quaisquer que sejam as opções escolhidas implicam em novo diálogo, nova análise e tomada de decisão.

Nossas entrevistadas optaram por um parceiro escolhido previamente por ambas. O primeiro casal (C.1 e C.2) escolheu o pai a partir do círculo de amigos, segundo elas, sem que ele soubesse que estava sendo escolhido para tal. Tal postura reflete algo já destacado por Parseval (1986) na construção da identidade paterna. Esse homem foi tido apenas como reprodutor, sem consentimento, sem autorização e, portanto, sequer teve a

possibilidade de escolha de assumir um papel paterno social, restringindo-se ao papel de pai biológico. Papel esse que, posteriormente pode lhe ser cobrado. Ou como salienta Uziel (2002) não há no caso, de uma escolha como essa, a intenção de construção de laços ou vínculo parental. Na dimensão buberiana, pode-se perceber a relação EU-ISSO, que não interage numa dimensão intersubjetiva, ao contrário, objetifica o outro. Essa postura reflete ainda uma das características mais marcantes da pós-modernidade: o individualismo. Na busca por atender seus anseios e desejos, o outro é transformado em mero instrumento para realizar seus objetivos.

Embora, tenha constituído uma parceria com uma mulher, Mirtes acredita que também foi “usada” para atender aos anseios de maternidade da parceira.

O segundo par também escolheu o pai a partir do círculo de amizades. Mas, diferentemente do primeiro casal, tudo foi conversado, esclarecido e a paternidade consentida e Carla, C. 3, engravidou na primeira tentativa dentro do período fértil (que estava sendo monitorado pelo médico).

O acompanhamento das gestações e a preparação para a chegada do filho foram vivenciados com expectativa e envolvimento pelas parceiras em ambos os casais. Esse fato remete à questão do tempo longo entre a decisão e a concretização da gestação o que sugere um maior amadurecimento do casal frente a essa decisão. Houve consenso entre esses casais em preparar uma boa base familiar e uma boa estrutura sócio-econômica e afetiva incluindo as famílias extensas de ambos os pares.

Em relação aos homens, também percebemos uma preparação para a convivência com o filho. Breno, C.10. nos põe a par do período de espera chamado Pré-Natal da adoção. O nome é auto-explicativo, pois assim como uma pessoa que espera

um bebê durante nove meses faz planos, prepara-lhe as acomodações, têm fantasias sobre como será a criança, como se dará a interação, dentre outros, também ocorre à pessoa que aguarda a adoção. No caso de Ângelo, C.11, o apego se deu informalmente, pela convivência que teve durante o período que a criança habitou sua casa e lhe pedia atenção, ensinamentos.

Interessante é perceber como vão se formando os vínculos, como se constitui a maternidade, paternidade e/ou parentalidade.

Nosso(a)s colaboradore(as)s apresentam os papéis parentais de cuidadores tanto no campo afetivo quanto no financeiro. A função de cuidar, como corroboram Lewis e Dessen (1999 apud PONTES, 2002) parece estar muito mais relacionada à personalidade do indivíduo do que ao seu gênero.

Breno, João, Geraldo, Ângelo e Enéias apresentam a face cuidadora. Todavia, gostaríamos de ressaltar a crença do senso comum que tal desvelo e cuidado seriam decorrentes de uma maior sensibilidade atribuída aos homossexuais, em especial os homens. A parentalidade exercida pelas mulheres não causa tanto espanto uma vez que, por serem mulheres, seriam “naturalmente” cuidadoras.

Destacamos o trabalho de Trindade (2002) sobre paternidade masculina na meia idade que aponta as mudanças pelas quais o homem passa na atualidade e que refletem numa maior aproximação de seus filhos em direção à constituição de um novo pai.

Releva ainda dizer que as construções de gênero e os papéis a eles atribuídos se modificam e se flexibilizam com o passar do tempo como já foi explicitado por nós e por outras autoras como Uziel, (2002), Dunne (1999), dentre outros.

A proximidade que os entrevistados tanto do gênero masculino quanto do feminino apresentam com seus filhos revelam nuances da relação EU-TU.

5.4. A Parentalidade no Horizonte da Homossexualidade

Função Parental: Ser pai ou ser mãe e homossexual

As funções maternas e paternas foram (e são) concebidas e mantidas com forte conotação das divisões de papéis sexuais e de gênero. Não podemos negar a importância biológica do pai e da mãe. Por outro lado, em que momento, se define o que é atributo de cada um no cuidado parental? A “naturalização” dos papéis de cuidadora, de afetuosa, à mãe e o papel de lei, autoridade e provedor ao pai são construtos reforçados e internalizados socialmente como assinalaram Badinter (1995), Vaitsman (1994), Chauí (19984), Ariès (1981).

Como apontam todos esses autores, tais construtos podem afastar a interação pai-filho e sua triangulação na díade mãe - filho. Lewis e Dessen (1999 **apud** PONTES, 2002) apontam uma perspectiva que trata do envolvimento paternal e maternal em termos de comportamento e compromisso, o que poderia ser reflexo de sua personalidade. Tal envolvimento poderia ainda ser determinado por fatores sociais, como resposta a pressões sociais e econômicas da atualidade, como a divisão de trabalho doméstico entre os genitores que trabalham fora de casa. Em caso de cuidadores que formam um casal homossexual esta divisão pode apresentar

similaridades com os casais heterossexuais, em razão do tipo de trabalho (mais flexível quanto aos horários, por exemplo), remuneração, etc, como aponta Dunne, (1999).

Nosso(a)s colaboradore(a)s, que estão ou estiveram em uma relação conjugal homossexual, relatam que a divisão de papéis em seus relacionamentos é mais flexível, além de instituir o diálogo como tônica na educação das crianças e na divisão de papéis.

Há o mito que cerca não apenas o casal homossexual com filhos, mas todo relacionamento homoafetivo de que um tem que exercer um papel ativo (considerado masculino) e outro o passivo (entendido como feminino). Voltamo-nos, mais uma vez, à história da nossa civilização para compreendermos que gênero é uma categoria social, historicamente flexível e, portanto, mutante, sujeita às modificações de cada sociedade em seus diversos momentos como disseram Oliveira (2002), Louro (1997), Costa (1994), Scott (1995), Chauí (1984).

Percebemos que a idéia que perpassa essa crença está mais uma vez relacionada ao modelo heterocêntrico, que fundamenta e naturaliza essa divisão de papéis (NAVARRO-SWAIN, 2000). Parece difícil aceitar que duas mulheres que constituem um casal e uma família nuclear possam ter suas identidades de gênero femininas (raciocínio similar ao casal gay) e que possam exercer efetivamente a parentalidade. Ainda assim e, paradoxalmente, pelo fato de serem mulheres, acredita-se que possam ser mais bem-sucedidas do que um homem homossexual (e, de novo, transparece aqui a idéia implícita de que seriam “naturalmente” cuidadoras e boas mães). Por outro lado, atributos socialmente “femininos” são, freqüentemente, relacionados aos homens homossexuais que se tornam pais, como por exemplo: serem mais afetuosos, mais sensíveis, mais cuidadores (DUNNE, 1999).

Tamires, C.1, Breno, C.10, Carol, C. 6 e Ana, C.7, reagem com indignação ao se reportar a essa noção preconceituosa da divisão de papéis. Expressam também o quanto essa noção de masculinidade (ativo) e feminilidade (passivo) que permeia a visão que se tem de homens e mulheres e, em especial, os homossexuais é reducionista.

Considerando-se todas as mudanças culturais e econômicas vigentes na atualidade em que os cônjuges podem ter (e, geralmente têm) trabalho fora de casa, além de características individuais de negociação de limites, de maior ou menor afetividade, podemos dizer que a divisão de papéis não necessita ser tão rígida. Uma maior proximidade do homem-pai em relação aos seus filhos (TRINDADE, 2002), com demonstrações de afeto e uma disciplina e autoridade da mulher-mãe podem ser notadas na própria diluição desses papéis na atualidade, em famílias monoparentais, nucleares, reconstituídas e em suas variações, as famílias homossexuais.

Uma outra questão, a dependência que a criança tem da mãe (ou seu substituto) é uma necessidade apenas nos primeiros anos de vida, como ressalta Badinter (1995). A qualidade da interação cuidador(a)- criança é mais importante para o desenvolvimento e a socialização da criança do que o gênero ou a orientação afetivo-sexual de quem cuida. Além disso, coerência e ajuste do(a) s cuidadore(a)s (e, com ex-parceiro(a)s) nas questões educacionais auxiliam na clareza do exercício da parentalidade e/ou coparentalidade.

Cabe ressaltar que a função parental não deixa de existir em caso de separações entre os pares e, a clareza e interação entre eles(a)s favorece o desempenho das funções pertinentes aos filhos.

A fase do ciclo vital da família, o tipo de família constituído, a idade dos filhos, fatores socioeconômicos, são alguns dos facilitadores/ dificultadores da vivência da parentalidade, da conjugalidade e da própria individualidade de seus membros.

Dada a complexidade e a variabilidade de interveniências sociais na constituição das famílias, as pessoas participantes desse estudo podem ser divididas em:

1. Famílias nucleares/ conjugais, com a presença na mesma casa de ambo(a)s o(a)s componentes e o(a)s filho(a)s:

a. Crianças com menos de sete anos: Tamires e Gabriela, Carla e Samantha, Carol e Ana.

b. Filho(a)s adolescentes ou jovens adultos e convivem na mesma casa: Enéias e Fabrício.

2. Famílias monoparentais, em que apenas o pai ou a mãe mora com o filho(a):

a. Crianças com menos de sete anos: Breno, Mirtes.

b. Filho(a)s adolescentes ou jovens adultos: Ângelo, Valquíria e Margarida.

Duas exceções são encontradas:

3. João coabita com seu parceiro, porém a filha não mora com eles, embora os visite regularmente e passe com eles alguns fins de semana.

4. Geraldo, após a separação, voltou para a casa do pai e da madrasta e a filha mora em outro Estado com a mãe (ex-esposa).

Essa gama de possibilidades de variação em torno do ciclo vital da família mostra-se presente na atualidade e traz significados particulares para cada um dos envolvidos e necessita ser (re)conhecida como entidade familiar pelas diversas instâncias sociais: jurídica, escolar, saúde.

Um outro ponto a ser destacado é que foi exaustivamente dito no decorrer dos discursos, refere-se ao processo de “*coming-out*” e o momento que ele deveria ocorrer. A criança vai percebendo, subjetivamente, as interações relacionais do pai, da mãe e/ou seus/suas parcerias. As peculiaridades e necessidades que cada criança pode apresentar quanto ao descobrir que seu(s) cuidadore(s) são homossexuais, vão ser dialogadas no momento em que se manifestarem, como ocorreu com Margarida, Valquíria, Ângelo e Enéias.

O caso de Geraldo em que a homossexualidade foi revelada de maneira distorcida tem uma conotação negativa para a criança agravada pelo fato de a família a afastar do pai.

O temor de que o filho ou filha venham a ter sua orientação afetivo-sexual influenciada pela dos pais perpassa pelos grupos sociais dos quais os sujeitos fazem parte. Bailey (1995) em seu estudo com filhos de pais homossexuais notou que mais de 90 por cento se definiam como heterossexuais. Enéias tem seu filho mais jovem, homossexual e os demais colaboradores os têm definindo-se como heterossexuais.

Pelo fato de ter sido infeliz ao negar essa dimensão há uma maior flexibilidade e tolerância quanto aos comportamentos sexuais e atitudes do filho(a). Como observamos, nos casos em que o diálogo ocorre de maneira transparente, os impasses são negociados e re-significados.

5.5. Papéis de gênero e a noção de responsabilidade no exercício da parentalidade e na divisão de tarefas cotidianas

Nossos entrevistados expressam a variedade de situações familiares em que todos trabalham fora de casa (exceto Carla, C.3). Na educação dos filhos, a relação dialógica ocupa um espaço privilegiado, de modo geral. Dessa forma, esse(a)s colaboradore(a)s buscam auxiliar os filhos a compreender os limites e a construir sua identidade com menor ambigüidade, com mais segurança.

As parceiras das colaboradas que tiveram filhos, exercem um papel parental materno, embora às vezes não se vejam como tal (como é o caso de Gabriela) ou assumem totalmente esse papel (caso de Mirtes).

O olhar que os participantes desse estudo têm sobre seus filhos revela relações mais igualitárias, de amizade, de cumplicidade, de amor, respeito e autonomia como fica evidente em suas falas.

Essa postura de procurar estabelecer um relacionamento de afeto nas interações parentais com seus filhos, construído com base no diálogo e respeito mostra nuances da relação EU-TU. Ao ouvir a criança e jovem, argumentar com ele(a)s, pôr limites, esses pais e mães fortalecem o sentimento de pertença, auxiliam no desenvolvimento cognitivo, emocional, físico e social de seus filhos.

Tamires, C.1, afirma que ambas corrigem, ambas educam e participam igualitariamente desvelando mais uma vez a flexibilização de papéis entre os pares. Ana e Carol dividem também as reprimendas e os cuidados com o filho.

No casal 2, embora a função de provedora esteja mais exercida por Samantha, C.4. e o cuidado do lar esteja mais ligado à Carla, C.3, ao mergulharmos em seu relato, percebemos uma mescla das funções parentais entre ambas. De novo, salientamos a visão que se tem de tomar como referência o casal heterossexual, considerando-o o padrão que deve ser seguido por todos.

A divisão de papéis seguindo o modelo heterocêntrico, a que se refere Navarro-Swain (2002) e que, exigiria que uma das partes envolvidas fosse a parte provedora e a outra, cuidadora. No entanto, a flexibilização dos papéis sociais de gênero aponta para uma maior questionamento do ser masculino e feminino, independente da orientação do desejo.

Breno, C.10, vive na companhia do filho e, na época da entrevista não estava em um relacionamento. Para suprir todas as necessidades de bem-estar de Junior montou uma estrutura auxiliar (babá, escola) para os momentos em que se ausenta do lar para trabalhar. Como houve o processo de adoção, o entrevistado relata que a construção da relação parental em que ocorre o re-conhecimento mútuo e a re- significação das expectativas e a consolidação da experiência parental, são cotidianas. Como é um pai solteiro tem que exercer as funções de cuidar e prover. O mesmo ocorre com Ângelo e Enéias (esse último cuida dos três filhos).

Outro ponto, diz respeito ao relacionamento dos casais de mulheres com os pais biológicos das crianças, bastante peculiar.

Tamires, C.1 e Gabriela, C.2 convivem com o pai de Bianca no grupo de amigos que, freqüentemente, se encontram e, a criança tem contato com ele e com sua família extensa. A função paterna exercida por ele destoa do que diz a literatura, pois a ele fica restrito o contato com a filha como teria um amigo da família, isto é, sem qualquer tipo de compromisso. Em outras palavras, há muito pouco de função paterna sendo exercida por ele. A proximidade da filha e do pai não remete à relação EU-TU, mas restringe-se à relação EU-ISSO. Aqui caberia indagar o papel que as pessoas (mãe, cuidadora) mais próximas à criança tem na caracterização da função paterna. Parseval (1986) afirma que é a mãe (ou sua substituta) quem insere e configura a função do pai na vida da criança.

O segundo casal permite uma maior aproximação da criança com seu pai, que mora em uma edícula nos fundos da casa de Samantha e Carla. Entretanto, a criança dirige sua maior atenção, afeto e apego à companheira da mãe, a quem chama de amor. Com ela vivencia uma relação de reciprocidade própria do TU buberiano. Com o pai, esta relação segue um tempo próprio da criança.

5.6. Modificações na estrutura familiar: Vivências afetivo- sexuais e sociais após a chegada do(a)s filho (a)s

A chegada de uma criança reestrutura a vida do casal e estabelece re-significações das relações familiares. Anseios, medos, inquietações aparecem como se evidencia na fala de todos os nossos entrevistados. Além disso, nota-se alterações nos

projetos de vida individuais e familiares o que leva à necessidade de re-adaptações de todos os membros da família.

A responsabilidade, o medo do futuro faz com que essas famílias optem por um planejamento detalhado e criterioso a fim de assegurar o bem-estar de seus membros em todos os seus aspectos. Observamos uma preocupação premente com o aspecto sócio-econômico, também reflexo da cultura contemporânea, que exige gastos e investimentos para a manutenção do bem-estar.

Fatores como a responsabilidade, as condições sócio-econômicas, aspectos emocionais podem estar envolvidos nessa tomada (ou não) de decisão por um novo filho. O investimento emocional, de tempo, de presença na vida das crianças leva-nos a perceber o papel das crianças na vida de seus pais e vice-versa, desvelando nuances da relação EU-TU de que nos fala BUBER.

As principais modificações explicitadas pelo(a)s participantes desse estudo referem-se ao sentido atribuído em suas vidas, após a concretização da filiação. A aproximação entre os pares que constituíram família após a assunção da homossexualidade mostra o alto nível de coesão que é possível. Para os que se separaram de uma relação conjugal heterossexual, a homossexualidade foi realçada como um fator negativo e, motivou perseguições (casos de Valquíria, Geraldo, João e Carol).

Foram expostas também as relações sociais em que se destacam o preconceito e a homofobia nos diversos segmentos sociais:

1. Família
2. Escola

3. Amigos

4. Trabalho

5. Saúde

O conhecimento de vivências distintas da norma heterocêntrica propicia um novo olhar sobre o preconceito e sobre o humano, propiciando maiores níveis de tolerância, inclusão e respeito.

A homofobia por vezes internalizada pelos próprios grupos estigmatizados se fez presente em diversos momentos, desvelando as dificuldades decorrentes do desconhecimento que levam a uma visão fragmentada do indivíduo e ao olhar enviesado que a eles é dirigido, distanciando-os do tu buberiano.

Faz-se necessário que essas instâncias aprimorem seus conhecimentos e revejam as formas de atenção a essas novas famílias que se mostram a fim de possibilitar o adentramento ao mundo do TU.

Capítulo VI - Horizontes

Durante a coleta das entrevistas, pudemos perceber em nossa própria fala, o quanto por vezes, enviesamos nosso olhar de modo preconceituoso. A vivência da maternidade, paternidade ou parentalidade e das relações afetivo-sexuais homossexuais não são incompatíveis e/ou excludentes. Ao contrário, são experienciadas e re-significadas cotidianamente, no estabelecimento da intersubjetividade.

Nesse sentido, a postura fenomenológica, nos permitiu exercitar a *epochè*. Ao estabelecermos um contato empático com os colaboradores, que nos desvelaram suas vidas pudemos nos deter na compreensão do fenômeno por nós indagado.

Por essa razão, o trabalho foi instigante até o seu fechamento, visto que nos possibilitou uma visão ampla e aprofundada das relações familiares nessas (novas) formas de famílias (co)existentes na atualidade.

A filosofia do diálogo de Martin Buber nos leva a compreender a família homossexual como uma realidade repleta de nuances da intersubjetividade do TU buberiano, em especial entre as parcerias e os filhos.

Por outro lado, as dimensões do ISSO foram também muito presentes, seja pela homofobia internalizada seja pelas interações sociais no trabalho, na escola, nas famílias de origem.

O preconceito, a homofobia e o sexismo foram evidenciados de modo recorrente nas entrevistas, levando-nos a pensar em nossa responsabilidade como pesquisadoras e

educadoras. O conhecimento científico mediado pela pesquisa assim como sua divulgação podem propiciar novas reflexões e re-significar e transformar posturas preconceituosas e excludentes.

Ao desvelar as vivências da parentalidade homossexual com seus encantos e desencantos, notamos que uma percepção de si mesmo e do outro e de seus desejos foram necessárias para que a relação intersubjetiva se estabelecesse.

O desejo de ser mãe ou pai não é incompatível com a orientação afetivo-sexual e tampouco relacionado apenas ao gênero.

Além disso, essa é uma realidade presente e coexistente com as famílias tradicionais heterocêntricas e suas variações. Há que se divulgar à sociedade os conhecimentos encontrados na pesquisa sobre o funcionamento das famílias homossexuais com vistas a uma melhor atuação em todos os campos: sociais, na escola, na saúde, nos aspectos jurídicos, na religião.

A continuidade dessa pesquisa com vistas a ampliar a compreensão de outras dimensões da família homossexual se mostra uma possibilidade.

Diversos pontos de inquietação somaram-se no decorrer da caminhada rumo à compreensão da parentalidade homossexual: que significados os pais biológicos atribuem à paternidade constituída pela doação de sêmen ou por meio do acordo com as mães e suas parceiras? Que significados atribuem à con-vivência (ou não) com a criança? Como vêem sua participação como meros “reprodutores”? Em relação aos filhos: Como vivenciam a realidade de ter os pais gays ou mães lésbicas? Como se dão suas relações sociais e que estratégias criam para lidar com a homossexualidade paterna ou materna? Como a escola e os profissionais da saúde acolhem essas famílias?

Dessa forma há ainda muito a ser dito sobre as variações do ciclo vital da família.

Para finalizar, acrescentamos uma fala da colaboradora 3 sobre sua família, que consideramos significativa:

Tenho uma família, eu me sinto assim, eu tenho uma família de fato. Às vezes eu olho o porta-retrato eu, a Samantha e a Sandy e digo: “Ah! Minha família é tão linda!” Porque eu me considero assim, né, então é muito bom.

Olhar para essa realidade nos aproxima(rá) dessas novas formas de expressão familiar de modo compreensivo e possibilita a aproximação do humano, alcançando a dimensão plena da presença e do diálogo buberianos.

Capítulo VII - Referências Bibliográficas[∞]

ABDO, C. H. N. (org) **Sexualidade humana e seus transtornos**. São Paulo: Lemos Editorial, 2ª ed., 1997.

ABBAGNANO, N. A Fenomenologia. **In: História da Filosofia**. Lisboa: Editorial Presença, 1982. V. XIV.

ALARCÃO, M. (coord). **(Des) equilíbrios Familiares**. 2 ed. Coimbra: Quarteto, 2002.

ALMEIDA NETO, L. M. **Família no Brasil dos anos 90: um estudo sobre a construção social da conjugalidade homossexual**. (Tese de doutorado) Brasília, 1999.

ANDERSSSEN, N., AMLIE, C.; YTTEROY, E. A. Outcomes for children with lesbian or gay parents. A review of studies from 1978 to 2000. **Scandinavian Journal of Psychology**, 2002, 43, p. 335-351.

AMATUZZI, M.M. Pesquisa Fenomenológica em Psicologia **In: BRUNS, M.A.T. ; HOLANDA, A (org). Psicologia e pesquisa fenomenológica: reflexões e perspectivas**. São Paulo: Omega Editora, 2001: p.15-22

ANDRADE, A. J. A. **Visibilidade gay, cotidiano e mídia: Grupo Arco-Íris-consolidação de uma estratégia. Um estudo de caso**. (Dissertação de mestrado). Brasília, 2002. 160p.

ARIÈS, P. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro, Guanabara, 1981.

[∞] De acordo com:

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6023**: informação e documentação: referências:elaboração. Rio de Janeiro, 2002

BADINTER, E. **Um amor conquistado: O mito do amor materno**. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1995.

BAILEY, J. M. et al. Sexual Orientation of Adult Sons of Gay Father. **Developmental Psychology**. Vol. 31, n° 1, 1995: 124-129.

BELLO, A. A. **Fenomenologia do ser humano: traços de uma filosofia no feminino**. Trad. de Antonio Angonese. Bauru: EDUSC, 2000.

BERNARDI, M. **A deseducação sexual**. São Paulo: Summus, 1985.

BUBER, M. **Eu e TU**. 2ª ed. São Paulo: Moraes, 1977.

BRUNS, M.A.T. A redução fenomenológica em Husserl e a possibilidade de superar impasses da dicotomia subjetividade-objetividade. **In: BRUNS, M.A.T. ; HOLANDA, A (org). Psicologia e pesquisa fenomenológica: reflexões e perspectivas**. São Paulo: Omega Editora, 2001: 57- 66

BRUNS, M.A.T.; SANTOS, C. **Adolescentes: maternidade e paternidade inoportunas**. São Paulo: Ômega, 2000.

CALLIGARIS, C. **Um Narcísico Mundo Novo**. Boletim de Novidades Pulsional, São Paulo, Pulsional, nº 86, junho de 1996 (I)

CASSIN, W.C. **O psicólogo Judiciário e a cultura da adoção: limites, contradições e perspectivas**. (dissertação de mestrado). Ribeirão Preto, 2000.

CECARELLI, P. R. Configurações Edípicas da Contemporaneidade: reflexões sobre as novas formas de filiação. **Pulsional Revista de Psicanálise**. São Paulo, ano XV, 161, 88-98, set. 2002.

CHAUÍ, M. **Repressão sexual**: Essa nossa (des) conhecida. São Paulo, Brasiliense, 1984.

CHODOROW, N. Estrutura familiar e personalidade feminina. In ROSALDO, M. Z. LAMPHERE, L. (Orgs.) **A mulher, a cultura, a sociedade**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979.

CHODOROW, N. **Psicanálise da maternidade: uma crítica a Freud a partir da mulher**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1990.

COSTA, R. P. **Os onze sexos: as múltiplas faces da sexualidade humana**. São Paulo: Gente, 1994.

DARTIGUES, A. **O que é a fenomenologia?** Rio de Janeiro: Eldorado, 1992, 2ed.

DIAS, M. B. União homossexual: aspectos sociais e jurídicos. *Âmbito Jurídico*, ago/2001 [Internet] disponível em World Wide Web: <<http://www.ambito-juridico.com.br/aj/dfam0003.htm>> (acesso em 23/07/04).

DIAS, M. B. **União homossexual Aspectos sociais e jurídicos** Artigo publicado na Revista Brasileira de Direito de Família, nº 04, p. 05 - também em CD-ROM; CD-ROM Coletânea Doutrinária, da Editora Plenum; Revista TravelNet Jurídica; Seleções Jurídicas COAD / ADV, Julho 1999, p.37/40; Disponível em: <www.expressodanoticia.com.br> Acesso em: 22 jul. 2004,

DUNNE, G.A. **The different dimensions of gay fatherhood**. Report to the Economic and Social Research Council, London School of Economics, November 1999. Disponível em [www.< www.sociology.plymouth.ac.uk/~gdunne/gaydads.pdf >](http://www.sociology.plymouth.ac.uk/~gdunne/gaydads.pdf) em 23/07/04

DUNNE, G.A. **The different dimensions of gay fatherhood: exploding the myths.**

January, 2001 disponível em <http://www.lse.ac.uk/collections/gender_institute/pdf/gayfatherhood.pdf> em 23/07/04

FÉRES-CARNEIRO, Terezinha. A escolha amorosa e interação conjugal na heterossexualidade e na homossexualidade. **Psicol. Reflex. Crit.** vol.10, nº 2, 1997: p. 351-368.

FERNANDEZ, A. **A mulher escondida na professora.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

FIGUÊIREDO, L. C. B. **Adoção para homossexuais.** Curitiba: Juruá, 2003, 146p. 3ª tiragem

FOULCAULT, M. **História da sexualidade I: a vontade de saber.** Rio de Janeiro: Graal, 1985a.

FOULCAULT, M. **História d da sexualidade III: o cuidado de si.** Rio de Janeiro: Graal, 1985b.

FREUD, S. **Três ensaios sobre a sexualidade.** In: Sigmund Freud obras completas. Vol VII. Ed. Imago, Rio de Janeiro, 1972.

FRIDMAN, L. C. Pós-modernidade: sociedade da imagem e sociedade do conhecimento. **História, Ciência e Saúde.** [online]. Vol. 6, nº 2. Rio de Janeiro, Jul/Out., 1999: p. 353-375. disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php ? script = sci_arttext&pid=S0104- 59701999000300007&lng=en&nrm=iso> acesso em 02 de out. de 2003.

FRY, P. ; MCRAE, E. **O que homossexualidade.** (Coleção Primeiros Passos). São Paulo: Abril Cultural, Brasiliense, 1985

FUERTES- MARTIN, A.; LÓPEZ- SANCHEZ, F. **Aproximaciones al estudio de la sexualidad.** Salamanca: Amarú Ediciones, 1997.

GABB, J. **Locating Lesbian Parent Families.** Gender, Place, Culture. (Forthcoming), 2005.

GIORGI, A. (Org.) **Phenomenology and psychological research.** Pittsburgh: Duquesne University, 1985.

GOMES, William B. **A Entrevista Fenomenológica e o Estudo da Experiência Consciente.** Psicol. USP. [online]. 1997, vol.8, no.2 [cited 28 August 2004], p.305-336. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65641997000200015 &lng=en&nrm=iso>. ISSN 0103-6564.>

GOFFMAN, E. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada.** Rio de Janeiro: Guanabara-Koogan, 1988.

GOLOMBOK, S., TASKER, F.; MURRAY, C. Children Raised in Fatherless Families from Infancy: Family Relationships and the Socioemotional Development of Children of Lesbian and Single Heterosexual Mothers. **J. Child. Psychiat.** Vol.38, n° 7, 1997: p. 783-791.

GREEN, J. N. **Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do séc.XX.** [trad. Cristina Fino e Cássio Arantes Leite]. São Paulo: Ed. Unesp, 2000.

GUIMARÃES, I. **Educação sexual na escola: Mito e realidade.** Campinas- SP, Mercado de Letras, 1995.

HENNIGEN, I.; GUARESCHI, N. M. F. A paternidade na contemporaneidade: um estudo de mídia sob a perspectiva dos Estudos Culturais. **Psicol. Soc.**, jan./jun. vol.14, no.1, 2002: p.44-68.

KOOGAN-HOUAISS. **Enciclopédia e dicionário ilustrado**. (direção geral, Abraão Koogan; supervisão edit. Antonio Houaiss). Rio de Janeiro: Seifer, 3ªed, 1998.

LOURO, G. L. **Gênero, Sexualidade e Educação: uma perspectiva pós estruturalista**. São Paulo: Vozes, 1997.

MADUREIRA, A. F. A. **A construção das identidades sexuais não hegemônicas: gênero, linguagem e constituição da subjetividade**. Brasília, Universidade de Brasília (dissertação de mestrado), 2000.

MARTINS, J. **Um Enfoque Fenomenológico do Currículo: Educação como Poiésis**. São Paulo, Cortez, 1992.

MARVIN, C.; MULLER, D. Os casais de lésbicas na entrada do século XXI . **apud** PAPP, P. **Casais em Perigo**. Porto Alegre: 2002: p. 278-293.

MOITA, G. Essências e diferenças: minorias sexuais ou sexualidades (im)possíveis. **In** FONSECA, L. et al (coord.) **A sexologia-perspectiva multidisciplinar**. V. II Coimbra, 2003: p. 93- 115.

MONEY, P. ; TUCKER, P. **Os papéis sexuais**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

MOONEY- SOMERS, J.; GOLOMBOK, S. Children of lesbian mothers: from the 1970s to the new Millenium. **Sexual and Relationships Therapy**, vol.15, nº 2, 2000: p. 121-126

MOTT, L. **O Lesbianismo no Brasil**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.

NAVARRO-SWAIN, T. **O que é lesbianismo**. São Paulo: Brasiliense, 2000.

NERY, I. Sem pecado original. **Visão**. Portugal: ed. n. 539, 3 de julho de 2003: p. 88-92

OLIVEIRA, P.P. Discursos sobre a masculinidade. **Rev. Estudos Feministas**. V.6, nº 1, 1998: p.91-112.

OLIVEIRA, R. M. “**Campo de ação das identificações na constituição da homossexualidade masculina**”. Brasília, Universidade de Brasília (tese de doutorado), 2002.

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS: pluralidade cultural, orientação sexual. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SE, 1997, 164p.

PARKER, R. **Corpos, prazeres e paixões: a cultura sexual no Brasil contemporâneo**. [trad. Maria Therezinha M. Cavallari] São Paulo: Best Seller, 1991

PARSEVAL, G. D. **A parte do pai**. Porto Alegre, L & PM Editores, 1986.

PATTERSON, C. Children of lesbian and gay parents. **IN Advances in Clinical Child Psychology**, V. 19. edited by Thomas H. Ollendick and Ronald J. Prinz. Plenum Press, New York, 1997: 235- 282.

PICAZIO, C. BRUGNERA, R. e ARAÚJO, A.R. **Sexo secreto: temas polêmicos da sexualidade**. São Paulo: Edições GLS, 1998.

PONTES, M.M. **O papel do pai no contexto familiar: a importância da função paterna na relação com a mãe e a criança**. Rio de Janeiro, 2002.

RESOLUÇÃO Nº 01/99 DO CFP- Conselho Federal de Psicologia [on-line] disponível em <[http://www. pol.org.br /arquivos_pdf/resolucoes/1999/resolucao _001-99.doc](http://www.pol.org.br/arquivos_pdf/resolucoes/1999/resolucao_001-99.doc)> acesso em 02 de out. de 2003.

REZENDE, A. M. **Concepção fenomenológica da Educação**. São Paulo:Cortez, 1990.

RELVAS, A. P ; ALARCÃO, M. (coord). **Novas Formas de Família**. Coimbra: Quarteto, 2002.

RELVAS, A. P. **O ciclo vital da família: perspectiva sistêmica**. Lisboa: Afrontamento, 2ª ed., 2000.

ROMANELLI, G. A **paternidade em famílias de camadas médias**. Trabalho apresentado na XIX Reunião da ANPOCS, mimeo, 1995.

ROUDINESCO, E. **A família em desordem**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

SANDERS, G.L. O casal homossexual. In PAPP, P. **Casais em Perigo**. Porto Alegre: 2002: 234-276.

SANTOS, C. ; BRUNS, M.A.T. **A educação sexual pede espaço: novos horizontes para a práxis pedagógica**. São Paulo: Ômega, 2000.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**. Porto Alegre, 20 (2): 71-99, jul/dez,1995.

SERRURRIER, C. **Elogio às mães más**. São Paulo: Summus editorial, 1993.

SOUZA, E. ; BALDWIN, J.R. A construção social dos papéis sexuais femininos. **Psicologia Reflexão e Crítica**, 2000, 13(3): 485- 493.

TRINDADE, E. **Hermenêutica do existir do homem de meia- idade- Paternidade, Sexualidade e projetos de vida:** um olhar à luz de Heidegger. (tese de doutorado). Ribeirão Preto, 2002. 322 p.

UZIEL, A.P. **Família e Homossexualidade: velhas questões, novos problemas.** (tese de doutorado). Campinas, 2002. 259p

VAITSMAN, J. **Flexíveis e plurais:** Identidade, casamento e família em circunstâncias pós - modernas. Rio de Janeiro, Rocco, 1994.

VICTOR, S. B.; FISH, M. C. Lesbian Mothers and Their Children: A Review For School Psychologists. **School Psychology Review**, 02796015, Vol. 24, Issue 3 (Database: Academic Search Premier), 1995

VON ZUBEN, N.A. **in** BUBER, M. **Eu e TU.** 2^a ed. São Paulo: Moraes, 1977: p. V-LXXVIII.

WEBER, L.N.D. **Laços de ternura: pesquisas e historias de adoção.** 2ed. Curitiba: Juruá, 2003a

WEBER, L.N.D. **Pais e filhos por adoção no Brasil: características, expectativas e sentimentos.** 1^a ed, 3^a Tiragem. Curitiba: Juruá, 2003b.